



John Carter Brown  
Library  
Brown University

David ad Silv.

358

# SERMOENS

DO

P. ANTONIO VIEIRA,

DA COMPANHIA DE

JESU,

VISITADOR DA PROVINCIA DO BRASIL,

Prègador de Sua Magestade.

## QVINTA PARTE.



LISBOA,

Na Officina de MIGUEL DESLANDES,

Impressor de Sua Magestade.

A custa de Antonio Leyte Pereyra, Mercador de Livros.

---

M. DC. LXXXIX.

*Com todas as licenças necessarias, & Privilegio Real.*



CENSURA DO M.R.P.M. Fr. ANTONIO DE SANTO  
*Thomás, Religioso da Serafica Ordem de S. Francisco,  
Qualificador do S. Officio.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

**V**I este Livro, quinta Parte dos Sermoens do P. M. Antonio Vieira, da Religiosissima Companhia de JESU, & Prêgador de S. Magestade: he Livro Quinto em numero, & no excellente, entre os do Author pôde ser primeiro: sendo que tudo seu, competindo só entre sy, não parece ter segundo; & assim este, com os mais em equilibrio, bem parece effeito do singular engenho do tal Author; pois nelle, como nos outros, o espirito, & estilo he o proprio, corrente, & o mais sobido, douto, docil, grave, elegante, & tão claro, ainda no que discorre como Theologo, que a gente de toda a sorte que o ler, se fará intelligivel (segundo a capacidade de cada hum) o seu discurso: graça sem igual de tão esclarecido Prêgador; & não he desigual à que não só neste, mas em quasi todos os seus escritos mostra a experiencia, que até no vulgar da Escritura santa, sobre que conceitua, & prova como Escriturario, se avanta ja tanto, que em vulgaridades mais usuas della, & mui repetidas a cada passo, innova rarissimos conceitos, & admiraveis provas o seu juizo; & por isso parece ao de alguns, depois de lido em qualquer Livro seu (como já pareceo ao de muitos, quando ouvido este grande Prêgador em o Pulpito) que dirão o mesmo que elle diz, mas sem que o venhão a dizer nunca, todos o publicação sempre (publicidade que tambem merecerá a lição deste quinto Livro) por unico nesta ventagem.

gem. Esta ventagem, & as mais que respeitão todos neste Au-  
thor à competencia, o dão a respeitar por maior que toda a  
emulação; & assim parece de veras, pois não só para com es-  
tranhos, mas para com Portuguezes, onde aquella he mais vi-  
va, vive geralmente applaudido pelo sogeito na predica mais  
extremado; & não passa o extremo a excessõ neste geral ap-  
plausõ (sendo o de naturaes como impossivel) porque pri-  
meiro elles com a voz de estranhos o reconhecem Prêgador  
em tudo peregrino, todo discreto, todo politico, todo erudi-  
to, & eloquente todo: incomparavel emfim no bem que in-  
frue, persuade, rende, & edifica quanto ao espirito; como se  
vê particularmente em os Sermoens varios, que contêm este  
Livro, que todo nesta sua variedade, com o alseio do idioma  
Portuguez mais delectavel, està respirando doutrina santa,  
conforme em tudo a nossa Santa Fè, & bons costumes. Pelo  
que será beneficio cõmum, & mui do serviço de Deos conce-  
der a licença que se pede, para que se publique mediante a  
imprenta. Lisboa, Convento de S. Francisco da Cidade, em  
30. de Abril de 1688.

*Fr. Antonio de Santo Thomás.*

*Censura do M. R. P. M. Fr. Thomè da Conceyção, da Sagrada  
Ordem do Carmo, Qualificador do Santo Officio.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

**V**Esta quinta Parte dos Sermoens do P. Antonio Vieira,  
da sagrada Religiaõ da Companhia de JESU, & Prêga-  
dor de Sua Magestade; & acabando de os ler com atençaõ,  
sem achar nelles cousa algũa digna de reparo, admirando, não  
fei se o genio, ou arte deste insigne talento, só sei dizer, que os  
seus Sermoens são dignos de mais preciosa estampa, que a da  
cõmum imprenta; & o mesmo juizo que já formei sobre ou-  
tros seus, fõrmo agora destes. Lisboa, em o Convento do Car-  
mo, 30. de Mayo de 1688.

*Fr. Thomè da Conceyção.*



*Censura do P.M. Manoel de Sousa, Preposito da Congregação  
do Oratorio de S. Felippe Neri.*

S E N H O R.

**P**Or mandado de Vossa Magestade vi estes Sermoens do P. Antonio Vieira, da sagrada Companhia de JESU. O nome do seu Author, que trazem na primeira pagina, basta para o maior elogio desta obra. Que muito faça o nome do P. Antonio Vieira impresso, o que Valerio Maximo disse do nome de Demosthenes ouvido: *Cujus cōmemorato nomine maxima eloquentia consummatio audientis animo oboritur*, & com tanta mais razaõ, quanto he mais aplaudido em todo o mundo o P. Antonio Vieira por Principe da eloquencia lagrada, do que o foi Demosthenes por Principe da eloquencia Grega. E justamente he mais aplaudido, pois he entre todos os Prègadores, o que o Sol entre todas as luzes. Santo Agostinho diz, que o Sol he proprio symbolo do Prègador Evangelico: & deste o he proprijsimo, porque nelle se vem todas as propriedades do Sol, naõ só ao vivo, mas com excessõ. Ao Sol chamou o Ecclesiastico instrumento, ou vaso admiravel do todo Poderoso, & obra digna do Altissimo: *Vas admirabile, opus Excelsi*. Quem mais admiravel, que o P. Antonio Vieira nos seus Sermoens, admiraveis em tudo, como procedidos do seu entendimento, vaso de luzes verdadeiramente admiravel: *Vas admirabile*; & obra singular de Deos: *Opus Excelsi*? que parece o fez com especial providencia, para que vissemos atè donde pòde chegar o entendimento humano ajudado do poder Divino. Abforve o Sol a luz de todos os astros: com a do P. Antonio Vieira parece que fica absorta a dos mais engenhos. A luz do Sol faz manifestos os lugares mais tenebrosos: a intelligencia do P. Antonio Vieira faz claros os lugares da sagrada Escriptura mais escuros. Penetra o Sol a profundidade dos abissimos, para nelles formar o ouro, & os diamantes: penetra o P. Antonio Vieira os coraçõens humanos, abissimos mais profundos,  
& com

& com a efficacia da sua persuasão introduz nelles o ouro pu-  
ro da caridade, & os diamantes das solidas virtudes. Unico  
he o Sol: & o P. Antonio Vieira tambem he unico: he o Fe-  
nix do nosso seculo; fabuloso he o Fenix, mas verdadeiro no  
que representa; o verdadeiro Fenix ( como em varios luga-  
res prova o doutissimo P. Cornelio Alapide ) he o Sol: porque  
para representar as qualidades deste Planeta invétaraõ os E-  
gyptios esta fabula; ao que (no sentir do mesmo Author) alu-  
dio o Profeta Malachias, introduzindo ao Sol com pennas, ou  
com azas; he pois o Sol Fenix da esfera quarta: & o P. Anto-  
nio Vieira Fenix da nossa Esfera; Fenix escrevendo, melhor  
que o Sol voando; Fenix só com a penna de seus escritos, me-  
lhor que o Sol com as pennas de seus rayos. Desta sorte se vem  
retratadas neste Sol racional as propriedades do Sol visivel.  
Porém não só as retrata ao vivo, mas com excessõ; porque a  
luz do Sol não se dilata mais, que por hum hemisferio, & a do  
P. Antonio Vieira por dous; estando no da America, tambem  
allumea ao da Europa; quando reside além da Linha, resplan-  
dece em Lisboa, & della por meyo da imprensa em todo o  
mundo. O Sol tanto que declina para o occaso, modera os res-  
plandores: o P. Antonio Vieira, taõ declinado já pelos annos  
ao seu occaso; reforça agora mais as luzes. Emfim, o Sol já pa-  
rou, & já retrocedeo: & o P. Antonio Vieira nunca retroce-  
deo, nem parou; nunca parou no zelo, nunca retrocedeo no  
estilo. Não ha cousa nestes Sermoens, que desdiga do real ser-  
viço de Vossa Magestade; & se alguem sentisse o contrario, se-  
lhe poderia dizer o que Pithagoras disse do Sol: *Contra Solem  
ne loquaris*, Do Sol não ha que dizer: do P. Antonio Vieira não  
ha que notar. O que eu quizer, Senhor, he, que todos os que  
lessen estes Sermoens, senão satisfizessem só da sua luz, mas  
que tambem se deixassem penetrar do seu calor; a luz lhe in-  
fundio seu Author pelo entendimento; o calor pelo espirito;  
a luz he plausivel, mas o calor util; muitos ( como ordinaria-  
mente succede no mundo ) não fazem caso do util, fazem to-  
do o caso do plausivel; embem se de todo no plausivel do  
con-

conceito, que os lisonjea; deixaõ o util do espirito, que os de-  
fengana; & depois de hũa lição taõ efficaz, como a destes Ser-  
moens, ficaõ com os entendimentos admirados, mas com os  
coraçoes taõ frios, como antes, no amor de Deos. A fanti-  
dade, & virtude não consiste nas especulaçoens do entendi-  
mento, mas nas determinaçoens da vontade; se a vontade não  
tiver calor para bem obrar, pouco importa a luz do entendi-  
mento, que pára no entender; deve pois, quem ler estes Ser-  
moens, attender mais aõ calor do espirito, que se encerra na  
sua doutrina, do que à luz do entendimento, que se difunde  
na sua elegancia. Seja a conclusaõ a do mesmo Ecclesiastico,  
quando louva ao Sol: *Magnus Dominus, qui fecit illum, & in  
Sermonibus ejus festinavit iter*; não ha melhor modo para lou-  
var ao Sol, que louvar a Deos; que o criou taõ luminoso; assim  
també, à vista do Sol deste felicissimo engenho, o melhor lou-  
vor he louvar a Deos, que o fez taõ sabio. O Sol faz o seu cami-  
nho cõm a palavra de Deos: & o P. Antonio Vieira com a pa-  
lavra de Deos faz o seu caminho: *In Sermonibus ejus festinavit  
iter*. O Sol com a palavra de Deos faz o seu caminho pelo Zo-  
diaco, que se divide por doze signos: & o P. Antonio Vieira  
com a palavra de Deos faz o caminho dos seus Sermoens, que  
divide por doze Tomos, que são os doze signos deste Sol. De-  
ste numero, que nos prometeo na primeira Parte, he esta a  
Quinta; importa, que apresse as mais, & que Vossa Magestade  
lho mande assim, para que, como Sol, lhe não falte esta pre-  
rogativa da diligencia, & se diga entaõ cabalmente delle, o que  
do Sol: *Et in Sermonibus ejus festinavit iter*. Este he o meu pa-  
recer, se o pòde dar nesta materia, quem como eu, tem taõ  
pouco de Aguia, pois só as Aguias pòdem examinar os rayos  
do Sol. Vossa Magestade mandarà o que mais for de seu ser-  
viço. Lisboa, & Congregação do Oratorio, 26. de Junho de  
1688.

Manoel de Sousa,

L I



# L I C E N Ç A S .

Da Religião.

**E** U Alexandre de Gusmaão, da Companhia de JESU, Provincial da Provincia do Brasil, por especial comissão, que tenho de nosso M. R. P. Vigario Geral Domingos Maria de Marinis, dou licença para que se possa imprimir este quinto Tomo dos Sermoens do Padre Antonio Vieira, da mesma Companhia, Prègador de Sua Magestade, o qual foi revisto, & approvedo por Religiosos doutos della, por nós deputados para isso. E em testemunho da verdade, dei esta assinada com meu final, & sellada com o Sello de meu Officio. Dada na Bahia em 12. de Agosto de 1687.

*Alexandre de Gusmaão.*

---

Do Santo Officio.

**V**istas as informações, pòdemse imprimir os Sermoens de que esta petição faz menção, Author o P. Antonio Vieira da Companhia de Jesu, & depois de impressos, tornarão para se conferir, & dar licença que corraõ, & sem ella não correrão. Lisboa o primeiro de Junho de 1688.

*Jeronymo Soares. João da Costa Pimenta.  
Bento de Beja de Noronha. Pedro de Attaide de Castro.  
Fr Vicente de Santo Thomás. Estevão de Brito Foyos.  
João de Azevedo.*

Do Ordinario.

**P**odem se imprimir os Sermoens, de que a petição faz menção, & depois de impressos tornarão, para se conferirem, & se dar licença para correr, & sem ella não correrão. Lisboa 30. de Junho de 1688.

*Serraõ.*

---

Do Paço.

**P**odem se imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & do Ordinario, & depois de impressos tornarão à Mesa para se conferirem, & taixarem, & sem isso não correrão. Lisboa 28. de Junho de 1688.

*Mello P. Lamprea. Ribeyro.*

**C**oncorda com seu original. Carmo de Lisboa 18. de Fevereiro de 1689.

*Fr. Thomè da Conceição.*

**V**isto estar conforme com seu original, pôde correr. Lisboa 18. de Fevereiro de 1689.

*Feronymo Soares. João da Costa Pimenta.  
Bento de Beja de Noronha. Pedro de Attaide de Castro.  
Fr. Vicente de Santo Thomás. Estevão de Brito Foyes.*

**P**ode correr. Lisboa 19. de Fevereiro de 1689.

*Serraõ.*

**T**aixaõ este Livro em doze Toistoens. Lisboa 21. de Fevereiro de 1689.

*Roxas. Lamprea. Marchaõ. Ribeiro.*



# SERMOENS,

Que contém esta Quinta Parte.

- |       |   |           |
|-------|---|-----------|
| I.    | Sermão da primeira Dominga do Advento.                      | Pag. 1.   |
| II.   | Sermão da segunda Dominga do Advento.                       | Pag. 56.  |
| III.  | Sermão da terceira Dominga do Advento.                      | Pag. 88.  |
| IV.   | Sermão da quarta Dominga do Advento.                        | Pag. 121. |
| V.    | Sermão de nossa Senhora da Conceição.                       | Pag. 158. |
| VI.   | Sermão da Dominga decima sexta post Pentecosten.            | Pag. 191. |
| VII.  | Sermão do Sacramento em dia do Corpo de Deos na Encarnação. | Pag. 231. |
| VIII. | Sermão de S. Gonçalo.                                       | Pag. 281. |
| IX.   | Sermão da Dominga vigesima segunda post Pentecosten.        | Pag. 329. |
| X.    | Sermão de nossa Senhora da Graça.                           | Pag. 363. |
| XI.   | Sermão de S. Ião Evangelista.                               | Pag. 404. |
| XII.  | Sermão da segunda Dominga da Quaresma.                      | Pag. 431. |
| XIII. | Sermão de Santa Barbara.                                    | Pag. 471. |
| XIV.  | Sermão do sabbado antes da Dominga de Ramos.                | Pag. 508. |
| XV.   | Sermão de S. Ião Baptista.                                  | Pag. 533. |

*Erratas desta Quinta Parte.*

Pagin. 151.	Se vos ha de pezar.	Se vos não ha de pezar.
156.	<i>Queritis.</i>	<i>Quæretis.</i>
256.	Não, porque os outros fagrados.	Não, porque os outros livros fagrados.
319.	E certaméte, quando se não confide- raffe.	E certamente parecia imaginario o remedio, quando se não confide- raffe.
379.	Quereis.	Querieis.
461.	<i>Redaet.</i>	<i>Reddet.</i>
529.	Derrubados dos al- tares hião caindo as imagens.	Derrubadas dos altares hião caindo as ima- gens.
595.	E bem.	Nem.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY

TABLE OF CONTENTS

Page	Chapter
1-10	Introduction
11-20	Chapter I
21-30	Chapter II
31-40	Chapter III
41-50	Chapter IV
51-60	Chapter V
61-70	Chapter VI
71-80	Chapter VII
81-90	Chapter VIII
91-100	Chapter IX
101-110	Chapter X
111-120	Chapter XI
121-130	Chapter XII
131-140	Chapter XIII
141-150	Chapter XIV
151-160	Chapter XV
161-170	Chapter XVI
171-180	Chapter XVII
181-190	Chapter XVIII
191-200	Chapter XIX
201-210	Chapter XX
211-220	Chapter XXI
221-230	Chapter XXII
231-240	Chapter XXIII
241-250	Chapter XXIV
251-260	Chapter XXV
261-270	Chapter XXVI
271-280	Chapter XXVII
281-290	Chapter XXVIII
291-300	Chapter XXIX
301-310	Chapter XXX
311-320	Chapter XXXI
321-330	Chapter XXXII
331-340	Chapter XXXIII
341-350	Chapter XXXIV
351-360	Chapter XXXV
361-370	Chapter XXXVI
371-380	Chapter XXXVII
381-390	Chapter XXXVIII
391-400	Chapter XXXIX
401-410	Chapter XL
411-420	Chapter XLI
421-430	Chapter XLII
431-440	Chapter XLIII
441-450	Chapter XLIV
451-460	Chapter XLV
461-470	Chapter XLVI
471-480	Chapter XLVII
481-490	Chapter XLVIII
491-500	Chapter XLIX
501-510	Chapter L





# SERMAM

DA PRIMEIRA DOMINGA

DO

# ADVENTO.

*Caelum, & terra transibunt: verba autem mea non transibunt. Luc. 21.*

§. I.



Assará o Ceo, & a terra, mas o que dizé as minhas palavras não passará. Cõ esta notavel, & não usada sentença conclue Christo Redemptor nosso a narração do Évangelho, que acabamos de ouvir. Diz que ha de vir julgar, & pedir

Tom. 7.

conta ao mundo no ultimo dia delle: & porque antes de o mundo ser julgado, ha de ser abrazado primeiro, & convertido em cinzas; sobre o incendio, que o ha de consumir, cae a primeira parte da conclusão: *Caelum, & terra transibunt; & sobre a conta que depois promete ha de tomar a todo o genero humano, cae a segunda: Verba autem*

*A mea*

*mea non transibunt.* Estes verã tambem, & com maior affombro, que nenhũa dellas passou, *non transibunt.* Estas duas verdades pois, cuja fé o mesmo supremo Juiz com tanta expressã nos ratifica: estes dous defenganos, a que tão mal nos persuadimos os mortaes em quanto vivemos: & estas duas consideraçoes do que passou, & do que não ha de passar, *transibunt, & non transibunt,* serã hoje os dous polos, ou pontos do meu Discurso. No primeiro veremos, que tudo passã: no segundo, que nada passã. No primeiro, que tudo passã para a vida: no segundo, que nada passã para a conta. Em dia tão grande não pôde o Sermaõ ser breve. Aos ouvintes não peço attençaõ, mas paciencia. Deos, a quem tomo por testemunha de que procurei não lhe dar conta do que hoje disser, se sirva de nos assistir a todos com sua graça em materia que tanto toca a todos.

## §. II.

2 **T**udo passa, & nada passa. Tudo passa para a vida, & nada passa para a conta. A verdade, & defengano de que tudo passa (que he o nosso primeiro ponto) posto que seja por hũa parte tão evidente, que parece nam ha mister prova, he por outra tão difficuloso, que nenhuma evidencia basta para o persuadir. Lede os Filozofos, lede os Profetas, lede os Apostolos, lede os Santos Padres, & vereis como todos empregáráo a penna, & não hũa, senão muitas vezes, & com todas as forças da eloquencia, na declaração deste defengano, posto que por sy mesmo tão claro.

3 Sabiamente fallou quem disse que a perfeição não consiste nos verbos, senão nos adverbios: não em que as nossas obras sejam honestas, & boas, senão em que sejam bem feitas. E para que esta condi-

cional tão importante se estendesse tambem às cousas naturaes, & indifferentes, inventou o Apostolo S. Paulo hum notavel adverbio. E qual foi? *Tanquam non*, como senão: *Ut qui habent uxores, tanquam non habentes sint: & qui flent, tanquam non flentes: & qui gaudent, tanquam non gaudentes: & qui emunt, tanquam non possidentes: & qui utuntur hoc mundo, tanquam non utantur.* Sois casado? (diz o Apostolo) pois empregai todo o voffo cuidado em Deos, como se o não foreis. Tendes occasioens de tristeza? pois chorai, como senão chorareis. Não são de tristeza, senão de gosto? pois alegravos, como senão vos alegrareis. Comprastes o que havieis mister, ou desejavaes? pois possui-o, como se o não possuireis. Finalmente vsais de algũa outra cousa deste mundo? pois usai della, como se não usareis. De sorte que quanto ha, ou pôde haver neste mundo, por mais que

A ij nós

nos toque no amor, na utilidade, no goſto, a tudo quer S. Paulo q̄ acrecentemos hum, como ſenaõ, *tanquam non*. Como ſenaõ ou vera tal couſa, como ſe não fora noſſa, como ſenaõ nos pertencera. E porque?

Ibidem  
31.

Vede a razeã: *Præterit enim figura hujus mundi*. Porque nenhũa couſa deſte mundo pára, ou permanece, todas paſſaõ. E como todas paſſaõ, & ſaõ como ſe não foraõ, aſſim he bem que nõs uſemos dellas, como ſe não uſáramos: *Tanquam non utantur*. Por iſſo a eſſas meſmas couſas não lhe chamou o Oraculo do terceiro Ceo couſas, ſenaõ apparencias; & ao mundo não lhe chamou mundo, ſenaõ figura do mundo: *Præterit enim figura hujus mundi*.

4. Conſideraime o mûdo deſde ſeus principios, & veloheis ſempre, como nova figura no theatro, apparecendo, & deſapparecendo juntamente, porque ſempre paſſando. A primeira ſcena deſte theatro

foi o Paraifõ Terreal, no qual appareço o mundo veſtido de immortalidade, & cercado de delicias; mas quanto durou eſta apparencia? Eſtendeo Eva o braço á fruta vedada, & no breviffimo eſpaço, em que o bocado fatal paſſou pela garganta do homem, paſſou tambem com elle o mundo do eſtado da innocencia ao da culpa, da immortalidade à morte, da patria ao deſterro, das flores às eſpinhas, do deſcanſo aos trabalhos, & da felicidade ſumma ao ſummo da infelicidade, & miſeria. Oh miſeravel mundo, que ſe paráras aſſim, & te contentáras com comer o teu pão com o ſuor do teu roſto, foras menos miſeravel! Mas não ferias mundo, ſe de hũa miſeria grande não paſſaſſes ſempre, & por tua natural inclinaçaõ, a outra maior. Os homens naquella primeira infancia do mundo todos veſtiaõ de pelles, todos erãõ de hũa cor, todos fallavãõ a meſma lingua, todos guardavãõ

davão a mesma ley. Mas não foi muito o tempo em que se conservarão na harmonia desta natural irmãdade. Logo variarão, & mudarão as pelles com tanta differença de trajos, que cada dia de pés à cabeça apparecem com nova figura. Logo variarão, & mudarão as linguas, com tanta dissonancia, & confusam, como a da Torre de Babel. Logo variarão, & mudarão as cores com a diversidade das terras & climas, & com a mistura do fangue, posto que todo vermelho. Logo variarão, & mudarão as leys, não com as de Plató, Solon, ou Lycurgo, mas com a do mais impetuoso, & violento Legisador, que he o proprio alvedrio. Tudo mudarão, ou tudo se mudou, porque tudo passa.

5 As vidas naquella principio costumavão ser de sete, de oito, de noventa, & quasi de mil annos; & que brevemente se acabou este bom costume? Então o viver muitos secu-

Tom. 7.

los era natureza, hoje chegar, não a hum seculo, mas perto d'elle, he milagre. Tardarão em passar até Noe, & tambem passarão. Com aquellas vidas não só crecião os annos, senam tambem os corpos: & dos filhos de Deos, que erão os descendentes de Seth; & das filhas dos homens, que erão as descendentes de Cain, nascerão os Gigantes, de quem diz a Escritura: *Erant Gigantes super terram.* Alguns ossos que ainda durão destes que o mesmo Texto sagrado chama Varoens famosos, demonstrão pela symetria humana, que não podião ser menos que de vinte, & mais covados: & ainda na historia das batalhas de Dayid temos memoria de outros quatro, posto que de muito menor estatúra. Mas emfim acabou a era dos Gigantes; porque tudo nesta vida, & mais depressa o que he grande, acaba, & passa.

6 Diminuidos os homens nos corpos, & nas

A iij ida.

idades, quando tinham a morte mais perto da vista, (quem tal crêra!) então crecerão mais na ambição, & soberba. E sendo todos iguaes, & livres por natureza, ouve alguns que entrarão em pensamento de se fazer senhores dos outros por violêcia, & o conseguirão. O primeiro que se atreveo a pôr coroa na cabeça, foi Membroth, que também com o nome de Nino; ou Belo deu principio aos quatro Imperios, ou Monarchias do mundo. O primeiro foi o dos Assyrios, & Chaldeos: & onde está o Imperio Chaldaico? O segundo foi o dos Persas: & onde está o Imperio Persiano? O terceiro foi o dos Gregos: & onde está o Imperio Grego? O quarto, & maior de todos foi o dos Romanos: & onde está o Imperio Romano? Se alguma coisa permanece deste, he só o nome: todos passarão, porque tudo passa. Em tres famosas visões representou Deus estes mesmos Imperios a hum Rey, & a dous Profetas. A primeira visão foi a Nabucodonosor na Estatua de quatro metaes: a segunda a Zacharias em quatro carroças de cavallos de diferentes cores: a terceira a Daniel em hum conflicto dos quatro ventos principaes, que no meyo do mar se davao batalha. Pois se todas estas visões erao de Deus; & todas representavao os mesmos Imperios, porque variou tanto a Sabedoria divina as figuras; & sobre a primeira da Estatua tao clara; & manifesta acrescentou outras duas tao diversas em tudo? Porque a Estatua na dureza dos metaes de que era composta, & no mesmo nome de Estatua, parece que representava estabilidade, & firmeza: & porque nenhum daquelles Imperios havia de perseverar firme; & estavel, mas todos se haviao de mudar successivamente, & ir passando de huas nações a outras; por isso os tornou a representar na variedade

dade das carroças, na inconstancia das rodas, & na carreira, & velocidade dos cavallos. Mas não parou aqui a energia da representação, como não encarecida ainda bastantemente. A Estatua estava em pé, & as carroças podião estar paradas. E porque aquelles Imperios correndo mais precipitadamente que à redea solta, não haviaõ de parar no mesmo passo, nem por hum só momento, & sempre se haviaõ de ir mudando, & passando; por isso finalmente os representou Deos na cousa mais inquietada, mudavel, & instavel, quaes são os ventos, & muito mais quando embravecidos, & furiosos: *Et ecce quatuor venti celi pugnant in mari magno.*

## §. III.

7 EM quanto passã-  
raõ estes quatro Imperios, que foi a terceira, quarta, quinta, & sexta idade do mundo, entrando tambem pela septima;

quem haverá que possa comprehender quão passou no mesmo mundo? Quando começou o primeiro Imperio, entãõ começou tambem a idolatria; digno castigo do Ceo, que pois os homens se fizeram adorar, chegassẽ os mesmos homens a adorar paos, & pedras. Os Reys porẽm que eraõ, ou tinhaõ sido os idolatras, canonicados depois pela adulação, & lisonja, ou na vida, ou depois da morte vinhaõ tambem elles a ser idolos. Assim Saturno, assim Jupiter, assim Mercurio, assim Apollo, assim Marte, assim Venus, assim Diana: & posto que todos estes deixaraõ os seus nomes gravados nas Estrelas, ellas permanecem, mas elles passãõ. Passãõ os idolos, & tambem passãõ os oraculos com que nelles respondia o pay da mentira; porque ao som da verdade do Evangelho todos emudecãõ.

8 Entãõ começãõ as guerras; & que direi dos

exercitos innumeraveis , das batalhas campaes & maritimas , das vitorias & triunfos de hûas naçoens , & da ruina, abatimento, & servidaõ de outras, taõ varia, & alternada sempre? Sò digo, que assim a gloria, & alegria dos vencedores, como a dor, & afronta dos vencidos, tudo passou, porque tudo passa. O exercito de Xerxes, que foi o maior que vio o mundo, constava de cinco mil naos, & cinco milhoens de combatentes: & porque de hûa, & outra parte fez continente o Helesponto, & cavou , & fez navegavel o monte Atho, disse delle Marco Tullio, que caminhava os mares a pè, & navegava os montes: *Tantis classibus Xerxes in Graciam transijt, ut Helesponto juncto, Athoque monte perfosso, maria ambularit, terramque navigarit, maria pedibus peragrans, classibus montes.* Mas todo aquelle immenso , & formidavel apparatus, que visto fez tremer o mar, & a terra , tam brevemente passou, & des-

Cicero  
lib. 2. de  
finibus.

apareceo sendo desbaratado, & vencido, que só ficou delle este dito. O mesmo Temistocles, que có muito desigual poder o desfez, & poz em fugida , tambem passou, como na Grecia, & fóra della passáraõ todos os famosos Capitaens , & suas vitorias. Passou Pyrho , passou Mitridates, passou Felipe de Macedonia: passáraõ Heitor & Achilles, passáraõ Anibal & Cipiaõ, passáraõ Pompeio & Julio Cesar, passou o grande Alexandre, nome singular, & sem parelha, & até Hercules, ou fossê hum, ou muitos, todos passáraõ , porque tudo passa.

9 Costumaõ as Letras seguir as Armas , porque tudo leva apos sy o maior poder: & assim florecéraõ variamente, & em diversas partes no tempo destes Imperios todas as Ciêcias, & Artes. Floreceo a Filosofia, floreceo a Mathematica, floreceo a Theologia, floreceo a Astrologia, floreceo a Medicina, floreceo a Musica, floreceo a Ora-  
toria,



toria, floreceo a Poetica, floreceo a Historia, floreceo a Architectura, floreceo a Pintura, floreceo a Estatuaria: mas assim como as flores se murchoão, & fechoão, assim passaraõ todos os Authores mais celebrados das mesmas Ciencias, & Artes. Na Estatuaria passou Phidias & Lyfippo: na Pintura passou Timantes & Apelles: na Architectura passou Meliagenes & Democrates: na Musica passou Orpheo & Anfion: na Historia, Tucidides & Livio: na Eloquencia, Demosthenes & Tullio: na Poetica, Homéro & Virgilio: na Astrologia, Anaxagoras & Ptolomeo: na Medicina, Esculapio & Hypocrates: na Mathematica, Euclides & Archimedes: na Filosofia, Platao & Aristoteles: na Theologia, Mercurio Tremigisto & Apollonio Tyanéo: & por junto em todas as ciencias passaraõ no mesmo tempo os sete Sabios de Grecia; porque, ou junto, ou dividido, tudo passa. Sõ a Ethi-

ca & Moral como tao necessaria à vida, & à virtude, parece que naõ havia de passar; mas os Platonicos, os Peripateticos, os Epicureos, os Cnicos, os Pitagoricos, os Estoicos, os Academicos, elles, & suas Escolas, & Seitas; todõs passaraõ.

10 Nenhua cousa he mais propria desta consideração em que himos, que os jogos, & espectaculos publicos, que os homẽs inventaraõ a titulo de passatempo, como se o mesmo tempo naõ passara mais velozmente que tudo quanto passa. Huns jogos foraõ os Circenses, outros os Dionysios, outros os Juvenaes, outros os Nemeos, outros os Maratoneos, todos cheos de diferentes divertimentos, em que, ou se perdia a honestidade, como nos de Venus; ou o juizo, como nos de Baccho; mas nenhuns mais indignos dos olhos humanos, & piedade natural, que os Gladiatorios. Sahia toda Roma ao Anfiteatro, a que?

que? a ver, & festejar como se matavaõ homens a homens: cahiaõ huys, & sobrevinhaõ outros, & outros, sem estar o posto vago hum só momento, acclamando a cabeça do mudo com applausos mais carniceiros, que crueis, assim no dar, como no receber das feridas, tanto a inrepidez dos mortos, como a furia dos matadores. Os jogos Seculares se chamavaõ assim, porque se celebravaõ hũa só vez de seculo a seculo; & dizia o pregação publico que convidava para elles: *Venite ad ludos, quos nemo vidit unquam, nec visurus est*: Vinde ver os jogos, que ninguem vio, nem ha de tornar a ver. E com este defengano da vida passada, & desfeperação da futura, os hiaõ todos ver, & se chamavaõ jogos. Os Olímpicos foraõ os mais celebres, & famosos de todos, em que de cinco em cinco annos cõcorria todo o mundo a huma Cidade do mesmo nome, ou a levar, ou a ver

quem levava hũa coroa de louro. Por estes jogos mais que pelo curso do Sol se contavaõ, & distinguiaõ os annos. Mas como toda a competencia era a correr, & o que mais corria, o que triunfava, não podiaõ deixar de passar as Olimpiadas, como passaraõ todos os outros jogos daquelles tempos, ou todos os passatempos daquelles jogos.

II So hũa cousa ha que não pôde passar, porque o que nunca foi, não pôde deixar de ser, & taes parece que foraõ as fabulas, que neste mesmo tempo se inventaraõ, & fingiraõ. Mas se ellas não passaraõ em sy mesmas, passaraõ naquelles casos, & cousas que deraõ occasiaõ a se fingirem. Na secco universal que abrazou todo o mundo, passou a fabula de Facronte: no diluvio particular, que inundou grande parte d'elle, passou a fabula de Deucalião: no estudo com que El Rey Atlante contemplava o curso, & movimentos das Estrellas, passou

passou a fabula de trazer o Ceo aos hombros: na especulaçãõ continua de todas as noites com que Endermion observava os effeitos do Planeta mais visinho à terra, passou a fabula dos seus amores com a Luta. E porque tambem os nossos vicios; a nossa fraca virtude; & a nossa mesma vida passa como fabula; o amor, & complacencia de nos mesmos passou na fabula de Narciso: a riqueza sem juizo, na fabula de Midas: a cubica infaciavel, na fabula de Tantalo: a inveja do bem alheo, na fabula, & abutre de Ticio: a inconstancia da fortuna mais alta, na fabula; & roda de Euxion: o perigo de acertar com o meyo da virtude, & não declinar aos vicios dos extremos, na fabula de Scilla & Caribdes: & finalmente a certeza da morte, & incerteza da vida pendente sempre de hum fio, passou, & esta continuamente passando na fabula das Parcas. Assim envolverão, & misturarão os Sa-

bios daquelle tempo o que ha com o que não ha, & o certo com o fabuloso: para que nem o louvor nos desvaneca, nem a calumnia nos desanime, pois o verdadeiro, & o falso, a verdade, & a mentira, tudo passa.

12 Mas não he justo que nesta passagem de tudo o que passou no tempo dos quatro Imperios profanos do mundo, passemos nos em silencio aquella Republica sagrada, que alcançou a todos quatro, & por ser fundada por Deos, parece que tinha direito a não passar. Nasceu a Republica Hebrêa no cativoiro do Egypto; & quem então lhe levantasse figura, facilmente lhe podia pronosticar os tres cativoiros, & transmigraçoens cõ que foi arrancada da Patria: Hũa vez cativa por Salmanasar, em que passou desterrada aos Assyrios: outra vez cativa por Nabucodonosor, em que passou desterrada aos Babilonios: & a terceira; &

ultima vez cativa por Tito & Vespasiano, em que passou desterrada a todas as terras, & naçoens do mundo. Começou no famoso Triúvirato de Abraham, Isaac, & Jacob, tantas vezes nomeado, & honrado por boca do mesmo Deos; mas nem por isso deixáraõ de passar todos tres. Succedeolhe Joseph o que sonhou as suas felicidades, & as adoraçoens de seu pay, & irmãos; & posto que todas se cumpriraõ, todas passáraõ como se foraõ sonho. Teve o mesmo Povo tres estados de governo, o dos Juizes, o dos Reys, o dos Capitães, & se bem subindo, & decendo as varas se trocáraõ com os cetros, & os cetros com os bastoens, nenhum daquelles estados foi estavel, todos passáraõ. Nos Juizes passou a espada de Gedeão, o arado de Sangar, & a queixada de Samfam. Nos Reys passou a valentia de David, a fabledoria de Salamaõ, & a piedade, & religião de Jolias.

Nos Capitães passou o braço invencivel de Judas Macabeo vencedor de tantas batalhas: passou a façanha immortal de Eleázaro, que metendose debaixo do Elefante, matou a sua propria sepultura: & passou mais glorioso que todos o honrado, & zeloso testamento do velho Mathathias, digno de ser escrito em bronzes. E porque não fiquem totalmente em silencio as Heroínas da mesma nação; quatro ouve nella inlignes na fermofura, Sára, Rachel, Esther, & Judith, todas porêm feitas a quem as amou. Sára a hum Peregrino com perigos: Rachel a hum Pastor com trabalhos: Esther a hum Rey com desgostos: & Judith a hum General com a morte. Este acabou miseravelmente a vida; mas as fermofuras antes de se acabarem as vidas, já tinhaõ passado. Florecéraõ no mesmo Povo além de outros igualmente verdadeiros, dezaseis Profetas Canonicos, quatro maiores,

res, & doze menores; mas em espaço de tres seculos os maiores, & menores de Oseas a Malachias todos passárao. Passárao os milagres da Vara, passárao os da Serpente de metal, passárao os de Elias & Eliseo: & porque só faltava passar a Ley de Moyses, & o Sacerdocio de Aram, a Ley, & o Sacerdocio tambem passárao; porque tudo passa.

13 Agora quizera eu perguntar ao mundo, se como me enche a memoria de tantas cousas, que todas passárao, me mostrará algũa aos olhos que nam passasse? As sete fabricas a que a fama deo nome de maravilhas, acrecentárao alguns como oitava o Anfiteatro Romano. Mas a maravilha oitava, ou nona he, que todas essas maravilhas, que pareciao eternas, passárao. A primeira maravilha forao as Pyramides do Egypto, a segunda os muros de Babilonia, a terceira a Torre de Faro, a quarta o Colosso de Ro-

des, a quinta o Mausoleo de Caria, a sexta o Templo de Diana Ephesina, a septima o Simulacro de Jupiter Olympico. E deixando o Anfiteatro de q̄ só se vem as ruinas, as Pyramides cahírao, os Muros arrazárao-se, o Colosso defezse, o Mausoleo sepultouse, a Torre sumiose, o Faro apagouse, o Templo ardeo, & o Simulacro, como simulacro, desvaneceose em sy mesmo. Tem mais que dizer, ou que oppor o mundo? Sô pôde appellar para as mais fortes, & bem fundadas Cidades, Cortes, & Metropoles dos mais poderosos Imperios: argumento verdadeiramente de grande boáto, antes de se lhe tomar o peso. Nive Corte de Nino foi a maior Cidade do mundo: andavase de porta a porta, nao menos que em tres dias de caminho: edificada de proposito com arrogancia de que nenhũa outra a igualasse, como nao igualou. Mas onde está essa Nive? Ecbanis Cor-

te de Arfaxad, & Cidade que o Texto sagrado chama potentissima, era cercada de sete ordens de muros, todos de pedras quadradas, cada hũa de vinte & sete palmos por todas as faces, & as portas com prodigiosa altura de cem covados. Mas onde está essa Ecbatanis? Susã Corte de Assuero, & Metropoli de cento & vinte & sete Provincias, cujo Palacio representava hum Ceo estrellado, fundado sobre colunas de ouro, & pedras preciosas, & cujos muros eraõ de marmores brãcos, & jaspes de diferentes cores; bem se deixa ver quaõ forte, & inexpugnavel seria, pois defendia taõ grãde Monarca, dominava tantos Reynos, & guardava tantos thesouros. Mas onde está essa Susã? Se ouuessẽmos de fazer a mesma pergũta às ruinas de Thebas, de Memphis, de Bãetra, de Carthago, de Corinθο, de Sebalte, & da mais conhecida de todas Jerusalem; necessario seria

dar volta a toda a redondeza da terra. De Troya disse Ovidio: *Jam seges est ubi Troia fuit.* <sup>In He-  
roïd.</sup> E o mesmo podemos dizer das planicies, valles, & montes, dõde se levantavaõ às nuvens aquelles vastissimos corpos de casas, muralhas, & torres. De hũas se não sabem os lugares onde estiveraõ; de outras se lavraõ, semeaõ, & plantaõ os mesmos lugares, sem mais vestigios de haverem sido, que os que encontraõ os arados, quando rompem a terra. Para que os homiens compostos de carne, & sangue se não queixem da brevidade da vida, pois tambem as pedras morrem: & para que ninguem se atreva a negar, que tudo quanto ouve, passou, & tudo quanto he, passa.

## §. IV.

14 **A** Razaõ deste curso, ou precipicio geral com que tudo passa, não he hũa só, senão duas: hũa contraria a toda

toda a estabilidade, & outra repugnante ao mesmo ser. E quaes são? O tempo, & antes do tempo, o nada. Que cousa mais veloz, mais fugitiva, & mais instavel que o tempo? Taó instavel, que nenhum poder, nem ainda o divino o pôde parar. Por isso os

quatro animaes, que tiravaõ pela carroça da gloria de Deos neste mundo, naó tinhaõ redeas. Decreevo o tempo no Palacio do Sol o mais engenhoso de todos os Poetas, & dividindo-o em suas partes, disse assim elegantemente:

*A dextra leva que dies, & mensis, & annus,  
 Secula que, & posita spatijs equalibus hora,  
 Verque novum stabat cinctum florente corona,  
 Stabat nuda æstas, & spica ferta gerebat,  
 Stabat & Autumnus calcatis sordibus vuis,  
 Et glacialis Hyems canis hirsuta capillis.*

Elegantemente, torno a dizer, mas falsa, & propriamente. Aquelle *stabat* tantas vezes repetido, he o que tirou toda a semelhança de verdade à engenhosa pintura. Porque nem a Primavera com as suas flores, nem o Estio com as suas espigas, nem o Outono com os seus frutos, nem o Inverno có os seus frios & neves, por mais tolhido, & entorpecido que parece, podem estar parados hum momento. Passaõ as

horas, passaõ os dias, passaõ os annos, passaõ os seculos, & se ouvesse geroglico com que se podessem pintar, havia de ser todos com azas, naó só correndo, & fugindo, mas voando, & desaparecendo. Nem escusa esta impropriedade estar o Sol assentado: *Sedebat in folio Phæbus*; porque o Sol pôde parar, como no tempo de Josue, ou tornar atraz, como no tempo de Ezechias; mas o tempo em nenhum tempo, né parar,

parar, nem deixar de ir emendou esta sua impropriedade o mesmo Poeta, por diante sempre, & com a mesma velocidade. Bem quando depois disse:

*Ipsa quoque assiduo labuntur tempora motu  
Non secus ac flumen, neque enim consistere flumen  
Aut levis hora potest.*

Meta-  
mor.  
lib. 4.

E como o tempo nam tem, nem pòde ter consistencia algũa, & todas as cousas desde feu principio nascêraõ juntamente com o tempo, por isso nem elle, nem ellas pòdem parar hum momento, mas com perpetuo moto, & revolução insuperavel passar, & ir passando sempre.

15 A segunda razaõ ainda he mais natural, & mais forte, o nada. Todas as cousas se revolvem naturalmente, & vaõ buscar com todo o peso, & impeto da natureza o principio donde nascêraõ O homem porque foi formado da terra, ainda que seja com dispêndio da propria vida, & summa repugnancia da vontade, sempre vai buscar a terra, & só descança na sepultura. Os Rios ef-

quecidos da doçura de suas aguas, posto que as do mar sejaõ amargosas, como todos nascêraõ do mar, todos vaõ buscar o mesmo mar, & só nelle se desafogaõ, & paraõ como em seu centro. Assim todas as cousas deste mundo, por grandes, & estaveis que pareçaõ, tirou-as Deos com o mesmo mundo do naõ ser ao ser, & como Deos as criou de nada, todas correm precipitadamente, & sem que ninguem as possa ter maõ, ao mesmo nada de que foraõ criadas. Vistes o torrente formado da tempestade subita, como se despenha impetuoso, & com ruido: & tanto que cessou a chuva, tambem elle se seccou, & sumio subitamente, & tornou a ser o nada que dantes era? pois assim



assim he tudo; & fomos todos, diz David : *Ad nihilum devenient tanquã aqua decurrens.* Sonhastes no ultimo quarto da noite, quando as representaçoens da fantasia são menos confusas, que possuhieis grandes riquezas , que gozaveis grandes delicias , & que estaveis levantado a grandes dignidades; & quando depois acordastes , vistes com os olhos abertos, que tudo era nada? Pois assim passão a ser nada em hum abrir de olhos todas as apparencias deste mundo , diz o mesmo Profeta : *Volut somnium surgentiũ Domine imaginem ipsorum ad nihilum rediges.* De sorte que estas são as duas razões porque todas as cousas passão. Passão, porque voão com o tempo, & passão, porque voão caminhando para o nada donde fahirão. Por isso, como diz o Espirito Santo, quando hũas passãrao, ou tem passado, he necessário que venhaõ outras para tambem passar : *Generatio præterit,*

Tom. 7.

*& generatio advenit : terra autem in æternum stat.*

16 Mas se bem se repára nesta mesma sentença , sendo taõ poucas as suas palavras, assim como hũas confirmaõ, assim outras parece que impugnaõ, & destruem quanto imos dizendo. Porque sea terra está sempre firme, & esta-vel, *terra autem in æternum stat* ; segue-se que ao menos a mesma terra não passa, & que ha no mundo alguma cousa, que não passe. Concederemos pois esta exceiçãõ ao nosso assumpto, & diremos que passão as figuras, como diz S. Paulo, mas que a terra, que he o theatro, não passã? Não digo, nem concedo tal. A terra toda não passa, mas passão, & sempre estaõ passando todas as partes della. A terra compoem-se de Reynos, os Reynos compoem-se de Cidades, as Cidades compoem-se de casas & campos, & principalmente de homens, & tudo isto, que tudo he terra ( & toda a terra ) perpetuamente está

B

está

Psal. 57.8.

Psal. 72.20.

Ecc. 1. 4

estã passando. Daniel revelando a Nabucodonosor a intelligencia da sua Estátua, disse que Deos muda os tempos, & as idades, & conforme ellas passa os Reynos de hũa parte para outra: *Ipsè mut at tempora, & ætates: transfert Regna, atque constituit.* Assim passou o Reyno do mesmo Nabuco para a Persia, o dos Persas para a Grecia, o dos Gregos para Roma, & o dos Romanos para tantos outros, quantos hoje coroaõ outras cabeças, as quaes se devem lembrar daquella infallivel sentença: *Regnum à gente ingentem transfertur propter injustitias.* O nosso Reyno não sendo no sitio original dos maiores, quantas vezes passou a outras gentes? Passou aos Suevos, passou aos Alanos, passou aos Carthaginezes, passou aos Romanos passou aos Arabes & Sarracenos, & dentro da mesma Hespanha tambem passou, & tornou a passãr. Os terremotos, que se geraõ do ar violen-

Daniel  
2.21.

Ecl. 10.  
3.

tado nas entranhas da terra, são muito raros, mas os que se fazem na superficie della, sempre a trazem em perpetuo movimento.

17 E se os grandes Reynos, & Imperios não são estaveis, & passãõ; que serãõ as Cidades particulares, para que não he necessario, que a roda da fortuna dê toda a volta? Não fallo daquellas que acabãõ como de morte subita, abrazadas atè a ultima cinza no incendio de hũa noite, como Troya, & Lugduno. Desta disse judiciosamente Seneca: *Quandò una nox fuit inter urbem maximam, & nullam, nihil privatim, nihil publicè stabile est: tam hominum, quam urbium fata volvūtur.* Deixadas pois estas, que subitamente passãõ do ser ao não ser; só fallo das que por seus passõs contados vieraõ de hum dominio a outro dominio. E quantas vezes as Pombas de Babilonia, quantas os Leoens de Jerufalem, quantas as Aguias de Roma, & de

Seneca  
Epist. 92

Con-

Constantinopla; viraó sobre suas muralhas outras bandeiras? O maior theatro de Marte no noſſo ſeculo, & por ventura, que em nenhum outro, foraó as guerras Belgicas; & na grande Provincia de Oláda, excepta Dorth, por iſſo chamada a Virgem, nenhuma Cidade ouve, que não foſſe conquistada, & alternaffe o dominio. Que direi dos confins ſempre incertos, & taó frequentemente mudados de Heſpanha com França, de França com Germania, de Germania com a Turquia, & da Turquia com Italia? Annos ha, que a antiga Creta, hoje Candia, ſem ſer das Ilhas errantes do Arcipelago, tem poſto em duvida o mundo para onde ha de ir, & ſe ha de reconhecer as Cruzes, ou as meyas Luas.

18 E quanto às caſas membros menores, de que ſe compoem innumeravelmente as Cidades; qué poderá comprehender o inextricavel laberinto, có

qué a maneira de pexes no mar, ſe andaó ſempre movendo, & paſſando de hum dono para outro dono. Ouçamos a familiar evidencia com que o grande juizo de S. Agoſtinho deſmoſtrou a hum delles eſta perpetua inſtabilidade. Introduz hum Rico, que jaſtancioſo de ſer ſenhor da ſua caſa, dizia: *Domum meam habeo*: & pergunta-lhe o Santo aſſim: *Quam domum tuam? Quam Pater meus mihi dimiſit. Et unde ille habuit? Avus noſter illam reliquit. Recurre ad Proavum, inde ad Abarum, & jam nomina non potes dicere. Pater tuus hic eam dimiſit, tranſiit per illam, ſic & tu tranſibis.* Eſta caſa de que vos jaçtais ſer ſenhor, porque he voſſa? Porque a herdei de meu Pay: & voſſo Pay de quem a ouve? De meu Avo: & de quem a ouve voſſo avo? De meu Biſavo: & voſſo Biſavo de quem? De meu Treſavo. Já não tendes palavras com que proſeguir de qué mais foi, & a quem mais

August.  
Come.  
in Pſal.  
122.

passou essa casa, que chamais vossa. Pois assim como ella passou, & vossos antepassados passárao por ella, assim ella, & vós tambem haveis de passar. Por este modo sem firmeza, nem estabilidade alguma estaõ sempre passando neste mundo as casas, as quintas, as herdades, os morgados: huns, porque os faz passar a morte, outros, porque os manda passar a justiça, outros, porque os convida a passar a riqueza dos que os cópraõ, outros, porque os obriga a necessidade dos que os vèdem, outros, porque a força, & poder os rouba, & senhorea por violencia: em summa, que não ha pedra, nem telha, nem planta, nem raiz, nem palmo de terra na terra, que nam esteja sempre passando, porque tudo passa.

## §. V.

19 **D**este tudo que está sempre passando, he o homem não só

a parte principal, mas verdadeiramente o tudo do mesmo tudo. E vendo o homem cõ os olhos abertos, & ainda os cegos, como tudo passa; só nõs vemos como se não passáramos. Somos como os que navegando com vento, & marè, & correndo velocissimaméte pelo Tejo acima, se olhaõ fixaméte para a terra, parece-lhe que os montes, as torres, & a Cidade he a que passa; & os que passãõ, são elles. He o que disse o Poeta: *Montes, urbesque recedunt*. Mas demos volta a esta mesma comparação, & veremos na terra outro genero de engano ainda maior. A maior ostentação de grandeza, & magestade que se vio neste mundo, & hum das tres que S. Agostinho desejava ver, foi a pompa, & magnificencia dos triunfos Romanos. Entravaõ por húa das portas da Cidade naquelle tempo vassissima, encaminhadõs lógamente ao Capitolio: precediaõ os soldados vencedores

cedores com aclamaçoés: seguiu-se representadas ao natural as Cidades vencidas, as montanhas inacessíveis escaladas, os rios caudalosos vadeados com pontes: as fortalezas, & armas dos inimigos, & as machinas com que foraó expugnadas: em grande numero de carros os despojos, & riquezas, & tudo o raro, & admiravel das regioens novamente fogueitas: depois de tudo isto a multidão dos cativos, & tal vez os mesmos Reys maniatados, & por fim em carroça de ouro, & pedraria, tirada por Elefantes, Tigres, ou Leoens domados, o famoso Triunfador: ouvindo a espaços aquelle glorioso, & temeroso pregão: *Memento te esse mortalem.* Em quanto esta grãde procissão ( que assim lhe chama Seneca ) caminhava, estavam as ruas, as praças, as janellas, & os palanques, que para este fim se fazião, cubertos de infinita gente, todos a ver. E se Diogenes então pergun-

tasse, quaes erão os que passavão: se os do triunfo, se os que o estavão vendo: não ha duvida, que pareceria a pergunta digna de riso. Mas o certo he, que tanto os da procissão, & do triunfo, como os que das janellas, & palanques, que os estavão vendo, huns, & outros igualmente passavão, porque a vida, & o tempo nunca pára: & ou indo, ou estando; ou caminhando, ou parados, todos sempre, & com igual velocidade passamos.

20 Declarou esta verdade tão mal advertida có húa semelhãça muito propria S Ambrosio elegantemente: *Et si non videmur ire corporaliter, progredimur. Nam sicut in navibus dormientes ventis aguntur in portus; sic vite nostrae spatio defluente, ad proprium unusquisque finem, cursu labente deducimur. Tu enim dormis, & tempus tuum ambulat.* Todos imos embarcados na mesma nao, que he a vida, & todos navegamos com o mesmo vento,

Ambr  
in Psal.  
1. verba.

que he o tẽpo : & assim como na nao huns governaõ o leme , outros mareaõ as velas : huns vigiaõ , outros dormem : huns passeãõ , outros estãõ assentados : huns cantãõ , outros jogãõ , outros comem , outros nenhũa coufa fazem , & todos igualmente caminhaõ ao mesmo porto ; assim nõs , ainda que o não pareça , insensivelmente imos passando sempre , & avisinhandose cada hum ao seu fim ; porque tu , conclue Ambrosio , dormes , & o teu tempo anda : *Tu dormis, & tempus tuum ambulat*. Disse pouco em dizer que o tẽpo anda , porque corre , & voa : mas advertio bem em notar que nõs dormimos ; porque tendo os olhos abertos para ver que tudq passa , só para considerar que nõs tambem passamos , parece que os temos fechados.

21 Dito foi do grande Filosofo Eraclito , alegado , & celebrado por Socrates , *Non posse quemquam bis in eumdem fluuium descendere* ;

Socrat.  
in Cra-  
bil.

que nenhum homem podia entrar duas vezes em hum rio : & porque ? Porque quando entrasse a segunda vez , já o rio , que sempre corre , & passa , he outro . E daqui infiro eu , que o mesmo succederia se não fosse rio , senão lago , ou tanque aquelle em que o homem entrasse ; porque ainda que a agua do lago , & do tanque não corre , nem se muda , corre porẽm , & sempre se està mudando o homem , que nunca permanece no mesmo estado : *Et nunquam in eodem statu permanet*. Assim o disse Job , & quem o não disser assim de todo o homem , & de sy mesmo , não se conhece . Admirase Philo Hebreo , de que perguntando Deos a Adam onde estava : *Adam, ubi es* , elle não respondeu . Mas logo escusa ao mesmo Adam , & a qualquer outro homem a quem Deos fizesse a mesma pergunta ; porque como pôde responder onde està , quem não està ? Se dissera , estou aqui ( como sutilmente argue

Job. 14.  
2.

Genes.  
39.

gue

gue S. Agostinho) entre a primeira syllaba, & a segunda já o estou nam seria estou, nem o aqui seria o mesmo lugar: porque como tudo está passando, tudo se teria mudado. Por isso conclue o mesmo Philo, que se Adam ouvesse de responder propria, & verdadeiramente onde estava; havia de dizer, *nusquam*, em nenhũa parte; porque em nenhũa parte está aquillo que nũa está, mas sempre passa: *Ad quod proprie respondere poterat, nusquam: eo quod humana res nunquam in eodem statu maneat.*

Philus.

22 Considerando este continuo passar do homem (naõ fóra de sy, senaõ onde verdadeiramente parece que está, & permanece, que he dentro em sy mesmo) diziaõ os Sabios da Grecia, como refere Eusebio Cesariense, que todo o homem, que chega a ser velho, morre seis vezes. E como? Passando da Infancia à Puericia, morre a Infancia: passando da Pue-

ricia à Adolescência, morre a Puericia: passando da Adolescência á Juventud, morre a Adolescência: passando da Juventud à idade de Varão, morre a Juventud: passando da idade de Varão á Velhice, morre a idade de Varão: & finalmente acabando de viver por tanta continuacão, & successão de mortes; com a ultima, que só chamamos morte, morre a Velhice. Assim o consideravaõ aquellos Sabios, mais larga, & menos sabiamente do que devêraõ, aos quaes por isso emendou S. Paulo, dizendo que morria todos os dias: *Quotidie morior.* E já pôde ser, que da comunicação que Seneca teve cõ S. Paulo, ensinou elle esta mesma lição ao seu Discipulo, quando lhe diz: *Singulos dies, singulas vitas putat.* Se o Sol, que sempre he o mesmo, todos os dias tem hum novo nascimento, & hum novo occaso, quanto mais o homem por sua natural inconstancia taõ mudavel, que nenhum he ho-

r. Cor.  
15.31.

Iſai. 38.  
12.

je o que foi hontem , nem ha de fer à manhãa o que he hoje ! Defenganemonos pois todos, & diga , ou digase cada hum com ElRey Ezechias : *De mane usque ad vesperam finies me.* E seja a ultima conclusãõ deste largo discurso ; que entãõ diffiniremos-bem , & conhecemos.o que he esta vida, & este mundo, quando entendermos que nam só estamos nelle em perpetua passagem , mas em perpetuo passamento.

S. VI.

23 **A**ssim passamos todos, & assim passa tudo para a vida : deſengano verdadeiramente nam só triste ; mas tristissimo, se este superlativo , & outros de maior horror não foraõ mais devidos ao que, & depois de tudo passar, se segue. Depois da vida segue-se a conta. E sendo a conta, que se ha de dar, de tudo o que passou na vida ; tristissima, & terribilissima consideraçãõ he , que pas-

sando tudo para a vida, não da passẽ para a conta. O que faz, & ha de fazer difficultosa a conta são os peccados da vida, & de toda a vida. E que confusãõ ferã naquelle dia taõ cheo de horror , & assombro, olhar para a vida , & para os peccados de toda ella, & ver que a vida passou, & os peccados não passãraõ.

24 Deste passar & não passar, não só temos os documentos da Escritura, mas grandes, & manifestos exemplos da mesma natureza. Christo Redemptor, & Juiz universal nosso comparou o dia do Juizo a hũa Rede lançada no mar, *Sal-*

Matth.  
13.47.

*genæ missæ in mare.* O mar he este mundo: a rede he a comprehensãõ da ciencia, & justiça divina : os que nella andãõ nadando já presos, ou com maior , ou com menor largueza, são todos os homens. E assim como na rede , quando a malha he muito estreita, só a agua pôde passar, & nenhũa outra cousa ; assim passa somente por ella a vida,



vida, & tudo o mais ( que  
 são os peccados ) fica den-  
 tro, & nada passa. Oh quam  
 apertada, & estreita he esta  
 malha da rede de Deos: &  
 quam facil de passar, ainda  
 por ella, a vida, que como  
 agua sempre está passando!  
*Omnes morimur, & quasi  
 aqua dilabimur.* O mesmo  
 Christo cóparou este pas-  
 sar, & não passar ao crivo,  
 quando disse a seus Disci-  
 pulos: *Satanas expetivit  
 vos ut cribraret sicut triti-  
 cum.* Assim como no crivo  
 ( diz S. Joáo Chrystomo,  
 comentando estas pala-  
 vras. ) Assim como no cri-  
 vo dando húa & muitas  
 voltas, passa o graó, & só  
 fica a palha; assim neste  
 mundo ( que todo he fu-  
 rado ) com a volta, que dão  
 os dias, & os annos, passa a  
 vida, & os gostos della, *Et  
 in novissimo nihil remanet,  
 nisi solum peccatum,* & no  
 fim, & para o fim só fica o  
 peccado. De outro crivo  
 falla David, q he o das nu-  
 vés, por onde se coa a agua  
 da chuva, o qual mais alta-  
 méte nos inculca este mes-

mo documêto: *Cribrans a-  
 quas de nubibus calorū.* Des-  
 ce a nuvé como esponja a  
 beber no mar, & sendo a a-  
 gua do mar salgada, & a-  
 margosa, passada poré pela  
 nuvé, o q lá fica, he o amar-  
 gofo, & o que cá desce, o  
 doce. Por isso com grande  
 propriedade este passar, &  
 não passar se compára na  
 nuvem ao crivo, & na vi-  
 da, & na conta à nuvem. O  
 que passa por ella, & cá lo-  
 gramos, he o doce da vi-  
 da: o que fica lá em cima,  
 & não vemos, he o amar-  
 gofo da conta.

25 Não podia Job fal-  
 tar a enobrecer este mes-  
 mo assumpto, como tão  
 proprio das suas experien-  
 cias, com algúa semelhan-  
 ça que mais ainda nolo de-  
 clare. Diz que observou  
 Deos todos seus caminhos,  
 & considerou as pégadas  
 dos seus pés: *Observasti om-  
 nes semitas meas, & vestigia*  
*pedum meorum considerasti.*  
 E porque considera Deos  
 não os passos, senão as pé-  
 gadas? Porque os passos  
 passão, as pégadas ficão: os  
 pas-

2. Reg.  
 22. 12.

Iob. 137  
 27.

passos pertencem à vida, que passou, as pégadas à côta, q̄ não passa. Mas que differentemente não passa Deos pelo que nós tão facilmente passamos! Nós deixamos as pégadas de traz das costas, & Deos tem-nas sempre diante dos olhos, com que as nota, & observa: as pégadas para nós apagaõse, como formadas em pó, para Deos não se apagaõ, como gravadas em diamante. Tal he a consideração dos peccados, que na nossa memoria logo se perde, & na ciência divina sempre está presente. Os Setenta em lugar de pégadas trespassarão Raizes: *Et radices pedum meorum considerasti.* Assim como os pés se chamão plantas, assim às pégadas lhe quadra bem o nome de Raizes. E porque deo este nome Job às pégadas dos seus passos? Não só porque os passos passão, & as pégadas ficão, mas porque ficão como raizes fundas, & firmes, & que sempre permanecem. As pégadas

das estão manifestas, & vemse, as raizes estão escondidas, & não se vem: & assim tem Deos guardados invisivelmente todos os nossos peccados, os quaes no dia da conta rebentaráo como raizes, & brotaráo nos castigos, que pertencê à natureza de cada hum. Isto he o que tanto cuidado dava a Job.

26 Finalmente o Apostolo S. Paulo, prégando contra os que abusão da paciencia, & benignidade de Deos, & em vez de se aproveitarem do espaço q̄ lhe dà para a penitência, gastão a vida em accumular peccados sobre peccados, Naõ vês (diz) ô homem, que desprezas as riquezas do sofrimento, & longanimidade divina, & que pelo contrario, segundo a dureza do teu coração, entesouras para ti a ira, & vingança, que te espera no dia do Juizo? *An divitias bonitatis ejus, & patientia, & longanimitatis contemnis?* Rom. 2: 5. *Secundum autem duritiam, & impenitens cor, thesauri-*

*zas tibi iram, in die ira, & revelationis justi judicij Dei?* De maneira que ao peccar sobre peccar chama S. Paulo enthesourar, *thesaurizas tibi*: porque ainda que a vida, & os dias em que peccamos passão; os peccados, que nelle cometemos, não passão, mas ficão depositados nos thesouros da ira divina. Falla o Apostolo por boca do Deuteronomio: *Nonne haec condita sunt apud me, & firmata in thesauris meis? Mea est ultio, & ego retribuam in tempore.* Estes thesouros pois, que agora estão cerrados, se abrirão a seu tempo, & se descobrirão para a côta, no dia do Juizo, que isso quer dizer, *in die ira, & revelationis justi judicij Dei.* Consideraime hum homem rico, & que tem mais rendas cada anno do que ha mister para se sustentar: que faz este homem? Hũa parte do que tem gasta, & outra parte enthesoura. Pois isto he o que fazemos todos. Todos gastamos, &

todos enthesouramos: todos gastamos o que passã, & todos enthesouramos o que não passã: o que gastamos, he o da vida, o que enthesouramos, o da conta.

27 Infinita materia seria, se agora ouveramos de reduzir à pratica huma, & outra parte desta demonstração, & polas ambas em theatro. Mas por isso nos detivemos tanto no primeiro ponto do nosso discurso. Não vimos nelle desde o principio do mundo, como tudo passou? Não vimos, como todos os que em tantos seculos viverão, passãrão? Pois esse tudo q̄ então passou para a vida, he o nada que não passou para a conta: & esses todos, que então morrerão, & agora estão sepultados, são os que resuscitados neste mesmo dia haõ de aparecer vivos diante do Tribunal divino, para dar essa conta estreitissima de quáto fizeraõ. Neste Tribunal vio S. João assentado sobre hum throno de admiravel magestade o supremo Juiz, & com

& com aspecto tão terrivel, que afirma fugio delle o Ceo, & a terra : *Et vidi thronum magnum candidū, & sedentem super eum, à cuius conspectu fugit terra, & cælum.* Diz mais, que vio a todos os mortos grandes, & pequenos em pé, como reos , diante do mesmo throno : *Et vidi mortuos magnos, & pusillos stantes in conspectu throni.* E finalmente conclue, que então appareçáo, & se abrião hum livro, & muitos livros, & que pelo que estava escrito nestes livros foraõ julgados todos , cada hum conforme suas obras : *Et libri aperti sunt, & alius liber apertus est, qui est vitæ, & iudicati sunt mortui ex his que scripta erant in libris secundum opera ipsorum.* Desta distincão que o Evangelista faz de livro a livros, se vê claramente, que o livro era da vida, *liber, qui est vitæ,* & que os livros eraõ da conta; porque pelos livros foraõ julgados os mortos: *Et iudicati sunt mortui ex his que*

Apoc.  
20.11.

Ibid. 12.

Ibid.

*scripta erant in libris.* Assim entendem literalmente estes textos como soaõ , Beda, & outros Padres. Mas porque razão o livro da vida, era livro , & os livros da conta, livros? Porque o livro da vida contém os dias da mesma vida , que são poucos, & os livros da conta contém os peccados cometidos nos mesmos dias, que são muitos. Assim que postos à vista no tremendo tribunal de húa parte o livro, & da outra os livros, então se verão juntas, & concordes as duas combinaçoens do nosso assumpto: no livro , como tudo passa para a vida; nos livros , como nada passa para a conta.

### §. VII.

28 **E**ste nada do qual dizemos, que nada passa para a conta, he o que agora havemos de examinar. Pergunto: Se nada passa para a conta, parece que tambem o nada pôde ser chamado a juizo? E  
sc

se acaso for chamado , escapa-  
 rã da conta o nada por ser nada ? Creio que todos estão dizendo, que sim. Mas he certo , & de fé, que tambem o nada, por mais calificado que seja, ha de ser chamado a juizo, & porque nada passa para a conta , nem o mesmo nada ha de passar sem ella, & mui rigurosa. Ninguem foi mais calificado na Ley da Natureza, que Job : & ninguem mais calificado na Ley da Graça, que S. Paulo : & que dizia de sy hum, & outro ? Job dizia, que nada tinha feito contra Deos : *Quia nihil impium fecerim*. S. Paulo dizia, que nada avia na sua consciencia, de que ella o acusasse : *Nihil mihi conscius sum*. E este nada de Job, & este nada de S. Paulo escapárao por ventura da conta, & do juizo ? Elles mesmos confessão, que de nenhum modo. Job dizia, que Deos o tinha posto a questaõ de tormento, como reo, para averiguar, se o que elle

tinha por nada, verdadeiramente era nada: *Ut quaras iniquitatem meam, & peccatum meum scruteris, & scias, quia nihil impium fecerim*. E S. Paulo dizia, que elle se não dava por justificado do que na sua consciencia reputava por nada, porque desse nada não avia elle de ser o Juiz, senão Deos : *Nihil mihi conscius sum, sed non in hoc justificatus sum, qui autem judicat me, Dominus est*. Eis-aqui quam manifesta, & provada verdade he, que nada passa para a conta, pois atè do mesmo nada a ha de tomar Deos, & tão estreita.

29 Mas qual he, ou pôde ser a razão, porque onde dous homens tão grandes, tão calificados, & tão santos como Job, & S. Paulo não reconhecem nada de culpa, lha haja de arguir Deos, & pedir-lhe conta ? A primeira razão, & da parte de Deos (a qual só pôde ignorar quem o não conhece) he, porque ainda nas cousas mais interiores

Job. 10.  
7.

1. Cor.  
44.

1. Cor.  
44.

teriores nossas, conhece Deos muito mais de nós, do que nós de nós. Quando Christo na mesa da ultima cea revelou aos Apostolos, que hum delles o avia de entregar: *Amen dico vobis, quia unus vestrum me traditurus est*: diz o Evangelista, que muito tristes todos com tal noticia, começou cada hum a perguntar: *Nunquid ego sum Domine?* Por ventura, Senhor, sou eu esse? Pedro, André, João, & os demais, excepto Judas, bem sabia cada hum de sy, que nam era o traidor, nem tal culpa lhe passara pelo pensamento: pois porque senão deixo estar muito seguros na boa fé da sua lealdade, mas pondo em duvida o de que não duvidavam, pergüta cada hum a Christo se he elle o traidor: *Nunquid ego sum?* Porque, ainda que a propria consciencia os não accusava, sabiaõ todos que sabia Christo mais de cada hum delles, do que elles de sy. Elles conheciaõse, como

homens, Christo conhecia-os, como Deos. Esse foi o erro, & engano de S. Pedro, que estava à mesma mesa! Pedro disse, que se fosse necessario daria a vida por Christo: Christo pelo contrario disse, que tres vezes o avia de negar naquella noite. E porque foi esta a verdade? Porque Pedro fallou pelo que ignorava de sy, & Christo pelo que conhecia delle. *Hoc illi Christus prænuntiabat, quod in se ipse ignorabat*, diz S. Agostinho. E como o Juiz daquelle dia conhece mais de nós, do que nós de nós; nam he muito que elle nos condena pelo que nós ignoramos, & que no seu juizo seja culpa, o que no nosso parece innocencia.

30 A segunda razão, & da parte nossa he; porque assim como Deos sabe tanto de nós, assim nós sabemos muito pouco de Deos: & por isso as nossas razoes não podem alcançar as suas. Hum dia depois de Christo entrar triunfante

Mat. h.  
25. 21.

Ibid. 22.

Augusti

Marc. 11.  
12. infante em Jerusaleem , vindo de Bethania para a mesma Cidade, *esuriit*, teve fome & como visse ao longe hũa figueira verde, & copada, encaminhou os passos até ella, por se acaso tivesse algum fruto: *Siquid fortè inveniret in ea.* Mas porque não achou mais que folhas, lançoúlhe o Senhor maldiçaõ , de que eternamente não desfe fruto : *Nunquam ex te fructus nascatur in sempiternum*: & no mesmo momento se seccou a arvore desde as folhas até as raizes. He porém muito de notar neste caso, como nota S. Marcos, que não era tempo de figos: *Non enim erat tempus ficorum.* Pois se não era tempo de aquella arvore ter fruto, porque a amaldiçoa Christo , & a sêcca, não só para aquelle anno, senão para sempre? Podia aver causa , ou desculpa mais natural de não ter fruto, que não ser tempo d'elle? Da arvore a que he comparado o justo , diz David, que dará o seu fru-

to no seu tempo: *Et fructu suum dabit in tempore suo.*

Pois se he louvor nas melhores arvores darem a seu tempo o seu fruto, como foi culpa nesta , não se achar nella fruto , quando não era tempo? O mesmo Evangelista S. Marcos diz, que esta sentença de Christo foi reposta, que o Senhor deu à Arvore: *Et respondens dixit ei : Iam non amplius in aeternum ex te fructum quisquam māducet.*

Se a sentença de Christo foi reposta que deu à arvore, final he que a ouviu primeiro , & ella allegou de sua justiça. Reparem aqui os Juizes , ou condemnadores, que nem a hum tronco irracional, & insensivel condena Deos sem o ouvir. Mas que he o que allegou a Arvore? Allegou o mesmo texto do Evangelista: & estava como dizendo mudamente ao Senhor: Eu bem tomára estar carregada de frutos maduros, & fazoados, para os offerecer a meu Creator; porém a causa, & impedimento

mêto natural de me achar sem elles, he por não ser ainda chegado o tempo: *Non erat tempus ficorum.* E que sem embargo desta replica ao parecer tão justificada, a condenasse Christo, & com condemnação eterna, *in sempiternum!* Assim foi. Mas com que fundamento, ou justiça? Entre todos os Expositores da Escritura, mais Letrados, & de maior engenho, nenhum ouve atêgora, que dêsse satisfação cabal a esta duvida. É a razão de se lhe não achar razão, he, porque as razoens dos homens não alcançaõ as de Deos, & onde não sabe descobrir culpa o juizo humano, a pôde achar o divino. Porque não comprehende o homé a Deos? Porque Deos he incomprehensivel. Pois tambem por isso os juizos humanos não comprehendem os divinos, porque os divinos são incomprehensiveis: *Quàm incomprehensibilia iudicia ejus!*

Rom.  
11 33

31 Sobre estes dous

principios tão manifestos, hum da ciencia de Deos para comnosco, outro da nossa ignorancia para com Deos, fica satisfeita, & emudecida toda a admiração de que Deos haja de julgar atê o que reputamos por nada, & nesse mesmo nada haja de arguir, & achar culpas, de que pedir, & tomar conta no dia do Juizo. Sò resta hum escrupulo, que ainda nam acaba de se aquietar, & não menos, que acerca da justiça, com que Deos nos haja de castigar pelo que não conhecemos. He verdade que Deos sabe de nós o que nós ignoramos de nós, mas essa mesma ignorancia nossa não só parece que nos desculpa, mas nos livra de ser peccado o que não conhecemos como tal. Sem vontade nam ha culpa, sem conhecimêto não ha vontade; como logo pôde ser peccado, & castigado como peccado o que eu não conheço? Bem tinha decifrado esta Theologia o Autor do nosso

Proy



Proverbio : Quem ignorantemente pecca, ignorantemente vai ao Inferno. Hũa só ignorancia escusa do peccado, que he a invencivel. Mas esta poucas vezes se acha. Os demais não só peccão no peccado, mas na ignorancia, com q̃ o não conhecẽ. Não peccarão gravissimamente os Judeos na morte de Christo? & cõ tudo diz S. Pedro, q̃ elles, & os seus Principes o fizeraõ ignorantemente : *Scio quia per ignorantiam fecistis, sicut & Principes vestri.* E o mesmo Christo quando disse, *Pater, ignosce illis,* *non enim sciunt quid faciunt,* juntamente allegou por elles a ignorancia, & pediu para elles o perdão. Se a ignorancia os livrara do peccado, não tinham necessidade de perdão : mas pediu lhe o Senhor o perdão, quando lhe confessou a ignorancia; porque tam fóra estiverão de ficar izetos do peccado pela ignorancia com que o cometerão, que antes a mesma

ignorancia lhe acrescentou hum peccado sobre outro peccado. Hum peccado, porque tirarão a vida ao Messias não conhecido, & outro peccado, porque o não conhecêrão, tendo tanta obrigação, como evidencia para o conhecer.

32 Isto mesmo he o que se vê hoje entre os que conhecem, & adorão a Christo; & não por acontecimento raro, senão cõmumente; nem só nas vidas, senão tambem nas mortes. Quantos peccados vemos, & quam grandes, né emendados na vida, nem confessados na morte, os quaes não são Deos, mas todo o mundo está conhecendo, & só os mesmos, que os cometem, os não conhecem! Não os conhecem, porque a largueza, & relaxação da vida escurece a consciência, & cega a alma: não os conhecem, porque o amor proprio sempre escusa, & aligeira o que nos cõdena: não os conhecem, porque os interesses, & cõveniencias deste mundo

trazem consigo o esquecimento do outro: nam os conhecem, porque os não querem examinar, nem consultar com quem devião: não os conhecem finalmente, porque com ignorancia affectada os nam querem conhecer para os não emendar: *Noluit intelligere, ut benè ageret.*

Pfalm.  
5.4.

Vede agora, se castigará Deos justamente no dia do Juizo os peccados não conhecidos, se por cometidos merecem hum castigo, & por não conhecidos outro maior? Porém se até aquelle dia estará desconhecidos, & sepultados nas trevas desta maliciosa, & ignorante ignorancia; então refuscitará, & sahirá a luz, porque o mesmo Juiz universal, como diz S. Paulo, com os resplandores de sua presença allumiará as consciencias de todos os homens, & descobrirá manifestamente a cada hum tudo o que nellas estava escondido, & ás escuras: *Quoadusque veniat Dominus, qui & illuminat*

1. Cor.  
4.5.

*bit abscondita tenebrarum.*

Por meyo desta luz defenganadas então, & assombradas as mesmas consciencias do muito que verão sair de baixo do nada que não vião, ou não quizerão ver, nenhuma terá que estranhar, nem replicar á sentença, ainda que seja de eterna condenação, & todas dirão convencidas: *Pfalm. Iustus es Domine, & rectum judicium tuum.* 118.137

§. VIII.

33 **O**H que grande merce de Deos fora, se hoje, que estamos na representação do mesmo dia do Juizo, o mesmo soberano Juiz nos comunicára hum rayo daquella luz, para que viramos agora o que então avemos de ver, & com os peccados conhecidos nos presentaramos antes ao tribunal de sua misericordia, que depois ao de sua justiça! Mas bem dita seja a bondade do mesmo Senhor, que não só nos deixou comunicado na sua doutrina hū rayo daquella luz, senam tres,

tres, se nós lhe não cerrarmos os olhos. Sendo a materia de tudo o que passou para a vida, & não ha de passar para a conta, tam immensa à capacidade humana, só a Sabedoria divina a poderà comprehêder: & assim o fez Christo Senhor nosso, reduzindo-a, & repartindo-a em tres Parabolâs, nas quaes nos ensinou em summa toda a cõta, que nos ha de pedir, & de que. A primeira Parabolâ, he dos Officios, a segunda dos Talentos, a terceira das Dividas. E este mesmo numero, & ordem seguiremos para maior distinctão, & clareza.

34 Quanto aos Officios, diz a primeira Parabolâ (que he a do Villico) que ouve hum homem rico, o qual deo a superintendencia das suas herdades a hum criado com nome de administrador dellas. E porque não teve boa informação de seus procedimentos, o chamou a sua presença, & lhe pediu cõta, dizendo: *Redde ratio-*

*nem villicationis tuae, jam enim non poteris villicare.* <sup>Luc. 16.</sup>

Dai conta da vossa administração, porque desde esta hora estais excluido della. Esta circumstancia de ser a conta a ultima, & não se poder emendar, he hũa das mais rigurosas do dia do Juizo. Vindo pois ao sentido da Parabolâ; o homem rico he Deos; as suas herdades são as Igrejas, & as Provincias; o administrador no espirital, he o Papa, no temporal he o Rey, & abaixo destes dous supremos todos os outros Ministros Ecclesiasticos, & Seculares, que repartidamête tem inferior jurdição sobre os mesmos subditos. A todos estes pois ha de pedir Deos estreita conta, não só quanto às pessoas, senão tambem, & muito mais quanto aos officios. Quanto à pessoa, ha de dar cada hũ conta de sy, & quanto aos officios, ha de dar a mesma conta de todos aquelles, que governou, & lhe foram fogeitos. De sorte que o

Papa há de dar conta de toda a Christandade, o Rey de toda a Monarchia, o Bispo de toda a Diocese, o Governador de toda a Provincia, o Parocho de toda a Freguesia, o Magistrado de toda a Cidade, & o cabeça da casa, de toda a familia. Oh se os homens soubérão o peso que tomão sobre sy quando com tanta ancia, & negociação pertendem, & procurão os officios, ou seculares, ou Eclesiasticos, como he certo que havião defugir, & benzerse delles! Mas não os procurão pelo peso, senão pela dignidade, pelo poder, pela honra, pela estimação, & mais que tudo hoje, pelo interesse. Porém quando no dia do Juizo se lhe tomar a conta pelo peso, então veráo onde os leva a balança.

35 Se he tão difficiltofo dar boa conta da Alma propria, que he huma, quam difficil, & quam impossivel ferà dalla boa de tantas mil? Como he cer-

to, que não temos fé, nem sabemos a que nos obriga. Vedes quantas Almas ha nesta Cidade, quantas Almas ha nesta Provincia, quantas Almas ha em todo o Reyno? Pois sabeis, se oignoraes, ou não advertis, que de todas essas Almas hão de dar conta a Deos os que governam a Cidade, a Provincia, & o Reyno. Porque assim como sobre todos, & cada hum tem poder & mando, assim em todos, & cada hum são obrigados a lhe fazer guardar as Leys, nam só as humanas, senão tambem as divinas. Não he isto encarecimento meu, senão doutrina folida, & de fé pronunciada por boca de S. Paulo: *Obedite Præpositis vestris, & subjacete eis: ipsi enim pervigilant quasirationem pro animabus vestris reddituri.* Obedecei, diz o Apostolo, a vossos Superiores, & sedelhe muito sogeitos; porque a sua obrigação he zelar, & vigiar sobre as vossas vidas, como aquelles que

Hebr.  
13. 17.

que hão de dar conta a Deos de vossas Almas. Vede quanto maior he a fogueição dos Superiores, que a dos subditos. Quantos são os subditos, que estão fogueitos ao Superior, tantas são as Almas de que está fogueito o Superior a dar conta a Deos. E posto que este oraculo bastava para nenhum homem que tem fé querer tomar sobre sy húa tal fogueição; ouvi agora o que nunca ouvistes. Nem todas as sentenças de Christo estão escritas no Evangelho: algúas ficarão sómente impressas na tradição de seus Discipulos, entre as quaes he tão notavel como terrivel esta: *Omne peccatum, quod remissus, & indisciplinatus admisserit frater, ad negligentem protinus revertitur seniore.* Quer dizer: todos os peccados, que cometem os subditos, se escrevem, & carregão logo no livro das culpas do Superior, porque ha de dar conta delles. De modo, que segundo esta sentença, &

Tom. 7.

revelação do mesmo Christo, todos os homicidios, todos os adulterios, todos os furtos, todos os sacrilegios, & mais peccados que os vassallos cometem na vida, & reynado de hũ Rey, & as ovelhas, & subditos na vida, & governo de hum Prelado, todos estes peccados se lanção logo, & escrevem nos livros de Deos debaixo do titulo do tal Rey, & debaixo do titulo do tal Prelado, para se lhe pedir conta delles no dia do Juizo.

36 Ponhamos agora este Rey, & depois poremos tambem este Prelado diante do tribunal divino, & vejamos que respondem a estes cargos. O Rey he a cabeça dos vassallos: & quem ha de dar conta dos membros, senão a cabeça? O Rey he a Alma do Reyno: & quem ha de dar conta do corpo, senão a Alma? Pedirá pois conta Deos a qualquer Rey, naõ digo dos peccados seus, & da pessoa, senão dos alheos, & do officio. E que

C iij ref-

Refer-  
tur à  
Huber-  
to Pha-  
lesio in-  
ter alias  
colle-  
ctas ab  
Affigi-  
nienſi  
Abbate  
in Mo-  
naſticis  
diſqui-  
ſitioni-  
bus.

responderà já não Rey, mas Reo? Parece que poderá dizer: Eu, Senhor, bẽ conhecia que era obrigado a evitar os peccados dos meus vassallos, quanto me fosse possível; mas a minha Corte era grande, o meu Reyno dilatado, a minha Monarchia estendida pela Africa, pela Asia, & pela America; & como eu não podia estar em tantas partes, & tão distantes, na Corte tinha provido os Tribunaes de Presidentes, & Conselheiros, no Reyno de Ministros de Justiça, & Letras, nas Conquistas de Viso-Reys, & Governadores, instruidos de Regimentos muito justos, & approvados. E isto he tudo o que fiz, & pude fazer Tambem poderá meter nesta conta o seu proprio Palacio, & aquelles de que se servia mais familiar, & interiormente. Mas sobre todos cae a replica. E effes que elegestes, (dirà Deos) porque os elegestes? Não forão algũs por affeição, & outros por in-

tercessão, & outros por adulação, & outros por ruim, & apaixonada informação? E os que ficarão de fóra com mais conhecido merecimento, porque os excluistes? Mas dado que todos fossem eleitos com os olhos em mim, & justamente; depois que na administração de seus officios conhecestes, que nam procedião como eraõ obrigados, porque os nam removestes logo, porque os dissimulastes, & conservastes, & o que peor he, porque os despachastes de novo, & com mais authorizados postos? Se o que affolou hũa Provincia, o deixastes cõtinar na mesma affolação, & depois o promovestes a outro governo maior, como nam fostes complice das suas injustiças, & das culpas, que elle em vez de remediar acrecentou com as suas, & com o exéplo dellas? Se as suas tiranias vos foraõ manifestas, como as deixastes sem castigo, & os danos dos offendidos  
sem

sem restituição ? Quantas lagrimas de orfaõs, quantos gemidos de viuvas, quantos clamores de pobres chegavão ao Ceo no voffo Reynado, quando para fuprir superfluidades vans, & doações inofficiofas, voffos Miniftros ( por iffo premiados, & louvados) com impiedade mais que dehumana não os defpojavão, mas defpião? Isto he o que poderà replicar Deos, emudecendo, & não tendo que responder o triste Rey. E qual ferà a fua fentença ? No dia do Juizo fe ouvirà. O certo he, que David Rey Santo antes de peccador, & depois de peccador exemplo de penitencia, o de que pedia perdão a Deos, era dos peccados occultos, & dos alheos: *Ab occultis meis mûda me, & ab alienis parce*

Pfal. m.  
13. 13.

*fervo tuo.* Mas os peccados occultos naquelle dia ferão manifestos, & dos alheos, por ter fido Rey, fe lhe pedirà taõ efreita conta, como dos proprios.

37. Entre agora o Pre-

lado a dar conta, & a ouvir em effatua o processo, que depois da refurreição lhe ferà notificado em carne. Oh que effpectaculo ferà apparecer defcoroadado da Mitra, & defpido dos paramentos Pontificaes diante da Mageftade de Chrifto Jefu aquelle, a quem o mefmo Senhor authorizou com o nome, & poderes de feu Vigario, & cuja humana, & divina Peffoa representou nesta vida! *O Pastor, & Idolum!* lhe dirà Chrifto. Tu q̄ foftes Pastor no nome, & como Idolo te cõtentaftes cõ a adoração exterior q̄ não merecias, dà conta. Não ta peço das miserias occultas, fenão das publicas, & effcandalofas de tuas mal guardadas, & defprezadas ovelhas. Erão miseraveis no temporal, & não trataftes de remediar fua pobreza; & erão muito mais miseraveis no effpiritual, & não cuidaftes de curar, nem de preservar feus peccados. Se as rendas, que com tâta cobiça recolhiás,

Zach.

1. 17.

C iiiij &

& com tâta avareza guardavas, eraó o meu patrimonio, que eu adquiri não menos, que có o meu sangue; porque o não distribuíste aos meus verdadeiros acredores, que são os pobres? Porque o despendeste em carroças, criados, & cavallos regalados, estando elles morrendo de fome: & em vestir as tuas paredes de ouro, & seda, andando elles despídos, & tremendo de frio? Se o zelo de teus Ministros visitava as vidas dos pequeninos, tratando mais de se aproveitar das condemnaçoens, que de lhe emendar as consciencias: os peccados monstruosos dos grandes, que taó soberba, & escandalosamente viviaó na face do mundo, como os deixaste triunfar com perpetua immunnidade, como se foraó superiores às Leys da minha Igreja?

38 Confesso, Senhor, responderà o Prelado, que em hũa, & outra cousa faltei, mas não sem causa. O que despendi com minha

casa, & pessoa, foi para satisfazer aos olhos do vulgo, que só se leva destes exteriores, & para conservar a authoridade do officio, & veneração da dignidade. E se contra os peccados dos grandes me não atrevi, foi, porque os seus poderes são inexpugnaveis; & julguei por menos inconveniente não entrar com elles em batalha, que com afronta, & desprezo das mesmas Leys da Igreja ficar no fim da peleja vencido: & finalmente, Senhor, em hũa, & outra omissão seguí o exemplo universal, & o que usão neste officio os que com mais poderosas armas, & com maiores jurdiçoens que a minha, costumão em toda a parte fazer o mesmo. O ignorante, ô covarde, replicarà Christo. Taó ignorante, & covarde, como se não tiveras lido as Escrituras, nem os Canones, & exemplos da mesma Igreja. Por ventura Pedro & Paulo, & os outros Apostolos, que me imitaraó a mim,



mim, & os seus verdadeiros successores, que os imitárao a elles, conciliavao a authoridade das peffoas, & do officio, ainda entre Gentios, com os apparatus exteriores? Naõ fãbes, que esse mesmo Povo, com cujos olhos te escusas, se por dares tudo aos pobres te vissem defacompanhado, sô, & a pè pelas ruas, & ainda com os pès defcalços, entãõ se ajoelhariam todos diante de ti, & te adorariao? E quanto à covardia de te naõ atreveres com os grandes, tendo a teu lado a espada de Pedro; contra quem se atrevia David, que foi o exemplar dos meus Pastores? Entre as feras tomavãse com os Leoens, & entre os homens com os Gigantes. Que fera mais fera, que a Emperatriz Eudoxia; & vè como a naõ temeo Chrysoftomo; & que Leão mais coroadado, que o Emperador Theodosio; & vè como o humilhou, & poz a seus pès Ambrosio. Finalmente, senãõ seguiste o

valor destes, senãõ o que chamas costume dos outros, agora verães em ti, & nelles, que se elles o costumãõ fazer assim, eu tambem costume mandar ao Inferno os que assim o fazem. Isto baste quanto à conta dos officios, & tomem exemplo os Ministros seculares na conta do Rey, & os Ecclesiasticos na do Prelado.

## §. IX.

39 **Q**Uanto à conta dos Talêtos, esta temos na Parabola dos criados a quem o Rey encomendou diferentes cabedaes, para que negociãsem com elles em quanto fazia certa jornada: *Negotiamini dum venio.* O Rey he Christo, a jornada foi a de sua subida ao Ceo, & a tornada ha de ser no dia do Juizo, em que ha de pedir conta a cada hum do que negociou com os talentos, que lhe deo, & do que lucrrou, & ganhou com elles: *Post multum verò temporis venit*

Luc. 19.  
13.Matth.  
25. 19.

*venit Dominus servorum illorum, & posuit rationem cum eis.* Os talentos são os meyoſ assim univerſaes como particulares cõ que a Providencia divina aſſiſte a todos os homens, & a cada hum para ſua ſalvação, & perfeição: & os avâços, ou ganancias, ſão o augmento das virtudes, merecimentos, & graça, que no exercicio, agencia, & industria, com que ſe applicaõ os meſmos meyoſ, alcançaõ os que nam ſão negligentes. *Quam exacta* pois haja de ſer eſta conta, & *quam riguroſa* para os que uſarem mal do talento, na meſma hiſtoria o temos. Os criados, a que o Rey ſiou os talêtos, eraõ tres: ao primeiro entregou cinco, o qual grangeou outros cinco: ao ſegundo entregou dous, o qual grangeou outros dous, & ambos foraõ louvados. Ao terceiro deo hum ſõ talento, o qual elle enterrou. E poſto que na conta o offerreceo outra vez, & reſtituio inteiro, porque nam

tinha negociado com elle, nem adquirido couſa alguma, o Senhor não ſõ o lançou fóra de ſua caſa, & o mandou privar do talento, mas o pronunciou por mau criado, *ſerve nequam*, que foi a ſentença de ſua condemnação. E ſe quem na conta torna a entregar o talento que Deos lhe deo inteiro, & ſem defraudo ſe condena; que ſerã dos que o desbarataõ, & perdem, & tal vez o convertem contra ſy, & contra o meſmo Deos?

40 Para intelligencia deſta graviffima, & perigoſa materia havemos de ſuppor o que ſe não cuida; & he, que não ſõ ſão talentos os dotes da natureza, os bens da fortuna, & os doens particulares da graça, ſenaõ tambem os contrarios, ou privaçoens de tudo iſto. Não ſõ he dote da natureza a fermofura, ſenaõ tambem a ſealdade: não ſõ as grandes forças, ſenaõ a fraqueza: não ſõ o agudo entendimento, ſenaõ o rude: não ſõ a perfeitica

feita vista, fenaõ a cegueira: naõ só a faude, fenaõ a enfermidade: naõ só a larga vida, fenaõ a breye. Do mefmo modo nos bens que chamaõ da fortuna, naõ só he bem o illustre nacimiento, fenaõ o humilde: naõ só as dignidades altas, fenaõ o lugar, & officio abatido: naõ só as riquezas, fenaõ a pobreza: naõ só o defcanço, fenam os trabalhos: naõ só os successos prosperos, fenaõ os adversos: naõ só os mandos, fenaõ o ser mandado; nem só as vitorias, & triunfos, fenaõ o ser vencido. Finalmente nas graças, ou doens da graça, naõ só he graça o dom das linguas, mas o naõ saber fallar, ou ser mudo: naõ só o das letras, & ciencias, fenaõ o da ignorancia: naõ só o do conselho, & discriçaõ, fenam o de naõ ter nem poder dar voto: naõ só o da ostentaçaõ, & boáto dos milagres, fenaõ o de nam ser em cousa algũa maravilhofo, fenaõ totalmente desconhecido, & desprezado.

41 A razão desta verdade interior, & providência verdadeiramente divina, he, porque todas estas cousas, posto que entre sy contrarias, põdem ser meynos, que igualmente nos levem à salvação, & promovaõ à virtude, principalmente sendo distribuidos, & dispenfados por Deos; & applicados conforme o genio de cada hum, que por isso diz o Texto, que foraõ dados os talentos; *Unicuique secundum propriam virtutem.* Assim, que tanto se podia aproveitar Rachel da sua fermosura, como Lia da sua deformidade: tanto Achitofel do seu entendimento, como Nabal da sua rudeza: tanto Mathusalem dos seus novecentos annos, como o moço de Naím dos seus vinte: tãto Cressõ dos seus thesouros, como Iro da sua pobreza: tanto Julio Cesar da sua fortuna, como Pompeo da sua desgraça: tanto Alexandre Magno das suas vitorias, como Dario & Poro de el-

le

Math.  
25. 25.

leos ter vencido : tanto Aram da foltura , & cloquencia da sua lingua , como Moyfes do impedimento da sua : tanto o futilissimo Escoto da sua ciencia , como Frey Junipero da sua simplicidade : tanto S. Pedro dos seus milagres , como o Bautista de nunca fazer milagre. Daqui se segue , que tanta conta ha de pedir Deos ao rico da sua riqueza , como ao pobre da sua pobreza : tanta ao fama da sua saude , como ao doente da sua enfermidade : tanta ao honrado da sua estimação , como ao afrontado da sua injuria : & tanta a todos do que deo a huns , como do que negou a outros ; porque se o rico pôde grangear com o seu talento por meyo da estmola , o pobre tambem pôde com o seu por meyo da paciencia. E assim dos demais. Antes he certo , que entre as cousas , que se chamaõ prosperas , ou adversas , mais efficazes são para o merecimento as que mortificaõ a natureza , que

as que lisongeaõ o appetite ; & mais seguras para a salvaçaõ as que pezaõ , & carregaõ para a humildade , que as que elevam , & desvanecem para a soberba. Só foubéraõ , manejar huns , & outros meynos , & aproveitarse com igualdade de ambos os talentos hum S. Paulo , que dizia : *Scio abundare , & scio esurire*. Philip. + 12a E hum Job , que na mesma volta da sua primeira para a següda fortuna , disse : *Si bona suscepimus de manu Dei , mala quare non suscipiamus ?* Iob. 2o. Mas estes homens quadrados nascẽ poucas vezes no mundo. Os dados taõ firmes se apresentãõ com poucos pôtos , como com muitos ; & taõ direitos estaõ com as fortes , como com os azãres.

42 Desta maneira ( & seja esta a unica , & importantissima advertencia. ) Desta maneira devemos aceitar como da mãõ de Deos , & cõtentarnos com o talento , ou talentos , que elle foi servido darnos , ou sejaõ como os cinco , ou como

como os dous, ou como hum sòmente: & se poderá ser nenhum, ainda fora mais seguro. Quando o Rey distribuío os talentos aos criados, não lemos que algum delles se descõtentasse da repartição. Se os que Deos deo a outros, são maiores que os vossos, elles teráo mais, & vòs menos de que dar conta ao mesmo Deos. Mas somos como os que lanção nas rendas dos Reys, que só olhaõ para o que recebem de presente, & não para a conta, que haõ de dar de futuro. Admiravel foi neste genero a variedade, & repartição de fortunas, cõ que Jacob ( digamolo assim ) fadou a seus filhos, quando na hora da morte lhe lançou a benção. Usou dos nomes de diferentes animaes, & a Judas chamou Leão, *catulus Leonis*

Genef. 49.9.

Ibid. 17. *Juda*: a Dan Serpente, *fiat Dan Coluber in via*: a Benjamin Lobo, *Benjamin Lupus rapax*: a Neptali Cervo, *Neptali Cervus*

Ibid. 21.

Ibid. 14. *emissus*: a Izachar Jumêto,

*Issachar Ajinus fortis*. Os animaes todos tem suas inclinaçoens, instintos, & propriedades, & todos suas como virtudes, ou vicios naturaes: o Leão generoso, a Serpente astuta, o Lobo voraz, o Cervo ligeiro, o Jumêto sofredor do trabalho. E debaixo destas metáforas significaya Jacob aos filhos os talentos de cada hum, & o uso delles, & quaes haviaõ de ser as acçoens, & successos de suas vidas, & descendencias. E sendo assim, que estes mesmos irmãos sofrêraõ tão mal ao mesmo Pay fazer huma Tunica a hum delles de melhor estofa, que por isso a quizeiraõ tingir em seu proprio sangue; como agora nenhum delles se queixa de o Pay os vestir de tão diferentes pelles, & pelos, & de lhe dar, ou chamar tão diferentes nomes, & de tão diferente nobreza, quãto vai de Lobo a Cervo, de Serpente a Leão, & de Leão a Jumento? Porque na differença da tuni-

ca obrava Jacob como Pay em seu nome : na differença, & repartição dos talentos, fallava como Profeta em nome de Deos: & como a distribuição era feita por Deos, & os talentos dados por elle; posto que fossem taó diversos na estimação, & credito, quanto vai do imperio à servidão, & do Leão ao Jumento, todos abaixando a cabeça se contentárao, & conformárao com a sua sorte, & nenhum ouve que abrisse a boca para se queixar, ou metesse os olhos debaixo das sobranças para mostrar descontentamêto. E que diráo a isto os que tantas vezes deixárao a Religião, & a mesma Fè, por não terem humildade, nem paciencia para soffrer que se lhe antepuzessem os que não podião igualar no talento?

43 Todo o talento he arriscado ao perder, ou não dar boa conta delle a presumpção humana. Os maiores pela soberba, os menores pela enveja, & os

minimos pela desesperação, & pusilanimidade. Da casta destes ultimos foi o que enterrou o talento, podendo ser melhor, & mais celebrado que todos, se o não enterrára. Puzeirão alguns Theologos em questaõ qual dos criados se mostrára mais industrioso, se o que com dous talentos grangeára dous, ou o que com cinco grangeára cinco: & como entre elles se não decedisse a questaõ, devolveose a hũa academia de mercadores, os quaes todos resolvêrao, que mais industrioso fora o que com dous negociára dous, que o que com cinco grangeára cinco: porque mais difficultoso he ganhar pouco com pouco, que muito com muito. E sobre esta, que he primciara maxima nos negociantes, provada com a experiencia, acrecentárao, que se o que teve hum sô talento, grangeára outro, excederia sem comparação na industria ao dos dous, & ao dos cinco. Grande con-

consolação, & verdadeira, se a quizessem aceitar os talentos medianos. Mas quem poderá curar a cegueira, & contentar a enveja dos que se vem excedidos? Saul porque ouviu (vede a quem?) porque ouviu que as chacotas lhe preferião a David, tantas vezes, & por tantos modos. o quiz matar, & por isso perdeu a coroa. E Dedalo, aquelle famoso artifice, que preso em hũa torre, inventou, & formou as azas com que fugio della voando, vendo que Perdiz seu discipulo inventára o compasso, & da imitação de hũa espinha a ferra, temendo que o havia de exceder no talento, o despeñhou primeiro da mesma torre.

44 Mas ainda são mais arriscados os talentos, que na eminencia se estremão sobre todos. Que havia de ser de Saulo, se o mesmo Christo não decára do Ceo, & o derrubára do cavallo para lhe enfrear o orgulho? Que ha-

via de ser de Agostinho, de quem se rezava nas Escolas Catholicas: *Alogica Augustini libera nos Domine*; se amolecido com as lagrimas de sua mãy, ella (como hum lirio, q se gera das lagrimas de outro) o não tornára a gerar? Succederlhehia o que ao profundissimo engenho de Tertulliano, & ao imenso de Origenes, os quaes venerados como oraculos da sua idade, & primeiros Mestres da Igreja, a perdérao, & se perdérao. Mas que muito he que o barro caya, & se quebre, se o entendimento de Lucifer, sendo o maior, q Deos criou, excedendo-o só o do mesmo Deos, antes quiz cair do Ceo, que ver-se nelle excedido! Tanta conta tem como isto os talentos menores, & só por isso poderáo dar boa conta.

§. X.

45

**A** Das Dividas he a que só nos resta,

sta, ultima, maior, & mais  
difficilosa de todas. Esta  
se contém na Parabola do  
outro Rey, o qual fez o  
que muitos não fazem, que  
he tomar conta aos cria-

Matth.  
x 8. 23.

*Qui voluit  
rationem ponere cum servis  
suis.* Do que logo se segue  
no principio das contas se  
mostra bem, que este cha-  
mado Rey seria o mais  
poderoso, & rico Monar-  
cha de quantos ouve, ou  
não ouve no mundo; por-  
que o primeiro criado foi  
convencido de que era de-  
vedor à fazenda, ou erario  
Real de cento & vinte mi-  
lhoens de ouro. Tãto vem  
a montar os que o Textô

Ibid. 24.

chama, *decem millia talen-  
ta*; porque fallando Chri-  
sto com os Hebréos, & na  
lingua Hebraica, tambem  
o computo, & valor da di-  
vida se ha de entender de  
talentos, não Gregos, se-  
não Hebraicos. Mas como  
era possível, que hum cria-  
do devesse a seu Rey cen-  
to & vinte milhoens? Res-  
pondo, que quando a Pa-  
rabola dissera dez mil ve-

zes outros tantos, ainda  
diria muito menos do que  
queria significar. Porque  
este Rey he Deos, & esta  
divida he a dos beneficios,  
que Deos tem feito ao ho-  
mem: & como o menor  
beneficio divino por sy  
mesmo, ou por seu Autor,  
he de valor infinito, não ha  
numero em toda a Arith-  
metica, nem preço em to-  
das as criaturas, com que  
se possa comparar, quanto  
mais igualar.

46 S. Agostinho para  
representar mais clara, &  
mais patentemente esta  
conta, introduz ao mesmo  
Christo fazendonos por  
sua propria Pessoa os car-  
gos do que lhe devemos,  
como fará no dia do Juizo:  
*Quid est quod debui ultra  
facere vinee meae, & non fe-  
ci ei?* Que cousa ha, que  
cu devesse fazerte, ô ho-  
mem, ou devesse fazer por  
ti, que não tenha feito? De  
nada te era deverdor, &  
como se o fora de quanto  
tenho, de quanto posso, &  
de quanto sou, tudo em-  
preguei, & despensei com-  
tigo.



tigo. Crieite quando não eras, tirandote dos abismos do não ser ao ser: deite hum corpo formado cõ minhas mãos, o mais perfeito: deite hũa Alma tirada de minhas entranhas, & feita à minha imagem, & semelhança: ornei, & habilitei hum, & outro com as mais excellentes potencias, & os mais nobres sentidos, para que fossem os instrumentos cõ que me servisses, & amasses: & tu ingrato que fizeste? Dà conta dos cuidados, pensamentos, & machinas do teu entendimento: das lembranças, & esquecimentos da tua memoria: dos desejos, & afeições da tua vontade. Dà conta de todos os passos de teus pès, de todas as obras de tuas mãos, de todas as vistas dos teus olhos, de todas as atenções dos teus ouvidos, de todas as palavras de tua lingua, & de tudo o mais que tu sabes, & não cabe em palavras. Depois de criado, que seria de ti, se eu com

Tom. 7.

o mesmo poder, & providencia te não conservára? De repête perderias o ser, & tornarias ao nada donde sahiste. Para tua conservação te dei nam só o necessário, senão o superabundante, & tanta imensidade de criaturas no Ceo, & na terra, todas sogeitas a ti, & occupadas em teu serviço. Deite hum Anjo, que de dia, & de noite velando, & dormindo te assistisse, & guardasse, como sempre assistio, & guardou. Agora te revelo os perigos secretos, & occultos de que foste livre por seu meyo: & tu lembra te dos publicos, & manifestos, que experimentaste, & viste. Quantos perecerão em outros muito menores? Quantos mais moços que tu acabarão de mortes desfezradas, & repentinas, sem tempo, nem lugar de arrependimento, & emenda, que eu sempre te concedi? Dà pois conta da vida, dà conta da faude, dà conta dos annos, dà conta dos dias, dà conta

D das

das horas, sendo mui poucas, & contadas as que não empregaste em me offender.

47 Atègora te referi as dividas exteriores do poder; agora me responderàs às interiores, & peſſoas do amor, & do muito que fiz, & padeci por ti. Por ti depois de te fazer à minha imagem, & semelhança, me fiz à tua, fazendo-me homem: por ti nasci nos desamparos de hum Presépio: por ti fui desterrado ao Egypto: por ti vivi trinta annos fôgeito à obediencia de hum official, ajudando o trabalho de suas mãos com as minhas, & acompanhando o suor do seu rosto com o meu. Por ti, & para ti fahi ao mundo a prêgar o Reyno do Ceo: por ti nas peregrinaçoens de toda Judea, & Galiléa, sempre a pè, & muitas vezes descalço, padeci fomes, sedes, po-brezas, sem ter lugar de descansar, nem onde reclinar a cabeça: por ti recebi ingratiçoens por benefi-

cios, odios por amor, perseguicoens por boas obras: por ti fui fangue, por ti fui preso, por ti afrontado, por ti esbofeteado, por ti cuspido, por ti açoutado, por ti escarnecido, por ti coroado de espinhos, por ti emfim crucificado entre ladroens, aberto em quatro fontes de fangue, atormentado, & affligido de angustias, & agonias mortaes, & ainda depois de morto atravessado o coração com hũa lança. De tudo isto pedi por ti perdão a Deos, & o pago que tu me dêste, foi nam me perdoar, tornandome a crucificar tantas vezes, quantas gravemente peccaste, como te mandei declarar pelo meu Apóstolo: *Rursum crucifigentes Filiũ Dei.* Se as gotas de fangue, que derramei por ti, tiverão conto, nem de hũa só me podéras dar boa conta, ainda que padecéras por mim mil mortes; mas os milhares, & os milhoens foraõ das vezes, que pizaste o mesmo fangue,

gue, sacrificando o infinito valor, & merecimento delle aos idolos do teu appetite.

48 Ainda em certo modo he maior divida, a de que agora te pedirei conta, que he a da vocação. Reservei o sahires à luz deste mundo para o tempo da Ley da Graça: chamete à Fè antes de me poderes ouvir: anticipou-te o meu amor ao teu uso da razaõ, & fizte meu amigo pelo Bautifmo. Com o leite, & doutrina da Igreja te dei o verdadeiro conhecimento de mim, beneficio que por meus justos juizos em quatro & cinco mil annos naõ concedi a tantos, & de que ainda nos teus dias carecêraõ muitos. Naõ tiveste juizo, nem consideração para ponderar, & palmar de que tendo a minha justiça razoens para condenar hum gentio, que me naõ conheceo, astivesse minha misericordia para perdoar a hum Christão, que conhecendome, tanto me offendia.

Perdida a graça da primeira vocação caiste, & torneite a chamar, & dar a maõ, para que te levantasses: levantado tornaste a reincidir hũa, & tantas vezes, & eu posto que taõ repetidamente offendido, & com taõ continuadas experiencias da pouca firmeza de teus propositos, & falsidade de tuas promessas, naõ cessei de te offerecer de novo meus braços, & te receber sempre com elles abertos: atè que infiel, rebelde, & obstinado, cerrando totalmente os ouvidos a minhas vozes, te deixaste jazer no profundo letargo da impenitencia final. Dà agora conta de tantas inspiraçoens interiores minhas, de tantos conselhos dos Confessores, & amigos, de tantas vozes, & ameaças dos Prègadores, que ou naõ querias ouvir, ou ouvias por curiosidade, & cerimonia: & tambem ta podêra pedir de eu mesmo te naõ chamar eficazmente na hora da morte,

D ij por-

porque o desmereceste na vida.

49 Sete fontes de graça deixei na minha Igreja (que he o beneficio da justificação) para que nellas se lavassem as Almas de seus peccados, & com ellas se regassem, & crecessem as virtudes. Em hũa te facilitei em tal fórma o remedio para todas as culpas, que só com as confessar te prometi o perdaó, que tu não quizeste aceitar, fugindo da benignidade daquelle Sacramento como riguroso, & amando mais as mesmas culpas, que estimando o perdaó. Em outra te dei a comer minha carne, & a beber meu sangue, & juntamente os thesouros infinitos de toda a minha Divindade em penhor da gloria, & bemaventurança eterna, que foi o altissimo fim para que te criei. Desprezaste o fim, não quizeste usar dos meyo; & porque escolheste antes estar para sempre sem mim no Inferno, que comigo no Cco; tua he, &

não minha a sentença, que logo ouvirás com os outros malaventurados: *Ite maledicti in ignem eternum.*

## §. XI.

50 **A** Qui parou a conta das Dividas, que era a ultima, & maior partida, que só restava para as contas. E aqui viráo a parar todos os que raó descuidados vivem de as dar boas naquele dia. Oh dia de ira! ô dia de furor! ô dia de vingança! ô dia de amargúra! ô dia de calamidade! ô dia de miseria! ô dia estupendo! ô dia tremendo! ô dia sobre toda a comprehensão, terrivel! Assim lhe chamaó com horror os clamores dos Profetas pela estreitissima conta, que nelle se nos ha de pedir a todos. E se tudo passa para a vida, & nada passa para a conta; que cegueira, & que infania he a dos que todos seus cuidados empregáo no que passa, sem memoria,

ria, nem cuidado do que não ha de passar? Póde caber em entendimento cõ juizo maior locura, que trabalhar de dia, & de noite hum homem, & cançar-se, & desvelar-se, & matar-se pelo que passa com a vida, & ha de deixar com a morte, & não ser o seu unico cuidado, & desvelo tratar só do que só ha de levar comfigo, & do que só se lhe ha de pedir conta? Ouçãõ estes loucos a S. Agostinho: *Peccas propter pecuniam? hic dimittenda est. Peccas propter villam? hic dimittenda est. Peccas propter mulierem? hic dimittenda est. Et quidquid est propter quod peccas, hic dimittis, & ipsum peccatum, quod committis, tecum portas.* Peccas, homem, por amor do dinheiro? & cã ha de ficar o dinheiro. Peccas por amor da herdade? & cã ha de ficar a herdade. Peccas por amor da mulher, ou tua, ou não tua? & cã ha de ficar a mulher. Mas havêdo de ficar cã tudo aquillo porque peccaste, o que só

Tom. 7,

has de levar comtigo, he o peccado. Toda a materia dos peccados cã ha de ficar, porque passou com a vida, & só o peccado ha de ir comnosco, porque nam passou para a conta.

51 Parece-me, que para desenganara quem tem fé, basta a evidencia destes dous pontos. O que só quizera alcançar de Deos, & pedir aos que me ouviraõ, he, que tomem este desengano em quanto vivem neste mûdo, & não o guardem para o Inferno. Descreve o Espirito Santo no livro da Sabedoria humana, que tiveraõ entre sy no Inferno os que là foraõ, depois de ter gastado a vida em tudo o que passa com a mesma vida: & o que fallavãõ, era desta maneira: *Ergo erravimus à via veritatis, & Sol intelligentia non est ortus nobis.* O certo he (diziãõ) que erramos o caminho, & que andãmos às escuras, & que em tantos dias, quantos vivemos, nunca nos amaneheceo a luz do Sol. *Quid*

D iij nobis

Ibidem  
2.

*nobis profuit superbia* : que nos aproveitárão a foberba, & gloria vã das honras do mundo ? *Divitiarum jactantia quid contulit nobis* : de que nos servio a jactancia das riquezas ; & os gostos, delicias , & passatempos em que ellas se cõsumem, de que nos aproveitárão ? Todas effas coufas passárão como a sombra : *Transferunt omnia illa tanquam umbra*.

Ibid. 9.

Todas passárão como o correio, que sempre caminha , & não pára : *Tanquam nütius percurrens*. Todas passárão como a nao, que vai cortando as ondas , & depois que passou, se lhe não acharasto : *Et tanquam navis que pertransit fluctuantem aquam, cujus, cum præterierit, non est vestigium invenire*. Todas passárão como a ave, que voando, & baten-do o leve vento, que corta, nem final deixa do seu caminho : *Aut tanquam avis que transvolat in aere verberans levem ventum , & nullum signũ invenitur itineris illius*. Todas passáraõ

Ibid. 11.

como a seta despedida do arco ao lugar destinado, que dividindo o ar, o qual logo se cerra, & une, não se pôde conhecer por onde passou : *Aut tanquam sagitta emissa in locum destinatum, divisus aer in se conclusus est, ut ignoretur transitus illius*. Agora, agora conhecem bem no Inferno, & não achaõ comparação, com que bastanteméte declarar a summa velocidade, cõ que todas as coufas passãõ, & com a mesma pressa ( dizem ) passãmos nós, porque apenas nascidos logo deixãmos de ser, & sem deixar final algum de virtude, em nossos proprios vicios nos consumimos : *Sic & nos n ti continuo desivimus esse : & virtutis quidem nullum signum valuimus ostendere : in malignitate autem nostra consumpti sumus*.

Ibid. 12.

Ibid. 13.

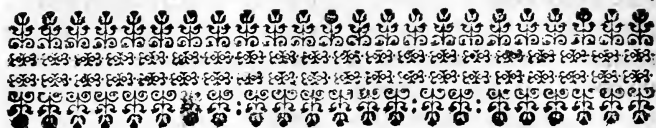
52 Isto conferiaõ entre sy naquella triste, & tarde defenganada conversação os miseraveis condenados: os quaes para maior dor levantando os olhos

ao Ceo, & vendo là gloriosos, & triunfantes os que tratáraõ mais da estreiteza da conta, que da largueza da vida: *penitentiam agentes, & præ angustia spiritus gementes*; com vozes que lhe sahiaõ do interior angustiado, & com arrependimento, & gemidos, que já não aproveitavaõ, *dicentes intra se*, diziaõ entre sy, & comfigo: que he o que diziaõ? *Hii sunt quos habuimus aliquãdõ in derisum, & in similitudinem improperij*: Aquelles faõ os de que nós zombavamos, rindonos dos seus escrupulos de cõsciência, & das penitencias, & rigores com que mortificavaõ seus corpos, quando nós só tratavamos de regalar os nossos, & satisfazer nossos appetites; & agora vemos que elles forãõ os prudentes, & fizados, & nós os loucos, & insensatos, pois elles pondo os olhos no fim, & no premio de que nós não fizemos caso, estãõ gozando

da gloria entre os Santos, como nós padecendo as penas entre os condenados. *Nos insensati vitam illorum aestimabamus insaniam, & finem illorum sine honore: ecce quomodo comparati sunt inter filios Dei, & inter Sanctos fors illorum est*. Taes faõ as coufas que disseraõ, conclue o Espirito Santo, & taes os discursos que fizeraõ no Inferno os máos quando là se viraõ. *Talia dixerunt in Inferno hi qui peccaverunt*. Vejamos agora, & consideremos bem os que por misericordia de Deos ainda temos tempo, & vida, se he melhor aproveitar deste desfengano neste mûdo, ou guardalo para o Inferno: & se folgaremos no dia da conta de ter imitado os prudentes, que eternamente haõ de gozar a vista de Deos no Ceo, ou acompanhar os loucos, & insensatos, que haõ de padecer as penas do Inferno por toda a Eternidade?

Ibid. 4.

Ibid. 14.



# S E R M A M


DA SEGUNDA DOMINGA

DO

# A D V E N T O.

*Joannes in vinculis. Matth. I F.*

§. I.

53  Ue ha de haver outro juizo, & outro mundo nos ensinou a Igreja Catholica o Domingo passado com a fé: o mesmo artigo (se me não engano) nos prova hoje com a razaõ. Diz o Evangelista S. Matheus, q̃ o Bautista, aquelle grande Santo, aquelle grande Precursor de Chri-

sto, por mandado de Herodes, aquelle máo homẽ, & aquelle máo Rey, está hoje em prisoens: *Joannes in vinculis. Joannes in vinculis!* O Bautista em prisoens! Logo ha de haver outro juizo, & outro mundo. Provo a consequencia. Porque se ha Deos, he justo: se he justo, ha de dar premio a bons, & castigo a máos: no juizo deste mundo vemos os máos, como Herodes, levantados; os bons,



bons, como o Bautista, opprimidos : seguese logo que ha de haver outro juizo, & outro mundo : outro juizo, em que se emendem estas desigualdades, & injustiças : outro mundo, em que os bons tenham o premio de seus merecimentos, & os máos o castigo de suas culpas. Oh que altos são os segredos da providencia divina ! os nossos proprios vicios faz que sejão testemunhas de nossa fé. Hum dos principaes fundamentos de nossa fé, he a immortalidade das almas, & a nossa injustiça he a mais evidente prova da nossa immortalidade. Se os homens não forão injustos, pudera-se duvidar se eraõ immortaes ; mas permite Deos que haja injustiças no mundo, para que a innocencia tenha coroa, & a immortalidade prova. Quem pôde duvidar da immortalidade da outra vida, se vê nesta a maldade de Herodes levantada ao trono, & a innocencia do Bautista posta em prisões,

*Ioannes in vinculis?*

54 Mas assim como as prisões do Bautista confirmão esta parte da doutrina que préguei no Sermon passado ; assim tambem me obrigaõ as mesmas prisões, a retratar outra parte da mesma doutrina. Préguei que havia de haver hum juizo final, em que Deos nos ha de julgar a todos : ainda o digo assim. Disse mais, que este juizo de Deos havia de ser o mais riguroso, o mais estreito, & o mais terrivel. Ainda o torno a dizer: porque verdadeiramente assim he. Porém hoje por muitas razoens vos parecerà, que ainda ha outro juizo mais terrivel, ainda ha outro juizo mais riguroso, ainda ha outro juizo mais estreito, que o juizo de Deos. E que juizo he este? He o juizo, que poz o Bautista em prisões, o juizo dos homens. *Ioannes in vinculis!* O Bautista em prisões! Logo o juizo dos homens he muito mais temeroso, que o juizo de Deos.

Deos. Ainda esta confes-  
quencia he mais clara, que  
a primeira. No juizo de  
Deos atè hum ladraõ se  
falva; no juizo dos homês,  
atè S. Joaõ Bautista se con-  
dena: *Ioannes in vinculis*.  
E juizo em que atè a inno-  
cencia do Bautista sahe cõ-  
denada, este he o juizo tem-  
meroso, este he o juizo for-  
midavel, este he o tremen-  
do juizo. E esta serà a ma-  
teria do Sermão. Que o  
juizo dos homens he mais  
temeroso, que o juizo de  
Deos.

## §. II.

55 **Q**uem melhor  
que todos en-  
tendeo esta grande verda-  
de, ou novidade, que te-  
nho proposto, foi o Real  
Profeta David. No Psal-  
mo cento & quarenta &  
dous, diz David a Deos:  
Non intres in iudicium cum  
seruo tuo; Senhor, não en-  
treis em juizo com vossõ  
feruo: no Psalmo vinte &  
quatro diz o mesmo Da-  
vid: *Iudica me Deus, &*

Psal. 142. 2.

Psal. 42. 1.

*discerne causam meam*: Sen-  
hor, julgaim vòs, & de-  
cidi a minha causa. Nota:  
vel encontro de affectos:  
se David no primeiro Psal-  
mo diz a Deos, Senhor,  
naõ me julgueis, como o  
mesmo David no segundo  
Psalmo diz a Deos, Sen-  
hor, julgaim? Hũa vez  
julgaim, outra vez nam  
me julgueis: que varieda-  
de he esta? Do que acre-  
centa David se verà a ra-  
zão da differença: *Iudica  
me Deus, & discerne cau-  
sam meam, de gente non san-  
cta, ab homine iniquo eripe  
me*. Julgaim vòs Senhor,  
livraime de me julgarem  
os homens. Aqui està a dif-  
ferença. No primeiro ca-  
so considerava David o  
juizo de Deos absoluta-  
mente, & por isso pedia a  
Deos, que o não julgasse;  
porque o juizo de Deos  
verdadeiramente he mui-  
to para temer. No segun-  
do caso considerava Da-  
vid o juizo de Deos por  
comparação ao juizo dos  
homens, & por isso queria  
que Deos o julgasse; por-  
que

que comparado o rigor do juizo de Deos com os rigores do juizo dos homés, muito mais riguroso, & muito mais tremendo he o juizo dos homens, que o juizo de Deos. No primeiro caso tinha David diante de sy o temor do juizo de Deos. No segundo caso tinha de hũa parte o temor do juizo de Deos, & da outra parte o temor do juizo dos homens, & posto entre temor, & temor, achou que tinha mais que temer no juizo dos homens, que no juizo de Deos. Agora entenderéis o misterio daquellas palavras, que deixamos de ponderar no Evangelho passado. *Tunc videbunt Filiū hominis venientem in nubibus Cæli*: Então verá o Filho do homé, q virá nas nuvens do Ceo. Christo he homem, & he Deos: pois porque não diz virá o Filho de Deos, senão virá o Filho do homem? Porque o intento de Christo era fazernos o seu juizo temeroso, & horrivel: & muito mais teme-

roso, & muito mais horrivel ficava representado como juizo de homem, que como juizo de Deos. He tanto mais temeroso o juizo dos homens, que o juizo de Deos, que quando este se quer fazer respeitar, & temer, quando se quer vestir de horror, & afombro, quando se quer mostrar medonho, & horrendo; chama se juizo de homem: não achou outro nome mais fero, não achou outro nome mais atroz, não achou outro nome mais tremendo: *Tunc videbunt Filium hominis.*

56 Temos provado o assumpto em comum: deixamos agora às razoens particulares delle, que são muito varias, muito solidas, & de muita doutrina, & póde ser, que vos pareçam tão grandes, & tão novas como o mesmo assumpto.

### §. III.

57 **P**Rimeiraméte o juizo dos homés he

he mais temeroso , que o juizo de Deos ; porque Deos julga com o entendimento , os homens julgaõ com a vontade. Quando entre o entendimento de Deos, & a vontade dos homês, naõ ouvera aquella infinita distancia, bastava só a differença , que ha entre vontade, & entendimento , para ser grande a desigualdade destes juizos. Quem julga com o entendimento, pôde julgar bem, & pôde julgar mal ; quem julga com a vôtade, nunca pôde julgar bem A razão he muito clara. Porque quem julga com o entendimento , se entende mal, julga mal, se entende bem , julga bem. Porém quem julga com a vontade, ou queira mal, ou queira bem, sempre julga mal: se quer mal , julga como apaixonado, se quer bem, julga como cego. Ou cegueira, ou paixão, vede como julgará a vontade com taes adjuntos. No juizo divino naõ he assim : julga só o entendimento, & tal

entendimento. Declarando o mesmo Christo Senhor nosso os seus poderes, supremos de Juiz universal do mundo , diz que o Pay. deo todo o juizo ao Ioan. 5.22. Filho : *Pater omne iudicium dedit Filio.* Pergunto : & porque o naõ deo o Padre ao Espírito Santo ? Para hum juizo perfeito requirem se tres cousas : Sciencia para examinar, Justiça para julgar , Poder para executar. Pois sea pessoa do Filho, & a do Espírito Santo tem a mesma sabedoria, a mesma justiça, & a mesma omnipotência ; porque razão dà o Padre Eterno o officio de julgar ao Filho, & naõ ao Espírito Santo ? A razão moral, & altissima he esta. Porque o Espírito Santo procede por acto de vontade, & o Filho he gerado por acto de entendimento : & o julgar ( ainda que seja Deos, o que julga ) pertence ao entendimento , & nam à vontade. Ao Espírito Santo, que procede por vontade, deolhe o Padre o despacho

pacho das merces: *Dator munerum*: ao Filho, que se produz por entendimento, deolhe o juizo das culpas: *Omne iudicium dedit Filio*; porque o dar, para que se agradeça, ha de proceder da vontade, & o condemnar, para que se não erre, ha-o de regular o entendimento. Ainda nam está dito: ouvi hũa cousa grande. Quando o Padre ab-eterno gera o Filho, gera-o por puro acto de entendimento, sem intervenção ainda da vontade: quando o Padre, & o Filho produzem o Espirito Santo, produzem-no por acto da vontade, mas já com supposição do entendimento. Pois por isso o dar se attribue à terceira pessoa, & o julgar à segunda, porque o dar ha de ser da vontade, mas có supposição do entendimento: o julgar ha de ser só do entendimento sem intervenção nenhũa da vontade. Eis aqui hum perfeito dictame da justiça punitiva, & distributiva. O conde-

nar só por entendimento, sem vontade; o dar mui por vontade, mas com entendimento. E feria bem que o dar fosse só por entendimento; & que no condemnar entrasse tambem a vontade? Não: porque dahi naceria o que acontece algúas vezes, que nem as merces obrigaõ, nem os castigos emendão. Condenar com vontade, he passar além de justo, dar sem vontade, he ficar àquem de liberal: no primeiro vai escrupulosa a justiça, no segundo fica de-fairosa a liberalidade.

58 De maneira que em Deos a vontade, & o entendimento tem repartidos os officios, o entendimento julga, a vontade dà. Nos homens não passa assim. O entendimento está deposto de seu officio, a vontade serve ambos: a vontade he a que dà, & a vontade he a que julga. A queixa de ser a vontade a que dà, deixemola aos cobigosos, & aos pertendentes; a sem-razaõ de ser a

vontade a que julga, he a que faz o juizo humano mais formidavel , que o divino. Veyo hũa vez a luz a ser julgada no juizo dos homens, & vinha ella muito confiada; porque já antigamente tinha aparecido diante do Juizo de Deos, & sahio delle com grandes approvações: *Fiat lux, & facta est lux, & vidit Deus lucem, quòd esset bona.* Com estas abonaçoens do juizo de Deos entrou a luz no juizo dos homens, & como vos parece que sahiria delle? Disse-o Christo no Capitulo terceiro de S. Joáo; & foi necessario que o mesmo Christo o dissesse, para que nós o creffemos: *Venit lux in mundum, & dilexerunt homines magis tenebras, quàm lucem.* Veyo a luz ao mundo, & os homens antepuzeraõ as trevas à luz. Ha tal sem-razaõ ! ha tal cegueira ! ha tal maldade ! Quem ouvera de crer de juizos racionaes hũa sentença tão barbara como esta, se o não affirmára o

Genef.  
1.3.4.

Ioan. 3.  
19.

mesmo Christo? Ha cousa mais fermosa , ha cousa mais util , ha cousa mais necessaria no mundo , que a luz? Pelo contrario ha cousa mais fea , ha cousa mais horrenda , ha cousa mais inutil, ha cousa mais chea de inconvenientes, que as trevas? Não são as trevas a capa dos latrocinios, as terceiras dos adulterios , as complices , & as consentidoras dos maiores insultos, das maiores enormidades , que se cometem no mundo? Pois como he possivel, que homens com olhos , & com entendimento antepuzessem as trevas à luz? As mesmas palavras de Christo deraõ a razaõ: *Dilexerunt homines magis tenebras, quàm lucem.* Dilexerunt: julgáraõ com a vontade, & não com o entendimento: & onde a vontade he juiz, taes como estas são as sentenças. Que havia de fazer hũa cega, senaõ condenar a luz? *Dilexerunt magis:* amáraõ mais: Eis aqui todo o juizo dos homens: amá;

amáraõ mais, ou amáraõ menos. Se amáraõ, ainda que seja as trevas, as trevas haõ de ser melhores, que a luz: se não amáraõ, ainda que seja a luz, a luz ha de ser peor, que as trevas. Oh quantas vezes renova o mundo esta sentença! Quãtas vezes vem a juizo a luz, & as trevas, & sahe cõdenada a luz! Vede que segurança pòde ter o merecimento, ou que immunnidade a innocencia em tal juizo? O summo merecimento, & a summa innocencia o diga.

59 Presentado Christo ante Pilatos, tirou elle as testemunhas, examinou as acusaçoens, & declarou a Christo por innocente: *Ego nullam causam invenio in homine isto*: Eu nenhuma causa acho neste homem. Dahi a pouco leváraõ a Christo ao Calvario, pregáraõno em hũa Cruz, *Et imposuerunt super caput ejus causam ipsius scriptam*, & puzeraõ nellá, diz o Texto, a sua causa escrita. Pois se Pilatos naõ achou

causa em Christo, *Ego nullam causam invenio*: como lhe puzeraõ a causa escrita na Cruz: *Imposuerunt causam ejus scriptam*? Aqui vereis quanto vai de ser julgado com o entendimento, ou com a vontade. Depois que Pilatos declarou a innocencia de Christo, devolveo as acusaçoens ao juizo da vontade dos Principes dos Sacerdotes: *Jesum verò tradidit voluntati eorum*, &

como Christo foi julgado no juizo da vontade, logo lhe acháraõ causa para o crucificar. No juizo do entendimento, ainda que era entendimento de Pilatos, naõ se achou causa a Christo: no juizo da vontade, ainda que era o julgado Christo, achou felhe causa. E porque acha mais a vontade sendo cega, que o entédimento sendo lynce? Porque o entendimento acha o que ha, a vontade acha o que quer. Conforme a vontade quer, assim acha. Se a vontade quer favorecer, achará mereci-

Luc. 23.  
14.

Matth.  
27.37

Luc. 23.  
25.

reci-

recimento em Judas , se a vontade quer condenar , acharà culpas em Christo. Que culpas tinha o Bautista contra Herodes, para o meter em prisões ? mas tinha contra sy a sua vontade, que era a maior culpa de todas. Bem entendia Herodes, que era innocente o Bautista : mas não quero ir por aqui : ou Herodes entendia, que era innocente o Bautista, ou não o entendia: se o não entendia, vede a cegueira da vontade, que o fazia entender contra a razaõ : se o entendia, vede a tyrannia da vontade, que o fazia obrar cõtra o que entendia. De hũa maneira, ou de outra sempre o Bautista tinha certas as prisões: *Joannes in vinculis.*

## §. IV.

60 **A** Segunda razõ de o juizo dos homens ser mais terrivel , que o juizo de Deos, he porque no juizo de Deos geralmente basta

só o testemunho da propria consciencia : no juizo dos homens a propria consciencia não val testemunha. Vede que grande he a fidalguia do juizo de Deos. Apareceis diante do Tribunal divino, acusaõvos os homens , acusaõvos os Anjos, acusaõvos os Demonios, acusaõvos vossas proprias obras, acusaõvos o Ceo, a terra, o mundo todo; se a vossa consciencia vos não acusa , estais-vos rindo de todos. No juizo dos homens não he assim. Tereis a consciencia mais innocente, que a de Abel, mais pura, q̃a de Joseph, mais justificada, que a de S. João Bautista : mas se tiverdes contra vòs hum Caim envejofo, hum Putifar mal informado , ou hum Herodes injusto , ha de prevalecer a enveja cõtra a innocencia, a calumnia contra a verdade, a tyrannia contra a justiça, & por mais que vos esteja faltando, & bradando dentro no peito a consciencia, não vos haõ de valer seus cla-



clamores. Vede que comparação tem este rigor có o do juizo de Deos. Acho eu muita graça aos Prêgadores, que para nos representarem a terribilidade do juizo divino, trazem aquella authoridade, ou oraculo de Deos a Samuel: *Homo videt ea, que parent, Dominus autem intuetur cor*: os homens vem só os exteriores, porém Deos penetra os corações: antes por isso mesmo he muito mais para temer o juizo dos homens; se os homens conhecérao os corações, se aos homens se lhe pudéra dar com o coração na cara; entáo nam havia que temer seus juizos. Que maior descanso, & que maior segurança, que trazer hum homem sempre consigo no seu coração a sua defesa? Acusáisme, condenáisme, infamáisme? quereis mil testemunhas, pois eilas aqui, & mostrarlhe o coração: *Bona conscientia mille testes*. Sabeis vós para quem não era boa invenção a de os

homens verem os corações? para os traydores, para os hypocritas, para os lisongeiros, para os mentirosos, & para outra gente desta relé; mas para os zelosos, para os verdadeiros, para os honrados, para os homens de bem; ó que grande costume, ó q grande felicidade fora! Mas como a consciencia no juizo humano não val testemunha, quem leva a calúnia nas obras, que importa que tenha as defesas no coração?

61 A maior defesa, & justificação, que Christo teve de sua innocencia, foi o depoimento de Pilatos, quando pedindo agua lavou as mãos, & pronúciou, que elle era innocente no sangue daquelle justo: *Accepta aqua, lavit manus coram populo, dicens: Innocens ego sum à sanguine justis hujus*. Reparou nesta agua, & neste sangue S. Cyrillo Jerosolymitano, & disse com opiniaõ singular, q aquella agua, & aquella sangue, que sahio do lado de Chri-

Matth.  
27. 24.

sto na Cruz, fazião alusão a esta agua, & a este sangue: *Erant hæc duo de latere, judicanti aqua, clamantibus verò sanguis.* A agua significava a agua, có que Pilatos lavou as mãos: *Accepta aqua, lavit manus:* o sangue significava o sangue, que o mesmo Pilatos declarou por justo, & os acusadores tomáráo sobre

*Ibid. 25. sy, Sanguis ejus super nos:* de maneira, que assim como cá o reo, ou o homisfado, traz no seyo os papeis de sua defesa, assim Christo meteo no coração aquella agua, & aquelle sangue, em que consistiaõ os testemunhos authenticos de sua innocencia. Ora vede agora sair a Christo do Pretorio de Pilatos, acompanhado de grande tropel de justiça, & vereis na representação daquella tragedia, o que cada dia acontece no mundo. O innocente caminhava para o supplicio, o pregaõ dizia as culpas, o coração levava as defesas. As culpas do pregaõ eraõ falsas, as de-

fezas do coração eraõ verdadeiras; mas como o coração no mundo não val testemunha, morreo crucificada a innocência. Quãtos treslados deste processo se formão cada dia no juizo humano! por isso os innocentes padecem, & os culpados triunfão. Quem mais innocente, que Joseph, quem mais culpado, que a Egypcia? mas a culpada mostrava os indicios na capa, & o innocente tinha as defesas no coração; por isso ella triunfa, & elle padece. Morre emfim Christo na Cruz, abrelhe hũa lança o peito, fica o coração patente, & entãõ sahirão em publico as suas defesas: *Exiit sanguis, & aqua.* Pois agora depois de Christo morto? Sim agora: que essa he a differença, que ha de hum juizo a outro juizo. No juizo depois da morte, que he o juizo de Deos, entãõ valem as defesas do coração; no juizo desta vida, que he o juizo dos homens, nenhũa valia tem. Oh defgra-

graçada forte a do coração humano! poder ser julgado dos homens para a culpa, & não poder ser visto dos homens para a defesa! Se assim he, que muito que se não defenda a maior innocencia, *Ioannes in vinculis?*

## §. V.

62 **O** Terceiro motivo de maior temor, que ha no juizo dos homens, comparado com o de Deos, he, que no juizo de Deos as nossas boas obras defendem-nos, no juizo dos homens, o maior inimigo, que temos, são as nossas boas obras. Demos revista a algúis exemplares do juizo humano, & constarnosha desta verdade. O primeiro condemnado, que ouve no juizo dos homens, foi Abel, & porque culpas? Porque o seu sacrificio agradou mais a Deos, do q̃ o de Caim. Hatz! crime como este? Se Abel fora como Caim, elle tivera os seus dias mais bé

logrados. Não ha maior delicto no mundo, que o ser melhor. Ao menos eu a quem amára das telhas abaixo, antes lhe desejára hum grande delicto, que hum grande merecimento. Hum grande delicto muitas vezes achou piedade: hum grande merecimento nunca lhe faltou a enveja. Bem se vê hoje no mundo: os delictos com carta de seguro, os merecimentos homifiados. Vamos a outro exemplar. Saul condenou tantas vezes à morte a David, & chegou a lhe tirar elle mesmo às lanças: & porque crimes? Porque se cantava pelas ruas de Jerusaleem, que David era mais valente, que Saul: *Percussit Saul mille, David autem decem millia.* Este premio tirou David de matar hum Gigante com hũa funda. Mais venturosos haviaão de ser os tiros, se não deraão tamanho estalo. Ao Gigate derrubou-o a pedra, & a David o sonido. Eis-aqui porque Da-

<sup>1 Reg.</sup>  
<sup>18.7.</sup>

vid queria que o julgasse Deos, & não os homens: no juizo de Deos perdoão-se os peccados como fraquezas; no juizo dos homens, castigaõse as valentias como peccados. Graças a Deos, que já nos hamos emendado deste. Vamos ao terceiro exemplar. Mas para que he ir mais longe, se temos o maior exemplo de todos no Evágelho?

63 Mandou o Baptista do carcere dous discipulos seus, que fossem perguntar a Christo se era elle o Messias, *Tu es, qui venturus es, an alium expectamus?* Suspendeo o Senhor a resposta, porque havia ao redor grande multidão de enfermos, que esperavaõ, & depois de os farar a todos milagrosamente, voltou para os Embaixadores do Baptista, & disse-lhes assim: *Ite renuntiate Joanni que audistis, & vidistis. Ide, dizeis a João o que ouvistes, & vistes: Cæci vident, claudi ambulant, mortui resurgunt.* Os cegos

vem, os mancos andaõ, os mortos resuscitaõ: *Et beatus qui scandalizatus non fuerit in me*; & bemaventurado o que se não escandalizar em mim. Aqui repáro; *& beatus qui scandalizatus non fuerit*, & bemaventurado o que nam se escandalizar? É que tinha feito Christo, para se escandalizarem os homens? Se Christo arrancára olhos, & fizera cegos; se cortára pès, & fizera mancos; se tirára vidas, & matára homens: entãõ tinhaõ razaõ de se escandalizar de Christo; mas por farar, por remediar, por resuscitar? Sim. Porque não ha cousa de que mais se escandalizem os homens, que de haver quem faça milagres. Antigamente escandalizavaõ os peccados, & edificavaõ as virtudes: hoje as virtudes escandalizaõ, & queira Deos, que os peccados não edifiquê. Deos vos livre de vossas boas obras, & muito mais das grandes: os peccados fofremolos facilmente; os mi-

Matth.  
21. 3.

Ibid. 4.  
5. 6.

milagres não os podemos sofrer. E porque? Porque os peccados são offensas de Deos, & os milagres são offensa nossa. Bem seguro eu, que havia mais de quatro enfermos em Jerusaleem, que não quizerão ser farados, só porque Christo não fosse o milagroso. Não atirára Saul a lança contra David, que lhe tirava a enfermidade, se lhe não doera mais o milagre, do que lhe agradava a faude.

64 Oh quanto mais seguro he ir com peccados ao juizo de Deos, que com milagres ao juizo dos homens! Em Deos ha misericordia, na enveja não ha perdão. Que levou a Magdalena ao juizo de Christo? peccados: & como sahio? perdoada, *Remittuntur ei peccata multa.* Que leyou Christo ao juizo dos homens? milagres: & como sahio? condenado, *Quia hic homo multa signa facit.* Com que escaparão os homens do juizo dos homens, se Deos, & com

Tom.7.

milagres não escapa? Ainda dizia mais o processo de Christo: *Ecce totus mundus post eum vadit:* que era tal, que hia todo o mundo apos elle. Se diffêraõ, que elle hia apos o mundo, cõdenassẽmo muito embora; mas porque o mundo hia apos elle! Eis ahi quaes são os crimes do juizo dos homens. Se fores apos o mundo, ninguem vos ha de condenar; se o mundo for apos vòs, não vos ha de valer sagrado. Que disse hoje Christo do Bautista? que se despovoa-vão as Cidades para o buscar, para o ver: *Quid existis in desertum videre?* Que não era cana verde, que se moveisse com o vento: *Arundinem vëto agitatam?* Que não era homem da Corte, que vestisse sedas, senão cilícios, *Hominem mollibus vestitum:* Que era mais que Profeta, *Plusquã Prophetam:* finalmente, que era Anjo, *Ecce ego mitto Angelum meum:* Ah sim, meu Santo Precursor, & vós tendes cinco çulpas

E iij      tão

Ioan. 12.  
19.Matth.  
11.7.8.

ibid. 10.

Luc. 7.  
47.Joan. 11.  
47.

tão grandes como estas, & tão provadas? Máo pleito levais ao juizo dos homês; a vós vos tiraráo dos olhos, & dos ouvidos do mundo, a vós vos fecharáo em hum carcere, *Ioannes in vinculis.*

## §. VI.

65 **A** Quarta cõfideração de ser mais temeroso o juizo dos homens, que o juizo de Deos, he porque Deos julga o que conhece, os homens julgáo o que não conhecem. Hum dos maiores rigores do dia do Juizo, he que os mesmos Demonios hão de ser alli nossos acusadores; mas eu antes me quizera ver acusado de Demonios, que verme julgado de homens. O Demonio no dia do Juizo hanos de acusar de todas nossas obras, hanos de acusar de todas nossas palavras: mas em chegando aos pensamentos ha de tapar a boca o Demonio, porque os peccados de pensamento são reservados a

fó Deos. Eis aqui até donde chega o Demonio, quando acusa; & o homem quando julga? Julgavos as obras, julgavos as palavras, & até o mais intimo pensamento vos julga, & vos condena. Ha tal temeridade de juizo? Que julgue o homem as obras, que vê, que julgue as palavras, que ouve, seja embora; mas que queira julgar os pensamentos, onde não chega com algum sentido do corpo, nem com algũa potencia da alma! Esta he hũa das mais graves razões, porque o juizo dos homens he mais para temer, que o juizo de Deos: Deos julga os pensamentos, mas conhece-os, o homem não pôde conhecer pensamentos, & julga-os.

66 Dimeheis, que os homens julgáo os pensamentos pelas obras, & que pelas obras, que se vem, bem se podem julgar os pensamentos, que se não vem. Se assim fora, nam eráo tanto para temer os juizos dos homens; mas

vede quanto ao contrario das obras julgaõ ainda os melhores homens os pensamentos. Estava Anna mãy de Samuel orando no Templo com os affectos, & effeitos, que costumão os affligidos : & que juizo vos parece , que faria o Summo Sacerdote Helí desta oraçãõ ? Julgou que era intemperança : & que os movimentos, que fazia Anna com a boca, tinhaõ a causã na mesma boca , & não no coração lastimado donde sahião: *Existimavit illam temulentam , & ait: Usquequò ebria eris ?* Veyo Naamão Syro à terra de Judea para que o Profeta Eliseo o curasse da lepra : & que juizo faria ElRey Ezechias desta jornada de Naamão ? Julgou, que era mandado cautelosamente por seu Rey, para que tornando-se sem a faude, que viera buscar, tomasse daqui occasião de queixa , & da queixa passasse a rompimento de guerra, & lhe viesse conquistar o Reyno: *Animadvertite , & videte*

*quòd occasiones querat adversum me.* Lãcouse Aman aos pès da Rainha Esther, pedindo que lhe valesse contra a indignaçãõ del-Rey, de cuja graça se via tão inopinadamente cahido: & que juizo faria Affuero desta acçãõ de Aman ? Julgou-a tanto contra toda a razãõ, & contra o decoro, que a sy mesmo se devia, que em nenhum pensamento pôde caber o pensamento, que lhe veyo, nem ha palavras, com que se possa explicar sem dissonancia: *Etiam Reginam vult opprimere, me prasete, in domo mea.* Eis aqui como interpretaõ os homés as acçoens, & como julgaõ por ellas os pensamentos. Anna orava a Deos , & a sua oraçãõ foi julgada por intemperança : Naamão buscava a faude , & a sua confiança foi julgada por hostilidade : Aman pedia perdaõ, & o seu arrependimento foi julgada por sacrilegio. Nem chorar o arrependido, nem curarse o enfermo, nem orar o ne-

E iiii      celli.

4. Reg.  
5. 13.

Esther  
7. 8.

4. Reg.  
5. 7.

cessitado, está izento de ser mal julgado dos homens. Anna pedia o remedio de sua esterilidade a Deos, Naamão pedia o remedio de sua enfermidade a Eliseo, Aman pedia o remedio de sua infelicidade a Esther; & nem em Esther o ser Rainha, nem em Eliseo o ser Santo, nem no mesmo Deos o ser Deos, lhe valeo aos miseraveis para que escapassem. Nem com os Reys, nem com os Santos, nem com Deos se pôde tratar sem ser mal julgado dos homens. Tão injusto he o juizo humano em interpretar intençoens; tão atrevido, & tão temerario he em julgar pelas obras os pensamentos.

67 Julgar mal huma obra boa, grande maldade he: mas julgar, ou bem, ou mal hum pensamento, que não pôde ser conhecido, ainda he maior tyrannia. Se não conheces, nem pôdes conhecer o pensamento, como te atreves homê a julgalo? He tão reserva-

do a só Deos o juizo dos pensamentos, que nem de toda a Igreja Catholica fiou Deos o julgar hum pensamento: *Ecclesia non judicat de interno*. E o que Deos não fia dos Pontifices, o que não fia dos Concilios, o que não fia de toda a Igreja, que he julgar meus pensamentos, isso faz o juizo de qualquer homem. Parecevos muito isto? Parecevos muito, que os homens julguem pensamentos, & condenem só por pensamentos? Ora aguardai, que ainda nam disse nada. E quantas vezes vos julgáráo, & condenáráo os homens pelo que nunca vos passou pelo pensamento? Eis aqui outra maior differença dos dous juizos: Deos julga, & condena por pensamentos, os homens julgaó, & condenaó pelo que nunca passou pelo pensamento. Passoulhe algũa hora pelo pensamento a Joseph atreverse á honra de seu Senhor? Passoulhe algũa hora pelo pensamento a Daniel que-

rer



rer machinar contra o Imperio dos Assyrios ? Passoulhe algũa hora pelo pensamêto a Christo ( que tambem nisto quiz darnos exemplo ) quererse fazer Rey temporal, de que tâtas vezes fugira ? E com tudo Joseph por se atrever à honra de seu Senhor està em hum carcere : Daniel por machinar contra o Imperio està no lago dos Leoens : Christo por se querer fazer Rey està posto em hũa Cruz. Com este rigor nenhũa comparação tem o juizo de Deos. Para Deos condenar por pensamento he necessário, que haja pensamento, que seja máo, & que se confinta: para o homem condenar do mesmo modo, nam he necessário, que se confinta, nem que seja máo, nem que haja pensamento. Pòdesse imaginar maior rigor, maior injustiça, maior crueldade, que esta ? Eu cuidava, que não; mas ainda passã adiante a sutileza, & a crueldade do juizo dos homens. Não só

vos condemnão os homens pelo que não vos passou pelo pensamento a vós, mas condemnãovos pelo qnem lhes passou pelo pensamento a elles. Mais claro. Não só vos condemnão os homens pelo que vòs nunca imaginastes, mas condemnãovos pelo que nêlles imaginão de vòs.

68 Chegãrão os irmãos de Joseph ao Egypto, apparecêrao diante d'elle, & depois que disserão, quem erão, & a que vinhão, secouse Joseph mui ao de ministro, & com aspecto fevero disse: Vaõ presos esses homens. Presos nòs, Senhor Viforey, ( replicãrão elles tremendo ) & porque ? *Exploratores estis*: Sois espias: vindes a explorar os Reynos de Faraó meu Senhor. As palavras não erao ditas, & já os dez irmãos estavao com os pès, & mãos em outros tantos grilhoens, & algemas. Pergunto agora: Estes homens imaginãrão algũa hora de vir ser espias ao Egypto, & explorar os Rey-

Genes.  
429.

Reynos de Faraó? Claro está que nunca tal imagináráo. Eraó huns pobres lavradores, que vinhaó fugindo à fome, comprando quatro grãos de trigo para manter a vida, & deitar à terra. Pergunto mais: & Joseph imaginava delles, que fossẽ espias, & exploradores? Ainda isto he mais claro, & mais certo. Nunca tal imaginou Joseph; porque conhecia mui bem, que erão os filhos de Jacob seu pay. Pois se estes homens nũca imagináraó em ser espias, & se a Joseph nunca lhe passou pela imaginação, que o fossẽ; como os manda prender? He possível que hão de estar huns innocẽtes arrastando cadeas em hũa masmorra pelo que nem elles imagináraó, nem imaginou delles quem alli os meteo? Assim passa. Na historia de Joseph era aquelle rigor fingido; mas ainda mal, porque tantas tragedias se representaó no mundo, em que as mesmas injustiças sãõ verda-

deiras. Diga-o a de Naboth em Samaria, & a de Susana em Babylonia. Por ventura imaginava Jezebel, que Naboth blasfemára o nome de Deos, & de Rey? Não imaginava tal cousa. E com tudo Jezebel fez cõdenar a Naboth pelo que nem elle imaginou nunca, nem ella imaginava delle. Por ventura os Juizes de Babylonia imagináraó de Susana, que violára a fé, que devia a Joachim, no crime de que a acusavão? Não lhes passou tal pela imaginação. E com tudo foi condenada, & levada ao supplicio Susana pelo que né ella imaginou, nem imagináraó della os mesmos, que a cõdenáraó. Quantas vezes julgais, condenais, infamais, & destruis hum innocente pelo que nem elle imaginou, nem vós imaginais delle? Sabeis de certo, que não fez o crime, & infamailo, & acusailo, & condenailo como se o fizera. Se condenar por culpas duvidosas he injustiça, cõdenar.

denar por innocencia conhecida, que tyrannia será? a que usá o juizo dos homens com o Bautista: *Ioannes in vinculis.*

## §. VII.

69 **A** Quinta razão, & differença, que acho entre o juizo de Deos, & o juizo dos homens, he aquella, que parece faz o juizo de Deos mais temeroso; que he o ser juizo final. Juizo final! Oh que temerosa palavra! Mas dahi mesmo tiro eu quanto mais temeroso he o juizo dos homens, que o juizo de Deos. Deos não julga senão no fim, os homens não esperão pelo fim para julgar. Gram rigor! Semcou zizania o inimigo na seara do Pay de Familias; & que aconteceu? Vede a differença do Senhor aos criados. Os criados muito fervorosos: *Vis imus, & colligimus ea?* Senhor, quereis que vamos, & arranquemos logo a zizania? O Pay de Familias

muito repousado, *Sinite utraque crescere usque ad messem.* Ibid. 38. Deixai nacer, deixai crecer, deixai amadurecer; lá virá o tempo da messe, então se conhecerá, qual he o trigo, & qual a zizania. Eis aqui qual he Deos no julgar, & quaes são os homens. Deos não condena senão no fim: os homens não esperão pelo fim para condenar. Deos para colher espera pelo Agosto: os homens segoão em Janeiro. Os que mais timoratamente procedem em julgar antes do fim, são aquelles, que regulão os fins pelos principios, mas como os successos do mundo, & da vida, & muito mais os que dependem do alvedrio, não guardão proporção algũa, todo este juizo he incerto, & todo injusto.

70 No dia da Payxão de Christo morrerão quatro pessoas notaveis, de que faz menção o Evangelho. Morreo Christo, morrerão os dous ladroes, & morreo Judas. Ora notai

tai a differença dos principios, & fins de todos. Christo começou bem, acabou bem: o máo ladrão começou mal, & acabou mal: o bom ladrão começou mal, & acabou bem: Judas começou bem, & acabou mal. Taes são as contingencias das cousas do mundo, & a pouca proporção, que guardão os fins com os principios. Muitas vezes a bons principios seguemse bons fins, como em Christo, & a máos principios máos fins, como no máo ladrão; & outras vezes pelo contrario a máos principios seguemse bons fins, como no bom ladrão, & a bons principios seguemse máos fins, como em Judas. Por isso quem quizer julgar bem, ha de aguardar pelos fins. Nos Reynos passa o mesmo, que nos homens. Quem julgasse o fim do Reyno de Saul pelos principios, diria, que havia de ser felicissimo, & foi desestrado: quem julgasse o fim do Reyno de David pelos principios,

diria, que havia de ser trabalhoso, & foi felicissimo. Antes de ver o fim não se póde fazer juizo. Pedro seguiu a Christo para ver o fim: *Vt videret finem*: se esperára até ver o fim, elle não negára. Esperai pelo fim, então negareis; mas eu vos fio, que se chegardes a ver os fins, que haveis de querer seguir, & não negar. Se alguém pudéra julgar antes do fim, era Deos; porque conhece os futuros; & com tudo nunca Deos já mais julgou, né condenou a ninguem, senão depois das obras. O juizo dos homens não he assim; conhece pouco do presente, menos do passado, & nada do futuro, & antes de as cousas terem ser, já estão julgadas. No mesmo dia em que se faz a eleição, já está adivinhado o successo, já está condenada a obra, já está descreditada a pessoa. Valha-me Deos, ainda não fiz bẽ, nem mal, & já me condemnão! Não teremos huma pouca de paciencia para

Marth.  
26. 58.

esperar

esperar pelo fim? *Nolite ante tempus judicare*; nam queirais julgar ante tempo, diz o Apóstolo. Já que quereis ter predestinados, & precitos como Deos, julgai também como Deos no fim das obras. Mas que ao predestinado se lhe haja de adivinhar o merecimento para se lhe dar logo o prêmio; & ao precito se lhe haja de profetizar a culpa para o condenar dá-temo? terrível juizo.

71 Ainda passa adiante a razão porque Deos julga no fim, & os homens não. He porque no juizo de Deos não basta a certeza do futuro para o castigo, & basta a emenda do passado para o perdão. No juizo dos homens, nem para o futuro val a incerteza, nem para o passado a emenda. Diz o Evangelista S. Marcos, que veyo Christo Senhor nosso comer a casa de Simão Leproso: chamavase assim este homem, porque fora leproso antigamente, & o mesmo Senhor o fará.

Não sei se reparádis na duvida; Se este homem ainda tivera lepra, que lhe chamassem leproso, muito justo; mas se elle estava saõ, porque lhe haõ de chamar leproso? Porque esse he o juizo dos homens. Fostes vós leproso alguma dia? pois ainda que Deos faça milagres em vós, leproso haveis de ser todos os dias de vossa vida. Deos podervos-ha dar a saude; mas o nome da enfermidade não volo haõ de perdoar os homens. No juizo de Deos com a mudança dos procedimentos, mudaõse os nomes, antigamente ereis Saulo, hoje sois Paulo: no juizo dos homens por mais que os procedimentos se mudé, os nomes não se mudaõ já mais. Se fostes leproso huma vez, leproso vos haõ de chamar em quanto viverdes: *Simonis Leprosi*. Poderà haver milagre para sarar o Simão, mas milagre para tirar o leproso, não he possível. Oh grande sem-razaõ do juizo humano.

Marc.  
14.3.

no; que da enfermidade vos hajaõ de fazer: appellido! E vem a ser peor o appellido, que a mesma enfermidade; porque a enfermidade, quando muito chega atè a morte; o appellido passa à descendencia. O juizo de Deos terrivel he, mas possome livrar delle emendandome. Porèm o juizo dos homens, em que não val emenda, quem poderà negar, que he mais terrivel? E se contra o juizo dos homens não val a emenda onde a ha; que remedio teria aquelle innocente; em que a não podia haver, porque não havia que emendar, *Ioannes in vinculis?*

## §. VIII.

71

**A**Ntes que passè adiante ( que não sei se me permitirà o tempo ) me occorre, que pôde occorrer a alguém aquella famosa sentença de Christo: *Nolite timere eos, qui occidunt corpus, animam autem non possunt*

Matth.  
10.28.

*occidere: sed potius time-  
eum, qui potest & animã, &  
corpus perdere in gehennã.*  
Quer dizer: Não temais aquelles, que mataõ o corpo, & não podem matar a alma: mas teme antes a quem lançando o corpo, & alma no Inferno, tanto pôde matar a alma, como o corpo. E quem são aquelles, & quem he este? Aquelles são os homens, este he Deos. Logo parece que daqui se infere contra a doutrina que atègora provamos por tantos meyo, que mais temeroso, & mais para temer he o juizo de Deos, que o dos homens, como mais se deve temer o Inferno, & morte da alma, que a do corpo. Mas taõ erradas como isto costumão ser as consequencias de quem segue as suas apprehêsoens, ou affectos, & não olha para o caso de que fallaõ os Textos, & para o intento, com que forão ditados, ou escritos. O intento do divino Mestre nesta occasiãõ foi animar a fé dos primitivos Christãos,

ffãos, para que padecessem constantemente os tormētos, & martyrios dos tyrannos: & para que postos entre dous temores, hum, ou outro inevitavel, com o maior venceſsem o menor, isto he, com o temor do Inferno o temor da morte. Assim o entendérao sempre Padres, Pontifices, & interpretes, dos quaes como tão diligente, solido, & literal abbreviador de todos, só porei aqui as palavras do doutissimo Alapide. *Quasi diceret: Nolite metu mortis, quam vobis intentabunt persecutores, negare meam fidem, aut cessare ab eius praedicatione vobis à me imperata, vel aliquid ea indignum committere: quia si id feceritis incurretis mortem tum corporis, tum animae longe atrociolem, & diuturniorem, scilicet aeternam in gehenna, ubi damnati moriuntur morte immortali, & vita moribunda vivunt, & perdurant.* De forte que a comparação nam se faz aqui entre juizo, & juizo, fenaó entre perigo,

& perigo, & entre pena, & pena: porque comparada a pena do Inferno com a pena da morte, claro está, que muito mais para temer he a do Inferno. Pelo contrario se a comparação se fizera entre juizo, & juizo, isto he, entre o juizo de Deos, & o dos homens, posto que os homés só possaó condenar à morte, & Deos ao Inferno; com a mesma evidencia se segue ainda neste caso, que mais para temer he o juizo dos homés, que o de Deos; porque o juizo dos homés condenandome à morte, póde ser injusto, & o de Deos condenandome ao Inferno, não póde deixar de ser recto: *Iustus es Domine, & rectum iudicium tuum.* E se ao juizo de Deos só está fogeita a culpa, & do juizo dos homens nam está segura a innocencia; vede qual mais se deve temer. De Deos são mais para temer os castigos, dos homens mais para temer os juizos. E destes he que nós fallamos.

Tam.

73 Tambem fallou dos  
mesmos juizos o mesmo  
Christo, & não em outro,  
fenaõ no mesmo Texto,  
imediatamête antes, em  
admiravel comprovaçam  
do que digo. Afrontavam  
os Escribas, & Fariseos aos  
Discipulos do Senhor com  
nomes tão injuriosos, &  
blasfemos como a seu Me-  
stre: & chegavaõ a dizer,  
& prégar, & apregoar ao  
mundo, que as maravilhas,  
que elle, & elles obravaõ,  
eraõ feitas em virtude, &  
com poderes de Belzebut  
Principe dos Demonios.  
E para que a innocencia, &  
constancia, ainda noviga;  
dos Apostolos, védose tão  
indignamente calumnia-  
da, & condenada pelo ju-  
izo dos homens ( & não de  
quãesquer, fenaõ dos mais  
autorizados, & dos que en-  
tre os demais professaõ  
Religiaõ; & letras ) nam  
desmayaste; com que ra-  
zoens os animaria, & con-  
solaria o divino Mestre  
para que não fizessem caso  
da temeridade daquelles  
Juizes. A razaõ foi huma

so, & digna de seu Author:  
*Si Patrem familias Beel-*  
*zebub vocaverunt: quanto*  
*magis domesticos ejus? Ne*  
*ergo timueritis eos, nihil*  
*enim est opertum, quod non*  
*reveletur; & occultum, quod*  
*non scietur.* Não vos de-  
véis admirar, que sendo  
võs os Discipulos, & eu o  
Mestre, & sendo vós os ser-  
vos, & eu o Senhor, you  
tratam, & vos julguem a  
vós os homens, como me  
tratão, & me julgaõ a mim.  
Mas para que não temais,  
nem façais caso dos seus  
juizos, & das afrontas, que  
vos dizem; sabei que Deos  
manifestará a vossa verda-  
de, & as suas calumnias, ou  
no dia do Juizo, ou ainda  
antes. *Nolite tamen eorum*  
*probra, irrisiones, & sannas*  
*timere, quia tandem Deus*  
*vestram fidem, & veram*  
*Religionem patefaciet non*  
*tantum in die judicij, sed*  
*etiam in hac vita:* comenta  
o mesmo Author com S.  
Chrystomo, Theophila-  
to, & Euthymio. Oh argu-  
mento verdadeiramente  
divino, & outra vez digno  
da

Matth.  
25.  
26.

Chryst.  
Theo-  
phil. Eut-  
hym.  
Cömel.



da fabedoria de seu Author! De maneira, que a consolação, & appellação, que tem o juizo dos homens, he para o juizo de Deos: & debaixo desta esperança certa ensina Christo a seus Discipulos, que os não temão, *Ne timueritis eos?* Sim. Logo se o juizo de Deos he o seguro, que nos dà o mesmo Deos para não temer os juizos dos homens; bem se conclue, que o juizo dos homens he o formidavel, & o que se deve temer, & não o de Deos nestas circumstancias. O dos homens temerse; porque quando menos póde ser falso, & injusto; & o de Deos esperar-se sem temor; porque sempre he justo, & recto.

## §. IX.

74 **T**udo isto ficou já convencido com as razões, que ponderamos antes de responder a esta replica: restando muitas outras, com que se podia provar, & amplifi-

Tom. 7.

car a mesma verdade: mas porque nem o tempo dà lugar, nem eu volas quizera totalmente dever; partamos o trabalho. Eu as aponto, discorreyas vós.

He mais temeroso o juizo dos homens, que o juizo de Deos, porque o juizo de Deos he juizo de hú só dia; o juizo dos homens he juizo de toda a vida. Todos os dias para os que vivem entre os homens, são dias do juizo.

O juizo de Deos ha de ser em hum só lugar; o juizo dos homens he em todos os lugares; julgaóvos na casa, & julgaóvos na rua; julgaóvos na praça, & julgaóvos na Igreja; julgaóvos na Corte, & julgaóvos no monte; julgaóvos no mundo, & julgaóvos na Religião; julgaóvos em todos os lugares, onde estais, & nos lugares, onde não estais, tambem vos julgaó: Emfim para o juizo de Deos ha de ir ao valle de Josaphat todo o mundo; para o juizo dos homens todo o mundo he

F valle

valle de Josaphat.

O juizo de Deos começa a julgar desdos annos do uso da razaõ por diante: o juizo dos homens muito antes do uso da razaõ julga, & condena. Digaõ-nos as lagrimas de Rachel, & o sangue dos Innocentes de Bethlem. Faltavaõlhe cinco annos para o alvedrio, & bastáraõlhe dous para o cutello: *Ab imatu, & infra.*

Matth.  
2.16.

75 Ainda depois do uso da razaõ naõ nos julga Deos mais, que as duas partes da vida; porque a terceira parte, que nos leva aquella morte quotidiana, a que chamamos sono, como naõ he capaz de peccar, nem de merecer, naõ a julga Deos. No juizo dos homens naõ he assim; nem dormindo nos izentamos de sua jurdiçaõ: Dormindo estava Joseph quando sonhou, & porque sonhou o condenaraõ à morte seus irmãos: *Ecce somniator venit, venite occidamus eum.*

Genes.  
37.19.

Deos no seu juizo ha de

vir a julgar os vivos, & os mortos: os homens no seu juizo julgaõ os vivos, julgaõ os mortos, & julgaõ os por nacer. Naõ vos lembra a historia do cego de seu nacimiento, a quem Christo deo vista? ainda naõ era nacido, & já o faziaõ peccador: *Domine, quis peccavit, hic, aut parentes ejus, ut cecus nasceretur?* Deos julga sõmente do facto, os homens atè do impossivel.

Ioann.  
9.2.

Antes do dia do juizo verfehaõ muitos finais: *Erunt signa in Sole, & Luna:* mas notai a differença. No juizo de Deos, os finais dizem com o juizo: no juizo dos homens, o juizo naõ diz com os finais. No juizo de Deos dizem os finais com o juizo, porque os finais faõ de rigor, & o juizo he riguroso: no juizo dos homens, o juizo nam diz com os finais, porque os finais faõ de amizade, & o juizo he de odio: Vede-o em Judas, os finais eram abraços, & o juizo treçoens: *Traditor autem dedit eis*

Marc.  
14.44

*eis signum: quemcumque osculatus fuero, ipse est, tene-  
te eum.*

Deos no seu juizo, he verdade, que ha de lançar os homens ao Inferno; mas ha de ser dizendolhe muito clara, & descubertamente: *Ite maledicti in ignem*

*eternam*: os homens nam fazem assim no seu juizo: estaõvos dizendo: *Venite benedicti*; Bemdito, & bem vindo seiais; & no mesmo tempo estaõvos metendo, & desejando debaixo do Inferno.

Deos julga como Juiz; os homẽs julgaõ como judicarios: entre o Juiz, & o judicario ha esta differença, que o Juiz suppoem o caso, o judicario adevinha-o. Quantos vemos hoje julgados, & condenados por adevinhação: naõ pelo que fizeraõ, senaõ pelo que se adevinha, que haverá de fazer!

76 O juizo de Deos, sendo Deos por natureza imutavel, se nõs nos cõvertemos, & nos mudamos, muda-se: o juizo dos ho-

mẽs, sendo os homẽs a mesma mudança, por mais que nõs nos mudemos, nam se muda. Mudou-se a Magdalena, & no juizo de Christo ficou santa; mas no juizo do Fariseo taõ peccadora como dantes era: *Quoniam peccatrix est.*

No juizo de Deos avemos de ser julgados pelos Mandamentos; quẽ guardou os Mandamentos pôde estar seguro: no juizo dos homẽs naõ aproveita guardar os Mandamentos. Fizestes o que vos mandáraõ, & muito melhor do que volo mandáraõ, & sobre isso sois julgado, & cõdenado. Como a fem-razaõ he taõ moderna, nam ha exemplo della nas Escrituras: telohaõ os vindouros, se o crerem.

Deos julga a cada hum pelo que he, os homẽs julgaõ a cada hum pelo que faõ. Mais claro. Deos julganos a nõs por nõs: os homẽs julgaõnos a nõs por sy. Donde se fegue, que para seres bẽm julgado no juizo de Deos, basta

F ij que

Math.  
25.41.

Ibid., 34.

Luc. 7.  
39.

que vós fejaís bom ; mas para seres bem julgado no juizo dos homens ; he necessário que ninguem seja máo. Terrível juizo, em que para eu não fahir condemnado, he necessário que todo o mundo seja innocente!

No juizo de Deos basta ser bom no ultimo instante da vida, para ser eternamente bom: no juizo dos homens, basta ser máo em qualquer tempo da vida, para ser eternamente máo. Se fostes bom, & fois máo, julgaóvos mal pelo que fois: se fostes máo, & fois bom, julgaóvos mal pelo que fostes ; & se fois, & fostes sempre bom, julgaóvos mal pelo que podeis vir a ser. Ha juizo tão cruel como este ! As culpas em profecia, & o Profeta em prisoens : *Joannes in vinculis!*

## §. X.

77 **T**enho acabado o Sermão ; & parece que me tem acon-

tecido nelle, o que succede aos máos Medicos , & aos máos conselheiros. O máo Medico encarece a enfermidade, & não lhe dá remedio: o máo conselheiro exagera os inconvenientes, & não dá meyo com que os melhor. O officio de Prègador tambem he de curar, & de aconselhar. Tenho encarecido a enfermidade, tenho ponderado os inconvenientes, tenho mostrado a cegueira, a sem-razaõ, a injustiça, & a tyrannia do juizo dos homens, mas que he do remedio para nos livrarmos deste juizo? Senão ha remedio, ainda he mais temerosa esta ultima circumstancia, que todas as que até agora temos considerado. Verdadeiramente, difficultosa, & impossivel cousa parece, achar remedio para escapar do juizo dos homens, sendo tantos, tão livres, & tão temerarios.

78 Mas ouçamos o que resolve nesta materia o todo Poderoso com fabledoria

Match.  
7.2.

bedoria infinita: *Nolite  
iudicare, ut non iudicemini:  
in quo enim iudicio iudica-  
veritis, iudicabimini.* Se-  
naõ quereis que vos jul-  
guem; naõ julgueis, por-  
que com o mesmo juizo,  
com que julgardes, fereis  
julgados. Esta sentença de  
Christo Senhor nosso, ou  
se pôde entender do juizo  
dos homens para com os  
homens, ou do juizo de  
Deos para com elles. Se  
se entender do juizo de  
Deos para com os homẽs,  
he absoluta, & universal-  
mente verdadeira; mas se  
se entender do juizo dos  
homens para com os ho-  
mens, naõ. Donde se tor-  
na a confirmar outra, &  
mil vezes, que mais rigu-  
roso, & mais para temer he  
o juizo dos homens, que o  
de Deos. No juizo de Deos  
para com os homens he  
sempre verdadeira. por-  
que, como altamente disse  
S. Joaõ Chrystomo, o  
juizo com que nõs nos jul-  
gamos huõs aos outros, he  
ley, que puzemos a Deos,  
para que elle por ella nos

julgue tambem a nõs: *Le-  
gem prius ipse posuisti, seve-  
rius de his, quæ proximus  
peccaverit, iudicando:* por-  
que se nõs julgarmos com  
benignidade aos nossos  
proximos, tambem Deos  
nos julgará benignamen-  
te; mas se nõs os julgar-  
mos severamente, tambem  
elle nos julgará cõ severi-  
dade. De forte, q̃ no juizo  
de Deos para com os ho-  
mens esta regra he geral  
sem exceção: porẽm no  
juizo dos homens para cõ  
os homens tem taõ pouca  
certeza, nem ainda proba-  
bilidade, que atẽ o mesmo  
Christo, sendo taõ benigno  
em julgar, & perdoar a  
todos, naõ se apou de ser  
taõ injustamente julgado,  
& condemnado por elles.  
Se Christo, sumã Innocẽ-  
cia, teve hum Anaz, hum  
Cayfaz, hum Pilatos, &  
hum Herodes, que o jul-  
gãõ, & condemnãõ, que  
homem averã taõ innocẽ-  
te, & justo, que por estes  
quatro Juizes naõ tenha  
quatrocentos, que o jul-  
guem, & condenem?

79 Com tudo esta mesma sentença, ainda que universalmente não he certa no juizo dos homens para com os homens, por dictame natural da razão, & por providência particular de Deos, muitas vezes se verificavelles. *Nolite iudicare, & non iudicabimini: nolite condemnare, & non condemnabimini.* Não julgueis, & não fereis julgados: não condeneis, & não fereis condenados. Sabeis por que muitas vezes fomos julgados, & tão injustamente julgados? Porque tantas vezes fomos juizes, & injustissimos Juizes: por q̄ julgais as obras alheas, por isso vos julgaõ as vossas obras: porque julgais as palavras alheas, por isso vos julgaõ as vossas palavras: porque julgais até os pensamentos alheos, por isso vos julgaõ, & vos condenaõ, até o que nam vos passou pelo pensamento. Diz S. Tiago na sua Canonica, que S. Miguel se não atreveo a julgar a

Lucifer. Se hum Serafim senão atreve a julgar hum Demonio, como se ha de atrever hum homem a julgar outro homem?

80 Se queremos julgar viremos os olhos para a parte da dentro, que ainda mal, porque tanto acharemos que julgar, que examinar, & que condenar. Se nos julgarmos sem paixã a nós, eu vos prometo, que tenha mos tanto que fazer, & tanto que passar, que não nos fique nem tempo, nem animo para julgar a outrem. Ora Christãos, por reverencia de Deos, pelo que devemos a Christo, pela obrigação que temos a nossas almas; que feja o fructo deste Sermão temer muito hum juizo temerario, não o juizo, em que somos julgados, que isso não he culpa nossa, mas o juizo, em que nós julgamos, que he a nossa condemnação. *In quo alterum iudicas, te ipsum condemnas*, diz S. Paulo:

Quando julgamos os outros, condenamos a nós.

E quan-

Ad Ro.  
man. 2.  
1.

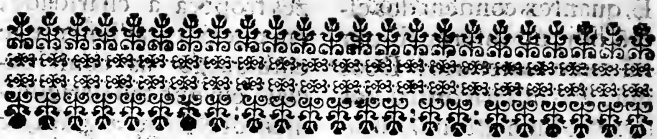
E quantos condenados es-  
tao hoje no Inferno só por  
nu juizo temerario! Deos  
por sua misericordia nos  
livre de hum escandalo co-  
mo este tao facil, & tao or-  
dinario, em que tantas ve-

zes tropeça a charidade,  
em que tao gravemente se  
embaraço as conscien-  
cias, em que tao perigosa-  
mente se perde a graça, &  
com ella Gloria.

DO  
A D V E N T O



SER.

  
**S E R M A M**  
 DA TERCEIRA DOMINGA  
 DO  
**A D V E N T O.**

---

*Tu quis es? quid dicis de te ipso?* Joan. cap. i.

§. I.

S
I
 Ambem hoje temos juizo, & he já este o terceiro. No primeiro Sermaõ vimos o juizo de Deos para cõ os homens: no segundo o juizo dos homens huns para com os outros: neste hoje, que he o terceiro, veremos o juizo de cada hum para comigo: *Tu quis es? quid dicis de te ipso?* Contem estas pa-

lavras hũa proposta, ou embarxada, que fizeraõ ao Bautista os Sacerdotes, & Levitas, mandados pelo supremo Concelho Ecclesiastico de Hierusalem: querem dizer: *Tu quis es, Vós quem sois? Quid dicis de te ipso,* Que dizeis de vós mesmo? Esta questão de termino tratar; porque sendo materia gravissima, & de grande importancia em qualquer parte do mundo, em Portugal he ainda



ao presente mais grave, & mais importante.

S. II.

82 **T**U quis es? quid dicis de te ipso? A primeira coufa, em que repá-  
ro, he, que estes Embaixadores de húa pergunta fizeram duas questões: Hiaõ perguntar ao Bautista, quem era; & para isto parece que bastava dizer, Vós quem sois? E elles differaõ, Vós quem sois, & Vós quem dizeis que sois? Tu quis es? quid dicis de te ipso? Ora os Embaixadores naõ eraõ homens de capa, & espada, senaõ cã do foro da Igreja: *Sacerdotes, & Levitas*; mas elles falláraõ muito discretamente, & entendéraõ o negocio, como quem tinha grandes noticias do mundo. Quando hiaõ saber do Bautista, quem era, perguntalhe, Vós quem sois, & Vós quem dizeis que sois; porque os homens, quando testemunhaõ de sy mesmos, húa coufa he

o que saõ, & outra coufa he o que dizem. Ninguem ha neste mundo, que se descreva com a sua definiçãõ: todos se enganaõ no genero, & tambem nas differenças. Que diferentes coufas saõ ordinariamente o que dizeis de vós, & o que sois! E o peor he, que muitas vezes naõ saõ coufas differentes: porque o que sois, he nenhúa coufa, & o que dizeis, saõ infinitas coufas. Nesta materia de vós quem sois, todo o homem mente duas vezes, húa vez mentese a sy, & outra vez mentenos a nos: mentese a sy, porque sempre cuida mais do que he: & mentenos a nós, porque sempre diz mais do que cuida. Bem distinguiraõ logo os Embaixadores o Tu quis es, do Quid dicis de te ipso; & quando hiaõ perguntar ao Bautista o que era, perguntáraõ o que era, & o que dizia; porque ninguem ha taõ recto juiz de sy mesmo, que, ou diga o que he, ou seja o que diz.

83, Entrou o Anjo Rafael a fallar com o velho Tobias em trajo de caminhante, ou ainda de caminhheiro, & antes de Tobias entregar o filho ao Anjo para aquella peregrinação tão sabida, fezhe esta pergunta: *Rogo te, indica mihi, de qua domo, & de qua tribu es tu?* Por vida vossa, que me digais, de que familia, & de que tribu sois. A pergunta verdadeiramente era para embarçar hum Anjo; mas a resposta foi notavel: *Ego sum Azarias Ananiae magni filius.* Eu sou Azarias filho de Ananias o Magno. Como se dissessemos de Carlos Magno, de Pompeo Magno, de Alexandre Magno. Ha tal resposta de hum Anjo! Em Deos ha pay, & filho; nos homens, & nos animais ha pays, & filhos; nas mesmas plantas ha seu modo de geração: só nos Anjos, de rodos os viventes do mundo (entrando o creado, & o increado) só nos Anjos não ha geração, nem pay, nem filho. Pois se nos An-

jos não ha geração, se nos Anjos não ha, nem pôde haver pay, & filho; como diz o Anjo Rafael, que he filho do grande Ananias? Aposto eu, que estava agora cuidando algué, que para encarecimento do meu assumpto havia eu de dizer, que em materia de vos quem sois, até os Anjos mentem. Não digo eu esses arrojamentos, este lugar he de verdades solidas. Os Anjos não podem mentir, nem errar (Fallos dos bons.) Mas agora fica a difficuldade mais apertada. Pois se os Anjos não podem entender, nem dizer contra a verdade, como diz o Anjo Rafael, que he filho do grande Ananias? Variamente respondem os Doutores à duvida; eu o farei com huma comparação. Entra hum comediante no teatro representando a Lucifer; & batendo com o Tridente, começa a fulminar blasfemias contra Deos: Entra outro representado a Nero; & tirando a espada,

man-

Tob. 5.  
16.

Ibid. 18.

manda que correm cabeças, & que corrao rios de fangue Christão por Roma: Sae outro representando hum Gentio; & encontrando húa estatua de Jupiter, prostrase por terra, bate nos peitos, & oferece incenso. Pergunto agora: Aquelle primeiro homem he blasfemo? aquelle segundo homem he tyranno? aquelle terceiro homem he idolatra? Claro está que não: o primeiro não he blasfemo, ainda que diz blasfemias; porque elle não he Lucifer, faz figura de Lucifer: o segundo não he tyranno, ainda que manda matar Christãos; porque elle não he Nero, faz figura de Nero: o terceiro não he idolatra, ainda que se ajoelha diante da estatua de Jupiter; porque elle não he Gentio, faz figura de Gentio. O mesmo digo do nosso caso. O Anjo não mentio, nem pode mentir, ainda que disse huma couza, q̄ pareça alheada verdade; porque elle não era homem, fazia figu-

ra de homem, & fallou como se o fora.

83 Seja outro Anjo fiador desta minha resposta. Aparecêrao a Abraham no valle de Mambretres Anjos, hum de maior authoridade, a quem elle adorou, & outros dous menores, que o acompanhavao. E como Sara mulher de Abraham fosse esteril, prometeolhe o Anjo principal, que dalli a hum anno, por aquelle mesmo tempo tornaria, se Deos lhe desse vida, & que ja entao teria Sara hum filho: *Revertens veniam ad te tempore isto, vita comite, & habebit filium Sara uxor tua.* Quem avera, que não repare naquelle, *vita comite*, se eu for vivo, dito por hu Anjo? E não só fallou o Anjo por estes termos húa vez, senao duas: porque pondo Sara duvida à promessa, tornou elle a ratificar a sua palavra, dizendo: *Juxta conditum revertar ad te hoc eodem tempore, vita comite.* Pois se os Anjos por natureza saõ immortaes,

Genes.  
18.10.  
L4.

taes, & a sua vida por nenhum acontecimento poderá faltar; porque promete este Anjo, não absoluta, senão condicionalmente, que tornará dalli a hum anno, se for vivo, *vita commite*? A razão, não só humana, mas Angelica, foi; porque este Anjo, & os outros dous, como declara o Texto, apparecerão a Abraham em figura de homens, *apparuerunt ei tres viri*: & elle os tratou, & elles se deixáráo tratar em tudo como homens, aceitando a sua mesa, & os outros agasalhos da hospedagem. É porque os homens prudentes na côsideração da incerteza, & contingencia da morte, quando prometem algũa cousa de futuro, acrecetao, se Deos me der vida; por isso o Anjo acrecentou a mesma côdição, *vita com te*, porque não fallava como Anjo, que era, senão como homem, cuja figura representava. Do mesmo modo, & com a mesma, & ainda maior propriedade fallou

o Anjo Rafael na resposta, que deo a Tobias. Fazia figura de homem, & para fazer bem a figura; húa vez que lhe perguntárao, Vós quem sois? não havia de dizer, o que era, havia de dizer, o que nam era; & assim o fez: porque nam ha propriedade mais propria dos homens, que perguntados o que são, dizerem, húa cousa, & serem outra. E notai, que vindo o Anjo vestido em hum pelote, & representando hum caminheiro, parece que era mais natural dizer, que era filho de hum lavrador, ou de hum pastor daquelles campos; & com tudo não disse senão, que era filho de Ananias o grande; porque não ha homem de peção de pe, nem caminheiro tão caminheiro, que se lhe perguntarem donde vem, não diga que vem lã do grande Ananias: *Ego sum Ananiae magni filius*.

84 Assim como Tobias ao Anjo, assim perguntárao hoje os Sacerdotes, & Levitães ao Bautista: *Tu quis*

*quis es?* E que responderia aquelle grande Varaó? *Et confessus est, & non negavit: & confessus est: quia non sum ego Christus*: E confessou, & não negou, & confessou, que não era elle o Messias. Em toda a sagrada Escritura não ha tal modo de fallar como este. Repetio o Evãgelista tres vezes a mesma affirmacão (dizem os Doutores) porque lhe pareceo, que fora tão grande cousa confessar o Bautista, que nam era o Messias, que se o differa menos vezes, nem elle se acabára de explicar, né nós acabaramos de o crer. Ora a mim nunca me pareceo esta acção do Bautista tão grande como a fazem. Que havia de fazer o Bautista, havia de dizer, que era Messias? o Bautista nem o podia cuidar cõ razáo, nem o podia dizer em consciencia: não o podia cuidar com razáo, porque elle sabia mui bem, que era do Tribu de Levi, & que o Messias havia de ser do Tribu Real de Judá:

não o podia dizer em consciencia; porque seria pecar na mais grave materia, que ouve nunca no mundo. Pois porque repetem tanto os Evangelistas, & porque exageraõ tanto todos os Santos, & Doutores da Igreja esta acção do Bautista? Porque he tão natural aos homens cuidarem mais de sy, do que saõ, & dizerem mais de sy, do que cuidaõ, que não negar o Bautista a razaõ, & nam atropellar a consciencia neste caso, se tem pela maior de todas as. façanhas humanas. Que lhe perguntassem a hum homem: *Tu quis es?* E que estivesse em sua mão dizer, que era o Messias, & que o não fizesse! diga-o tres vezes o Evangelista, para que acabe de o crer a fé: *Et confessus est, & non negavit: & confessus est: quia non sum ego Christus*.

## §. III.

85 **E**Mfim os Embaixadores se tornáraõ

rao do deserto sem acharem, quem lhe dissesse, que era o Messias. Mas povoado sei eu donde elles não havião de levar a embaixada de balde. Se os Sacerdotes, & Levitas desembarcárao em outras prayas, & vierão pelas casás mais altas perguntando, *Tu quis es?* como he certo, que a poucos passos havião de achar o Messias. E aonde? húa legoa de Bellem, sem ser em Palestina. Hum havia de dizer, que elle he o Messias; porque a elle se deve a nossa redempção: *Ipse veniet, & salvabit nos.* Outro haviã de dizer, que elle he o Messias; porque sobre seus hombros carrega todo o peso da Monarchia: *Cujus imperium super humerum ejus.* Outro havia de dizer, que elle he o Messias; porque o seu conselho he o nosso Anjo da guarda: *Et vocabitur magni consilij Angelus.* Outro haviã de dizer, que elle he o Messias; porque na sua penna cõsiste a nossa faude: *Et sanitas in*

*pennis ejus.* Outro havia de dizer, q̄ elle he o Messias; porque a paz, que estes annos se gozou, foi fruto da vara de sua justiça: *Erit in diebus ejus justitia, & abundantia pacis.* <sup>Pfal. 72. 7.</sup>

Outro havia de dizer, que he o Messias; porque elle he o Deos das armas, que com seu valor nos sustenta: *Vocabitur nomen ejus Deus fortis.* Só não havia de haver quem dissesse, que era o Messias, por se apressar aceleradamente a vencer, & tirar despojos: *Voca nomen ejus, accelera, festina, spolia detrahere;* <sup>Isaia 8. 3.</sup> porque ainda que às guerras nos inclinamos com grande valor, às victorias caminhamos com grande madureza.

86 Por todas estas razões me parece, que havia de haver maior demanda na nossa Corte sobre o Messiado, do que a ouve entre os Apostolos sobre a maioria. E verdadeiramente, que se vem hoje muitas cousas daquellas, que os Profetas antigamente de-  
rao

Isaie  
35. 4.

Isaie  
9. 6.

Mala-  
chia 4.  
2.

raão por finais dos tempos do Messias. O Messias, dizem os Profetas, que havia de dar olhos a cegos, pès a mancos, limpeza a leprofos, & vida a mortos: *Túc saliet sicut cervus claudus, & aperta erit lingua mutarum, &c.* E todos estes milagres vemos em nossos dias. Quantos cegos vemos hoje có olhos; quantos mancos, & paraliticos postos em pès; quantos aleijados com mãos, & com muita mão; quantos leprofos limpos; & quantos mortos, ou que deverão estar mortos, & sepultados, resuscitados, & com vida? Pois o poder, em cuja virtude se fazem estes milagres, como se ha de negar de Messias? Dizem mais os Profetas, que no tempo do Messias as lanças, & as espadas se tóverterão em fources: *Constabunt gladios suos in vomeres, & lanceas suas in falces.* E em tempo, que ou por beneficio da paz presente, ou por esquecimento da guerra futura, as armas,

que se fizerão para ferir, se ocupão em segar: em tempo, que as caixas tocão a marchar, & as tropas marchão a recolher; & em que os despojos, que havião de ornar os templos, & armar os almazens cômuns, enchem os celleiros particulares; como não ha de haver quem se jacte de Messias? Dizem mais os Profetas, que no tempo do Messias, os montes se humilharião, & se encheriãõ os valles: *Omnis vallis implebitur, & omnis mons, & collis humiliabitur.* Oh quantos montes, que em tempos passados tocavam com o cume as Estrellas, se vem hoje, ou já se não vem de humilhados, & abatidos! E quantos valles pelo contrario pouco ha tão humildes, hoje tão levantados, & tão cheos! E a fortuna, que fez estes altibaixos, ou seja desigualdade, ou se chame justiça, como se não ha de ter por fortuna de Messias? Dizé mais os Profetas, que no tempo do Messias vivirião os lobos

Isaie  
35.6.

Isaie 2.  
4.

Isaie  
40.4.

Ifaia 11.  
6.7.

bos juntos com os cordeiros, & que o leão, & o boy se sustentariao do mesmo mantimento : *Habitabit lupus cum agno, & leo quasi bos comedet paleas.* Se os lobos não fossẽm tão fagazes em despintar a pelle, com os olhos se podera provar hoje o comprimẽto desta profecia. Ainda mais que dos lobos, me temera eu dos leoens com palhas na boca. Mas quando ha quem domestique leoens a que sejaõ animais de presẽpio, os authores destas industrias, ou destes milagres, porque não presumiriao de Messias?

#### §. IV.

87 **N**Am ha duvida, que tem grande analogia a nossa era com a do Messias, & que parece podẽm competir os milagres ( não digo os vicios ) dos nossos tempos com as felicidades dos seus. Mas pelo mesmo caso, que se parecem tanto, não quizera eu, que a

muita femelhança mal entendida acertara de se nos converter em tentação. E porque não fio tanto de nossa modestia, como da de S Joao Bautista; faiba cada hum, & desenganesse, por mais que se pinte maravilhosõ no seu conceito, que lhe falta para Messias a condiçao principal. E qual he a principal condiçao de Messias? He aquella, com que o definio, & finalou Deos, quando o prometeo a Abraham : *In semine tuo benedicentur omnes.* Genef. 22.16. No Messias, que nascer de vós, serao abendicoados todos. Se tendes bençao para todos, douvos licençã, que entreis em presumpçao de Messias: mas se tendes bençao para huns, & para outros não, despedivos desse pensamento.

88 Quando o Anjo annunciou a Senhora, que havia de ser mãy do Messias, acrescentou estas palavras: *Dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus, & regnabit in domo* Luc 1. 32.



*mo Jacob in aeternum.* Dar-lheha o Senhor Deos o trono de David seu Pay, & reinarà na casa de Jacob para sempre. Nesta ultima clausula reparaõ com razão todos os Interpretes, porque diz o Anjo, que reinarà o Messias na casa de Jacob, & naõ na casa de Abraham, ou na casa de Isac? Se Abraham, & Isac naõ foraõ Reys, tambem Jacob naõ teve Cetro, nẽ Coroa; antes Abraham foi vencedor famoso de cinco Reys, que em certo modo he mais que ser Rey. Isac, & Abrahãõ eraõ mais antigos que Jacob: & a promessã do Messias foi feita a Abraham, quando acabava de embainhar a espada daquella grande fãganha do sacrificio de Isac: pois porque naõ diz o Anjo, que reinarà o Messias na casa de Abraham, ou na casa de Isac, senãõ na casa de Jacob? Vede a razão, que he altissima. Na casa de Abraham ouve dous filhos, Isac, & Ismael, mas para Isac ouve ben-  
Tom.7.

ção, para Ismael naõ ouve benção. Na casa de Isac ouve outros dous filhos, Esau, & Jacob; mas ouve benção para Jacob, & naõ ouve benção para Esau. Na casa de Jacob pelo cô-trario ouve doze filhos; & foi taõ abêdiçoada aquella casa, que para todos os doze filhos ouve bençam. Por isso pois diz o Anjo, que reinarà o Messias na casa de Jacob, & naõ na casa de Isac, nem na casa de Abraham; porque o Messias naõ he como Abraham, nem como Isac, que tem benção para huns, & para outros naõ: he como Jacob, filho de hum, & neto do outro, no qual se comprio a profecia, & teve benção para todos: *In semine tuo benedicentur omnes.* Sõ quem teve benção para todos os do mundo, foi verdadeiro Messias do mundo: & só quem tiver benção para todos os de hum Reyno, serãõ verdadeiro Messias delle.

89 Se lançarmos os olhos pelo nosso na mudã-

ça, ou fortuna presente, não me atreverei eu a provar, que todos tem benção, mas que tem benção muitos mais daquelles, que o cuidaõ; as mesmas bençoens de Jacob nolo farão evidente. Chamou Jacob a seus filhos para lhe deitar a bêção a todos antes de morrer; & he notavel a differença de palavras, & comparaçoens, cõ que fez esta ultima cerimonia. Chegou Judas, & deolhe benção de Leaõ: *Sedens accubivisti ut Leo*: chegou Neptali, & deolhe benção de Cervo: *Nephtali Cervus emissus*: chegou Dan, & deolhe benção de Serpente: *Fiat Dan Coluber in via*: chegou Isachar, & deolhe benção de Jumento: *Issachar Asinus fortis*: chegou Benjamin, & deolhe benção de Lobo: *Benjamin Lupus rapax*. Valhame Deos, que desigualdade de bençoens, hũas a huns tão altas, & outras a outros tão baixas! A hum benção de Serpente, & a outro de Cervo? A

hum benção de Leaõ, a outro de Lobo, a outro de Jumento? Sim: & era pay quem as dava, & eraõ filhos os que as recebiaõ: para que se entenda, que a diversidade das bençoens não argue desigualdade de amor em quem as dá, senão differença de merecimentos em quem as recebe. A Judas, que tinha valor, & generosidade, dafelhe bêção de Leaõ: a Neptali, que tinha presteza, mas não tinha valor, dafelhe benção de Cervo: a Dan, que tinha prudencia, mas tinha peçonha, dafelhe benção de Serpente: a Isachar, q̄ tinha forças, & não tinha juizo, dafelhe benção de Jumento: a Bêjamin, que tinha ousadia, mas junta com voracidade, dafelhe benção de Lobo. Não estão mui bem repartidas as bençoens? Qué haverà que o negue? Mas sabeis porque ninguem está contente com a sua benção? Porque a todos falta o conhecimẽto do *Tu quis es*. Conheçafse cada hum, & esta-

Genes.  
49.9.  
17.21.  
24.27.

estarão contentes todos. Conheça o Leão, que he Leão: conheça o Cervo, que he Cervo: conheça a Serpente, que he Serpente: conheça o Lobo, que he Lobo: conheça o Jumento, & logo estarão contentes. Mas como todos se cegaõ no juizo de sy mesmos, todos querem benção fóra da sua especie.

90 No principio do mundo deitou o Creador a sua benção aos animais, & às plantas: *Benedixit eis.* Disselhes a todos, que crescessem: *Crescite, & multiplicamini*; mas nota a Escritura, que tudo isto foi *Secundum species suas*: cada creatura conforme a sua especie. Contentese cada hum de crescer dentro de sua especie; contentese cada hum de crescer dentro da esfera do talento, que Deos lhe deo; & logo conhecerão todos, que tem benção, cada hum no seu elemento. No ar contentese a Andorinha, com ser Andorinha: & que ma-

ior benção, que poder morrar nos Palacios dos Reys? No mar contentese a Ré-mora, com ser Ré-mora: & que maior fortuna, que sendo tamanina, poder ter mão em húa nao da India? Na terra contêtese a Formiga, com ser Formiga: & que maior felicidade, que ter o celleiro provido para o Veraõ, & para o Inverno? Mas por todos os elementos se adoece de melancolia; porque nenhum se contenta com crescer dentro da sua especie: a Andorinha quer sobir a Aguia: a Ré-mora quer crescer a Balea: a Formiga quer inchar a Elefante. Porque as Formigas se fazem Elefantes, não basta toda a terra para hum formigueiro. Nas plantastemos iguaes exemplos deste engano, & desta verdade. A arvore mais anã he maior que a erva gigante: & com tudo de quantas cousas aqueita o Sol, nenhũa lhe he mais agradecida, que esta erva. Desde que o Sol nasce, atè que se

poem, vai sempre a erva gigante acompanhando-o desde a terra, seguindo-o com tanta inclinação, & adorando-o com tanta reverencia, como vemos. Pois erva finha do campo, q' agradecimentos ao Sol faõ estes? Naõ vedes tantas arvores, & tantas plantas, que recebem do Sol tanto mais, que vòs? pois porque lhe haveis vòs de fer a mais agradecida de todas? Porque me meço dentro da minha esfera. Conheço, que sou erva, & acho que ninguem deve mais ao Sol, que eu, porque me fez gigante das ervas. Se cada hum se medira com os compassos da sua esfera, õ quantos se haviaõ de achar gigantes! Porque vos haveis de descontentar da vossa benção, porque haveis de fer ingrato ao Sol, se vos fez gigante das ervas? Nam digo bem: se das ervas vos fez gigante? Oh quantos gigantes ha desagracedidos! Muito he de notar a tristeza de hum Cipreste

em tanta altura! Se o Cipreste là de cima olhára para o vulgo das plantas, & ainda para a nobreza das arvores, que lhe ficaõ abaixo; elle vivera naõ só contente, senaõ ainda soberbo. Mas o Cipreste lá do alto descobre os Cedros do monte Libano, & como vê, que a natureza os fez torres, vive elle descontente de fer pyramide. Como cada hum senaõ mete, & senaõ mede dentro da sua esfera, ainda que seja Cipreste, que tantas vezes vê seus troncos sobre os altares, nam pôde viver contente. Naõ digo, que naõ trate cada hum de crescer, mas conheça cada hum o que he: *Tu quis es?* & depois creça conforme a sua especie: *Secundum speciem suam.*

91 Defenganemonos, que o crescer fóra da propria especie, naõ he augmento, he monstruosidade; ao menos benção nam he. Húa das cousas dignas de reparo, que tiveram as bençoens de Jacob a seus filhos,

filhos, foi a benção de Ruben, & de Joseph. A Joseph deolhe Jacob por benção, que crecesse: *Filius accrescens Joseph, filius accrescens*: a Ruben deolhe Jacob por benção, que não crecesse: *Ruben primogenitus meus non crescas*. He possível, que também hum *non crescas* se dà por benção! He possível, que também pòde ser benção o não crescer! Diga-o a Lua; nenhũa benção se podia dar à Lua mais venturosa, que o não crescer. Porque senão crecêra, não minguará. A quantos tem servido o demasiado crescer, nam de benção, senão de maldição! Mas porque razão em Joseph he benção o crescer, & em Ruben he benção o não crescer? Os procedimentos, & as acçoens do mesmo Ruben, & do mesmo Joseph o digão. O crescer nos que o merecem, he crescimento; o crescer nos que o não merecem, he crecença: & o crescimento he grandeza, a crecença he fealdade. Se

Tom. 7.

podeis crescer por crescimento, crecei com a benção de Deos: *Filius accrescens*: mas senão podeis crescer, senão por crecença, tende por benção o não crescer: *Non crescas*. Conheça cada hum a sua esfera: *Tu quis es*; & acharão todos, ou quasi todos, que tem benção: *In semine tuo benedicentur omnes*. Com este conhecimento acabaráo de entender, que tem entre sy o verdadeiro Messias, como disse o Bautista: *Medius vestrum stetit quem vos nescitis*: & deixaráo de o ir buscar aos desertos, onde o não ha: *Et confessus est, & non negavit, quia non sum ego Christus*.

Ioann. ii  
26.

## S. V.

92 **D** Esenganados os Embaixadores, de que o Bautista não era o Messias, foram por diante com a questão do *Tu quis es*: & perguntaráo se era ao menos Elias: *Elias es tu*? Sois vós por ventura Elias? As vezes as

Ioann. ii  
21.

G iij

me,

menores tentações, principalmente em gente efervulosa, são mais difficultosas de vencer, que as maiores: mas a constancia do Bautista de todos os modos era invencivel. Assim como à primeira pergunta respondeo, que não era Messias: *Non sum ego Christus*; assim respondeo à segunda, que não era Elias: *Non sum*. Que tem irem se buscar as cousas onde as não ha! Diz o Texto que: *Hæc facta sunt trans Iordanem*: que isto aconteceu da banda dalem do Jordaó. Se vieram os Embaixadores da banda daquem do Tejo, eu vos prometo, que elles achárao a Elias. *Tu quis es?* Vós quem sois? *Elias es tu*. Sois por ventura Elias? Por ventura? & disso se duvida? pois quem he o Elias senão eu? O meu zelo do bem cômum, o meu zelo da Fé, & da Christandade; o meu zelo do serviço do Rey; o meu zelo da conservação, & augmento da patria. Se ser Elias he isto,

Ibid. 23.

ninguem he Elias como eu. Ao menos na presumpção eu volo concedo. Sô isso me parece, que tendes de Elias: cuidar que nam ha outro Elias, senão vós. Dizia Elias antigamente: *Zelo zelatus sum pro Domino Deo exercituum, & relictus sum ego solus*. Eu só sou o que zelo a honra de Deos, todos os outros são idolatras, & não tem Deos no mundo mais q̄ a mim. No mesmo dia, em que Elias disse isto, lhe mostrou Deos, que tinha na mesma terra sete mil, que nam dobravão o joelho diante de Baal: *Derelinquam mihi in Israel septem millia virorum, quorum genua non sunt incurvata ante Baal*. Quando Elias cuida, que não ha outro Elias no mundo, como elle, ha quando menos sete mil. Cuidais que sois hum homem unico, & não só sois homem de duzias, senão de milhares, ou de milheiros: ha sete mil como vós, & pôde ser que melhores.

3. Reg.  
19. 14.3. Reg.  
19. 18.

93 Não se queixará  
Elias

E'ias de Ihe medirmos o seu espirito pela sua capa, pois elle assim o fez. Ora cotejemos a capa de Elias com outra doutro Profeta, quasi do mesmo nome, (Ahias) & verà Elias, o que se reputa por unico, quanto vai de capa a capa, de espirito a espirito, & de zelo a zelo. Encontrou-se hũa vez Ahias com Jeroboam (entaõ era criado de Salamaõ, & não Rey) & trazia o Profeta naquelles dias hũa capa nova: *Pallium suum novum*, diz o Texto. Para que não cuideis, que he malicia reparar na novidade das capas, o mesmo Espirito Santo Author das Escrituras, repara nestas novidades. Emfim Ahias tirou a sua capa nova dos hombros, puxou logo de hũas tisouras, cortou hũa vez, cortou outra, atè onze vezes, com que ficou a capa dividida em doze partes: & disse, que do mesmo modo se dividiria o Reyno de Salamaõ em doze Tribus, dos quaes os dez serião de

Jeroboam: *Ecce ego scindam Regnum de manu Salomonis, & dabo tibi decem Tribus.* Assim õ disse o Profeta, & assim foi, porque o Reyno dos doze Tribus se dividio em Reyno de Israel, & Reyno de Judà. Mas vamos à capa. De maneira que Ahias antes da divisaõ dos Reynos tinha a sua capa muito nova, & muito sãa, depois que os Reynos se dividiraõ anda com a capa feita em retalhos. Oh quantos vemos vestidos hoje com o aveço da capa de Ahias! antes da divisaõ dos Reynos traziaõ a capa em retalhos, depois que os Reynos se dividiraõ, trazem hũa capa muito nova, & muito sãa. Pois por certo, que esta era a occasiaõ, em que as capas se haviaõ de fazer em retalhos: hum retalho para cobrir o soldado, que anda despido; outro retalho para vestir o orfaõ, cujo pay morreo pelejando na campanha; outro retalho para fazer hũa mantilha à viuva, que por

zelo da patria chegou a tirar o manto, por não faltar à decima. Que diz agora Elias? *Quid dicis de te ipso?* Cortastes algũ dia algum retalho da vossa capa? Tirastes algum fio della? Calçar. Eis ahi os vossos zelos. Mas vamos aos nossos.

94 Já eu me contentára com que os nossos zelosos, ou zeladores fossem como Elias. Todos dizem, daremos as capas, mas o menos avarento he o que guarda só a sua. Quando Elias se partio para o outro mundo, não teve de que testar mais, que da sua capa, que deixou a Eliseo. Se Deos hoje quizesse levar para o Paraíso-terreal alguns dos valentes Elias do nosso Carmelo, para depois pejearem com o Ante-Christo; eu vos prometo, que se quizessem fazer bem, & verdadeiramente seu testamento, que haviaõ de testar de ameta-de das capas do lugar. E entao muito comidos, & muito carcomidos do zelo: *Zelus domus tuæ come-*

Pal. 68  
10.

*dit me!* Vòs estareis comidos do zelo, mas estais muito bem comidos. Ha huns a quem o zelo come, & ha outros, que comem do zelo. E por onde se haõ de conhecer huns, & outros? Tomandolhe as medidas pela cintura. Se o zelo vos come a vòs, a vossa sustancia convertese em zelo; & se vòs comeis do zelo, o vosso zelo convertesevos em sustancia. Oh quantos zelosos ha, que todo o seu zelo se lhe converte em sustancia! Tomemse as medidas, como dizia Roboam; & acharseha, que sois mais grosso hoje pelo dedo meminho, do que ereis antigamente pela cintura. Bom proveito vos faça o zelo, que tao bem se vòs logra: final he que o comeis vòs a elle, & não elle a vòs. Mas, ou o vosso zelo coma, ou jejue (que me não quero meter nisso,) ao menos venhamos a hum partido. Se o zelo não ha de comer, jejue em todos, & se ha de comer, coma de todos: seja



feja o voffo zelo com voffo, & com os voffos, como com os demais, & não haverà quem fe queixe del-le.

95. Zelofo Elias contra os peccados do povo, chegou a tal extremo, que diffè estas palavras: *Vivit Dominus, in cujus conspectu fto, fierit ros, aut pluvia.* Vive Deos, em cuja presença estou, que nam ha de chover do Ceo, nem cair hũa gota de orvalho sobre esta mã terra. Assim o jurou Elias, & assim o comprio, porque tres annos inteiros estiveram os Ceos como se fossẽm de bronze, sem os abrandarem, nem os clamores dos homens, nem os balídos, & mugidos dos animais innocentes, que pastavaõ pelos campos, & pereciaõ de fède. Secáraõ se as fontes, secáraõ se os rios, & atè as lagrimas se secáraõ: sendo circumstancia cruel de calamidade, não poderem chorar o mal os mesmos que o padeciaõ. Tudo isto via Elias podendo-o reme-

diar facilmente; porque Deos lhe entregára na mãõ as chaves das nuvens; mas hia o rigor por diante. Tudo estava seco, mas as entranhas de Elias mais que tudo. Que se portasse com este rigor hum Profeta; não me espanto; que a quẽ conhece bem a graveza dos peccados, todo o castigo, que não he o eterno, lhe parece muito pouco. O que me espanta he, que soffressẽm os homens a Elias. He possivel, que se ha de estar abrazando o mundo, & que tenha Elias em sua mãõ o remedio, & que o não queira dar! He possivel, que se esteja abrazando o mundo, & que nam querendo Elias dar o remedio, que tem em sua mãõ, que sofraõ os homẽs a Elias? Sim: Sabeis porque o soffriaõ? Porque ainda que Elias tinha as chaves, tanto fechava as fontes para sy, como para os demais. Os outros estavaõ necessitados, & Elias andava mendigando; os outros estavaõ a pòto de morrer,

& Elias

& Elias vivia de milagre ; os outros secavaõse à sede, & Elias abrazava-se, & mirrava-se. Isto sim, que he ser zeloso. Mas que na vossa casa corraõ as fontes , & que nas outras se sequeem ! Que sobre as vossas seáras chovão as nuvens a rios, & que sobre as outras fira o Sol a rayos ! Isto não he zelo. Se o tempo pede que haja Sol, sequem-se todos: *Qui solem suum oriri facit super bonos, & malos.* E se he razaõ que haja chuva, molhem-se todos: *Qui pluit super justos, & injustos.* E se o mesmo zelo dictar , q̄ entre os máos, & bons, entre os justos, & os injustos haja differença ; haja differença, mas seja qual convenem : o mal carregue para os máos, mas seja para todos os máos : & o bem incline para os bons, mas seja para todos os bons. Esta he a cõdição do verdadeiro zelo. *Dura sicut infernus emulatio* : diz o Espirito Santo : que o zelo he como o Inferno. Notavel cõparação ! O zelo hũa virtu-

Matth.  
5.45.

Cant. 8.  
6.

de tanto do Ceo ha de cõparar-se ao Inferno ? Sim : não conheceis as virtudes do Inferno. Sabeis porque se compára o zelo ao Inferno ? Porque o Inferno he hum fogo, que a nenhũ bom offende, & a nenhum máo perdoa. Mas o fogo do vosso zelo não he assim : entre os máos, té seus predestinados, a quem não toca , & entre os bons tem seus precitos, a quem abraza. Oh rigor mais que infernal ! Não vos digo já , que sejais como os Santos do Paraíso : ao menos nam fereis como o fogo do Inferno ? E entao muito prefados de Elias ! quando muito tereis a sua capa. Elias foyse para o Ceo , & deixou a Eliseo a sua capa. O zelo foyse, & ficou a capa do zelo. E quantas maldades se cometem debaixo desta honrada capa !

96 Levou Deos hum dia em espirito ao Profeta t zechiel a Hierusa. em ; & o que vio o Profeta foi hũa parede , ou fachada, em que estava hum idolo do zelo;

zelo: *Et ecce idolum zeli in ipso introitu.* Cuidas tu Ezechiel, diz Deos, que não ha aqui mais, que o q apparece; ora rompe effa parede, & verás. Rompeo a parede Ezechiel, entrou, & vio húa casa, em que estavao pintadas pelas paredes cobras, lagartos, basiliscos, serpentes, & outros monstros horriveis, & no meyo setenta homens de cans, que com turibulos na maõ os incensavaõ: *Et septuaginta viri de senioribus domus Israel, stantium antepicturas, & unusquisque habebat, thuribulum in manu sua.* Adiãte, diz Deos a Ezechiel. Passa Ezechiel outra parede: *Et ecce sedebant mulieres plangentes Adonidem.* & vio muitas mulheres affentadas, que estavao chorãdo por Adonis. Sabída he a fabula, ou a historia de Adonis, & as gentilidades, que nasceraõ de sua gentileza: & por este estavao chorando vestidas de luto, & desgrenhadas. Por diante, Ezechiel, diz Deos terceira vez. Pas-

sa Ezechiel a terceira parede: *Et ecce quasi viginti quinque viri dorso habentes contra templum Domini:* & vio vinte & cinco homens, que estavao com as costas viradas para o Templo do Senhor: *Et facies ad Orientem, & adorabant ad ortum solis:* E todos estavao com os olhos postos no Oriente, & com os joelhos em terra adorando ao Sol, que nascia. Eis aqui o que Deos mostrou a Ezechiel, & o que passa no mundo, ainda que se não veja. Se olhares aos homens para as primeiras paredes, nam vereis mais, que hum idolo do zelo: taõ zelosos, & taõ zeladores, que parecem huns idolatras do zelo: mas detras deffã parede do zelo, que he o que se faz? Huns estaõ chorando por Adonis: outros estaõ adorando o Sol, que nasce: outros estaõ incensando Altares prohibidos; & muitos ainda mal com as costas viradas para o Templo de Deos. Por fóra nam ha mais que zelo: mas dentro

Ibidem 7

Ezech.  
3.5.Ezech.  
8.11.4

tro

tro ha cobras, & lagartos; ha basiliscos, & serpentes; ha monstros, & monstruosidades; ha coufas, que estaõ fechadas a tres paredes. Elias por fóra, idolatrias por dentro. Se ouvesse quem rompesse paredes, ó quantas coufas havia de ver o mundo! Este he o zelo, estes saõ os zelosos, estes saõ os Elias: *Elias es tu.*

## §. VI.

97 **O**Uvida a reposta do Bautista, que naõ era Elias, instaráõ terceira vez os Embaixadores, & perguntaráõ: *Propheta es tu?* Já que não sois Elias, ao menos sois Profeta? A esta pergunta respondeo o Bautista ainda mais fecca, & mais abreviadamente: *Non*: Naõ. Já sabeis, que havemos de fazer a mesma pergunta na nossa terra. *Propheta es tu? quid dicis de te ipso?* Vós, que tantas coufas dizeis de vós, sois tambem Profeta? *Propheta, & plusquam Propheta.* Os

Ioann.  
1. 21.

vossos discursos saõ vaticinios: as vossas proposições saõ revelações: os vossos dictames saõ profecias: os vossos futuros naõ tem contingencia: o que succede depois he tudo o que dissestes antes: tendes intelligencias na secretaria do Espirito Santo: naõ se decreta la coufa, que se naõ registte primeiro com vosco. Basta isto? Ainda tendes mais. Se se tratam materias de estado, sois hú Profeta Daniel: se se tratãõ materias de guerra, sois hum Profeta Isaias: se se tratãõ materias de mar, sois hum Profeta Jonas: se se tratãõ materias Ecclesiasticas, sois hum Profeta Ezechiel: se fazeis advertencias aos Reys, sois hum Profeta Nathan: se chorais as calamidades do povo, sois hum Profeta Jeremias: se pedís socorros ao Ceo, sois hum Profeta Baruc: & se tendes algum interessẽ, como tendes muitos, sois hum Profeta Balam. Muitas graças sejam dadas a Deos, que nos deo

tang

tântos Profetas na nossa idade. Não debalde estão pronosticadas tantas felicidades ao nosso Reyno. Não poderá elle deixar de ser muito glorioso, tendo dentro em sy tantos, & taes Profetas. Christo Senhor nosso nasceu entre dous animais, morreu entre dous ladroens, & transfigurou-se entre dous Profetas: entre dous animais esteve pobre; entre dous ladroens esteve crucificado; entre dous Profetas esteve glorioso. Tenhaõ os Reys, Profetas ao lado; & elles terão seguras as suas glorias. Mas que Profetas? Moyses, & Elias: hũ morto, outro vivo, mas ambos do outro mundo. Ora já que importa tâto ao Reyno o ter Profetas; examinemos o *Propheta es tu*, & vejamos por onde se haõ de conhecer os verdadeiros Profetas.

98 Primeiramente advirto, que os Profetas não se haõ de conhecer, nem avaliar pelo numero. Ainda que sejão mais os que

dizem hũa cousa, nem por isso se haõ de ter por Profetas. Ouvei hũa grande historia do terceiro livro dos Reys. Havêdo tres annos, que El Rey Acab estava em paz com todas as naçoens visinhas, entrou em pensamento se iria fazer guerra a El Rey de Siria, o qual lhe tinha tomado a Cidade, & terras de Ramoth Galaad. Para isto chamou Conselho de Profetas, & diz o Texto sagrado, que se ajuntarão quatrocentos Profetas: *Congregavit Rex Israel Prophetas, quadringetos circiter viros.* A proposta foi esta: *Ire debeo in Ramoth Galaad ad bellandum, an quietescere?* Devo ir fazer guerra a Ramoth Galaad, ou aquietarme? E a razão da proposta era: *An ignoratis quòd nostra sit Ramoth Galaad, & negligimus tollere eam de manu Regis Syriae?* Que as terras de Ramoth erão daquella Coroa, & que parecia negligencia não as recuperaré da mão dos Sirios. Ouvida

3. Reg  
226.

[bid. 3]

da a proposta, & a razão della, responderão todos os Profetas a hũa voz, que se fizesse a guerra, q̄ Deos daria a Sua Magestade victoria: *Ascende, & dabit eam Dominus in manu tua.*

Ibid. 6.

Com este bom anuncio dos Profetas resolveo Acab de fazer a guerra; mas para entrar nella com vantagem, pedio a ElRey Josaphat seu confederado, que o quizesse ajudar na empresa. Disse Josaphat, que sim: mas que se ouvesse algum Profeta do Senhor, folgaria que o consultassem tambem. Resolveo Acab, que alli havia hum Micheas, homem, a qué elle aborrecia muito, porque sempre lhe fallava contra o gosto, & nunca lhe profetizára bem:

Ibid. 8.

*Remansit vir unus, sed ego odi eum, quia non prophetat mihi bonum, sed malum.* Levouse logo recado a Micheas, que viesse, & diz o Texto, que o que deo o recado disse a Micheas, que supposto que ElRey tinha quatroçéto Profetas, que

lhe aconselhavao a guerra, que fosse elle tambem da mesma opiniao, & que fallasse ao gosto: *Sit sermo tuus similis eorum, & loquere bona.* Que responderia Micheas? O que deve fazer em semelhantes casos todo homem de bem: *Vivit Dominus, quia quodcumque mihi dixerit Dominus, hoc loquar.* Vive Deos, que não hey de dizer outra coufa, senam o que o mesmo Deos me inspirar, & o que entender em minha consciencia.

Ibid. 13.  
14

99 Finalmente chegou Micheas à presença dos Reys: propozselhe o caso: respondeo, q̄ se nam fizesse a guerra, porque se havia de perder o Rey, & o exercito. Notavel encontro de Profetas! Que vos parece, que devia fazer Acab neste caso, por hũa parte quatroçentos Profetas, que aconselhavao, que fizesse a guerra, & por outra hum Profeta, dizendo que a não fizesse? Resolveo ElRey Acab o que eu lhe aconselhára nas circun-  
stancias

stancias presentes, ainda que fora da opiniaõ de Micheas. Mandou, que se fizesse a guerra; & isto por tres razoes. Primeira, porque havia muitos annos, que estava em paz com todos os Principes visinhos: & quando as armas estaõ desembaraçadas, & ociosas, he bem que se empreguem nas gloriosas empresas. Segunda, porque as terras de Ramoth Galaad pertenciaõ à sua Coroa: & as terras da Coroa haõ de fazer os Reys o possivel, & o impossivel, porque naõ estejaõ em mãos de inimigos. Cada torraõ das terras conquistadas, se se espremer, ha de deitar muito sangue de vassallos, & o que custou este preço, naõ se ha de dar por nenhum preço. Terceira, & principal razãõ, porque ainda que as razoes de Micheas fossem boas, estavaõ pela outra parte quatrocetos Profetas, a quem parecia o contrario: & nas materias publicas he bem, que se con-

formem os Reys, quanto puder ser, com o sentimento cõmum. Sõ por esta ultima razãõ ( quando nam ouvera outras ) aconselhãra eu a Acab, que nas circunstancias presentes fizesse a guerra: & isto ainda depois de ouvir a Micheas, em cujo parecer naõ avia risco; porque os dictames praticos devem se mudar todas as vezes, que se mudaõ as circunstancias. O Medico, conforme os preceitos da arte, manda que se corte o braço encancerado, porque se salve o corpo; mas se o enfermo repugna, & nam se acõmoda, tem a medicina outro dictame pratico, eõ que manda aplicar remedios menos violentos, ainda que sejaõ menos seguros. Conforme a este dictame seguiu El Rey Acab o parecer dos quatrocentos Profetas, resolveo que se fizesse a guerra: tocaõse as trombetas, marcha o exercito, dáse a batalha sobre Ramoth: mas a poucas horas de peleja ficou o exer-

exercito desbaratado, & Acab perdido. Notavel caso! Vede como são diversos os successos, & os juizos humanos; & a differença que vai de Profetas a Profetas. De hũa parte estavao quatrocentos Profetas, da outra parte estava hum só Profeta: o Rey inclinou para a parte, onde estavao quatrocentos, & o successo cahio para a parte, onde estava hũ. Por isso digo, que as profecias não se haõ de julgar pelo numero. As profecias chamãose na Escritura peso: *Onus Ninive, Onus Assyriae, Onus Egypti*. Peso de Ninive, quer dizer, profecia de Ninive; peso de Assiria, quer dizer, profecia de Assiria; peso de Egypto, quer dizer, profecia de Egypto. Os Profetas haõse de pesar, não se haõ de contar. Os quatrocentos Profetas contados eraõ mais que Micheas, Micheas pesado era mais que os quatrocentos.

## §. VII.

100. **S**upposto pois q̃  
 Os Profetas se não haõ de conhecer pelo numero, por onde se haõ de conhecer? Por tres causas: pelos olhos; pelo coração; & pelos successos. Conhecemse os verdadeiros Profetas pelos olhos, porque o ver he o fundamento do profetizar. Os Profetas na Escritura chamãose *Videntes*: os que vem. Sõ os que vem são Profetas. Assim como a mais nobre profecia sobrenatural consiste na visãõ: assim a mais certa profecia natural consiste na visãõ. Sõ quem vio pôde profetizar naturalmente, com certeza. E a razão he muito clara. A profecia humana consiste no verdadeiro discurso; o discurso verdadeiro não se pôde fazer sem todas as noticias; & todas as noticias só as pôde ter quem vio com os olhos. Nenhũa cousa ouve mais assentada na antiguidade,



dade, que ser inhabitavel a Zona torrida: & as razões, com que os Filósofos o provavaõ, erãõ ao parecer tão evidentes, que ningué havia, que o negasse. Descobrirãõ finalmente os Pilotos, & marinheiros Portuguezes as costas da Africa, & da America, & souberãõ mais; & filosofãrãõ melhor sobre hum só dia de visita, que todos os Sabios, & Filósofos do mundo em cinco mil annos de especulação. Os discursos de quem não vio, sãõ discursos: os dictames de quem vio, sãõ profecias.

101. O outro sinal da profecia he o coração; porque conforme cada hum tem o coração; assim profetiza. Os antigos quando querião pronosticar o futuro, sacrificavãõ os animais, consultavãõolhe as entranhas, & conforme o que viãõ nellas, assim pronosticavaõ. Não consultavãõ a cabeça; que he o assento do entendimento; senãõ as entranhas, que he o lugar do amor; porque

Tom. 7.

naõ pronostica melhor quem melhor entende, senãõ quem mais ama. E este costume era geral em toda Europa antes da vinda de Christo, & os Portuguezes tinhãõ hũa grande singularidade nelle entre os outros gentios. Os outros consultavãõ as entranhas dos animais, os Portuguezes consultavãõ as entranhas dos homens. Assim o diz Strabo no livro terceiro: *Lusitanis vetus mos erat ex intestinis hominum exta*

Strab.  
lib. 3.

*prospicere, atque inde omina, & divinationes captare.* Era costume dos antigos Portuguezes (diz Strabo) consultar as entranhas dos homens, que sacrificavãõ, & dellas conjeituar, & adivinhar os futuros. A superstição era falsa, mas a allegoria era muito verdadeira. Não ha lume de profecia mais certo no mundo, que consultar as entranhas dos homens. E de que homens? De todos? Não: Dos sacrificados. As entranhas dos sacrificados eraõ as que consultavaõ os

H an.

antigos : primeiro faziam o sacrificio, então consultavaõ as entranhas. Se que- reis profetizar os futuros, consultai as entranhas dos homens sacrificados : con- sultemse as entranhas dos que se sacrificárão , & dos que se sacrificão ; & o que ellas differem, isso se tenha por profecia. Porém con- sultar entranhas de quem não se sacrificou, nem se fa- crifica, nem se ha de sacri- ficar ; he não querer profe- cias verdadeiras : he que- rer cegar o presente, & não acertar o futuro.

102 O ultimo final de conhecer os Profetas, são os successos. No Deutero- nomio prometeo Deos a seu Povo , que lhe daria Profetas ; & o final que lhe deo para os conhecer, foi só este : *Hoc vobis signum : quod Propheta prædixerit , & non evenerit , hoc Domi- nus non est locutus*: Quando duvidares de algum se he Profeta, ou não , observa- reis esta regra : Se o que elle disser antes , succeder depois, tende-o por verda-

deiro Profeta : mas se o que elle disser não succeder, tende-o por Profeta falso. Não póde haver fi- nal, nem mais facil , nem mais certo. Sabeis a quaes haveis de ter por Profetas? Sabeis de quaes haveis de cuidar, que acertaráõ com os futuros ? aquelles de quem tiveres experiencia, que tudo, ou quasi tudo, o que disserão antes, veyo a succeder depois. Este di- ctame seguio. Farão com Joseph , Nabucodonosor com Daniel , & todos os Principes prudentes com seus conselheiros. Mas as- sim como ha Profetas de antes, assim ha Profetas de depois. Ha muitos mui prezados de Profetas, que depois de acontecerem os máos successos, então pro- fetizão pelo arrependi- mento, o que fora melhor ter profetizado antes pelo discurso. Este foi hum dos tormentos da Payxão de Christo. Atáraõ a Christo hum pano pelos olhos, da- vaõlhe com as mãos fa- crilegas na sagrada cabe- ça,

Matth.  
26.68.

ça, & diziaõ por escarneo, que profetizasse quem lhe dera : *Prophetiza nobis Christe, quis est qui te percussit.* Profetizar depois de levar na cabeça, he profecia de quem tem os olhos tapados : he escarneo da Payxão de Christo. Não haveis de profetizar quem vos deo; senão quem vos pôde dar; porque he melhor reparar os golpes, que curalos : & se o successo mostrar, que a profecia foi certa, a quem a disser tendeo por Profeta: *Propheta es tu.*

§. VIII. *ase sup*

103 **C**ançados finalmente os Embaixadores de lhes responder o Bautista, que não era Messias, nem Elias, nem Profeta; pediraõlhe finalmente, que pois elles nam acertavaõ a perguntar, lhes dissesse elle quem era. A esta instancia não pode deixar de deferir o Bautista. E que vos parece, que responderia? *Ego sum vox*

Joan. 1.  
23.

*clamantis in deserto* : Eu fou húa voz, que clama no deserto. Verdadeiramente não entendo esta resposta. Se os Embaixadores perguntáraõ, ao Bautista o que fazia, então estava bem respondido, com a voz, que clamava no deserto; porque o que o Bautista fazia no deserto, era dar vozes, & clamar: mas se os Embaixadores perguntavão ao Bautista que era, como lhe responde elle o que fazia? Respondeo discretissimamente. Quando lhe perguntavaõ quem era, respondeo o que fazia; porque cada hum he o que faz, & não he outra cousa. As cousas definemse pela essencia: o Bautista definiõse pelas açcoens: porque as açcoens de cada hum são a sua essencia. Definiose pelo que fazia, para declarar o que era.

104. Daqui se entenderà húa grande duvida, que deixámos atras de poderar. O Bautista perguntado se era Elias, respondeo, que não era Elias: *Non*

H ij *sum*

Matth.  
111.

sum. E Christo no Capitulo onze de S. Matheos disse, que o Bautista era Elias: *Joannes Baptista ipse est Elias*. Pois se Christo diz, que o Bautista era Elias, como diz o mesmo Bautista, que não era Elias? Né o Bautista podia enganar, nem Christo podia enganar-se: como se hão de concordar logo estes Textos? Muito facilmente. O Bautista era Elias, & não era Elias: não era Elias, porque as pessoas de Elias, & do Bautista erão diversas: era Elias, porque as acçoens de Elias, & do Bautista erão as mesmas. A modestia do Bautista disse, que não era Elias, pela diversidade das pessoas: a verdade de Christo affirmou, que era Elias, pela uniformidade das acçoés. Era Elias, porque fazia acçoens de Elias. Quem faz acçoens de Elias, he Elias: quem fizer acçoens de Bautista, serà Bautista: & quem as fizer de Judas, serà Judas. Cada hum he as suas acçoens, & nam he

outra cousa. Oh que grande doutrina esta para o lugar em que estamos! Quando vos perguntarem quem sois, não vades revolver o nobiliario de vossos avós, ide ver a matricola de vossas acçoens. O que fazeis, isso sois, & nada mais. Quando ao Bautista lhe perguntáraó quem era, não disse que se chamava João, nem que era filho de Zacharias: não se definiu pelos pays, nem pelo apelido. Só de suas acçoens formou a sua definição: *Ego vox clamantis*.

105 Muito tempo ha, que tenho dous escandalos contra a nossa Gramatica Portugueza nos vocabulos do nobiliario. A Fidalguia chamãolhe calidade, & chamãolhe sangue. A calidade he hum dos dez predicamentos, a que reduziraó todas as cousas os Filozofos. O sangue he hú dos quatro humores, de que se compoem o temperamento do corpo humano. Digo pois, que a chamada fidalguia nam he só-  
nien-

mente calidade, nem sómente sangue; mas he de todos os dez predicamentos, & de todos os quatro humores. Ha fidalguia, que he sangue, & por isso ha tantos sanguinolentos: ha fidalguia, que he malencolia, & por isso ha tantos descontentes: ha fidalguia, que he colera, & por isso ha tantos mal fofridos, & infofrivéis: & ha fidalguia, que he fleima, & por isso ha tantos que prestaõ para taõ pouco. De maneira, que os que adocem de fidalguia, naõ só lhe pecca a enfermidade no sangue, senaõ em todos os quatro humores. O mesmo passa nos dez predicamentos. Ha fidalguia, que he sustancia; porque algũs naõ tem mais sustancia, que a sua fidalguia: ha fidalguia, que he quantidade; saõ fidalgos, porque tem muito de seu: ha fidalguia, que he qualidade; porque muitos naõ se põde negar, saõ muito qualificados: ha fidalguia, que he relação; saõ fidalgos por

Tom. 7.

certos respeitos: ha fidalguia, que he paixãõ; saõ apaixonados de fidalguia: ha fidalguia, que he *ubi*; saõ fidalgos, porque occupãõ grandes lugares: ha fidalguia, que he fitio; & desta casta he a dos Titulos, que estãõ assentados; & os outros em pè: ha fidalguia, que he habito; saõ fidalgos, porque andaõ mais bem vestidos: ha fidalguia, que he duraçãõ; fidalgos por antiguidade. E qual destas he a verdadeira fidalguia? Nenhũa. A verdadeira fidalguia he Acção. Ao predicamento da acção he que pertence a verdadeira fidalguia. *Nam* Ulysses apud Ovidium Metam. *genus, & proavos, & quæ non fecimus ipsi, vix ea nostra voco*, disse o grande Fundador de Lisboa. As acçoens generosas, & nam os pays illustres, saõ os que fazem fidalgos. Cada hum he suas acçoens, & naõ he mais, nem menos, como o Bautista: *Ego vox clamantis in deserto.*

H iij §.IX.

## §. IX.

106 **D**Esta doutrina tão verdadeira, & desta ultima conclusão do Bautista, tiro dous documentos, com que acabo: hum politico, outro espiritual. Digo politicamente, que nas acçoens se háo de fundar as eleiçãoes: Digo espiritualmente, que nas acçoens se devem segurar as predestinaçoens. As eleiçãoes ordinariamente fundão se nas geraçoens, & por isso se acertaõ tão poucas vezes. Não nego, que a nobreza, quando está junta com talento, deve sempre preceder a tudo; mas como os talentos Deos he o que os dá, & não os pays; não se devem fundar as eleiçãoes nas geraçoens, senão nas acçoens. Este dictame he o verdadeiro em todo o tempo, & muito mais no presente. No tempo da paz pôde se soffrer, que se dem os lugares às geraçoens; mas no tempo da guerra, não se háo de dar senão às acçoens. Vio o

Profeta Ezechiel no primeiro Capitulo das suas revelaçoes aquelle carro mysterioso, porque tiravaõ quatro animais, Homem, Leão, Boy, & Aguia: no Capitulo decimo tornou a ver o mesmo carro com os mesmos animais, mas com a ordem trocada; porque na primeira visão tinha o primeiro lugar o Homem; na segunda visão tinha o primeiro lugar o Boy. Notavel mudança! Que o Homem na primeira visão se anteponha ao Leão, à Aguia, & ao Boy, muito justo; porque o fez Deos senhor de todos os animais: mas que o Boy, que foi criado para o trabalho, & para o arado, se anteponha a tres cabeças coroadas: ao Homem, Rey do mundo, ao Leão, Rey dos animais, à Aguia, Rainha das aves! Sim: a razão literal, & a melhor, que dão os Expositores, he esta. Na primeira visão estava o carro dentro do Templo; na segunda visão sahio o carro à campanha: *Egressa est gloria*

*ria Domini de limine Templi*: & quando o carro está quieto, dese embora o primeiro lugar a quem melhor he, mas quando o carro caminha, ha-se de dar o primeiro lugar a quem melhor puxa: & porque o Boy puxava melhor, que o Homem, por isso se deu o primeiro lugar ao Boy. Quando o carro estiver no templo da paz, dese embora os lugares a quem melhor for; mas em quanto o carro estiver na campanha, ha-se de dar os lugares a quem melhor puxar.

107 E assim como politicamente he bem, que nas acçoens se fundem as eleiçoens, assim espiritualmente digo, que nas acçoens se haõ de segurar as predestinaçoens. S. Pedro na Epistola segunda: *Fratres satagite, ut per bona opera certam vestram vocationem, & electionem faciatis*. Irmãos meus (diz S. Pedro) trabalhái có grande diligencia de fazer certa a vossa vocação, & predestinação por meyo das

vossas acçoens. Se perguntarem a hum homem: *Tu quis es?* Quanto ao temporal, em qualquer materia póde responder có certeza: se perguntarem a hũ homem: *Tu quis es?* Quanto ao espiritual, ninguem ha no mundo, que possa responder a esta pergunta. Cada hum. de nós espiritualmente he o que ha de fer: o que ha de fer cada hum, ninguem o sabe: & assim ninguem ha, que possa responder com certeza à pergunta: *Tu quis es?* A maior miseria, a maior perplexidade, a maior afflicção de espirito, que ha na vida humana, he saber hum homem, que ha de fer; ou eternamente ditoso, ou eternamente infelice, & naõ saber qual destas duas ha de fer: naõ saber hum homem se he precito, ou se he predestinado. A este maior de todos os cuidados, a esta maior de todas as perplexidades acode S. Pedro com o unico remedio, que ella póde ter: *Satagite, ut per vestra*

H iiii *bona*

*bona opera certam vestram electionem faciatis.* Se que-  
reis ter segurança de vossa  
predestinação, a maior q̄ se  
revelação se póde ter ne-  
sta vida; appellai para vos-  
sas acçoens, & vossas boas  
obras: fazei obras boas, &  
estai moralmente seguros,  
que sois predestinados.  
Este he o verdadeiro en-  
tendimento das palavras  
de S. Pedro: & assim as ex-  
plica S. Thomás, & todos  
os Theologos. Oh que fe-  
licidade tão grande, que  
tenhamos nas nossas obras  
hum seguro de nossa pre-  
destinação! Na outra vida  
hanos de pagar Deos as  
boas obras com a posse da  
gloria: nesta vida já nõ las  
começa a pagar com a se-  
gurança della. Ora Chri-  
stãos, já que nas nossas ac-

çoens, já que nas nossas  
obras está depositado hum  
thesouro tão grande, não o  
percamos. *Satagite*, traba-  
lhemos por segurar nossa  
predestinação. Aplique-  
monos muito de veras à  
observancia dos preceitos  
divinos: rompamos por  
tudo o que nos póde ser es-  
torvo, & impedimento:  
conheçamonos, & conhe-  
çamos o mundo, & seus  
enganos: quebrems com  
hũa grande resolução os  
laços, & as cadeas, que nos  
detem, quaesquer que se-  
jão: convertamonos de  
todo coração a Deos: dis-  
ponhamos com todas as  
forças para receber sua  
graça, & seguremos para  
sempre o premio da Glo-  
ria.





# SERMAM


DA QUARTA DOMINGA

DO

# ADVENTO.

*Factum est verbum Domini super Joannem, & venit in omnem regionem Jordanis, predicans baptismum penitentiae in remissionem peccatorum. Luc. 3.*

§. I.

108  Em que eu odiga está dito por sy mesmo, que avemos de ter hoje o quarto juizo. No primeiro Sermão vimos o juizo de Deos para com os homens; no segundo vimos o juizo dos homens huns para com os outros: no terceiro vimos o juizo

de cada hum para comfigo mesmo. Mas qual será o quarto, & ultimo juizo, que nos resta hoje para ver? Nem he juizo de sy mesmo, nem he juizo dos homens, nem he juizo de Deos: he o juizo destes tres juizos. Todos os tres juizos, que vimos, vem hoje chamados a juizo. Levanta neste Evangelho o Bautista o tribunal supremo

mo da Penitencia: *Prædicans baptismum penitentia in remissionem peccatorum*: & affenta-o com grande propriedade, & misterio nas ribeiras do Jordaó: *In omnem regionem Iordanis*; porque Jordaó quer dizer: *Fluvius Iudicij*: o Rio do Juizo. A verſe nas aguas deſte rio, a preſentarſe diante deſte tribunal vem hoje os tres juizos, cada hum por ſuas cauſas. O juizo de ſy meſmo vem por ſoſpeição; porque o damos por ſoſpeito: o juizo dos homens vem por aggravado; porque aggravamos delle: o juizo de Deos vem por appellação; porque appellamos de Deos para a noſſa penitencia. Todos eſtes juizos haó de ſer julgados hoje, & eſpero, que haó de ſair bem julgados; porque debaixo do juizo da Penitencia, o juizo de ſy meſmo emendaſe; o juizo dos homẽs deſprezaſe; o juizo de Deos revogaſe. Aſſim que o juizo de ſy meſmo emenda-do: o juizo dos homens

deſprezado: o juizo de Deos revogado: he o que avemos de ver hoje.

109 Tenho propoſto (catholico, & nobiliſſimo Auditorio) a materia deſte ultimo Sermão. E ſe nos paſſados mereci algũa couſa a voſſos entendimẽtos (*quod ſentia quàm fit exiguum*) quizera que mo pagaffeſſem hoje voſſos coraçõens. Aos coraçõens determino prègar hoje; & naó aos entendimentos. Chriſto ſoberano exemplar dos que prègaõ ſua palavra, comparou os Prègadores aos que lavraó, & ſemeaó: *Exijt qui ſeminat* Luc. 8.  
*ſeminare: ſemen eſt verbum* ſ.  
*Dei.* O ultimo Sermão he *ibid. 11.*  
o Agoſto dos Prègadores: ſe ſe colhe algum fruto, neſte Sermão ſe colhe. Mas quando eu vejo, que hoje nos torna a repetir o Bautiſta, que clamava em *Luc. 3:*  
*deſerto: Vox clamantis in*  
*deſerto*; que conſiança pôde ficar a qualquer outro Prègador, que naó deſmaye: ou que palavras pôdem ſer taó fortes, & effi-  
cazes

cazes às suas, que antes de as pronunciar a voz, nam emmudeção? Lembrame porèm, que para Christo converter hum homem, que o tinha negado tres vezes, porque se dignou de lhe por os olhos, bastou a voz irracional, & nocturna de hũa Ave, cujas azas apenas a levantaõ da terra, para o restituir outra vez ao caminho do Ceo. Tanto pode hum *respexit* dos olhos divinos. Assim he, Senhor, assim he. E posto que este indigno ministro de vossa palavra seja taõ desproporcionado instrumento para obra taõ grande: se os olhos de vossa piedade, & clemencia se puzerem nos que me ouvem, & hum rayo de vossa vista lhes ferir as almas; naõ defespero, antes confio de vossa graça, que as soberanas influencias de sua luz faráo o que pòdem, & o que costumáo. *Qui respicit terram, & facit eam tremere*: olhai vòs, Senhor, que ainda que sejamos de terra insensível, & dura, nõs tre-

meremos de vos offender.

*Aspexit, & dissolvit gentes*: Hab. 3.<sup>o</sup> olhai vòs, Senhor, que ainda que fossomos gentios sem fé, & não Christãos, os nossos coraçoes se faráo de cera, & se derrete-ráo. Neste dia pois, em que nos naõ resta outro, acendei a frieza de minhas palavras, & allumiai as trevas de nossos entendimentos, de sorte, que resolutamente desenganados, façamos hoje hum inteiro, & perfeito juizo, de vòs, de nõs, & do mundo: de vòs, para que vos conheçamos, & vos amemos: de nõs, para que nos conheçamos, & nos humilhemos: do mundo, para que o conheçamos, & o desprezemos.

## §. II.

110

**O**Ra venhaõ entrando os tres juizos, para serem examinados, & julgados no tribunal da Penitencia: o juizo de sy mesmo, para que se emende, o juizo dos homens, para que se despreze.

preze, o juizo de Deos, para que se revogue : & comecemos pelo que nos fica mais perto.

Nó tribunal dos Areopagitas em Athenas costumavaõ entrar os reos com os rostos cubertos. Assim entra, & se presenta diante do tribunal da Penitencia, o juizo de sy mesmo. Entra com os olhos tapados, porque não ha juizo mais cego. A cegueira do juizo, & amor proprio he muito maior, que a cegueira dos olhos: a cegueira dos olhos faz que não vejamos as cousas, a cegueira do amor proprio faz que as vejamos differétes do que são: que he muito maior cegueira. Trouxeraõ hum cego a Christo, para que o curasse: pozlhe o Senhor as mãos nos olhos, & perguntoulhe se via? Respondeo: *Video homines velut arbores ambulantes*, que via andar os homens como arvores. Pergunto, & quando estava este homé mais cego, agora, ou antes? Agora não ha duvida, que ti-

Marc 8.  
24.

ha algũa vista; mas esta vista era maior cegueira, que a que dantes tinha; porque dantes não via nada, agora via hũa cousa por outra, homens por arvores: & maior cegueira he ver hũa cousa por outra, que não ver nada. Não ver nada he privaçaõ, ver hũa cousa por outra he erro. Eis aqui porque sempre erra o juizo proprio: eis aqui porque nunca acabamos de nos conhecer. Porque olhamos para nós com os olhos de hum mais cego que os cegos, com huõs olhos que sempre vem hũa cousa por outra, & as pequenas lhe parecem grandes. Somos pouco maiores que as ervas, & fingimõnos taõ grandes como as arvores: somos a cousa mais inconstante do mundo, & cuidamos, que temos raizes: se o inverno nos tirou as folhas, imaginamos que nolhas ha de tornar a dar o veraõ, que sempre avemos de florecer, que avemos de durar para sempre. Isto somos, & isto cuidamos. E que

III E que faz a penitencia para emendar este juizo taõ sem juizo? Que faz a penitencia para allumiar este cego taõ cego? Duas coufas. Tiralhe o veo dos olhos; & metelhe hum espelho na maõ. Tiralhe o veo dos olhos, como pedia o peccador a Deos: *Revela oculos meos*: metelhe hũ espelho na maõ, como dizia Deos ao peccador: *Statuam te contra faciem tuam*. Por voshei a vòs diante de vòs. Nenhũa coufa trazemos os homens mais esquecida, & desconhecida, nenhũa trazemos mais detras de nòs, que a nòs mesmos. E que faz o juizo da penitência? Poem-nos a nòs diante de nòs: *Statuam te contra faciem tuam*. Poem-nos a nòs diante de nòs, como a reos diante do tribunal, para que nos julgemos: poem-nos a nòs diante de nòs, como objecto diante do espelho, para que nos vejamos. Coufa difficultosa he, que homẽs taõ derramados nas coufas exteriores, cheguem a se

ver interiormente, como convem. Mas isso faz a penitencia por hum de dous modos, ambos maravilhosos: ou voltandonos os olhos de fóra para dentro, para que nos vejaõ; ou virandonos a nòs mesmos dentro para fóra, para que nos vejamos.

112 Quando Deos quiz converter aquelle taõ desvanecido Rey Nabucodonosor, para que se descesse de seus soberbissimos pensamentos, & conhecesse o que era; o primeiro passo por onde o encaminhou à penitencia, foi transformalo em bruto. Sobre o modo desta transformação ha variedade de pareceres entre os Doutores: huns dizem, que foi imaginaria, outros, que foi verdadeira: & posto que este segúdo modo he mais conforme ao Texto; de ambos podia ser. Se foi trãformação imaginaria, voltou Nabucodonosor os olhos para dentro de sy mesmo, & vio taõ vivamente o que era, que desde aquel-

Pfal. n.  
118. 18.

Pfal. n.  
49. 21.

aquelle ponto se não teve mais por homem, senão por bruto, & como tal se tratava. Se foi transformação verdadeira, converter Deos em bruto à Nabucodonosor, não foi outra cousa, que virallo de dentro para fóra, para que mostrasse por fóra na figura o que era por dentro na vida. Oh quam outro se imaginava este grande Rey antes do que agora se via! Dantes não se contentava com ser homem, & imaginava-se Deos: agora conhecia que era muito menos que homem, porque se via bruto entre os brutos. Se voltarmos os olhos para dentro de nós, ou se Deos nos virára a nós mesmos de dentro para fóra, que differente conceito avia de fazer cada hum de sy, do que agora fazemos! Mas sigamos os passos deste novò monstro, & vellemos, & vernos-emos. Andou pascendo aquelle bruto racional o primeiro dia de sua transformação entre os animais : là pela

tarde teve sede : foy se chegando sobre quatro pès à margem de hum rio, & quando reconheceo no espelho das aguas a deformidade horrenda de sua figura, valhame Deos, que assombrado ficaria de sy mesmo! Provaria primeiro a fogir de sy; mas como se visse atado tão fortemente àquelle tronco bruto, remeteria a precipitar-se na corrente : & se Deos o não tivesse maõ, que o queria trazer por aquelles campos de Babilonia para exemplo eterno de soberbos, alli ficaria sepultado, primeiro em sua confusão, & depois na profundidade do rio. Que rio he este, senão o rio Jordaõ, *Fluvius Iudicij* : Rio do juizo ? E qué he este Nabucodonosor assim transformado, senão o peccador, bruto có razaõ, & sem uso della, que anda pascendo nos campos deste mundo entre os outros animais, mais animal que elles ? Sò húa differença ha entre nós, & Nabucodonosor, que elle quiz

quiz fogir de sy, & não pode, nós ainda podemos, se quizermos. Chega emfim o peccador a verse nas aguas deste rio, espelhos naturaes, & sem adulação: vê de repente o que nunca tinha visto: vêse a sy mesmo. Oh que affombro! He possível, que este sou eu? Tal fealdade, tal horror, tal brutesa, taes deformidades ha em mim? Sim: & muito maiores. Esse sois, & não o que vós cuidaveis. Vede se diz esse retrato com o que vós tinheis formado de vós mesmo no vosso pensamento; vede bem, & considerai muito devagar nesse espelho o rosto, & as feições interiores da vossa alma: vede bem esses olhos, que são as vossas intenções: esses cabellos, que são vossos pensamentos: essa boca, que são as vossas palavras: essas mãos, que são as vossas acções, & as vossas obras: vede bem se diz essa imagem com a que tendes na vossa idèa: vede se se parece o que vedes com

o que imaginaveis: vede se vos conheceis: vede se sois esse, ou outro: *Tu quis es?*

## §. III.

113 **S**Abeis porque andamos tão vangloriosos, & tão desvanecidos de nós mesmos? Porque trazemos os olhos por fóra, & a nós por dentro: porque não nos vemos. Se nós viramos interiormente como somos, se considerarmos bem a deformidade de nossos peccados; oh que diferente conceito aviamos formar de nós! Tão desvanecidos de illustres, tão desvanecidos de Senhores, tão desvanecidos de poderosos, tão desvanecidos de discretos, tão desvanecidos de gentis homens, tão desvanecidos de sabios, tão desvanecidos de valentes, tão desvanecidos de tudo: porque? Porque vos não védes por dentro. Dizeme vós, que hũa vez puzesseis bem os olhos em vossos

vossos peccados : oh como avieis de emendar todos estes epitetos ! Nenhum homem ouve no mundo, que mais se podesse prezar de sy, que David ; porque nelle ajuntou a natureza, a fortuna, & a graça, tudo o que repartio pelos grandes homens : & com tudo nenhum homem achareis mais humilde, nem menos prezado de sy mesmo , antes mais desprezador de sy, que David. E donde cuidais, que lhe vinha isto? *Peccatum meum contra me est semper*: estava David sempre olhando para seus peccados, & vendo-os, & vendo-se nelles. *Quasi peccatorum imagines contemplando* : comenta S. João Chrysostomo. Estava David contemplando os seus peccados, como se estiveira vendo, & considerandó as imagens, & retratos de suas acçoens. Não ha duvida, que muitas peças do Palacio de David pelo verraõ nas pinturas, pelo inverno nos tapizes estariaõ ornadas com as famosas

historias de suas façanhas. Não deõ tantã matéria às artes Hercules em seus trabalhos, como David em suas victorias. Mas não eraõ estas as vistas, em que se entretinha aquelle grãde Rey, nem estas as galarias, em que hia passear. Em contraposição daquellas pinturas (figamos assim a consideração de Chrysostomo) mandou fabricar David outra galaria, chamada de suas fraquezas, & nella pintar em diversos quadros, não as famosas, mas as lastimosas historias de seus peccados. Aqui vinha passear David: aqui tinha o bom Rey as suas meditaçoens. : & aqui alcançava a maior de todas suas victorias, que foi o conhecimento de sy mesmo.

114 *Quasi peccatorum imagines contemplando*: Vamos com David considerando peccados, & mudãdo epitetos. Punha os olhos David em hum quadro, via a historia de Bersabè, & dizia com sigo: He possi-

P'salm.  
50.5.

Chryf.  
ib.



possível, que me tenha o mundo por Profeta, & que não aútevisse eu, que de hũa vista se avia de seguir hum pensamento, de hum pensamento hum desejo, & de hum desejo hũa execução tão indigna de minha pessoa, & de meu estado! Não me chamem mais Profeta, chamem-me cego. He possível, que sou eu tido no mundo pelo valente da fama, & que bastou hũa mulher para me vencer, & para que eu deixasse a guerra, & não sahisse à campanha naquelle tempo; em que costumavaõ andar os Reys armados diante de seus exercitos: *Eo tempore, quo solent Reges ad bella procedere!* Não me chame ninguem valente, chamem-me fraco. Dava dous passos adiante David, punha os olhos noutro quadro, via a historia de Urias: como dava a carta a Joab, & como aparecia logo morto nos primeiros esquadroens, & victoriosos os inimigos. He possível, que me prezo eu de

Tom. 7.

Principe verdadeiro; & que mandei cometer hũa aleivofia tão grande de baixo de minha firma; & que a hum vassallo tão fiel, depois de lhe tirar a honra, lhe tirei tambem a vida enganosamente! Não merei mais por verdadeiro, senão por fementido. He possível, que me fez Deos Rey do seu Povo, para lho conservar, & defender, & que consolo eu a nova da rota do meu exercito; com a nova da morte de Urias; & que pésa mais na minha estimação a liberdade de hum appetite, que a perda de tão fieis, & valerosos soldados! Não me chamem Rey, chamem-me tyranno. Hia por diante David, contemplava outro quadro, via o caso de Nabal Carmello: como mandára tirar a vida a tudo o que em sua casa a tivesse, & como depois lhe concedia perdão pelos rogos de sua mulher Abigail. He possível, que eu sou o celebrado de benigno, & piadoso, & mando tirara vida a hum

I ho-

homem, porque não quiz dar sua fazenda aos fogitivos, que me seguem! Eu sou o que domei os Leões, & os Uffos no deserto, & não pude domar hum impeto de ira dêtro em mim mesmo! Não me chamarei mais humano, chamarme-hei fero. He possível, que me preze eu de inteiro, & que sendo tão justificada a causa de Nabal, ao menos não digna de castigo, não bastasse para me aplacar a sua justiça, patrocinada só de sy mesma: & que depois representada por Abigail, pudesse mais hum memorial acompanhado do seu rosto, que da sua razão! Não me chamarei inteiro, chamarme-hei respectivo. Dava mais passos adiante David, via noutro quadro a historia de Siba: como acusava a Mifiboset seu Senhor, como tomava posse da fazenda, & como depois de provada a calumnia, lhe mandára restituir só ametade. He possível, que me prezo eu de considerado, & que

pelo dito de hum criado, sem mais informação, nem figura de juizo, declaro a Mifiboset, filho do Rey meu antecessor, por reo de lesa Magestade, & lhe confisco a fazenda, & a dou ao mesmo acusador! Não me terei mais por prudente, senão por temerario. He possível, que tenho eu opiniação de recto, & que depois de averiguada a calumnia, & provada a innocencia, deixo ao traydor com ametade dos bens, & não mando, que se restituão todos ao innocente! Não me terei mais por recto, senão por injusto. Eis aqui como David pelos retratos de seus peccados hia mudando os seus epithetos, & emendando o juizo de sy mesmo, & tendo em sy tanta materia para a vaidade, achava tanta para os defenganos.

115 Christãos [ & não digo Senhores, porq̃ quizera que vos prezasseis mais de Christãos ] ponhasse cada hum diante das imagens de seus peccados,

*Pec-*

*Peccatorum imagines contemplando*: cuida, & confidere nellas hum pouco, & verà como as idéas antigas, que tinha na fantasia, se lhe vão despintando, & como muda, & emenda o juizo errado, que de sy mesmo fazia. Todos vos prezais de honrados, todos vos prezais de valerosos, todos vos prezais de entedidos, todos vos prezais de fesudos: quereis emendar esses epitetos? Virar os olhos para dentro aos peccados. Eu sou o que me tenho por honrado, & cometi tantas vezes húa vileza tão grande, como ser ingrato, & infiel a meu Senhor, & a meu Deos, que me creou, & me remio cõ seu sangue! Não sou honrado, sou vil. Eu sou o que me tenho por valeroso, & cometi tantas vezes huma fraqueza tão baixa, como deixarme vencer de qualquer tentação, & virar as costas a Christo, sem resistir por seu amor, nem a hum pensamento! Não sou valeroso, sou covarde. Eu

fou o que me prezo de entendido; & cometi tantas vezes húa ignorancia tão fea, como antepôr a creatura ao Creador, a summa miseria ao summo, & infinito bem! Não sou entendido, sou nescio. Eu sou o que me prezo de fesudo; & cometi tantas vezes húa locura tão rematada, como arriscar por hum appetite leve, por hum instante de gosto húa eternidade de gloria, ou de Inferno! Não sou fesudo, sou louco. Desta maneira emenda o juizo da penitencia os erros, & as cegueiras do nosso. Em lugar de fesudo, poem louco; em lugar de discreto, nescio; em lugar de valeroso, covarde; em lugar de honrado, vil: & aquillo era o que cuidavamos, isto o que somos. Ninguem nos diz melhor o que somos, que os nossos peccados.

## §. IV.

116

**A**inda os nos-  
sos peccados  
I ij po-

postos diante dos olhos té outro modo de cõvencer, & emendar mais apertado, & mais forçoso: que he convencernos a nõs comnosco, & emendar o nõsso juizo com o nõsso proprio juizo. Cada hum em seu juizo naõ se deve estimar mais, que aquillo em que elle mesmo se avalia. E como se avalia cada hum de nõs? Isto naõ se vè nos nõsso pensamentos, vese nos nõsso peccados. Todas as vezes, que hum homeẽ pecca, vende-se pelo seu peccado: *Vendatus est, ut faceret malum*, diz a Escritura sagrada. Ora veja cada hum de nõs o preço porque se vende; & dali julgará o que he. Prezais-vos muito, & estimais-vos muito, desvaneceis-vos muito: quereis saber o que sois por vossa mesmã avaliãção? Vede o preço porque vos dais, vede os vossos peccados. Dai-vos por hum respeito, dai-vos por hum interesse, dai-vos por hum appetite, por hum pensamento, por hum all-

no: muito pouco he o que por taõ pouco se dà. Se nos vendemos por taõ pouco, como nos prezamos tanto? Filhos de Adam emfim. Quem visse a Adam no Paraiso com tantas presumpçoens de divino, mal cuidaria, que em todo o mundo podesse aver preço, porque se ouvesse de dar. E que succedeo? Deo-se elle, & deo a todos seus filhos por hũa maçaã. Se nos vendemos taõ baratos, porque nos avaliamos taõ caros? Já que vos estimais tanto, naõ vos deis por taõ pouco; & pois vos dais por taõ pouco, naõ vos tenhais por mais. Naõ he razaõ, que se avalie taõ alto nõ seu pensamento, quem se vende taõ baixo no seu peccado.

117. Agora entendeis o espirito, & a prudencia de David, em pôr diante dos olhos as imagens de seus peccados: *Peccatorum imagines contemplando*: quando para se excitar a contriçaõ, & conheci-  
mento de sua miseria, pa-  
rece

rece que como Profeta pudéra representar diante de sy outra imagem, que mais o movéra. Não movéra mais a David huma imagem de Christo crucificado, pois elle sabia muito bem, que Deos havia de morrer em hũa Cruz por aquelles mesmos peccados? Digo que não: & vede a razão porque o digo. Muito melhor me conheço eu diante da imagem de hum peccado, que diante da imagem de hũ Christo crucificado. Quando estou diante da imagem de Christo crucificado, parece que tenho razões de me ensoberbecer, porque vejo o preço, porque Deos me comprou; mas quando me ponho diante da imagem de hum peccado, não tenho senão razões de me humilhar, porque vejo o preço, porque eu me vendi. Quando vejo, que Deos me compra com todo o seu sangue, não posso deixar de cuidar, que sou muito; mas quando vejo, que eu me

Tom.7.

vendo pelos nada do mundo, não posso deixar de crer que sou nada. Eis aqui a que se reduz, & como se defengana o juizo de sy mesmo, quando se vê como em espelho na imagem de seus peccados: & assim o muda, assim o emenda o juizo da penitencia: *Prædicans baptismum penitentia.*

## §. V.

118 **O** Juizo de sy mesmo [como acabámos de ver] emendase: & o juizo dos homens? desprezase. Entra pois o juizo dos homens a presentarse diante do tribunal da Penitencia: & não vem com os olhos vedados, como o juizo de sy mesmo; mas com todos os sentidos, & com todas as potencias livres, & muito livres; porque com todas julga a todos. Traz livres os olhos, porque julga tudo o que vê: traz livres os ouvidos, porque julga tudo o que ouve: traz livre a

I iij lin-

lingua, porque publica tudo o que julga: & traz livre mais que tudo a imaginação, porque julga, & condena tudo o que imagina.

119. Mas que faz a penitencia para desprezarmos este idolo tão adorado, tão temido, & tão respeitado no mundo? Que faz, ou q̄ pôde fazer a penitencia, para que não façamos caso, sendo homens, do juizo dos homens? Cõ abrir, ou fechar hum sentido faz a penitencia tudo isto. Para o juizo de sy mesmo abrenos os olhos: para o juizo dos homens, fechamos os ouvidos. No dia da Payxaõ choviaõ testemunhos, & blasfemias contra Christo; & o Senhor, como se nada ouvira. Assim lho disse admirado Pilatos: *Non audis quant a adversum te dicunt testimonia?* Não ouves quantos testemunhos dizem contra ti? Não ouvia Christo, porque ouvia, como se não ouvira. O Senhor naquella dia hia satisfazer pelos

Marth.  
27.43.

peccados nossos, que fizera seus; & quem trata de satisfazer a Deos por peccados, não tem ouvidos para o que contra elle dizem os homens: *Ego autem tanquam surdus non audiebam.* Digaõ os homens, julguem os homens, condenem os homens o que quizerem, & quanto quizerem; que quem trata de veras da satisfação de seus peccados, que trata de veras de ser bem julgado de Deos, não se lhedã do juizo dos homens. Sabeis porque fazemos tanto caso dos juizos humanos, porque não somos verdadeiros penitentes. Se a nossa penitencia, se o nosso arrependimento fora verdadeiro, que pouco caso haviamos de fazer de todas as opinioens do mundo!

120. Peccou David o peccado de Berfabè, & Urias: aõ cabo de algum tempo veyo o Profeta Natam a advertillo do grande mal que tinha feito: reconheceo David sua culpa: disse:  
*Pecca-*

Psal. 37.14.

2 Reg  
12.13.

*Peccavi*, Pequei; & no mesmo ponto por parte de Deos o absolueo o Profeta do peccado: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum.* Peccou Saul o peccado de desobediencia, reservando do despojo de Amalec para o sacrificio: veyo tambem o Profeta Samuel advertillo de quanto Deos sentira aquella culpa: conhecco-a Saul: disse: *Peccavi*, Pequei; mas nem o Profeta respondeo, que estava perdoado, nem Deos lhe concedeo perdaõ. He este hũ dos notaveis casos, que tẽ a Escritura, considerada a semelhança de todas as circumstancias delle. David era Rey, Saul tambem era Rey; David peccou, Saul peccou, a David veyo amoestar hum Profeta, a Saul veyo amoestar outro Profeta; David disse: *Peccavi*, Pequei; Saul disse: *Peccavi*, Pequei. Pois se os casos em tudo foraõ taõ semelhantes, como perdoa Deos a David, & naõ perdoa a Saul? Se hum *Pecca-*

Ibid.

vi basta a David, a Saul, porque lhe naõ bastou hũ *Peccavi*? A razãõ literal, que daõ todos os Doutores, he; que o *Peccavi* de David foi dito de todo o coraçãõ, o *Peccavi* de Saul foi dito sõmente de boca: a penitencia de David, foi penitencia verdadeira; a penitencia de Saul foi penitencia falsa. Muito bem dito: mas donde se prova? Donde se prova, que foi falsa a penitencia de Saul, donde se prova, que o feu *Peccavi* foi dito de boca, & naõ de coraçãõ? Naõ o dizem os Doutores, mas eu o direi, ou o dirãõ o Texto. Quando David disse: *Peccavi*; naõ fallou mais nada. Quando Saul disse: *Peccavi*; acrecentou estas palavras: *Peccavi: sed honora me coram senioribus populi mei, & coram Israel.* Pequei: mas vòs Samuel tratai de minha reputaçãõ, & honraime com os grandes, & povo de meu Reyno. Ah fim Saul, & vòs depois de dizer *Peccavi*, depois de vos pores em

1. Reg.  
15.30.

estado de penitente, ainda vos lembra reputação, ainda fazeis caso do que dirão, ou não dirão de vós os homens? Sinal he logo, que não he verdadeira a vossa penitencia, & que aquelle *Peccavi* nasceo na boca, & não no coração. Quem chega a estar verdadeiramente penitente, quem chega a estar verdadeiramente arrependido, como estava David, nam lhe lembraão mais, que os seus peccados: *Peccavi*: não se lhe dà do que julgão, nem do que dizem os homens.

## §. VI.

121 **A**S razões de-  
sta verdade  
fão muitas, & grandes, ou-  
vi as da minha tibieza, que  
a quem tiver melhor espiri-  
to lhe occorrerão outras  
mais, & maiores. O verda-  
deiro penitente, elle mes-  
mo se acusa, & se condena:  
que se lhe dà logo, que di-  
gão outros o que elle con-  
fessa de sy? Que importa,  
que outros levem o pre-  
gão, quando eu mesmo

executo o castigo? Quem se confessã por Reo, nam lhe fazem agravo a testemunhas. Se hum homem està verdadeiramente arrependido, se conhece verdadeira, & profundamente suas culpas, nunca ninguem dirà delle tanto mal, que elle senão julgue por muito peor. E que se vê julgado mais benignamente do que suas culpas merecem, antes tem razaão de agradecer, que de queixarse. Por isso os grandes penitentes não se queixavaão das injurias. Julgue, & diga o mundo o que quizer, que nunca poderá dizer tanto mal, quanto eu fei de certo, que ha em mim.

122 Nenhũa cousa de-  
feja mais hum verdadeiro  
penitente, que tomar vingança em sy das injurias de Deos: & como o juizo dos homens se poem da parte desta vingança, antes nos ajuda, que nos offende. Quem senão aborrece a sy, diz Christo, não me pòde servir a mim. Oh como



mo se aborrece a sy, & como se aborrece de sy, hum verdadeiro penitente ! E que se me dà a mim , que seja bem, ou mal julgado, quem eu aborreço ? Se eu conheço verdadeiramente a deformidade de minhas culpas , não hey de aborrecer mais a quem as fez, que a quem as diz ?

123 O verdadeiro penitente só húa cousa estima, & só húa cousa teme nesta vida : só estima o que pôde dar graça de Deos, & só teme o que a pôde tirar. E como o juizo dos homens não pôde dar , nem tirar graça de Deos, que se lhe dà ao penitente do juizo dos homens ? O juizo dos homens, quando muito lhe demos, poderá fazer mal, mas não pôde fazer máos. Se eu sou bom, por mais que me julguem mal os homens, não me podem fazer máo. Se eu sou máo, por mais que me julguem bem os homens , não me podem fazer bom ; & como o juizo dos homens não tem poder para fazer

máos, nem bons , que caso ha de fazer deste juizo o verdadeiro penitente , o qual só húa cousa deseja, que he ser bom , & só de húa cousa lhe pesa , que he ter sido máo.

124 Feche todas estas razoens húa maior que todas. O juizo dos homens por mais que vos condemnem, pódevos impedir o Ceo, ou levarvos ao Inferno ? Não. Ponde agora de húa parte todos os juizos dos homens, & da outra os vossos peccados , & perguntai-vos a vós mesmo, quaes destes deveis mais temer. Os juizos dos homens, ainda que fação todo o mal, que podem, nem podem dar Inferno, nem tirar Paraiso: os peccados, ainda que acheis nelles todos os falsos bens , que vos prometem, só elles tirão Paraiso, & dão Inferno. E como o verdadeiro penitente està vendo, que só os seus peccados o podem tirar do Paraiso, & levarlo ao Inferno, que caso ha de fazer dos juizos dos

ho-

homens ? Dos peccados fim, & só dos peccados, porque só por elles o pôde condenar Deos. E quem teme, que o pôde cõdenar Deos, não se lhe dà, que o condenem os homens.

## §. VII.

125 **S**UPPOSTA a verdade desta doutrina, que poucos, & que poucas penitentes verdadeiras deve haver, hoje no mundo, onde tanto se trata só de agradar, & contentar aos homens! Vejam-nos os homens em David, & as mulheres na Magdalena. David, que pouco caso fez das injurias de Semey! Disse Semey a ElRey David em seu proprio rosto as injurias, que senão podéraõ dizer ao mais vil homem: quizeraõ remeter logo a elle os que acompanhavaõ ao Rey, para lhe tirarem a lingua, & a vida: & que fez David? Teve maõ nelles, para que o deixassem dizer. As injurias faõ a mutica dos peniten-

tes: tal hia David naquelle passo descalço, & chorando seus peccados. Quem conhece, que tem offendido a Deos, nenhũa cousa o offende. Assim despezava David o juizo dos homês.

126 Da Magdalena quem o poderà explicar cõ a ponderação, que merece? Hũa senhora taõ principal em Jerusalem, taõ servida, taõ estimada, taõ dada à vaidade, & galas; quem a visse com o toucado desprendido, com o vestido sem concerto, pela rua sem companhia, em casa do Fariseo sem reparo, toda fóra de sy (ou toda dentro em sy, porque toda era coração naquella hora) os cabellos descompostos, o alabastró quebrado, os õlhos feitos dous rios, lançada aos pès de Christo, abraçando-os, & abraçando-se com elles; que diria? Valhame Deos, Senhora, que mudança he esta? Não vedes quem sois? Não vedes o que fazeis? Não vedes o que diráõ os homês? Não: nada vejo, que quem vio

vio seus peccados, não lhe ficou olhos para ver outra cousa. Não vejo o que sou, porque vi o que fui; não vejo o que faço, porque vi o que fazia. Já vi tudo o q̄ havia de ver nesta vida, & prouvéra a Deos, que não tivera visto tanto. Já não faço caso dos homens, nem dos seus juizos: digaõ o que quizerem.

127. Tres vezes foi a Magdalena julgada, & cõdenada dos homens. Julgou-a, & condenou-a o Fariseo, chamandolhe peccadora: *Quia peccatrix est: Julgaraõ-na, & condenaraõ-na os Apostolos, chamandolhe espedida: Ut quid perditio hæc: Julgou-a, & condenou-a sua irmã, chamandolhe ociosa: Reliquit me solam ministrare.* Tudo isto ouvio sempre a Magdalena, mas nunca se lhe ouvio hũa palavra: como se respondêra com o seu silencio: Condenem-me embora os Fariseos, condenem-me os Apostolos; cõdenem-me os de que meaos se podia espe-

rar, os irmãos. Nos Fariseos condenem-me a malicia, nos Apostolos condenem-me a virtude, na irmã condenem-me a mesma natureza; que a quem tem maiores causas para sentir, não lhe daõ cuidado essas. Quando as dores são iguais, sentem-se todas, quando hũa he maior, suspende as outras. A dor dos peccados, se he verdadeira, he a maior dor de todas, porque tem maiores causas, & a quem verdadeiramente lhe doem seus peccados, nenhũa outra cousa lhe doe. A setta que ferio o coração, defende de todas as settas; porque ainda que achem corpo, já não achão sentimento: faça os tiros que quizer o juizo dos homens, que se o coração está ferido de Deos, ou não offendem, ou não magoaõ. O amor he hum sentimento, que faz insensíveis: por isso se compára à morte. A morte faz insensível a que mata, o amor insensível a que ama. Quem trata só de amar a Deos, só sente havello.

Luc. 7.  
39.

Matth.  
26. 8.

Luc. 10.  
40.

vello offendido : a tudo o mais he infensivel.

127 Exemplos tinha em sy mesma a Magdalena, & poderase argumentar a sy consigo. Que importa parecer mala aos homens, se eu parecer bem a Deos? Que importa parecer mala aos demais, se eu parecer bem a quem amo? Quantas vezes nas minhas locuras segui os desprezos deste dictame? E será bem, que seja agora menos animoso meu amor, & menos resoluto? Se eu não repararei no que dirião os homés para offender a Deos; repararei agora no que dizem, ou no que dirão para o buscar? Não repararei em que dissesem, que era peccadora, & repararei em q digão, que sou arrependida? Já que sofri, que murmurassem o peccado, não he menos, que calumniem a emenda?

128 Isto dizia o silencio da Magdalena as tres vezes, que a condenarão os homens. E he muito de notar, que de todas estas

tres vezes estava a Magdalena aos pés de Christo. Oh que grande remedio são os pés de hum Christo para hum homem se lhe não dar dos juizos dos homens! E se isto faziaõ os pés de Christo vivo, quanto mais os pés de hũ Christo morto, & crucificado! He possivel, Senhor, que estejais nessa Cruz julgado, & condenado, sendo a mesma innocencia, & eu não sofrerei ser julgado, & condenado, sendo peccador! Se a vós vos julgaõ, & condenaõ pelos meus peccados, porque hei de sentir eu, que me julguem, & me condenem pelos meus? Em vós estou adorando as injurias, & as afrontas, & em mim não as hei de sofrer? Para vos offender, & me perder, não repararei no que dirião os homens, & para vos amar, & me salvar, repararei no que dirão? Não he isso o que vós me ensinais nessa Cruz.

129 Ouvi hũa coufa grande, em que parece, que

Exod.  
32.12.Jofu. 7  
9.Pfaln.  
78.10.

que mudou de condicão Deos. Quando Deos quiz castigar o povo no deserto, allegoulhe Moyses o que dirião os Egypcios: *Ne queso dicat Egyptij;* & deixou o Senhor de os castigar. Quando Josue teve a primeira rota na terra de Promissão; allegou a Deos o que dirião os Cananeos: *Quid facies magno nomini tuo;* & continuou o Senhor a favorecelo. Quando o Reyno de Israel estava mais afflicto, representou David a Deos o que dirião as Gentes: *Ne forte dicant in Gentibus;* & cessou a afflicção. De maneira, que o remedio, que tinhaõ os Patriarcas antigos para alcançar de Deos o que querião, era allegarlhe hũ *Ne dicant,* o que dirião os homens. Determina Deos de vir à terra a remir, & salvar o mundo; & se alli se achasse Moyses, Josue, ou David com o espirito profetico, que tinhaõ, parece que poderaõ fazer a Deos a mesma replica. Como assim, Senhor?

Quereis ir ao mudo? Quereis aparecer entre os homens? E não reparais no que dirião, & he certo, que haõ de dizer de vòs? Haõ de dizer, que sois hum Samaritano, & endemoni-nhado: *Samaritanus es tu,* & *Demonium habes;* haõ de dizer, que sois hũ blasfemo: *Blasphemavit;* haõ de dizer, que sois hum enganador: *Seductor ille;* haõ de dizer, que sois hum perturbador da Republica: *Subvertentem gentem nostram;* haõ de dizer, que tendes pacto cõ o Demonio: *In Beelzebub Principe Demoniorum ejicit Dæmonia;* haõ de dizer, que vos não podeis salvar: *Se ipsum non potest salvum facere;* haõ de dizer finalmente infinitos opprobrios contra vòs: *Saturabitur opprobrijs.* Mais, hase de levantar hum Arrio, que ha de dizer, que não sois consubstancial ao Padre, hase de levantar hum Manicheo, que ha de dizer, que não sois homem; hase de levantar hum Nesto-

Ioan. 8.  
48.Matth.  
26.65.Matth.  
27.63.Luc. 23.  
2.Luc. 11.  
15.Matth.  
27.42.Thre.  
3.30.

rio, que ha de dizer, que não sois Deos; ha-se de levantar hum Calvino, que ha de dizer, que não estais no Santissimo Sacramento; ha-se de levantar infinitos Heresiarcas outros, que haõ de dizer contra vossa Divindade, & Humanidade infinitas blasfemias. Pois se Deos estava prevendo tudo isto; & se antigamente podia tanto com Deos o que diriaõ os homens; porque agora faz taõ pouco caso do que diráõ? Porque antigamente encontravase o que diráõ dos homens com o nosso castigo, agora encontravase com o nosso remedio: & quando o que diráõ dos homens se encontra com o nosso castigo, deixa Deos de castigar pelo que diráõ: mas quando o que diráõ dos homens se encontra com o nosso remedio, pelo que diráõ os homens, não deixa Deos de salvar. Vã por diante o negocio da salvação, & digaõ os homens o que quizerẽ. **Christãos**, ha alguns de

nõs taõ pusillanimes, que por medo do que diráõ os homens deixamos de fazer muitas cousas, que importaõ à nossa salvação. Deos nos livre de hũa covardia como esta. Façamos por nossa salvação, o que Deos fez pela nossa. Deos por me salvar a mim, não fez caso do juizo dos homens, & será bem que o faça eu? Faça-se tudo o que for necessario à salvação, & digaõ os homens o que quizerem. Que importa ser bem julgado dos homens, se vós não vos salvais? E se vós vos salvais, que importa ser mal julgado dos homẽs? Eis aqui como o juizo dos homens se despreza no juizo da Penitencia: *Prædicans baptismum Penitentia.*

### §. VIII.

130 **E** Mendado no juizo da Penitencia o juizo de sy mesmo, & desprezado o juizo dos homens; resta só por julgar o juizo de Deos, que co-

como temos dito ha de fair revogado neste juizo. Os outros dous juizos entrarão a ser julgados, & apparecerão diante do tribunal da Penitencia. Do juizo de Deos não sei como me atreva a dizer outro tanto. Não he o juizo de Deos aquelle juizo supremo, q̄ não só não reconhece superior, mas nem pôde ter igual no Ceo, nem na terra? Não he o juizo de Deos, de que fallamos, aquelle ultimo, & universal juizo, onde sem appellação, nem agravo, se háo de absolver, ou condemnar para toda a eternidade aquelles, que nelle forem julgados, que háo de ser todos os homens? Pois como pôde ser, que haja outro tribunal no mundo, em que a sentença deste juizo se revogue; ou como pôde ser revogar-se?

131 O como veremos logo: agora vejamos entrar o juizo de Deos, & apresentar-se diante do tribunal da Penitencia, acõpanhado de toda aquella

grandeza, & temerosa Magestade, que no ultimo dia do mundo o fará horrivel, & tremendo. Não traz diante as varas, & secures Romanas, insignias da suprema justiça, & authoridade; mas traz aquella espada de dous gumes: *Gladus ex utraque parte acutus*: que significaçõ as duas penas de dano, & de sentimento, a que só o juizo de Deos, & nenhum humano, pôde condenar não só os corpos, mas tambem os espiritos. Oh que authoridade tão severa! oh que jurdição tão horrenda! oh que instrumentos tão formidaveis! Se assim faz tremmer o juizo de Deos quando apparece a ser julgado, que será quando vier a julgar!

132 Mas que faz a Penitencia, ou que pôde fazer para revogar este tão absoluto, & tão indepẽdente juizo? Faz quasi o mesmo que para os demais. Para emendar o juizo de sy mesmo, abrenos os olhos: para desprezar o jui-

Apoc̄z  
lyp. 1. 16.

juizo dos homens, tapanos os ouvidos: para revogar o juizo de Deos, voltanos o coração. Em dando hũa volta o coração, està o juizo de Deos revogado. Falla o Profeta Joel à letra do juizo final de Deos: descreve o Sol, a Lua, & as Estrellas escurecidas, & o Ceo, & a terra tremendo à sua vista: *A facie ejus contremuit terra, moti sunt Cæli: Sol, & Luna obtenebrati sunt, & Stellæ retraxerunt splendorem suum*: descreve os exercitos innumeraveis de Anjos armados de rigor, & obediencia, de que o Senhor fahirà acompanhado como executores de sua justiça, & vingança:

Joel. 2.  
10.

Ibid. 11.

*Domini dedit vocem suam ante faciem exercitus sui, quia multa sunt nimis castra ejus, quia fortia, & facientia verbum ejus*: descreve finalmente a grandeza, & terribilidade daquelle temeroso dia: *Magnus enim dies Domini, & terribilis valde*: & perguntando qué haverà no mundo, que o possa soportar: *Et quis su-*

Ibid. 12.

*stinebit eum?* conclue com estas palavras: *Nunc ergo, dicit Dominus, convertimini ad me in toto corde vestro*. Vedes todos estes apparatus, todos estes rigores, todos estes assombros de ira, de justiça, de vingança? com dar hũa volta ao coração està tudo acabado. Voltai o coração a mim, ou voltaivos a mim com o coração, diz Deos, & toda a sentença que estiver fulminada contra vós neste meu juizo, ficará revogada: *Nunc ergo, dicit Dominus, convertimini ad me in toto corde vestro*. Notai o *nunc ergo*: pelo que agora: de maneira que a penitencia ha de ser agora, & o juizo ha de ser depois. Esta differença ha entre o juizo de Deos, & o juizo dos homens: no juizo dos homens appellase depois, no juizo de Deos appellase antes. *Nunc ergo*: Agora, agora, Christãos; que agora he o tempo; & porque agora sim, & depois não? Porque depois não pòde haver penitencia,



cia. Se depois do dia do juizo pudéra haver penitencia, poderá se revogar a sentença do juizo de Deos: mas a razaõ porque aquella sentença senão poderá revogar entãõ, he porque não ha tribunal da Penitencia senão agora: *Nunc ergo*. Mas vejamos já os poderes deste tribunal, por hum exemplo, & seja o maior, que ouve no mundo: daime attençãõ.

## §. IX.

133 **E**Ntra o Profeta Jonã pregando, ou apregoando pela Cidade de Ninive: *Adhuc quadraginta dies, & Ninive subvertetur*: Daqui a quarenta dias se ha de sôverter Ninive. Era esta a sentença, que estava dada no tribunal da divina justiça pelos peccados daquela Cidade, & o Profeta não fazia mais, que officio de hum notário de Deos, que a publicava. Com este pregação andou Jonas por toda a Cidade, a qual era taõ

Tom. 7.

desmedidamente grande, que não pode chegar à praça, onde estava o Paço, menos que ao cabo de tres dias. Soou a sentença nos ouvidos do Rey, & que vos parece, que faria? Decese do trono Real em que se assentavaõ sempre os Reys, conforme o costume daquelles tempos; rasga a Purpura, vestese de hú aspero cilicio; tira a Coroa; lança da mão o Cetro; cobre a cabeça de cinza: & manda que vaõ seguindo a Jonas com outro pregação, em q se diga, que faça toda a Cidade o que El Rey fazia. O pregação de Deos hia diante, o pregação do Rey hia atraz: o pregação de Deos para se executar dali a quarenta dias, o pregação do Rey para que se executasse logo, & assim se fez. Vestiose de cilicio a Rainha, vestiraõse de cilicio as Damas, vestiraõse de cilicio os Cortesaõs, vestiose de cilicio todo o Povo; & o que senão poderá crer, se o não diffiera a Escritura, vestiraõse, & cubriãose

K briraõse

briaraõse tambem de cili-  
cio, para horror, & assom-  
bro dos homens, atè os  
mesmos animais. Desta  
maneira foi passando a Ci-  
dade todos aquelles qua-  
renta dias em continuo je-  
jum, em continua oraçaõ,  
em continuas lagrimas, &  
clamores ao Ceo. Chega-  
do o ultimo dia, retirouse  
Jonas a hum monte, para  
ver como Ninive se sover-  
tia: Apõrtara elle às prayas  
de Ninive, supponhamos,  
que às nove horas da ma-  
nhã, & quando ouvio dar  
as oito daquelle dia: Ah  
miserã Cidade, que já não  
te resta mais que hua hora  
de duraçaõ! Já se vê a sus-  
penção em que passaria o  
Profeta toda aquella hora.  
Tocão às nove: eis lá vai  
Ninive. Assim se lhe figu-  
rou a Jonas quasi deslum-  
brado entre o lume dos  
olhos, & o da profecia: mas  
Ninive ainda se tinha  
mão. As suas torres esta-  
vaõ mui direitas: os mu-  
ros estavão muito firmes:  
& nem a casa que dantes  
estava para cair fez moyi-

mento algum. Passou assim 134  
a primeira hora, passou a  
segunda, passou o dia todo,  
& Jonas a benzerse, & a  
pasmar. Que he isto, Se-  
nhor? Que he da fé de vos-  
sas palavras? Que he da  
verdade de vossos Profeta-  
tas? Não estava determi-  
nado no tribunal de vossa  
divina justiça, que Ninive  
fosse sovertida por seus  
enormes peccados? Não  
estava assinado o termo  
preciso de quarenta dias,  
para a execuçaõ? Não esta-  
va notificada por vosso  
mandado esta sentença?  
Não sou eu o que a publi-  
quei? Pois como agora fal-  
ta tudo isto? Como passaõ  
os quarenta dias? Como  
fica a minha profecia sem  
comprimento? Como fica  
Ninive em pê, & a vossa  
palavra por terra? Se o dis-  
festes, foi porque o tinheis  
decretado; & se o tinheis  
decretado, porque não se  
executou? Porque o Rey,  
& Povo de Ninive foraõ  
tão discretos, que sendo-  
lhe notificada a sentença  
do juizo de Deos, appellá-  
raõ

rão para o tribunal da Penitencia. E he tão superior a jurdição do tribunal da Penitencia, que o que no juizo de Deos se sentença, no juizo da Penitencia se revoga. Disse superior, porque se estes dous juizos foraõ iguaes, assim como no juizo da Penitencia se absolve, o que no juizo de Deos se condena; assim no juizo de Deos se podéra condemnar, o que no juizo da Penitencia se absolvesse: mas he tão superior o juizo da Penitencia sobre o mesmo juizo de Deos [ por excessõ de misericordia sua ] q̃o que no juizo de Deos se condena, no juizo da Penitencia pôdesse absolver; mas o que no juizo da Penitencia se absolve, no juizo de Deos não se pôde condemnar. Bemdito seja elle: *Qui dedit potestatem talem hominibus.*

135 Tudõ o que tenho dito he literal; mas ouçamos para maior confirmação a S. Paulino: *Ninivitæ meruerunt denuntiatũ eva-*

*dere excidium, quia se spontaneis luctibus cruciando divinam sententiam prævennerunt sua.* Os Ninivitas, diz S. Paulino, impedirão a execução do castigo, que já lhe estava denunciado, porque condenandose a voluntaria penitência, preveniraõ a sentença de Deos com a sua. De maneira, que por beneficio da Penitencia pode mais a sentença, que os Ninivitas deraõ contra sy, que a sentença, que Deos tinha dado contra elles: *Divinam sententiam prævennerunt sua.* Oh grande dignidade! oh grãde soberania da Penitência! No juizo final de Deos (ide notando comigo grãdes differenças, & grãdes excellencias do juizo da Penitencia sobre o juizo de Deos.) No juizo final de Deos, não he licito appellar de hum attributo divino para outro attributo. Não he licito appellar da justiça de Deos para sua misericordia: no juizo da Penitencia, he licito appellar da justiça de Deos.

K ij para

para a minha justiça. No juizo final de Deos não se pôde appellar do Filho para o Padre, nem do Padre para o Filho, nem do Padre, & do Filho para o Espirito São; em summa; no juizo de Deos não se pôde appellar de Deos para Deos: no juizo da Penitencia posso appellar de Deos para mim. No juizo final de Deos são condenados os peccadores a nam vera Deos; no juizo da Penitencia são condenados os peccadores a não o offender: que suave cõdenação! No juizo final de Deos não aproveitão lagrimas, nem prantos; no juizo da Penitencia basta hũa só lagrima para todos os peccados do mundo. No juizo final de Deos não valem intercessoens; no juizo da Penitência não são necessárias. No juizo final de Deos condenaõse os peccadores pelos peccados; no juizo da Penitencia condenaõse os peccados, & salvaõse os peccadores. No juizo final de

Deos huins sahem absolutos, outros sahem condenados; no juizo da Penitencia ninguem se condena, todos sahem absolutos. No juizo final de Deos manifestaõse os peccados a todos os homens; no juizo da Penitencia manifestaõse a hum só homem. Finalmente no juizo final de Deos, Christo ha de ser o Juiz; no juizo da Penitencia, Christo he o advogado: *Si quis peccaverit, advocatũ habemus apud Patrem Jesum Christum iustum.* Ioann. 2. 1. Vede com tal avogado no tribunal da Penitencia, que differença haverã do avogar ao revogar! Como não serã revogado o juizo, aonde he avogado o Juiz! assim se revoga o juizo de Deos no juizo da Penitência: *Pradicans baptismum penitentiae.* E temos o juizo de Deos revogado, o juizo dos homens desprezado, & o juizo de sy mesmo emendado.

§. X. *Adventus Domini*

**O**Ra, Christãos; supposto que todos os males; & perigos que temos visto nestes juizos têm o remedio na Penitencia; & supposto que elles são tão grandes, que abração todos os bens da vida; & todos os da eternidade; que resta a quem tem fé, & a quem tem esperança, senão tratar de fazer penitencia. *Agite penitentiam appropinquabit enim Regnum Cælorum:* fazei penitencia, porque he chegado o Reyno do Ceos. Ha mil & seiscentos annos, que o Baúta, disse estas palavras; & nós citamos dizêdo todos os dias: *Adveniat Regnum tuum:* Pois se o Reyno já então era chegado; como pedimos nós ainda agora, que venha? O Reyno dos Ceos em todos os tempos tem tres estados: hum em que tem chegado, outro em q̄ chega, outro em que vem chegando. Para os que

estão mortos tem chegado; para os que estão morrendo chega; para os que estão vivos vem chegando. A hums chegará mais cedo, a outros mais tarde, mas a todos muito brevemente. Esta he a consideração mais poderosa de todas; para nos mover a penitencia. Façamos penitencia, Christãos; não nos ache a morte impenitentes. Nenhum Christão ha, que não diga, que ha de fazer penitencia; mas nenhum a quef começar logo, todos a deixão para o fim da vida: *Prodicans baptismum penitentiam in remissionem peccatorum.* O Baúta pregava bautismo de penitencia para remissão dos peccados. Se queremos remissão de peccados, tomemos a penitencia como bautismo. Todos queremos a penitencia como Extrema-unção, lá para o fim da vida: não se ha de tomar senão como bautismo, que não he licito dilatallo a quem tem fé. Se tendes fé como não fazeis penitencia?

Tom. 7.

K iij cia?

Matth.  
3 2.

cia? E se tendes proposito de a fazer, & de vos converter a Deos, para quando a dilatais? *Si aliquando cur non modo*, dizia S. Agostinho. Se me hey de converter em algum tempo; esse tempo porque não será hoje? Esta pergunta não tem resposta. Nem o mesmo Santo Agostinho lha achou, nem os Aristoteles, nem os Platoens, nem os Anjos do Ceo, nem o mesmo Demônio do Inferno lha pode achar já mais para nos enganar.

137 Christãos da minha alma, sobre tantos juizos, bem he que venhamos a contás: Se me ouve algũ, que esteja resolutu de nam se converter já mais, não fallo com elle; mas se tendes propósitos de vos converter: *Si aliquando cur non modo*? Se tendes propósitos, & dizeis, que vos haveis de converter depois, porque o não fazeis agora? Que motivos haveis de ter depois, que agora não tenhais? Apertemos bem este ponto: estai comigo.

Que motivos de vos converter haveis de ter depois, que agora não tenhais? Se depois haveis de fazer verdadeira penitencia, a qual não póde ser verdadeira, sem verdadeira contrição, ha-vos de pesar de ter offendido a Deos por ser elle quem he; pois Deos hoje não he o mesmo, que ha de ser depois? Não he a mesma Magestade, não he a mesma grandeza, não he a mesma omnipotencia? Não he tão bom, não he tão amavel, como ha de ser então? Pois se então o haveis de amar, porque o não amais agora? De maneira, peccador, que Deos então ha de ser digno de ser amado sobre todas as cousas, & agora he digno de ser offendido em todas? *Si aliquando cur non modo*? Mais: se depois vos haveis de arrependder bem, & verdadeiramente, he força que vos peze de todo o coração de vos não haveres arrependido agora: pois que locura he estares agora fazêdo  
por

por voffo gosto, & por voffa vótade aquillo mefmo, que nella hora eftais propondo de vos pesar depois de todo coração? Ou então vos ha de pesar, ou não: se vos ha de pesar, condenais-vos; & se vos ha de pesar, & propondes de vos pesar, porquê o fazeis? Se vos ha de pesar depois do presente, porque vos não pesa agora do passado? *Si aliquando cur non modò?* Mais: se os motivos de voffo arrependimento não haõ de ser contrição perfeita, nem amor de Deos sobre todas as coufas, fenaõ temor das penas do Inferno fõmente: *Si aliquando cur non modò?* Se por temor do Inferno vos haveis de arrepender entãõ, porque vos não arrependeis agora por temor do Inferno? Por ventura fostes já ao Inferno, & perguntastes pela idade dos que là eftão ardendo? Se no Inferno não ardem fenaõ os homens de setenta, & de oitenta annos, guardai embora a voffa emenda para

effa idade; mas se ao Inferno se vai de sete annos, porque se ha de guardar a emenda para os setenta? Pois feas mesmas razoões, & os mefmos motivos, que havemos de ter depois, temos agora, se entãõ nam havemos de ter nenhuma coufa mais, que agora, fallo mais peccados q cho- rar, & mais culpas de que nos arrepender: *Si aliquando cur non modò?*

138 Mas atêgora himos argumentando em hũa fuppozição, que eu não quero conceder daqui por diante, porque vos quero defenganar de todo. Quem diz: *Si aliquando cur non modò*: se vos haveis de cõverter depois, porque vos não converteis agora; fuppoem que se vos não converteres agora, que vos haveis de cõverter depois. Eu não quero admitir tal fuppozição; porque quero mostrar o contrario. Chriftãos, se vos não converte- res agora, ordinariamente fallando, não vos haveis de converter depois. Deme

licença S. Agostinho para trocar a sua pergunta, & apertar mais a difficuldade. S. Agostinho diz: *Si aliquando cur non modò*: se nos havemos de converter depois, porque não nos convertemos agora? Eu digo: *Si non modò cur aliquando?* Se não nos cöveremos agora, porque cuidamos, que nos havemos de converter depois? As razoes, que haveis de ter depois para vos converter, todas effas, & muito maiores tendes agora: pois se estas razoes não bastão para vos converter agora: como haõ de bastar humanamente para vos converter depois? A força desta razão fez enforçar a Judas. Fez Judas consigo este discurso: maiores motivos do que eu tive para me converter, não são possíveis, porq̃ tive: o mesmo Christo a meus pès; pois se Christo a meus pès não foi bastante motivo para me converter; não me fica que esperar; venha hum laço. Christãos, eu nam quero

desesperar a ninguem, né quero dizer, que a salvação não he possível em todo tempo: o que sò vos quero persuadir, he o que dizem tôdas as Escrituras, & todos os Santos. Que os que deixão a penitencia para a hora da morte, ou para o fim da vida, tem muito arriscada sua salvação, porque raramente se salvão: *Si non modò cur aliquando?* Senão vos converteis agora, que tendes vida; como vos haveis de converter depois, quando pode ser, que a não tendes? Dizeis, que vós não converteis agora, mas que vos haveis de converter depois: & se o depois for agora? Se moreres no estado presente, se não chegares a esse depois, que ha de ser de vós? Quantos amanheceraõ, & não anoiteceraõ! Quantos se deitaraõ à noite, & nam se levãtaraõ pela manhã! Quantos postos à mesa os afogou hum bocado! Quantos indo por hũa rua os sepultou hũa ruina! A quãtos levou hũa balla não esperada!



perada! Quantos endoudecerao de repente! A quantos veio a febre junta com o delirio! A quantos hum espasmo, a quantos hua apoplexia: a quantos infinitos accidetes outros, que ou tiraõ o uso da razão, ou a vida! Todos estes cuidavaõ, que haviam de morrer hua morte ordinaria, como vòs cuidais: & quem vos deo a vòs fe-guro, de que vòs não ha de succeder o mesmo? *Si non modò cur aliquando?* Se agora que estais saõs cõ o uso livre de vossos sentidos, & potencias, vos não converteis, como cuidais que vos haveis de converter na hora da morte, cercado de tantas angustias, & de tantos estorvos, a mulher, os filhos, os criados, o testamento, as dividas, os acredores, o Confessor, os Medicos, a febre, as dores, os remedios, a vida passada, a conta quasi presente. Quando todas estas cousas juntas, & cada hua dellas bastará para perturbar, & pafnar hua alma, & não a

deixar com o juizo, & com a liberdade, que pede a materia de maior importancia: quando já as potências estarão fóra de seu lugar, & vòs mesmo não estareis em vòs, como cuidais, que vos podereis converter entãõ?

139. Mas eu vos dou de barato a vida, & a saude, & o vigor das potencias, & dos sentidos; mais ha que isto. Para hum homem se converter, não basta só vida, & saude, & juizo, mas he principalmente necessaria a graça de Deos. Pois *si non modò cur aliquando?* Se agora que tendes offendido menos a Deos, Deos vos não dà graça efficaz para vos converteres, que serà quando o tiverdes offendido mais? Parecevos que he boa diligencia multiplicar as offensas de Deos para grangear a graça de Deos? Se ides continuando assim, não ha duvida, que depois haveis de ser muito peor, ainda do que sois agora: pois se agora que sois melhor,

lhor, ou menos máo, vos não converteis, como o haveis de fazer depois, quando fordes peor? Os peccados quanto mais cõtinuados, tanto mais endurecé, & obstinão ao peccador: pois *si non modò cur aliquãdo*? Se agora quando o vosso coração não está ainda tão endurecido, & tão obstinado, não ha prègaçoens, nem inspiraçoens, nem exemplos, nem mortes repentinas, & defaistradas, que vos abrendem, que serà quando estiver feito de marmore, & de diamante? Os peccados com a continuação, & com os habitos tomão cada vez mais forças, & fazem se cada dia mais robustos, & a alma pelo contrario com o costume mais fraca: pois *si non modo cur aliquando*? diz a Escritura: *Beatus qui occidit parvulos suos ad petram*: bemaventurado o que quebrã a cabeça a seus peccados, quando pequenos. *Et tu*, diz S. Bachiario, *expectas donec inimicus tuus gigas efficiatur*? E nõs para vencer estes inimigos somostão loucos, que esperamos, que elles se fação Gigantes? Se agora, que os peccados estão me nos robustos, & crecidos, & a alma tem ainda algum vigor, os não podemos derribar, & vencer; que serà quando os peccados estiverem Gigantes, & a triste alma tão envelhecida nelles, & tão enfraquecida, que senão possã mover? Finalmente, Christãos, não vamos mais longe: se Deos nesta mesma hora vos está chamando, & vos está dando golpes ao coração, & vòs não lhè quereis abrir, nem o quereis ouvir; como esperais que Deos vos chame depois, ou que vos ouça quando o chamares, ou que o possais chamar como convem? *Si non modò cur aliquando*! O mesmo Deos por suas palavras quero que vos defengane desta vã esperança, em que vos confiais, & vos precipitais ao Inferno: ouvi a Deos no Capitulo primeiro dos

Pro-

Proverbios: *Vocavi, & re-*  
 nuistis, chameivos, & não  
 acodistes: *Extendi manum*  
*meam, & non fuit qui aspi-*  
*ceret*, estendi a minha mão,  
 & não ouve quem fizesse  
 caso: *Despexistis omne cõ-*  
*silium meum*, desprezastes  
 todos os meus conselhos:  
 & que se seguirá daqui?  
*Ego quoque in interitu ve-*  
*stro ridebo, & subsannabo:*  
 eu tambem, diz Deos, quã-  
 do vier a hora de vossa  
 morte zombarei, & nam  
 farei caso de vós, & assim  
 como agora eu vos cha-  
 mo, & vós não me ouvis,  
 assim então eu não ouvirei  
 ainda, q̃ vós me chameis:  
*Tunc invocabunt me, &*  
*non exaudiam.* Christãos,  
 nós fiamonos em q̃ Deos  
 tem prometido, quẽ todas  
 as vezes, que o peccador  
 o chamar de todo o cora-  
 ção, o ha de ouvir: & esta  
 promessa anda muito mal  
 entendida entre os homẽs.  
 He necessário advertir o  
 que Deos tem prometido  
 nella; & o que não té pro-  
 metido. Deos tem prome-  
 tido, que todas as vezes,

que o peccador o chamar  
 de todo seu coração, o ha  
 de ouvir: mas não té pro-  
 metido, que todas as ve-  
 zes, que o peccador qui-  
 zer, o ha de chamar de to-  
 do o seu coração. Vai mui-  
 to de hũa couza a outra. Se  
 chamardes a Deos de to-  
 do o coração, ha-vos de  
 ouvir Deos: mas se vós a-  
 gora não ouvirdes a Deos,  
 depois não o haveis de  
 chamar de todo o coração.  
 O chamar de todo o cora-  
 ção não depende só de nos-  
 so alvedrio, depende de  
 nosso alvedrio, & mais da  
 graça de Deos: & té Deos  
 decretado conforme os  
 juizos altissimos de sua ju-  
 stiça, que o não possa cha-  
 mar de coração na morte,  
 quem lhe não quiz dar o  
 coração na vida. Que faz  
 Deos em toda a vida, fe-  
 não estarnos pedindo o co-  
 coração: *Fili prabe miki cor*  
*tuum:* & como vós agora  
 negais a Deos o coração,  
 que vos pede; assim Deos  
 então vos negará justissi-  
 mamente, que lhe peçais  
 de todo o coração. Deos  
 agora

Prov.

23.26.

agora buscanos, & não nos acha, então buscaremos nós a Deos, & não o acharemos. O mesmo Deos o prometeo, & ameaçou assim: *Queritis, & non inuenietis me, & in peccato vestro moriemini*: buscareme-heis, & não me achareis, & morrereis em vosso peccado. Não diz menos que isto.

14<sup>o</sup> Ora, Christãos, pelas Chagas de Christo, & pelo que deveis a vossas almas, que não queirais, que vos aconteça tão grande infelicidade. Desenganaivos; & seja este o ultimo desengano; que se vos não converteis desde logo, & continuais pelo caminho que ides, vos haveis de perder, & condenar sem remedio. O remedio he: *Baptismum penitentia*: húa contrição de coração muito verdadeira, hum confissão mui inteira, & mui apostada com firme resolução de não offender mais a Deos. Emfim fazei agora aquillo, que dizeis, que haveis de fazer de-

pois. Se vos haveis de converter no fim da vida, imaginai, que chegou já esse fim, que não he imaginação. Mas que importa, Senhor, que eu o diga, se a vossa graça não ajuda a tibieza de minhas palavras? Soccorreinos, Senhor, com o auxilio efficaz desses olhos de misericordia, & piedade; allumiai estes entendimentos, acendei estas vontades, abrazaí, & abrandai estes endurecidos coraçoes, para que vos não sejam ingratos, & se aproveitem nelles os merecimentos infinitos de vossa encarnação: *Per adventum tuum*, Senhor, pelo amor com que viestes ao mundo a salvar as almas, que salveis hoje nossas almas: ao menos húa alma, Senhor, à hora de vosso santissimo nascimento: *Per nativitatem tuam*: pelo amor, & pela misericordia có q nacestes em hū Presépio, por aquelles desemparras, por aquelle frio, por aquellas palhinhas, por aquellas lagrimas, por aquella

aquella estremada pobreza, & por aquelle affecto ardentissimo com que tudo isto padecestes por amor de nós. Virgem Santissima, hoje he o dia dos encédidissimos desejos de vossa Expectação, parti com nosco, Senhora, destes affectos, para que naça tambem Christo em nos-

fas almas. Convertei os suspiros em inspiraçoes, pedi a vosso querido Esposo, o Espirito Santo, trespassse nossos coraçoes com hum rayo efficaz de sua luz, para que o amemos, para que o sirvamos, & para que mereçamos a sua graça, & por meio della a gloria.

MADI CONCO



SER-



# SERMAM

DA

# CONCEICAM

IMMACULADA DA VIRGEM MARIA S.N.

*Maria, de qua natus est Iesus. Matth. i.*

§. I.

141



Omo em todas as materias cõtroverfas dizer o já dito he superfluo , assim na de que hoje sou obrigado a fallar, dizer o que ainda não esteja dito, he difficuloso. Entre os mysterios, todos foberanos, de Maria Mãy de Deos , o que hoje celebra a Igreja, & todos dese- jaõ ouvir estabelecido cõ

algũa novidade , he o de sua Conceiçãõ immacula- da. Mas todas aquellas es- tradas, por onde se pôde caminhar seguramente, ou ao templo desta adoraçãõ, ou ao castello desta defen- sa, estão taõ batidas, & de- batidas, que como bem di- zia ha muitos annos hũ dos maiores Oradores de Hes- panha , ninguem pôde pôr o pê, senãõ sobre pègada alhea. Boa satisfaçãõ para a desculpa, mas muito def- confo-

consolada para o defejo. Desta mesma se valeo Terencio, aquelle taõ celebrado Comico, o qual pedia perdaõ ao theatro Romano delhe representar o que já tinha ouvido, & allegava em seu abono, que o mesmo tinhaõ feito os velhos, & assim o faziaõ os modernos:

*Nullum est jam dictũ, quod non dictum sit prius.*

Teren-  
tius in  
Eunu-  
cho.

*Quare æquum est vos cognoscere, & ignoscere:*

*Quod veteres factitarunt, sic faciunt novi.*

E se isto se ufava na cabeça do mundo ha mais de mil annos, que serà hoje entre nõs, onde não he taõ facil inventar novos argumentos, como novos trajos?

142 Eu porèm não me acabo de fogueitar a este dictame, porque ainda que os antigos bebéraõ primeiro nas fontes, nem por isso as esgotáraõ: *Multum egerunt qui ante nos fuerũt, sed non peregerunt*, diz Se-

Seneca  
epist. 64.

neca. Muito fizeraõ os que vieraõ antes de nõs, mas não perfizeraõ. Entre o fazer, & o perfazer ha grandes intervallos: *Multum autem restat operis, multumque restabit.* Assim como elles acrecentáraõ sobre o que tinhaõ dito os mais antigos, assim nõs podemos acrescentar, & descobrir de novo o que elles não acháraõ, como tambem sobre nõs os que depois vierem. Isto escreveo animosamente o maior espirito dos Estoicos. E nem a mim me mete medo dizer Salamaõ, que não ha cousa nova debaixo do Sol: *Nihil sub Sole novum*, <sup>E. cl. xi</sup> porque a materia de que <sup>102.</sup> hoje hei de tratar, não he de debaixo do Sol, senão do mesmo Sol, & acima delle.

143 Duvidoso pois entre o que tem de verdadeiro hũa destas sentenças, & o que oppoem de difficultoso a outra; o meyo que determino, & devo tomar, he o que ensinou o Mestre divino, em que am-

Matth.  
13. 52.

ambas se conciliaõ, & se  
concordaõ: *Ideo omnis  
scriba doctus similis est Pa-  
trifamilias, qui profert de  
thesauro suo nova, & vetera:*  
Por isso todo o estudioso  
douto nas Escrituras he  
semelhante (diz Christo)  
ao Pay de Familias rico, o  
qual tira do seu thesouro o  
novo, & mais o velho. Af-  
sim o farei eu hoje, posto  
que reconheço a minha  
pobreza: *Ego vir videns  
paupertatem meam.* Dos  
thesouros da Theologia,  
& da Escritura suporei  
na materia presente o ve-  
lho, & verei se posso dizer  
o novo. A Virgem imma-  
culada, cuja graça sempre  
foi antiga, & sempre nova,  
me assista com a sua.

Thien.  
3. 1.*Ave Maria.*

## §. II.

*Maria, de qua natus est  
Iesus.* Matth. I. 16.

144 **P**rometi sup-  
por o velho  
para dizer o novo. E posto  
que esta proposta na mate-

ria da Conceição imma-  
culada seja mais facil de  
prometer; q̄ de desêmpen-  
nar; comecemos brevis-  
simamente pelas supposi-  
çoens. Supponho como  
certas tres cousas geral-  
mente recebidas, cada  
qual pôrê dentro do seu  
grao de certeza: a primei-  
ra scientifica, a segunda  
mais que provavel, a ter-  
ceira expressamente de fé.  
A primeira, & scientifica  
he, que ha dous modos de  
remir, ou de redempção,  
húa que tarda, & remedeia  
o cativoiro, outra que se  
anticipa, & preserva del-  
le. A segunda, & taõ pro-  
vavel, que já se não pôde  
afirmar em publico o có-  
trario, he, que pela redép-  
ção que remedeia, remio  
Christo a todo o genero  
humano, & pela que se an-  
ticipa, & preserva, remio  
a sua santissima Mãe. A  
terceira, & expressamente  
de fé, he, que o preço de  
húa, & outra redempção  
foi o merecimento, & va-  
lor infinito do sangue do  
Filho de Deos offerecido,  
& derra-



& derramado por todos. Este fangue pois, & o modo com que Christo o derramou singularmente por sua Mãy, com muitos primores de redempção atégora não ponderados, será a novidade, que para maior gloria da Mãy, & do Filho desejo provar. A tudo me dáõ fundamento as palavras do Evangelho, que tomei por Thema: *Maria, de qua natus est Iesus.* Em Maria temos a Remida, & preservada: no nome de Jesu, que quer dizer Redemptor, temos a redempção: & nas duas palavras, *de qua natus est*, temos o preço, que foi o fangue; porque encarnando, & nascendo Jesu de Maria, della o recebeu para o dar universalmente por nós, & muito particularmête pela mesma Mãy.

§. III.

145 **E**Ntrando pois nas considerações, & modos particulares com que o bemdito Fi-

Tom. 7.

lho da Virgem Maria em quanto Jesu, & em quanto Redemptor, em obsequio, & beneficio singular da mesma Senhora deo o fangue, que de suas purissimas entranhas tinha recebido: *de qua natus est*; seja o primeiro, & mais geral, como fundamento de todos, ser a mesma Senhora preservada do cativo do pecado de Adam por valor, & virtude do mesmo fangue.

146 Mandando Deos a Moyses, que dos desertos de Madian onde vivia fosse ao Egypto resgatar o seu Povo, que là estava cativo, levou Moyses em sua companhia a Sephora sua Esposa. E foi esta acção do seu Enviado tão estranhada, & abominada do mesmo Deos, que antes de chegar ao Egypto, lhe tornou a aparecer tão indignado contra elle, que queria não menos, que tirar lhe a vida: *Cumque esset in itinere, in diversorio, occurrit ei Dominus, & volebat occidere eum.* Paremos, & recemos

Exod 4.  
24

L paremos

paremos aqui com S. Agostinho, Theodoro, Eusebio Cesariense, Emiseno, & outros, os quaes colhem do mesmo Texto, que esta, & não outra foi a causa de hũa taõ notavel, & impensada demonstração. Pois, Senhor, a Moyses, a quem acabais de eleger por Redemptor do cativo do vosso Povo, taõ de repente quereis privar, não só do officio, senão da vida? Taõ grande culpa, & taõ mal soffrida de vós, foi querer levar sua Esposa consigo? Sim. Porque quando eu mando a Moyses, que vá libertar aos que estaõ cativos no Egypto; que queira elle meter no mesmo cativo a sua Esposa, que taõ livre estava delle, quanto vai do Egypto a Madian; não soffro eu tal deslumbramento, & tal erro em hum homem, que fiz Redemptor universal do meu Povo, & por isso representador de meu Filho. Reparem neste juizo de Deos os que interiormente se não acabão de

conformar com o que hoje prégamos, se por ventura ha ainda algum. Se Deos quiz matar a Moyses, porque não soffro, que elle metesse no cativo do Egypto com os outros cativos a Esposa que era de Moyses; se a Esposa fosse do mesmo Deos, como o soffreria? Sendo pois verdadeiramente Esposa sua a Virgem Maria, como soffrerá aos que lha querem cativar, & meter com os demais no mesmo cativo? Mas advertido isto de passagem, vamos por diante com a historia ao nosso ponto.

147 Postos Moyses, & Sephora em termos tam apertados, & perigosos como vimos: elle debaixo da espada de Deos condemnado à morte, & ella caminhando para o Egypto, onde todos eraõ cativos; que succedeo? Levavaõ ambos hum filhinho consigo, ao qual naquelle estado circuncidou a Mãe, dizendo ao Pay, q elle era a causa de lhe derramar o sangue:

Exod. 4  
25. que: *Sponsus sanguinum tu mibi es*: & no mesmo ponto, aplacado Deos, a Moyses lhe foi perdoada a culpa, & Sephora ficou livre de ir ao Egypto, apartando-se d'elle: *Et dimisit eum*. Quem se não admira neste caso do modo tão facil, & tão breve com que dous nós tão fortemente apertados se desatárao, & dous perigos tão grandes se resolverão? De sorte, que em se derramado o sangue do filho, o Pay ficou abfolto da culpa, & a Mãy livre do cativeiro? Com razão disse S. Paulo, que tudo o que naquelle tempo succedia, erao figuras, & hũa como comedia do que depois havia de ser: *Omnia in figura contingebant illis*. O filho innocête era figura de Christo: o Pay era figura de Adão, de quem tomou a natureza: a Mãy era figura da Virgem Maria, de quem nasceo. E tanto que o sangue do filho se derramou, o Pay ficou livre da culpa, pela qual estava cõdenado à morte: & a Mãy

ficou livre do cativeiro para onde a levava o mesmo Pay. Põde haver representação por todas suas circumstancias mais propria? Mas ainda faltaõ por advertir duas para maior gala do mysterio. A primeira, que a Mãy foi livre do cativeiro não depois de ir ao Egypto, & estar cativa, senão antes, & preferida, para que o não fosse. A segunda, que o mesmo cativeiro do Egypto naquella occasião já estava acabando, & havia de durar muito pouco: mas como o filho de Sephora representava o Filho de Maria, não permitio o seu sangue, que sua Mãy estivesse cativa, nem por hum só instante.

148 Parece que depois de tal figura não pôde haver prova real, que a iguale: mas será tanto maior, & melhor, quanto vai da luz à sombra. Quando o mesmo Christo na ultima Cea consagrou o seu preciosissimo sangue no Caliz, foi com estas pala-

vras: *Hic est Calix sanguinis mei, qui pro vobis, & pro multis effundetur*: Este he o Caliz de meu sangue, o qual se derramará por vós, & por muitos. Terrível palavra foi esta ultima! O sangue de Christo he de fé, que se derramou por todos, porque por todos morreo, de que temos cótra o Herege moderno o texto expresso de S. Paulo: *Pro omnibus mortuus est Christus*. Pois se o mesmo Christo havia de derramar, & derramou o sangue por todos, porque não diz, Este he o Caliz do meu sangue, o qual se derramará por vós, & por todos, senão por vós, & por muitos, *pro vobis, & pro multis?* Lede as palavras seguintes, & vereis quam admiravelmête resolvem a duvida. *Qui pro vobis, & pro multis effundetur in remissionem peccatorũ*: Será derramado, diz o Senhor, o meu sangue por vós, & por muitos: mas como? *in remissionem peccatorum*, em remissão de peccados. A-

2. Cor.  
5. 15.

qui está a differença. O sangue de Christo absolutamente derramouse não só por muitos, senão por todos: mas em remissão de peccados, não se derramou por todos, senão por muitos; porque do numero dos todos foi exceptuada a Mãy, que lhe deo o mesmo sangue. Por todos os mais foi derramado o sangue de Christo, & em remissão de peccados: só por sua Mãy foi tambem derramado, sim, mas em remissão de peccados, não; porque não teve peccado. Oh bendito Filho de Maria, que bem mostrastes ser juntamête Filho de Deos, pois taõ altamente acodistes pela honra de vossa Mãy! Havia de dizer S. Paulo, que todos peccáraõ em Adam: & que o sangue de Christo se derramou por todos. Mas para que o mundo se não enganasse, & soubesse, que no contrahir o peccado ouve exceção, & no derramar o sangue, differença; por isso declarou o Senhor có duas

limitações tão expressas, que o seu sangue se derramaria por muitos, & em remissão de peccados. Por muitos, & não por todos, para excluir a sua Mãy: & em remissão de peccados, & não por outro modo, para a eximir de toda a culpa, da qual nam foi perdoada por remissão, senão prevenida, & preservada por graça. Assim o disse, & protestou em tal hora, em tal acto, & com o Caliz do sangue que havia de derramar nas mãos, como Filho emfim, & Redemptor, que era da Mãy de quem recebera o mesmo sangue: *De qua natus est Iesus.*

## §. IV.

149 **E** Stabelicido este fundamêto geral, em que ficão tão bê provadas (& não sei se cõ algũa novidade) as supposições do que chamei velho: para entrarmos no que mais propriamente he novo, & tudo sobre o fan-  
Tom.7.

gue, que Christo derramou, para remir singularmente a sua Mãy, & a preservar do peccado; saibamos quando, onde, & como obrou o bendito Filho este grande, & occulto mysterio, & nunca atêgora distintamente examinado.

150 S. Bernardino Senense diz, que remio Christo a sua Mãy com o primeiro sangue, que derramou na Cruz, & com grande preferencia a todos os que nella foraõ remidos.

Fundase naquellas palavras dos Canticos: *Vulnerasti cor meum* Cant. 4.

*sponsa, soror mea sponsa, vulnerasti cor meum*: nas quaes reconhece o Sãto primeiras, & segundas feridas, & diz que as primeiras offereceo Christo na Cruz pela redempçam de sua Mãy, para q̃ a mesma Senhora, sendo remida primeiro que todos, fosse a Primogenita do Redemptor. As palavras do devotissimo, & doutissimo Padre saõ estas: *Vulnerasti cor meum, soror mea sponsa, vul-*

L iij *nerasti*

Bernardin. Ser. de Conception.

Luc 2.  
7.

*nerasti cor meum : pro tuo amore carnem sumpsi , & vulneribus primis in cruce vulnerasti cor meum ; nam Primogenita Redemptoris Filij sui Iesu est virgo Beata.* Alto sentir, & digno de seu Author. De sorte, que assim como o Filho foi o Primogenito da Mãy em quanto Homem, *Peperit Filium suum Primogenitum*; assim a Mãy foi a Primogenita do Filho em quanto Redemptor, *Primogenita Redemptoris Filij sui.* E esta foi a primeira fineza, ou primorosa correspondencia com que o Filho Jesu, em quanto Jesu, & Redemptor da Mãy, de quem nasceo, lhe pagou o beneficio do ser, não que della tivessê já recebido, senão que havia de receber. O Filho Primogenito da Mãy, & a Mãy Primogenita do Filho: o Filho Primogenito da Mãy no nascimêto, a Mãy Primogenita do Filho na Conceição.

151 Atè aqui S. Bernardino, declarada a sua

sentença quãto ella o permite. E verdadeiramente, que quando o Santo disse, *vulneribus primis*, se nam acrescentara *in Cruce*, na Cruz, não tinha eu mais que desejar, & dera o parabem ao meu pensamento de se encontrar com o de taõ allumiado, & sublimemente espirito. Mas porque tenho outras Escrituras mais claras, que citarei, conformandome em que o sangue, que o Redemptor derramou por sua Mãy, foi o primeiro, digo que não foi na Cruz, senão no Horto. Abranos o caminho à prova desta novidade o grande Doutor da Igreja S. Ambrosio, o qual florecendo mil annos antes, já então deixou escrito, que dando o Filho de Deos principio à obra da universal Redempção, começou por sua Mãy. *Nec mirum si Dominus redemptionem suam inchoavit à Matre, ut per quam salus omnibus parabatur, eaeem prima fructum salutis hauriret*

D. Ambrosio in  
Luc. c. 2.

*viret ex pignore.* Elegante, & eloquentemente, como sempre, Ambrosio. Quer dizer, que ninguem se deve maravilhar de que havendo de dar principio o Redemptor à obra da redempção do mundo, começasse por sua Mãy, para que ella, que o havia de ajudar na redempção de todos, fosse a primeira, que na mesma redempção colhesse os frutos do fruto do seu ventre.

152 Isto posto, se alguém perguntasse ao mesmo Filho, & à mesma Mãy, onde colhéraõ estes primeiros frutos da redempção, não ha duvida, que ambos havião de responder, que no Horto: & assim o dizem expressamente a Mãy, & mais o Filho. He passõ, que se não podia deixar, nem inventar melhor: & foi hum dialogo, que tiveraõ entre sy o Esposo, que he Christo, & a Esposa, que he a Virgem, no mesmo livro dos Canticos. *Veniat dilectus meus in hortum suum,* (diz alli a

Senhora) & comedat fructum pomorum suorum: Venha o meu amado ao seu Horto, & colha o fruto dos seus frutos; isto he, os primeiros, & as primicias delles. Isto disse a Esposa: & logo tendo fatisfeito o Filho ao desejo da Mãy, diz assim: *Veni in hortum meum, soror mea sponsa, & messui myrrham meã.* Vim ao meu Horto, irmã, & Esposa minha, & o que alli colhi, foi a minha myrrha.

A myrrha propriamente não he fruto, senão hú licor, que se sua, & estila das arvores do mesmo nome. Pois se a Esposa tinha convidado o Esposo, para que fosse ao seu Horto colher os primeiros frutos, *Veniat in hortum suum, & comedat fructum pomorum suorum:* como indo o Esposo ao mesmo Horto, em vez de colher frutos, colheo myrrha: *Veni in hortum meum, & messui myrrham meam?* Assim o disse, porque assim foi, nem se podia declarar melhor. Como a myrrha he aquelle licor

L iij aro

ibidem.

aromatico, que suaõ as arvores, o fruto que Christo colheo no Horto, satisfazendo ao desejo de sua Mãy, foi o fangue, que por amor della suou na oraçaõ do mesmo Horto. Expressa, & concordemente S. Cyrillo Jerosolymitano, Philo Carpacio, & Ruperto. *Christus enim in Horto orans, myrrham messuit, cū sanguinem sudavit.* Põde haver cousa mais clara, mais breve, & mais exacta: em que se exprima como desejavamos, o onde, o como, & o quando? O onde, no Horto, *in Horto*: o como, orando, *orans*: o quando, quando suou o fangue, *cum sanguinem sudavit*?

153 A vista pois desta primeira conclusaõ taõ nova, & taõ provada, que diremos? Diremos por vêtura, que andou taõ finalmente primoroso o soberano Redemptor na redempçaõ de sua Mãy, que naõ só quiz que fossẽ immaculada a Remida, senaõ tambem immaculada a mesma redempçaõ? E

porque a redempçaõ, que obrou no Calvario, era redempçaõ de peccado, & de peccadores; para que a de sua Mãy de nenhũ modo se envolvesse, & misturasse com ella, a dividio, & separou no tempo, no lugar, no fangue, & no modo de o derramar, fazendo no Horto hum novo Calvario sem monte, & no suor húa nova Cruz sem cravos? Assim o cantou elegantemente. Hildeberto Turonense: *Sanguineus sudor Crucis fuit ante crucem.* Mas ouçamos a S. Paulo. S. Paulo parece que faz distincão entre hum, & outro fangue, attribuindo a redempçaõ universal só ao fangue da Cruz: *Pacificans per sanguinem Crucis ejus* Collof. 1.20. *sive que in terris, sive que in Cælis*: & estes são os termos geraes com que communmente fallaõ os Santos Padres. Donde se segue, que se o fangue da Cruz foi só o preço da redempçaõ universal, no tal caso todo o sãgue do Horto foi unicamente applica- do

Cyrril.  
Philo  
Carp.  
Rupert.  
ibi.



do pelo Filho à redempção da Mãy, & por isso propriamente não só Primogenita, como queria S. Bernardino, mas Vnigenita; porque a Primogenita tem segúndos, & a Vnigenita he singular, & unica. Mas esta fineza de nenhú modo se deve, nem pôde entender com exclusão do fangue da Cruz, porque he certo, que o Filho da Virgem tambem morreo pela Mãy, de quem nasceu; que foi nova correspondencia de reconhecimento, & gratidão, pagandolhe o nascimento com a morte. Que diremos logo à vista destes dous theatros, ou amfiteatros, ambos sanguinolentos, hum do Horto, outro do Calvario? Digo, que em hum, & outro obrou o Filho de Maria como Jesu, & como Redemptor a sua redempção; mas no Calvario como universalmente Remida; no Horto, como singularmente preservada, & em hum, & outro, como purissima, & sem

macula. Em tudo quanto digo, fallo pela boca da mesma Mãy, & do mesmo Filho: & neste ponto com texto milagrosamente feito só para elle.

154 Hum dos mais notaveis Textos da Escriitura no que diz, & na ordem, & consequencia com que o diz, são aquellas palavras do Esposo Divino, fallando primeiro com si go, & depois com a Esposa: *Vadam ad montem myrrhæ, & ad collem thuris: 6.7. tota pulchra es amica mea, & macula non est in te.* Eu [ diz o Esposo ) irei ao monte da myrrha, & ao oiteiro do incenso: & vós, Esposa, & amiga minha, toda sois fermosa, & toda pura sem macula. Superfluo he repetir, que a Esposa he a Virgem Maria, & o Esposo Christo seu Filho. Mas que correspondencia tem dizer o Filho, que ha de ir ao monte da myrrha, & ao oiteiro do incenso: & logo inferir, & concluir, que a Mãy toda he fermosa, & toda pura  
icm

fem macula? *Vadam ad montem myrrha, & ad collem thuris*: & logo de repente sem outro motivo: *Tota pulchra es amica mea, & macula non est in te?* Para entendimento desta notavel consequencia em q̄ se infere com tanta clareza, & expressão a pureza immaculada da Virgem, he necessario saber, que monte, & que oiteiro, que myrrha, & que incenso he este? A myrrha significa a morte, o incenso significa a oração: & neste sentido, que he de todos os Santos Padres, o monte da myrrha he o Calvario, onde Christo morreo, & o oiteiro do incenso, he o Horto de Getsemani, onde orou: (porque Getsemani estava situado em hum tezo sobre o Valle de Cedron.) E de Christo morrer na Cruz, & orar no Horto, tira por consequencia, & conclue o mesmo Senhor, que sua Mãy toda he pura, & sem macula: cõ razaõ, & consequencia, torno a dizer, milagrosa; porque pa-

ra Christo remir o genero humano depois do peccado, bastava o sangue, que derramou na Cruz; mas para remir, & preservar a sua Mãy sem macula de peccado, quiz elle por fineza particular acrescentar ao sangue da Cruz o sangue, que derramou na oração do Horto. Isto he ir ao monte da myrrha: *Vadam ad montem myrrha, & juntamente ao oiteiro do incenso, & ad collem thuris*. E tanto que se unirão os efeitos destas duas jornadas, & se juntou hũ sangue com outro sangue, entraõ exclamou, & declarou a vozes o Filho, que sua Mãy era toda pura, & sem macula: *Tota pulchra es, amica mea, & macula non est in te*; porque o effeito geral do sangue da Cruz, foi remir, & o particular do sangue do Horto, remir preservando.

155 Comparemos hũ sangue com outro, o da Cruz com o do Horto, & veremos com os olhos esta mesma differença. Quando

do na Cruz deraõ a lança-  
da a Christo, sahio fangue,  
& agua : *Exiuit sanguis, &*  
*aqua* : mas quando o Se-  
nhor fuou no Horto, só-  
mente sahio fangue : *Fa-*  
*ctus est sudor ejus sicut gut-*  
*te sanguinis*. Parece, que  
naõ havia de ser assim.  
Mais proprio era do fan-  
gue do Horto, que do fan-  
gue da Cruz , sair junta-  
mente com agua. Porque  
depois de exausto o suor  
natural, que he humor  
aqueo, entaõ se seguia o  
preternatural, & prodigi-  
oso, que he o de fangue.  
Qual foi logo o mysterio,  
porque o fangue da Cruz  
sahio juntamente có agua,  
& o do Horto naõ? Todos  
os Padres uniformemente  
dizem, que o fangue da  
Cruz significava a redép-  
ção, & a agua o bautismo  
primariamente instituido  
para lavar o peccado ori-  
ginal. S. Athanasio: *Exiuit*  
*sanguis, & aqua, ut ita re-*  
*demptio & immundatio prio-*  
*ris Adæ dimanaret*. E S.  
Ambrosio: *Exiuit aqua, &*  
*sanguis : aqua, ut mundaret,*

*sanguis, ut redimeret*. Assim  
os demais. E como o fan-  
gue da Cruz era para re-  
mir, & a agua para lavar as  
manchas do peccado de  
Adam ; por isso sahio na  
Cruz o fangue juntamen-  
te com agua : *Exiuit san-*  
*guis, & aqua*. Porém no  
Horto, como o fangue era  
para remir naõ lavando,  
senaõ preservando da mes-  
ma mancha : porque só ha-  
via de remir, & naõ tinha  
que lavar; por isso o suor  
naõ foi de fangue junto có  
agua, senaõ de fangue só-  
mente: *Sicut guttae sangui-*  
*nis*. Esta he a razão, &  
propriedade porque o Se-  
nhor quando disse, que ha-  
via de ir ao Calvario, *Va-*  
*dam ad mortem myrrhæ,*  
naõ fallou palavra na pu-  
reza da Máy ; mas tanto  
que ajuntou, que havia de  
ir tambem ao Horto, *& ad*  
*collem thuris*, logo a publi-  
cou, & canonizou por im-  
maculada, *& macula non est*  
*in te*. Bem podera o fangue  
da Cruz, como de infinita  
virtude, produzir por sy  
só este effeito; mas como a

redempção da Mãy era tão mais nobre, tanto mais alta, & tanto mais preciosa, que a de todos, tambem era credito da mesma redempção, que fosse maior, & mais subido o preço que se dêsse por ella. Por isso os empenhos sempre mais, & mais primorosos do Filho não se contentão com menos, que com dobrar a paga, acrescentando hum preço sobre outro preço, & hum sangue sobre outro sangue, como Redemptor emfim, & Jesu da Mãy, de quem o tomou, & nasceu: *De qua natus est Iesus.*

## §. V.

156 **T**EMOS prova- do a prerogativa do sangue, que Christo suou no Horto em respeito do que derramou na Cruz, & como foi particularmente applicado pelo mesmo Filho à redempção immaculada de sua Mãy: mas ainda não temos dado, nem inquirido a razão.

No sangue de Christo tanto valor tem hũa gota como todo: & se no todo se quizesse especular alguma consideração de excessõ, ou ventagem, o todo foi o da Cruz, & as gotas o do Horto: *Sicut gutta sanguinis.* Que razão de prerogativa teve logo o sangue do Horto, para ser elle o preferido neste mysterio do da Cruz? Respondo, que a razão, conveniencia, & primor desta preferencia, foi; para que não só o Redemptor, & a redempção, senão tambem o preço della, que foi o sangue, se unissem no mesmo modo singular, & extraordinario de remir, com que o Filho remio a Mãy, & ella foi remida. Como foi remida a Virgem Maria? Não depois, senão anticipadamente, que isso he ser remida por preservaçam. Pois essa foi a razão, o primor, & a fineza, porque não só o Redemptor, & a redempção, senão tambem o preço della se anticipou. O Redemptor apressou-se, & adi-

& adiantouse à redempção: a redempção apressouse, & adiantouse ao peccado: & para que o preço, que era o sangue, se apressasse, & adiantasse tambem, anticipouse o sangue do Horto ao da Cruz.

157 Caminhando o Pay, & Máy de Samsam por húa estrada deserta cerrada de bosques, adiantouse o filho, que os acompanhava; & saindo-lhe ao encontro hum Leaó tão feroz na catadura, como soberbo nos bramidos, arremeteo a elle o valente moço, sem mais armas, que as proprias mãos, & affogando-o entre ellas, o lançou morto no bosque. Grã façanha, & mais que humana! Assim o nota a sagrada Escriura, dizendo, que isto fez Samsam movido do Espirito divino. Mas o primeiro movimento com que se adiantou, deixando atraz seu Pay, & sua Máy, parece que nem foi necessario, nem conveniente. Necessario não; porque as suas forças eraõ

as mesmas, & tanto podia matar o Leaó adiantandose, como indo ao lado dos Pays: conveniente também não, & muito menos, porque acompanhando os mesmos Pays, os assegurava melhor do perigo daquella, ou de outra fera do bosque. Qual foi logo o fim (que não podia deixar de ser grande, & mysterioso] porq̃ o moveo o mesmo espirito a que se adiantasse? O fim grande, & mysterioso foi, como já notáraõ alguns Escriutores modernos, porque nesta historia de Samsam se representava maravilhosamente, & com todas suas circunstancias o mysterio da Conceição immaculada. A estrada por onde caminhavão o Pay, & a Máy, he aquella por onde descendemos de Adam todos os que recebemos o ser por geração natural: o Leaó feroz, & soberbo he o peccado original, que naquella passagem espera a todos os homens, & antes de nascidos lhe não perdoa, &

os mata: o Samsam, que o matou a elle, he Christo por natureza izento de peccado, & que sô tem poder, & forças para vencer, & destruir não sô o original, mas todos. Assim pois como Samsam se adiátou, & anticipou para livrar do Leão a seu Pay, & sua Mãy, antes que elle os encontrasse; assim Christo se adiátou, & anticipou a preservar do peccado original a sua Mãy, antes que ella o encorresse.

158 Atè aqui os Doutores allegados, não reparando nenhum delles, nem acodindo a húa circumstância, & impropriedade, que sendo esta figura taó natural do mysterio, não sô a deslustra, & afea, mas a nega, ou poem em duvida. Samsam livrou das garras do Leão a seu Pay, & a sua Mãy: Christo não preservou do peccado original a homein algum, senão a húa mulher sômente, que foi a Virgem immaculada: logo a historia não diz com o mysterio, nem a figura có

o figurado, antes desfaz, & descompoem toda a gloria, & privilegio da Conceição, que consiste em ser a Senhora unicaméte preservada? Mas que seria se eu dissesse, que nesta que parece impropriedade da historia, consistio a maior energia, & gala do mysterio? Assim o digo. Porque Samsam livrou daquella fera, que representava o peccado original, não sô a sua Mãy, senão tambem a seu Pay; por isso mesmo foi perfeitissima figura de Christo no mysterio da Conceição. Mas de que modo? Por isso mesmo. Porque Christo foi Filho da Virgem Maria: & a Mãy que he Virgem, nam sô he Mãy, senão Mãy, & Pay de seu Filho, porque não tem outro Pay. Logo para Samsam ser perfeitissima figura de Christo no mysterio da Conceição, não sô havia de livrar do Leão a sua Mãy, senão a sua Mãy, & a seu Pay juntamente. Este he o fundamento porq graves Theologos

logos tiverão para sy, que a Virgem Maria em respeito de seu Filho se havia, ou podia chamar nam só *Mater* como as outras Mães, senão *Matripater*, que quer dizer Mãe, & Pai. E pela mesma razão lemos em muitos Santos Padres, que o amor da Virgem em respeito do mesmo Christo foi dobrado; porque o amor dos outros filhos naturalmente gerados, divide-se entre o pai, & a mãe; porém na Mãe Virgem, como em Mãe, & Pai, estava todo unido.

159 Ainda tem a mesma historia de Samsam outra admiravel propriedade em confirmação do mesmo mysterio. Já vimos como Samsam, quando matou o Leão, o lançou, & escódeo no bosque. E declara a Escritura, q̄ nem a seu Pay, nem a sua Mãe, né a outré descobriu aquella façanha, sendo de tanta honra sua, & tão bizarra. Assim esteve occulto o mysterio deste silencio, & segredo, até

que depois de muitos dias se manifestou, que o intento de Samsam fora formar, como formou, da sua mesma historia aquelle famoso enigma, que propoz, & expoz ao juizo dos homens com nome de problema:

*Proponam vobis problema.* <sup>Judic</sup>

Já estou vendo, que nenhū entendimento haverà tam rude, que nesta singular circunstantia não reconheça mais, & melhor a historia da Conceição de Maria, que a do mesmo Samsam. Adiátouse Christo a vécer, & matar o peccado original antes da Conceição de sua Mãe: & está do por muito tempo occulta aquella singular façanha do Filho; que fez o mesmo Filho? Da mesma façanha occulta, & do mesmo segredo só a elle manifesto, fez o mais celebre, & mais altercado problema, que nunca ouve no mundo, disputado as mais doutas Escolas da Theologia, se Maria fora concebida em peccado original, ou não. Que Escrituras se não

não tem desenterrado, & desentranhado? Que livros se não tem mandado à estampa? Que discursos, & argumentos senão tem inventado? E em quantas disputas publicas, & secretas se não té cótrovertido este mesmo ponto, seguindo huns Doutores a parte affirmativa, & outros com maior applauso a negativa? Mas todos atégora problematicamente; porque assim o quiz para maior celebridade, & gloria do mesmo mysterio o soberano Author do mesmo problema: *Proponam vobis problema*. E será sempre problema? Não. Porque da mesma historia côsta, que Samsã revelou o enigma a sua Esposa. E assim como Samsã o revelou a sua Esposa, & por meyo della o entenderão todos; assim Christo finalmente acabará de-o revelar a sua Esposa a Igreja, como já tem começado; & como for desfinida por ella a verdade, cessará a cótroversia, & será conheci-

da; & festejada de todos.

160 Tornando ao fio do nosso discurso, assim como o Filho se adiantou, & anticipou à redempção da Mãy; assim a mesma redempção se adiantou, & anticipou ao peccado, & com nova, & admiravel correspondencia. Foi tam admiravel a pressã có que o peccado original se adiantou, & anticipou a matar os homens; que sendo todos filhos de Adam, primeiro os matou seu Pay com o peccado, do que elles nasceem. E para que se veja, que a redempção da Virgem Maria nam foi menos apressada, nem seu Filho se adiantou, & anticipou menos em preservar a Mãy, do que Adam se tinha adiantado, & anticipado em matar os filhos; pergunto, Qual foi primeiro, o nascimento do Filho; ou a Conceição da Mãy? Não ha duvida, que a Conceição da Mãy foi muito primeiro, que o nascimento do Filho. Pois se o Filho ainda não era nascido, como



mo preservou do peccado a Mãy antes de nascer? Respondo tornando a perguntar. E quando Adam peccou, eraõ já nascidos seus filhos? Não: & có tudo pode-os Adam matar com o peccado antes de nascerem. Pois seria bem, que os filhos de Adam os mataffe seu Pay có o peccado antes de nascerem; & o Filho de Maria não preservaffe do mesmo peccado a sua Mãy antes de nascer? He verdade, que esta redempção taõ anticipada foi effeito do sangue da Mãy, que elle ainda não tinha recebido. Mas effa he a virtude do sangue de Christo, como agora veremos.

161 Quando ouverão de nascer Zaraõ, & Phares dous filhos gemeos de Tamar; Zaraõ lançou primeiro fóra hum braço, no qual a que assistia ao parto lhe atou hum fio de purpura, entendédo q elle seria o primogenito; mas enganouse, porque Phares se adiantou, & nasceo pri-

meiro. Todos os Santos Padres reconhecem neste caso grande mysterio, & concordaõ em que aquelle fio de purpura foi final do sangue de Christo. S. Cyrillo comentádo as palavras do Texto, *Vnus protulit manum, in qua obstrix ligavit coccinum*, diz, *Coccinum sanctissimũ Christi sanguinem signat.* E o mesmo dizem S. Ambrosio, S. Bernardo, & outros Padres. Foi pois o caso, que os dous gemeos Zaraõ, & Phares cada hum procurava nascer primeiro, & ser o primogenito, para que do seu sangue nascesse o Messias, que era toda a ambição, & emulação daquelle tempo. E que fez o mesmo Messias? A Phares concedeo, que receberia delle o sangue, & a Zaraõ, que com o mesmo sangue o assinalaria: & assim foi. Mas a Zaraõ deo-lhe logo a purpura, & o final do sangue, & de Phares não o recebeu senam muito tempo depois. E porque? Porque he virtu-

Genesi  
38. 27.

Cyriil.  
apud Li.  
pennã  
Amb.  
Bernar.

de propria do fangue de Christo poderse dar antes de se receber. O fangue de Phares não o recebeu Christo senão quando nasceu o mesmo Christo, & o final, & effeito do seu fangue recebeu-o Zarão antes de nascer o mesmo Zarão: & isto foi, nem mais, nem menos que se verificou na Conceição de Maria, & no nascimento de seu Filho. O Filho recebeu o fangue da Mãy, quando della nasceu, que foi no dia do seu nascimento: & a Mãy recebeu o effeito do fangue, que deo ao Filho antes de nascer a mesma Mãy, que foi no dia da sua Conceição. De sorte, que o Filho foi Redemptor da Mãy por meyo do fangue, que della recebeu, antes de o receber: & a Mãy foi remida, & preservada por meyo do fangue, que deo ao Filho, antes delho dar. E temos fundada, & declarada a razão, porque este fangue foi o do Horto.

162 Assim como o

Redemptor foi Redemptor anticipado, porque se adiantou, & anticipou à redempção: & assim como a redempção foi anticipada, porque se adiantou, & anticipou ao peccado; assim foi conveniente para maior lustre, & gloria do mysterio, que o preço da mesma redempção, que era o fangue, fosse também anticipado, & por isso o fangue do Horto se adiantou, & anticipou ao fangue da Cruz. Assim o notou, & celebrou com admiraveis propriedades a mesma Virgem tão primorosamente remida. Depois de dizer seu bendito Filho, que o fruto, que colheo no Horto, foi a sua myrrha: *Veni in Hortum meum, messui myrrham meam*: a qual myrrha, como vimos, he o fangue q̄ no mesmo Horto fuou; diz logo a Senhora, falando com o mesmo Filho, que essa myrrha a que chama primeira, foi o estillado de sua sagrada boca: *Labia ejus distillantia myrrham*

Cant. 81.  
1.

Ibid. 13.

*rbam primã*. Mas se aquelle fangue, que o Senhor fuou, sahio, & brotou por todos os póros do fagrado corpo, como diz a Senhora, que foi estillado de sua boca? Agora se verá com quanta propriedade interpretamos do Horto, & da oração do mesmo Horto o nome de *collem thuris*. Chamase o sãgue do Horto estillado da boca de Christo; porque a força, & efficacia da oração do mesmo Senhor no Horto, como taõ fervorosa, & ardente, foi a que acendeo, & futilizou o fangue nas veas, & o fez manar em fuor. Assim o diz có a mesma consequencia o Evangelista S. Lucas: *Prolixius orabat, & factus est sudor ejus sicut guttæ sanguinis*: E Elias Cretense comentando o mesmo Texto: *Ardentè orat, ac sudor guttarum sanguinearum ab ipso fluit*. E como ao passo, que da boca sahia a oração, das veas rebentava, & corria o fangue, esta foi a propriedade com que disse a

Senhora, que da mesma boca se estillava a myrrha primeira: *Labia ejus distillantia myrrham primam*.

163 A palavra *distillãtia* he a mesma com que o texto Arabico explica o fuor do Horto: *Et factus est sudor ejus velut sanguis distillans*. Mas porque razão chama a Senhora nas mesmas palavras ao fangue do fuor do Horto nam só myrrha, senão myrrha primeira, *myrrham primã*, nome taõ singular, que só neste Texto se acha em toda a Escritura fagrada? Toda a myrrha nam he aquelle licor, ou humor precioso, & aromatico, que se estilla da arvore onde nasce? Sim. Pois porque se chama particular, & singularmente o fangue; & fuor do Horto, naõ myrrha de qualquer modo, senam myrrha primeira: *Distillantia myrrham primam?* Não se podéra mais propria, & eruditamente declarar o mysterio de ser sãgue anticipado. A myrrha, como descreve Pli-

Luc. 22.  
43 44.

Elias  
Cret. ib.

Plin. in  
Myrrh.

nio, colhe-se da arvore onde se cria por dous modos. O primeiro he, suado a arvore por sy mesma aquelle licor mais sutil estillado naturalmente, & sem violencia: & esta se chama myrrha primeira. O segúdo he, picando primeiro a arvore, & dandolhe golpes, pelos quaes fae, & se descarrega o licor mais grosso: & esta se chama myrrha segunda. E quem não vê que tal foi com admiravel propriedade a myrrha, & sangue do Horto, comparado com a myrrha, & sangue da Cruz? O sangue da Cruz não sahio senão depois de ferido, & aberto o corpo do Redemptor com os cravos, & com a lança: o do Horto porém anticipandose a todos os instrumentos da violencia, elle sahio, & se estillou por sy mesmo das veas em suor, & espontaneamente. O sangue da Cruz tirado à força do ferro, como myrrha segunda: o sangue do Horto suado sem força mais que a do amor, como

myrrha primeira: *Myrrhã primam*. E faz tanto caso a Virgem purissima desta circumstancia, & celebra, & louva tanto a seu Filho por ella: porque consistindo não sô a prerogativa maior, senão a mesma essencia da sua preservaçãõ em ser redempçãõ anticipada; que mais primorosa, & elegante fineza se podia esperar, ou imaginar do mesmo Redemptor, do que querer seu amor, & inventar sua sabedoria, que assim como a redempçãõ de sua Mãy foi anticipada, assim fosse anticipado o preço da mesma redempçãõ, & o sangue com que a remio, tambem anticipado? Assim provou finalmente ser sangue daquelle Jesus, & daquelle Redemptor: daquelle Redemptor, que o foi de sua Mãy antes de ser homem, & daquelle Jesus, que o foi de Maria antes de ser Filho: *De qua natus est Jesus*.

## S. VI.

164. **I**Aparece que as obrigaçoens de Redemptor juntas com as de Filho se devérao dar por satisfeitas nos primores, & finezas tão repetidas com que singularizárao a redempção da purissima Mãy; mas ainda resta a mais primorosa, & a mais fina de todas. Foi sentença de alguns Padres antigos, como hoie he cômum entre os Theologos, que o fangue, que o Verbo encarnado tomou da Virgẽ fantissima, sempre o conservou unido à Divindade, sem permitir ao calor natural, que o alterasse, mudasse, ou diminuisse. O mesmo conserva hoje glorioso no Ceo, como diz S. Agostinho; & o mesmo cômungamos no Sacramento, como diz S. Pedro Damiaõ. Isto supposto, não me julgarã por temerario a piedade Christãa, se eu differ, que o fangue, que Christo suou no Horto,

Tom. 7.

foi o mesmo; que na Encarnação tinha recebido de sua fantissima Mãy.

165. A primeira, & natural razão em que me fundo, he tirada do peito do mesmo Verbo encarnado, & dos archivos de seu entendimento, & vontade, & não em correspondencia de outro mysterio, senão do mesmo da Encarnação. Duas cousas recebo de nós o mesmo Verbo naquelle mysterio, que foraõ a carne, & o fangue. E que he o que fez dellas, & porque razão? De ambas instituiu o Santissimo Sacramento da Eucharistia; & a razão foi, diz S. Thomás, para que tudo o que tinha recebido dos homens, o empregasse em faude dos mesmos homẽs: *Totum quod de nostro accepit, totum nobis contulit ad salutem.* Lembremonos agora, que do Cenaculo onde o Senhor tinha instituido o Sacramento, se partio immediatamente para o Horto, onde a mesma carne, que tinha sacramẽ-

M iij tado

August.  
Se. m. de  
Assump.  
Virg.  
P. Dam.  
Ser. 45.

D Th.  
episcul.  
57.

tado, fuou parte não de outro, senão do mesmo sangue. E haverá quem se persuada, que em tão pouco espaço de tempo, & de lugar mudasse de pensamento, & affecto o mesmo entendimento, & a mesma vontade de Christo, & se tivesse esquecido daquelle mesmo dictame da sua bondade, & daquella mesma correspondencia de seu amor? Claro está, q̄ quem tal imaginasse, seria com manifesta injuria tanto do Filho, como da Mãy. Logo se a bondade, & amor de Christo tinha julgado, que devia empregar em faude dos homens tudo o que tinha recebido dos homens: havendo de applicar algũa parte de seu sangue para a anticipada redempção de sua Mãy; porque não seria aquella mesma parte, que de suas entranhas tinha recebido? Quem tão inteiramente o tinha conservado, & guardado trinta & tres annos, sem duvida, que não seria senão para o empregar em

tão devida, & primorosa occasião.

166 Isto he o que digo, & não só, & sem Author. Eusebio Emiffeno (que alguns querem fosse Eucherio, ambos antigos Padres da Igreja, & de grande authoridade) ou ambos, ou qualquer delles dizem estas notaveis palavras. *De carne Mariae coagulatus, de ejus formatus visceribus, de ejus substantia consummatus, sanguinem quem etiam pro Matre obtulit, de sanguine Matris accepit.* Querem dizer: Christo gerado da carne de Maria, formado das entranhas de Maria, & da sustancia de Maria feito homem consumado, o sangue que tambem offereceo por redempção de sua Mãy, foi o que do sangue da mesma Mãy tinha recebido: *Sanguinem quem etiam pro Matre obtulit, de sanguine Matris accepit.* Notemse muito nestas admiraveis palavras aquelle *sanguinem de sanguine Matris*, & aquelle *etiam.*

Eusebi.  
Emiff.  
homil.  
de Nativit.  
Domin.

*etiam*. De forte que o fangue de que se falla não he todo o fangue de Christo, senão parte delle , & essa parte não outra , senão aquella mesma parte, que recebo do fangue de sua Mãy: *Sanguinem quem de sanguine Matris accepit*. E aquella *etiam* , *etiam pro Matre obtulit* , denota que foi paga , & preço particular, offerecido particularmente só pela redempção da Mãy,além do preço geral offerecido por todos, o qual não foi só parte do fangue de Christo , senão todo o fangue, & não só a parte que tinha recebido do fangue da Mãy na Encarnação, senão todo o que adquirio em todo o tempo da vida. Este fangue todo foi o preço da redempção universal do genero humano: mas aquella parte recebida do fangue da Mãy, posto que foi parte deste todo , tambem em quanto parte separada , *etiam*; tambem, & por modo particular, *etiam*; tambem, & sobre o preço ge-

ral, *etiam*; foi especialmēte applicada, como diziamos, à redempção da mesma Mãy: *Quem etiam pro Matre obtulit*.

167 E para que o mesmo fangue nos confirme altamente este pensamento, vamos ao mesmo Horto, & ao mesmo passo , & modo com que se derramou. Quando Christo Senhor nosso entrou, & perseverou na oração do Horto tantas vezes repetida, as ancias da mesma oração eraõ fundadas no temor natural da morte , & dos tormentos , tendo dado licença o Senhor à parte sensitiva da sagrada humanidade ( assim para prova da verdade della , como para mais padecer por nós ) a que se fogueitasse a todos os effeitos da natureza, ainda com sinaes de temerosa, & fraca. Neste sentido disse S. Marcos: *Capit pavere, & tēdere*: o que entendem todos os Padres de proprio, verdadeiro, & natural temor. Mas este mesmo temor

M iiii pa-

Marc.  
4. 33.

parece que faz difficultoso o suor de fangue ; porque não só a Filosofia, fenaõ a experiencia nos ensina, que com o temor se recolhe o fangue, & acode ao coração, & por isso ficaõ pallidos os que temem. Pois se Christo verdadeiramente temia, & assim o temor como o suor de fangue, posto que extraordinario, foi natural ; como em vez de se recolher o fangue para dentro, sahio, & brotou para fóra? A razão tambem natural he; porque no mesmo fangue havia os impulsos, & causas destes diferentes effeitos, assim como eraõ diferentes os affectos , que entaõ combatiaõ o coração do mesmo Senhor. Húa parte do fangue, seguindo o affecto do temor, era tímido, outra parte do fangue, seguindo o affecto contrario, era animoso : o tímido acodio ao coração, o animoso saltou, & sahio fóra : & esta parte do fangue animoso, que saltou, & sahio fóra, foi o fangue,

que o Verbo encarnado conservava, & tinha recebido do fangue de sua Mãy. Provo. Quando o Anjo deo a embaixada à Senhora, turbouse hū pouco o animo humilissimo, & modestissimo da Virgem, como taõ alheo do que ou-

Luc 1.  
29.  
Ibid. 30.  
Ibid. 31.

*Turbata est in sermone ejus.* Entaõ o mesmo Anjo lhe socegou o cuidado, & lhe tirou o temor, dizendo: *Ne timeas, Maria:* Maria, não temas. Socegado pois o temor, entaõ accitou a Senhora animosamente a embaixada, & dizendo: *Fiat mihi secundum verbum tuum,* entaõ encarnou o Verbo em suas entranhas. E como o fangue, que o Verbo tomou do fangue de sua Mãy, era fangue actualmente animoso, *Ne timeas Maria,* este foi o fangue, que no Horto não acodio ao coração, como tímido, mas como animoso sahio, & saltou fóra das veas: *Factus est sudor ejus sicut gutta sanguinis.* Assim se portou galhardo, & generoso o fangue



gue do Horto, como lembrouse não só de quem era, mas de quem tinha sido, para acodir na causa original pela honra de sua propria origem: *Sanguinem quem etiam pro Matre obtulit, de sanguine Matris accepit.*

168 Emfim, & em summa, que Jesu, que nasceo de Maria, para se mostrar perfeito, & perfectissimo Jesu, & perfeito, & perfectissimo Redemptor de sua Mãy, não só a preservou sem macula em sua purissima Conceição, que he o mais perfeito modo de remir; mas para que ella fosse a primeira entre todos os remidos, & a Primogenita, ou Unigenita da redempção do mesmo Filho; antes de elle derramar todo o sangue por todos na Cruz, o começou a derramar no Horto, ou unica, ou particularmente por ella, anticipando o preço da sua redempção, assim como a mesma redempção foi anticipada; mas quiz tambem por ultimo excess-

so de amor, gratidão, & primorosissima correspondencia, que a parte anticipada do sangue, que especialmente applicou, & dedicou à sua preservação, fosse aquella mesma, que de suas purissimas entranhas tinha recebido, & guardado. Eu não sei ponderar, nem admirar este extremo de fineza; mas darei por mim outros admiradores de mais alta esfera, que todos os humanos.

169 Quando Christo como Redemptor universal nosso, & como Redemptor particular de sua Mãy subio triunfante ao Ceo, admirados perguntavam todos os Espiritos Angelicos: *Quis est iste, qui venit de Edom, tinctis vestibus?* Ifai. 63  
 Quem he este, que vem da terra de Edom com as vestiduras tintas em sangue?  
*Iste formosus in stola sua, gr. diens in multitudine fortitudinis sue.* Vem acompanhado da multidão dos que libertou com a fortaleza de seu braço: & quam fer-

fermoso elle, & quam gentil-homem no seu vestido! Ninguém haverà, que não repare muito nestas ultimas palavras: & fer o vestido do triunfador o principal motivo da admiração dos Anjos, & fundaré no mesmo vestido todos os encarecimentos de sua fermosura: *Iste formosus in stola sua?* Se era pela tintura do sangue, *tinctis vestibus*, não levava o Senhor no mesmo triunfo as suas Chagas abertas? Pois porque passão em silencio as feridas do corpo, & só admiraõ o sangue do vestido? O que manou das Chagas, & na cor viva, & brilhante, com que nellas se via, não era o mesmo? Pois porque se celebra tão to o do vestido, & não o das Chagas? Porque as Chagas eraõ recebidas na Cruz pela redempção universal de todos, & o sangue do vestido era o suado no Horto pela redempção particular, & preservação de sua Mãe. Notai bem toda a historia da Payxão, &

achareis que o sangue de que se tingio o vestido proprio de Christo, foi só o do Horto. Nos açoutes estava o Senhor totalmente despido, & o sangue que delles correo ficou no pavimento do Pretorio. Na coroação de espinhos, o sangue que elles tiráão da sagrada cabeça, também cahio, & se recebeu na purpura, de que lhe fingio a Opa real a jocosa impiedade dos soldados. Na Cruz tambem estava despido, & o sangue das quatro Chagas, & da quinta todo regou a terra do Calvario. Assim que o sangue de que se tingio a tunica, & vestiduras proprias do Senhor, foi o sangue que por todos os póros do corpo fuou no Horto. E como este sangue se singularizou nos extremos tantos, & tão admiraveis, que vimos, na preservação de sua Mãe; por isso o soberano Redemptor o vestio pela melhor, & mais rica gala de seu triunfo: & por isso como tal a admiráão os

An-

Anjos, & a celebráráo pela maior gentileza do mesmo Redemptor: *Iste formosus instola sua.*

170 Tudo o mais que succedeo no mesmo triumpho, cófirma ser este sangue tão admirado, o que particularmente se applicou à Cõeição immaculada da Virgem santissima. Perguntaráo os Anjos, quem era o soberano triunfador: *Quis est iste?* E elle mesmo respondeo: *Ego, qui loquor justitiam, & propugnator sum ad salvandum:* Eu sou o que faço justiça, & sou defensor para salvar. A todos salvou Christo; mas só a sua Mãy propriamente como defensor, *propugnator*; porque aos outros salvou, livrádo-os do peccado; porêm a sua Mãy defendendo-a, que o nam encorresse. E effa he a distincção da justiça, de que falla: *Ego, qui loquor justitiam*; porque aos outros depois do peccado salvou-os, satisfazendo de justiça à lefá Mageftade do Pay, porêm a Senhora prefer-

vando-a, & defendendo-a do peccado, salvou-a, satisfazendo tambem de justiça às obrigaçoens, que como Filho devia a sua Mãy. Instaráo mais os Anjos: *Quare ergo rubrum est indumentum tuum, & vestimentum tua sicut calcantium in torculari?* E que cor vermelha he a desse vestido semelhante à dos que pizão no lagar? Có a mesma comparação tinhaó já dito acima, *timētis vestibus de Bosra*; porque Bosra, quer dizer *vindemia*, vindima. Respondeo o Senhor: *Torcular calcavi solo, & de gentibus non est vir mecum:* porque o lagar em que se me tingiraó os vestidos, eu só o pizei, sem estar ninguem comigo. Donde se vê a differença do sangue derramado na Cruz, em que a mesma Mãy o acompanhou como Corredemptora, & esteve cercado de tantos, assim seus como estranhos, à do sangue suado no Horto, em que esteve só, & solitario, & até os que tinha deixado

Ibid. 2: 1

Ibid. 3:

xado mais perto, dormindo. E porque este fangue do Horto na metaphora de lagar foi o applicado particularmente à redempção da Virgem : aqui vem caindo quando menos o som das palavras de Jeremias : *Torcular calcavit Dominus Virgini filiae Juda*: que o mesmo Senhor foi o que pizou o lagar para a Virgem filha de Juda. Finalmente conclue o Divino triunfador com hûas palavras, que parece desfazem quanto temos dito; porque diz que aquelle fangue de que estavaõ tintas as suas vestiduras , era dos que na sua batalha tinha vencido: *Aspersus est sanguis eorum super vestimenta mea*: logo se o fangue era dos vencidos, nam era seu, como supomos? Antes por isso seu, porque dos vencidos. Deos nam tinha fangue , & para ter fangue com que remir os homens, tomou o fangue dos mesmos homens , & por isso diz, que o fangue, que derramou, era delles :

Thren.  
3.15.

Isai. 63.  
3.

*Sanguis eorum.* Mas se Christo remio os homens com o fangue , que tinha recebido dos mesmos homens, aqui se cõfirma mais o que diziamos, que o fangue com que remio a Mãy, foi o que tinha recebido da mesma Mãy. E para q̃ acabemos com as primeiras palavras: *Quis est iste, qui venit de Edom, Edom, & Adam he o mesmo, porque hum, & outro nome tem o mesmo significado.* E diz a admiração dos Anjos em figura de Edom, que o soberano triunfador vinha de Adam, porque a gloria deste triunfo, ou a parte mais gloriosa delle toda pertencia à Virgem immaculada. O resto do genero humano remio Christo não só do peccado de Adam, que he o original, senão dos peccados actuaes de todos, & de cada hum: porèm a Virgem Maria, que não teve peccado actual, só a remio, & preservou do original de Adam; & porque de là começou o triúfo, de là veyo o tri-

Cornel.  
ibid.

o triunfante: *Quis est iste, qui venit de Edom?*

§. VII.

171 **E**Ste foi o famosissimo triunfo de Jesu em quanto Redemptor, primeiro de sua Mãe, & depois do mundo, mais admirado dos Anjos pela gala do vestido, que pela propria Pessoa; & mais galhardo pelas gotas de sangue do Horto, de que vinha matizado, que pelos rios que derramou na Cruz, & regárao o Calvario. Para os devotos da Conceição immaculada não nos fica mais que desejar, nem que fazer, senão acompanhar com as vozes, affectos, & jubilos do coração as admirações, & applausos dos Anjos, & dar mil parabens, & mil vivas a tal Filho, & a tal Mãe. E posto que todos pela graça do Bautifmo estamos livres do peccado original, como ficamos sujeitos à corrupção, & fraqueza, que com elle her-

damos, & às tentações, & perigo dos peccados actuaes; o que muito nos convem, & de que muito necessitamos, he, que por meyo da intercessão poderosissima da mesma Mãe nos valhamos da efficacia do mesmo sangue do Filho. Alleguemos a ambos, que a virtude daquelle preciosissimo sangue, nam só he remir, & livrar dos peccados já cometidos, senão preservar anticipadamente delles; & digamos ao misericordiosissimo Redemptor o que tantas vezes repete a Igreja: *Cito anticipent nos misericordiatuæ*: que não só nos livre sua infinita misericordia dos peccados com que o temos offendido, mas se anticipe a nos preservar dos futuros, para que nunca mais o offendamos. Naquella noite fatal, em que Deos tinha decretado matar os Primogenitos do Egypto, mandou aos filhos de Israel, que anticipadamente sacrificassem hum Cordeiro, & que com o

fan-

fangue delle tingiffem, & rubricaffem todas as portas de suas casas, para que o Anjo a quem estava encomendada aquella execução, onde viſſe o fangue, paſſaſſe, & deixaffe livres os que eſtavão dentro, & onde o não viſſe, entraſſe, & mataſſe a todos os Primogenitos. Eſte Anjo he mais provavel, que não era Anjo bom, ſenam Demonio, & aſſim diz a Igreja, que por medo do meſmo fangue não ſe atrevia nem a olhar para as caſas, que elle defendia: *Sparſum cruorem poſtibus vaſtator horret Angelus.* Se as portas exteriores de noſſa alma, que ſão os ſentidos, & as interiores, que ſão a noſſa memoria, entêdimento, & vontade, eſtiverem ſinaladas com o caracter, & armadas com a protecção daquelle fangue tão anticipado deſtruidor do peccado, não ſó deſconfiará o Demonio de nos vencer, mas ainda terá me-

do de nos tentar. E finalmente, para que ninguem duvide, que o meſmo fangue anticipado foi figura do fangue do Horto, & não do da Cruz: o da Cruz derramouſe doze horas depois, ao meyo dia: & o do Horto já ſe tinha derramado doze horas antes, à meya noite: & eſta foi a hora em que o fangue triunfador obrou aquelles prodigioſos eſfeitos: *Fatum eſt autem, in noctis medio percuffit Dominus omne primogenitum in terra Egypti.* Aſſim livrou Deos aos filhos de Iſraello do cativeiro do Egypto por meyo do fangue do Cordeiro, & aſſim nos livrarà do cativeiro do peccado por virtude do ſeu fangue o Cordeiro, que tira os peccados do mundo, preservandonos anticipadamente dos actuaes, como anticipadamente preservou do original a Mãe de quem naceo: *De qua natus eſt Ieſus.*

Exod  
12.29

SER.



# SERMAM DA DOMINGA

DECIMASEXTA POST PENTECOSTEN.

*Recumbe in novissimo loco. Luc. 14.*

§. I.

172

**T** Odasas vezes, que o Filho de Deos se affentou à mesa dos homens, sempre foi o melhor prato a sua doutrina. Comia o que regulava a temperança, & ensinava o que dictava a prudencia. A materia era a que lhe dava a occasião, & elle sobre a occasião estendia, illustrava, & definia a ma-

teria. Os documentos todos eraõ divinos, & naõ sò Moraes, senaõ ainda politicos. E digo Moraes, & politicos; porque tal foi a doutrina do presente Evangelho. Os que entaõ com nome authorizado, & hoje com significaçam odiosa se chamaõ Fariseos, eraõ os Religiosos daquelle tempo. Diz pois o Evangelista S. Lucas, que convidando hum Principe dos Fariseos, isto he, hum

hum Prelado daquelles Religiosos, a Christo Redemptor nosso, para que quizesse honrar a sua mesa em hum dia de festa, que era o sabbado, aceitou o benignissimo Senhor o convite. Aceitou, posto que não faltava quem murmurasse o accitar. Parecialhe aos murmuradores, que semelhantes convites eram menós conformes à austeridade da vida, & à authoridade, & profissão de hũ Mestre decido do Ceo. Mas a razão, que o Senhor tinha para senão escusar, mostravaõ depois os effeitos muito diversos, & de outra mais levantada esfera, como tambem se vio no caso presente.

173 A tenção dos Fariseos era farisaica; porq̃ lhe armáraõ a Christo cô hum Hydropico, a ver se o curava naquelle dia, para o poderem calumniar de quebrantador do sabbado: *Sabbato manducare panem, & ipsi observabant eum.* Não os levou alli a observancia, senão a ob-

servação: não a observancia do dia, mas a observação do côvidado. E q̃ fez o Senhor, que lhe conhecia os coraçõens? Aceitou a mesa como homem, diffimulou a malicia como Deos: & no que obrou como Deos, & reprehendeo, & ensinou como Mestre, mostrou que era Deos, & homem. Curou ao Hydropico, & depois tratou de os curar a elles: ao Hydropico, tocando-o com a mão, & a elles pondolhe as mãos, & muito bem postas. Não ha vicio mais descorrez, que a soberba, nem mais descomedido, que a ambição. Como carece da modestia por dentro, tambem lhe falta a urbanidade por fóra. Não diz o Evangelista o lugar, que desfem na mesa a Christo; mas diz, que os convidados sem cortesia, nem urbanidade, todos procuravaõ, & ainda contendiam sobre os primeiros lugares. Esta foi a occasião, & este o ponto da doutrina, por isso moral, & juntamente

LUC. 14  
2.



mente politico.

174 Fez Deos este mundo em fôrma circular, como a mesa, ou tabola redonda dos Pares de França, para evitar a contenda dos lugares, não sendo justo, que desigualasse o lugar os q̄ tinha feito iguaes a natureza. Mas como a soberba, & ambição previertesse a igualdade desta ordem, com outra ordem desordenada de primeiros, segundos até ultimos lugares, & os Fariseos na mesa affectassem os primeiros; este foi o vicio, q̄ o Senhor observou nos seus observadores. *Intendens quomodo primos accubitus eligerent*: Olhava [diz o Evangelista] com particular attenção para o que faziaõ os convidados, & para o modo com que o faziaõ: o que faziaõ, era tomarem por propria eleição os primeiros lugares: *primos accubitus*: & o modo com que o faziaõ, quomodo, era introduzindo se nelles sem nenhum modo de modestia, respeito, nem

cortesia. Na eleição dos lugares notava-os o Senhor de pouco juizo, & no modo de cada hum se preferir, & antepor aos outros, de pouca urbanidade: & estes dous desprimores nascidos ambos do mesmo vicio da ambição, & soberba, reprehendeo, & emendou o soberano Mestre tambem com hum sô documento: *Cum vocatus fueris ad nuptias, recumbe in novissimo loco*: Quando fores convidado à casa, & à mesa alhea, não deveis tomar os primeiros lugares, senão o ultimo. E porque? Porque não succeda vir o senhor da casa, a quem pertence a repartição dos lugares, & vos mande levantar do que tomastes, & o dê a outro melhor, & mais honrado que vós. Então vos achareis có afronta no ultimo lugar, porque fostes tão descomedido, que vos atrevestes a tomar o primeiro: *Et incipias cum rubore novissimum locum tenere*.

Ibid. 102

Ibid. 9.

175 Esta foi a historia

N da-

daquelle caso, & daquelle dia, a que o mesmo Evangelista tambem chama parabola: *Dicebat autem & ad invitatos parabolam.* Mas se era historia, como era parabola? Tudo era. Era historia quanto ao successo, & era parabola quanto á doutrina. Quanto ao successo, era historia particular para os presentes: & quanto á doutrina, era parabola universal para todos. A todos, & a cada hum préga hoje Christo: *Recumbe in novissimo loco.* E haverá neste mundo quem escolha por propria eleição, & se contente com o ultimo lugar? Difficultoso ponto para se entender, & muito mais difficultoso para se persuadir. Por isso tomei por Thema esta unica, & admiravel sentença, & ella sô será toda a materia do meu discurso. *Ave Maria.*

## §. II.

*Recumbe in novissimo loco.*

176 **T**Odo o homê neste mundo

deseja melhorar de lugar. E nenhum se acha em tal posto, por levantado, & acomodado que seja, que não procure subir a outro melhor. He propria esta inclinação da natureza racional, como se fora razão, & não appetite. Primeiro nasceo no Ceo com os primeiros racionaes, q' são os Anjos, & depois se propagou na terra com os segundos, que somos os homens. Lucifer no Ceo tendo a suprema cadeira entre as Gerarchias, nam aquietou naquelle lugar, & quiz igualar o seu com o do mesmo Deos: *Exaltabo solium meum; similis ero Altissimo.* Adam na terra tendo o absoluto dominio de todas as creaturas dos tres elementos, nam coube, nem se contentou com hum Imperio tão vasto, & em hũa Corte tão deliciosa como o Paraiso, tambem quiz melhorar de lugar: *Eritis sicut dij.* E q' filho ha deste primeiro Pay, de que todos nascemos, que não herdasse del-

Ijai. 14.  
13. 14.

Gene.  
3. 5.

le a altiveza sempre inquietada desta mesma paixão? O Letrado, o Soldado, o Fidalgo, o Titulo, o de grande nome, & o que não tem nome, com o cuidado, & desejo nunca já mais satisfeito, nem socegoado, todos trabalhão, & se desvelão por adiantar, & melhorar de lugar. Sô parece, que devião viver izentos de semelhante sogeição os que deixãrão o mundo, & professaõ o desprezo d'elle; mas là os segue, & sogeita o mesmo mundo a que lhe paguem este duro, & voluntario tributo.

177 Coufa foi digna de admiração, que os Discipulos de Christo, antes de decer sobre elles o Espirito Santo, contendessem sobre qual era o maior: *Quis eorum videretur esse maior?* A occasião porrêm, & o motivo desta cõtenda ainda he muito mais admiravel. E qual foi? Acabava o Senhor de lhes revelar, que hia a Jerusaleem a morrer, & no mesmo

ponto contendêrão todos sobre a maioria; porque logo aspirou cada hum a lhe succeder no lugar. Do Emperador Trajano disse Plinio, que ninguem o conhecia tão pouco a elle, nem se conhecia tão pouco a sy, que tivesse ousadia de lhe succeder: *Nemo est tam tui, quam ignarus sui, ut locum ipsum post te concupiscat.* E tiverão atrevimento doze pescadores, para quererem succeder ao mesmo Filho de Deos, & lhe pleitear o lugar ainda em vida.

Plinius  
in Panegy.  
gyr.

§. III.

178 **P**ara refutar, & convencer este abuso universal, não sô das guerras, & competencias, mas ainda das pertençaens pacificas do melhor lugar; não deixarei de referir primeiro tres opinioens, ou supposiçoens tiradas da sagrada Escritura, as quaes não sô condemnãõ esta ambição tão profundamente arraigada nos

N ij cp.

corações humanos, mas totalmente cortão as raizes a toda a nossa questaõ. A primeira nega absolutamente o que supponmos, & diz, que naõ ha lugares: Porque? Porque tudo isto que no mundo se chama lugar, por alto, & levantado, que pareça, bem examinado, he nada: *Vidi impium superexaltatum, & elevatum sicut cedros Libani: transivi, & ecce non erat, & non est inventus locus ejus*: Vi ao ambicioso, diz David, levantado sobre os outros homens, como os cedros do Libano sobre as outras arvores: dei dous passos adiante, & quando voltei os olhos para o tornar a ver, já o naõ achei a elle, nem ao seu lugar. A qui está o ponto da admiração: *Et non est inventus locus ejus*. Que David a taõ poucos passos naõ achasse ao ambicioso, que tinha visto taõ levantado, a ninguém deve admirar, porque para fazer semelhantes mudanças, nem a morte, nem a fortuna haõ mi-

Pfal. 36.  
35-36.

ster muito tempo. Naõ o achou, *& non erat*, porque, ou tinha cahido do estado, ou tinha acabado a vida: mas que naõ achasse David o lugar onde o tinha visto, *non est inventus locus ejus*? Sim, responde Cartusiano, & o prova com Aristoteles: *Locus enim, & locatum sunt simul, secundum Philosophũ, subtracto ergo locato, & locus non manet*. O lugar, & quem está nelle, segundo a verdadeira Filosofia, são taõ reciprocamente dependentes hum do outro, que faltando o que estava no lugar, nem elle, nem o mesmo lugar podem subsistir: & por isto disse bem David, que tanto que desapareceo o ambicioso, & poderoso, nem a elle o pode ver, nem achar o lugar onde estiveira: *Et non est inventus locus ejus*.

179 E se esta consequencia he verdadeira no lugar que chamaõ fisico, no lugar moral, de que fallamos, ainda he mais certa, segundo a definição do mes-

mesmo Filosofo. Aristoteles definindo o lugar, diz que he a superficie ambiente do que está nelle. E quando o lugar não he o ambiente do homem, senão o homem o ambiente do lugar, como no nosso caso; muito melhor se segue, que faltando a superficie ao chamado lugar, nem he lugar, nem coufa algũa. E se nam he coufa algũa, como o havia de achar David? Mas tornemos a apertar mais esta proposição, pois o mesmo David no mesmo Psalmo a repete duas vezes, huma vez dizendo que buscou, & não achou o lugar: *Quæsi*

Ibid. 36

Ibid. 10.

*sivi, & non est inventus locus ejus:* & outra vez dizendo, que se nós o buscarmos, também o nam acharemos: *Quæres locum ejus, & non invenes.* Pergunto: Este mesmo lugar, que David buscou, & não achou, não he o mesmo, q o ambicioso occupou antes de morrer, ou cair? Sim. E este lugar, que occupou antes de morrer, ou

cair, não he o mesmo que herdou, ou pertendeo antes de o occupar? Sim também: pois se pertendido, occupado, & deixado, era o mesmo lugar, porque o não achou David depois de deixado? Porque depois de deixado, era o mesmo que dantes tinha sido, & pertendido, possuido, & deixado, sempre foi nada. Elegante, & doutamente Hugo Cardeal: *Non est inventus locus ejus: quod sua dignitas nulla erat, & suum esse non esse erat.* Nam se achou o lugar do que estava levantado como os cedros do Libano; porque o fer dos que neste mundo se chamão lugares, nam he fer, he não fer: *Suum esse non esse erat.* E se os mesmos chamados lugares, ou pertendidos, ou possuidos, ou deixados, não são coufa algũa; bem se conclue, que neste mundo nam ha lugares. E isto que não he, nem ha, he o que com tanto desvelo amão, & buscao os pertendentes da vaidade, & da mentira: *Vt quid*

Plalm.  
4.3.

*diligitis vanitatem, & queritis mendacium?*

180 A següda suppozição, següindo o sentimento vulgar, & cômum, admite, que no mundo ha lugares; mas nega que haja lugar melhor. E porque? Porque a melhora nam está no lugar, fenaõ na pessoa que o occupa. Por alto, ou baixo que seja o lugar, se sois bom, serà o voffo lugar bom; & se sois melhor, serà melhor: mas se fores mau, & peor, tambem será mau, & mais que mau o voffo lugar. Diz Christo Senhor nosso, que sobre a cadeira de Moyses se assentaráõ os Escribas, & Fariseos: *Super cathedram Moysi sederunt Scribae, & Pharisei*. E quem foi Moyses, & quem eram os Escribas, & Fariseos? Moyses foi o maior Santo do seu tempo, & os Escribas, & Fariseos eram os mais maos homens do seu. Pois se estavaõ assentados na mesma cadeira de Moyses, porque não eraõ como elle? Porque os homens

Matth.  
23.2.

saõ os que daõ a bondade, ou melhora aos lugares, & não os lugares aos homens. Se fores bom, ainda que a cadeira seja dos Escribas, & Fariseos, serà bõ o voffo lugar: & se fores mau, ainda que a cadeira seja de Moyses, nem por isso o voffo lugar serà bom. Que melhor lugar, que o Ceo, & o Paraíso? E nem o Ceo fez bom a Lucifer, nem o Paraíso fez bom a Adam. Jeremias taõ bom era no carcere, como no pulpito: & Job taõ bom no muladar, como no seu Palacio. Melhor lugar era no mar o navio, que o ventre da Balea, & Jonas foi melhor no ventre da Balea, que no navio. Assim que os lugares por sy mesmos não são maos, nem bons, nem ha lugar melhor, ou peor. O lugar que hoje té S. Mathias, não foi o mesmo de Judas? O mesmo, & não outro. Se fores como Judas, não vos ha de fazer bom o lugar de S. Mathias, & se fores como S. Mathias, não vos ha de fazer mau

mão o lugar de Judas. Se  
 quereis ter o melhor lu-  
 gar de todos, fazei por ser  
 o melhor de todos, & logo  
 o vosso lugar, qualquer q̃  
 seja, será também o me-  
 lhor. Mas todos querem  
 melhorar de lugar, & nin-  
 guem quer melhorar de  
 vida. Sucedelhe aos ambi-  
 ciosos, o que aos peregrin-  
 nos, diz Socrates. O pere-  
 grino sempre anda mudã-  
 do de lugar em lugar, &  
 nunca melhora, porque  
 sempre se leva a sy com-  
 figo. *Quia miraris nihil ti-  
 bi peregrinationes prodesse,  
 cum te circumferas?* Como  
 quereis melhorar de lu-  
 gar, se vos levais a vós có  
 vosco? Deixai-vos a vós,  
 & como vós fordes outro,  
 logo o vosso lugar será  
 melhor. Se fois o mesmo,  
 ainda que subais ao pina-  
 culo do Templo, nunca  
 sahireis do lugar onde es-  
 tais: & se fordes outro, &  
 muito outro, sem sair do  
 lugar onde estais, vos ve-  
 reis subido ao mais alto do  
 Templo. Em conclusão,  
 que não ha lugares melho-

res, nem peores: para que  
 ninguem se descontente  
 do seu, senão de sy.

182 A terceira suppo-  
 sição admite melhores lu-  
 gares; mas diz que estes só  
 osha no Ceo, & nam na  
 terra. E porque? Porque  
 todos os lugares da terra,  
 por melhores que sejaõ, ou  
 pareçaõ, mais são alheos,  
 que nossos, mais para os  
 deixar, que para os possuir,  
 mais para os perder, que  
 para os lograr. Os lugares  
 da terra são passagem, só o  
 do Ceo he assento: os da  
 terra são de poucos dias, o  
 do Ceo ha de durar para  
 sempre. Quando Christo  
 Senhor nosso partio deste  
 mundo para o Ceo, a ra-  
 zão com que consolaou aos  
 Apostolos faudosos de sua  
 ausencia, foi, dizendo, que  
 hia diante a prepararlhe o  
 lugar: *Vado parare vobis*  
*locum*: sendo porèm o mo-  
 tivo desta consolação o lu-  
 gar, mais perto estavaõ os  
 lugares em que o Senhor  
 os deixava, que o lugar  
 que lhes havia de prepa-  
 rar: porque sendo este fu-

181

Apud  
 Seneca  
 lib. 4.  
 Epist 38

Joann.  
 14.2.

turo, & distante, parece que vinha a ser consolar hũa ausencia com outra. Naquella ultima hora em que Jacob morrendo se apartou de seus filhos (que tambem eraõ doze) a consolação com que lhes enxugou as lagrimas, foi a repartição das terras em que os deixava acomodados a todos. E se para os doze Patriarcas eraõ motivo de consolação na ausencia de seu Pay taõ pequenos lugares da terra, quaes podiaõ caber a cada hum dividida a Judea em doze partes; quanto maior podia ser para os Apóstolos todo o mundo, quam grande he repartido entre elles? Diga pois Christo a Pedro, que lhe deixa Roma, & a Italia; diga a Jacobo, que lhe deixa as Hespanhas, a João a Asia, a André a Grecia, a Felippe a Sythia, a Bartolomeu a Armenia, a Mattheus a Etyopia, a Thomè a India, a Simão o Egypto, a Thadeo a Arabia, & a Persia, & ao outro Jacobo o

menor Jerusalem, & a mesma Judea, de que era cabeça. Pois se eraõ taõ imensamente grandes os lugares em que Christo deixava aos seus Apóstolos, & com taõ suprema dignidade, & jurdição sobre todos elles; porque os não consola o Senhor com a consideração destes lugares presentes, senão com o lugar futuro, que lhes hia preparar? Porque este era lugar no Ceo, os outros na terra. E nesta só palavra se encerraõ ambas as razoes, que no principio apontamos. Os lugares da terra são passagem, o do Ceo he assento. Por isso quando S. Pedro perguntou a Christo: *Quid ergo erit nobis?* o Matth: 19. 27. q o Senhor lhe respõdeo, foi: *Sedebitis super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israel.* Naõ he respondeo às barcas, & reedes, que tinhaõ deixado, com as dignidades que haviaõ de ter neste mundo, senão com as cadeiras em que se haviaõ de assentar no dia do juizo: porque só Ibid. 28. o de



183 o de que se ha de tomar posse naquelle dia, tem affento, o de cá tudo he passagem. E porque mais? Porque só o lugar, que entrão nos couber, he nosso, & os desta vida mais são alheos, que proprios, por mais larga que seja a mesma vida. Ningué logrou, nem ha delogar o Pontificado mais annos, que S. Pedro, & com tudo já tem succedido no mesmo lugar duzentos & trinta & sete Pontifices, & não se sabe quantos virão depois: para que vejais se era mais alheo, que seu. Sò he nosso, ou seja. no Ceo, ou fóra delle o lugar, q ouvermos de ter para sépre. Effei foi o documêto, & energia tremenda com que o mesmo Principe dos Apostolos disse, que Judas perdéra o Apostolado: para que? *Vt abiret in locum suum*: para ir ao lugar, que era seu. O que teve neste mundo, & entre os Apostolos, era alheo, porque era de S. Mathias, & dos que lhe haviaão de succeder:

o que tem no Inferno entre os Demonios, esse era o seu, porque esse he o que ha de durar por toda a eternidade. E se isto succedeo a hum homem chamado por Deos, & eleito por Christo; onde irão parar as negociaçoens, os sobornos, as adulaçoens, & as simonias com que se procuraão, & alcançaão os lugares, que haão de durar poucos dias, sem memoria da eternidade, nem temor da conta?

§. IV.

184 **E**stes são os tres fundamentos, ou as tres supposiçoens geraes, com que não só se impugna a ambição dos melhores lugares; mas se cortaão as raizes a quanto ella deseja. Porque a primeira, como vimos, diz absolutamente, que não ha lugares: a segunda concede q ha lugares, mas nega haver algũ, que seja melhor: a terceira defende que ha lugar, & melhor lugar, mas não

naõ na terra, senam no Ceo. Isto posto, com razão, & tambem com curiosidade, estarão esperando todos, qual destas partes he a que eu pertendo persuadir. Primeiramente, respondo que nenhuma dellas. Porque contra a primeira, digo que ha lugares: contra a segunda, que ha lugar melhor; & contra a terceira, que este melhor lugar não eità no Ceo, (de que agora não fallo) senaõ na terra. Admitindo pois com o cõmum sentimento, que ha lugares, & huns melhores que outros; o que pertendo hoje declarar, he: Entre todos os lugares do mundo, qual seja o melhor. Não pôde haver materia mais digna de toda a attençaõ, & tanto mais, quanto já cada hum a tem resolutõ comsigo, & lhe parece sem controversia. No Evangelho temos o parecer dos Fariseos, & o conselho de Christo. Os Fariseos tem para sy, que o melhor lugar do mundo he o primeiro: *Quomodo*

*primos accubitus eligerent:* Christo pelo contrario aconselha, que tomemos o ultimo lugar: *Recumbe in novissimo loco.* E posto que a sentença de Christo, por ser de Christo, não se pôde contrariar, & a dos Fariseos, por ser dos Fariseos, parece que já eità cõvencida; com tudo a de Christo todos a regeitaõ, & a dos Fariseos todos a seguem. Assim o vemos hoje, & já em seu tempo, com ser taõ visinho ao de Christo, o provava com a experiencia Tertulliano: *Ad primum locum certamè omnium contendit: secundum solamen habet, victoriam non habet.* O desejo, a pertençaõ, & a vontade de todos os homens he sobre quem ha de levar o primeiro lugar: & taõ porfiada, & unicamente o primeiro; que o segundo lugar, ainda que seja algũa consolação, de nenhum modo he victoria. E se ninguém se contenta com o segundo lugar, porque não he o primeiro; posto que  
acima

acima de sy veja hum só, & abaixo de sy todos os outros; quem haverà, que se contente com o ultimo? Nos famosos jogos Olimpicos, que se celebravaõ na Grecia, & eraõ provocados à contenda todos os homens do mundo, havia primeiros, segundos, & terceiros premios: & com tudo diz S. Paulo, que hum só levava o premio: *Omnes in stadio currunt, sed unus accipit bravium*: porque o premio a que todos aspiravão, era o primeiro, & só os que se adiantavaõ na carreira aos demais, & cõseguaõ o primeiro lugar, eraõ os estimados por vencedores, & laureados com a coroa. E se S. Paulo depois de Christo, & escrevendo a Christãos, quaes eraõ os Corinthios, lhe propoem este exemplo, posto que nascido entre os Gentios; quem se atreverà a persuadir a qualquer homem, que o melhor lugar he o ultimo? Digo a persuadir, & não a crer; porque basta ser conselho

de Christo; para que o creamos. Mas este ponto, que não persuade a Fè, como o persuadirà a razaõ?

185 Ora esta serà hoje a minha empresa: De mostrar a todos os homens, que o melhor lugar do mundo he o ultimo. E não só para a outra vida, senam para esta; nem só para a virtude, senaõ para a comodidade; nem só para a mortificação, senaõ para o gozto, nem só para a humildade, senaõ para a honra. E tudo isto quer dizer: *Recumbe in novissimo loco*.

### §. V.

186 **A** Primeira prerogativa do ultimo lugar he ser muito facil de conseguir. Aos outros lugares, ainda que não sejaõ os mais altos, chegame tarde, & com difficuldade; ao ultimo, logo, & facilmente. Não he mais difficuloso o subir, que o decer? Pois esta he a razaõ ainda natural da grande facilidade com que o ultimo

no lugar se conseguê. Aos outros caminha-se a passo lento, subindo; ao ultimo, quasi sem dar passo, decendo. Quando El Rey Ezechias desejou, que Deos lhe confirmasse os annos de vida, que lhe prometêra, com algum milagre: poz o Profeta Isaias na eleição do mesmo Rey, que ecolhesse hum de dous, ou que o Sol decesse dez linhas, ou que subisse outras tantas. É porque estando Ezechias na cama, não podia ver o Sol, & só podia ver a sombra no relógio de Palacio, que desde a mesma cama se descobria, foi a proposta esta: *Vis ut ascendant umbra decem lineis, an ut revertatur totidem gradibus?* Quer Vossa Magestade, que a sombra suba, ou que deça dez linhas? A mesma proposta; conforme o sitio em que o Sol se achava naquella hora, mostrava bem, que não feria menos milagre o de decerem as sombras, que o de subirem. Cõ tudo o Rey, sem mais especulação, ref-

4. Reg.  
20. 9.

pondeo em continente, que não queria que decessem, senão que subissem, dando por razão, que o decer era facil: *Facile est umbram crescere decem lineis, nec hoc volo ut fiat, sed ut revertatur retrorsum decem gradibus.* Assim respondeo Ezechias, não como Mathematico, segundo a observação particular daquelle caso, mas como prudente Principe, & tão amigo da fama, como da vida, segundo as regras geraes da experiencia: & disse bem. O seu intento era acreditar o milagre pela difficuldade do movimento do Sol, & por isso disse com tanta resolução, que não queria que decesse, senão que subisse; porque natural, & experimentalmente tão difficuloso he sempre o subir, como facil o decer. A setta para subir, segue violentamente as forças do arco, & do impulso; mas para decer, não tem necessidade de braço aitheo, a mesma natureza a leva sem violencia ao bai-

Ibid. 102.

xo, & quanto mais baixo, tanto mais depressa. A barquinha posta na vea do Rio, com a vela tomada, & os remos recolhidos, levada só do impeto da corrente como em hombros alheos, taõ descansadamente dece, como apressada. Pelo contrario ao subir pelo mesmo Rio acima, seja o vento embora taõ forte, que quasi rebente as velas, & os remeiros taõ robustos, que quebrem os remos, mais he a agua que suaõ, que a que vence. Nos mesmos para subir a hum monte, he com tanta difficuldade, & molestia, que a propria respiração se cança, & se aperta: mas para decer ao fundo do valle, o mesmo peso do corpo o ajuda, aligeira, & move: & mais levados, que andando, chegamos sem cançar ao lugar mais baixo, & ultimo. Taõ facil he o decer, & taõ difficuloso o subir.

187 Digaõ agora os que subiraõ aos primeiros lugares, quam difficuloso

famente subiraõ. A setta nos deo o exemplo no ar, a barquinha na agua, & nós mesmos na terra; mas nas Cortes, que saõ outro quarto elemento mais cheo de impedimentos, & difficuldades, ainda he mais trabalhoso o subir. Tambem o pòdem dizer os que cançados da mesma subida tomáraõ por melhor conselho o parar: & muito mais os que depois dos trabalhos, & molestias do subir, em vez de conseguir o lugar, só alcãçaraõ, & tarde, o desengano. Naõ assim o pertendente do que ninguẽ pretende, & o estimador do que ninguem estima, o qual contente com o ultimo lugar, para decer com a setta, naõ ha mister arco, para decer com a barquinha, naõ ha mister remo, & para decer com o homem, & como homem, quasi naõ ha mister pès, nem passos. As azas do favor, os impulsos do poder, & os cuidados da diligencia, tudo para elle saõ def-

desprezos, & riso: & quando os outros chegam cansados aos primeiros lugares, onde não de começar a cançar de novo, elle descançado se acha no ultimo, onde só repoufa o verdadeiro descanso.

188 Não acho exemplo desta inclinação, & desta facilidade entre os homens; porque a sua natural ambição mais os leva a subir pelo difficuloso, que a decer pelo facil. Mas se elles se lembrarem da facilidade, & felicidade có que a Pedra de Daniel deceo do monte, & derrubou a Estatua de Nabuco, & trocou com ella o seu lugar de que a fez desaparecer com todos seus metaes:

Daniel.  
235.

*Nullusque locus inventus est eis*: naquelle espelho toco, & insensível veráó estes mesmos dous erros do seu mal polido juizo. Deceo a Pedra do monte, & não bateo a cabeça, nem os peitos, senão os pés da Estatua, onde parou; porque este era o lugar ultimo, & o mais baixo, aonde

a levava o peso da sua natural inclinação. E nota, & pondéra muito o Texto, que a mesma Pedra se arrancou, & deceo do cume do monte sem mãos: *Abs-*

Ibid. 34.

*cissus lapis sine manibus*: Porque? Porque esta he a facilidade, & differença có que se deceo ao lugar mais baixo, & se não póde subir ao alto. Aquella Pedra não era pequena, como cómummente se cuida, senão muito grande. Taó grande, que sendo a estatúra da Estatua de sessenta covados, & os pés, & espaço entre hum, & outro iguaes a esta grandeza, ella com o mesmo golpe os alcançou, & bateo a ambos. Agora pergunto: E quãtas mãos, & quantas machinas seriaó necessarias para subir esta grande Pedra ao mesmo lugar do monte, donde tinha decido? Mas onde não podia subir se nam com muitas mãos, & muitas machinas, ella deceo por sy mesma sem necessidade de mãos proprias, né alheas, *sine manibus*. Oh ceguci-

cegueira da ambição humana! Dizeime, quantas mãos bejais, dizeime, quantas mãos encheis, dizeime, quantas machinas fabricais para vos alar aonde quereis subir? E dizeime tambem, quantas vezes defarmao em vão essas mesmas machinas, & essas mãos bejadas, & cheas, quantas vezes vos deixo com as vossas vazias; porque elles alcançarao o que pertendiaõ de vós, & nam voço que esperaveis delles. A Pedra nao derrubou a-Estatua, para subir [ como vós fazeis ] pelas ruinas alheas, mas o lugar que eila como soberba pisava, & tinha debaixo dos pès, esse mesmo, por ser o mais baixo, & o ultimo, he o que tomou para sy a Pedra, & nelle descansou como em proprio centro.

189 Infinita coufa fora se ouvessemos de pór em paraléllo as difficuldades dos primeiros lugares, & a facilidade do ultimo. Os lugares que dependem da vótade, & poder alheo,

ou os distribue a justiça, ou são indulgencias da graça. Para a justiça he necessario o merecimento, para a graça he necessario o favor. E bastaõ estas duas cousas tao difficultosas de ajuntar? Não bastaõ. Abel tinha o merecimento, & o favor: & o mesmo merecimento, & favor foraõ o motivo de Caim seu irmão lhe tirar a vida. Pois se com o merecimento, & com o favor, o lugar que veyo a alcançar Abel foi o primeiro entre os mortos; nao he melhor ter o ultimo entre os vivos, sem o trabalho de o merecer, nem o perigo de o não lograr? E se isto aconteceo nos tempos em que os homens se matavão sem ferro, & a graça, & o favor se alcançava sem ouro; que será no tempo presente? Depois que as dignidades se fizeraõ venaes, os lugares mais se allugaõ, do que se alcanção: & não se daõ a quem melhor os merece, senão a quem mais caros os compra. O que se busca nos

nos homens, são os que antigamente se chamavão talentos: & os que hoje tem o mesmo nome, senão estão engastados no mesmo metal, por singulares que sejam, não tem preço. Sô o ultimo lugar, porque não tem compradores, se não vende; & por isso só elle se consegue sem cabedal, & se logra sem despeza.

190 Considerai, & medidi bem os degraos, huns tão altos, outros tão baixos, por onde tropeçando, ajoelhando, & caindo, ou se perde a pertença, ou se chega finalmente a tomar posse do lugar pertencido: & vereis quanto mais custa o alcançar, que o merecer. A David para merecer, bastoulhe derrubar hum Filisteo: mas para alcançar o merecido, foilhe necessário vencer a duzentos. E que Ministro ha, ou Official de Ministro, que mais pelo inteiçado, que pelo inteiro, não seja hum Filisteo carrancudo, & armado?

Estaturas tão desmesuradas de balde as conquistas com medidas, que já se acabou o tempo, em que os negocios se adiantavão com fazer pês atrás. As habilitações de pessoa, a fé dos officios, & a justificação dos serviços, & a justificação das certidoens, tudo não tem tantas letras, quantas são as difficuldades có que nellas topão, & sempre a sorte he sua, & vosso o azar. Aos menores haveis de dar, que he menos, aos maiores haveis de pedir, & rogar, que em quem tem honra, he muito mais: ficando pendente a vossa esperança do seu agrado, & da hora, & humor com que fostes ouvido. Nos Confelheiros haveis de follicitar a consulta, nos Secretarios a penna, & no Principe não só a resolução, mas na resolução o effeito; para que tudo, depois de pagar os direitos, não venha a ser húa folha de papel sellada com as Armas Reaes, as quaes haveis de cõquistar de novo, para



para que chegue a ser al-  
gũa cousa, o que ainda de-  
pois do despacho he nada.  
Emfim, que estes são os  
difficultosos, & cançados  
degraos por onde sobem,  
quando não caem, os que  
alcanção os primeiros lu-  
gares: & só aquelle que se  
contenta com o ultimo,  
nem serve, nem requiere,  
nem pleitea, nem adula,  
nem roga, nem paga, nem  
deve: & sem depender de  
Ministros, nem de Tribu-  
naes, nem do mesmo Rey,  
elle he o que se consulta,  
& elle o que se faz a mer-  
ce, porque se despacha a sy  
mesmo. E que podendo-  
me eu despachar a mim,  
haja de requerer diante  
de outrem? Não he mais  
facil o querer, que o re-  
querer? Ouvi a justa excla-  
mação de S. Bernardo neste  
mesmo caso. *O perver-*  
*sitas! ô abuso filiorû Adam!*  
*quia cum ascendere difficili-*  
*num sit, descendere autem*  
*facilimum; ipsi & leviter*  
*ascendunt, & difficilius des-*  
*cendunt!* Oh perversidade,  
ô abuso dos filhos de A-

dam! que sendo difficul-  
tissimo o subir, & faciliti-  
mo o decer, elles perver-  
tendo as leys da razaõ, &  
da natureza, antes que-  
rem subir com difficulda-  
de, & trabalho, que decer  
com facilidade, & descan-  
ço. E notai, que he tanta  
a facilidade, & o descanso,  
que só fez Christo men-  
ção do descansar, & não do  
decer. Não disse como a  
Zacheo, *descende*, senam,  
*recumbe*; porque o decer,  
ainda que facil, demanda  
passos, & o *recumbe*, que he  
estar recostado, como os  
Hebreos estavam à mesa,  
só significa descanso com  
gosto, & sem trabalho: *Re-*  
*cumbe in novissimo loco.*

§. VI.

191 **A** Segunda pre-  
rogativa do  
ultimo lugar he ser o mais  
seguro. Os outros lugares  
quanto mais altos, tanto  
menos segurança tem: & a  
sua mesma altura he o pro-  
nóstico certo da sua ruina.  
Não quero que vejamos  
O esta

Bernar.  
Serm 2.  
de At-  
cent.

esta pouca segurança em outro lugar, senão naquele mesmo, que por ser o mais firme do mundo, lhe poz Deos o nome de firmamento. Anunciando Christo Senhor nosso os finaes do dia do Juizo, diz que o Sol se escurecerá, que a Lua não dará a sua luz, & que as Estrellas cahirão do Ceo: *Sol obscurabitur, & Luna non dabit lumen suū, & Stella cadent de Cælo.* Sobre este cair das Estrellas se dividem os Interpretes em muito diferentes exposiçoens; porque suppoem, que estando as Estrellas fixas no Ceo, & sendo o Ceo incorruptivel, não he possível cahirê propriamente. Mas a mim (diz Maldonado discretamente) quando Aristoteles nega o q̄ Christo affirma, parece-me, que antes devo crer a Christo, que a Aristoteles: *Magis enim Christo id affirmanti, quam Aristoteli neganti fieri posse, credendum esse arbitror.* Supposto pois que as Estrellas verdadei-

Matth.  
24.29.

ra, & propriamente haõ de cair, & o Sol, & a Lua escurecerse sómente; porq̄ se não escurecem todos, ou caem todos? Que culpa, ou que causa tem as Estrellas, para serem ellas sô as que haõ de cair? Tem a culpa que tiveraõ desde que foraõ collocadas no Ceo, que he fer o seu lugar o mais alto. A Lua está no primeiro Ceo, o Sol no quarto, as Estrellas no oitavo, que he dos que alcança a nossa vista o supremo: & não he necessaria outra culpa, ou causa para serem ellas as que haõ de cair? Em todos os tres finaes seguio Christo a natureza dos lugares. No eclipse da Lua seguio a natureza do lugar; porque no primeiro Ceo naturalmente a eclipse a terra: no eclipse do Sol seguio a natureza do lugar; porque no quarto Ceo naturalmente o eclipse a Lua: & no cair das Estrellas tambem seguio a natureza do lugar; porque no oitavo Ceo, sendo este o mais alto, tambem

bem he natural o cair.

192 Não ha altura neste mundo, que não seja precipicio. Todo o lugar mais alto que os outros, está sempre ameaçando a propria ruina, sem outra causa, ou culpa, que o fer mais alto. Que culpa tem as torres, & os montes para serem elles os ameaçados dos trovoens, & os feridos dos rayos? Nenhũa outra senão a sua propria altura, & serem os lugares mais levantados da terra. Parece que se dà por offendido o Ceo de se avizinharem mais a elle, como se todas as torres foraõ a de Babel, & todos os montes os dos Gigantes. Quando Christo para nos dar exemplo se desafiou com o Demonio, a primeira eleição do lugar foi sua, provocando-o ao deserto: *Ductus est in desertum, ut tentaretur à Diabolo*. Mas a segunda, & terceira eleição foraõ do mesmo Demonio, levãdo elle a Christo aos lugares, que lhe parecerão mais a proposito

para a tentação. O primeiro foi a torre do Templo de Jerusaleem: *Assumpsit eum in sanctam Civitatem, & statuit eum super pinnaculum Templi*. O segundo foi hum monte o mais levantado, que havia naquelle districto: *Iterum assumpsit eum in montem excelsum valde*. E porque razão a hũa torre, & a hum monte? Porque em hum, & outro lugar armava a derrubar a Christo. Na torre, sollicitando-o a que se precipitasse: *Mitte te deorsum*: no monte, fazendolhe grandes promessas, para que cahisse: *Sicadens adoraveris me*. Os que tanto anelão à subida de semelhantes lugares, já que não pódem ver quem os leva, vejaõ ao menos aonde são levados. A torre era lugar Ecclesiastico, & sagrado; o monte, lugar secular, & profano: na torre prometeolhe o Demonio Anjos; no monte offereceolhe mundos: mas como hum, & outro lugar eraõ os mais altos, ou as offertas fossẽm do

Ibid. 5.

Ibid. 8.

Ibid. 6.

Ibid. 7.

Oij Ceo,

Ceo ; ou da terra , ou na Igreja, ou fóra della , ambos eraõ igualmente os mais perigosos, & os mais aparelhados para a cahida.

193 Já muito antes tinha ensayado o Demonio esta mesma tragedia em duas grandes figuras de hum, & outro estado. Daniel era pessoa ecclesiastica dedicada ao serviço de Deos: Aman era Ministro secular occupado nos negocios do mundo. Aman tinha o primeiro, & maior lugar na Corte del Rey Assuero: Daniel tambem o primeiro , & maior na Corte del Rey Dario: mas quem he aquelle, que na praça da Metropoli de Suzan pregado em húa Cruz de cincoenta covados có a mais infame morte está acabando a vida ? He Aman. E quem he aquelle, que na famosa Cidade de Babylonia , levado por Ministros da Justiça he lançado no lago dos Leoens, para morrer espedaçado de suas unhas ? He Daniel. Pois Daniel taõ estimado

de Dario: & Aman taõ valido de Assuero, ambos taõ de repête cahidos, & mais sendo taõ differentes na vida, como na profissão ? Sim. Daniel servia a Deos, Aman servia ao mundo: Daniel era justo, & santo, Aman era mau, & perverso; mas levantados ao cumme dos primeiros lugares, nem a Aman lhe valeo a sua industria, para se sustentar, nem a Daniel a sua virtude, para se defender da cahida. Mais admiravel foi ainda a de Daniel, que a de Aman. Aman cahio, porque perdeu a graça do Rey: Daniel tendo por sy toda a graça do Rey, toda ella lhe não bastou, para que não cahisse. E parou aqui ? Não: livrou Deos milagrosamente a Daniel das garras dos Leoens: & canonizado seu merecimento com húa taõ publico, & estupendo pregação do Ceo, o Rey o restituiu outra vez ao lugar q dantes tinha. Mas o que agora se segue ainda foi maior prodigio. Foraõ taõ pede-

poderosas, & taõ astutas as machinas de seus inimigos, que obrigáraõ ao mesmo Rey a que elle o tornasse a meter no lago, & o entregasse outra vez à fome, & voracidade das feras.

194. Oh bemaventurado só, & só bem entendido aquelle, que entre todos os lugares do mundo sabe escolher hum tal lugar, do qual ninguem o possa derrubar, nem elle cahir. Dos lugares altos he verdade, que nem todos cahiraõ; mas tambem he certo, que os mesmos, que não cahiraõ, podiaõ cahir. E basta o poderem cahir, para não estarem seguros. Como pôde ser segurança a do mar, se sempre està fogueita à inconstancia dos ventos? Os Latinos tem dous nomes, com que declaraõ dous generos de segurança muito diversa: *Tutus*, & *Securus*. *Tutus* significa a segurança do q̄ que não periga: *Securus*, a segurança do que não periga, nem pôde perigar. O

Tom.7.

doente que não ha de morrer, està *tutus* na febre aguda; mas não està *securus*; porque não està sem perigo, sem temer, & sem cuidado: que isso quer dizer *Securus*, *hoc est, sine cura*. Esta he a energia, & elegancia daquella sentença de Seneca: *Scelera tuta esse, secura non possunt*. E este genero de segurança segura não só do perigo, senão tambem do temor, & do cuidado, a qual nunca pôde haver nos lugares altos, he a que só se acha no ultimo. Quem està no lugar alto, pôde não cahir; mas quem està no ultimo não pôde cahir, que he só a verdadeira segurança. E porque? Porque se do lugar ultimo se podéra cahir, não seria o ultimo. Do lugar alto pôde-se cahir ao baixo, do baixo pôde-se cahir ao infimo: mas do infimo, que he o ultimo, nam se pôde cahir, porque nam ha para onde.

195. Este foi aquelle evidente argumento, com que o Profeta Jeremias

O iij con-

consolou a Jerufalem no caso da transmigração de Babilonia. Chorou o Profeta eloquentissimamente aquella transmigração cõ quatro Abecedarios de lastimas, finalando a cada letra hum novo motivo de dor: & chegando ao ultimo verso, & à ultima letra, acabou cõ esta breve sentença: *Filia Sion, non addet ultra, ut transmigret te.* A tua transmigração, ô Jerufalem, foi o *non plus ultra* dos males, que te podia fazer Babilonia. Mas agora, que estàs padecendo esta transmigração, tũ a deves consolar não com outra cousa, senão cõ a mesma transmigração: Porque? Porque se ella foi o *non plus ultra*, & o ultimo dos males, não pôde passar dahi: *Non addet ultra, ut transmigret te.* Taõ altamente exaggerou Jeremias o mal, quam futilmente lhe excogitou o alivio. He propriedade dos males ultimos izentarem de sy mesmos a quem oprimem. A morte, que he o ultimo

de todos os males, izenta da morte, & faz immortaes aos que mata; porque nem ella os pôde já matar, nem elles morrer. E este privilegio he o que logra na vida, quem conheceo o bem do ultimo lugar, & se contenta com elle. Antes de se recolher a este fortissimo asilo, pôde decer por vontade, pôde cair por desgraça, & pôde ser derubado por força; mas depois de estar no ultimo lugar, nem a força alhea, nẽ a mesma vontade propria, nem todo o poder da fortuna o pôde fazer cair, nem decer. Acrecente a fortuna hum degrao alẽ do ultimo, & outro abaixo do infimo, (o que Deos não pôde fazer) & sã entã poderã decer, quem estã no infimo lugar, & cair quem estã no ultimo.

196 Só quem soube fazer esta eleição desarmou a fortuna. Oh que glorioso trofeo! A fortuna despida de suas armas, & ao pẽ desses despojos aquelle verso: *Maior sum quam cui possit fortuna*

Thren.  
4., 22.

fortuna nocere. Assim se defarma a fortuna, que só he forte com as armas, que nós lhe damos. Todos os poderes da fortuna em que consistem? Em levantar, & abater: & se eu me contento com o ultimo lugar, né ella me pôde levátar, porque não quero, nem abater, porque não pôde. Antes digo, que nem abater-me, nem levantar-me pôde a fortuna, ainda que queira; porque temos os conceitos trocados. Levantar-me não, segundo o meu conceito; porque o que ella tem por melhor lugar, effe he o que eu desprezo. E abater-me tambem não, segundo o feu conceito; porque o que ella tem por peor lugar, effe he o que eu estimo. Abra os olhos a fortuna cega, & emende a falsa apparencia dos seus errados conceitos, & só então poderá fazer bemafortunados, têdo pelo melhor lugar do mundo não o primeiro, & mais alto, senam o mais baixo, & ultimo. Só he verdadeiramente

bemafortunado, que nam pôde cahir; & só não pôde cahir, quem não tem para onde. E porque não pareça, que dissimulo a futeleza de húa instancia, que tem esta Filosofia; dirá alguém, que no mesmo lugar ultimo, sem haver outro inferior, & mais baixo, pôde cahir quem está nelle: *Qui se existimat stare, videat ne cadat*: Quem está em pé, olhe não caya; porq̄ quem está em pé, pôde cahir dentro no mesmo lugar, sem cahir para outro. He o q̄ disse judiciosamente o Poeta: *In se magna ruunt*. Mas esta instancia não tem lugar no nosso caso: quem está em pé pôde cahir no mesmo lugar, mas não que está deitado; & isso quer dizer, *recumbe*. Os que subiaõ, & deciaõ pela escada de Jacob podiaõ cahir, mas elle que jazia ao pé da mesma escada no ultimo lugar, & deitado, estava seguro de poder cahir, & por isso dormia a sono solto: *Recumbe in novissimo loco*.

1. Cor.  
10. 12.

## §. VII.

197 **A** Terceira prerogativa do ultimo lugar sobre mais facil, & mais seguro, he fer tambem o mais quieto, ou só elle quieto. Nesta perpetua roda em que se revolve o mundo, tudo se move, tudo se altera, tudo se muda, tudo está em contínua agitação, sem consistencia, nem firmeza: nem ha lugar algum em que se goze de quietação, & sossego, senão unicamente o ultimo, & só por ser ultimo. Opinião foi antiga de muitos Filósofos, que não era o Sol o que se movia, & dava volta ao mundo, senão que permanecendo sempre fixo, & immovel, esta terra em que estamos he a que, sem nós o sentirmos, se move, & nos leva consigo, & quando nos aparta do Sol, faz a noite, & quando nolo torna a mostrar, o dia. Mas esta opinião, ou imaginação mathematica, assim como

resuscitou em nossos tempos, assim foi tambem condenada como erronea, por ser expressamente encontrada com as Escrituras divinas. Do Sol diz o Texto sagrado com palavras tão claras, como a luz do mesmo Sol, que elle he o que dá volta ao mundo, allumando-o: *Oritur Sol, & occidit, gyrat per Meridiem, & flectitur ad Aquilonem, lucrans uniuersa in circuitu.* E pelo côtrario, da terra diz, que ella está immovel, & firme sem se mover, nem haver de mover já mais: *Terra autem in æternum stat.* Pois se o Sol Principe dos Planetas se move, & todos os Astros, & corpos celestes de dia, & de noite estão em perpetuo movimento, & abaixo do Ceo arrebatada com elle se move a esfera do fogo, & abaixo do fogo o ar, & os ventos, & abaixo do ar a agua, ou correndo perpetuamente nos rios, & nas fontes, ou indo, & tornando às prayas no mar duas vezes no dia, ainda quando

Eccle. 1.5.6

Ibid. 4.



as tempestades o não levantaõ às Estrellas, ou abismaõ às areas; qual he a razão porque a terra no meyo de todas estas agitaçoens, & tumultos da natureza, só ella está firme, & immovel, só ella em perpetua quietaçãõ, & socego: *Terra autem in æternũ stat?* Não vedes como neste inmenso globo do universo só à terra como centro d'elle coube o ultimo lugar do mundo? Pois effa he a razão porque só ella no mesmo mundo goza de quietaçãõ, & socego: *Causa stabilitatis, & immobilitatis terræ est ejus gravitas, quæ exigit infimum mundi locum*, cõmenta Cornelio. Em fuma, que todos os outros lugares mais, ou menos altos são naturalmente inquietos, & só o infimo, ultimo, & mais baixo de todos he o assento firme, & o centro immovel da figura, & perpetua quietaçãõ.

198 Oh se a terra tivera olhos, & entendimẽto, & olhasse cã debaixo

para o Ceo, & para tudo o que se move entre o Ceo, & a mesma terra, que contente estaria do seu ultimo lugar, & que graças daria por elle ao Author da natureza: vendo o curso, & revoluçãõ sempre inquieta do Sol, da Lua, & das Estrellas: & a continua batalha dos elementos, comendose huns aos outros sem paz, nem quietaçãõ, mas em perpetua conquista de dilatar cada hum a propria esfera, & só ella pacifica, & quieta por beneficio da ultima baixaza em que Deos a fez a baze do mundo, & lhe deo por baze o seu proprio centro:

*Fundasti terram super stabilitatem suam?* Mas o ho-

Psalm.  
103.5.

mem, que he terra com entendimento, & olhos, se o mesmo Deos lhos abriu de maneira, que soube naõ querer outro lugar senaõ o ultimo; elle he o que verdadeiramente logra a quieta paz, & pacifica quietaçãõ do seu taõ felice como desconhecido estado, sem quem lho perturbe,

nem

nem altére. Batalhem os outros, & comão se sobre quem ha de subir, & alcançar os lugares mais altos; que eu (dirà) quanto mais olho para elles, & vejo de fóra os seus perigos, & naufragios, tanto mais me fatisfaço da minha paz, que das suas batalhas, da minha retirada, que das suas victorias; & da minha segura baixaza, que das suas inquietas alturas. Olhai, que bem entendéraõ a inquietação de todas ellas vivos, & mortos. Quando Saul depois de morto Samuel, o tirou do fundo da terra, & o fez vir a este mundo, posto que por tão breve espaço, a razão porque Samuel se queixou delle não foi outra, senão porque o inquietára: *Quare inquietasti me, ut ascenderem?* E Sidonio Apollinar refutádo o parabem de certo lugar eminente a que fora promovido hum seu amigo, escreveu estas notaveis palavras. *Sed sententia tali nunquam ego assentior, ut fortunatos putem, qui Rei-*

*publice precipitibus, & lubricis culminibus insistent, hoc ipso, satis miseriares, quòd parum intelligunt inquietissimo se subjacere famulatu.* Notai a palavra superlativa *inquietissimo*, có que hum Varaõ de tão alto juizo como Sidonio, não só chama servidaõ á dos lugares altos, mas inquietissima servidaõ: *Inquietissimo famulatu.*

199 As causas naturaes desta inquietação dos lugares altos, ou são as competencias dos que os procuraõ, ou as envejas dos que os desejaõ, ou o proprio desaffoço dos mesmos lugares, que ainda depois de adquiridos, nem elles aquietáõ, nem deixaõ aquietar a quem está nelles. Quanto às competencias; porque pelejavaõ Jacob, & Esau nas entranhas de sua Mãy: & Phares & Zaraõ, que lhe succedéaõ, não pelejavão nas entranhas da sua? Porque Jacob & Esau ambos pretendiaõ o primeiro lugar: & entre Phares & Zaraõ tão fóra estava

1. Reg.  
28. 15.  
Text.  
Hebr.

Sidon.  
Apollin.  
aris  
lib. 2. E.  
p. 13.

estava de haver a mesma  
 contenda, que tendo Zara-  
 ráo já na mão com a pur-  
 pura a envestidura do pri-  
 meiro, *hic exiet prior*, tor-  
 nou a retirar o braço para  
 o dar a Phares. De forte,  
 que nas mesmas entranhas  
 maternas, onde ouve dous  
 que competiraõ sobre o  
 primeiro lugar, tudo foraõ  
 inquietaçoens, & batalhas;  
 & onde ouve hum só que  
 quiz antes o ultimo, que o  
 primeiro, tudo foi paz, &  
 quietação. Isto quanto às  
 200 competencias. E quanto  
 às envejas? Maior caso ain-  
 da. Pediraõ os filhos do  
 Zebedeo as duas cadeiras  
 da mão direita, & esquer-  
 da do Reyno de Christo:  
 & com que tenção as pe-  
 dirão? Com tenção, diz S.  
 Joáo Chrysofotomo, que S.  
 Pedro, de quem só se temiaõ,  
 lhe não levasse o pri-  
 meiro lugar, ou primazia  
 do Reyno. *Primum hu-  
 jus confessus impetrare, &  
 preponi quidem se cæteris  
 sciebant, Petrum verò sibi  
 præferri formidantes dice-  
 re ausi sunt, ut unus à dex-*

*tris, alter à sinistris sedeat.*  
 Os outros Discipulos, a  
 quem os dous irmãos se  
 viaõ preferidos, nam lhe  
 davaõ cuidado: & só de  
 Pedro se temiaõ. Mas se  
 Joáo & Diogo eraõ os  
 dous mais virtuosos do A-  
 postolado, & os dous ma-  
 iores amigos de Pedro, co-  
 mo o queriaõ excluir por  
 esta via? Porque onde en-  
 tra a enveja, & a ambiçam  
 de lugares, não ha virtude,  
 nem amizade segura: o ma-  
 ior amigo vos ha de des-  
 viar, & o mais virtuoso se  
 ha de introduzir. Os pri-  
 meiros lugares leve-os Jo-  
 aó & Diogo: & a S. Pedro?  
 Nenhum lugar. Por cer-  
 to, que não havia de haver  
 esta inquietação no Apo-  
 stolado, se o lugar fora o  
 ultimo. O ultimo lugar não  
 tem envejosos, nem quem  
 o escolheo por melhor, té  
 que envejar: & onde nam  
 ha envejofo, nem enveja-  
 do, tudo está quieto. E ba-  
 sta isto? Não basta. Porque  
 201 ainda que não haja com-  
 petencia, nem enveja, que  
 inquiete os lugares altos,  
 hg

he nelles tão natural a inquietação, como dizia, que elles mesmos se inquietão, & a quem está nelles. Lucifer foi criado no Ceo, donde cahio: *Quomodo cecidisti de Cælo Lucifer*: & com tudo dizia a sua ambição, que havia de subir ao Ceo: *Qui dicebas in corde tuo: In Cælum conscendã.* Pois, Demonio, se tu estás no Ceo, como anelas a subir ao mesmo Ceo? Como desejas o que já tens? Como pertendes o que já alcançaste? Como te inquietas o que já gozas? Como queres subir onde já subiste, & estar onde já estás? Porque o mesmo lugar em que estava, o inquietava de forte, que estando nelle, não podia aquietar nelle. Por isso sem competencia, nem enveja de outrem, que o derrubasse, elle se derrubou a sy mesmo. A Adam derrubou o Demonio, ao Demonio elle mesmo se derrubou, porque tanto o inquietou o lugar que tinha, como se não tivera.

Ifai. 14.  
42r

Id. 13.

202 Sõ o ultimo lugar está livre destas inquietações, & perigos, & nam por outro privilegio, ou immuniidade, senão por ser o mais baixo. Erradamente se chamão baixos aquelles em que naufragão os navegantes. Não são baixos, senão os lugares mais altos do mar, que em penhascos, ou areas se levantão no meyo delle. Por isso nelles naufraga o mesmo mar, & se quebrão, & espedação as ondas. Ditofas as que sem querer fair, nem subir, se deixão estar no seu fundo, que estas sã se conservão em paz, & gozão de inteira quietação: & se là chegão os eccos das que perigão, & quebrão, ellas descansão, & dormem ao som das outras. Desta mesma quietação segura, & firme nos dá outro documento a terra naquelles grandes corpos a que concede a vida, & negou os sentidos. Todas as arvores tem hũa parte firme, & outra movediça. A firme, que são as raizes, está

estã no baixo; & a move-  
diça, que faõ os ramos, no  
alto. Sõ alli tem jurdiçaõ;  
& imperio, ou a lisonja  
das viraçoens, ou o açoute  
dos ventos. Todas na ca-  
beça leves, & inquietas, &  
sõ no pè seguras, & firmes.  
No alto quebraõse os ra-  
mos, voaõ as folhas, caem  
as flores, & perdemse an-  
tes de amadurecer os fru-  
tos: & sõ no baixo susten-  
taõ as raizes o tronco, &  
nelle as esperanças de re-  
cuperar em melhor anno  
tudo o perdido. Oh mal-  
ensinado juizo humano;  
que nem as plantas insen-  
siveis, nem os elementos:  
sem vida bastaõ a te fazer  
fezudo! aprende ao menos  
das criaturas sensitivas,  
& sejaõ as menores as que  
te ensinem.

203 O Pardal, & a Ro-  
la [ diz David ) souberaõ  
buscar, & achar o lugar  
mais conveniente a sua  
conservaçaõ: *Etenim Pas-  
ser invenit sibi domum, &  
Turtur nidum sibi, ubi ponat  
pullos suos.* E a que fim traz  
David este exemplo, & o

poem em dous animalis-  
nhos de taõ pouco vulto?  
Para que se envergonhem  
os homens com todo o seu  
uso da razãõ, de naõ sabe-  
rem escolher o lugar, que  
mais lhe convem. E faõ  
taõ esquecidos, & descui-  
dados todos em fazer esta  
escolha, que se algum ou-  
ve, que a fizesse, foi por es-  
pecial auxilio da graça  
divina. Assim continúa o  
mesmo David com estas  
admiraveis palavras: *Bea-  
tus vir cujus est auxilium  
abste: ascensiones in corde*  
*suo disposuit, in valle lacry-*  
*marum, in loco quem possuit.*  
Bemaventurado, Senhor,  
aquelle homem a quem  
võs assistis com particular  
auxilio de vossa graça; por-  
que este considerou todas  
as ascençoens, isto he, to-  
dos os modos de subir  
com que os outros procu-  
raõ alcançar os lugares  
mais altos; porẽm elle es-  
colheo para sy o mais bai-  
xo de todos, & poz o seu  
lugar no valle das lagri-  
mas: *In valle lacrymarum,  
in loco quem possuit.* Mas

ibid. 67.

que

que valle de lagrimas he este? O mundo vulgarmẽte chama-se valle de lagrimas: porẽm nem todo elle he valle, nem todo de lagrimas. Não he todo valle, porque tem campos, outeiros, & montes; & não he todo de lagrimas, porque tambem he de gostos, delicias, & passatempos. Que valle he logo este onde só o homem assistido da graça de Deos poz o seu lugar. *In valle lacrymarum, in loco quem posuit?* He o valle que fazem os montes das ascençoens, isto he, os lugares altos onde todos desejaõ subir, que elle considerou muito attentamente: *Ascensiones posuit in corde suo.* Os que subiraõ a estes lugares altos, estaõ nos montes da alegria, porque conseguiraõ o que desejavaõ: & os que nam poderaõ subir, estaõ no valle das lagrimas; porque todos choraõ, & se choraõ de lhe não chegar o dia da sua ascençãõ, & de nam serem promovidos aos lugares, que desejaõ. Neste

valle pois, que he de lagrimas, & tristeza para os demais, neste mesmo, & no mais fundo delle, que he o ultimo, & mais baixo, poz o seu lugar aquelle a quem Deos assistio; porque não basta só para esta valente resoluçãõ o entendimento, & juizo proprio, mas he necessario o auxilio da graça divina: *Cujus est auxilium abs te:* auxilio de luz para o conhecer por melhor; auxilio de valor para o preferir a todos, & atẽ auxilio do amor proprio, para descançar sem engano unicamente: *Recumbe in novissimo loco.*

### S. VIII.

204 **T**EMOS visto como o ultimo lugar, entre todos os do mundo, para alcançar he o mais facil, para conservar o mais seguro, & para lograr o mais quieto: prerogativas nelle singulares, pelas quaes deve ser preferido a todos os outros. Nẽ

o nome de ultimo lhe deve tirar nada de estimação, porque senão fora o ultimo, não as tivera. He todo o lugar ultimo como o que coube a Benjamin na mesa de Josèph. Como os Irmãos se assentárao à mesa conforme as suas idades, a Benjamin, que era o mais moço, coubelhe o ultimo lugar. Foi porèm coufa, que os mesmos Irmãos, & todos os Egypcios muito admirárao; que fazendo Josèph os pratos, o de Béjamin se avantejava sempre com notavel excessõ a todos. Olhamos para o lugar, & não olhamos para o prato. Oh se soubessẽmos tomãr o fabor aos gostos, & regalos puros, & sinceros, que só no ultimo lugar se achaõ, livres das amarguras, & dessabores, que em todos os outros lugares, por altos, & soberanos que sejaõ, ainda com os olhos cerrados, mal se pòdem tragar! Là disse Democrito, que aquelle que se resolvesse a não desejar, poderia competir de fe-

licidade com Jupiter: & esta felicidade sobre humana só a depositou nam o falso, senão o verdadeiro Deos nos thesouros escondidos do ultimo lugar. Sò alli se vive sem desejo, sem temor, sem esperança, sem dependencia, & sem cuidado algum, nem ainda leve pensamento, que a perturbe. Sò alli o sono he descanso, o comer sustento, a respiração vital, & a vida, vida; porque só alli està a Alma não dividida, mas inteira, & toda consigo, & dentro em sy mesma, como tambem o homem todo em sy, & fóra do mundo; porque não quer nada d'elle. E que não baste tudo isto, para que o ultimo lugar seja o mais estimado, o mais querido, & o mais pertendido dos homens? Tanto pòde com elles a falsa apreheusão daquelle nome de ultimo, com que reconhecẽdo-o no demais por taõ avantejado, & melhor, o reputaõ com tudo não só por menos honrado, mas por afrontoso, & por

por, isso o desprezão, & fogem d'elle.

o 205. Este he o ultimo engano, que só nos resta por refutar, cuja intelligencia consiste em saber distinguir no mesmo lugar hũa grande differença de ultimo a ultimo. O ultimo lugar merecido por distribuição alhea, pôde ser afrontoso; tomado por eleição propria, he o mais honrado. Quem voluntariamente, & por propria eleição escolhe o ultimo lugar do mundo, effê só usã do mesmo mundo como senhor d'elle. Denos a primeira prova o mesmo mundo, não como vão, & errado, mas como cortez, & entendido. Vistes passear na praça de Palacio hũa cochada de Fidalgos; & qual delles he o senhor da carroça? O que vai no ultimo lugar. Vistes os mesmos, ou outros em cõversação, ou visita; & qual he o senhor da casa? O que está na ultima cadeira. Pois assim como o que té o ultimo lugar na carroça, he

o senhor da carroça: & assim como o que tem o ultimo lugar na casa, he o senhor da casa; assim o que voluntariamente tem o ultimo lugar do mundo, he o senhor do mundo. Nam ponhamos a decisaõ na vontade dos homens, que pôde ser errada; mas na do mesmo Deos, que he a regra de toda a razaõ, & verdade. Começou, & acabou Deos a grãde obra da criação deste mundo em seis dias: mas porque ordem? Depois de criar no primeiro dia a luz, no terceiro criou as arvores, & plantas, no quarto o Sol, Lua, & Estrellas, no quinto os peixes, & aves, no sexto os animaes, que andaõ, ou se arrastão sobre a terra: & depois de povoados por este modo o Ceo, o ar, a agua, & a mesma terra, della formou, & criou o homem, para dominar como senhor tudo o que tinha criado. Assim o disse o mesmo Deos no mesmo acto em que o formou: *Faciamus hominem ad imaginem,* <sup>Genes. 1.26.</sup>  
*Et si-*



& similitudinem nostram, ut præsit piscibus maris, & volatilibus Cæli, & bestiis, universe que terra. Pois se o homem era a primeira, & mais nobre de todas as criaturas deste mundo, & criado para senhor dellas, porque o naõ criou Deos no primeiro lugar, senam no ultimo? Por isso mesmo. Porque a honra, & dignidade do ultimo lugar do mundo só competia, & era devida ao Senhor, & dominador deile. Vede agora se he honrado, & quam honrado he o ultimo lugar. *Merito ergo postremus, quasi finis nature formatus: recte ergo novissimus, quasi totius summa operis, quasi causa mundi, propter quem facta sunt omnia*, diz S. Ambrosio. Mas ainda naõ está dito o que excede quanto se pôde dizer.

206 Deos em quanto Deos, por ser infinito, & immenso, he incapaz de lugar: porẽm depois que deceo do Ceo a este mundo, & se fez homem, ha-

vendo de ter lugar entre os homens, que lugar tomaria? O de Nazareth? O de Belem? O do Egypto? O do Calvario? Tal foi o lugar que tomou sempre, & em toda a parte; que vendo-o o Profeta Ifaias, naõ teve outro nome com que se explicar, senaõ chamandolhe o ultimo dos homens: *Novissimum virorum*. E porque razaõ o ultimo, sendo sua a eleiçaõ do lugar? Naõ porque tivesse para sy, que a igualdade, que tinha com o Eterno Padre, fosse alhea, ou roubada, & naõ natural, & propria, como notou S. Paulo; mas porque sendo taõ Deos, & taõ supremo Senhor do universo, como o mesmo Padre, né outro lugar era capaz de sua grandeza, nem outro mais decente a sua soberania, né outro emfim mais conforme a sua doutrina, senaõ aquelle mesmo a que hoje nos exhortou, o ultimo. Em hum banquete a que ElRey Dionysio de Sicilia convidou as ma-

Ifai. 53.  
3.

iores personagens do seu Reyno, como puzesse no ultimo lugar da mesa a Aristippo, oraculo daquelle idade, o que lhe disse o grande Filosofo, foi: *Hunc planè locum decorare, & illustrem reddere voluisti*: Sem duvida, ô Dionysio, que hoje quizeste enobrecer, & fazer illustre este lugar. E se assim honrou, & illustrou Aristippo o ultimo lugar sô com se assentar nelle, que diremos depois que Deos o escolheo, & tomou para sy? *O novissimum, & altissimum!* exclama S. Bernardo. Antes de Deos escolher este lugar entre os homens, podia andar em opinioens se era honrado, ou naõ o ultimo lugar; mas depois que Deos o escolheo, & tomou para sy, intoleravel blasfemia seria dizer, que naõ he o mais honrado de todos.

## §. IX.

207 **P**Or fim só resta satisfazer à cô-

clusão da parabola, na qual parece que desfez o divino Mestre tudo o que temos dito. Dando o Senhor a razaõ porque se naõ devem procurar os primeiros lugares, senaõ o ultimo: porque virà ( diz ) o dono da casa, & do convite, & se vos vir no ultimo lugar, dirvos ha: *Amice*, Luc iã. *ascende superius*: Amigo, subi 10. para cima: & pelo contrario, se tiveres tomado o primeiro, o que ouvireis, Ibid. 9. ferà: *Da huic locum*: Levantavos desse lugar, & dai-o a este: & com grande confusaõ, & vergonha vossa ficareis no ultimo: *Et incipias cum rubóre novissimum locum tenere*. Este dono da casa, & do convite no fim da parabola he Deos, que segundo as noslãs acçoens, & deliberaçoens as ha de premiar, ou castigar: & naõ pondéro, que só ao que escolheo o ultimo lugar chamou amigo, *Amice*: nem pondéro, que o que tinha tomado o primeiro lugar, naõ ficou no segundo, nem no terceiro, mas deceo, ou foi

foi lançado no ultimo: mas o que pondéro, & reparo, he, que ao que elegeo o ultimo lugar o premiou Deos com o primeiro, & ao que tomou o primeiro o castigou com o ultimo: logo se o ultimo lugar se dá por castigo, & o primeiro por premio, melhor parece que he o primeiro lugar, que o ultimo.

208 Assim parece, porque não consideramos nos mesmos lugares o onde, & o quando. Onde, & quando foi a eleição, que os homens fizeram dos lugares? Neste mundo. E onde, & quando ha de ser a mudança com que Deos os ha de trocar? No outro. Pois esta he a razão da diferença, & da troca. No outro mundo he melhor o primeiro lugar: neste, o ultimo. E porque? Porque o Ceo he a patria de todos os bons, & de todos os bês: a terra a de todos os máos, & de todos os males. Na terra tudo são soberbas, ambiçoens, envejas, discordias, contendas, cavil-

laçoens, enganos, falsidades, traçoens, violencias, & tratar cada hum de subir, ainda que seja pelas ruinas alheas; & para escapar de todos estes males, maldades, & malicias, não ha outro lugar seguro, & quieto, senão o ultimo. Pelo contrario, no Ceo tudo he charidade, paz, concordia, amor, contentamento, bemaventurança, & estimar, & gozar-se cada hum do bem do outro, como do proprio: & por isso os primeiros lugares de ninguem envejados, nem pertendidos, mas de todos aprovados, & venerados, sem receo que os inquiete de dentro, nem perigo q os perturbe de fóra, são tão firmes, & perpetuos, como os mesmos bens, & felicidade, que lograõ.

209 E para que vejamos estas duas diferenças estabelecidas por Deos desde o principio do mundo, húa na terra entre os elementos, & outra no Ceo entre os Anjos; ouçamos a Escritura sagrada. Na cria-

ção do mudo gastou Deos seis dias, mas só cinco delles foraõ propriamente de criação. No primeiro criou, no terceiro criou, no quarto, no quinto, & no sexto criou, & sómente no segundo não criou cousa alguma. Pois se o segundo dia foi totalmente esteril, & infecundo sem produção de nova criatura; em que gastou, & empregou Deos todo aquelle dia? Empregou-o todo em hõr, & exaltar o ultimo lugar, quanto elle merece. Diz o Texto, que no segundo dia dividio Deos o elemento da agua, & levantou húa parte delle, & a poz sobre o firmamento, a que chamou Ceo. Estas são aquellas aguas de que diz David: *Et aquæ omnes quæ super Cælos sunt, laudent nomen Domini*: onde declara, que o Ceo sobre que foraõ collocadas, he o supremo, & mais alto de todos. E donde lhe veyo ao elemento da agua ser assim exaltado, o que Deos não fez a algum outro?

Psalm.  
148. 1.

Porque sendo a agua por natureza superior à terra, & sendo o lugar da terra o ultimo, ella deixando o sitio mais eminente em que fora criada, correo espontaneamente a encher as concavidades da mesma terra, & se abraçou de tal forte com ella no mesmo lugar, que da agua, & da terra se formou hum só globo. E foi tão grata aos olhos de Deos esta acção, posto que natural, do elemento da agua, que havendo de lhe compençar como Author da natureza hum lugar com outro lugar, pelo ultimo a que se abateo na terra, o levantou ao supremo do Ceo. Mas pois estamos no Ceo, vejamos quam contrario foi là a este exemplo da agua elemental, que isto quer dizer Serafim. Tinha o primeiro lugar no Ceo entre o Coro dos Serafims Lucifer, & não se contentando cõ meos sua altiveza, que com subir ao supremo sobre todas as criaturas. Isto he o q  
re-

Isti. 14.  
13. 14.
 revolvia no pensamento, quando disse : *Super astra Dei exaltabo solium meum: similis ero Altissimo.* E que lhe fez o mesmo Altissimo a quem affectou ser semelhante? *Verumtamen ad Infernum detraberis in profundum lavi.* Do Ceo o precipitou no Inferno, & do supremo lugar, que affectou no Empireo, ao infimo dos abissimos. Assim castiga, ou premea Deos, & assim troca os lugares, sublimando até o supremo a quem se abateo ao ultimo; & derubando até o ultimo a que affectou o supremo. Tanto monta na parabola do nosso Evangelho, ou, *Amice ascēde superius,* ou *Incipias cum rubore novissimum locum tenere.*

Ebid. 15.
 210 A vista deste eterno defengano, não he necessario inferir qual deve ser a resolução nesta vida dos que ainda tem livre a eleição dos lugares. Mas que farão os que já conseguiram a sua, & por nascimento, ou negociação, ou qualquer outra fortuna estão

postos nos primeiros? Facil he dar o conselho, senão for difficulosa a resolução. Mas esta não corre por minha conta. Porque não faráo os que tem menos que deixar, o que fizerao tantos Reys, & Emperadores? Não tinha fé do Ceo, nem do Inferno Diocleciano & Maximiano, & só pela experiencia que tinhao dos primeiros lugares do mundo, cançados de o governar, & mandar; ambos de cômum consentimento renunciárao o Imperio em hum mesmo dia (que foi o de dezafete de Fevereiro do anno de trezentos & quatro) Diocleciano em Nicomedia, & Maximiano em Milam. E que nam exclamarà neste passo: ô cegueira do juizo humano! ô fraqueza grande da nossa fé! que dous Gentios, & de mà vida, tivessem valor para húa resolução como esta, & que sendo a medida dos lugares có que nos levantamos sobre os nossos iguaes tão curta, baste a lição desta preferencia tão

trabalhosa, & incerta para a antepormos nesta vida à quietação, & descanso da temporal, & à segurança da eterna!

211 Razoens pòde haver taõ urgentes, & obrigaçoens taõ fortes, q̃ não permitaõ romper estes laços: mas nos tais casos, que não pòdem fer, fenaõ muito raros, já que se não poffaõ renunciar os lugares, ao menos se deve renunciar o amor. Mais estrañhava Christo nos Escribas, & Fariseos o amor que tinhaõ aos primeiros lugares, que os mesmos lugares: *Amant autem primos recubitus in cænis, & primas cathedras in synagogis.* Para serem taõ arriscados como vemos os primeiros lugares, basta serem primeiros, ainda que se não amem. Os Santos não os amavaõ, & com tudo se lê de todos, que os repugnavaõ, & fugiaõ delles: mas se forem primeiros, & juntamente amados, entaõ são muito mais perigosos, & perniciosos, assim para os

Marth.  
23. 6.

mesmos a quem inchaõ, & enganaõ, como para a Republica, que arruinaõ. Estes mesmos Escribas & Fariseos amadores dos primeiros lugares, foraõ os sollicitadores da morte de Christo, & os que puzeraõ o Filho de Deos em hũa Cruz: Porque? Sò por não perderem os lugares, que tanto amavaõ: *Venient Romani, & tollent nostrum locum.* Emfim, que se os primeiros lugares se nam amarem, serãõ menos os danos, que causarãõ, proprios, & alheos; mas, ou amadõs, ou não amados, se os que estaõ nelles, os não renunciarem de todo, & trocarem generosamente pelo ultimo, de nenhum modo poderãõ gozar a liberdade, a quietação, & o descanso seguro, que taõ largamente tenho mostrando; porque este privilegio só he concedido por Deos ao ultimo lugar: *Recumbe in novissimo loco.*

Joann.  
11. 48.

S E R M A M  
DO SANTISSIMO  
SACRAMENTO

EM DIA DO CORPO DE DEOS,  
na Igreja, & Convento da Encarnação.

*Hic est panis, qui de Caelo descendit.* Joann. 6.



**S. I.**  
Elebra hoje esta Igreja, o q celebraõ todas; mas nenhũa com tâta obrigaõ, nenhũa cõ tanta propriedade. Nas outras he a solemnidade propria do dia, nesta he do dia, & do lugar. Andão taõ ligados entre sy estes dous soberanos mysterios, Encarnação, & Sacramento, que a mesma Sabedoria, & elo-

quencia divina, para pregar as grandezas do Sacramento, se valeo das excellencias da Encarnação: *Hic est panis, qui de Caelo descendit*: Este he o paõ, diz Christo, q deceo do Ceo. Mas quãdo deceo do Ceo este paõ? Não no dia em q se instituio o mysterio do Sacramento, senão no dia em que se obrou o da Encarnação. Assim o confessamos todos cõ os joelhos

P iij em

em terra: *Descendit de Cælis, & incarnatus est.* De maneira, que no mesmo texto do Thema temos dous dias, & dous mysterios. O dia, & o mysterio do Sacramento: *Hic est panis*: & o dia, & o mysterio da Encarnação: *qui de Cælo descendit*: o dia, & o mysterio do Sacramento conforme a celebridade, & o dia, & mysterio da Encarnação conforme o lugar. Havendo pois de ser o Sermão ( como he bem que seja ) não do corpo de Deos vagamente, senão do corpo de Deos na Encarnação: & havendo de tomar as medidas ao discurso pelo mesmo corpo de Christo, não só em quanto corpo de Deos sacramentado, senão também em quanto corpo de Deos encarnado; digo, que o dia da Encarnação, & o dia do Sacramento, ambos são dias do corpo de Deos; mas com grande differença. O dia da Encarnação he dia do corpo de Deos, porque no dia da Encarnação deo

Deos a tomar condiçoens de corpo: & o dia do Sacramento também he dia do corpo de Deos, porque no dia do Sacramento subio o mesmo corpo a tomar attributos de Deos. Isto he o que determino prègar hoje, mas ainda não acertei ao dizer com os termos grandes, que pede a magestade da materia. Para que eu a faiba, & me faiba declarar melhor, recorramos à fonte da Graça, que está presente. *Ave Maria.*

§. II.

*Hic est panis, qui de Cælo descendit.*

213 **O** Apóstolo S. Paulo fallando da segunda parte deste Texto, isto he, de quando o Verbo divino deo do Ceo a vestir-se de nossa carne, diz estas notaveis palavras: *Cum in forma Dei esset, non rapinam arbitratus est esse se equalem Deo, sed semetipsum exinanivit* Philip. 2.6.7.



*nivit formã servi accipiens, in similitudinem hominum factus, & habitu inventus ut homo.* Quer dizer: Sendo o Eterno Verbo igual ao Padre em tudo, & não podendo deixar de o ser, fazendo-se porém homem, & semelhante em tudo aos outros homens, de tal maneira encolheo, & sumio em sy mesmo os attributos de sua divindade, & grandeza, que não se viaõ, nem appareião nelle depois de encarnado mais que os vazios da mesma divindade. Esta he a propria, & rigorosa significação daquelle *exinavit semetipsum*: & assim foi. Era o Verbo pela divindade Espirito, & pela Encarnação teve corpo: era pela divindade immenso, & pela Encarnação ficou limitado: era pela divindade infinito, & pela Encarnação ficou finito: era pela divindade eterno, & pela Encarnação ficou temporal: era pela divindade invisível, & pela Encarnação viaõ-no os olhos: era pela di-

vidade immortal, & impassível, & pela Encarnação já padecia, & estava sujeito à morte. Não são grandes vazios da divindade estes? Taõ grandes, & taõ profundos, que só a comprehensão de Paulo os pode de algũa maneira sondar: *Exinavit semetipsum*. Mas aguarde trinta & tres annos a mesma divindade encarnada, & sairá com igual, ou maior milagre ao mundo o Sacramento do Altar: Para que? Para que os vazios da divindade na Encarnação se tornassem a encher no Sacramento. Agora acertei a me declarar. Assim como pela Encarnação a divindade de Christo se despio dos attributos de Deos, & se vestio das propriedades de corpo: assim o mesmo corpo de Christo pelo Sacramento se despio das propriedades de corpo, & se vestio dos attributos de Deos. E este foi o modo mais que admiravel có que os vazios da divindade na Encarnação,

ção, se enchêraõ, & restau-  
raraõ pelo Sacramento.  
Ora vede.

214 Pela Encarnação,  
(como diziamos) Deos  
que era espirital, ficou  
corporeo com partes di-  
stintas, & extensas; pelo  
Sacramento, Christo que  
era, & he corporeo, ficou  
espirital, todo em todo,  
& todo em qualquer par-  
te, como espirito. Pela En-  
carnação, Deos que era  
immenso, ficou limitado a  
hum só lugar; pelo Sacra-  
mento, Christo que era li-  
mitado, ficou immenso, &  
estã em todos os lugares do  
mundo. Pela Encarnação,  
Deos que era eterno, ficou  
temporal, & assim nasceo,  
viveo, & morreo em tem-  
po; pelo Sacramêto, Chri-  
sto que era temporal, se  
tornou a eternizar sem  
termo, nem limite na du-  
ração. Pela Encarnação,  
Deos que era infinito, fi-  
cou finito, como o são am-  
bas as partes da humani-  
dade; pelo Sacramento,  
Christo que era finito, não  
tem fim, porque está infi-

nitamente multiplicado.  
Pela Encarnação, Deos  
que era invisível, ficou vi-  
sível, & assim o viaõ os ho-  
mens; pelo Sacramento,  
Christo que era visível, fi-  
cou invisível, porque nem  
o vemos, nem o podemos  
ver. Pela Encarnação fi-  
nalmente, Deos q̄ era im-  
mortal, & impassível, ficou  
mortal, & passível, & pa-  
deceo, & morreo pelos ho-  
mens; pelo Sacramento,  
Christo que era mortal, &  
passível, ficou impassível,  
& immórtal, porque no  
estado, & vida de sacramen-  
tado, he incapaz de pade-  
cer, nem morrer. E que he  
cada differença destas, &  
muito mais todas juntas,  
senão estarem hoje cheos  
no corpo de Christo pelo  
Sacramento os vazios, com  
que no mesmo corpo se  
ocultou a divindade pela  
Encarnação: & ser o cor-  
po de Christo sacramenta-  
do por todos os attributos  
divinos corpo de Deos?

215 No Capitulo quin-  
to do Apocalypse vio S.  
João hũa cousa notavel, &

ou-

ouvio outra mais notavel. O que vio, foi hum trono de grande magestade cercado de toda a Corte do Ceo, & sobre elle hu Cordeiro em pè, mas como morto: *Agnus stantem tanquam occisum.* O que ouvio, foraõ asvozes de todos aquelles Cortesaõs, & de muitos Coros de Anjos, que cantando, & acclamado, diziaõ: Digno he o Cordeiro, que foi morto, de receber a virtude, & a divindade: *Dignus est agnus, qui occisus est, accipere virtutem, & divinitatem.* Este Cordeiro naõ jazendo como morto, senão em pè como vivo, he o Cordeiro de Deos, que tira os peccados do mundo, Christo Redemptor nosso: mas he Christo, & o mesmo Christo naõ em outro estado, ou de qualquer outro modo, senam em quanto sacramentado. Assim o entendem communmente os interpretes deste lugar: & as mesmas palavras do Texto o de- claraõ com grande pro-

priedade; porque naõ dizem, que o Cordeiro estava morto como vivo, senão vivo como morto: *Stantem tanquam occisum.* Isto he o que cremos propria, & distintamente, & o que nos ensina a Fè no mysterio do Sacramento. A palavra *tanquam* significa representaçaõ, & naõ realidade: & o mesmo Christo sacramentado, que na realidade està no Sacramento taõ vivo como no Ceo, no mesmo Sacramento por representaçaõ està taõ morto como na Cruz. Por isso as palavras da cõsagraçaõ, na Hostia poem o corpo como dividido do sangue, & no Caliz o sangue como dividido do corpo, tudo em significaçam da morte, na qual ( & de nenhum modo sem ella ] se aperfeioa, & consuma o sacrificio. E por isso tambem em fôrma, & com nome de Cordeiro; porque desde o Cordeiro de Abel na Ley da Natureza, se sacrificava també na Ley Escrita em figura de Cordeiro

Apocal.  
5.º.

Ibid. 12.

deiro o mesmo Christo. Assim o ensinou S. André ao Proconful Egeas, dizendo: *Ego omnipotenti Deo, qui unus, & verus est, immolo quotidie immaculatū agnum, cujus carnem postquā omnis populus credentium manducauerit, integer perseverat, & vivus.*

216 Supposto pois, que o Cordeiro vivo, & como morto, que S. Joáo vio, era Christo, & Christo sacramentado; entrem agora as segundas, & mais admiráveis palavras do Texto, com que os applausos, & aclamaçoens de toda a Corte celestial cantavaõ, & diziaõ ao mesmo Cordeiro, que elle era digno de receber a virtude, & divindade: *Dignus est agnus, qui occisus est, accipere virtutem, & divinitatem.* O mesmo S. Joáo nota, que este cantico era novo: *Cantabant canticum novū:* & parece que não era novo, senão antigo, & que já tinha de antiguidade, quando menos, trinta & quatro annos, que tantos se podē

contar desde o dia da Encarnação do Verbo até o dia da instituição do Sacramento. Quando se fez o Filho de Deos homem, & quando se unio à humanidade de Christo a divindade? Não ha duvida, que no dia da Encarnação: Pois se o receber Christo em quanto homem a divindade, pertence ao mesmo Christo em quanto encarnado: que novidade he agora a deste cantico, em que toda a Corte do Ceo lhe dà o parabem de receber a divindade, não na Encarnação em quanto Deos encarnado, senão no Sacramento, & em quanto Cordeiro sacramentado: *Dignus est agnus accipere divinitatem?* A palavra *dignus* ainda aberta, & acrescenta mais a duvida; porque *dignus* significa merecimento, & a uniaõ hypostatica, em que a natureza divina se unio com a humana, nem a mereceo; nem a podia merecer a humanidade de Christo: pois se foi divindade, & di-

divindade merecida , como se diz que Christo he digno de a receber , & que a recebeo como sacramentado? A razaõ altissima, & nova, como lhe chama S. Joaõ, he a que eu tenho dito , & vou provando. Porque duas vezes, & por dous modos diferentes recebeo Christo a divindade: a primeira na Encarnação, em que Deos , do modo que era possivel , se despio dos attributos de Deos, vestindose do corpo humano: a segunda no Sacramento, em que Christo, do modo tambem que podia ser, enchendo em sy os vazios da divindade, revestio o mesmo corpo das propriedades de Deos. Onde se deve muito notar a propriedade das palavras *accipere divinitatem* ; porque no mysterio da Encarnação não foi o corpo mais propriamente o que recebeo a divindade, senão a divindade a que recebeo o corpo: *Verbum caro factum est* : porèm no mysterio do Sacramento:

assim como a divindade na Encarnação foi a que propriamente recebeo o corpo, assim o corpo propriamente foi o que recebeo a divindade: *Dignus est agnus accipere divinitatem.*

217 Prègando o mesmo Christo aos que tinha sustentado com o milagre dos cinco pães, alli começou a revelar o mysterio do Sacramento , exortando-os a que comeßsem de outro melhor paõ, que elle lhes daria, o qual era paõ de vida, não temporal, mas eterna: *Operamini non cibum, qui perit, sed qui permanet in vitam aeternam,* Joann. 6.27. *quem Filius hominis dabit vobis.* E para que não duvidassem da virtude deste maravilhoso paõ, acrescentou, que Deos tinha impresso nelle o seu sigillo, ou sinete: *Hunc enim Pater* ibid. *signavit Deus.* A palavra *signavit* val o mesmo que *sigillavit*: & assim se lê tto Texto Original. Saibamos agora: & qual foi a figura, ou imagem que estava aberta neste sinete? Todos

os Santos Padres concordão, em que era a figura, & imagem da divindade: & essa força tem o nome de Deos acrescentado ao de Padre: *Hunc Pater signavit Deus*: modo de fallar em Christo singular nesta occasião. Mas se Christo falla de sy em quanto homem, & em quanto sacramentado: em quanto homem, *quem Filius hominis dabit vobis*; & em quanto sacramentado, *cibum qui permanet in vitâ eternam*; porque prova os poderes desta virtude com o finete da divindade, que Deos imprimio nelle? Não se poderá melhor confirmar o altíssimo pensamêto em que estamos. Aquella Hostia, em que a nossa Fê creê, & adora o corpo de Christo, he húa obrêa consagrada, em que Deos imprimio o seu finete: & como neste finete estava aberta a imagem, & figura da divindade com todos seus attributos, tambem na mesma Hostia ficou impressa a semelhança de todos el-

les, & por isso se achão todos no Sacramento. Ainda falta a maior propriedade, & energia da metâfora do finete de que ufou o Senhor, para que melhor entendessemos todo o mysterio. O que no finete está cavado, & vazio, he o que na materia em que se imprime fica relevado, & cheo: & assim ficarão cheos no Sacramento os vazios da Encarnação: *Exmanifestavit semetipsum: hunc Pater sigillavit Deus*. Na Encarnação todos os attributos divinos vazios, & no Sacramento cheos: na Encarnação todos fumidos, & no Sacramento todos relevados.

### §. III.

218 **P**Or este modo ficou o corpo de Christo no Sacramento revestido dos attributos divinos, & com maior propriedade corpo de Deos. Corpo de Deos, porque espiritual: corpo de Deos, porque immenso: corpo de

de Deos , porque eterno: corpo de Deos, porque infinito: corpo de Deos, porque invisível : corpo de Deos , porque immortal: corpo de Deos, porque impassível. E isto he o que agora parte por parte , & attributo por attributo ha de ir mostrando o nosso discurso. Mas porque todas estas maravilhas de seu corpo divinizado foraõ ordenadas por Christo para nosso remedio, & proveito; de tal maneira as irei provando no Sacramento , que juntamente mostrarei como o mesmo Sacramento nolas comunica todas a nós. Elle se digne de me ajudar, & assistir com nova graça em materia tão alta, & tão difficulosa.

219 A primeira propriedade tão natural da divindade, como alhea do corpo, que he ser Deos espirito ; assim como foi o primeiro vazio com que o mesmo Deos se exinanio na Encarnação , assim he tambem o primeiro attri-

buto com que Christo o restaurou, & encheo no Sacramento: no qual está seu corpo sacramentado sem ocupar lugar, & com todas as condiçoens de espirito. Assim o ensina a Fè, & para o provar com a Escritura, he necessario que nos engolfemos em hum pégo sem fundo, qual he o Capitulo sexto de S. João, em que já começamos a entrar. Por occasião do milagre referido dos cinco pães, que he o principio deste Capitulo, falla Christo na maior parte de todo elle, do pão que deceo do Ceo o Santissimo Sacramento do Altar. Húa vez diz : *Nisi manducaveritis* Joanni. 6. 54. *carnem Filij hominis , & biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis:* Senão comerdes a minha carne, & beberdes o meu sangue , não tereis vida: outra vez mais brevemente: *Qui manducat me , ipse* Ibid. 58. *vivet propter me:* Quem me comer a mim , vivirá por mim. E alé destes dous lugares do mesmo Capitulo, nelle

nelle promete outras muitas vezes, & por muitos modos a todos os que o comerem a mesma vida. Mas não se pôde encarecer o grande abalo, perturbação, & escandalo, que esta doutrina causou, não só nos ouvintes de fóra, senão nos mesmos Discipulos da Escola de Christo, muitos dos quaes só por este ponto se fãrão della. Quando ouvião ao Senhor, que lhe havião de comer a carne, & beber o sangue, pareciahe cousa horrenda, & barbara: quando ouvião por outra frasi, que o havião de comer a elle, o que não significava parte do mesmo corpo de Christo, senão todo inteiro, pareciahe impossivel, que hum homem ouvesse de meter dentro em sy a outro: & quando em hum, & outro caso ouvião, que aquella carne, & aquella corpo lhe havia de dar vida, pareciahe que este effeito era contra toda a razão natural, porque o que dá vida ao homem, não he

a carne, nem o corpo, senão o espirito: como se vio no espirito, que Deos infundio no barro de Adam, & na vida, que a Alma dà aos nossos corpos, a qual em faltando, não vivem. Atéqui a murmuração, a duvida, & o escandalo dos ouvintes; vamos agora à resposta do divino Mestre.

220 O que Christo respondeo, forão estas palavras: *Hoc vos scandalizat? Si ergo videritis Filium hominis ascendentem ubi erat prius? Spiritus est qui vivificat, caro non prodest quidquam.* Isto vos escandaliza? Que seria se me visseis subir ao Ceo, donde decio? E quanto às duvidas do que me ouvistes, o que vos digo he, que o espirito he o que dà a vida, que a carne nenhũa cousa aproveitata. Pois se Christo fallava de sua carne, & da mesma carne dizia, que havia de dar vida aos que a comessem; como agora diz, que a carne nenhũa cousa aproveitata, & que o espirito he o que dà a vida? He tão diffi-



difficulosa esta sentença, q̄ deixados os delirios dos Hereges, os Sâtos Padres, & Doutores Catholicos se dividê na exposição della em sete opinioes. A ultima, & singular de Amônio, Padre Grego, he a meu ver a que melhor penetrou o sentido de Christo, & resolve todas as duvidas dos incredulos com a verdade do mesmo Sacramento. O corpo de Christo no Sacramento não està com as condiçoens naturaes de corpo, senão com as sobrenaturaes, & milagrosas de espirito: & por isso neste lugar chamou o Senhor espirito a sua propria carne: *Spiritum hîc vocat plenam vivifici spiritus virtute carnem, manet enim caro:* são as palayras de Amônio. É como a carne de Christo no Sacramento não deixando de ser carne, he carne com todas as condiçoens de espirito; nem a carne comida deste modo podia causar horror, que era a primeira duvida: nem o corpo do mes-

mo modo podia ter impedimento para todo, & inteiro entrar em outro corpo, que era a segunda: nem era contra a razão natural, senão muito conforme a ella, que sendo espirito vivificasse, & dêsse vida, que era a terceira. E desta forte desfeitas todas as difficuldades, se fica verificando com summa propriedade, & com adequada reposta a todas as objecçoens, a sentença de Christo: *Spiritus est qui vivificat, caro non prodest quidquam.* Porque a carne não obra alli como carne o que sô como carne não podia, mas obra como espirito, & como carne espiritualizada o q̄ he proprio do espirito. E daqui fica declarada a grãde, & exacta correspondência, com que este primeiro vazio da Encarnação se restaurou com o primeiro cheio do Sacramento. Porque na Encarnação a divindade do Verbo se vestio da corporeidade da carne; & no Sacramento a carne de Christo se vestio

da incorporeidade do espirito. A frazi particular de que usão os Santos no mysterio da Encarnação, he chamar a Deos incorporado; & da mesma usa a Igreja cantando na festa da Epiphania: *Ducem salutis caelitus incorporatum gignere*. Pois assim como na Encarnação se contrahio o vacuo da divindade pelo incorporado, assim no Sacramento restaurou, & encheo o corpo de Christo o mesmo vacuo pelo incorporeo.

Jeann.  
LXXI.

221 Sobre as palavras *Verbum caro factum est, & habitavit in nobis*, repara o Cardeal Cayetano em dizer o Evangelista, que unindose o Verbo a nossa carne, habitou em nós. Parece que mais propriamente havia de dizer, que habitou com nosco, ou entre nós, como verdadeira-mente habitou Christo com os homens: pois porque não diz, que habitou entre nós, ou com nosco, senão em nós? Agudamente perguntado, mas com

muito maior agudeza respondido: *Dixit hoc, ne errares, existimando quod Verbum ex hoc quod factum est caro, impedimentum esse ad habitandum spiritualiter in animis nostris*. Deos em quanto Deos habita, & sempre habitou em nós: *In ipso enim vivimus, movemur, & sumus*. E antes de Deos se vestir de nossa carne, nenhũa duvida tinha, nem podia ter, que Deos, sendo espirito, estivesse, & habitasse dentro em nós: porèm depois que Deos se vestio do nosso corpo, podia cuidar alguém, que esse mesmo corpo podia ser impedimêto para que deixasse de estar em nós, por quanto dous corpos nam podem estar juntos no mesmo lugar: para tirar pois este erro, disse nomeadamente o Evangelista, que o Verbo depois de se fazer carne, não só habitou com nosco, senão em nós: *Caro factum est, & habitavit in nobis*. Atèqui Cayetano: o qual porèm declara, que isto se ha de

Astor.  
17.28.

en-

entender não corporal-  
mente do seu corpo nos  
nossos corpos, senão espi-  
ritualmente da sua Alma  
nas nossas Almas: & assim  
foi no mysterio da Encar-  
nação precisamente. Mas  
depois que sobre o myste-  
rio da Encarnação o mes-  
mo Verbo encarnado acre-  
centou o do Sacramento,  
não só habita Christo em  
nós espiritualmente quan-  
to à Alma, senão corpo-  
ralmente quanto ao cor-  
po; porque estando o mes-  
mo corpo espiritualizado  
no Sacramento, como es-  
pirito pôde estar juntamê-  
te o seu corpo dentro do  
nossô, sem o impedimento  
de hum corpo excluir o  
outro. E esta he hũa nova,  
& altíssima razão porque  
nas mesmas palavras nam  
disse o Evangelista, que o  
Verbo se fizera homem,  
senão que se fizera carne:  
*Verbum caro factum est:*  
porque sendo a carne a  
propria, & immediata ma-  
teria do Sacramento: *Caro  
mea verè est cibus*; por me-  
yo da mesma carne sacra-

mentada havia Christo de  
habitar não só com nosco,  
senão propriamente em  
nós: *Et habitavit in nobis.*

222 Desta maneira en-  
cheo Christo no Sacramen-  
to o primeiro vazio da di-  
vidade na Encarnação,  
espiritualizando o seu cor-  
po, & fazendo-o espirito,  
assim como Deos, q̄ he espi-  
rito, se tinha feito corpo.  
Mas esta admiravel trans-  
formação, não só a obrou  
Christo em seu corpo sa-  
cramentado, senão que  
tambem, como prometi,  
por meyo do mesmo cor-  
po sacramentado no la cõ-  
munica a nós. Abre bem a  
boca, que eu ta encherei:

disse Deos a David: *Dila-* Psal.  
*tà os tuum, & implebo illud.* 80. xi.  
Estas palavras se entêdem  
do divinissimo Sacramen-  
to, do qual se diz no mes-  
mo Psalmo: *Cibavit eos ex  
adipe frumenti.* E diz Deos,  
que elle he o que lhe en-  
cherà a boca: *Et ego imple-* Ibid. 17.  
*bo illud:* porque só Deos  
põde encher a capacidade  
da nossa Alma, & não com  
outra cousa; senão com fi-

go mesmo, como faz no Sacramento. *Et ego implebo illud, me ipso*, comenta Hugo Cardeal. Abrio pois a boca David, como Deos o tinha conyidado: & que lhe succedeo? *Os meñ aperui, & attraxi spiritũ*: Abria boca, & o que recebi nella, & por ella, & o com que Deos ma encheo, tudo foi espirito. Pois se a promessa de Deos tinha sido, que lha encheria com seu corpo sacramentado: Apertemos mais esta supposiçãõ cõ a authoridade do Doutor Maximo S. Jeronymo no mesmo lugar: *Vis comedere ipsum Deum tuum, & Salvatorem? Audi quid dicat: Dilata os tuum, & implebo illud. Dilata te ora vestra, ipse est & Dominus, & panis: ipse hortatur nos ut comedamus, & ipse noster est cibus*. Pois se a promessa, digo, de Deos feita a David era, que lhe havia de encher a boca cõfigo mesmo, & com seu corpo sacramentado; como abrindo a boca o mesmo David, q̃ que recebeo, não foi cor-

po, senão espirito: *Os meñ aperui, & attraxi spiritum?* Porque o corpo de Christo assim como està no Sacramento transformado em sy, assim està tambem transformado para nõs: em sy transformado em espirito, para caber sem extençãõ debaixo das especies, que o cobrem: & para nõs transformado em espirito, para caber fem a mesma extençãõ dẽtro dos corpos dos que o communicaõ: em sy transformado de corpo em espirito, & em nõs transformandonos de corporaes em espirituas. Expressamente S. Bernardo: *Transformatur manducans in naturam cibi: corpus enim Christi manducare nihil est aliud, quàm corpus Christi effici*. E porque feria coufa muito dilatada confirmar a verdade destes maravilhosos effeitos com os exemplos d'elle; baste por prova o mesmo S. Bernardo, que não só o disse, mas o exprimentou em sy mesmo, vivendo em corpo por virtude do  
mes-

Hugo  
ibi.

Pfal. m.  
1. 1. 1.

Hieronym.  
in  
huc.  
locum.

mesmo corpo, como se não tivera corpo, andando vestido de carne, como se fora espirito, podendo dizer com S. Paulo: *Spiritu vivimus, spiritu & ambulemus,*

bido em Nazareth, que nasceu em Belém, que pregou em tal, & tal lugar de Judéa, & Galiléa, & morreu em Jerusalem. Desta immensidade porém de que Deos se despio pela Encarnação, se revestio outra vez pelo Sacramento, no qual o corpo de Christo, ou reproduzido, ou multiplicando as presenças, sendo hum só, & o mesmo, está no mesmo tempo em todas as partes do mundo.

223 **O** Segundo vazio da divindade he a immensidade divina, a qual pelo mysterio da Encarnação se limitou a hum só lugar, qual era o que occupava a sagrada humanidade. Ouve Hereges, que entendendo este mysterio ás avessas, tiveram para sy, que pela uniaõ hypostatica a humanidade se fizera immensa, & estava como Deos em toda a parte, & por isso foram chamados Ubiquitarios. Mas não foi a humanidade a que pela uniaõ có o Verbo se estendeo à immensidade divina, senão a immensidade divina a que pela comunicação dos idiomas se estreitou à limitação humana, sendo verdadeiro dizer, que Deos foi conce-

224 No mesmo mundo, & na mesma hora em que Christo instituiu o Sacramento, se estava vendo para confirmação da nossa. Fê hum milagre natural desta mesma multiplicação das suas presenças. A hora em que Christo instituiu o Sacramento, era já a primeira, ou segunda da noite: *In qua nocte trad-*

*batur: & que he o que vem* 1. Cor. 11.23.

emtaõ os nossos olhos neste Emisferio? Vem que ausentandose o Sol de nós, por hũa presença sua de que nos priva, se nos deixa

multiplicado em tantas presenças, quanto he o numero sem numero das Estrellas; porque cada hũa dellas não he outra cousa, senão hũ espelho do mesmo Sol, em que elle sendo hum só, & ausente; se nos torna a fazer presente, multiplicado tantas vezes, & em tantos lugares; quantos são desde o Oriente a Poente, & desde o Setentrião ao Meyo dia os de todo o mundo que vemos. Isto mesmo he o que fez o nosso divino Sol Christo sacramentando seu sacratissimo corpo. Ausentou se de nós segundo a presença natural; mas por esta presença se deixou com nosco em tantas outras, quantos são os lugares; & altares de todo o mundo, em que verdadeira, & realmente, sendo hum só, & o mesmo, está multiplicado no Sacramento. Vede a propriedade có que affirmo descreveo o Profeta Malachias.

225 Queixavase Deos de os filhos de Israel à imitação de Caim sacrificac-

rem; & offererem em seus altares não o melhor, & mais precioso, como era decente, senão o peor, & mais vil, & os confunde có estas notaveis palavras:

*Non est mihi voluntas in vobis, & munus non suscipiam de manu vestra: abortu enim solis usque ad occasum magnum est nomen meum in gentibus: & in omni loco sacrificatur, & offertur nomini meo oblatio munda.*

Malach. 1. 10. 11.

Desenganaivos, que não quero vossos sacrificios, nem aceitarci vossas offer-tas: & porque não cuideis, que me farão falta; sabei para confusão vossa, & da vossa Jerusalem em que só tenho Templo, & sou conhecido, que virá tempo em que desde o Oriente até o Poente, em todos os lugares do mundo, & entre todas as gentes, se offererá, & sacrificará a meu nome não muitos sacrificios, & impuros como os vossos, senão hum purissimo, & santissimo. E que sacrificio he este? Posto que todos os Santos Padres, &

Dou-

Doutores dizem, que he o Santissimo Sacramento da Eucharistia, naõ temos necessidade de sua authoridade, porque assim o tem definido (& he de fé) o sagrado Concilio Tridentino. Só acrecento, que a palavra Hebréa, que responde a *oblatio munda*, significa hũa offerra particular, chamada Mincha; a qual se fazia como as nossas hostias, da flor da farinha, & no Levitico se chama Sacrificio. Este sacrificio pois a que naõ falta a propriedade das especies de paõ, he o sacrificio do corpo de Christo sacramentado, o qual enchendo o vazio da immensidade divina Encarnação, & escondida immensamente desde o Oriente ao Occaso, por todas as partes, & lugares do mundo: *Ab ortu enim solis usque ad occasum in omni loco sacrificatur, & offertur nomini meo oblatio munda.*

226 Assim como os soldados do Calvario partiraõ em quatro partes as

vestiduras de Christo, assim as quatro partes do mundo (diz S. Cyrillo) repartiraõ entre sy a carne do mesmo Christo sacramentado, da quaõ se tinha vestido o Verbo: *Quatuor orbis partes ad salutem reductæ indumentum Verbi hoc est, carnem ejus impartibiliter partiti sunt.* E nota elegantemente o Santo Padre, que nesta repartição, ou partição, naõ ouve partir: *Impartibiliter partiti sunt*; porque comunicando se o Senhor, & santificando a todos, & a cada hum por meyo de sua carne na alma, & no corpo, & estando presente em todas as partes do mundo, naõ está nellas como parte, se naõ todo, sendo hum só, & o mesmo: *In singulos enim impartibiliter transiens, & animam, & corpus eorum per carnem suam sanctificans, impartibiliter atque integrum omnibus est, cum unus ubique sit nullo modo divisus.* Atè aqui o grande Cyrillo, naõ se podendo mais largamente estender a immensidade

Cyrril.  
lib. 12.  
in Joan.  
cap. 3<sup>o</sup>.

que Christo tem no Sacramento, que na brevidade daquellas duas palavras, *unus ubique*, hum em toda a parte.

227 E para que se veja comò o mesmo Senhor sacramentado cõmunica esta immensidade aos homens, ponhamonos no Cenaculo de Jerusaleem. O primeiro acto em q̄ Christo começou a exercitar esta sua immensidade, foi quando entregando o paõ consagrado nas mãos dos Apostolos, lhes disse, que o dividissem entre sy: *Dividite inter vos*. Dividiraõ o paõ, & o sagrado corpo, que atè entã nas mãos do Senhor estava em hum só lugar, logo ficou em doze lugares. Agora pergunto: E assim como Christo cõmunicou aos Apostolos seu corpo por aquelle modo immenso, cõmunicou-lhes tambem a mesma immensidade? Creio, & digo que sim. E esta foi a razão porque o Senhor naõ admittio à primeira mesa em que se consagrò o Sacra-

mento, senãõ aquelles mesmos doze a quem havia de encarregar a conversãõ de todo o mundo. Sendo coufa mui difficultosa de entender, que taõ poucos homens, & de vidas, que naõ foraõ largas, podessem em taõ pouco tempo penetrar todas as terras, & prègar a todas as naçoens do mundo, senãõ foissem multiplicando as presenças como Christo no Sacramento. Os Evangelistas só dizem dos Apostolos, *Prædicaverunt ubique*: mas assim como Christo sacramentado *unus ubique*, primeiro esteve em hũa só parte, depois em todas; assim elles hũas vezes estavaõ firmes em hum só lugar, & outras vezes multiplicados em muitos.

228 Atègora naõ he isto mais que conjectura minha, o que eu me naõ atrevêra a dizer, se o naõ pudêra provar. Fallando David dos mesmos Apostolos, como afirma S. Paulo, & he de fé, diz, que as vozes de sua prègaçãõ

Luc. 22.  
17.

Mar.  
16. 20.



fe ouviraõ em todo o mundo atè os ultimos fins del-  
 le: *In omnem terram exiuit  
 sonus eorum, & in fines or-  
 bis terræ verba eorum.* E se  
 pedirmos ao mesmo Da-  
 vid, que nos declare com  
 algũa comparaçãõ, como  
 sendo os Apóstolos tão  
 poucos, se pode estender a  
 sua prégaçãõ a tão remota  
 distancias? Responde,  
 que do mesmo modo com  
 que os Ceos prégaõ, &  
 apregoãõ a glória de Deos  
 de dia, & de noite: *Cæ-  
 li enarrant gloriam Dei, &  
 opera manuum eius annuntiat  
 firmamentum: dies diei eru-  
 etat verbum: & nox nocti  
 indicat scientiam.* E como  
 prégaõ os Ceos de dia, &  
 de noite? De dia prégaõ de  
 hum só lugar, que he o do  
 Sol: de noite prégaõ de  
 muitos lugares, que são os  
 dos outros Planetas, & das  
 Estrellas. Pois assim préga-  
 vaõ os Apóstolos, já cada  
 hum como hum em hum  
 só lugar, & já cada hum co-  
 mo muitos em muitos lu-  
 gares confirmando admi-  
 ravelmête com esta seme-

lhança, que a sua immen-  
 sidade, & multiplicaçãõ de  
 presenças a tinhaõ recebi-  
 do de Christo sacramenta-  
 do, o qual, como fica dito,  
 na noite em que instituiu o  
 Santissimo Sacramento,  
 ausentandose de nós como  
 Sol, se deixou multiplica-  
 do no mesmo Sacramento  
 como nas Estrellas.

229 E se alguem re-  
 plicar, porque naõ dizem  
 isto os Historiadores, que  
 escrevéraõ as vidas, & pe-  
 regrinaçoens dos Aposto-  
 los? Respondo, que sim  
 dizem, & que só na suppo-  
 siçãõ do q' digo se podem  
 conciliar. Muitos Autho-  
 res assinalaõ a cada hum  
 dos Apóstolos varias re-  
 gioens, & gentes: a quem  
 prégarãõ, o que outros põ-  
 rêm negãõ, fundados só-  
 mente na chronologia dos  
 tempos por onde são jul-  
 gadas por apocrifas aquel-  
 las historias. Mas se suppo-  
 zermos, como devemos  
 suppor, que no mesmo tẽ-  
 po por multiplicaçãõ das  
 presenças assistiaõ os Apo-  
 stolos em diversos lugares,  
 tudo

tudo facilmente se verifica com grande gloria do Evangelho. Nem causará grande admiração este milagre aos que considerará a necessidade delle; porque se estando o mundo tão cheo de Ministros do mesmo Evangelho, sabemos que concede Deos esta graça de aparecer em partes muito distantes a S. Martinho, a S. Gemeniano, a S. Trontano, a S. Antonio de Padua, a S. Francisco de Assis, a S. Francisco Xavier, & a outros muitos para fins de muito menor importância, quanto mais para a conversão universal do mundo, sendo os instrumentos della tão poucos? Finalmente se a S. Basilio foi licito dizer de sy mesmo *nullo loco circumscriptus sum*: & a Eno-dio chamar a Epiphania *in opere vir immensus*, que negará a participação desta immensidade à immensidade daquellas obras, que sem ella eraõ impossiveis?

Nazian.  
Orat. 20

Enod. in  
vita Epi-  
phanij.

Assim multiplicou

Christo as suas presenças, assim multiplicará os Apóstolos as suas, & assim devemos nós multiplicar as nossas para assistir ao diviníssimo Sacramento em toda a parte. O nosso corpo não he capaz naturalmente desta multiplicação, ou immensidade, mas a nossa alma sim, & a nossa memoria, a qual só nos pediu o mesmo Senhor na instituição deste immenso mysterio: *Ubi cunque fuerit corpus, illic congregabuntur* Luc. 17. 37. & *aguias*; nota a palavra *ubicunque*, em toda a parte.

Em toda a parte, diz Christo, onde estiver o corpo, alli voaráõ, & concorrerão as aguias. E que corpo, & que aguias são estas? O corpo, respõde S. Ambrosio, he o corpo do mesmo Christo no Sacramento, & as aguias são as almas de sublime, & levantado espirito, que com as azas do pensamento, & do affecto o assistem, adorão, & venerão em todas as partes do mundo: *Est corpus de quo dictum est; Caro mea verè est* Ambr. in Luc. cap. 17. *cibus,*

*cibus, circa hoc corpus aquile sunt, quæ alis circumstant spiritualibus.* Este he o modo com que nossas almas pelo pensamento, & memoria immensas hão de assistir, adorar, & louvar sempre ao mesmo Senhor em todo lugar, como David exhortava à sua, que o fizesse: *In omni loco dominationis ejus benedic anima mea Domino.*

## §. V.

231 **O** Terceiro vazio da divindade na Encarnação foi o da sua eternidade, fazendo-se temporal, nascendo, & vivendo em tempo o que era eterno. Mas desde a mesma eternidade jurou Deos de dar a seu Filho encarnado hũa tal prerogativa com que podesse maravilhosamente encher este grande vazio, que foi o sacerdocio eterno segundo a ordem de Melchisedech: *Iuravit Dominus, & non panitebit eum, tu es Sacerdos in æternum secundum*

*ordinē Melchisedech.* Chamase o sacerdocio de Christo, sacerdocio segundo a ordem de Melchisedech, não quanto à dignidade, como se Melchisedech [que foi Sacerdote da Ley da Natureza] o instituisse, mas quanto à semelhança da victima, & materia do sacrificio, porque não sacrificava Cordeiros como Abel, nem outras rezes, ou aves como Abraham, senão pão, & vinho, que he a materia do sacrificio da Ley da Graça, & Sacramento de Christo: *Melchisedech proferens panem, & vinum: erat enim Sacerdos Dei altissimi.* E chamase sacerdocio eterno, porque não acabou como o sacerdocio de Aram. No sacerdocio de Aram acabou o sacerdocio, & acabava o Sacerdote: acabou o sacerdocio, porque se acabou aquella Ley: a qual necessariamente ha de acabar quando o sacerdocio acaba, como doutamente define o Apóstolo S. Paulo: *Translatō*

Genes.  
14.18.

Hebr. 7.

12.

*enim*Psalm.  
102. 22.Psalm.  
109. 4.

*enim sacerdotio, necesse est, ut & legis translatio fiat.*  
 E acabava o Sacerdote, porque morrédo hum Sacerdote, lhe sucedia outro, como succedeo a Aram seu filho Eleazaro, & a Eleazaro os demais: o que não foi, nem podia ser na Pessoa immortal de Christo, como notou o mesmo S. Paulo: *Et alij quidem plures facti sunt Sacerdotes, idcirco quod morte prohiberentur perm. nère, hic autem eo quod maneat in æternum, sempiternum habet Sacerdotium.*

Roid. 23.  
 24.

232 Mas posto que o sacerdocio de Christo seja eterno, & eterno o mesmo Sacerdote Christo, parece que se não segue, que o vazio da eternidade do Verbo na Encarnação, se suprisse, ou encheffe no Sacramento, porque o Sacramento não he, nem ha de ser eterno, & só dura, & ha de durar até o fim do mundo, & acabar juntamente cõ elle. Depois do fim do mundo só ha de haver Ceo, & Inferno: os do

Inferno não. são capazes de sacrificio, nem de Sacramento: os do Ceo não haõ mister hum, nem outro. Não haõ mister o sacrificio, porque são justos, & já não pòdem crescer na graça: nem haõ mister o Sacramento, porque a presença de Christo, q̄ criaõ, & veneravaõ encuberta, & invisivel, là a tem descuberta aos olhos, & a gozaõ manifesta: logo se o sacrificio, & Sacramento do Altar não ha de durar mais que este mundo, & ha de ter fim como elle, seguesse que não he eterno. Esta mesma duvida excitou S. Thomás na questaõ vinte & duas da terceira parte, & responde, que no sacrificio se devem considerar duas cousas, a oblação, & a consumação: a oblação em que se offerce o sacrificio, & a consumação em que se consegue o fim, & se lograõ os effeitos d'elle. A oblação pertence a este mundo, & a consumação ao outro. Por isto S. Paulo chamou a Christo, *Pötifex*

Div.  
 Tl o m.  
 p. 3. q.  
 22. art. 5.

Hebr. 9.  
 11.

fu-

*futurorum bonorum.* Pontifice, & Sacerdote dos bens futuros, porque os bens futuros, que são os que se gozaõ, & haõ de gozar no Ceo, são os que Christo nos mereceo pelo seu sacrificio. E polto q a oblação neste mundo fosse temporal, & em tempo, a consumação no Ceo ha de durar por toda a eternidade; & por isso he eterna, como disse o mesmo S. Paulo: *Vna oblatione consummavit in sempiternum sanctificatos.*

233 No Levitico temoshúa excellente figura desta differença, & desta ordem no dia chamado das Expiações. Mandava Deos, que o summo Sacerdote não entrasse no Sancta Sanctorum, sem primeiro fóra delle offerer o sacrificio, que no mesmo lugar dispoem a Ley: *Ne ingrediatur Sanctuarium, quod est intra velum, nisi hac ante fecerit: vitulum pro peccato offeret, & arietem in holocaustum: his ritè celebratis, ultra velum in-*

*trabit in sancta.* E porque razaõ, ou com que mysterio o sacrificio se havia de offerer primeiro, & fóra do Sancta Sanctorum, & não depois, & dentro nelle? Porque o summo Sacerdote significava a Christo, o Sancta Sãctorum o Ceo, o sacrificio o da morte de Christo na Cruz, ou no Altar, onde se representa a mesma morte: & este sacrificio não se havia de offerer depois, senão antes, nem no Sancta Sanctorum, senão fóra delle. Não depois, isto he, na eternidade, senão antes, & em tempo, em quanto dura o mundo: nem no Sancta Sãctorum, isto he, no Ceo, senão fóra delle, & na terra. Assim foi quanto à oblação, & assim ha de ser quanto à consumação não de outro, senão do mesmo sacrificio. Foi quanto à oblação; porque na terra offerreço Christo o sacrificio da Cruz como hoje offerreço o do Altar, & offerreçerá até o fim do mundo: & ha de ser quanto á consumação;

Hebr.  
10. 14.

Levit.  
16. 2. 3.  
11. 12.

mação; porque no Ceo ha de consumir Christo o mesmo sacrificio, cõmunicandonos os effeitos delle, que consistem na vista clara de Deos por toda a eternidade: & por isso o Sacerdote, & o sacrificio, hum, & outro eterno.

234 Tudo isto vio S. Joã no Ceo, como já tinha visto o Cordeiro vivo depois de morto, & glorioso depois de sacrificado. Falla o Evangelista Profeta da Cidade de Jerusalem Triunfante, que he o Ceo, & diz, que a claridade de Deos a allumea, & que o lume fae do Cordeiro: *Nã claritas Dei illuminavit eam, & lucerna ejus est agnus*. Fallou S. Joã como o primeiro, & maior Theologo da Igreja. Para os Bè-aventurados verem claramente a Deos, he necessario que os seus entendimentos sejão elevados por hũa claridade sobrenatural, a que os Theologos chamaõ lume da gloria; & isto he o que vio, & diz o Evangelista. A claridade

de Deos, que allumea a Cidade de Jerusalem celeste, he a vista clara do mesmo Deos: *Claritas Dei illuminavit eam*: & o lume da gloria, sem o qual se não pôde ver a Deos, esse fae do Cordeiro: *Et lucerna ejus est agnus*. Mas porque fae o lume da gloria, nam do objecto essencial da mesma gloria, que he Deos, & claramente visto, fenaõ do Cordeiro, que he Christo, o qual S. Joã vio como sacrificado? Porque esse foi o fim, & esses são os effeitos do mesmo sacrificio offerecido na terra, & consumado no Ceo: offerecido em tempo, & consumado na eternidade; & por isso taõ eterno como o mesmo Sacerdote: *Tu es Sacerdos in æternum*.

235 Esta eternidade he a que faz eterno o Santissimo Sacramento, ainda que a oblação do sacrificio em que se consagra o mesmo Sacramento haja de ter fim, & acabar com o mundo. E posto que esta eternidade, em que não ha du-

duvida, basta para prova do meu intento; & isto he o que ensina o Doutor Angelico, allegando os mesmos textos do Apocalypse, & Levitico proxima-mente citados; eu com tudo acrecento, que o divini-ssimo Sacramento nam só he, & será eterno no Ceo pela eternidade de seus effeitos, senão tambem de sua propria sustancia: porque depois do fim do mundo, quando já não haverá Altares, nem Sacrarios na terra, se conservará eternamente no mesmo Ceo hũa Hostia consagrada. Assim o considerão, & presumem muitos Autores asceticos, & contemplativos, cuja opiniaõ para mim não he menos prova-vel, que pia. No dia do juizo ha de aparecer no Ceo com o mesmo supremo Juiz a sua Cruz: *Tunc parebit signum Filij hominis in Cælo.* E que Cruz ha de ser esta? S. João Chrysostomo com muitos outros Doutores, diz que ha de ser a mesma em que Chri-

sto foi crucificado no Calvario, & assim o profetizou a Sibylla:

*O lignum felix, in quo Deus* Sibylla lib. 6. Carm.  
*ipse pependit!*

*Nec te terra capit, sed Cæli*  
*tecta videbis.*

*Cum renovata Dei facies*  
*ignita micabit.*

Supposto pois, que a Cruz de Christo dividida hoje em infinitas partes, se há de recolher outra vez de todo o mundo, & reunirse com maior milagre, que o da resurreiçaõ dos mortos, à sua inteireza, & conservar-se eternamente no Ceo; porque se negará semelhante privilegio ao pão vivo, & vital, que de-cco do mesmo Ceo? Se hum lenho morto, seco, & duro mereceo ser sublimado a tanta dignidade, & eternizado nella, só porque foi santificado com o côtaõto do corpo de Christo, & matizado com seu sangue, o Sacramento, que cõtêm todo o mesmo corpo, & sangue, & foi instituido para dar vida eterna aos homens; porque care-  
cerá

cerà da mesma eternidade? Foi tanto o respeito, que o Verbo encarnado guardou àquella parte-finha de carne, & fangue, que recebo das entranhas puríssimas de sua Mãe; que nunca consentio, que o calor natural, como naturalmente costuma, a gastasse, & consumisse, & como diz S. Agostinho, ainda depois de resuscitado a conserva, & conservará eternamente em sy mesmo: *Caro Christi quamvis gloria resurrectionis fuerit magnificata, eadem tamen mansit, quæ sumpta est de Maria.* É que aggravado fariamos a este mesmo respeito, & amor, se imaginássemos do mesmo Christo, que haja de permitir ao tempo, que assim como ha de consumir, & acabar o mundo, assim consuma, & acabe com elle hum Sacramento em que não só está húa parte da sua carne, & fangue, senão toda em todo, & toda em qualquer parte? Digamos logo, & creamos piamente, que as-

August.  
Serm. de  
Assump-  
tione B.  
V.

sim como a Hostia consagrada se preservou muitas vezes de outros incendios, assim se preservará do incendio universal do mundo, para que como pão dos Anjos, que coméram os homens, a adorem eternamente no Ceo homens, & Anjos.

236 Os mesmos Autores, & outros ( & nam com leve conjectura ) attribuem semelhante prerogativa ao livro dos E-vangelhos: não porque os outros sagrados não contenhaõ a palavra divina; mas porque esta foi pronunciada pelo proprio Filho de Deos: *Novissimè lo-*<sup>Hebr.</sup>  
*quutus est nobis in Filio:* & assim como no dia do juizo apparecerà a Cruz, assim estará aberto, & patente o Evangelho para serem julgados por elle, huns porque o não crerão, outros porque o não guardarão. No seu Apocalypse diz S. João, que pelo meyo do Ceo vio voar hum Anjo, o qual tinha na mão hum E-<sup>Apocal.</sup>  
*vangelho eterno: Habêtem*<sup>14.6.</sup>  
*Evan-*



*Evangelium aeternum*: & com grandes vozes avisa-va a todo o genero humano, que temeffem a Deos por fer chegado o dia do juizo: *Quia venit hora judicij ejus*. De forte que tambem no dia do juizo apparecerà o Evangelho. E se perguntarmos porque se chama Evangelho eterno; responde S. Jeronymo, que a razaõ, & myfterio he; porque o Evangelho neste mundo foi temporal, & prègado temporalmente; mas no Ceo durarà por toda a eternidade: *Sempiternum futurum in Cælis, ad cõparationem videlicet hujus nostri Evangelij, quod temporale est, & intransitorio mundo, ac seculo prædicatum*. Com o mesmo sentido disse David: *In aeternum, Domine, verbum tuum permanet in Cælo*: onde o *verbum tuum, Domine*, propria, & particularmente significa o Evangelho, ao qual tantas vezes chama S. Paulo *Evangelium Christi*. E se o livro dos Evangelhos por fer palavra de

Tom. 7.

Christo merece justamente ser perpetuado na eternidade do Ceo; quanto mais a maior obra das suas palavras, & o sagrado, & consagrado volume do divinissimo Sacramêto, que tambem Ezechiel recebeo da maõ de outro Anjo, & comeo em fôrma de livro? S. Joaõ, que escreveu o seu Evangelho depois dos outros Evangelistas, confessa, & protesta no fim, que as maravilhas, que o Filho de Deos obrou neste mundo, foraõ tantas, que se se ouvessem de escrever, naõ caberiaõ no mesmo mundo os livros. Logo se no Ceo ha de durar eternamente o Evangelho, em que se contêm parte sõmente das mesmas maravilhas; com maior razaõ, & em suplemento do mesmo Evangelho, se deve là eternizar o Sacramento, em que estãõ resumidas todas: *Memoriam fecit mirabilium suorum, escam aedit timentibus se?* Finalmente o Sacramento he o penhor da gloria, que o Ceo nos

R deo

Hieron.  
Epist ad  
Auctu.Psalm.  
118. 89.Psalm.  
110. 45.

deo nesta vida: & quando depois do fim do mundo se desempenhar, & nos meter de posse da gloria, então se restituirá o mesmo Ceo, & tornará a receber o seu penhor. Em summa, que assim como a Cruz de Christo, & o livro dos Evangelhos não haõ de acabar com o mundo, mas ser eternos, assim, & com mais justificada providencia o Sacramento em hũa Hostia consagrada.

237 E para que não pareça, que estas tres exceções são totalmente reservadas ao conhecimento divino, & secreto de nenhum modo revelado, ao menos naquella parte da Escritura sagrada, em que as figuras do futuro se pintavaõ na historia do passado; lembremonos da Arca do Testamento, na qual conservou Deos tres cousas entre todas as daquelle tempo singulares: a Vara de Moyses, as Taboas da Ley, & com maior milagre a Vrna do Maná, o qual era tão corruptivel, que

não durava mais que hum dia. E com que mysterio estas tres cousas sómente, & todas na Arca? A Arca encerrada no Sancta Sanctorum, na qual residia Deos presencialmente sobre azas de Cherubins, representava o que David chama Ceo do Ceo, que he o Empireo: *Celum Cali* ffalm: 113.16  
*Domino*: & o mysterio mais proprio, & mais proporcionado de toda esta representação, ou não he, ou não parece que pôde fer outro, senão que conservará Deos eternamente no Ceo, a Cruz significanda na Vara, o Evangelho significado na Ley, & o Santissimo Sacramêto significado no Maná. Por isso o mesmo Christo alludindo à Arca do Testamento, deo ao mesmo Sacramento o nome de Testamento, & eterno: *Novi, & æterni Testamenti*. Ao mesmo fim podemos dizer, que está preparado no Ceo aquelle Altar, que lá vio S. João: *Vidi subtus Altare animas interfectorum propter verbum* Apocaf. 6.9.

*bum Dei.* E que peças, perguntou eu, mais proprias, & mais dignas de ornar hum Altar, que húa Cruz, o Santíssimo Sacramento, & hum livro dos Evangelhos?

238 Provado assim por hum modo com certeza, & por outro com probabilidade, como o corpo de Christo sacramentado logra, & logrará para sempre o attributo de eterno; só resta mostrar como o mesmo corpo, q por amor de nós se sacramentou, comunica aos que o cômungão a mesma eternidade. Esta he a segunda obrigação, & a mais difficultosa, que acompanha todos os nossos assumptos, mas neste carece de toda a difficultade pela asseveração tão clara, & tão expressa có que o mesmo Senhor nos certificou desta verdade, dizendo: *Qui manducat hunc panem, vivet in eternum.* Mal cuidou Adam, que nunca elle, nem seus filhos ouviffem tal oraculo, quando vio o caminho

da arvore da vida defendido por hum Cherubim com húa espada de fogo, só para impedir totalmente, que comêdo daquelle fructo, não vivesse eternamente: *Collocavit ante Paradisum Cherubim, & flammeum gladium ad custodiendam viam ligni vitæ. Ne forte sumat etiam de ligno vitæ, & vivat in æternum.* Perguntaõ agora os Expositores se está ainda este Cherubim guardando o que guardava: & fenaõ está, quando embainhou, ou apagou a espada? Respon-dem cômummente, que a apagaráõ as aguas, & inundação do diluvio, o qual tambem dizem, que destruío, & desbaratou o Paraíso, & suas arvores: mas tudo isto he incerto. Se o diluvio não derrocou, nem secou a oliveira, donde a pomba trouxe o ramo verde, porque havia de arrancar, ou derrubar as arvores do Paraíso, & mais a da vida, que Deos quiz guardar? Se o mesmo diluvio não affogou no mesmo Pa-

Genes.  
3.24.224

R ij raifo

raífo a Enoch, como havia de tirar da sua estancia ao Cherubim, que não respira com ar, nem se affoga com agua? E se elle, como dizem os mesmos Authores, não só guardava dos homens aquelles frutos, senão tambem do Demonio, para que com elles não tentasse; como se havia de apagar com agua o fogo da espada, q̄ os mesmos Demonios temião mais que o do Inferno? Digão pois os Interpretes, ou presumaõ adevinhar como quizerem, que eu só digo, & com toda a certeza affirmo, que o Cherubim deixou a sua estancia, & embainhou, ou apagou a sua espada na mesma hora ditosissima em que o soberano Restaurador das ruinas de Adam instituio o Santissimo Sacramento; porque entãõ cessou o fim daquella prohibição, & daquella guarda. A guarda, & a prohibição era, para que o homem comendo não vivesse eternamente: *Ne sumat de ligno vite; &*

*vivat in æternum.* E como Christo instituindo o Sacramento deo facultado a todos os filhos de Adam, para que comendo vivessem eternamente; entãõ apagou o Cherubim a espada, & deixou a sua estancia, & não só ficou franqueado o caminho da arvore da vida, senão a mesma arvore transplantada por todo o mundo, para q̄ todos os que, pelo que comeo o mesmo Adam, ficamos condenados à morte, não de outro modo, senão tambem comendo, vivamos eternamente: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.*

## §. VI.

239 **M**UITO me dilatei em encher estes primeiros tres vazios da divindade: & porque ainda nos restaõ quatro, serà força, quanto for possivel, reduzilos a maior brevidade. O quarto he a immortalidade feita mortal, o quinto a impassibilidade feita passivel: & de ambos pela mesma

ma razão, & por serem tão conexos, trataremos juntamente. Digo pois, que se na Encarnação a immortalidade divina, do modo que podia ser, se fez mortal, & a impassibilidade passível; o corpo de Christo no Sacramento de tal forte suprio, & encheo estes dous vazios da divindade, que sendo naturalmente corpo mortal, ficou immortal, & sendo naturalmête passível, ficou impassível.

240 Com serem tantas as figuras do Santissimo Sacramento, que se tem, & o precedêrao na sagrada Escriitura; a primeira que nos propôe a Igreja, he a do sacrificio de Isaac: *In figuris præsignatur, cum Isaac immolatur.* Mas se bem se considera a historia tão sabida do mesmo Isaac, parece que se não pôde representar nella o Sacramento, porque verdadeiramente não foi sacrificio. Mandou Deos a Abraham, que lhe sacrificasse seu filho Isaac, &

quando já a victima estava sobre o Altar, a espada defembainhada, & entre o golpe, & a garganta do filho sô havia dous dedos de distancia, teve Deos maão no braço do Pay. Logo affim o golpe, como o sacrificio, tudo ficou no ar. E o mesmo Deos o provou, porque alli, & no mesmo instante appareceo atado hum Cordeiro, no qual Abraham acabou de executar o golpe, & este foi o que morreo, & foi sacrificado. Pois se o Cordeiro foi o morto, & Isaac ficou vivo, como foi Isaac figura do sacrificio de Christo? Por isso mesmo: & có a maior propriedade, que se podia imaginar. Christo não foi húa só vez sacrificado, senão duas: húa vez na Cruz, outra vez no Sacramento; & primeiro no Sacramento, & depois na Cruz, assim como primeiro foi sacrificado Isaac, & depois o Cordeiro. O Cordeiro morreo, & padeceo, porque foi figura do sacrificio da Cruz, no qual o

corpo natural de Christo, como mortal, & passível, padeceo, & morreo: porrêm Isaac foi figura do sacrificio do Altar; & por isso, sendo sacrificado, não morreo, nem padeceo; porque o corpo de Christo no Sacramento está immortal, & impassível. Excellentemente Ruperto: *Christus immolatur, & tamen impassibilis permanet & vivus, quemadmodum illic Isaac immolatus, & tamen gladio non est affectus.* Se em Isaac se executára o golpe, & morrera, seria figura do sacrificio da Cruz em que o corpo natural de Christo padeceo, & morreo: mas porque posto sobre o Altar não padeceo, nem morreo; por isso foi figura do sacrificio do Altar, em que o mesmo corpo sacramentado se conserva immortal, & impassível: *Impassibilis permanet & vivus.*

241 As palavras omnipotentes com que Christo instituiu, & obrou hum tão milagroso mysterio, foraõ:

*Hoc est corpus meum, quod pro vobis tradetur:* Este he o meu corpo, que por vòs ferà entregue. E porque não disse o Senhor, que por vòs ferà morto, ou crucificado, senão entregue? A palavra *tradetur* significa entrega por traição, & tal foi a entrega que fez Judas do mesmo corpo de Christo aos Judeos, húa vez em quanto corpo natural, & outra vez em quanto sacramentado. Muitos, & graves Authores, entre os quaes he Santo Thomás, entendem q̄ quando Christo disse a todos os Apostolos: *Accipite, & manducate;* Judas tomou nas mãos o paõ sacramentado, mas não o comeo. E para que saibamos o que fez delle, acrecenta Theophilacto, que o escondeo, & levou aos Principes dos Sacerdotes, quando com elles foi ajustar a venda: *Panem accepit, & non comedit, sed occultavit, ut manifestaret Iudeis, quod corpus suum vocaret.* Depois desta primeira traição, & entrega

feita

Ruper.  
lib. 6. in  
Genes.  
82p. 32:

feita por Judas, então executou elle a segunda, que foi a da prisão no Horto. O que supposto, pergunto: Porque razão, ou com que mysterio quiz Christo q̄ duas vezes fosse entregue aos Judeos seu corpo, hũa no estado natural, & outra no de sacramentado? Sem duvida, para que posto de hum, & de outro modo nas mãos de seus inimigos, atè elles, o seu odio, a sua raiva, & as suas mãos experimentassem o que podiaõ, ou não podiaõ sobre o corpo do Redemptor, que para o ser, se poz nelas. O corpo natural poderão atormentar, & matar, & por isso o crucificarão, & lhe tiraráõ a vida: o corpo sacramentado tambem o quizerão crucificar, & matar; mas não poderão. Ouvi agora o que por ventura nunca ouvistes.

24.2 He caso, que revelou o mesmo Christo por boca do Profeta Jeremias, falando dos Judeos: *Cogitaverunt super me consilia, dicentes: Mittamus lignum in*

*panem ejus; & eradamus eum de terra viventium.* O *lignum* he a Cruz, o *panem ejus*, he o paõ consagrado: & diz o Senhor, que resolverão em conselho, de pôr o seu paõ na Cruz, & o crucificar para lhe tirarem a vida. Assim entendem este Texto pela figura Hypállage Tertulliano, Lactancio, S. Thomás, Joachim, Maldonado, & outros. E quando esta execução, por se applicarem os Principes dos Sacerdotes à do Calvario, se não verificasse na occasião referida por Theophilacto; he certo que em outros tempos depois, roubáraõ, & escondéraõ os Judeos, como Judas, a Hostia consagrada, & lhe deraõ muitas punhaladas: mas com que effeito? Algũas vezes manou della copioso sangue em prova de que debaixo daquellas especies exteriores se encerra realmente o verdadeiro corpo de Christo: & outras vezes cessou este prodigio, nem viraõ sinal, ou effeito al-

R. iiii gum

gum da sua impiedade sacrilega: para que a cegueira Judaica se defenganasse; que se na Cruz lhe poderia tirar a vida, porque estava nella mortal, & passível: no Sacramento lhe não podem fazer dano punhaes, cravos, nem lanças; porque está alli tam immortal, & impassível, como no Ceo. No Ceo immortal, & impassível; porque depois de morto se immortalizou pela resurreição: & no Sacramento tambem immortal, & impassível; porque antes da morte se tinha já immortalizado pela consagração. Bem se encheo, & supriologo nesta immortalidade, & impassibilidade do corpo de Christo sacramentado a immortalidade, & impassibilidade divina, de que o Verbo na Encarnação se tinha exinanido.

243 E que estes dous efeitos de immortal, & impassível se nos cõmuniquem a nós no Sacramento; hum dos principaes motivos da sua instituição

o prova quanto à immortalidade. Assim como Deos feito homem quiz morrer na arvore da Cruz para se vingar do Demonio, que com outra arvore tinha enganado aos primeiros homens: assim traçou com sua infinita fabedoria, & omnipotencia, que nós o comessêmos no Sacramento, para continuar, & consumir a mesma vingança, fazendo verdadeiras nelle as duas mentiras, com que o mesmo Demonio falsamente tinha acreditado a virtude daquella fruta. O que o Demonio prometeo a Eva, foi, que se comessem da fruta da arvore vedada, não só não morrião, mas ficarião como Deoses: *Nequaquam mor-*  
*te moriemini, & eritis sicut*  
*dij.* Ah sim Demonio, diz Christo, pois isto mesmo, que tu mentindo fingiste, farei eu verdadeiro, & inventarei hum tal genero de manjar, que comendo o os homens, não só fiquem endoefados, *sicut dij*, senão tambem immorraes: *Nequaquam*

Genes

345



*quaquam morte moriemini.* Assim o fez a seu tempo o mesmo Senhor, & assim declarou, que este fora o seu intento, quando tão expressamente disse: *Hic est panis de Cælo descendens, ut si quis ex ipso manducaverit, non moriatur.* De forte, que não ha duvida, em que o corpo de Christo cõmũgado em quanto no Sacramento está immortal, & impassível, destes dous soberanos attributos nos cõmunica o primeiro, que he a immortalidade.

244 Sobre o segundo porẽm, que he o da impassibilidade, se recorreremos à experiencia, a mesma experiencia parece que o faz difficuloso. De todas as historias Ecclesiasticas cõsta, que no tempo dos Neros, & Dioclecianos, quando os Christãos erão tirados dos carcerezes, ou para adorar os Idolos, ou para padecer exquisitissimos tormentos: lembrados da sentença de David: *Parasti in conspectu meo mensam adversus eos, qui tribulant*

*me:* primeiro se armavão com o Santissimo Sacramento. Assim armados entravão em tão perigosas batalhas, assim pelejavão, assim vencião; mas có tão differentes modos de vencer, que a mesma victoria parece que punha em duvida a fortaleza, & virtude das armas. Huns martyres caminhavão sobre as espinhas como sobre flores; outros a cada passo que davão, lhe brotavão dos pès encravados tantas fontes de fangue, quantos eraõ os espinhos: huns lançados com pedras ao pescoco no mar, respiravão debaixo das ondas, & saião vivos às prayas; outros morrião afogados: huns vestidos de laminas ardentes, ou metidos nas fornalhas, não lhe fazia mal o fogo, outros ardião, & ficavão desfeitos em cinza: huns expostos no Anfiteatro aos Leoens, & Tygres erão reverenciados das feras, outros despedaçados, & comidos da sua voracidade, & fereza: huns estendidos

nos equleos , nas cataftas, nas grellhas, riãose dos tyranos, outros invocavão o nome do Deos , por quem padecião, com o qual na boca, exhallavão constantemente a vida. Pois se todos pelejavão armados cõ o mefmo Santissimo Sacramento, como a huns communicava o impassivel corpo de Christo a sua impassibilidade, não consentindo que padecessẽm, & a outros não , deixando-os padecer?

245 Respondo , que a huns, & a outros fazia o divinissimo Sacramento impassiveis, mas com diferente milagre: a huns impassiveis pela impassibilidade, a outros impassiveis pela paciencia. Ouçamos ao Mestre de hũ dos mefmos tyranos , & o maior delles, que foi Nero. *Ferte fortiter adversa: hoc est quo Deum anteceditis*, diz Seneca: Padecei forte, & constantemente, advertindo, que isto he só aquillo em que podcis exceder ao mefmo Deos. E porque?

*Ille extra patientiam est, vos supra patientiam.* Porque Deos he impassivel por natureza, & vòs felloheis superiormente pela paciencia. No que toca ao exceder a Deos, falla Seneca como Gentio ; mas na impassibilidade da paciencia ouçamos nòs aos Santos Padres. S. Pedro Veronense poz em questão se se ha de chamar impassivel a fortaleza, que padece tão constantemente, como se não padecera. *Incertum est utrũm impassibilis judicetur, cùm aliquid passa, quasi nihil passa sit, inveniat.* Porẽm S. João Chrysofomo sobre as palavras de S. Paulo , *omnia suffert*, não com duvida, <sup>1. Cor. 13.7.</sup> mas como proposição certa, & evidente, afirma que o que assim sofre, & padece, já tem passado de homem passivel à impassibilidade dos Anjos : *Traductus est ad ipsam Angelorum impassibilitatẽ.* Assim que, ou por impassibilidade fazendo que não padeção, ou por paciencia tão forte, & in-

invencivel como se não padecéraõ, faz o corpo de Christo sacramentado impassiveis aos que o comê. E já pôde fer em confirmação da primeira, & desta segunda prerogativa, que por isso David disse do mesmo Sacramento: *Panem Angelorum manducavit homo*. Se os Anjos não consagraõ, nem comem, nem podem consagrar, né comer este divino paõ, como lhe pôde convir o nome de paõ de Anjos; senão porque faz immortaes, & impassiveis, como Anjos, aos homens, que o comem?

## §. VII.

246 **O** Sexto, & grãdissimo vazio da divindade do Verbo na Encarnação, he a infinidade com que, sendo por natureza infinito, se fez finito. Mas tambem o corpo de Christo no Sacramento suprio, & enche admiravelmente este vazio. Em todas as partes da quãtida-

de da Hostia, por minimas, & imperceptiveis que sejaõ, està inteiramente todo o corpo de Christo. Perguntemos agora aos Filósofos quantas são as partes da quantidade? As duas opinioens mais celebres concordaõ, em que são infinitas: & só differem em que genero de infinidade; porque huns defendem, que são actualmente infinitas, o qual infinito se chama Categorematico, outros só admitem, que sejaõ infinitas potencialmente, o qual infinito se chama Syncategorematico. E porque esta segunda opiniaõ he a mais cõmum, & as partes que admite neste genero de infinito não podem ser menos infinitas; que as do outro, conformandome com ella, digo assim: *Infinitum est, cujus semper aliquid extra licet accipere*: O infinito, como define Aristoteles, he aquillo, cujas partes por mais, & mais que se dividão, sempre restaõ outras mais em que se possa dividir.

dir. Estando pois o corpo de Christo todo em toda a Hostia, & todo em qualquer parte della por minima que seja, & sendo potencialmente na mesma Hostia tantas as partes da quantidade, que por mais que se divida, sempre se pôde dividir mais, & mais sem fim: bem se segue, como concluem todos os Theologos, que está o corpo de Christo no Sacramento, não finita, senão infinitamente.

247 É posto que esta verdade a não alcêem os sentidos, antes se enganam nella, em hum mesmo exemplo fez Christo, que a provasse o gosto, que a apalpasse as mãos, & que a vissem os olhos. Deo o mesmo Senhor de comer a cinco mil homens (a fóra a outra multidão de mulheres, & mininos, porque o seguiuão as familias inteiras) com cinco pães sómente, os quaes crecêrão de forte, que depois de satisfeitos todos, recolherão os Apóstolos, das so-

bras doze alcofas. Mas de que modo creceo tanto este pão, sendo tão pouco?

*Frangentis fragmenta succedunt, & fallunt semper per fracta frangentes*: Creceo tanto aquella quantidade de pão, sendo tão pequena, diz S. Hylario; porque quanto mais, & mais se dividia, tanto mais, & mais se multiplicava. Tomou Christo o pão em suas sagradas mãos, partio-o, & quanto mais o partia, tanto mais crecia nas mãos de Christo: deo-o Christo aos Apóstolos, & quanto os Apóstolos mais o partião, tanto mais crecia nas mãos dos Apóstolos: davão-no os Apóstolos aos pays, partião-no os pays, & tanto mais crecia nas mãos dos homens: davão-no os pays às mãys, partião-no as mãys, & tanto mais crecia nas mãos das mulheres: davao-no as mãys aos filhos, partião-no os filhos, & tanto mais crecia nas mãos dos mininos: Desta maneira partião todos, & comêrão todos: & por-

porque o paõ quãto mais, & mais se partia , tanto mais, & mais se multiplicava ; por isso fendo taõ pouco, sobejou tanto ; & se o numero da gente fosse maior , sobejaria muito mais. Tanto assim , que quando os doze Apostolos repartiraõ entre sy o mundo, se cada hum levãra cõfigo a sua alcofa , naõ seria necessário, que os lavradores arassem a terra, nem semeassem, nem segassem, nem recolhessem, porque aquellas mesmas sobras de paõ tantas vezes partidas, partindose mais, & mais, bastariaõ a sustentar o mundo.

248 E porque ninguẽ duvide, que do mais partir nascia o mais crescer , combinemos este milagre com outro semelhãte. Em outra occasiaõ, & em outro deserto deo o mesmo Christo de comer a quatro mil homens com sete pães: & recolhendose tambem as sobras , foraõ as alcofas que se encheraõ sete. Pouca Aritmetica he necessã-

ria para reparar na differença destes numeros em hum, & outro caso. No primeiro, os que comeraõ, eraõ mais, & os pães eraõ menos; porque os que comeraõ, eraõ cinco mil, & os pães cinco. No segundo, os que comeraõ, eraõ menos, & os pães eraõ mais; porque os que comeraõ, eraõ quatro mil, & os pães sete. Logo por boa conta parece, que mais havia de sobejar neste segundo milagre , que no primeiro. Qual foi pois a razãõ porque quando os que comeraõ, eraõ mais, & os pães menos, sobejou mais: & quando os que comeraõ, eraõ menos , & os pães mais, sobejou menos ? A razãõ he manifesta, como eu dizia, porque do mais partir nascia o mais crescer. No primeiro milagre como os que comiaõ , eraõ mais, & os pães menos, foi necessário partir mais, & por isso creceo o paõ mais: no segundo, como os que comiaõ, eraõ menos, & os pães mais , foi necessário par-

partir menos, & por isso creceo menos. E que per-  
tendeo Christo Senhor  
nosso com esta evidencia  
tão sensível aos olhos, às  
mãos, & ao gosto? Egre-  
giamente S. Paulino: *Populos quinque panibus Christus implevit, esurientes fidem carnaliter satians, spiritualiter irrigans.* O mi-  
lagre dos cinco pães foi o  
prologo com que o divino  
Mestre quiz dispor os ani-  
mos dos homens para a  
fé do Sacramento de seu  
corpo, do qual tratou na-  
quella occasião tão larga-  
mente, que tudo o que en-  
fina a Igreja, & o mesmo  
Evangelho, que hoje can-  
ta, he húa só parte daquel-  
la doutrina. Por isso fez o  
Senhor, que o pão sendo  
tão pouco, sensível & pal-  
pavelmente crecessê sem-  
pre mais, & mais entre as  
mãos dos mesmos que o  
partiaõ, para que não du-  
vidassem crer, que em tão  
pequena quantidade co-  
mo a de húa Hostia se po-  
dia comprehender toda a  
grandeza sem fim de hum

infinito, & que não só fi-  
nita, senão infinitamente  
estava nella seu corpo. Esta  
he a infinidade, de que diz  
S. Thomás: *Esse Christum in Hostia semel in actu, infinities in potentia*: porque  
estando todo Christo em  
toda a Hostia, & todo em  
qualquer parte, se estas  
actualmente se dividirem,  
estarã tambem actualmen-  
te em todas, & sempre  
mais, & mais sem fim, por-  
que o não tem.

249 Sendo pois esta  
manifesta infinidade a cõ  
que o corpo de Christo no  
Sacramento suprio a infi-  
nidade do Verbo escondi-  
da na Encarnação; só resta  
faber (o que não parece  
facil) como nos cõmuni-  
ca tambem a nós a mesma  
infinidade? Digo que nos  
cõmunica Christo no Sa-  
cramento a infinidade de  
seu corpo, fazendo que af-  
sim como he infinito o  
manjar, que nos dá a co-  
mer, seja tambem infinita  
a fome, ou nós infinitos na  
fome com que o comer-  
mos. O manjar syncategore-  
maticè

D. Thom.  
4. Dist.  
10. q. 1.  
Art. 3.  
explica-  
tus à  
Suario  
in 3. p.  
Dist. 48.  
Sed. 1.

rematicè infinito, & a fome tambem infinita syncategorematicè. Texto expresso do Espirito Santo no capitulo vinte & quatro do Ecclesiastico: *Qui edunt me, adhuc esurient, & qui bibunt me, adhuc sitient.* Christo na Hostia dà a comer seu corpo, & no Caliz dà a beber seu sangue: mas o mesmo corpo causa tal fome aos que o comem, & o mesmo sangue tal sede aos que o bebem, ambas syncategorematicè infinitas, que os que o comem, quanto mais, & mais comem, tanto mais, & mais desejaõ comer: *Qui edunt me, adhuc esurient.* & os que o bebem, quanto mais, & mais bebem, tanto mais, & mais desejaõ beber: *Et qui bibunt me, adhuc sitient.*

250 Naõ seria o divino Sacramento manjar do Ceo, senaõ causara estes effeitos taõ contrarios aos da terra. Nos manjares da terra [ diz S. Gregorio ] a fome succede o comer, ao comer a fartura, & a fartura,

rao fastio: *In illis appetitus saturitatem, saturitas fastidium generat*: porèm nos do Ceo, posto q̄ tambem a fome succede o comer, & ao comer a fartura, a fartura naõ succede o fastio, senaõ outra vez a fome: *In istis autem appetitus saturitatem, saturitas appetitum parit*: donde se segue (conclue o Santo) que aquella que mais, & quanto mais come, este mais, & tanto mais fica faminto: *Tantoque amplius à comedente esuriuntur, quanto amplius ab esuriente comeduntur.* Notai a repetição, & conexaõ de hum, & outro *amplius*: *amplius ab esuriente, amplius à comedente*: mais o que come, & mais o que tem fome, porque a comida, & a fome successiva, & reciprocamente se causaõ hũa a outra. E deste mais, & mais que crescendo sempre naõ pôde ter fim, se forma o infinito dos que assim comem: porque como ao mais, & mais da fome se segue o mais, & mais da fartura,

Gregor.  
Homil.  
36 in  
Evang.

tura, & ao mais, & mais da fartura o mais, & mais da fome; ou estes fartos, & famintos haõ de deixar de comer, ou se comem, haõ de continuar mais, & mais infinitamente. O milagre do deserto teve fim; porque sobejou o paõ, & faltou a fome: sobejou o paõ:

Joann.  
6.12.  
Marc.8.  
8.

*Superaverunt fragmenta*: faltou a fome: *Saturati sunt*. Mas no milagre do Sacramento, nem o paõ pòde sobejar, nem a fome faltar. A fome naõ pòde faltar; porque nasce do paõ: & o paõ naõ pòde sobejar; porque a mesma fome que delle nasce, o come. E por isso nem o milagre, nem a fome, nem o paõ, nem os que o comem pòdem chegar já mais a ter fim, nem a deixar de participar por este modo o modo de infinidade, que o corpo de Christo té no Sacramento. No seu Altar mandava Deos, que sempre ardesse fogo: *Ignis in Altari semper ardebit*. E porque? Porque o fogo nunca diz, balsa: *Ignis*

Levit.  
6.12.

*nunquam dicit, sufficit*: & como a materia do Altar era inconsumtível, & o fogo que della se sustentava, infaciavel, nem o infaciavel do que comia, nem o inconsumtível do que se dava a comer podiaõ deixar de ser perpetuos: *In Altari semper ardebit*. Finalmente este era o mysterio que depois se verificou no Sacramento do Altar, assim quanto ao corpo, como ao sangue de Christo; porque sendo os que o comem infaturavelmête famintos, & os que o bebê, infaciavelmente se quiosos; nem aos que comem pòde faltar já mais a fome, nem aos que bebem, a sede: *Qui edunt me, adhuc esurient, & qui bibunt me, adhuc sitient*.

Prov. 30.  
16.

### §. VIII.

251 **F**Inalmête o ultimo attributo de que o Verbo se desprio, vestindose de nossa carne, foi a invisibilidade divina, fazendo-se de invisível

vifi.



visível. He o que disse o Profeta Baruch: *Post hæc in terris visus est, & cum hominibus conversatus est:* & por isso' o mesmo Evangelista S. Joáo tanto que disse: *Verbum caro factum est;* ajuntou logo; *& vidimus gloriam ejus, gloriam quasi Unigeniti à Patre.* Mas se o Verbo vestindo-se de corpo humano, & manifestando-se a nossos olhos, de invisível se fez visível; o mesmo corpo, para recuperar a invisibilidade perdida na Encarnação, depois de visível, & visto, encobriundo-se outra vez aos nossos olhos, se tornou a fazer invisível no Sacramento. Esta primeira parte do nosso assumpto não ha mister prova; porque a invisibilidade só se pôde ver, não vendo, como nós não vemos ao mesmo Christo, que cremos, & adoramos presente, mais firmemête, que se o viramos. Mas a segunda parte do mesmo assumpto; em que atêgora mostramos, que as mesmas

propriedades da divindade exinamida, não só as recuperá em sy Christo sacramentado, mas também nos comunica a nós; como se pôde verificar, ou provar no attributo da invisibilidade? Se fora outro lugar, seria difficuloso; neste em que estamos, he evidente.

253 Fallando a Esposa santa de Christo sacramentado, diz que está encuberto, & invisível detraz daquella parede dos accidentes: *En ipse stat post parietem nostrum.* Assim entendem este lugar communmente os Interpretes. Olhai agora para aquella parede, & para estas paredes. Detraz daquella parede está o Esposo: dentro destas paredes estão as Esposas: alli o Esposo invisível, aqui as Esposas também invisíveis. Que maior, & mais estreita invisibilidade, que aquella que não por hum dia, nem por muitos, senão para sempre se negou, & se escondeo aos olhos do mundo?

do? Tal he a invisibilidade de Christo no Sacramento, & tal a das Esposas do mesmo Christo. Essa he a grande energia com que a Esposa chamou parede àquelles accidentes: *Post parietem nostrum*. Poderalhe chamar véo, poderalhe chamar nuvem. No Templo de Jerufalem o que fazia invisivel o Propiciatorio em que estava figurado Christo, era o véo que cobria o Sancta Sanctorum: *Sanctuarium quod est intra velum*: no monte Olivetea que tambem tirou dos olhos dos Discipulos ao mesmo Christo subindo ao Ceo, foi húa nuvem: *Et nubes suscepit eum ab oculis eorum*. Pois se os accidentes daquella Hostia faõ os que nos tiraõ dos olhos, & nos fazem invisivel o Esposo sacramentado; porque lhe não chama a Esposa véo, ou nuvé, fenão parede, *post parietē*? Porque o véo pôde se correr, & a nuvem pôde se mudar; porèm a parede he impedimento firme, im-

movel, & immudavel. E este he o modo, & encerramento perpetuo com que naquella parede, & nestas paredes o Esposo, & as Esposas estaõ para sempre escondidas aos olhos humanos.

254. O Profeta Isaias fallando com Christo no Sacramento, diz: *Verè tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator*: Verdadeiramente, Senhor, vòs sois Deos escondido, Deos escondido, & Salvador. E fallando do mysterio da Encarnação, diz que a escondida conceberà: *Ecce abscondita concipiet*. Assim se lê no Original Hebreo, em cuja lingua, escondida, & Virgem, tem o mesmo significado. Christo Deos escondido no Sacramento, & as Virgens consagradas a Christo, escondidas na Encarnação. Nem he maravilha, que debaixo deste sagrado nome já entaõ fosse exemplar a Virgem das Virgens às que depois a haviaõ de seguir: *Adducetur Regi Virgines post eam*. E pois

Levit.  
26.2.

Agor.  
29.

Isai. 45.  
15.

Isai. 7.  
14.  
Text:  
Hebr.

Psalm.  
44 15.

E pois estamos no ultimo attributo da divindade recuperado por Christo no Sacramento, & cõmunicado a estes generosos Espiritos, que por feu amor em corpo se fizeraõ invisiveis; que lhe posso eu dizer por fim, fenaõ o. que lhe diz S. Paulo : *Mortui estis, & vita vestra abscondita est cum Christo, in Deo*: Estais mortos, diz o Apostolo, *Mortui estis*; & não diz demasiado; porque húa vida encerrada entre quatro paredes, nem vista, nem visível, que outro nome lhe vem mais proprio, que o de morta, & sepultada? Assim encareceo. Job o estado da sua sepultura, não tanto pelo enterrado, quanto pelo invisível : *Nec aspiciet me visus hominis*: né me veráõ já mais os olhos dos homens. Mas posto que esta vossa vida por escondida, & invisível pareça aos outros morta, & sepultada, considerai-vos para vossa consolação, onde está escondida, & com quem: escondida có Chri-

sto, & escondida em Deos: *Et vita vestra abscondita est cum Christo in Deo*. Está escondida, & Christo, porque tambem Christo está escondido no Sacramento; & está escondida em Deos, porque quanto mais retirada dos olhos humanos, tanto mais fenaõ tiraõ nunca della os olhos divinos. E sendo esta taõ grande consolação, ainda he maior a com que conclue S. Paulo: *Cum Christus apparuerit vita vestra, tunc & vos apparebitis cum ipso in gloria*: Christo que agora he a vossa vida, & alli está como vòs invisível, & escondido, virá aquelle dia ultimo, em que ha de aparecer, & ser visto de todo o mundo: & entaõ tambem vòs haveis de aparecer, & veráõ os olhos, a que agora vòs negais, quã precioso he, & quam agradavel aos divinos, que só vos vé, o invisível desta vossa clausura; porque assim como agora imitastes a Christo na sua invisibilidade, assim elle visivelmente

S ij nos

Coloff.  
3.3.

Coloff.  
3.4.

Job. 7. P.

nos olhos de todo o mundo vos ha de coroar com a sua mesma gloria: *Et vos apparebitis cum ipso ingloria.*

## §. IX.

255

**B**Em acabava aqui o Sermão: mas em dia, & solenidade tão universal, obrigação he precisa, que digamos hũa palavra para todos. Se o corpo de Christo no Sacramento enche os vazios da divindade, quanto mais facilmente encherà os da nossa necessidade? Tudo Deos criou vazio, mas logo encheo tudo. Vazia criou a terra: *Terra autem erat inanis, & vacua*; mas logo a encheo por dentro de thesouros, & por fóra de plantas, & animaes: vazio criou o Ceo; mas logo o encheo por dentro de Gerarchias, & por fóra de Sol, Lua, & Estrelas: vazio criou o mar, & o ar; mas logo encheo o ar de tãta variedade de aves, & o mar de tão infinita

multidão de peixes: vazios criou aos primeiros homens como vasos de barro; mas logo os encheo de justiça original, & de tantos outros dotes, & graças. Tão natural he à divina bondade, que foi, he, & ferà sempre a mesma, encher os vazios de suas criaturas: & assim encherà os da nossa necessidade, & pobreza, muito melhor que o oleo de Eliseo, por muitos que se jáo, *vasa vacua non parca.* Antiguamente na ley, que era de rigor, mandava Deos que ninguem apparecesse em sua presença com as mãos vazias: *Non apparebis in conspectu meo vacuus*: porèm hoje que estamos na Ley da Graça, a todos nos exhorta o mesmo Senhor, que não só lhe presentemos vazias as mãos, senão também, & muito mais, os corações, & os desejos, para nos encher abundantissimamente do que elle melhor sabe dar, que nós pedir. Quando os Irmãos de Joseph foram buscar

Genef.  
1.2.

Exod.  
23.15.

car

car paó ao Egypto , todos levavaó os sáccos vazios, & todos os trouxeraó cheos, & nelles juntamente o preço; porque este divino paó, que naquelle se representava, era paó de graça. E depois que Deos pelo beneficio da Encarnação se fez Irmaó nosso, não seria taó bom Irmão como Joseph, se recorrendo aos celleiros de sua liberalidade, que no mesmo paó estaó encerrados, nos não despachassê cheos, & ricos de tudo o que a nossa necessidade lhe presentassê vazio. Chegai, chegai ( diz S. Thomás Arcebispo de Valença ) chegai, não a esta fonte , senão a este oceano immenso de graças , que a todos está exposto, a todos deseja, a todos chama, a todos espera; & por maiores , & de maior fundo que sejaó os vazios de vossa necessidade, cada hum encherà os seus atê não poder levar mais. *Oceanus est gratiarũ immensus , vas suum quisque ad summum replet.*

Tom.7.

256 Mas he tanta (de quem me queixarei?) he tanta a fraqueza da nossa fé, & taó pouca a estimação, que fazemos dos bens do Ceo, que nem de graça os queremos. Ouvi o que diz a semelhantes Almas atê hum Poeta Gentio: *O curvas animas hominum, & celestium inanes !* Oh Almas dos homês taó brutas, & irracionaes como as dos mesmos brutos : *curvas*, porque sempre andais encurvadas, & inclinadas para a terra, & por isso vazias dos bens do Ceo, & *celestium inanes !* Por mais que húa Alma fosse senhora de toda a terra, & desde a terra ao Ceo senhora de todo o mundo , sempre ficaria vazia, porq̃ só Deos a pôde encher. E tendo nós a Deos tão perto, quantas Almas ha indignas deste nome, que se não chegaó a elle, senão por força , & a mais não poder de anno em anno? Elle charoufê paó de cada dia, para que todos os dias o comessêmos, como faziaó os pri-

S iij meiros

meiros Christãos: & fomos chegados a tempo em que se tem por grande christãdade, & devação cõmun- gar todos os meses. Que bem compete aos que nem isto fazem, as palavras de Job! *Sic & ego habui men-*

Job. 7. 3.

*ses vacuos.* Devendo ser os dias cheos, atè os meses são vazios. Passãse hum mez, & outro mez, passãse hum Jubileo, & outro Jubileo, & nem a importancia da graça, nem a cõveniencia das graças (como se não ouve- ra se, nem outra vida; co- mo se não ouvera Inferno, nem Purgatorio) nos per- mitem os vicios, de que estão cheas as nossas Al- mas, que por meyo da con- trição, & confissão as pre- sentemos àquella sagrada mesa vazias.

257. Vazias assim dos peccados as nossas Almas, (se somos Christãos, ou daqui por diante o quere- mos ser) o que deve procura- rar cada hum de nos com verdadeira resolução, são duas cousas: a primeira, en- cher a Alma com a graça,

para que não esteja vazia: a segunda, encher a graça com obras christãas, para que perseveremos na mes- ma graça. Qual he a razão, ou defeito, porque os que se confessão, & cõmungaõ, & se poem em graça de Deos, não perseveraõ na graça muitos dias, & tal vez no mesmo dia a per- dem? A razão, & o defeito he; porque ainda que en- chemos a Alma com a graça, não enchemos a graça com as obras, sem as quaes ella não pôde per- manecer. Consideremos, & pesemos bem o que diz S. Paulo de sy, & o que nos aconselha a nós. O que nos aconselha o Apostolo, que foi ao Ceo, & tornou, he, que não tenhamos a graça vazia: *Ne in vacuum*

2. Cor. 6. 1.

*gratiam Dei recipiatis: &* o que nos diz de sy, he, que a graça que recebeo de Deos, nunca a teve vazia, & por isso permaneceo sempre nella: *Gratia ejus in me vacua non fuit, sed gratia ejus semper in me ma-*

1. Cor. 13. 10. Excedit. Eccl. 1. 1.

net. Sendo a graça taõ con- traria

traria à natureza, só nisto se parece a natureza com a graça, ou a graça com a natureza. A natureza de nenhum modo admite, nem permite vacuo, donde nasceo o Proloquio, *Non datur vacuum in rerum natura*. E effa he a Filofofia, porque nos elementos, & mixtos, ou espontaneamente, & por fy mefmas, ou obrigadas da arte, vemos tantos effeitos, que parecem milagrosos, & verdadeiramente faõ naturaes. Vemos fubir a agua, & a terra, vemos decer o ar, & o fogo, vemos róperemse os marmores, & estallar os bronzes, tudo por acudir em a impedir o vacuo, ou vazio, o qual se ouveffe na natureza, pereceria o mudo. O mefmo aconteceria (& acontece) à graça, se nella ouveffe vacuo: & por isso o devemos refiftir com todas as forças: *Ne in vacuum gratiam Dei recipiat*. Se a graça em nós nunca estiver vazia, como em S. Paulo: *Gratia ejus in me*

*vacua non fuit*: tambem fêrã em nós como nelle fempre permanente, *Et gratia ejus semper in me manet*.

258 E se me perguntais como estã a graça fempre cheia, & nunca vazia? Respondo, que enchendo os vazios que na Alma occupavaõ os vicios, primeiro cõ os actos, & depois com os habitos das virtudes contrarias. Em lugar da soberba entre em nossas Almas a humildade, em lugar da intemperança entre a pureza, em lugar da enveja a caridade, em lugar da ira a mansidão, em lugar da gula a sobriedade, em lugar da ambição o desprezo do mundo, em lugar da vingança o perdaõ das injurias, em lugar do odio o amor do proximo, ainda que seja o maior inimigo: finalmente em hũa palavra, por mais que a natureza corrupta, & mal habituada repugne, que o alto, & leve deça, & o baixo, & pesado fuba: porque de-

sta maneira nos conformaremos com todo o exemplar do nosso assumpto, imitando a Deos na Encarnação, que deceo a tomar condiçoens de corpo, & a Christo no Sacramento, cujo corpo subio a participar os attributos de Deos, os quaes nõs tambem gozaremos eternamente na mesa da Gloria por graça do mesmo paõ, que para nõs subirmos deceo do Ceo: *Hic est panis, qui de Calo descendit.*







# SERMAM


## DE

# S. GONCALO.

---

*Si venerit in secunda vigilia, & si in tertia vigilia venerit,  
& ita invenerit, beati sunt ser-vi illi. Luc. 12.*

### S. I.

259  Nde ha muito em que eger, não pôde haver pouco sobre que duvidar. Celebra hoje a nossa devação hum Santo, sobre cujo estado duvidarão os Historiadores, sobre cuja profissão duvidou elle mesmo, & sobre cujas grandezas, para eger as maiores, eu sou o que mais duvido. Duvidarão os Hi-

storiadores sobre o seu estado; porque huns o fizeram da Jerarchia Clerical, como filho de S. Pedro; outros da Monastica, como Monge de S. Bento; outros da Mendicante, como Religioso de S. Domingos: controversia em que he mais gloriosa a duvida, que a decisaõ. Assim duvidarão, & contendarão as mais nobres Cidades da Grecia sobre qual fosse, ou ouvesse sido a Patria

tria do famoso Homéro. Duvidou o mesmo Santo sobre qual feria a profissão em que Deos mais se agradaria que elle o servisse: porque não basta servir a Deos; mas he necessario servilo como elle quer. E como neste requerimento empenhaffe muitas horas, & muitos dias de fervorosa oração, & porque já era Sacerdote, muitos sacrificios; finalmente lhe respondeu o divino oraculo, que se dedicasse a seu serviço naquella Religião, em que se dá principio aos Officios Divinos pela Ave Maria. Com este indício, no qual era significado claramente o sagrado Instituto dos Prégadores, resolveo o Santo a sua duvida: & com o mesmo espero eu resolver a minha. Para dar pois bom principio ao nosso discurso, antes de saber, nem propor qual ha de ser, comecemos tambem saudando a Mãe da graça, & digamos *Ave Maria.*

## S. II.

*Si venerit in secūda vigilia,  
& si in tertia vigilia vene-  
rit, beati sunt servi illi.*

Luc. 12.  
38.

260 **D**UVIDOSO eu, & muito duvidoso, como dizia, entre as grandezas do nosso Santo, para eleger, & pregar delle as mais admiraveis, sobre esta minha duvida encontro no Evangelho có outra maior. Diz Christo Mestre divino, & Senhor nosso, que os servos que elle achar vigilantes, ou venha na segunda vigia da noite, ou na terceira, effesão os Bemaventurados. A supposição, & frasi he militar; porque já os soldados naquelle tempo dividiaão a noite em quatro vigias, de cujo numero persevera hoje o nome de se chamarem quartos. E porque a nossa vida, como diz Job, he milicia, & neste mundo vivemos às escuras, ou com pouca luz como de noite; divide o Senhor

nhora mesma vida do homem em quatro partes com nome de quatro vigias. A primeira parte, ou idade he a de minino, a segunda a de mancebo, a terceira a de varaõ, a quarta a de velho. Supposto pois que estas partes, ou idades no curso da vida humana são quatro, porque deixa o Senhor a primeira, & a ultima, & só faz menção da segunda, & da terceira? *Si venerit in secunda vigilia, & sin tertia vigilia venerit?* A razão natural quanto às vigias, he, porque na segunda, & na terceira he mais carregado o fono, mais trabalhosa a resistencia, & mais difficultosa a vigilancia. E quanto às partes, ou idades da vida he tambem a mesma, ou semelhante; porque na idade de mancebo, & de varaõ, assim como as tentações são mais fortes, assim he mais trabalhosa a resistencia dos vicios, & mais difficultosa a observancia das virtudes. Na primeira idade, que he a

dos mininos, ainda os não tenta o mundo; na ultima, que he a dos velhos, já os não tenta: & a virtude sem batalha, que nos mininos he innocencia, & nos velhos defengano, quanto mais está em paz, & fóra da guerra, tanto menos té de victoria, & de folida, & forte virtude.

261 S. Gregorio Nazianzeno concordando este texto com a Ley em q̄ Deos nos manda que o amemos, dà outra razão igualmente propria, & natural, mas muito mais sublime: *Diliges Dominum* Luc. 10.  
*Deum tuum ex toto corde* 27.  
*tuo, & ex tota anima tua, & ex omnibus viribus tuis, & ex omni mente tua.* Amarás a Deos teu Senhor com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento, & com todas as tuas forças. De forte que destas quatro partes, ou destes quatro todos ha de constar o amor de Deos, para ser legitimo de todos os quatro costados. Amor de todo o coração, amor de toda

toda a alma, amor de todo o entendimento, & amor de todas as forças. Pois esta he a razão, porque Christo só falla da segunda, & da terceira vigia, & não da primeira, nem da quarta: E porque só chama Bemaventurados aos da segunda, & terceira idade, que são os mancebos, & os varoens, & não aos da primeira, & da quarta, que são os mininos, & os velhos? Sim, & clarissimamente. Porq̃ Deos quer ser amado não só com todo o coração, & com toda a alma, senão também com todo o entendimento, & com todas as forças: & posto que os mininos, & os velhos têm coração, & tem alma; os mininos ainda não tem entendimêto, & os velhos já não tem forças: logo só os da segunda, & terceira vigia, só os mancebos, & os varoens podem amar, & servir a Deos com todas as quatro partes, ou todos os quatro todos do inteiro, & perfeito amor: com todo o coração, *ex toto cor-*

*de*: com toda a alma, *extota anima*: com todo o entendimento, *extota mente*: com todas as forças, *ex omnibus viribus*.

262 Entendido assim (pois assim se deve entender) o Evangelho, parece que elle por sy mesmo nos tem já dividido o discurso em duas partes, & que seguindo ellas, devemos tratar das duas principais idades do nosso Santo: a segunda, que nos mancebos he florente, & a terceira, que nos varoens he madura; sendo húa, & outra na sua perfeição, ambas serão cheas de flores, & ambas de frutos. Mas posto que assim pareça a outros, a mim, cuja he a eleição, não me parece. Não são as excellencias de S. Gonçalo tão pouco grandes, que caibão em tão estreitos limites. Quando o Rio sae da Madre, também as margens são Rio. Não só havemos de alargar o Evangelho, senão também o numero das vigias. Digo pois, ou determino dizer, que

que S. Gonçalo não só foi Santo da segunda, & da terceira vigia, senão também da primeira, & da quarta: & não só da primeira, da segunda, da terceira, & da quarta, senão também da quinta. Santo, & admiravel Santo na primeira idade de minino: Santo, & admiravel na segunda de mancebo: Santo, & admiravel na terceira de varaó: Santo, & admiravel na quarta de velho: & finalmente Santo, & admiravel na quinta depois de morto, em que té já cinco vezes tantos annos, quantos teve de vida. Se o discurso for largo, facilmente se acomodará a devação com a paciencia.

## §. III.

263 **C**omeçando pela primeira vigia, foi Santo, & admiravel Santo S. Gonçalo na primeira idade de minino, porque não foi minino minino, senão minino homem. Os outros mininos para chegarem a ser homens, não de esperar mui-

tos dias; S. Gonçalo não esperou nem hum só dia, porque no mesmo dia em que nascendo sahio à luz do mundo, já era homem, & grande homem no ser, posto que fosse minino na estatúra. Fallando o Profeta Zacharias do futuro Salvador do mundo, excita primeiro as admirações do que havia de dizer com a palavra *Ecce*: & o que disse, he, que o seu nome seria: O que nasce homem:

*Ecce vir oriens nomen ejus.* E se he prodigio digno de admiração, & admirações, que hum homem, que era juntamente Deos, nascesse minino, & homem, *Vir oriens*; quam admiravel Santo devemos entender, que foi o nosso, sendo deidade seu nascimento não homem minino, senão minino homem? Hum só homem ouve no mundo, que nascesse homem. Este foi Adam, a quem Deos criou em idade, & estatúra perfeita. Mas este homem, que unicamente nasceo homem, nem por isso deixou de ser minino

Za:harj  
6.12.

minino. Vòso julgai. O de que era fenhor, & o que tinha de seu Adam, não era menos que todo este mundo: & hum homem, que tendo tanto, deo quanto tinha por húa maçãa, vede se foi minino. Adam nascido homem, mas homem minino; Gonçalo nascido minino, mas minino homem.

E quando começou este grande minino a mostrar publicaméte, que era minino homem? Oito dias depois de nascido, que foi o de seu bautifmo. Sahio da pia onde os outros mininos estranhaó tanto o rigor da agua, & quando a ama o recolheo nos braços para o acalentar do choro, & lhe dar o peito; o prodigioso infante em vez de chorar, & mamar, fitou os olhos em hum Christo crucificado, & com o rosto alegre, & os bracinhos abertos, & estendidos, parecia que lhe dava as graças da graça que receberá. Assim esteve por largo espaço com admiração, &

pasmos dos circumstantes, sem o poderem divertir da vista firme, & contemplação attenta do sagrado objecto. E quem negará, que foi isto receber o bautifmo não como minino, senão como homem? O bautifmo, ou o recebê os adultos, que são os homens, ou os innocentes, que são os mininos: mas com grande semelhança no bautifmo, & com grande differença nos bautizados. No bautifmo com grande semelhança; porque assim a huns como a outros cõmunica aquelle Sacramento a graça, & infunde os habitos de todas as virtudes: mas nos bautizados com grande differença; porque nos innocentes ficão os habitos das virtudes como amortecidos sem poderê exercitar os actos dellas: & nos adultos ficão vivos, & promptos; porque logo, ou produzem, ou podem produzir os actos virtuosos, a que os mesmos habitos os inclinão. Assim se vio no bautifmo de S.

Ago-

Agostinho, que foi bautizado em idade de trinta & tres annos, & assim elle como S. Ambrosio q̄ o bautizou, & tambem tinha sido bautizado em idade adulta, compuzeraõ extemporaneamente, & cantáraõ o Hymno, *Te Deum*, em que se contêm tantos, & taõ excellentes actos, & taõ ardentes affectos de todas as virtudes. Agora pergũto: E a qual destas duas differenças, ou classes de bautizados pertéce o nosso São? He certo, q̄ naõ à dos mininos, & innocentes, senaõ à dos homens, & adultos. Porque logo, como se o bautismo lhe infundira naõ só os habitos, senaõ os actos de todas as virtudes; em naõ chorar, exercitou o da fortaleza; em naõ tomar o peito, o da temperança; em fixar os olhos, & estender alegre os bracinhos para a imagem de Christo crucificado, o da prudencia, o da justiça, o da religiaõ, o da fé, o da caridade: & em o naõ poderem divertir daquella

devota, & constante attenção, o da perseverança.

264. Lá diz o Real Profeta do homem que logo começa, & ha de ser grande Santo: *Et erit tanquam lignum, quod plantatum est secus decursus aquarum, quod fructum suum dabit in tempore suo*: Que será como a arvore nova, & tenra plantada junto às correntes das aguas, a qual dará o fruto a seu tépo. As aguas correntes são as do bautismo: as plantas novas regadas cõ ellas, são os bautizados não adultos, senaõ mininos, & innocentes: & destes diz o Profeta naõ que dão logo o fruto, senaõ que o darão a seu tempo. Porque? Porque naquelle estado imperfeito da natureza, que he a infancia, assim como tem emmudecida a lingua, & enfaixados os braços, assim as potências da Alma como dormentes não estão promptas, & expeditas para exercitar logo os actos das virtudes. Crescendo porém depois, & tomando forças,

então sae , ou amanhece , como Sol de entre nuvês , o lume do entendimento , & da razaõ , & então he o tempo determinado pela natureza , & esperado pela graça , para poderem produzir , & produzirem os frutos : *Et fructum suum dabit in tempore suo.* Assim succede a todos os mininos. Porém o nosso , como exceiçãõ dos demais , anticipando os limites , & vagares da natureza , fez seu o tempo que não era seu , & feus os frutos que não eraõ do tempo. Reparou , & considera discretamente S. Agostinho , que os mininos vaõ ao bautismo com pès não feus , & crem com coraçãõ não seu , & confessãõ o que crem com lingua não sua : *Parvulis mater Ecclesia aliorum pedes accommodat ut veniant , aliorum cor ut credant , aliorum linguam ut fateantur.* E tudo isto fizerão seu os olhos do nosso minino , fixandose em Christo crucificado. Aquelles olhos fizerão sua a lingua com que confessã-

raõ a Fé , aquelles olhos fizerão seu o coraçãõ com que a creará , & aquelles olhos fizerão feus os pès , ou para melhor dizer , as azas , com que venceraõ as distancias , que ha de minino a homem , sem deixar espaço em meyo. Assim ficou o nosso Santo , & se mostrou publicamente minino , & homem juntamente no mesmo tempo ; porque não sendo o tempo seu em quanto minino , em quanto homem , & com açõens de homem o fez seu : *Et fructum suum dabit in tempore suo.*

265 Não parou o prodigio naquelle primeiro dia ; mas depois se continuou com novas , & maiores circumstancias ; porque o mesmo minino , que então não chorou , agora chorava irremediavelmente , & o que então não tomou o peito , agora estava constante em de nenhum modo o querer admitir. Não se entendia ao principio o segredo destas lagrimas , & abstinencias ; até que finalmente



mente se conheceo q̄ eraõ faudades dos seus primeiros amores. Para que não chorasse, & se deixasse alimentar, de que industria usaráõ? Levavaõ a Gonçalo, ou Gonçalinho à mesma Igreja, & tanto que punha os olhos na imagem de Christo crucificado, esta vista lhe enxugava logo as lagrimas, & lhe tirava o fastio, com que já contente, & gostoso aceitava o natural alimento. Este era o unico remedio, sem haver nenhum outro: caso verdadeiramente raro, & mais se consultarmos nelle a S. Paulo. Para intelligência do grande prodigio, que encerra, se ha de suppor, que o homem he composto de duas partes, hũa animal, & outra espirital: a animal consta de duas vidas, que são a vegetativa, & sensitiva; & a espirital consiste em hũa só, que he a racional. E que diz S. Paulo? Tudo o contrario do que acabamos de contar do nosso minino. Diz que posto que a parte es-

Tom. 7.

piritual seja mais nobre no homem que a animal, a animal com tudo he primeiro que a espirital, & que a espirital não tem lugar senão depois da animal: *Non prius quod spirituale est, sed quod animale, deinde quod spirituale.* Hũa, & outra couza confirma o Apóstolo com o exemplo de Adam homem da terra, de quem recebemos a vida animal, & foi primeiro que Christo: & com o exemplo de Christo homem do Ceo, de quem recebemos a vida espirital, & foi depois de Adam. Isto he o que ensina S. Paulo. Vamos agora ao que se via no nosso Santo. O chorar, ou não chorar, pertence à vida sensitiva; porque o choro he effeito do sentimento: o tomar, ou não tomar o peito, pertence à vida vegetativa; porque a nutrição he effeito do alimento: do mesmo modo o chorar por ver a Christo, & não admitir gosto sem elle, he effeito da vida racional, & o mais racional da mesma

1. Cor.  
15. 46.

T vi.

vida. Pois se S. Paulo diz, que primeiro he no homem a parte animal, & depois a parte espirital; como eraõ primeiro no nõsso minino os actos da parte espirital, & depois os da animal: primeiro o buscar, & ver a Christo, & depois o cessar do choro, & tomar o peito? Porque S. Paulo fallava conforme a ley ordinaria da natureza, & dos mininos, que primeiro são mininos, & depois homẽs: porẽm o nõsso Santo obra-va como exceiçãõ da mesma ley, & não como minino sómente minino, senão como minino juntamente homem.

266 Daqui se segue em maior assõmbro do caso, que o mesmo não cessar do choro, & o mesmo não tomar o peito, senão com Christo diante dos olhos, já não eraõ no nõsso Santo actos animaes, & de minino, senão racionaes, & de homem. Para prova desta grande consequencia supponho com a Fè, & com a Theologia tres cousas: pri-

meira, que Deos he o ultimo fim do homem: segunda, que todas as acçoens humanas, & propriamente de homem, devem ser encaminhadas a este ultimo fim: terceira, que as acçoens, que não levão diante dos olhos este fim, ainda que as faça hum homem de cem annos, não são humanas, nem de homem, senão animaes, & de minino, ou bruto. E digo indistintamente de minino, ou bruto; porque tão animal acção he o mamar, & o chorar em hum minino, como o mamar, & o balar em hum cordeiro. Nem o exemplo, ou nome de minino de cem annos he novidade neste ponto; porque mininos de cem annos chamou o Profeta Isaias aos que deste modo obraõ: *Pueri centum annorum.* E como o nõsso minino cessava do choro, & tomava o peito com Christo diante dos olhos, que he o ultimo fim do homem, o mesmo cessar do choro, & o mesmo tomar o peito, que nos

outros

outros mininos são acções animaes, & de minino, nelle eraõ racionaes, & de homem. Oh que grande minino, & que grande homẽ fois, meu Santo! O mesmo S. Paulo dizia de sy: *Cum essem parvulus, loquebar ut parvulus, sapiebam ut parvulus: quando autem factus sum vir, evacuari quæ erant parvuli*: Eu, diz o Apostolo, quando era minino, fallava como minino, entendia como minino, & cuidava como minino; porẽm depois que creci, & fui homem, deixei tudo o que era proprio de minino. S. Gonçalo era muito mais minino que S. Paulo; porque S. Paulo na idade em que se chama minino, já fallava: *Loquebar ut parvulus*: & S. Gonçalo ainda não fallava, nem começou a fallar senão dahi a dous annos: & quando o Apostolo do terceiro Ceo era minino, & obrava como minino, & lhe faltavão ainda muitos para ser homẽ; não nessa mesma idade, se-

não muito antes della, ainda mudo, & ainda totalmente infante, já o nõsso minino era juntamẽte homem. Tire pois S. Gonçalo das mesmas palavras do Apostolo o *quando autem*, & applicando a sy as primeiras, & as ultimas, diga confiadamente: *Cum essem parvulus, factus sum vir.*

## §. IV.

267 **Q**Uanto à segũda vigia, foi Santo, & admiravel Santo S. Gonçalo na idade de mancebo; porque feito naquelles annos Pastor de Almas ( officio taõ perigoso para a propria, como util para as alheas ) de tal forte acodio a hũa obrigação sem saltar a outra, que a ambas satisfez adequadamente. Faltavaõlhe ao novo Prelado as cans, que no sacerdocio são os emaltes da coroa, & na prelazia o ornamento da dignidade; mas não lhe faltava nada do que as mesmas cans significão, & não pou-

cas vezes desmentem. Saõ como as neves de que sempre estã cuberto o monte Ethna, debaixo das quaes se ocultaõ volcoens, & incendios: saõ como as que o divino Mestre chamou sepulturas cayadas, *Sepulchra dealbata*, brancas por fóra, & corrupção por dentro. E tambem pòdem ser como aquella arvore, a q̃ já comparamos o nosso Santo em mais levantado sentido. Della diz o Profeta, que nunca lhe cahirá a folha: *Folium ejus non defluet.* & as arvores que não mudão a folha, tão verdes saõ de poucos annos, como de muitos. Mas quanto com maior indecencia se devem estranhar nos velhos as verduras, tanto he digna de maior veneraçã nos moços a madureza. As verdadeiras cans, diz o Espirito Santo, saõ o juizo fezudo, & não consiste a velhice na cor dos cabellos, senão na pureza da vida: *Cani autem sunt sensus hominis, & ætas senectutis vita immaculata.* Os me-

Matth.  
23. 27.

Psalms.  
73.

Sapient.  
4. 8. 9.

lhores cabellos, & a peor cabeça, que nunca ouve, foi a de Absalão: os cabellos vendião se a peso de ouro, & a cabeça nenhum peço tinha. Mais lhe tomára eu o chumbo na testa, que o ouro na gadelha. Tambem ha cabellos, que parecem de ouro, & saõ de pratta sobredourada; & isto he o peor, que tem as cans, poderem se tingir. Não affim os cabellos negros, que não admitem outra cor. Por isso a Pastora das Eglogas de Salamão o que louvou nos cabellos do seu Pastor, foi serem da cor do corvo: *Comæ ejus sicut elæ Cant. 5. tæ palmarum, nigre quasi 11: curvus.*

268 Sendo pois o melhor, & maior de todos os Pastores Pastor, & mancebo, grande louvor he do nosso Santo ser eleito Pastor na mesma idade. Mancebo era Abel, & que Pastor mais religioso? Mancebo era Jacob, & que Pastor mais vigilante? Mancebo era David, & que Pastor mais animoso, & esforçado?

forçado? Se o Leão ( diz o Texto ) lhe tomava o cordeiro pela cabeça, tiravalho da garganta pelas pontas dos pès : & se lho engolia pelos pès , arrancavalho das entranhas pelas orelhas. A idade da velhice he já muito fria para aççoens tão alentadas, & tão ardentes. O peorgado de guardar , he o homem. Quarêta annos guardou ovelhas Moyfes sem nenhum perigo, & não havia dous annos, que era Pastor de homens, quando só Deos lhe pode guardar a vida dos mesmos a quem elle guardava. Elle levava-osa beber nas correntes purissimas do Jordaó, & elles suspiravaó pelos charcos do Nilo, & lodos do Egypto. A maior falta que hoje se experimenta nos Pastores, he a do valor. Se S. Gonçalo o não tivera mostrado antes, tanta culpa teria quem lhe meteo o cajado na mão, como elle em o aceitar. Se não tens valor para arcar com os vicios authorizados, & te-

Tom. 7.

mes o rosto dos poderosos, não aceites o officio, diz Deos: *Noli fieri judex, nisi valeas irrumperè inimiquitates, ne fortè extimescas faciem potentis.* No rebanho manso das ovelhas tambem ha valentes de testa tão dura, & armada, que se batem huns com os outros, mas todos temem, & reverenceaó o Pastor. Assim foi antigamente, quando os Pastores eraó Chrysofomos, & Ambrosios, posto que os mais poderosos da manada fossém Theodosios, & Arcadios. Se os Pastores não guardáraó tantos respeitoos, elles foraó mais respeitados. E assim o foi S. Gonçalo, posto que mancebo.

269 Do tempo em que governou a sua Igreja, dizem muitas coufas os Historiadores, todas proprias de hum bom Pastor. Dizem que não se vestia da lã das ovelhas, nem se sustentava do seu leite, & muito menos do seu sangue. Dizem que o patrimonio de Christo não o

T iij ga-

gastava com criados, cães, ou cavallos, nem có acrescentar a casa, ou lhe vestir as paredes. Dizem que excepta a limitada congrua do proprio sustento, tudo o demais distribuía aos pobres, & não como proprio com nome de caridade, senão como seu delles, & por obrigação de justiça. Dizem que não só pregava aos ouvidos, senão também, & muito mais aos olhos; porque os exemplos da sua vida eraõ a alma de toda a sua doutrina. Estas, & outras muitas cousas dizem os Historiadores, mas todas em cômmum. E porque do tempo em que o nosso Santo foi Pastor, hum só caso referem em particular: por este collegiremos os demais; & vendo como obrava, conheceremos qual era. Havia entre os freguezes de S. Gonçalo o abuso, que ainda dura em outros, de terem perdido o medo às excômunhoens. Eraõ daquella gente que não creõ que não se vê, & sentiaõ

mais a pena que os multava na bolsa, que a que os condenava na Alma. Prêgando pois hum dia o Santo, & afeando este abuso como tão alheo da Fè, & Religião Christãa; vio passar hũa mulher, que levava hũa cesta de paõ, chamou-a, mandoulhe que pozesse a cesta a seus pès, & repetindo com voz temerosã a fôrma da excômunhaõ sobre os pães, que eraõ muito alvos, subitamente se convertêraõ em carvoens. Ficáraõ assombrados todos, & muito mais a pobre mulher, que deo por perdido o seu paõ. Mas depois que com a vista de taõ estranha, & repentina mudança os vio persuadidos ao que não acabavão de entender; agora, diz o Santo, para que vejais também quam contrario he o effeito, que obra a abólvição nos excômungados, repetio sobre os carvoens as palavras da abólvição, & no mesmo momento, & do mesmo modo ficáraõ outra

vez convertidos em pães  
taõ alvos como dantes  
eraõ.

270 Feita a demonstra-  
ção de hum, & outro mila-  
gre, disse S. Gonçalo à mu-  
lher, que levasse o seu paõ  
com a benção de Deos: &  
aqui reparo muito. Sendo  
o paõ naõ húa, senão duas  
vezes milagroso, dobrada  
razão tinha o Santo para o  
aplicar à Igreja. Oh tem-  
pos! Parocho sei eu, que à  
conta de húa excõmunhaõ  
teve paõ com que susten-  
tar muitos dias a sua fami-  
lia, & era muito mais nu-  
merosa que a de S. Gonça-  
lo. E porque não fez elle  
outro tanto? Ao menos  
parece que devéra mandar  
reservar alguns daquelles  
pães convertidos em car-  
vão para perpetua memo-  
ria, & horror do caso. Por-  
que tornou pois a entregar  
à mulher todo o seu paõ  
taõ inteiro no numero, &  
tão branco na cor como  
era dantes? Porque enten-  
deo o bom, & desinteressã-  
do Pastor, que era cousa  
muito fóra de razão que-

rer fazer milagres à custa  
do paõ alheo. Quantos mi-  
lagres vemos neste mun-  
do, & quantos homens, &  
alvitres milagrosos, & to-  
dos à custa do paõ alheo, &  
nenhum do seu? A Elias  
sustentava Deos cada dia  
com dous pães, & a S. Pau-  
lo primeiro Ermitaõ tam-  
bem cada dia com meyo  
paõ: & sendo os Ministros  
de hum, & outro milagre  
corvos, sempre o paõ era  
da mesa de quem manda-  
va sustentar os famintos,  
& não tomado a outrem. O  
maior milagre neste gene-  
ro foi o dos pães, que sendo  
cinco, se multiplicáraõ a  
tantos milhares, que sus-  
tentáraõ cinco mil ho-  
mens, & sobejáraõ tantas  
alcofas Mas estes sobejos  
para quem foraõ? Para os  
donos dos cinco pães, que  
eraõ os Apostolos. Seme-  
lhante milagre já o vimos,  
& estamos vendo. O que  
hontem se cõtava por uni-  
dades, hoje se conta por  
milhares, & por milhoens.  
Mas à custa de quem? Dos  
mesmos que daõ a mate-

ria, & o cabedal para o milagre. E em vez de terem parte na multiplicação, & quando menos nos sobejos, até os seus cinco pães lhos excômungão de maneira, que antes os querem perder, que lograr; porque só lhos permitem convertidos em carvão.

271 O remedio desta grande perdição, & desta grande lastima já o ensinou S. Gonçalo, se ouver quem lhe queira tomar a lição. E em que consistio o remedio? Cõsistio em tornar a converter o carvão em paó, assim como o paó se tinha convertido em carvão. Não está a perfeição do milagroso em poder fazer os milagres, senão em os saber desfazer. E a razão no nosso caso he; porque quando os milagres são danosos, para refazer o dano do milagre, he necessario que desfaça o segundo o que fez o primeiro. Tendo hum Anjo feito hũa grande promessa a Gedeão, que tambem era Pastor, pediu elle em

confirmação dous milagres; mas com tal condição, que o que fizesse o primeiro, desfizesse o segundo. Tomou pois Gedeão hum vélo de lãa das suas ovelhas, & pondo-o no meyo da eyra, disse: Quero que todo o orvalho desta noite caya na lãa, & nada na eyra: & assim succedeo. Ao outro dia posto o vélo no mesmo lugar, disse: Agora quero às aveças, que todo o orvalho desta noite caya na eyra, & nada na lãa: & tambem succedeo do mesmo modo. Mas porque senão contentou Gedeão com hum só milagre, senão com dous, & que desfizesse o segundo o que tivesse feito o primeiro? Porque se quiz certificar da promessa do Anjo, & conhecer q̄ eraõ milagres de Deos. E entẽdeo que sendo o orvalho bem cõmum de toda a terra, não podia Deos defraudar hũa parte della com o primeiro milagre, sem que lhe refizesse o dano com o segundo. Isto he o que pediu



dio Gedeão, isto o que fez S. Gonçalo, & isto o que não ha quem imite. Basta que tudo ha de ser para o particular, & nada para o cômum; tudo para o vélo de Gedeão, & nada para a eyra? Assim o executaó fem nenhúa igualdade os que querem ter jurdiçaó até no que cae do Ceo: & por mais que as queixas cheguem ao mesmo Ceo, nenhum dos que fazem os milagres os quer desfazer. Se cuidaó que he descrito, & menos authoridade do poder desfazer o que fizeraó, enganaóse; porque muito mais poderosos se mostraráó no desfazer do milagre, que em o fazer. Vede-o no nosso caso. Converter o paó em carvoens, pôde-o fazer o fogo queimando-o; mas converter os carvoens em paó, só o pôde fazer a omnipotencia obrando sobre as leys de toda a natureza.

272 Finalmente neste milagre se retratou o nosso bom Pastor a sy mesmo, & mostrou qual era. Este mi-

lagre teve aveço, & direito: & taes haó de ser os homens, que governaó homens. Obom Pastor nam ha de ser todo bondade:

*Cum electo electus eris, & cum perverso pervertéris.*

Psalm.  
17. 27.

Nem tudo ha de ser indulgencia, nem tudo censura. Ha de ter excômunhoens para os rebeldes, & absolviçoens para os arrependidos: & tanto para os brácos como os pács, como para os pretos como os carvoens. Ha de saber fazer, & desfazer, converter, & desconverter. Deos converteo a Nabucodonosor de homem em bruto, & depois tornou-o a converter de bruto em homem. A vara de Moyses era o mesmo cajado com que elle governava as suas ovelhas. É que propriedades tinha este cajado? Húas vezes se convertia de vara em Serpente, & outras de Serpente em vara. Nem por ser a Ley de Christo Ley da Graça, ha de ser nella tudo graça. A cerimonia com q o Author da mesma Ley con-

constituio a S. Pedro supremo Pastor, foi meter-lhe na mão as chaves do Ceo, & da terra. E porque, ou com que mysterio chaves? Porque a chave tem húa volta para fechar, & outra volta para abrir. Nem ha de fechar tudo cõ rigor, nem deixar tudo aberto com demasiada benignidade. Quando for necessário, fechar de pancada; mas se não for necessário, não andar às pancadas. Com serem porém as insignias do poder pastoral as chaves, já eu notei noutra occasiã, que não disse Christo, o que fechares, será fechado, & o que abrires, aberto; senão, o que atares, será atado, & o que desfatares, desfático. E porque? Porque quer Christo que os seus Pastores fahão atar, & desfatar, & não sejam homens, que não atão, nem desfático. Porque não atão, andão os vicios soltos; & porque não desfático, estão as virtudes presas. Oh se resuscitára hoje S. Gonçalo, como se havia

de ver trocado tudo! Mas temo que o não haviaõ de merecer os nossos tempos, como tambem os seus o desmerecêraõ.

§. V.

273

Q<sup>U</sup>anto à terceira vigia, foi Santo, & admiravel São S. Gonçalo na idade de varaõ; porque tanto que entrou nella, sahio da patria, & se partio peregrino a Jerusalem a visitar os sagrados lugares de nossa redempção, & viver, como viveo, na Terra Santa todo o restante da mesma idade. Não admiro nesta notavel resolução o deixar a patria, onde o amor natural costuma lançar aquellas fortes, & doces raizes, que tão difficulosamente se arrancão: mas quando vos vejo, meu Santo, com o cajo de Pastor trocado em bordão de peregrino, deixando as vossas ovelhas, & de Christo, por ir correr, & venerar os passõs q o mesmo Senhor andou nesta vida para as apascentar; & rematou na morte para as

re-

remir; isto he o que não sei admirar bastantemente, nem acabo de entender.

274 Húa vez sabemos que mudou Christo os trajos, & se vestio de peregrino: mas quando, ou para que? Era no mesmo dia da sua resurreição, tendo dito tres dias antes, q quando tirassem a vida ao Pastor, se derramariaõ as ovelhas: *Percutiam pastorem, & dispergentur oves gregis.* E porque duas dellas hiaõ desgarradas, & quasi perdidas de Jerusaleem para Emaüs, esta foi a causa daquella peregrinaçam, querendo-as reduzir outra vez o Senhor, & unir com o seu rebanho. Pois se Christo como bom Pastor se faz peregrino para trazer duas ovelhas de Emaüs a Jerusaleem; como S. Gonçalo, que devia imitar a Christo, se parte peregrino a Jerusaleem, deixando em Emaüs não duas ovelhas, senão todo o rebanho de que era Pastor? Emaüs quer dizer, Cõselho temeroso: *Timens consilium*; &

este conselho parece que não só foi temeroso, senão temerario. Nota o Evangelista, que Emaüs estava distante de Jerusaleem sessenta estadios, *Stadiorum sexaginta*, que fazem da nossa medida tres legoas: & se Christo não soffreo, que duas ovelhas se ausentasssem do seu rebanho tres legoas, & as foi buscar ao meyo do caminho: *Ipse Iesus appropinquans ibat cum illis*; como se ausenta S. Gonçalo das suas ovelhas em não menor distancia, que de mil legoas, quantas dista Portugal de Jerusaleem? Mais nota o Evangelista, que esta diligencia a fez Christo no mesmo dia, *In ipsa die*: & se o bom Pastor no mesmo dia acode a húa taõ pequena parte do seu rebanho; como S. Gonçalo deixa, & desempara totalmente o seu, & se vai viver tão longe d'elle, não por menos espaço de tempo, que quatorze annos inteiros?

275 Se alguém quizer buscar escusa a húa tão notavel

Luce. 24.  
13.

Ibid 15.

Ibid. 13.

ravel resolução do nosso Santo, difficulosamente a acharà tal que fatisfaça. Se dissermos que quiz trocar a sua terra pela Terra Santa; esta razão, ainda que parece pia, não he bastante para deixar o seu rebanho, sendo Pastor. Porque ainda que trocar a sua terra pela Terra Santa, fora trocar a terra pelo Ceo, devéra trocar o Ceo pela terra, não digo por acodir a todo o rebanho, senão a hũa só ovelha d'elle. Que Pastor ha, diz Christo, o qual tendo cem ovelhas, se acaso se lhe desgarrou, & perdeu hũa, não deixe as noventa & nove no deserto, & vã buscar a ovelha perdida? Assim o fez o mesmo Christo. A ovelha perdida era o homem: as noventa & nove erã os nove coros dos Anjos: o deserto onde as deixou, era o Ceo: & se o bom, & verdadeiro Pastor deixou o Ceo, & veyo à terra para acodir a hũa sô ovelha perdida; ainda que trocar S. Gonçalo a sua terra pela Terra

Santa, fora trocar a terra pelo Ceo, devéra não fazer tal troca, mas deixar, & trocar o Ceo pela terra, não só para conservar todo o seu rebanho, como dizia; mas para acodir a hũa só ovelha d'elle. E se quizermos considerar, que a jornada da Terra Santa foi feita com espirito, & desejo de lá converter os Infieis Mahometanos, que a dominavão, & habitão, tambem esta escusa he insufficiente, & alhea do exemplo de Christo. Quando os Apostolos pedirão ao mesmo Senhor, que ouvisse os clamores da Cananéa, que era Gentia, respódeo, que as ovelhas, que Deos lhe encomendára, erã os filhos de Israel, & não os Gentios: *Non sum* Matth. 15. 24. *missus nisi ad oves quæ perierunt domus Israel.* E em consequência desta mesma doutrina mandou a seus Discipulos, que só prégassem aos Judeos, & nam à Gentilidade: *In viam gentium ne abieritis.* Matth. 10. 5. E como as ovelhas, que S. Gonçalo dei-

deixava na sua patria, & na sua Igreja, eraõ as que Deos lhe tinha encomendado; ainda que a sua peregrinação a Jerusaleem fosse com intento de converter outras do Paganismo, comparado este zelo com a sua obrigação, não sô não parece louvavel, mas nem ainda licito.

276 Primeiramête respondendo, que a peregrinação de S. Gonçalo à Terra Santa, não sô foi licita, & louvavel, mas verdadeiramête santa; porque elle a emprendeo não sô por espirito, & devação particular sua, senão por impulso, & vocação especial de Deos. Vejamos o caso resolutivo, & definido na Historia sagrada. Era Pastor Moyses, & andava nos desertos de Madian guardando as ovelhas, que Jetro lhe tinha encomendado, quando vio de longe a Çarça que ardia, & não se queimava. Resolveose então a ir ver de mais perto aquella maravilha: *Vadam, & videbo visionem hanc mag-*

*nam*: & diz o Texto sagrado, que vendo Deos que elle voluntariamente hia, o chamou, & lhe mandou, *Ibid. 4. 1* que fosse: *Cernens quòd pergeret ad videndum, vocavit eum*. Pois se Moyses já hia por sua propria vontade, porque o chamou Deos? Porque este era o caso como o do nosso Santo, em que não basta a inclinação, & deliberação propria; mas he necessaria especial vocação divina. A Çarça ardente juntamente, & illesa, como dizem todos os Santos, significa o mysterio, & mysterios da redempção humana; & assim disse o mesmo Senhor, que decêra a libertar o seu Povo: *Descendi ut liberem* *Ibid. 3. 1* *eum*: a terra em que estava a Çarça, significava a Terra a que hoje chamamos Santa, & assim lhe chamou a voz da Çarça: *Locus enim in quo stas, terra sancta est.* *Ibid. 5.* E para hum Pastor como Moyses, deixar como elle deixou a assistência das suas ovelhas por ir ver, & contemplar de mais perto os my-

mysterios de nossa redempção, & venerar com os pés descalços a Terra Santa, não basta só a vontade, & deliberação propria; mas he necessária particular, & especial vocação de Deos: *Cernens quòd pergeret ad videndum, vocavit eum.* Assim o fez Moyses, que totalmente deixou então o officio, & o rebanho: & assim o fez o nosso Santo chamado tambem, & inspirado por Deos, & por isso não só licita, & louvavel, senão santamente, & com acto de maior perfeição.

277 Mas se foi grande a duvida em que da sua parte nos meteo a deliberação do nosso peregrino em deixar as suas ovelhas; muito maior he a que devemos admirar da parte de Deos na vocação divina tão especial, rara, & não usada do mesmo Deos, como agora veremos. Pedio a Pastora dos Cantares ao seu divino Pastor lhe manifestasse os lugares onde apacentava as suas ovelhas, & onde descançava

pelo meyo dia, para que o não buscasse erradamente, & de balde por outras partes: *Indica mihi quem diligit anima mea, ubi pascas, ubi cubes in meridie, ne vagari incipiam post greges sodalium tuorum.* E que lhe respóderia o soberano Pastor? Primeiro lhe disse, q não conhecia quem era: *Si ignoraste;* porque se conhecesse suas obrigaçoens, não faria semelhante petição: & sem deferir a ella, lhe mandou que seguisse as pisadas do seu rebanho, & que tratasse de o apacentar como os outros Pastores: *Egredere, & abi post vestigia gregum, & pasce hœdos tuos juxta tabernacula pastorum.* Quem não reconhece nesta breve historia, quam semelhante foi a petição da Alma fantá ao desejo do nosso Santo: & quam diferente a reposta que elle alcançou de Christo, à que ouvió de sua boca a mesma Alma, em que se representavao as de todos os Pastores de sua Igreja que mais o amão?

Cant.  
16.

Ibid. 7.

A petição da Alma fanta, & o defejo do nosso Santo era de ver os lugares onde Christo em sua vida apacentou suas ovelhas com a doutrina que trouxe do Ceo, & onde finalmente descêçou ao meyo dia, naõ à sombra da arvore da Cruz, senaõ pregado, & morto nella. Iffo quer dizer, *Ubi pasças, ubi cubes in meridie*. Mas se ao nosso Santo sendo actualmente Pastor lhe cõcedeo o mesmo Christo esta peregrinação, & que fossê ver, & viver naquelles sagrados lugares; como a Alma, & Pastora fanta, em que eraõ significados os outros Pastores, de nenhum modo lhe defere o Senhor a estes mesmos defejos, & resolutamente lhe manda, que apacentem as suas ovelhas, & que trate cada hum de seguir naõ as pisadas de Christo em Jerusaleem, senaõ as do seu rebanho na sua terra: *Abi post vestigia gregum*.

280 O que desta admiravel differença se segue,

he, quam singularmente estimou Christo os affectos tambem singularissimos com que S. Gonçalo na sua peregrinação acompanhou os passos da vida, & morte do mesmo Senhor, pois antepoz esta devação, & defejo à obrigação, & cuidado da guarda das suas ovelhas. De hũa, & outra parte foi desufada fineza, mas muito mais admiravel da parte de Christo, a qual ainda naõ està bastantemente póderada, & só se pôde dignamente encarecer ouvindo ao mesmo Christo com S. Pedro, isto he, ao primeiro, & supremo Pastor com o segundo. Perguntou Christo Redemptor nosso a S. Pedro, se o amava mais que os outros Discipulos: *Simon Ioannis, diligis me plus his?* E como S. Pedro respondeu có a devida modestia, *Tu scis Domine, quia amo te*; Bem sabeis vòs, Senhor, que vos amo: Pois, Pedro, se me amas, disse o Senhor, *Pasce oves meas*, Apacenta minhas ovelhas.

Fei

Joann.  
21. 15.

Feita esta primeira recomendação, repetio Christo a mesma pergunta; & como Pedro respondesse do mesmo modo: Pois, Pedro, torna a dizer o Senhor, se me amas, como dizes, *Pasce agnos meos*, Apresenta os meus cordeiros. Já as perguntas sobre o amor eraõ duas, & as recomendações do rebanho também duas, & ainda acrescentou o Senhor a terceira, *Dicit ei tertio*, de sorte que Pedro se entristeceu, como se o divino Mestre, a quem são manifestos os corações, duvidasse do seu amor, ou desconfiasse do seu cuidado. Pois se tres vezes examina Christo o amor de S. Pedro, não são como grande; senão como maior de todos, & as prendas q̄ lhe pede deste amor hũa, duas, & tres vezes, he que apacente as ovelhas, & cordeiros do seu rebanho, *Pasce oves meas, Pasce agnos meos*; que novo, ou que outro amor he este de S. Gonçalo para Christo, & de Christo para S. Gonçalo,

Ibid. 7.

lo, pois em lugar de lhe dizer, que continuasse em apacentar as ovelhas, que lhe tinha encomendado, lhe inspira que deixe as mesmas ovelhas, & se parta peregrino a Jerusalem, não só a visitar, senão a viver nos lugares sagrados, onde o mesmo Senhor tinha passado a vida, & padecido a morte?

281 A mesma vida, & morte de Christo sempre fixa, & ardente na memoria do nosso peregrino Pastor não ha duvida que foi, como de Jacob, a sua amada Rachel, pois por ella fervio duas vezes sete annos naquelle voluntario desterro, tendo as suas faudades as ovelhas, & os seus desejos, & suspiros os cordeiros que apacentava, começando desde Nazareth, & acabando no monte Olivete, & repetindo este amoroso circulo com tantas pausas, & estancias, quantos eraõ, ou tinhaõ sido os passos do seu ausente amor. Mas quem nos acabará de descobrir o mysterio



rio desta tão singular novidade, & sem exemplo na estimação de Christo ? O primeiro pensamento que me occorreo, foi, que em premio da pureza virginal, que perpetuamente guardou o nosso Santo, lhe quiz Deos conceder na terra, o que só concede aos Virgens no Ceo. He privilegio concedido no Ceo aos Virgens, diz São João no Apocalypse, que elles só figão ao Cordeiro, que he Christo, a todas as partes por onde, & para onde for : *Virgines enim sunt : hi sequuntur Agnum quocumque ierit.* Porém os Virgens no Ceo não só seguem os passos do Cordeiro, mas vem o mesmo Cordeiro, & S. Gonçalo na terra sem ver, nem poder ver o Cordeiro, lhe seguia, & adorava os passos. Elles seguem os passos do Cordeiro onde está o Cordeiro, mas S. Gonçalo não seguia os mesmos passos onde o Cordeiro estivesse, senão onde tinha estado, & só porq̃ tinha estado alli,

Tom. 7.

se não podia apartar delles. Oh singular, & admiravel fineza ! E esta digo em conclusão, que foi a que Christo assim amado tanto estimou. A primeira pessoa a que Christo appareceo na manhã da sua Ressurreição, foi à Magdalena. Assim o dizem os Evangelistas. Mas porque mereceo a Magdalena não só com exceção de todas as outras devotas mulheres, mas também dos mesmos Apostolos, este tão singular privilegio ? Lede a Historia sagrada, & o que ella fez, & os outros não fizeram, & achareis a razão. As outras Marias, como os Anjos lhe disserão, que o Senhor resuscitára, & não estava alli, foraõse : S. Pedro, & S. João como acháraõ no sepulchro a mortalha, & o Sudario, & não o sagrado corpo, também se foraõ : porém a Magdalena sómente porque sabia como os demais q̃ aquelle era o lugar onde o Senhor fora sepultado, isto só bastou para que perseverasse

V      alli,

alli, & não se apartasse do mesmo lugar. De maneira que os outros deixáráo o sepulchro, porque Christo não estava nelle; porém o amor da Magdalena não se soube apartar do mesmo sepulchro; porque ainda que o Senhor não estava nelle, tinha estado. E assim como bastou, que Christo tivesse estado dentro daquellas pedras, para que a Magdalena se não podesse apartar dellas, esta foi tambem da sua parte a fineza, & da parte do mesmo Senhor a razaó, porque tanto estimou o seu amor, & o antepoz ao de todos.

282 Deste mesmo modo assistia S. Gonçalo não só ao sepulchro de Christo, senão a todos os outros lugares, em que o Senhor vivo, ou morto tinha estado: respondendo, & pagando com esta fineza o amor, com que o mesmo Christo em quanto Verbo tinha todas as suas delicias ab aeterno em estar com os homens na terra. Notai muito. Traçava este mun-

do ab aeterno a Sabedoria divina, que he o mesmo Verbo, & diz que recreando se pelos lugares da terra, erão as suas delicias estar cõ os homens: *Delectabar per singulos dies, ludens in orbe terrarum, & delicia mea esse cum filiis hominum.* <sup>Palm. 133.</sup> Mas se ainda então não havia homens, que estivessem naquelles lugares, como tinha as suas delicias o Verbo em estar com elles? Porque ainda que os homens então não estivessem alli, havião de citar depois. Como se differa o Verbo: Aqui ha de estar o Paraíso terreal, & as suas delicias erão estar com Adam: Aqui se ha de fabricar a Arca, & as suas delicias eraó estar com Noé: Aqui se fundará a Cidade de Hebron, & as suas delicias erão estar com Abraham: Aqui serà a terra de Hus, & as suas delicias erão estar com Job: Aqui se levantará o monte Sinay, & as suas delicias erão estar com Moyfes: & assim dos outros homens, & dos ou-  
tros

tros lugares. Do mesmo modo S. Gonçalo. Em Nazareth dizia: Aqui encarnou o Verbo: em Belem, Aqui nasceu: no monte Tabor, Aqui se transfigurou: no Calvario, Aqui morreu: no Olivete, Daqui subio ao Ceo: & em todos estes lugares serão as suas delicias estar com Christo, não porque alli estivesse, mas porque alli tinha estado. De sorte que o Verbo suppondo o futuro, & S. Gonçalo suppondo o passado, ambos có o mesmo amor, & com a mesma fineza; o Verbo tinha as suas delicias com os homens, onde não estavam, porque havia de estar; & S. Gonçalo tinha as suas delicias com Christo, onde não estava, porque havia estado. E por este modo excellente, & singular comprio melhor que todos o nosso peregrino o que Deos prometeo por Isaias, que havia de fazer gloriosos os lugares onde tinha posto os seus pés: *Et locum pedum meorum glorificabo.*

## S. VI.

283 **Q**Uanto à quarta vigia, foi Santo, & admiravel Santo S. Gonçalo na idade da velhice; porque passando se a hum deserto a fazer vida eremitica, soube deixar o mundo, antes que o mundo o deixasse. Não quiz que o achasse a morte dentro dos muros do povoado; mas elle se sahio ao deserto para a esperar em campanha. Oh que valente resolução, & que bem entendida! Como a velhice he o horizonte da vida, & da morte, o horizonte onde se ajunta a terra com o Ceo, & o tempo com a eternidade; que resolução pôde haver mais bem aconselhada, & mais digna da madureza de humas cans, que dedicar à contemplação da mesma eternidade aquelles poucos dias, & incertos, que pôde durar a vida? Não foi admiravel o nosso Santo velho, porque isto fez, mas he verdadeiramente admira-

Vij vel,

Senec  
Epist. 30

vel, porque fez o que devé-  
raõ fazer todos os velhos,  
& não vemos algum que o  
faça. Notou judiciosamé-  
te Seneca, que de todos os  
outros generos de morte,  
sendo tantos, & tão varios,  
põde haver esperança de  
escapar; só a morte q̄ traz  
comfigo, ou apos sy a ve-  
lhice, he morte sem espe-  
rança. Mata a doença, ma-  
ta o incendio, mata o nau-  
fragio, mata a espada, ma-  
ta a seta, ou descuberta, ou  
atraçoada; mas de todos  
estes generos de mortes  
muitos escapáraõ; só da  
morte da velhice ninguem  
escapou: *Ali genera mor-  
tis spei mixta sunt, nihil ha-  
bet quod speret quem sene-  
ctus ducit ad mortem.* E sen-  
do tão desesperada esta es-  
perança, mais dignas são  
para mim de admiração as  
nossas velhices, do que foi  
a de S. Gonçalo, pois nos  
não defenganamos com  
ellas. Quanto mais temos  
vivido neste mundo, tanto  
mais amamos o mesmo  
mundo, & a mesma vida, &  
quanto mais são os annos,

que contamos, tanto mais  
faõ as raizes com que esta-  
mos pegados à terra. Mas  
consideremos quam diffe-  
rentemente tinha passado  
o nosso Santo velho as ou-  
tras suas idades, do que  
nõs temos vivido, ou des-  
baratado as nossas, & esta  
seja a maior advertencia  
de o reconhecermos por  
singular, & venerarmos  
por admiravel.

284. Emfim não tendo  
S. Gonçalo porque fugir  
de sy, fugio de nõs para o  
seu deserto, & levantando  
hũa pequena Ermida so-  
bre as ribeiras do Rio Ta-  
maga, fabricada pelas me-  
didas do seu espirito, alli  
só por só com Deos em-  
pregava os dias, & velava  
as noites na altissima con-  
templação daquelle fum-  
mo bem, que cedo espera-  
va gozar com a vista. Não  
havia, ou se ouvia naquelle  
bemaventurado lugar al-  
gum ruido, que perturbaf-  
se a quietação do Santo  
Anacõreta, senão a tépos  
de inundaçoens, & tem-  
pestades os gemidos, & vo-  
zes

zes mortaes dos que arrebatados da furia , & correntes do Rio taó impetuofas, como subitas, ou espedaçados nos penhascos, ou afogados no remoinho das aguas pereciaõ lastimosamente, & sem remedio. Eraõ muitos todos os annos os miseraveis naufragantes, & muito mais as lagrimas dos que nelles perdiaõ filhos, pays , ou maridos. E que faria quando isto ouvia, & via hum coraçãõ taó cheo, & abraçado do amor divino ?

Quanto maior he nos Santos o amor de Deos, tanto mais forte he, & mais solícito o amor do proximo. Orava continuaméte, mas porque de ordinario para remediar os trabalhos humanos não bastão as mãos ociofas, posto que levantadas a Deos: resolveose o espirito de hum pobre, & solitario Ermitaõ ao que nunca se atrevéraõ a intêtar os braços poderosos dos Reys, que foi unir as duas ribeiras do Tamaga com hũa ponte, & meter

debaixo dos pès dos passageiros a braveza, & furia do Rio, que a tantos tinha tragado.

285 Grande empresa! mas tão alhea do fogeito que a emprendia , como difficuliosa , & impossivel por todas suas circumstancias. Assim se riaõ agora do imaginario remedio os q̃ tantas vezes tinhaõ chorado os verdadeiros perigos. E certamente quando se não considerasse no novo architecto mais que o peso, & debilidade dos annos; a velhice he idade para ter trabalhado , & não para trabalhar, para ter feito, mas não para fazer. E que proporção tem ( diziaõ ) as contemplaçoens de hum Anacoréta com as execuçoens, & actividades de hũa taó grande obra? Se S. Pedro foi chamado nescio , porque sendo peccador quiz fazer tabernaculos; que se diria do nosso Ermitaõ determinado a fabricar pontes? A superficie desta desaprovaçam do vulgo ainda tem muito

V iij ma-

maior fundo na Theologia  
 espiritual, & ascetica. Quã-  
 do Martha se queixou de  
 que Maria sua irmã a não  
 ajudasse, o que lhe respon-  
 deo o divino Mestre, foi:  
*Martha, Martha, sollicita*  
*es, & turbaris erga pluri-*  
*ma. Maria optimam partem*  
*elegit*: Esse vosso cuidado,  
 Martha, posto que bem in-  
 tencionado, não serve mais  
 que de vos perturbar, &  
 divertir em muitas cousas  
 alheas da profissão de Ma-  
 ria: & se cuidais que ella  
 assentada a meus pès, &  
 ouvindome està ociosa,  
 enganai-vos; porque es-  
 colheo a parte que lhe està  
 melhor, & mais me agra-  
 da. E isto mesmo parece  
 que estava dizendo, ou di-  
 ctando a S. Gonçalo a dou-  
 trina de Christo naquelle  
 caso, & contra a sua deter-  
 minação. Maria significa a  
 vida contemplativa, & in-  
 terior, que he a que pro-  
 fessão os Eremitas: Mar-  
 tha significa a vida activa,  
 que he a que se emprega  
 em acçoens exteriores, pos-  
 to que em serviço de

Deos, & do proximo: & se  
 esta das portas adentro  
 de húa casa, & occupada  
 só em preparar o que lhe  
 parecia necessario para  
 húa mesa, divertia, & per-  
 turbava tanto a Martha;  
 qual seria a perturbação, &  
 perpetuos divertimentos  
 do nosso Ermitão, empe-  
 nhada a sua velhice na fa-  
 brica de húa ponte taõ dif-  
 ficullosa? Parece-me que  
 estou ouvindo os ruidos  
 dos carros, dos penhaes,  
 dos madeiros, & a conti-  
 nua bateria dos instrumẽ-  
 tos dos Officiaes, & traba-  
 lhadores, huns desbastan-  
 do, outros lavrando, ou-  
 tros fabricando, & levan-  
 tando as machinas para  
 sustentar os arcos, & guin-  
 dar, & assentar a pedraria  
 já lavrada: & o author, &  
 superintendente da obra  
 no mesmo tempo dividido  
 em tantas partes, com o  
 cuidado, & os olhos nas  
 mãos de todos. Vede se cõ-  
 petia a esta sua fadiga me-  
 lhor que a Martha o *Soli-*  
*cita es, & turbaris erga plu-*  
*rimum.*

LUC 10.  
 41-42.

Mas

286 Mas esta mesma era a maior prova do altíssimo grao da contemplação a que o espirito do Santo Eremita tinha subido. A Alma que chegou ao cume da perfeição da vida contemplativa, nem as acções lhe divertem a contemplação, nem a contemplação lhe impede as acções; mas toda dentro, & toda fóra de sy, juntamente está obrando no exterior, & no interior cõttemplando. Que vida mais activa, & mais actuosa, que a dos Anjos sempre occupados, & nunca já mais divertidos? *Omnes sunt ad-*

Hebr. 1. ministratorij spiritus in ministerium missi. Os Anjos da guarda de dia, & de noite estão velando, cada hum sobre o homem que lhe está encomendado: os Custodios dos Reynos, & Monarchias sempre attendendo ao governo, & conservação dellas na paz, & na guerra, & em tantos outros accidentes, que nunca parão: os que guião com tanta ordem, & concerto

os Astros, cada hum movendo a sua estrella, quasi todas maiores que este mundo. E de todos diz Christo: *Semper vident faciem Patris, qui in Calis est*: Que estão sempre cõttemplando a face de Deos, como se estiverão no descanzo, & socego do Empireo sem outra occupação, ou cuidado. E tal era a cõttemplação verdadeiramente Angelica do nosso Anacoréta, tão quieto, & sem perturbação no meyo do tumulto, & trafego da sua obra, como senão tivera sahido da sua Ermida. Podendose dizer delle o que do mesmo Deos, de cuja vista nunca se apartava: *Immotusque manens das cuncta moveri.*

Matth.  
18.10.

287 Vencida esta primeira apprehensão, & conhecida a concordia, & harmonia, que conservação dentro no mesmo espirito, se he perfeito, a vida activa, & contemplativa, a qual não entendião os que consideravão o nosso Eremita divertido do exercicio.

V iij da

da sua profissão; seguesse a segunda, em que toda a prudencia, & providencia humana podia reparar muito. E qual era? Que hum homem só, & defassistido de toda a outra companhia, & poder, se atrevesse a húa empresa, que muitos, & muito poderosos juntos já mais emprenderião, nem imaginavam possível. Se os fabricadores da Torre de Babel, sendo todos os homens que havia no mundo juntos, & unidos no mesmo pensamento, o fim, & effeito que conseguirão, foi a confusão, & defengano da sua temeridade; verdadeiramente parece, que não faziam grande injuria às cans, & prudencia do nosso Santo velho, os que reprovavão, que elle sendo hum, & só, ( ainda que a sua idade fosse mais viva, & mais robusta ) intentasse húa tal obra. Mas o que ninguem cria, nem esperava, intentou, proséguiu, & levou ao fim em S. Gonçalo a caridade, & amor do Proximo,

do qual diz S. Paulo, que tudo crê, tudo espera, & com tudo pôde: *Omnia credit, omnia sperat, omnia suffinet*. Hú dos que se acháram entre os edificadores da Torre de Babel, foi Noè; & he cousa bem notavel, que a elle só encomendasse, & delle só fiasse Deos a fabrica da Arca. *Fac tibi Arcam de lignis levigatis*, lhe disse o supremo Architecto daquella nova machina, & prefcrevendolhe a traça, a fôrma, & as medidas com tanta miudeza, nem em cômun, nem em particular faz menção de outro Artifice, ou companheiro, que ouvesse de ter parte na obra, senão o mesmo Noè sómente: *Mansunculas in Arca facies, & bitumine linites intrinsecus, & extrinsecus: & sic facies eam*. Pois se a fabrica era tão grande, & tão nova, & previa Deos que todos os homens do mundo, entrando neste numero o mesmo Noè, nam haviam de poder conseguir, né continuar aquella Torre

1. Cor.

13.7.

Genes.

6.14.

Ibid.

15.



Torre na terra, havendo de ter esta fabrica os alicesses sobre a agua; como a encomenda, & fia de hũ só homem? Porque o intento da Torre era a vaidade, o intento da Arca a caridade. O intêto da Torre era celebrarem os homens o seu nome antes de se dividirem: *Celebremus nomen nostrum antequam dividamur*: o intento da Arca era salvar os homens da inundaçaõ universal do Diluvio: *Ut possint vivere*: & quando para conseguir os intentos da vaidade, naõ bastaõ todos os homens; para os da caridade, por arduos, & difficultosos que sejaõ, batta hum só homem. Trocai agora o nome de Noè em Gonçalo, o da Arca em Põte, & do Diluvio em Rio: & vereis quam bem fundada foi a caridade do nosso Santo na esperança de levar ao cabo a sua obra; pois assim como a de Noè era para salvar os homens da inundaçaõ do Diluvio, assim a sua era para os sal-

var das inundaçoens do Rio.

288 Mas ainda aqui nos falta por dar satisfaçam a hũa grande maxima da doutrina de Christo. *Quis ex vobis volens turrim edificare, non prius sedens computat sumptus, qui necessarij sunt: ne posteaquam potuerit perficere, omnes qui vident, incipiant illudere ei?*

1. cor. 14.  
28. 19.

Que homem ha de vòs, o qual querêdo edificar hũa torre, naõ lance primeiro as suas contas muito devagar, & computando o cabedal com as despesas, naõ veja se he bastante; porq̃ lhe naõ aconteça começar a obra, & não a poder acabar, ficando ella, & elle expostos ao riso das gentes? Isto he o que ensina Christo Senhor nosso, & estas são as contas, & o computo que devia fazer o nosso Eremita antes de pôr, naõ digo a mão, senaõ o pensamento à obra: ver primeiro se tinha com que comprar os materiaes, cõ que pagar aos Mestres, cõ

que

Genef.  
11. 4.

Genef.  
6. 10.

que fazer a feria, & sustentar os trabalhadores, & isto não só para começar a obra, senão para a pôr em perfeição. Agora pergunto se fez S. Gonçalo este computo? Digo que sim, & com tão nova, & abreviada Aritmetica, q̃ todo o resumio a duas adiçoens sómente: primeira, Eu não posso nada: segunda, Deos pôde tudo. O mesmo tinha já feito S. Paulo, quando disse: *Omnia possum in eo qui me confortat*: Eu pelas minhas forças nenhuma cousa posso; mas pelas que Deos me dà, sou todo poderoso. Tal era o espirito, & tal a consequencia do nosso Santo: porque eu não posso nada, eu sem Deos não poderei mover huma pedra: mas porque Deos pôde tudo, eu com Deos, & Deos comigo bem poderemos fazer a ponte. E assim foi. Não deo Deos a S. Gonçalo a Vara de Moyses; mas para lhe dar ainda mais, deolhe a Cithara de Orfeo, fazendo-a de fabulosa verdadeira. Contaó as

fabulas, que Orfeo com a sua Cithara edificou os muros de Thebas, porque era tal a doçura, & suavidade daquelle pequeno instrumento tocado por elle, que levava apos sy as arvôres, os montes, os rios, as feras, & até a liberdade dos homens. Assim crecião fabulosamente em Thebas os muros, & assim em Amarante verdadeiramente a ponte.

289 Derãolhe a S. Gonçalo huns touros bravos, & feros, & elle com a voz de húa só palavra os amansou de maneira, que logo tomárao o jugo, & tirárao pelo carro, seguindo a quem osguiava, como se tiveraó enfino de muitos annos. Chegava à ribeira do Rio, chamava os peixes, & elles corrédo em cardumes saltavão aos pês do Santo, em quanto elle não dizia basta, & os demais com sua benção se retiravão para tornarem outra vez quando fossẽm chamados. Era necessaria agua para mais facil serviço da obra, tocou  
o San-

Philip.  
4.13.

o Santo velho com o seu bordão em hũa pedra, & correo logo hũa fonte: mas porque a água bastava para satisfazer a sede, & nam para alegrar, & dar forças aos trabalhadores, tocou do mesmo modo em outra pedra, & sahio della outra fonte de vinho. Trabalhavaõ muitos braços, & muitos instrumentos para abalar hum grande penedo, sem elle se mover, mas cõ o impulso de hũa só mão do Santo, mais como andando por sy mesmo, que levado por força, se foi por onde era necessário. Porém como ha homẽs mais duros que as pedras, & mais irracionaes que os brutos; assim como com estes persuadindo-os o Santo suavemente a quanto queria, se mostrava mais evidentemente a oculta divindade, que lhe governava a lingua; assim ouve hũ tão duro, & tão astuto, que pedindolhe o pobre Ermitão, em cuja fantidade não cria, algum socorro para a sua obra, por ser muito ri-

co, elle escusandose por estar fóra de casa, lhe respondeu, que sua mulher o soccorreria, dandolhe para ella hum esferito. Recebeo-o a mulher, & rindose para o Santo, lhe disse: Padre Ermitão, este credito não val nada; porque o que nelle me diz meu marido, he q vos dê de esmola quanto pezar este papel. Despedido tão secamente, replicou com tudo o Santo, que se pezasse o papel como maldava o dono da casa, & que elle pelo pezo se contentaria cõ a esmola. Caso verdadeiramente da mão oculta de Deos! Poz-se o papel em hũa parte da balança, & quando parece que bastavaõ poucos grãos de trigo para a pôr em equilibrio, vierão sacos, & mais sacos, & podéra vir todo o celleiro, sem igualar o pezo do papel, que não chegava a hũa folha. Lá se queixava Job de que a Omnipotencia divina para o mortificar, ostentasse seu infinito poder contra hũa folha, que leva o vento. *Con-*

Job. 13  
35.

*tra folium, quod vento rapi-  
tur, ostendis potentiam tuã:*  
& cá para canonizar a S.  
Gonçalo ostenta seu poder  
a divina Potencia em fazer  
taõ pezada hũa meya fo-  
lha, que nenhum pezo a  
podeffe igualar, nem levã-  
tar, nem mover. Assim có-  
rreo Deos juntamente  
com o nossõ Santo no co-  
meçar, no continuar, & no  
aperfeiçoar a sua obra; &  
assim a deixou perfeita, &  
acabada para tanto bem  
de tantos, antes que a ulti-  
ma idade lhe acabasse a vi-  
da.

## S. VII.

290 **C**oncluidas taõ  
felizmente as  
quatro vigias, & idades da  
vida humana, qual cuida-  
mos que seria a quinta vi-  
gia, que eu prometi do  
nossõ Santo, naõ já de vi-  
vo, & mortal, senaõ de im-  
mortal, & depois da mor-  
te? Esta nova prerogativa  
mais parece que lhe con-  
vem a S. Gonçalo de Ama-  
rante pelo sobrenome, que  
pelo nome. O Amarantho,

como diz Plinio, he huma  
flor, a qual porque nunca  
se murcha, mereceo desde  
a antiguidade o nome de  
immortal. Isto significa o  
mesmo nome que lhe po-  
zeraõ os Gregos, por onde  
lhe cantou a immortalida-  
de o Poeta Latino: *Immor-  
talesque Amaranthi*. E se  
buscarmos no Evangelho  
esta quinta vigia, achare-  
mos que depois de fallar  
expressamente na segũa,  
& terceira, & suppor nesta  
mesma conta a primeira, &  
a quarta, introduz em  
quinto lugar outra inde-  
terminada, & nella hum  
Pay de familias muito vi-  
gilante: *Quoniam si sciret  
Pater familias qua hora sur-  
veniret, vigilaret utique.*  
Esta pois, naõ das idades  
que tem fim, mas da vida  
immortal que naõ acaba,  
foi, & he a quinta vigia do  
nossõ Santo, na qual lhe  
quadra admiravelmente o  
nome de Pay de familias;  
porque elle verdadeira-  
mente he o Pay universal  
nam só daquella grande, &  
numerosa Provincia, mas  
de

Luc. 12,  
39.

de todas as visinhas, & côfinantes; as quaes em tudo o que haõ mister de perto, & de longe, a elle recorre. Sõ quem o vio, o pòde cõtatar, & crer. Se não tem filhos, a S. Gonçalo os pedê; & se tem muitos, a S. Gonçalo consultaõ se os haõ de mandar à guerra, ou ao estudo, ou aplicar ao arado. Se haõ de casar as filhas, S. Gonçalo he o casamenteiro, & se os proprios pays, ou não pòdem, ou se descuidão de lhe dar estado, a lembrança que ellas por modestia se não atrevem a lhe fazer, a fazem em segredo ao Santo, que como mais poderoso, & mais vigilante Pay, se não descuida. A elle encomendaõ os Pastores os gados, & os Lavradores as sementeiras: a elle pedem o Sol, a elle a chuva: & o Santo pelo imperio que tem sobre os elementos, a seu tempo, & fóra de tempo os alegra com o despacho de suas petiçoens. Elle os remedeia nas pobrezas, elle os cura nas enfermidades, elle os recõ-

cilia nas discordias; elle emfim, se andão desgarrados, os encaminha, & talvez os castiga també amorosamente, para que não degenerem de filhos de tal Pay.

291 Por todas estas razões confirmadas cõ infinitos exemplos me parecia ao principio, que cõ o nome de Pay de familias satisfazia S. Gonçalo às obrigaçoens da quinta vigia, que lhe acrescentamos à vida. Mas bem considerado o que depois de morto, & immortal obra, & està obrando cada dia em beneficio dos que o invocaõ, não ha duvida, que lhe vê muito curto este nome. E para inventarmos algum, q̃ iguale as medidas, & encha o conceito de suas maravilhas, assim como ao principio disse, que no seu nascimento foi minino como homê, assim digo por fim, que depois da sua morte foi homem como Deos. Alguns annos depois de morto S. Gonçalo em occasião de hũa extraordinaria

ria tempestade vinha tão cheo, & furioso o Rio Tamaga, que não só levava envolto consigo quanto encontrava nas ribeiras, mas também nos montes. Entre outras cousas vinha atravessado na corrente hú carvalho de tanta grandeza, que julgárao attonitos quantos o viao, que batendo com o pezo seu, & das aguas a Ponte, arruinaria os arcos, & a derrubaria sem duvida. S. Gonçalo, (gritárao todos) S. Gonçalo, acudi à vossa Ponte: eis que no meyo destes clamores vem fair da Igreja hum Fradinho vestido de branco com o manto negro, & hum cajadinho na mão, o qual voando pelo ar ao Rio, lançou a volta do cajadinho a hum ramo do tronco, & fazendo-o encanar, & embocar direito pelo olho do arco maior, elle passou precipitado có a corrente, & a Ponte sem dano, né perigo, ficou tão firme, & inteira como fora edificada. Com iguaes clamores, & triunfos deram

todos graças a S. Gonçalo, que pelo Habito, & lugar donde sahira visivelmente, se lhe manifestou quem era. E eu torno a repetir, como dizia, que nesta acção, bem entendida, mostrou o nosso Santo, q para com as suas obras nam se portava como homem homem, senão como homem Deos.

292 Entre as causas segundas, como são os homens, & a causa primeira, que he Deos, ha tal differença cõmumente no obrar, que das causas segundas, como fallão os Filósofos, dependem as obras sómente *in fieri*; mas da primeira causa dependem *in fieri*, & *in conservari*: das causas segundas dependê as cousas quanto á criação; mas da causa primeira não só dependem quanto à criação, senão também quanto à conservação. Quanto à criação, Deos, & o Pay gerao o Filho: quanto à conservação, Deos he só o que o conserva sem dependencia, nem concurso do Pay.

Da-

Daqui se entenderà aquelle modo notavel de fallar com que diz a Escritura, que Deos ao dia septimo descãçou de todas as obras que tinha feito: *Requievit die septimo ab universo opere, quod patrarat*: & logo acrecenta, q̄ todas as mesmas obras as tinha Deos criado, & feito para as fazer: *Ab omni opere suo, quod creavit Deus, ut faceret*. Pois se as tinha já feito, como as fez, & criou para as fazer? Porque a primeira vez fellas de novo pela criação, & depois de criadas, para que não deixassem de ser, sempre as havia de estar fazendo pela conservação. He o que respondeo, & declarou Christo, convencendo admiravelmente aos que o calumniavão de obrar ao sabbado: *Pater meus usque modo operatur, & ego operor*. Por ventura Deos no mesmo dia do sabbado em q̄ descãçou das suas obras, deixou de obrar? Não; porque se deixára de obrar cõservando-as, deixáraõ ellas

de ser. Pois assim como meu Pay obrou ao sabbado não servil, senão soberanamente, assim o faço eu. Isto he o que faz Deos cõservando as suas obras; & isto he o que fez S. Gonçalo sahindo por sy mesmo a conservar a sua. Confervou-a entãõ, & ha tantos centos de annos, que a cõserva, & a cõservará sempre; porque nas suas obras não obra como homẽ homem, de quem dependem só *in fieri*, senãõ como homem Deos, de quem dependem *in fieri, & cõservari*.

293 Vamos a outras obras de Deos homem, & de S. Gonçalo. Foraõ os discipulos do Bautista pergũtar em nome de seu Mestre a Christo, se era elle o verdadeiro Deos, & homẽ prometido pelos Profetas, & esperado do mundo: *Tu es qui venturus es, an alium expectamus?* E que respondeo o Senhor? Em presença dos mesmos discipulos deo olhos a cegos, ouvidos a surdos, lingua a mudos,

mãos

Gen. 1.  
2:2.

Ibid. 3.

Joann.  
5:17.

Matth.  
11. 3.

Ibid. 4.

mãos a alejados, pès a mãos, faude, & limpeza a leprofos, & vida a mortos. E esta foi a resposta com que os despedio, dizendo: *Euntes renuntiate Ioanni, quæ audistis, & vidistis*: Ide, dizeti a Joáo o que ouvistes, & vistes. O mesmo respondendo eu a quem por ventura duvidar do que tenho dito, ou estranhar que se diga de S. Gonçalo, q̄ nam obrava como homem homem, senão como homem Deos. Ide, ide a Amaranthe, visitai no sagrado Mausoleo de S. Gonçalo as memorias immortaes de sua vida posthuma, & vereis o que me ouvis. Vereis, ou pintadas, ou de vulto, como trofeos das suas obras divinamente humanas, as muletas dos mancos, os braços dos alejados, os olhos dos cegos, as orelhas dos surdos, as linguas dos mudos, as mortalhas dos mortos, ou moribundos: & porque os males interiores, & invisiveis são os que mais atormentaõ, & mataõ, tambem vereis os co-

raçoens dos tristes, dos afflictos, dos perseguidos, dos desesperados; que s̄o na invocação do nome de S. Gonçalo acháraõ a consolação, o alivio, a respiração, o remedio.

294. Assim obra como immortal depois de morto o grande imitador de Deos homem. E porque o mesmo Senhor deixou dito, q̄ depois de subir ao Ceo fariaõ seus fiéis servos na terra não s̄o semelhâtes obras às suas, senão maiores: *Opera quæ ego facio, faciet, & maiora faciet, quia ad Patrem vado*. Se attentamente considerarmos as circumstancias destes milagres, acharemos que os de S. Gonçalo comparados cõ os do mesmo Deos homẽ tem hoje no modo de os obrar grandes excessos de maioria. Grandes eraõ os concursos dos que em fé dos milagres que obrava, buscavão, & seguiãõ a Christo: *Sequebatur eum multitudo magna, quia videbant signa, quæ faciebat super his, qui infirmabantur*, diz

Ioann. 14. 12.

Ioann. 6. 2.



diz S. Joáo. E se perguntarmos ao mesmo Evangelista a que numero chegaria a maior multidão destes concursos ; não só com o nome de maior, senão de maxima, diz que chegárao a ser quasi cinco mil : *Cum sublevasset oculos Iesus, & vidisset quia multitudo maxima venit ad eum* : & logo declaráo o numero : *Discubuerunt ergo viri numero quasi quinque millia*. Ah Senhor, com quanto excessso se prova no vossó fidelissimo servo a verdade daquella grande promessa ! Quando na terra. levantastes os olhos para ver a multidão dos que pela fama, & experiencia de vossos milagres vos seguiáo, a maior, & mais numerosa q' vistes, foi de cinco mil homens. Porém hoje se do Ceo onde estais, abaterdes os mesmos olhos divinos, & os puzerdes em Amaráte, vereis que pela fama, & experiencias dos milagres de S. Gonçalo, os que concorrem neste seu dia a visitar suas sagradas reli-

quias, & encomendar-se a seu patrocínio, não são cinco mil, nem dez, né vinte, senão trinta, & quarenta mil. Vereis que a multidão innumeravel de naturaes, & estrangeiros não cabe pelas estradas, que cobre os montes, que inunda os valles, & que não podendo todos entrar, nem chegar de perto, cercáo tumultuosamente a Igreja, venerando, & adorando de longe as paredes fantás, que encerraáo tão benefico, & soberano deposito. E este he outro excessso de maioria, que tambem na comparação de vós mesmo lhe prometestes.

295 Para receberem a saude, dizem os Evangelistas, que a multidão dos q' concorriaáo a Christo, todos procuraváo tocar seu sacratissimo corpo, do qual sahia a virtude, que os farava : *Omnis turba querebat eum tangere, quia virtus de illo exibat, & sanabat omnes*. Cã tambem procuráo o mesmo ; mas porque o aperto, & a multidão que

contenciosamente se impede, lho não permite, de longe venêrao o Santo, de longe se encomendaõ a elle, & de longe, ou recebem logo os milagrosos effeitos de sua virtude, ou a leuaõ comfigo alegres a suas casas, como primicias, & penhores certos dos beneficios, que na occasião da necessidade nenhum duvida lhe hajão de faltar. Mas que muito he, que aquella venturosa Provincia, & as outras visinhas, & confinantes logrem a felicidade de tão continuos, & certos favores: se as remotissimas terras da Africa, da Asia, & desta America, onde apenas ha lugar, que não tenha levantado Templos, ou Altares a S. Gonçalo, só com a invocação de seu nome, como se nelle fetivera sacramentado, pelo effeito maravilhoso de suas graças de tão longe o exprimentaõ, & tem presente. De Deos dizia o Profeta Isaias: *Invocabis, & Dominus exaudiet: clamabis, & dicet: Ecce adsum:*

Isai 58.  
9.

Invocareis o Senhor, & elle vos ouvirá: chamaloheis, & elle dirá: Aqui estou. Aqui estou, diz Deos: & Aqui estou, diz S. Gonçalo, homem emfim no obrar como Deos: *Invocabis, & dicet: Ecce adsum.*

E porque algũa vez invocado S. Gonçalo, succederá que vos não conceda o que pedis, & pareça que vos nam ouve; fabei de certo, que vos enganais, & não quero por prova outro exemplo, senão o do mesmo Deos. Deos diz, que peçamos, & que receberemos: *Petite, & accipietis:* & com tudo mostra a experiencia, que muitas vezes pedimos, & não recebemos. Não ha tal, acode S. Agostinho. Que nam recebemos o que pedimos, he verdade: mas que não recebemos, he falso: porq se nam recebemos o que pedimos, & queremos; recebemos o que deveramos pedir, & querer. *Negar Dominus quod volumus, ut tribuat quod malleamus.* Assim faz tambem algumas vezes

Joann.  
16.24.

August.  
Epi.  
43. ad  
Paulin.

vezes S. Gonçalo, & não fora Santo, nem amigo, se assim o não fizera. Taó milagroso he quando faz por vós o milagre, porque vos está bem, como quando cessa de o fazer, & o suspende, porque vos estaria mal. Vede-o no mesmo Santo. Já deixamos dito como para a fabrica da sua Ponte abriu duas fontes nas pedras, húa de agua, outra de vinho: mas a de agua ainda hoje corre, & persevera, & faz milagres: a de vinho secou-se totalmente. E porque se secou? Porque maiores naufragios podia padecer aquelle Povo nesta fonte, do que dantes padecia no mesmo Rio. O primeiro que espremeo as uvas, & inventou o vinho, foi Noè: & sendo Noè aquelle grande Piloto, que na maior tempestade do mundo soube governar a primeira náu, & levou nella a salvamento o mesmo mundo: gostando depois o mesmo licor, que inventára, areou de tal maneira, que não só perdeu a mode-

stia, senão também o juízo. Vede o que sucederia ao Povo de Amarante, se perseverasse a fonte do vinho? Por isso o Santo ainda no tempo da sua obra, como notaó os Historiadores, abria, & fechava a mesma fonte tres vezes no dia: a primeira vez a horas de almoço; a segunda a horas de jantar, & a terceira a horas de cea: & nestes tres tempos que sucedia? Tanto que os officiaes, & trabalhadores recebiaó cada hum por medida a sua reção, a pedra se fechava outra vez, & a fonte não corria. Taó provido, & vigilante era S. Gonçalo em que os seus milagres fossem para proveito, & não para dano daquelles por quem os fazia. E esta he a regra por onde haveis de conhecer os milagres, & beneficios do nosso Santo, taó agradecidos quando vos negar o que lhe pedirdes, como quando volo conceder, pois vindo por sua mão húa, ou outra cousa, sempre he para vósso bé.

296 Atè aqui tenho fallado em tudo com os Authores da vida, & milagres de S. Gonçalo. Por fim quero acabar cõ hum caso, de que eu mesmo fui testemunha. Havia em Lisboa hum devoto, & côfrade do mesmo Santo, o qual todos os annos concorria para a sua festa com vinte & cinco cruzados. Hum anno porèm em que os Officiaes eleitos eraõ ricos, sendo tambem rica a Confraria, entrou elle em pensamento, que seria maior serviço de Deos despende aquelle dinheiro com os pobres. Assim o resolveo comfigo sem o comunicar a outra pessoa: senaõ quando no mesmo ponto lhe sobreveyo hũa dor interior, que de nenhum modo podia sopor- tar; & chamados à pressa os Medicos, resolvéraõ que logo logo tomassẽ os Sacramentos, porque infallivelmente morria. Que faria pois com esta subita sentença, quem hum momento antes estava sam, &

com todas as suas forças? Cuidando em seus peccados, lembroulhe o novo proposito que tinha feito, & arrependendose daquelle que tivera por melhor obra, pediu perdaõ ao Santo, ratificando com voto, que não faltaria jã mais à sua antiga devaçãõ, se escapassẽ daquelle accidente com vida. Não eraõ acabadas estas palavras, quando com segundo repente cessou totalmente a dor, & passado o moribundo das portas da morte à inteira saude, achandose tão sam como dantes, foi por seu pè dar as graças ao Santo, que tão aspero, & tão benigno tinha experimentado em dous momentos. Mas quem haverà, que se não admire do novo estillo praticado neste caso contra a ley geral da esmola, & contra a preferencia, & privilegio dos pobres tantas vezes publicado, & prègado por boca do mesmo Deos? Quando concorrem Christo, & os pobres para a esmola, day-a, diz

Marth.  
25 40.

diz Christo , aos pobres, porque dando-a a elles, ma dais a mim: *Quod uni ex his minimis fecistis, mihi fecistis.* Pois se neste caso concorre S. Gonçalo com os pobres, como ameaça o mesmo Christo de morte a quem quer dar a esmola aos pobres, & não offerta-la a S. Gonçalo? Basta que iguala Christo os pobres a sy mesmo, & quer que S. Gonçalo seja preferido aos pobres? Basta que antes quer Christo que seja festejado S. Gonçalo com maiores aparatos, & maiores despesas, que os pobres mais socorridos? Basta que sendo os pobres substitutos de Christo, não quer o mesmo Christo, q̄ o sejaõ de S. Gonçalo? Pois assim he , seja tambem o mesmo Christo seu Prêgador, & acabe o seu panegyrico, que eu emudecido confesso, que o não sei louvar. E este he o excessõ de favor, & lugar a que S. Gõçalo subio na sua quinta vigia, em q̄ vive , & reyna immortal no trono da gloria.

Tom.7.

§. VIII.

297

**T**Enho acabado, ou deixado sem o acabar, o meu discurso. Mas se os Sermoens de S. Gonçalo todos eraõ encaminhados à doutrina dos ouvintes, & não he licito faltar à imitação do Santo no seu proprio dia; que doutrina posso eu tirar deste Sermaõ; que seja acomodada aos que me ouvem? Heyde exhortalos a q̄ sejaõ bons Pastores, como S. Gonçalo? Isto pertence aos Ecclesiasticos. Heyde exhortalos a que vão em peregrinação do Brasil a Jerusaleme? Assaz peregrinos são os que taõ longe se desterráraõ da patria. Heyde exhortalos a que fação milagres? Basta que sejamos Santos sem aspirar à cano-nização. Que doutrina será bem logo a que tiremos da vida, & obras de S. Gonçalo? A primeira que me occurria muito util, & muito necessaria, he, que o

X iij imi-

imitássemos em fazer pôtes. Coufa he digna de grande admiração, & que mal se poderà crer no mundo, que havendo cento & noventa annos, que dominamos, & povoamos esta terra, & havendo nella tantos rios, & passos de difficultosa passagem, nunca ouvessê industria para fazer hũa ponte. Que rio, ou que regato ha na Europa sem nome, & que lugar de quatro vilinhos, que nas pontes não seja magnifico? Sô por ellas se conserva em Hespanha a memoria de que os Romanos a dominárao. Porque Anco Marcio fez a Ponte Sublícia, da Ponte, & de a fazer lhe formou Roma a dignidade de Pontifice, cujo nome, antes ainda de a mesma Roma ser Christã, se unio ao Sũmo Pontificado. Tanto honra este genero de fabricas a seus Autores. Pois por certo, que nem por pobre, nem por avaréta padece a nossa Republica esta falta. Eu a attribuo à inercia natural

do clima, porq̃ não creyo, como cuida o vulgo, que os que lhe administrao o Erario, mais o querem para o Papado, que para o Pontificado.

298 Mas porque o descuido que estranha esta advertencia pertence a poucos; seja doutrina, & exemplo geral para todos, q̃ ao menos procuremos acabar por onde S. Gonçalo começou. S. Gonçalo, como vimos, sendo minino, foi homem: nós sendo na idade homens, na vida, & nos costumes somos mininos. Melhor o disse Seneca do que se pôde traduzir na nossa lingua: *Adhuc non solum pueritia in nobis, sed quod est gravius, puerilitas remanet: & hoc quidem peius est, quod auctoritatem habemus senum, vitia puerorum, nec puerorum tantum, sed infantium.* Temos a auctoridade de velhos, & os vicios de mininos; & o peor he, que não só se vê em nós a mininissê, que he defeito da idade, senão as mininissês, que o são do juizo:

juizo : *Non solum pueritia in nobis , sed puerilitas remanet.* A primeira cousa que fez S. Gonçalo, foi pôr os olhos em hum Christo crucificado, & estender os bracinhos para se abraçar com elle: & isto he o que moços, & velhos guardaõ para o fim da vida. Entaõ vem o crucifixo, entaõ se abraçaõ com suas Chagas, & como he por força, & a mais naõ poder, muita graça de Deos he necessaria para que seja de coraçãõ. Quem quer começar bem, & acabar bem, ha de começar pelo fim, & acabar pelo principio. Desde o principio do mundo ensinou Deos ao homem esta importantissima maxima nas primeiras palayras da Escritura: *In principio creavit Deus Cælum, & terram:* onde nota S. Joaõ Chrysofomo, que Deos na obra da criaçaõ começou pelo Ceo, & acabou pela terra: por isso naõ diz o Texto: *Creavit terram, & Cælum,* senaõ *Cælum, & terrã.* Mas criar primeiro o Ceo, &

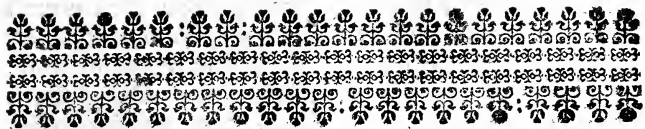
depois a terra, parece que he começar o edificio pelas abobodas, & acabar pelo alicesses. Quanto mais, que sendo a terra, & o Ceo criados para o homem, assim como o fim do homê he o Ceo, & o principio a terra, assim parece que devia começar pela terra, & acabar pelo Ceo. Antes naõ, & por isso mesmo. Porque o homem tem o seu principio na terra, & o seu fim no Ceo, por isso lhe propoem Deos primeiro o Ceo, & depois a terra; porque se quer começar bem, & acabar bem, ha de começar pelo fim, & acabar pelo principio. Assim começou, & assim acabou S. Gonçalo. E sendo a sua vida, & morte hũa perpetua imitaçaõ de Christo, foi cousa maravilhosa, que assim como nascido tomou por exemplar a Christo morto na Cruz, assim morrendo imitou ao mesmo Christo nascido no Presépio. Morreo em fim S. Gõçalo, entregando a Alma nas mãos da Rainha dos

Anjos, de que foi devotissimo, & se achou presente a seu felicissimo transito; & tanto que espirou, se ouviu no ar húa voz, que dizia, Ide todos ao enterro do Santo. Concorréraõ todos; & o leito em que acháraõ defunto o fagrado corpo, foi deitado no chaõ sobre húas palhas. Assim acabou na morte imitando a Christo nascido no Presépio, quem assim desde seu nascimento tinha imitado a Christo morto na Cruz. Oh ditoso nascer, & ditoso

morrer! ô ditoso começar, & ditosissimo acabar! Este foi o ultimo exemplo, que S. Gonçalo deixou ao múdo, & com que deixou o múdo, que todos tambem havemos de deixar. E pois o não imitamos no nascimento, ao menos começemos desde este dia seu ao imitar na morte, trazendo sempre diante dos olhos o fim da vida, para que por seus merecimentos, & intercessão consigamos a vida sem fim. Amen.







# SERMAM DA DOMINGA

VIGESIMA SEGUNDA POST PENTECOSTEN,

Na occasião em que o Estado do Maranhão se repartio  
em dous Governos, & estes se deraõ a Pelloas par-  
ticulares moradores da mesma terra.

---

*Cujus est imago hæc, & superscriptio? Dicunt ei:  
Cæsaris. Matth. 22.*

§. I.



300 Aõ ha terra ma-  
is difficultosa  
de governar, q̃  
a patria: né ha  
mãdo mais mal  
sofrido, nem mais mal obe-  
decido, que o dos iguaes.  
Vivendo os Hebreos go-  
vernados por Deos, o qual

no Propiciatorio respõdia  
a todas suas consultas, &  
ordenava em voz clara o  
que se havia de fazer, ou  
naõ fazer; foraõ elles taõ  
mal aconselhados, q̃ qui-  
zeraõ ser governados por  
homens, como as outras  
naçoens: & sendo taõ so-  
berbos, que desprezavaõ a  
todas em tudo o mais, ne-  
ste

ste ponto, que era a sua maior prerogativa, pediraõ fer semelhantes a ellas: *Constitue nobis Regem, sicut & uniuersæ habent nationes.* Os primeiros Governadores pois, que Deos lhes concedeo com poder, & soberania real, foram Saul & David: Saul que andava buscando as jumetas, que se perdéraõ a seu Pay, & David que andava guardando as ovelhas do feu. Naõ fez Deos differença das calidades, porque todos eraõ filhos de Abraham: nem a fez tambem dos officios, porque todos naquelle tempo viaõ de suas lavouras, & dos seus pastos. Sõ teve attenção às pessoas, & aos talentos, porque assim Saul como David debaixo do seu fayal eraõ homens de taõ grandes espiritos, como logo mostráraõ as suas obras. Mas quaes foraõ os applausos com que foi recebida naquella Republica depois de taõ apertadas instancias a eleição destes dous governos? A terra era

a patria, & os eleitos eraõ iguaes ( como dizia ) & naõ bastou que hum fosse Saul, & outro David, para serem bem aceitos. Alegraõse os parentes, murmuráraõ os estranhos, & os demais ( que eraõ quasi todos ) ficáraõ descontentes. Naõ digo o que differaõ, porque as cousas nam eraõ para dizer, nem saõ para ouyir: sõ digo que estamos no mesmo caso. Temos repartido este nosso Estado em dous governos iguaes, & debaixo de duas cabeças, ambas naturaes da mesma terra, sem fer a de Promissão: & assim da parte das cabeças, como dos membros, assim da parte dos novos Governadores, como dos subditos, se podem reccar, como já se temem, naõ pequenos inconvenientes. O recurso està longe, o remedio naõ pòde chegar, senaõ tarde, entretanto sõ vos peço, que tomeis o melhor conselho. A obrigação dos Prêgadores, a quem a Escritura chama Anjos da paz, he ferem

1 Re 3.  
8.5.

301

ferem Ministros da uniaõ, & concordia: & porque esta devemos desejar todos, como bons Christãos, como bons republicos, & como bons vassallos; para eu satisfazer à minha obrigação, não me occorre outro meyo mais efficaç, que declarar a huns, & a outros as suas. O meu intento ferà este, o Evangelho a guia, a intercessõra para a graça a Virgem Senhora nossa. Peçamola com aquella attençaõ que requiere taõ importante materia. *Ave Maria.*

§. II.

302 **P**ergütado Christo Senhor nosso como Mestre da Ley, se era licito aos Hebreos pagar tributo ao Cesar Emperador dos Romanos, respondeo, que lhe mostrassem primeiro a moeda do tributo: *Ostendite mihi numisma census.* E como na moeda estiveffe estampada hũa figura com certas letras em roda; perguntou mais o

Senhor, Cujã era aquella imagem, & cujo o nome escripto nas letras: *Cujus est imago hæc, & superscriptio?* Responderaõ, que a imagem, & o nome era do mesmo Cesar: *Dicunt ei: Cesaris.* Isto he o que contém as palavras que propuz. O resto do Evangelho ficarã para outra occasiaõ, & tambem a moeda. Eu não quero para hoje mais que a imagem do Cesar; porque com as imagens dos Cesares hey de fallar.

303 *Cujus est imago hæc?* Todos os que governaõ fãõ imagens de seus Principes: porque os representãõ na pessoa, & no exercicio dos poderes. Começou este nome, ou titulo de imagem no primeiro governo do mundo, dado não menos que por Deos ao primeiro homem, & nam nas provisoens do officio, senão antes da creação delles, & do mesmo que o havia de exercitar. *Faciãmus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram,* & *præsit:* Façamos o homem (diffe

Isid. 203

Genes. 1. 26.

( disse Deos ) à nossa imagem, & semelhança , para que tenha a presidencia, & governo do mundo. Sobre estas palavras he grave estaõ entre os Theologos, em que consista no homem o ser imagé de Deos? Os Hereges Audeános differaõ, que consistia na fôrma, & estatura do corpo. E tambem he heresia politica a de alguns Principes, os quaes tanto se deixaõ levar de fôrmas apparencias exteriores, que por ellas fazem a eleiçaõ das suas imagens. Taõ pouco importa para o governo da Republica a estatura, ou gentileza dos corpos, ( diz Seneca ) como para o governo da não ser o Piloto fermoso. Resolvem pois todos os Santos, & Doutores Catholicos, que a razaõ da imagem de Deos no homem consiste na Alma adornada de tres potências, em que representa ao mesmo Deos trino, & hum. Porém S. Basilio & S. João Chrysostomo acrecentaõ, que a Adam particularmé-

te deo Deos o titulo de imagem sua, porque lhe encarregou o governo do mundo, & que ajuntou à imagem a semelhança, *ad imaginem, & similitudinem*: para que no mesmo governo se lembrasse Adam, que se devia fazer semelhante quanto fosse possível ao supremo Senhor a quem representava: *Imaginem dixit ob principatus rationem, similitudinem, ut pro viribus humanis similes fiamus Deo.*

304. Oh quantos, & quão excellentes documentos deixou Deos naquella primeira acção aos Principes de como deviaõ fazer, & eleger as suas imagés! Todas as outras criaturas mãdou-as Deos fazer, ou mãdou que se fizessem: o homem, que o havia de representar como sua imagem, & a quem havia de entregar o governo do seu mundo, fello có consulta, & có selho, & naõ de homens, que ainda naõ havia, nem de Anjos, que já eraõ criados, mas das tres Pessoas divinas: *Faciamus hominē*

ad

*ad imaginem, & similitudinem nostram: & para que? Et præsit piscibus maris, & volatilibus Cæli, & bestijs, universaque terræ:* para que governe os peixes do mar, as aves do ar, & os animaes da terra. E se para a eleição de quem ha de governar brutos, se requiere tanto apparatus, & prevenção de consultas, & conselhos na sabedoria do mesmo Deos; que será para eleger hum homem, que ha de governar homens? O caracter de imagem sua pollo Deos por ventura na Alma do homem, porque se não ha de entregar o governo a homens sem Alma? Sim; mas não só por isso. Não basta que o que ouver de governar seja homem com Alma, mas he necessário, que seja Alma có homem. Setiver Alma, & boa Alma, não quererá fazer mal: mas se juntamente não tiver actividade, & resolução, & talento de homem, não fará cousa boa. Deolhe Deos memoria, entendimento, & vontade: a me-

moria, para que se lembre da sua obrigação; o entendimento, para que saiba o que ha de mandar; & a vontade, para querer o que for melhor: & não homens de húa só potencia (que por isso fazem impotencias) & faltandolhe a memoria, & o entendimêto, só tem má vontade. Com todas estas qualidades formou Deos, & aperfeiçãoou a imagem, que no governo do mundo havia de representar a Magestade divina: bem assim como representaõ as Magestades humanas os que em seu lugar, & com seus poderes governaõ estas, ou outras pequenas partes do mesmo mundo. A imagem do Cesar não só estava estampada na moeda, senão tambem, & muito mais em quem governava a Republica. Na moeda era imagem morta, em quẽ governava, imagem viva: na moeda davalhe o cunho o valor, em quem governava davaõlhe as provisões o poder. E se de qualquer dellas se perguntasse:

talle: *Cujus est imago hæc;*  
 Cuja he esta imagem? De  
 ambas se havia de respon-  
 der em differente sentido,  
 mas com a mesma verda-  
 de, que era imagem do Ce-  
 sar: *Dicunt ei: Cæsaris.*

305 Supposta esta sig-  
 nificação nascida com o  
 mundo, & cô a mesma na-  
 tureza, de que são imagens  
 dos Principes os que go-  
 vernão em seu nome, & os  
 representaõ; se eu prégara  
 em outra parte, havia de  
 repartir o Sermão em tres  
 pontos. Primeiro, como  
 haõ os Cæsares de fazer as  
 suas imagens: segundo, co-  
 mo haõ as imagens de re-  
 presentar os Cæsares: ter-  
 ceiro, como os subditos, &  
 vassallos dos Cæsares haõ  
 de reverenciar, & obedecer  
 às mesmas imagens. Mas  
 porque o primeiro ponto  
 não pertence a esta terra,  
 nem a este Auditorio; tra-  
 tarei sòmente do segundo,  
 & do terceiro, que são  
 tão proprios do lugar,  
 como necessãrios ao tempo.

## §. III.

306 **C**omeção do pois  
 pela obrigação das  
 das imagés, assim como he  
 grande dignidade haver de  
 representar hum Principe  
 supremo nos olhos do mû-  
 do, ( ou seja maior, ou me-  
 nor o theatro ) assim he  
 mui difficultoso, & arrif-  
 cado o acerto dessa grande  
 representaçõ. Facil no  
 que toca ao poder, mas no  
 mandar, & obrar, muito  
 difficultosa, & de poucos.  
 Isso quiz significar o Pro-  
 verbio dos antigos, quan-  
 do disserão, que a imagem  
 de Mercurio não se faz de  
 qualquer madeiro: *Non ex  
 quolibet ligno fit Mercurius.*  
 É porque mais a imagem  
 de Mercurio, que a de Ju-  
 piter, q̄ era entre os Deo-  
 ses a primeira, & mais alta  
 soberania? Porque Jupi-  
 ter era Deos do poder,  
 Mercurio da sabedoria, &  
 prudencia: & a magestade  
 do poder qualquer a pôde  
 representar facilmente, as  
 accoens porém da sabedo-  
 ria,

ria, & prudencia são mui poucos os que sejaõ capazes de as compor, & exercitar, como ellas requerẽ. Mais facil he parecer Jupiter, que Mercurio. Quando S. Paulo, & S. Barnabè entrãõ em Licaonia, admirados aquelles Gentios do que viaõ em ambos, differaõ, que os Deoses em semelhança de homens tinhãõ decido do Ceo à sua Cidade: & a Barnabè chamavaõ Jupiter, & a Paulo Mercurio: *Vocabant Barnabam Iovem, Paulum verò Mercurium.* Mas se Paulo por tantas, & taõ excellentes prerogativas era maior que Barnabè, porque deiraõ a Barnabè, & naõ a Paulo o nome de Jupiter, & a Paulo, & naõ a Barnabè o de Mercurio? Porque Barnabè excedia na estatura, & magestade da pessoa, Paulo na eloquencia, na sabedoria, & na doutrina: *Quoniam ipse erat dux verbi:* & a representaçaõ da sabedoria requiere muito maior cabedal, & muito maior homẽ, q̃a da magestade.

307 Subãmos das deidades fabulosas à verdadeira, & ella nos darã a razãõ desta differença. O Verbo eterno como Filho natural de Deos Padre, he imagem perfeitissima do mesmo Deos. E porque nõ fer divino atẽ os Gentios consideravaõ duas eminências superlativas, hũa da summa bondade, & outra da summa grandeza, por onde chamavaõ a Deos Optimo Maximo: declarando Salamão no livro da Sabedoria a summa perfeiçaõ com que no Verbo se representãõ hũa, & outra, diz que he espelho sem macula da Magestade de Deos, & imagem de sua bondade: *Speculum sine macula Dei maiestatis, & imago bonitatis illius.* O que aqui só reparo, he, que hũa, & a mesma representaçaõ em quanto he da magestade, se chama espelho: *Speculum maiestatis;* & em quanto he da bondade, se chama imagem; *imago bonitatis illius.* E a razãõ desta differença, deixando por

A. Sor.  
5. 14.

bidem.

Sapientia  
7. 26.

por agora a Theologica, & buscando sómente a Moral, qual he, ou pôde ser? He a mesma que exprimê-tamos na facilidade das imagens, que vemos no espelho, & na difficuldade das que se mostraõ, & representão em sy mesmas. As imagens que se representão em sy mesmas, ou são de pintura, ou de escultura. As de pintura fazem-se com muitos debuxos, muitas cores, muitas sombras, muitos claros, muitos escuros: as da escultura có muito bater, muito cavar, muito polir, muitos cheyos, muitos vazios: & humas, & outras có muita arte, muita applicação, muito trabalho. Pelo contrario as imagens, que se representão no espelho, ellas se pintão sem tinta, & se entalhão sem ferro, & apparecem perfectas em hum momento sem mais trabalho, ou artificio que hũa reflexão natural. Pois por isso as da magestade se representão no espelho, porque a magestade, & o po-

der, & a ostentação, & execução d'elle he muito facil: porém as da bondade, que são as do bem mandar, & bem obrar, & bem fazer a todos, representãose nas outras imagens, ou pintadas, ou esculpidas, porque estas são muito difficul-tas, & trabalhosas, & que requerem muita arte, muita sabedoria, muita proporção, muita regra. As imagens de escultura fazem-se tirando, as de pintura, pondo: para este tirar, he necessario muito desintereffe: para este pôr, & acrescentar, muita igualdade: & para hũa cousa, & outra, muita prudencia, muita justiça, muita inteireza, muita constancia, & outras grandes virtudes, q̃ mais facilmente faltaõ todas, do que se achão juntas.

308 Nas duas imagẽs de Jupiter & Mercurio, q̃ se attribuíraõ aos dous Apostolos, temos o exemplo de tudo. A imagem de Jupiter pintavase com hum rayo na mão, a de Mercurio com hum baculo entre duas



duas serpentes. E aqui se via bem quam facil he húa representação, & quam difficullosa outra. Fulminar rayos, estremecer o mundo com trovoens, escalar torres, derrubar casas, matar homens, fender de alto a baixo cedros, ciprestes, enzinhas, & todas as outras violencias, & danos, que causão os rayos, tudo he muito facil ao poder, em quem abusar delle. Porém meter o bastão entre serpentes discordes, & venenosas, & fazer que não se mordão, nem se espedacé: domar ferezas, amansar rebeldias, & reduzir a que vivão conforme a razão os que por natureza, & costume não têm uso della; esta he a difficulidade grande em toda a parte, & na terrã em que estamos, maior que em nenhúa outra. Menos ha de cincoenta annos, que nesta terra se não conhecia o nome de Rey, nem se tinha ouvido o de Ley: & que difficulidade será fazer obedecer, & guardar nella as Leys dos Reys? Desde

Tom. 7.

o mesmo tempo se sustentão os que a conquistárão não dos pastos de animaes domesticos, senão da caça, & montaria de homês: & que difficulidade será ainda maior manter em paz, & justiça os que só se mantem da guerra injusta? Esta he pois a primeira difficulidade geral deste governo, mas esta a obrigação, & officio dos que nelle representão a imagem do Cesar.

## §. IV.

309 **A** Segunda difficulidade, que mais ainda impede, & quasi impossibilita a boa representação destas imagens, he, que as imagens, & o Cesar estão muito distãtes. Quando respondêrão a Christo, que aquella imagem era do Cesar, o Cesar estava em Roma, & a imagem em Jerusãlem. Que será onde o Cesar, & o Rey está na Europa, & as imagens na America? O Rey em hum mundo, & os que

Y ore-

o representão em outro? Até Deos se temeo destes longes: não porque não esteja em toda a parte, & veja tudo, mas porque vê sempre visito. Assim o mandou notificar ao mundo pelo Profeta Jeremias: *Putas ne Deus e vicino ego sum, & non Deus de longe?* Cuidais que eu sou Deos só de perto, & não de longe? Enganaif-vos; porque ainda que no Ceo tenho a minha Corte, tanto assisto na terra, como no Ceo: *Cælum & terram ego impleo.* Ouve com tudo homens tão ignorantes, que interpretando mal o verso de David: *Cælum cali Domino, terram autem dedit filijs hominum:* cuidáraõ que porq Deos puzera a sua Corte no Ceo, demittira de sy o dominio da terra, & o dera aos homens. Não creyo q os que governão as Conquiltas cuidão o mesmo, mas he certo, que muitos as dominão tão despoticamente, como se o cuidáraõ. Tão senhores se fazem dellas, como se ellas, & el-

Jerem.  
23. 23.

ibid. 24.

Pfalm.  
113. 16.

les não tiverão outro senhor. Tanto atrevimento lhe dà estar o Principe longe, o recurso longe, & até a verdade não só escurecida, mas opprimida dos mesmos longes. A Rainha Sabà chamava bemaventurados os que serviaõ a El-Rey Salamão em sua presença. E desta bemaventurança se privão em tempo de tão bons, & tão justos Reys como os nossos, os que por serviço seu, & de Deos, se expoem não só às inclemencias dos climas, que he muito menos, mas às furias dos longes: & a ver, & chorar de perto as perdas temporaes, & eternas, de que elles são causa.

310 Diz a parabola do Evangelho, que partio hũ Rey para muito longe a conquistar hũ novo Reyno, & entre tanto deixou encomendada a sua fazenda a tres criados, para que negociassẽ com ella. Destes tres criados hum não negociou, mas não roubou, & os dous deraõ tão  
boa

boa conta da sua negocia-  
ção, que dobrarão o cabe-  
dal do Rey, & merecerão  
delle grandes merces. Di-  
toso tempo, em que de tres  
criados de que fez confi-  
ança hum Rey, servindo  
não à sua vista, senão mui-  
to longe d'elle, os dous lhe  
acrecentarão a fazêda em  
dobro, & o menos diligen-  
te, posto que a não acre-  
centou, nem hum feitil  
furtou della. Acharseha  
hoje hum par, & meyo de  
criados semelhantes a es-  
tes? Nem em tres, nem em  
trinta, nem em trezentos.  
E qual he a razão? O mes-  
mo Texto a deo narrativa-  
mente em bem clara prova  
do que imos dizendo. Diz  
o Texto, que foi o Rey  
muito longe do seu Reyno  
a conquistar outro, mas  
para tornar outra vez:

Luc 15.  
12.

*Abijt in Regionem longin-  
quam accipere sibi Regnum,  
& reverti. Quando os Reys  
vão do seu Reyno às Con-  
quistas, & das Conquistas  
tornão ao Reyno: ainda  
que as Conquistas estejaõ  
muito longe, aquelles lon-*

ges tem depois os seus per-  
tos; & por isso os criados  
na ausencia servem cõ tal  
respeito, ou tal medo, que  
na presença dão boa conta  
de sy. Porém quando os  
Reys não vão às Conqui-  
stas, ou ellas são tão remo-  
tas, que não põdem là ir;  
como os longes sempre são  
longes; quam longe está o  
Rey dos criados, tão longe  
se poem elles das suas obri-  
gaçoens. Quando o Rey  
vai do Reyno às Conqui-  
stas, & das Conquistas tor-  
na ao Reyno, he Rey do  
Reyno, & mais das Con-  
quistas: mas quando o Rey  
fica no Reyno, & às Con-  
quistas manda só os cria-  
dos, os criados são os Reys  
das Conquistas, & não o  
Rey. O Rey fallos suas  
imagens, & elles fazemse  
Reys.

311 E quem lhe dà  
estes azos, ou estas azas, se-  
não aquellas que os levão,  
& poem tão longe? De  
Roma a Jerusalem ainda  
tinhaõ algum vigor os res-  
peitos do Cesar: *Si hunc*

Joana:  
19.12.

*dimittis, non es amicus Ca-*  
saris.

Y ij

faris. Mas de Lisboa à Índia, & ao Brasil com todo o mar Oceano em meyo? a fé, a obrigação, a obediencia, o respeito, tudo se esfria, tudo se maréa, tudo refervê. Vendose taõ longe de quem os manda, como lãpõdem o que querem, não se contentão có querer o que pòdem. Levão os poderes de imagens, & tomão as omnipotencias de Cesares; & não de Augustos, ou Trajanos para conservação, & aumento da Monarchia, mas de Tiberios, de Caligulas, de Neros, destruidores della: para que nos não admiremos das ruinas da nosã, nem lhe busquemos outra causa. Porque perdeo Adam com o Paraisõ a Monarchia do Vniverfo? Porque se não contentou com ser imagem de Deos, mas quiz ser como o mesmo Deos, que o fizera sua imagem. A tentação com que o fez apostatar o Demonio, foi com lhe dizer, que seria como Deos. Mas se Adam já era como Deos,

pois era sua imagem, que lhe prometeo de mais o Demonio naquelle *sicut, eritis sicut dij*? O equivoco do *sicut* foi verdadeiramente diabolico. Adam em quanto imagê de Deos já era como Deos na representação, mas não era como Deos na soberania: & isto he o que lhe prometeo o Demonio. E como Adam se não contentou de ser como Deos só na representação, que era o que tinha por imagem, & quiz ser como Deos na soberania, que era o que lhe vedava a obediencia, & o preceito; por isto quebrou o preceito, & negou a obediencia a Deos. Isto que fez Adam na Asia, he o que fazem na mesma Asia, & na nosã America os que não se contentando com ser imagens dos Reys, excedem tão exorbitantemente toda a medida, & proporção de imagens, como agora veremos.

§. V.

312

**A**Ntes de haver  
no mundo a  
arte

arte da pintura ( que começou depois do incendio de Troya ) diz Plinio, que se retratavão os homens cada hum pela sua sombra. Punhasê o homem em pè, fazia sombra com o corpo interposto à luz do Sol, & aquella sombra cortada pela mesma medida era a sua imagem. E como se podia conhecer a imagem, se não tinha feiçoens por onde se distinguisse? Diz o mesmo Plinio, que para se conhecer, lhe escreviaõ ao pè o nome de quem era: *Omnes umbra hominis circumducta: ideo & quos pinguerent adscribere institutũ.* Faziãose os retratos naquella rudeza da arte, como em Portugal os que chamão Ricos feitos: nos quaes as imagens se não conhecerião pela figura, se o não dissesse o rotolo. E he lastima, que prohibindo Alexandre, que ninguém podesse pintar a sua imagem, se não Apelles; cã nos appareçaõ algũas figuras tão deffemelhantes dos soberanos originaes,

Tom.7.

que mais parecem Ricos feitos, que verdadeiras imagens do que ha de crer a nossa fé que representaõ. Mas ainda tinhaõ outra maior impropriedade as imagens cortadas pela medida da sombra, porque seguindo o lugar em que estivesse o Sol, seriaõ sem nenhuma proporção muito maiores que os mesmos a quem representavão. E isto he o que se vê, como eu dizia, na Asia, & na America, nas Indias Orientaes, onde nasce o Sol, & nas Occidentaes, onde se poê. Não pôde haver semelhãça mais propria. A sombra quando o Sol està no Zenith he muito pequenina, & toda se vos mete de baixo dos pès: mas quando o Sol està no Oriente, ou no Occaso, essa mesma sombra se estende tão immensamente, que mal cabe dentro dos horizontes, Assim nem mais nem menos os que pertendem, & alcanção os governos ultramarinos. Là onde o Sol està no Zenith, naõ só se

Y iij me-

metem estas sombras de baixo dos pés do Príncipe, fenão também dos de seus Ministros. Mas quando chegão àquellas Indias, onde nasce o Sol, ou a estas, onde se poem, crecem tanto as mesmas sombras, que excedem muito a medida dos mesmos Reys, de que são imagens.

He cousa muito notavel, & que por ventura não tendes advertido, quanto excedeo a medida de Nabucodonosor a grandeza daquella imagem, que elle mandou fazer depois que vio em sonhos a da sua Estatua. Diz a Historia sagrada, que tinha de altura, ou cõprimento sessenta covados: *Nabuchodonosor Rex fecit statuam auream altitudine cubitorum sexaginta.* Agora pergunto: E quanto vinha a ser maior a grandeza desta imagem, que a estatura do mesmo Rey, a quem representava? Segundo as regras de Vitruvio, & a symetria, & proporçoens de hum corpo humano, o dedo menor

da mão, a que vulgarmente chamamos meminho, contém a decima oitava parte do mesmo corpo. E que se segue daqui? Cousa verdadeiramente não sei se mais para admirar, se para rir. Seguese que todo Nabucodonosor cabia dentro do dedo meminho da sua imagem. Já não he grande a insolencia de Roboam em dizer, que era mais grosso o seu dedo meminho, que El Rey Salomão seu Pay pela cintura. Mas qual será a daquelles vassallos, que sendo sómente imagens dos seus Reys, se fazem tanto maiores q' elles cã onde o Sol se poe, ou là onde o Sol nasce, quanto he o excessõ immenso com que a sombra se estende, sem outra medida, sem outra proporção, nem outro limite mais que o que no mar, ou na terra fecha os horizontes. A imagem de Nabuco era de ouro, as suas são de sombra: mas como as artes que vê, ou vão exercitar, são as da solida, & verdadeira alchimia,

mia, elles sabem converter essa fombra em ouro, & fazerse melhor adorar que o mesmo Nabuco. A imagem de Nabuco para os seus adoradores não tinha premios, & para os que não adoravaõ tinha fornallhas. Lá, & cá não he assim. Os que adoraõ, & os que não adoraõ, todos ardem: porque todos por diversos modos ficão abrazados, & consumidos

313 Ainda resta a maior dor, & o maior escandalo. E qual he? He que quando estas imagens tornaõ para donde vieraõ, são taes as bullas de canonização, que levão consigo, que merecem ser collocadas sobre os Altares. Oh quem lhe puzera tambem diante as insignias dos seus milagres! Vede que Xavieres da India, & que Anchietas do Brasil! É o peor he, que se algum os não imitou, nem teve imitadores; esse he recebido sem applauso, & está sepultado sem culto. Mas não deixemos em silencio os mila-

gres dos applaudidos. Nesses famosos Santuarios da Europa, onde se veneraõ imagens milagrosas, alli se vem penduradas as mortalhas, as muletas, as cadeas, as amarras, os pès, os braços, os olhos, as linguas, os coraçoes dos que protestaõ naquelles votos deverlhe miraculosamente todos estes beneficios. Deixadas pois as outras terras mais remotas, que tambem pôdem testemunhar neste caso; vòs que me ouvis, que direis da vossa? Que milagres viste nos já mortos? (que não fallo, nem quero que falteis nos vivos.) E quaes seriaõ as merecidas insignias, ou trofeos dos mesmos milagres, com que a verdade sem lisonja, & a memoria ainda com horror, lhe adornaria as sepulturas? Tambem alli se veriaõ mortalhas, não de poucos que resuscitaffem, mas de infinitos, & sem numero, a quem tiráraõ a vida. Tambem se veriaõ cadeas, não dos que liberta-

raõ do cativo, mas das naçoens, & povos inteiros, que sendo livres, fizeraõ cativos. Tambem se veriaõ amarras, naõ dos navios, que salváraõ, mas dos que fizeraõ naufragar, & perder, sendo elles no mar, & na terra a maior tormêta. Tambem se veriaõ muletas, não dos estropeados que sarassem, mas dos que sendo ricos, & abastados, os deixáraõ mendigando por portas, & sem remedio. Tambem se veriaõ braços, & pès dos que sendo poderosos, só porque o eraõ, os enfraqueceo, derubou, & opprimio o seu injusto poder sem mais razãõ que a violencia. Tambem se veriaõ finalmente os olhos, que fizeraõ cegar com lagrimas: & os coraçõens que afogáraõ em tristezas, em lastimas, & desesperaçõens: & as linguas que emudecêraõ sem poderem fallar, nem dar hum ay, por lhe naõ ser licito clamar à terra, né ainda gemer ao Ceo. Estes, & outros saõ os milagres da-

quellas canonizadas imagens, que chegando aqui despidas, & tolças, tornáraõ estofadas de bordado, & ouro: & pintadas cõ as falsas cores com que enganáraõ a fama, por ella saõ recebidas em andores, & frequentadas com romarias.

## §. VI.

314

**A** Tègora tenho representado aos nossos novos Governadores, & naturaes o que naõ devem imitar nos estranhos. Nem creyo lhe serà difficultosa a abominação de taõ perniciosos exemplos, naõ só como experimentados em todos, mas tambem como feridos, & magoados. Saibaõ porèm que nelles como naturaes concorre outra terceira difficultade, que nos estranhos naõ tem lugar. Porque? Porque ainda que huns, & outros saõ imagens, elles saõ imagens com as raizes na terra. As imagens naõ só saõ obras dos Estatuarios, & Pintores,

res,



res, senão também dos Jardineiros. Hũa das cousas mais curiosas, que se vê nos jardins, onde as terras se cultivão mais primorosamente que nesta nossa, são varias figuras de murta, ou de outras plâtas formadas com tal artificio, proporção, & viveza de membros, que tirada a cor verde, em tudo o mais se não distinguem do natural que representaõ. Mas esta mesma representaçõ he muito difficultosa de conservar. As outras imagens, ou sejaõ fundidas em metal, ou esculpidas em pedra, ou entalhadas em madeira, ou pintadas nos quadros, ou tecidas nos tapizes, sem mais diligencia, nem cuidado, sempre cõservãõ, & representaõ a figura que lhe deõ o artifice. Porém as que são formadas de plantas, como tem as raizes na terra, donde recebem o humor, crescendo naturalmente os ramos, facilmente se descõpoem, & se fazem monstros. Isto mesmo succede, ou póde su-

ceder aos que tem o governo da sua propria patria, & não por outra razão, ou fundamento, senão porque tem as raizes na terra. Alli tem os parétes, alli os amigos, alli os inimigos, alli os interesses da fazenda, da familia, da pessoa: & qualquer destes humores, ou respeitos, & muito mais todos juntos, podem descõpor de tal forte a imagem, & representaçõ de quem governa, que nem apparecia lhe fique do que deve ser, & em tudo obre, & seja o côtrario do que he obrigado. Se o humor das raizes lhe brotar pelos olhos, não poderà ver as cousas, nem ainda olhar para ellas sem paixão, que he a que troca as cores às mesmas cousas, & faz que se vejaõ hũas por outras. Se lhe tomar, & occupar os ouvidos, não ouvirà as informaçoens com a cautela cõ que as deve examinar, ou ficarà taõ furdo, que as não ouça, ainda que sejaõ clamores. Se lhe rebentar pela boca, mandarà o que de-

ve prohibir, & prohibirá o que deve mandar, & as suas ordens serão desordens, & as suas sentenças aggravos. Finalmente, se fair, & vecejar pelos braços, & pelas mãos, que são as extremidades mais perigosas, & onde se exprimentão maiores excessos, estenderà os braços aonde não chega a sua jurdição, & meterà a mão, & encherà as mãos do que não deve tocar.

315 Por certo que se os que tomáráo sobre sy estes encargos se aconselhárao, não digo comigo, senão com as mesmas plântas, que tem as raizes na terra, ainda que os governos foraõ de maior supposição, & authoridade, os não haviaõ de aceitar. O primeiro apologo que se escreveo no mundo [ que he fabula com significação verdadeira ] foi aquelle que refere a sagrada Escriitura no Capitulo nono dos Juizes. Quizerão ( diz ) as Arvores fazer hum Rey que as governasse, & foraõ

offerer o governo à Oliveira, a qual se escusou, dizendo, que não queria deixar o seu oleo, com que se ungem os homés, & se alumiaõ os Deoses. Ouvida a escusa, foraõ à Figueira, & tambem a Figueira não quiz aceitar, dizendo, que os seus figos eraõ muito doces, & que não queria deixar a sua doçura. Em terceiro lugar foraõ à Vide, a qual disse, que as suas uvas comidas eraõ o fabor, & bebidas, a alegria do mundo, & a quem tinha taõ rico patrimonio, não lhe convinha deixalõ para se meter em governos. De sorte que assim andava o governo universal das arvores, como de porta em porta, sem haver que o quizesse. Mas o que eu noto nestas escusas, he, que todas convieraõ em hũa só razaõ, & a mesma, que era não querer cada hũa deixar os seus frutos. E ouve alguem que disseste, ou propuzesse tal cousa a estas arvores? Ouve alguem, q̄ disseste à Oliveira, que ha-

via de deixar as suas azeitonas, nem a Figueira os seus figos, nem a Vide as suas uvas? Ninguém. Sòmente lhe disserão, & propuzeraõ, que quizessem aceitar o governo. Pois se isso foi só o que lhe disserão, & offereceraõ, & ninguém lhe fallou em haverm de deixar os seus frutos; porque se escusáraõ todas com os não quereré deixar? Porque entendéraõ, sem terem entendimento, que quem aceita o governo de outros, só ha de tratar delles, & não de sy: & que se não deixa totalmente o interessê, a cõveniencia, a utilidade, & qualquer outro genero de bem particular, & proprio, não pôde tratar do cõmum.

316 Saibamos agora, & não de outrem, senão das mesmas arvores, se este bom governo, do modo q ellas o entendéraõ, se pôde conseguir, & exercitar có as raizes em terra? Assim as que o offerecéraõ, como as que o não aceitáraõ, todas

concordão, que não. Que disserão as que offerecéraõ o governo? Disserão a cada hũa das outras: *Veni, & impera nobis*: Vinde, & governainos. Vinde? Logo se ellas haviaõ de ir, haviaõ se de arrancar do lugar onde estavão, & deixar as suas raizes. E cada hũa das que não aceitáraõ, que respondeo? Respondeo, que não podia ir, porque movendo se havia de deixar as suas raizes, & sem raizes não podia dar fruto:

*Nunquid possum deserere pinguedinem meam, & venire, ut inter ligna promovear?*

De maneira que governar, & governar bem, não pôde ser com as raizes na terra. Governar mal, & para destruição do bé cõmum, isso sim. E na mesma historia o temos, que ainda vai por diante. Vendo as arvores, que as tres a que tinham offerecido o governo, o não quizerão aceitar, diz o Texto, que se forão ter com o Espinheiro, & lhe fizerão a mesma offerta. E que respondeo o Espinheiro?

Judic.  
9. 12.

ibid 9.

pinheiro? He reposta muito digna de ponderação. A proposta das arvores foi a mesma: *Veni, & impera super nos*: & elle respondeo não só como Espinheiro, senão como espinhado: *Si verè me Regem vobis constituitis, venite, & sub umbra meà requiescite: si autem non vultis, egrediatur ignis de rhamno, & devoret cedros Libani*: Se verdadeiramente me dais o imperio; vinde todas deitarvos a meus pés, & porvos à minha sombra: & se ouver algũa que repugne, fahirà tal fogo do Espinheiro, q̄ abraze os mais altos cedros do Libano. Não sei se reparais na differença. As arvores, que lhe offerecerão o governo, differãolhe, *Veni*: & elle disselhes, *Venite*. Não fou eu o que hei de deixar as minhas raizes, senão vòs as vossas. Em conclusão, que quem ha de governar bê, deixa as suas raizes; & quem governa mal, arranca as dos subditos, & sô trata de conservar as suas.

**E**Sta he a particular difficuldade, & o grande perigo em que estaõ de se não cõformarem com o soberano original, que representaõ as imagens, que tem as raizes na terra. He necessario para se conservarem nesta nova representaçõ, & para governarem como devem, que se apartem das suas proprias raizes. Olhai para todas as varas desde a maior à menor com que se governa a Republica. Aquellas varas não tiverão tambem suas raizes? Sim tiverão. Mas para governarem, & terem jurdiçãõ, todas foraõ primeiro cortadas das mesmas raizes, & por isso todas saõ varas secas. Que remedio logo para que as novas varas, que nos governão, tendo como tem as raizes na terra, conservem a imagem do Cesar que representaõ? O melhor, & anticipado remedio ouvera sido escusarêse como

como fizerão as arvores bem entendidas; mas a escusa já não tem lugar. O receo de poderem ser como o Espinheiro, que prometeo sombras, & ameaçou rayos, também me não dá cuidado; porque todos conhecemos a moderação, & modestia dos que accitirão o governo. Mas porque os mesmos governos antes costumão mudar as condiçoens dos homens, que conservaas; o mais seguro meyo de todos seria cortar as raizes. E quando a resolução de algum fosse tão animosa que assim o fizesse; eu me atrevia a lhe prometer da parte de Deos, que nem por isso lhe farião falta. A Vara de Aram não tinha raizes na terra; & com tudo reverdeceo, floreceo, & deo em meyo dia o fruto, que as raizes lhe não podião dar em menos de hum anno. Mas deixados os milagres a Deos, & recolhendonos aos limites da natureza, só vos aconselho, que façais com toda a applicação o

que pôde a diligencia, & a industria. Que faz o Jardineiro para conservar a representação das suas imagens, por mais que tenhaõ as raizes na terra? Traz sempre os olhos postos na figura que representaõ; & contra todo o impeto do humor, que as mesmas raizes naturalmente cõmunicão à planta, já endireitãdo, já dobrando, já ligando, já decorando, conserva nellas a imagem tão proporcionada, inteira, & sem mudança, como se a tivera lavrado em marmore, ou fundido em bronze.

318 Tudo isto he necessario a quem ha de retratar, ou transfigurar em sy não outra, nem menor, ou menos sagrada imagẽ, q̃a da mesma Pessoa Real, a quem representa. Ha de endireitar, ha de dobrar, ha de ligar, ha de cortar: & como? Ha de endireitar a intenção, tendo-a sempre muito recta de servir só a Deos, & ao Rey. Ha de dobrar a vontade, para que sempre se incline, & siga o  
juiz

juizo, & ditames da verdadeira razão. Ha de ligar, & atar o appetite, que junto com o poder, he muito violento, & rebelde, para que se não defenfrée. E finalmente, se algum destes affectos quizer brotar no que não he decente a tão soberana representação, decotalo logo, & cortalo para que a não descomponha; & se acaso se sente por dentro, não apareça fóra. A figura que haveis de trazer sempre diante dos olhos, he o mesmo Rey de quem sois imagé: & não como ausente, senão como presente; nem como invisível, senão como visto. Mas como pôde isto ser, se elle está tão distante? Muito facilmente, se não tirares os olhos do seu Regimento, no qual vereis ao mesmo Rey tão natural, & vivamente retratado em sua propria figura, como se a tivereis presente. Dirmcheis que no vosso Regimento ledes sim as palavras, & firma do Rey, mas não lhe vedes a figura.

Ora abri melhor os olhos, & logo a vereis; mas he necessario levantar o pensamento. S. Paulo diz, que o Verbo eterno he a figura da propria sustancia do Padre: *Qui cum sit splendor glorie, & figura substantiæ ejus.* E que he, ou quer dizer o Verbo? He, & quer dizer a palavra. Pois a palavra de Deos he a figura da sua propria sustancia, *figura substantiæ ejus?* Sim. Porque toda a sua sustancia, & todo o seu ser imprimio, & exprimio Deos na sua palavra, como propria, natural, & perfectissima figura de sy mesmo. E assim como Deos imprime, & exprime a sua figura na sua palavra, assim os Reys, que são os Deoses da terra, se imprimem, & estampão nas suas. De maneira que quem lê as palavras, a firma, & as ordens do Rey nos seus Regimentos, vê a propria figura do Rey, ou vê ao Rey em sua propria figura. Nunca o pincel de Apelles retratou tão felizmente a Alexandre,

dre, & o representou aos olhos tão proprio, & tão vivo, como os Reys no que escrevem, & ordenaõ, se retrataõ, ou reproduzem a sy mesmos. *Sapiens in verbis producet seipsum*: diz o Espirito Santo. Mas ouçamos a hum Rey.

319 Noutempo em que os Godos domináraõ a Italia, hum dos Reys que tiveraõ a fortuna de escrever com a penna de Cassiodoro, despachando seus Regimentos a alguns Ministros aufentes, que nunca o tinham visto, diz assim: *Tenete speculum cordis, speculum voluntatis, ut quibus non sum facie notus, fiam moru qualitate recognitus*: Quando chegarem a vossas mãos estas minhas letras, recebei-as como hum espelho do meu coração, da minha vontade, & de mim mesmo: das quaes, pois me não conheceis pelo rosto, me conhecereis pelo animo. Notai agora o que acrecenta com juizo verdadeiramente real, & decriçaõ, & agudeza mais

que de Rey: *In hac me potius parte conspiciat quae latet praesentes: non est vobis damnum absentiae meae: utilius est mente nosse, quam corpore*. Folgai ( diz ) de me ver antes no que vos escrevo, que em minha propria pessoa, entendendo que me vedes melhor do que os que na minha Corte estaõ presentes; porque vereis o que elles não vem, & sabereis de mim o que eu lhe encubro a elles: assim q̄ por este modo nenhum dano recebereis da minha ausencia, nem a minha presença vos fará falta; porque na presença, como os demais, vermeheis o rosto, & na ausencia, pelo que vos ordeno, vermeheis a Alma. Mas não deixemos sem pôderação chamar o Rey às suas ordens escritas espelhos de sy mesmo: *Tenete speculum cordis, speculum voluntatis*. A mais perfeita figura, que inventou a natureza, & não pôde imitar a arte, he a que se vé no espelho. Porque o q̄ se vê

nas cores da pintura, ou no vulto das estatuas, he só húa semelhança, & representação da pessoa; porém no espelho não se vê semelhança, ou representação, se não a mesma pessoa por reflexão das especies. O espelho não he outra cousa que hum impedimento das especies com que vemos, o qual as não deixa passar, & tornaõ para os olhos. E assim como o espelho sendo impedimento da vista por meyo da reflexão melhora a mesma vista, assim na ausencia, que tambem he impedimento da vista, por meyo da escriptura fica a mesma vista melhorada. Sem escriptura he a ausencia impedimento, com escriptura he espelho. Este espelho pois dos Reys, em que mais vivamente se representa a sua mesma Pessoa, que na sua propria figura, he o q haõ de trazer sempre diante dos olhos os que tem por obrigação, & officio ser imagẽs do Rey. Entendendo que em qua-

to observarem as ordens do seu Regimento, serãõ imagens do Cesar; & pelo contrario no ponto em q senãõ conformarem com ellas, perderãõ a semelhança, a figura, & o ser de imagens suas.

320 Perguntaõ os Theologos, se Adam pela desobediencia perdeu o ser que tinha de imagem de Deos? E respondem geralmente que não; porq não perdeu a memoria, entendimento, & vontade, em que consistia a semelhança de Deos trino, & hum, a que o mesmo Deos o tinha criado. Mas esta reposta tem necessidade de distincção. O mesmo homem de dous modos era imagem de Deos: hum como imagem natural, outro como imagem politica. Em quanto criatura racional com a soberania do livre alvedrio em tres potencias, era imagem, que naturalmente representava a Deos, a qual de nenhum modo podia perder, porque nella consistia a sua propria essencia.



fencia. Porém em quanto senhor do mundo com o governo de todos os animaes, era locotenente do mesmo Deos, & imagem politica sua, & esta não só a podia perder Adam, senão que de facto a perdeu. Mas quando, & como? Tinha-lhe Deos dado por Regimento, que guardasse o Paraíso, & que nem elle, nem sua mulher comessem do fruto da arvore vedada. E em quanto Adam guardou este Regimento ( que não se sabe ao certo por quanto tempo foi ) conservou inteiramente em sy esta segunda imagem de Deos, sendo venerado, & reconhecido por senhor, & obedecido no ar, no mar, & na terra de tudo quanto vivia nestes tres elementos. Porém depois que faltou à observancia do mesmo Regimento, antes o quebrantou em tudo, não guardando o Paraíso, porque deixou entrar nelle a Serpente, nem se abstenendo da arvore prohibida, porque consentio que Eva

Tom. 7.

comesse, comendo também elle; logo perdeu a imagem, em que representava a Deos politicamente, & os animaes, q já não viaõ, nem reconheciao nelle a imagem, que tinha perdido, por instinto natural se rebelláraõ, & lhe negáraõ a obediencia.

321 Vistes ( diz elegantemente neste passo S. Chrysoftomo ) vistes a sujeição có que o vossõ caõ vos reconhece, a promptidão có que chamado acode, o amor com que vos segue, & o alvoroço natural có que vindo de fóra, vos fae a receber, & a saltos vos festeja: & pelo contrario, se vos disfarçastes, & cobristes o rosto com hũa mascara, esse mesmo caõ, ladrando, remete a vòs, & como estranho, ou inimigo dà rebate contra vós em vossa propria casa? Pois isto mesmo succedeo a Adam com todos os animaes, depois que desobedecendo, mudou a figura, & perdeu a imagem de Deos, que era o caracter visivel

Z do

do dominio do Univerſo, que nelle tinha delegado. Tanto vai de guardarem, ou não guardarem o Regimento, & ordens do ſupremo Principe, os que elle ſubſtituiu em ſeu lugar, para que como imagens ſuas o representem. Eu não me queixo das imagens em maſcaradas, porque ſei muito bem as cores, có que honeſta, & modeſtamente ſe ſabem tingir, & fingir, em quanto aſſim lhe importa a ſuas pertençoens; mas a minha queixa, & de todos he, que depois que ſe vem feitas, ou enfeitadas em imagens, entãõ tirãõ a maſcara, & moſtraõ deſcubertamente o q̃ eraõ, & ſempre foraõ. Aſſim que não ha outro meyo certo, & ſeguro de ſe conſervarẽ na inteira representaçãõ de imagens do Ceſar, os que por merce, & authoridade ſua tem eſſe nome, ſe não a verdadeira, & exacta obſervança de ſuas ordẽs; & veremſe, & comporẽſe, & retrataremſe em ſeus Regimentos, como em eſpeelhos.

## §. VIII.

322 **O** Dito atẽ qui baſta (quãdo não ſobeje) para que os noſſos novamente eleitos tenhaõ entendido o modo, co que pòdem, & devem ſatisfazer as obrigaçoens de imagens do Ceſar, em que ſem outro exemplo ſe vem de presente conſtituidos: que era o primeiro ponto da noſſa propoſta. O ſegundo pertence aos ſubditos, & vaſſallos do meſmo Ceſar, & he, como devem obedecer, & reverenciar as meſmas imagens: em que todas as difficuldades, que no primeiro diſcurſo apontamos, eſtãõ facilitadas, & por iſſo ſerã eſte muito breve.

323 Primeiramente nos ſubditos não occorre a difficuldade do acerto na indiferença, ou reſoluçãõ do que ſe ha de obrar; porque eſta ſo pertence a quem manda, & não a quem ſõ deve obedecer: ſendo privilegio ſingular da obediencia,

encia, que podendo errar quem manda , & errando muitas vezes, só o que obedece, ainda seguindo esses mesmos erros , sempre acerta. Do mesmo modo não estão expostos os subditos àquella terrivel tentação, em que mete as imagens dos Cesares o estar longe delles ; porque se as imagens, que os representam, estão longe, os que se devem conformar com ellas, ainda que ellas sejaõ disformes, sempre astem à vista. Finalmente, o serem imagens, que tem as raizes na terra, tão fóra estã de ser inconveniente, que he o que mais convem a toda a Republica. Os que nasceraõ, ou se criaraõ na mesma terra, como as qualidades de cada hũa saõ diferentes, & diferentes os climas, & influencias do Ceo que nellas dominãõ , & conhecem as inclinaçoens, & costumes, ou bõs, ou viciosos dos que as habitãõ, & de tudo tem larga experiencia , assim como podem suavemente pro-

mover o bem, assim sabem os meyoS efficazes, & mais provados, com que se pôde obviar o mal. E de todas estas propriedades, & noticias, não só importantes, mas totalmente necessarias, carecem os que vem de novo , & de fóra, sem lhes valer, como inexper-tos, nenhũa ciencia , discursõ, ou juizo, por agudo, & bem instruido que seja. Adam & Eva tinhaõ ciencia infusa, & sabendo, como não podião ignorar, que as cobras não fallavãõ, por informação de hũa dellas, tendo-os Deos posto no Paraíso para governarem o mundo, o mundo, & o Paraíso tudo perdéraõ em poucas horas.

324 Pelo contrario, quiz Deos acodir ao perigo de se perder totalmente, em que o Povo de Israel estava no Egypto, & a quem escolheo para esta grande empresa de o conservar, & livrar de taõ poderosos inimigos ? A pessoa que escolheo, foi a de Moyses, o qual posto que

vestido de pelles, & com hum cajado na mão guardava ovelhas em hum deserto, não tinha menos que quarenta annos de vida, & experiencia do mesmo Egypto. No Egypto nascéra, entre os Egypcios se criára, & nas escolas do Egypto aprendéra quanto elles sabião: & por isso não com outros instrumentos, senão com o mesmo cajado venceu todas as difficuldades, & consêguio felizmente a empresa, obrando os maiores milagres, q já mais tinha visto, nem vio o mundo. Então queremos que remedee os cativéis do Egypto, & faça milagres no Egypto, quem nunca vio o Egypto. O Profeta Abacuc quando Deos lhe mandou, que fosse a Babylonia socorrer a Daniel, que estava no lago dos Leons, prudentissimamente se escusou, dizendo, que nunca vira a Babylonia, nem sabião onde estava tal lago: *Babylonem non vidi, & lacum nescio.* E se foi a Babylonia, &

tornou a Judéa, & fez em meyo dia pelo ar, o que hū diligente caminheiro não podéra em meyo anno, foi porque o mesmo Anjo, que lhe deo o recado da parte de Deos, o levou, & trouxe, & lhe mostrou o que nunca vira, & ensinou o que não sabião. Supposto pois que os que vem de mil legoas a esta nossa terra, tão nova para elles, como Babylonia para o Profeta, né trazem, nem são trazidos de Anjos em suprimto das experiencias que não tem, & quando começão a decorar os primeiros rudimentos dellas, se voltaõ outra vez para onde vierão; muito melhor providos estão hoje os lugares, que elles havião de occupar, nos que com tanta capacidade de conhecimento, juizo, talento, & verdadeiro amor da mesma terra, a cultivarão como propria, & não desfrutarão como alhea. E quando de seu cuidado, & trabalho collhão algū fruto, esse quando menos ficará onde nasceu,

teo, que he o mesmo que semearse de novo : & não dallo a terra, para que o leve o mar.

325 Todas estas razões de conveniência, & utilidade persuadem no presente governo a prompta fogueição, & alegre obediência dos súditos, respeitando estas novas imagens do Cesar com tanto maior propensão, & vontade, quanto mais têm de naturaes, domesticas, & suas. Mas he tal a protervia da condição humana, & vicio tão proprio da patria; que por serem naturaes, domesticas, & suas as mesmas imagens, em vez de conciliarem maior veneração, obediência, & respeito, degeneraõ em desprezo, desobediência, & rebeldia. Assim lhe succedeo a Saul, & a David, sendo ambos eleitos por Deos, & os mais dignos do governo da sua patria. Huns obedecerão, outros se rebellarão, & em alguns durou a rebeldia não menos que sete annos inteiros, até que a

experiencia do seu erro os fogueitou à razaõ. E se buscarmos as raizes a este vicio, acharemos, que todo elle nasce da igualdade das pessoas, presumindo cada hum, que a elle se devia a eleição do lugar, & a preferencia. A eleição do summo sacerdocio na pessoa de Aram foi tão mal recebida de muitos, que Datan, Abiron, & Coré levantáráõ tal tumulto no povo, que para Deos o socegar, & castigar os rebeldes, se abriu subitamente a terra, & vivos foraõ sepultados no Inferno com todas suas casafas, & familias, & abraçados com fogo do Ceo mais de quatorze mil homens, que seguiraõ a mesma rebellião. E porque a seguirão? Porque muitos delles erão iguaes, & parentes de Aram, & não soffriaõ que lhe fosse preferido. Mas tanto sente Deos, & tão severamente castiga a cegueira de semelhantes ambiçoens; tendo dado por ley ao mesmo povo, que quando em algum tempo

Deut.  
1. 15Joann.  
10. 14

ouveſſem de eleger quem os governaſſe a todos, não foſſe outrem, ſenaõ de ſeus irmãos, & de nenhum modo homem eſtranho : *Non poteris alterius gentis hominem Regem facere, qui non ſit frater tuus.* Finalmente, ſe como diz Chriſto Senhor noſſo, o bom Paſtor he aquelle, que conhece as ſuas ovelhas, & as ſuas ovelhas o conhecem a elle: *Ego ſum Paſtor bonus, & cognoſco oves meas, & cognoſcunt me mea:* como as poderã governar, & encaminhar bem o eſtranho, (& mais ſe for Mercenario) que nem elle as conhece a ellas, nem ellas a elle?

## §. IX.

326 **M**As contra tudo iſto ſe levãta aquella politica mais ſeguida pelo coſtume, que approvada pelos exêplos, a qual tem perſuadido ao mundo, que ſõ olhe, ou ſe deixe cegar do reſplendor das imagens, ſem adyertir

que a representaçãõ, em que ellas conſiſtem, poſta em qualquer materia, ſempre he a meſma. Quê verdadeiramênte crê em Chriſto, tanto adora em hum Crucifixo de ouro, como em outro de chũbo. Querem com tudo os liſongeiros, & os liſongeados, que ſõ ſe devaõ os governos, & ſõ ſejaõ aptos para elles os nomes pompoſos, & appellidos illuſtres: como ſe as aççoens, & feitos honroſos ſenaõ hajaõ de eſperar com maior razaõ daquelles, que querem adquirir a honra, que dos que cuidaõ, & dizem, que já a tem. O meſmo luſtre dos illuſtres lhes tira o temor, & os enche, ou incha de immuni- dade, que lhe daõ confian- ça para grandes ouſadias; & das ouſadias grãdes nafcem maiores ruinas. O mais illuſtre dos elementos, o mais alto por lugar, & o mais nobre por calidade, he o fogo, & delle ſe acendem os rayos no Ceo, & ſe ateãõ os incendios na terra. O ſeu natural onde che-

chega, he levantar fumaças, & fazer cinzas: & não he acomodado instrumento para edificar, & conservar Cidades, o que costuma abraçar Troyas. Os outros elemétos servem-nos de graça, & só o fogo à nossa custa, porque para servir ha de ter que queimar, & se não queima, não serve. Tal he a luz do mais illustre elemento: & tal muitas vezes o governo dos mais illustres. Não era illustre David, & foi illustrissimo seu filho Salomão: & o Reyno, que sustentou, & amplificou o q não era illustre, perdeu, & desbaratou o illustrissimo.

327 No Apologo que referimos da Escritura sagrada, em que as Arvores buscáráo, & elegéráo quem as governasse, he muito para notar, que aquellas, a que offercéráo o governo, foráa a Oliveira, a Figueira, & a Vide, sem entrar outra nos pelouros desta eleição. Reparaí agora nos appellidos de Figueira, Vide, & Oliveira, que

todos são honrados, mas da nobreza do meyo. E porque não fizerao as Arvores este mesmo offercemento aos Cedros, às Palmas, & aos Ciprestes? Não são estas Arvores entre todas as mais altas, as mais celebradas, as mais illustres? Pois porque não entráráo em cófideração para querer a verde, & florante Republica das plantas, que ellas a governassem? Por isso mesmo; porque erao as mais altas, & as mais illustres. O alto, & o illustre he bom para o bizarro, & ostentoso, mas não para o util, & necessario. As arvores não as fez Deos para bandeiras dos ventos, senão para sustento dos homens. Que importa que a sua altura, ou a sua altiveza seja muita, se o seu fruto he pouco? A que sustentáráo já mais os Cedros, as Palmas, ou os Ciprestes? Pelo contrario a Figueira he a que saborea o mundo, a Oliveira, a que alumia, a Vide, a que o alegra; & todas entre as

plantas as que mais o sustentão. O que diz a Escri-  
tura das outras tres arvo-  
res altissimas, & illustrissi-  
mas, he, que todas buscaõ  
a sua exaltação nos montes  
mais levantados: *Quasi Ce-  
drus exaltata sum in Liba-  
no, & quasi Cypressus in mô-  
te Sion: quasi Palma exal-  
tata sum in Cades.* Hon-  
remse embora com essas  
arvores os seus môtes, que  
os nossos valles não haõ  
mister quem procure a sua  
exaltação, senão quem tra-  
te do nosso remedio. Os  
Cedros, as Palmas, & os  
Cyprestes são os Gigantes  
das arvores, & o que trou-  
xeraõ os Gigantes à terra,  
não foi menos que o dilu-  
vio. Oh que duro seria o  
governo daquelle soberbo  
Triunvirato no forte do  
Cedro, inflexivel; no rugo-  
so da Palma, aspero; &  
no funesto do Cipreste,  
triste! Porém o das outras  
arvores de meãa estatura,  
seria igual, seria modera-  
do, seria suave, que por isso  
todas allegáraõ a sua do-  
çura. E isto he pelas mes-

Ecclef.  
24. 17.  
18.

mas razoens o que deve-  
mos esperar do nosso.

328 Sendo pois taõ  
particulares as convenien-  
cias do novo governo nas  
imagens, que temos pre-  
sentes, do nosso felicissimo  
Cesar, que Deos guarde,  
seja tambem nova, & mais  
exacta que nunca a foguei-  
ção, respeito, & reveren-  
cia, com que todos os vas-  
fallos da mesma Magesta-  
de os venerem, & obede-  
çaõ, não só como se a Real  
Pessoa estivera presente,  
senão em certo modo ain-  
da muito mais. Tenho ob-  
servado assim no Ceo co-  
mo na terra, que mais esti-  
maõ os supremos Monar-  
cas os obsequios, que se  
fazem a suas imagens, que  
a suas proprias Pessoas. Lê-  
brame haver lido em S.  
Agostinho no livro dos  
seus Comentários sobre os  
Psalmos, que residindo em  
Roma no tempo, em que  
ainda não estava desterra-  
da de todo a idolatria, se  
admirava muito de que os  
homens fossem ao Templo  
do Sol, de que hoje se vem  
naõ



naõ pequenos vestigios, & que allí de dia, & naõ de noite adorassẽ a imagem do mesmo Sol com as costas muitas vezes voltadas a elle? Pois se tinhaõ o Sol presente, porque naõ adoravaõ ao Sol, senaõ a sua imagem? Porque entendo a religiaõ, ou supersticiaõ dos Romanos, governada pelos primores da sua propria politica; que muito maior magestade era do Monarca dos Planetas ser venerado de taõ longe em sua imagem, do que adorado em sy mesmo, posto que visto. Ao menos assim he certo, que o julgou a soberania de Nabucodonosor, quando se reputava sua soberba naõ sõ senhor, mas Deos de todo o mundo. Fez aquella Estatua de ouro de taõ desmedida grandeza como sabemos, & com as fornalhas acensas contra os que a naõ adorassẽ, mandou, que ao som de trombetas todos dobrassẽ os joelhos diante della. Pois se Nabucodonosor estava presente, por-

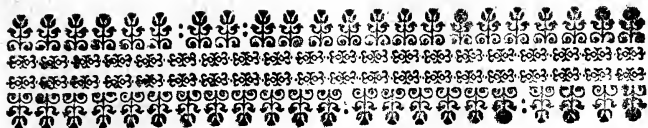
que naõ mandou, que o adorassẽ a elle, senaõ a sua Estatua? Porque era maior ostentaçaõ, & gloria da sua, que chamava omnipotencia, ser venerado, & adorado na imagem, que o representava, que em sua propria Pessoa.

329 Sõ em hũa circumstancia obrou Nabuco como desconfiado, que foi em fazer a mesma imagem de ouro. Faze-a, Rey, de pedra, & serãõ as suas adoraçoens para ella muito mais reverentes, & para ti muito mais gloriosas. Na Estatua de ouro pòde parecer que adoraõ a materia, & naõ a fórma, o preço do metal, & naõ a representaçãõ da imagem. Onde a materia das imagens he menos preciosa, alli està a fé, & a reverencia mais fina. Esta he a fineza do nosso caso, adorando; respeitando, & obedecendo o original soberano do nosso Cesar, naõ nas imagens de ouro, que atègora cã se mandavaõ, senaõ nos marmores naturaes, & dome-  
licos

fticos da nossa mesma terra. Se o effeito for qual se espera, & eu me estou prometendo desta mudança da mão do Altissimo; o presente governo será tão aceito a Deos, & ao Rey, que Sua Magestade o confirme, & faça perpetuo: com menos despeza sua, com grandes utilidades nossas, & com tão conhecidas melhoras, & augmẽ-

to do serviço Real, & Divino, que com summa paz, quietação, & concordia se verifique em todo este Estado, o que Christo responde à pergunta, que hoje lhe fizeraõ no Evangelho; isto he, que a Deos se dê o de Deos, & o de Cesar a Cesar: *Reddite quæ sunt Cæsaris, Cæsari, & quæ sunt Dei, Deo.*





# S E R M A M

## DE NOSSA SENHORA

# DA GRAÇA,

ORAGO DA IGREJA MATRIZ DA CIDADE  
do Pará, cuja festa se celebra no dia da Assump-  
ção da mesma Senhora.

*Maria optimam partem elegit. Luc. 10,*

§. I.



330 Grande dia, grã-  
de festa, grande  
Evangelho : &  
grande difficul-  
dade tambem a de côcor-  
dar com propriedade, &  
verdade o concurso destas  
tres obrigaçoens. O dia he  
grande; porque he aquelle  
fermoso dia, em que a Vir-  
gem Maria, depois de pa-

gar o tributo à morte, co-  
mo verdadeira filha de A-  
dam, resuscitando logo co-  
mo verdadeira Mãe de  
Deos, subio ao Ceu a gozar  
para sempre a gloria de sua  
vista. A festa he grande;  
porque he da Senhora da  
Graça, titulo desta Igreja  
Matriz, a primeira, & ma-  
ior de hũa tão dilatada  
Provincia, & cabeça de to-  
das. O Evangelho he gran-  
de;

de; porque nelle debaixo dos mysteriosos nomes de Martha & Maria se representa as duas vidas activa, & contemplativa, em cujo complexo se contém, & cõprehe toda a perfeição Evangelica. E he finalmente grande a difficuldade de concordar o concurso destas tres obrigaçoens; porque sendo a gloria o fim, & a graça o meyo de a conseguir, antes por a graça à gloria, & o meyo ao fim, não só parece dissonancia, senão de ordem manifesta: & porque applicando o Evangelho a melhor eleição, & a melhor parte à gloria da Senhora, em vez de celebrar a mesma gloria no dia de sua Assumpção, troca-la pelo titulo da Graça, também parece impropriedade, por lhe não dar nome de injustiça.

331 O motivo que tiverão os antigos fundadores, para que havendo levantado este Templo debaixo do titulo da Senhora da Graça, unissem a cele-

bridade do mesmo titulo ao dia da gloriosa Assumpção da mesma Senhora, não consta, nem ficou em memoria. Mas nesta q̃ parece sem-razão, & impropriedade, acho eu tres grandes propriedades, & adequadas razoens. A primeira, porque a graça he o direito por onde se deve aos Justos a gloria: a segunda, porque a gloria se distribue a cada hum pela medida da graça: a terceira, porque quando acaba de se aperfeiçoar a graça, então se começa a possuir a gloria. E como o dia em que se cerrou o direito, em que se igualou a medida, & em que se consumou a perfeição da graça immensa da Mãe de Deos, foi o mesmo dia da sua gloriosa Assumpção: & não em diferentes horas, ou momentos daquelle dia, senão na mesma hora, & no mesmo momento, em que acabou de consumir a immensidade da graça, começou a Senhora a gozar a immensidade da gloria; não só foi piedade, & de-

& devação particular, senão justiça, que neste dia fosse celebrada, como he, com titulo de Senhora da Graça. Tanto assim, q̄ em nenhum outro dia, ou festa da Virgem Senhora nossa se lhe pôde dar propria, & cabalmente o titulo da Graça, senão neste. E porque? Porque em todos os outros dias sempre a sua graça hia crescendo, neste só chegou ao summo grau de sua grandeza, & se vio toda junta, & consumada. No dia da Conceição foi a Senhora côcebida em graça, mas essa graça creceo desde a Conceição até o Nascimento, desde o Nascimento até a Presentação no Têplo, & desde a Presentação no Templo até a Encarnação. No dia da Encarnação esteve a Senhora cheia de graça, mas essa graça foi crescendo até a Visitação, da Visitação até o Parto, do Parto até a Purificação, da Purificação até a Morte, & Ressurreição, & Ascensão de seu Filho, & por tantos annos depois,

em que viveo neste mundo, sempre creceo mais, & mais até o ultimo instante da vida. Logo em nenhum outro dia, senão no ultimo da mesma vida, que foi o mesmo dia da Assumpção da Senhora, se podia, & devia celebrar propria, & cabalmente a sua graça; porque só naquelle dia se acabou de consumir a mesma graça em toda sua perfeição, & grandeza. E isto he o que faz esta nossa Igreja.

332 Mas porq̄ a graça da Virgem Maria foi cõsumada no dia, em que acabou a vida temporal, & a gloria da mesma Senhora tambẽ foi consumada no dia, em que começou a eterna; para entrar na altissima questão, que se não pôde evitar nestes termos, & neste dia, entre a graça, & gloria da mesma Senhora, ambas cõsumadas: & para resolver a qual pertence, conforme o nosso Thema, a eleição da melhor parte, *Maria opti-  
mam partem elegit*; peçamos à mesma Senhora da Gloria, & da Graça nos as-

fista de tal modo com sua graça, q̄ a mereçamos ver na sua gloria. *Ave Maria.*

## §. II.

*Maria optimã partẽ elegit.*

333 **O**cupada Maria com toda a sua atençaõ em ouvir as palavras de seu, & nõsso divino Mestre, assentada a seus sagrados pès: & occupada tambem Martha com todo o seu cuidado nas prevençoens, & policias da mesa, em que havia de servir, & regalar a taõ soberano hospede: Maria entendêdo, que ainda em ley de cortesia era maior obrigaçaõ a da sua assistencia: & Martha queixosa de q̄ sua Irmãa a deixasse só; respondeu o Senhor à queixa de hũa, & acodio pelo silencio de outra, pronunciando como oraculo divino, que Maria escolhêra a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.* Esta historia tomada em allegoria, por não ter Evangelho

proprio, applica a Igreja Catholica à presente Iolê-nidade da gloriosa Assumpçaõ da Virgẽ Senhora nõssa. Não comparando Maria (a Magdalena) a Martha, mas preferindo Maria (a Mãy de Deos) a toda a Corte celestial Anjos, & homens. Divide a gloria do Ceo em duas partes, hũa, que comprehende todos os Bemavêturados, outra, que unicamente pertence a Maria, & esta canta, & apregoa, que não só he melhor de qualquer modo, senão em grao superlativo optima, *Optimam partem elegit.*

334 Por este modo se concorda muito acomodadamente o Evangelho có a gloria da Virgem Senhora nõssa; mas a segunda difficuldade, que reservamos para este lugar, não consiste em concordar o Evangelho com a sua gloria, senão com a sua graça. E que feria se eu dissesse, q̄ muito mais propriamente se concordão o mesmo Evangelho, & as mesmas palavras com

com o titulo da Graça, que com o da Gloria da mesma Senhora. Assim o digo, & assim o provo. Porque tudo o que Maria adquiria aos pès de Christo, & as melhoras em que foi preferida a sua Irmãa, historial, literal, & propriamente eraõ da Graça, & não da Gloria. Cõfirmase do mesmo Texto, o qual diz, que Maria estava ouvindo ao Senhor: *Audiebat verbum illius*. Não diz, que via, senão que ouvia, & o ouvir, que he o sentido da fé, pertence a esta vida, onde a alma se melhora pela graça, & não à outra, em que se beatifica pela vista. Logo quanto à concordia do Evangelho cõ o titulo, muito melhor concordado o temos cõ o titulo da Graça, que com o da Gloria. Porque à Gloria só se attribue em parabola, & por acomodação, & da Graça falla historial, propria, & naturalmente.

335 So resta a comparação de húa parte boa, & outra melhor, & a ventagê-

de quem conseguiu a optima, *Optimam partem elegit*: Na cóparação literal, Maria Magdaléna foi preferida a Martha na melhora da graça: na comparação allegorica, Maria Mãy de Deos foi preferida a todos os Bemavéturados na melhora da gloria. Porém na comparação nossa, & desta Igreja particular, em que a festejamos debaixo do titulo da Graça, no mesmo dia, em que a Igreja universal a celebra debaixo do titulo da Gloria: quando a comparada não pôde ser senão a mesma Senhora comsigo, né a comparação pôde ser outra, senão entre a mesma Graça, & a mesma Gloria; a qual destes dous titulos havemos de dar a preferencia, & de qual havemos de dizer; *Maria optimam partem elegit*: de Maria em quanto Senhora da Graça, ou de Maria em quanto Senhora da Gloria? Este será o altissimo ponto do nosso discurso. E posto que ambos os titulos na Mãy de Deos sejam immé-

fos; para maior gloria da mesma Senhora, daremos a preferencia ao titulo da sua Graça. Oh se a mesma Senhora da Graça nos assistisse com a sua para penetrarmos, ou nos deixarmos bem penetrar desta verdade!

§. III.

336 **P**ara demonstração, & intelligencia della [ que não he facil ainda aos maiores entendimentos ] havemos de suppor, que assim a graça como a gloria, são bens sobrenaturaes. E se me perguntardes [ como deveis perguntar, ou todos, ou quasi todos ) que cousa he bem sobrenatural? Haveis de saber, que he hum bem, o qual na nobreza, no preço, & na dignidade excede a todos os bens da natureza, assim visiveis, como invisiveis. E para que declaremos este excessão com algum exemplo: será como hum diamante comparado com as pedras da rua? Será como o Sol compara-

do com a sombra? Será como hum homem comparado com húa formiga? Será como hum Serafim comparado com húa borboleta? Não. Porque a pedra, & o diamante, o Sol, & a sombra, o homem, & a formiga, o Serafim, & a borboleta, tudo são cousas naturaes, & criadas por Deos em quanto Author da natureza: & como são naturaes, nenhúa dellas tem comparação com o que he sobrenatural Tanto assim, que se Deos criasse, como pôde, outros mil mundos mais perfeitos que este, & povoados de creaturas muito mais nobres, & excellentes, sempre o sobrenatural as excederia incóparavelmente. Porque he grão muito superior a tudo o que comprehende em sy a esfera da natureza. E taes são a graça, & a gloria, que só se podem comparar entre sy, como nós as comparamos nesta nossa questão.

337 Digo pois, ou torno a dizer, que havendo de fa-



fazer escolha entre a gloria, & a graça, conforme o nosso Thema, *Maria optimam partem elegit*, antes devemos escolher a graça, que a gloria. E isto não por húa razão, senão por muitas. Seja a primeira, porque a graça envolve consigo a glória: & ainda que possa haver graça sem gloria, não pôde haver gloria sem graça. A graça he fundamento da gloria, & a gloria he consequência da graça: a graça a ninguem he devída, & a gloria he devída a todo o que está em graça. Diz o Apostolo S. Pedro, que na graça, que he a fórma com que Deos nos faz participantes da natureza divina, nos deo as maiores, & mais preciosas promessas. Este he o sentido daquellas palavras: *Per quem maxima, & pretiosa nobis promissa donavit, ut per hæc efficiamini divinæ consortes nature.* De forte que na dádiva nos deo Deos a dádiva, & mais as promessas. Mas se as promessas são de futuro,

& a dádiva de presente, como nos deo as promessas na dádiva? Porque as promessas futuras são a gloria, & bemaventurança, que havemos de gozar no Ceo, a dádiva presente he a graça de que já gozamos na terra: & porque na graça se envolve a gloria, & bemaventurança, que lhe he devída, por isso quando nos deo a dádiva, nos deo juntamente as promessas: *Maxima, & pretiosa nobis promissa donavit.*

338 Assim declaraõ este famoso lugar de S. Pedro os mais doutos, & mais literaes Expositores, mas eu tenho outro melhor Expositor que todos elles, o Real Profeta. *Quia misericordiam, & veritatem diligit Deus, gratiam, & gloriam dabit Dominus.* Porque Deos ama a misericordia, & a verdade, por isso dará a graça, & mais a gloria. Reparemos muito naquella, *Quia*; porque. Pois porque Deos ama a misericordia, & a verdade: porque Deos he misericordioso.

Psalm.  
83. 124

fo, & verdadeiro, effa he a  
 razão, ou effas são as ra-  
 zoens porque ha de dar a  
 graça, & mais a gloria?  
 Sim. A graça, porque he  
 misericordioso, & a gloria,  
 porq̄ he verdadeiro. Co-  
 mo a graça com que Deos  
 nos perdoa os peccados, &  
 nos reconcilia comfigo, a  
 ninguem he devida, toda  
 he liberalidade, & dadiva  
 de fua misericordia: po-  
 rêm a gloria, como Deos a  
 tem prometida a todo o q̄  
 eftiver em graça, toda per-  
 tence à fua verdade, por-  
 que como verdadeiro não  
 pôde faltar ao que tẽ pro-  
 metido. Excellentemente  
 S. Agostinho: *Ille qui tri-  
 buit misericordiam servat  
 veritatem, indulgentiã do-  
 navit, coronam reddet. Do-  
 nator est indulgentiæ, debitor  
 coronæ.* O mefmo Deos  
 ( diz Agostinho ) que na  
 graça nos mostrou a fua  
 misericordia, na gloria nos  
 mostrarà a fua verdade.  
 Na graça a fua misericor-  
 dia, porque nos deo a in-  
 dulgencia que não devia;  
 & na gloria a fua verdade,

porque nos darà a coroa  
 de que se fez devedor: *Do-  
 nator indulgentiæ, debitor  
 coronæ:* & o modo com que  
 se fez devedor não he por-  
 que recebesse de nòs algũa  
 coufa, que nos haja de pa-  
 gar, mas porque elle nos  
 prometeo o que não pôde  
 deixar de cumprir: *Debi-  
 torem Dominus ipse fecit se,  
 non accipiendo, sed promit-  
 tendo. Non ei dicitur, redde  
 quod accepisti, sed redde quod  
 promissisti.* E como nos ar-  
 chivos da graça effaõ de-  
 positados os creditos da  
 gloria, vede se se deve  
 antes escolher a graça, que a  
 gloria, pois a graça, & a  
 gloria tudo pertence à gra-  
 ça.

339 Porefta conexaõ  
 infallivel da graça com a  
 gloria chamou S. Paulo bẽ-  
 aventurada a efpèrança, có  
 que nesta vida efpèramos  
 a mefma gloria: *Expectan-  
 tes beatam spem, & adven-  
 tum gloriæ magni Dei.* Mas  
 para que nos não engane-  
 mos com esta efpèrança,  
 como com as demais, que  
 tanto costumão enganar;

he

he necessário advertir ; que ha húa grande differença entre os fundamentos della. O lugar da esperança he entre a fé, & a caridade ; se a esperança se funda sómente na fé, nam he verdadeiramente bemaventurada , porque tem a bemaventurança duvidosa : mas se se funda na caridade, que he a graça , então he certamente bemaventurada, & sem nenhúa duvida ; porque lhe não pôde Deos negar a bemaventurança, & gloria que espera : *Expectantes beatã spem, & adventum gloria magni Dei.*

§. IV.

340 **A** Segúda razão se deve escolher a graça, que a gloria , he tirada da definição , & essencia de húa, & outra. A graça consiste em amar, & ser amado de Deos, a gloria em ver ao mesmo Deos : & posto que o ver a Deos seja a maior felicidade, quem negará a

ventagem à correspondência do amor infinitamente desigual, mas reciproca do homem para com o Deos, & de Deos para com o homê? A verdade desta soberanissima correspondencia o mesmo Deos a fez de fé, quando disse : *Ego diligentes me diligo.* Mas ainda cõparado o ver a Deos só cõ o amar a Deos de nossa parte ; nenhum entendimento haverá justo, & desinteressado, que não escolha antes o amar. E senão tomemos por juizes aos q̃ mais vem , & mais amão a Deos, que são os Serafins. Ao lado do trono de Deos no Ceo vio o Profeta Isaias dous Serafins, os quaes com duas azas cobrião os olhos, & com outras duas abrião o peito: *Duabus alis velabant faciem ejus , & duabus volabant.* Todos os Anjos vem , & amão a Deos, & quanto mais vem, mais amão; & quanto mais vem, & mais amão, mais alto, & mais eminente lugar tem cada hum na sua Gerarchia. Pois se os Serafins

*Isai. 6. as*

Aa ij rafins

rafinos segundo esta ordem, assim como tem o supremo lugar na suprema Gerarchia, assim são os que mais vem, & mais amão a Deos, como se mostráráo ao Profeta com os olhos cubertos para não ver, & só com o peito aberto para amar? Para amar digo, & para mais amar; porque o movimento das azas [ não sendo para voar, porque estavam firmes ) mais era para tolerar o incendio do amor, como dizem huns Interpretes, ou para mais o excitar, & acender, como dizem outros. Pois se tanto amão, & tanto, & tão ardentemente estão amado; como parece que apagaõ com hũas azas o mesmo q̄ acendem com outras: & como negaõ ao mesmo amor a vista do objecto amado?

Sanches  
Cornel.  
bic.

341 Duas repostas tem esta bem fundada duvida. A primeira, que cobriaõ os olhos para não ver, quando abriaõ o peito para amar, sendo o objecto da vista, & do amor o mesmo

Deos; porque mais se prezaõ os Serafins, & mais estimãõ na felicidade suprema do seu estado a singularidade do amor, q̄ a preminencia do ver. Por isso, como nota S. Dionysio Areopagita, a denominaçaõ do entendimento, que são os olhos com que se vê a Deos, a deixáráo aos Cherubins, que estão hum grão mais abaixo, & tomáráo para sy a antonomasia do incendio, com que se abrazaõ no amor do mesmo Deos, chamandose Serafins, que quer dizer os ardententes. A segunda razaõ, & muito mais alta, he, que fechaõ os olhos, quando abrem o peito, porque tem por maior fineza, & mais digna do mais perfeito amor o amar sem ver, do q̄ amar vendo. He o q̄ encareceo S. Pedro nos primeiros Professores do Christianismo, dizendo, que sem ver a Deos o amavaõ: *Quem cum non videritis diligitis.* E he a differença verdadeiramente Seráfica, com que amão na terra os bem-

1. Petr.  
1. 8.

Bemaventurados da graça, & no Ceo os da gloria. Os da gloria amão a Deos, mas vendo-o: os da graça também o amão, mas sem o ver.

342 E se esta ventagē tem em quanto sómente amão a Deos, que he huma parte da graça, que será em quanto amão a Deos, & são amados de Deos, em que consiste toda? Esta reciproca correspondencia de amor entre Deos, & o homem, que está em graça, declarou a Alma dos Cantares, quando disse: *Dilectus meus mihi, & ego illi*: Deos he o meu amado, & eu sou a amada de Deos. E sendo Deos quem he por sua infinita grandeza, & soberania: & sendo o homē quem he (ou qué não he) por sua vileza, & baixeza, em respeito de Deos também infinita; quem haverá que não estranhe, & se assombre desta confiança, & igualdade de fallar: *Ille mihi, & ego illi*: Elle o meu amado, & eu a sua amada? S. Bernardo cōmentando

estas duas palavras, não duvidou de chamar a cada húa dellas insolente, & a ambas insolentissimas: *Insolens verbum, & ego illi: nec minus insolens dilectus meus mihi: nisi quod utroque insolentius utrumque simul*. Mas a Alma que isto disse, era húa Alma, q̄ estava em graça, & he tanta a alteza, a que a mesma graça levanta a Alma, não só em quanto ama, senão em quanto ama, & juntamente he amada de Deos; que o que podia parecer insolencia da parte do homem, da parte de Deos he justa condescendencia, tratando-se com tal familiaridade Deos com o homem, & o homem com Deos, como se foraõ iguaes: *Quasi ex æquo morem gerere, & rependere vicem*, como nota o mesmo S. Bernardo. Comparaimo agora o amar a Deos no Ceo por razão da vista, com este ser amado de Deos na terra por razão da graça. Os Bemaventurados no Ceo dirão, q̄ porque vem a Deos, amão ne-

D. Bernard.  
term.  
68.

cessariamente a Deos : & nós diremos na terra, que porque estamos em graça de Deos , somos amados necessariamente de Deos. Sobre esta minha proposição, cabia melhor ainda a censura de insolente, se não fora de fé, como he. Se a vista de Deos necessita aos Bêaventurados a amar a Deos, tambem a graça necessita a Deos a amar ao homem. A vista necessita aos bêaventurados a amar a Deos, porque não podem deixar, nem cessar de amar a Deos visto : & a graça necessita a Deos a amar ao homem , porque não pôde Deos deixar, nem cessar de amar ao homem , que está em graça.

## §. V.

343 **A** Terceira razão , ou ventagem , porque prescindindo a graça da gloria ( que he o sentimento em que fallamos ) se deve antes escolher a graça , he, porque a graça faz ao homem filho

de Deos, a gloria herdeiro. Se os homens conhecerão o que encerra este nome filho de Deos, & como a graça não só nos dà o nome, se não o ser do que o nome significa , que differentemente estimarião em sy, & reverenciarião nos outros este nascimento infinitamente mais que Real ! Se nascer de Felipe em Hespanha, ou de Luis em França , ou de Ferdinando em Alemanha, se tem com razão pela maior fortuna ; qual será a daquelles, dos quaes se diz com verdade : *Non ex sanguinibus, sed ex Deo nati sunt?* Os outros nascimentos estimão se pelo sangue, o dos filhos de Deos por não sangue. Mas a causa de os homens nam fazeré deste altissimo nascimento a estimação que merece, he, porque não conhecem a Deos. Se não conhecem o Pay , como hão de estimar os filhos ? Assim o ponderou com profundissimo pensamento o Evangelista S. João : *Videte qualem charitatem dedit nobis*

*bis Pater, ut filij Dei nominemur, & simus. Propter hoc mundus non novit nos, quia non novit eum.* Vede o que chegou a nos dar a immensa caridade do eterno Padre, hum dom tão excelente, & sobre humano, & hum foro tão chegado a sua propria divindade, que não só nos chamemos filhos de Deos, mas que verdadeiramente o sejamos. E se o mundo não estima como devia aos que somos filhos deste Pay, he, porque o não conhece a elle: *Propter hoc mundus non novit nos, quia non novit eum.* Como se differe a Aguia dos Evángelistas: Eu sou desprezado, porque o mundo conhece o Zebedeo de quem sou filho por natureza, & não me estima como devéra, porque não conhece a Deos, de quem sou filho por graça.

344 Notai o que diz, & não diz S. Joáo. Parece que havia de dizer, que o mudo não nos estima, porque não conhece que somos filhos de Deos: mas

naõ diz assim, senão que o mudo não nos estima, porque não conhece a Deos, de que somos filhos: *Propter hoc mundus non novit nos, quia non novit eum.* De forte, que porque o mundo nos não conhece por filhos de Deos, se segue que nam conhece a Deos? Sim. E a razão he, porque presume, & faz conceito de Deos; não como de Deos, senão como de homem. O homẽ só prefilha, & faz herdeiro ao servo, quando não tem filho proprio. Assim disse Abraham a Deos, que supposto não ter filho, seria seu herdeiro Eliezer seu servo: *Ego vadam absque liberis: & Eliezer vernaculus meus, haeres meus erit.* E depois que Deos deo a Abraham hum filho, que foi Isaac, disse Sara sua mulher, que lançasse fóra a Ismael filho da escrava, porque não havia de ser herdeiro com seu filho: *Ejice ancillam, & filium ejus, non enim erit haeres filius ancillae cum filio meo Isaac.* Isto he o que fazem os homẽs,

[Aa iii] & o

Genef.  
15. 23.

Genef.  
20. 10.

& o mesmo presume , & cuida de Deos quem o não conhece: *Quia non novit eum.* Como Deos tem filho proprio, & natural, igual em tudo a sy mesmo, & nõs os homens somos servos, cuida o mundo ignorante, que naõ havia de fazer Deos aos servos herdeiros com o filho. Mas he tanto pelo contrario, que para que os servos fossem herdeiros com o filho , sendo servos por natureza, os fez primeiro filhos por graça. Expressamente S. Paulo: *Ipsè enim spiritus testimonium reddit spiritui nostro, quòd sumus filij Dei. Si autem filij, & hæredes: hæredes quidem Dei, cohæredes autem Christi: si tamen cõpatimur, ut & conglorificemur.*

Roman  
8 16.

345 Nesta ultima palavra *conglorificemur*, & na palavra *cohæredes* declara o Apóstolo, que assim como a graça nos faz filhos, assim a gloria nos faz herdeiros. Para que nõs agora vejamos se nos havemos de prezar mais de herdeiros,

ros, que de filhos, & se havemos de estimar mais a herança, ou o nascimento. Cà onde os Pays são homens, pòde succeder, & succede muitas vezes ser o nascimento tão baixo, & tão vil, & a herança tão copiosa, & tão rica, que se despreze o nascimento, & se estime a herança; mas onde o Pay he Deos, tão infinito na nobreza, como na essencia, ainda que seja a gloria a que nos faz herdeiros, claro està que sempre havemos de estimar, naõ só mais, senaõ infinitamente mais, a graça, que nos faz filhos. Esse foi o erro, & o acerto daquelles dous filhos do Pay, que representava a Deos, hum louco, outro sezudo. O louco, que era o Prodigio, em vida do Pay pedio que lhe dèsse a sua herança, porque estimava mais o ser herdeiro, que filho: porèm o sezudo, que era o irmão mais velho, deixou se ficar sempre na casa do Pay sem fallar, nem se lembrar da herança, porque tanto me-



nos estimava a herança, que o nascimento, como se fora só filho, & não herdeiro. E isto he o que deve fazer todo aquelle, que com juizo maduro, & inteiro comparar a graça, & a gloria.

§. VI.

346 **A** Quarta razão desta preferêcia he tão futil, & bem arguida como seu Author. Aquillo he melhor ( diz Escoto ) cujo opposto he peor: o opposto da gloria, que cõsiste em ver a Deos, he não ver a Deos: o opposto da graça, que confiste em amar a Deos, he não amar a Deos: logo melhor he a graça, que a gloria, porque peor he não amar a Deos, que he o opposto da graça, que não ver a Deos, que he o opposto da gloria. E que seja peor não amara Deos, que não ver a Deos, he manifesto; porque não querer ver a Deos, não só pôde ser licito, senão meritorio, & querer não amar a Deos,

não só he sempre peccado, & gravissimo peccado, mas não he possível motivo, que o faça toleravel, ou licito.

347 No Testamêto Velho, & Novo temos dous famosos exemplos desta Theologia nos dous maiores Heroes da caridade, Moyses & Paulo. Determinado Deos a acabar de hũa vez com o Povo de Israel pela idolatria do bezerro: oppoz-se Moyses a esta determinação, que Deos lhe revelára, dizendo: *Aut dimitte eis hanc noxam, aut* Exod. 32. 31. *sinon facis, dele me de libro* 32. *tuo, quem scripsisti.* Ou vós, Senhor, haveis de perdoar ao Povo este peccado, ou senão fazeis o que vos peço, riscame do voffo livro. Este livro, como consta de muitos lugares da Escritura, he o livro em que estão escritos os que são predestinados para a gloria. Mas paremos aqui, & vamos a S. Paulo. S. Paulo declarando o grande sentimento que tinha de ver como os da sua nação não que-

riaõ

riaõ crer em Christo, & se precipitavão obstinadamente à perpetua condemnação, diz que por elles desejava fazer hum tal sacrificio de sy mesmo a Deos, que Deos o privasse eternamente da gloria, que consiste na sua vista, com tanto que a mesma gloria, de que elle se privava, a ouvessem elles de gozar crendo em Christo. Isto he o que querem dizer aquellas animofas palavras: *Operabam ego ipse anathema esse à Christo pro fratribus meis, qui sunt cognati mei secundum carnem.* E assim entendem este Texto, & o de Moyses S. Joaõ Chrysostomo, Theofilacto, Eumenio, Ruperto, Cassiano, Origenes, S. Bernardo, & entre Theologos, & Interpretes he a sentença mais literal, & cõmum.

348 Antes porèm que cerremos este ponto nam quero passar em silencio hũa advertencia muito necessaria a esta nossa terra. Os que sã estimaõ o que se vê com os olhos, quando

vem que se embarcãõ para estas partes, ou outras povoadas de Gentios, os Ministros Evangelicos, nam se pòdem persuadir, senaõ que os traz, ou leva a ellas, algum motivo de interesses temporaes. E certo que para desfazer este engano bastava a cõsideração, que fazia hum homem muito bem entendido, quando se embarcava de Rõma para os desterrõs do Ponto Euxino: *Vel quò festinas ire, vel unde, vide:* Olha donde vãs, & para onde. Esses, cujos intentos taõ grõsseiramente julgais, vede donde vem, & para onde: & considerai ( ainda temporalmente ) o que là deixãõ, & o que cá achãõ. Mas a razão porq̃ avaliais taõ baixamente os riscos dos mares, as incomodidades das terras, & a estranheza dos climas a que expõem a vida, he, porque não conheceis comõ elles o valor das almas. Parecevos que fazia bem Moyses, & que fazia bem S. Paulo em quererem trocar a gloria, & bem-

Roman.  
9. 3.

béayenturança do Ceo pela salvação das almas de seus proximos? Não creio, q' seja tão rude a vossa fé, que digais que fazião mal. Pois muito menos he trocar Portugal, que o Ceo, & querer salvar as almas proprias, & mais as alheas, que levar a ver a Deos as alheas à custa de o não ver por toda a eternidade. E isto he o que fazia não só depois de Christo S. Paulo, senam antes de Christo Moyses.

349 Agora pergunto: Estes dous homens tão valentes, & tão deliberados, que assim se resolvião a não ver a Deos, suppunhaõ tambem com o impeto, & fervor da mesma resolução, que o não haviaõ de amar? *Absit.*: De nenhum modo: Porque assim como por hum motivo tão pio, & de tanta caridade seria acção não só licita, mas heroica offerecerse a não ver a Deos, assim seria não só illicita, mas impia querer-se expor ao não amar. Antes he certo, que quanto mais renunciavão a vista

de Deos pelo amor do proximo, tanto mais fortes raizes lançavão no amor do mesmo Deos. Ouçamos a eloquencia de Chrystomo arguindo neste caso a S. Paulo: *Quid ais, Paule, nonne jam dixisti: Quis nos separabit à charitate Christi?* E bem Paulo, não sois vós aquelle que já dissestes, que nenhũa cousa vos separaria do amor de Christo: Não sois aquelle que quereis, que a vossa alma se desataste do vosso corpo, para estar sempre com elle? Pois como agora quereis carecer de o gozar, & ver por toda a eternidade? Antes por isso mesmo, responde em nome de S. Paulo o mesmo Chrystomo: Porque eu amo muito a Christo, por isso me quero privar de o ver, & gozar, para que em lugar de mim, que sou hum só, o vejaõ, & gozem muitos, & segundo o meu desejo, o amem, & louvem todos: *Imò quia amo Christum, cupio separari à fruitione Christi, ut plures, imò*

Romaa.  
8.35.

*omnes eum ament, & laudent.* E quanto fosse agradável a Deos este excesso de caridade, assim em S. Paulo, como em Moyses, posto que a nenhum delles aceitou o offercimento, se vio bem nas merces com que depois honrou a hum, & a outro: fazendo geralmente, & para com todos tal differença entre a sua graça, & a sua gloria; que a quem não quer a sua graça, castiga-o com o privar da gloria, & a quem por semelhante motivo não quizer a sua gloria, premia-o com lhe aumentar a graça.

## §. VII.

350 **M**Ui dilatada cousa seria, se ouvessemos de ponderar como atêgora as outras razões desta differença: mas porque não he bem, que totalmente fiquem em silencio, de corrida as irei apontando. Seja a quinta, que por conservar a graça não sô he licito, & louvavel renunciar a gloria do

Ceo, senão tambem querer antes padecer as penas do Inferno. Isto não pretendeo Moyses, né S. Paulo, mas he resolução famosa de S. Anselmo, & à qual no mesmo caso está obrigado todo o Christão: *Si hinc peccati pudorem, & illic cernerem inferni horrorem, & necessario uni illorū haberē immergi, prius me in infernū immergerem, quam peccatum in me admitterem.*

Se de hũa parte, diz Anselmo, se me puzesse o peccado, & da outra o Inferno com todo o seu horror: & me fosse necessario escoller hum dos dous, antes me havia de lançar logo no Inferno, que admitir em mim o peccado. Mais: E se fosse possível (como de potencia absoluta não repugna) ver hum homẽ a Deos no Ceo estando em peccado: qual seria no tal caso mais ditoso, este homem, ou Anselmo? Não ha duvida, que Anselmo. Porque Anselmo no Inferno conservava a graça, ainda que padecia as penas dos condenados,

Ansel.  
lib. de  
Similit.  
cap 190.

Salaf.  
Taner.  
Lorca.  
Ov. ed.  
Armag.

denados, & o outro no Ceo posto que via a Deos, em que consiste a gloria dos Bemaventurados, não estava em graça.

351 Mais ainda; & não suppondo casos extraordinarios, fenaõ o que de facto está sempre obrando Deos no Ceo, & na terra. Nõ Ceo sempre Deos está comunicando a sua vista aos que depois da morte são dignos da gloria: & na terra sempre está comunicando a sua graça aos vivos, que se dispoem para ella. É porque modo, ou com que differença de authoridade, & honra comunica Deos a huns, & outros a sua vista, & a sua graça? Bem dita seja a divina Bõdade, nunca nas demonstraçoens mais divina! Aquella quem comunica a sua gloria, leva-os ao Ceo, & dalhes lugar na sua Corte: porèm aquelles a quem comunica a sua graça, vem elle em pessoa a darlha, & fallos morada sua. Se hmos ao Ceo, moramos com Deos, mas se estamos em

graça, não só mora Deos conosco, fenaõ em nõs. É para que em nada seja menor esta assistencia pessoal de Deos em nõs, que a vista do mesmo Deos nos que estão na gloria; concordão os Theologos, que para ser verdadeiramente bemaventurado o que vê a Deos, não basta só ver ao Padre, ou ao Filho, ou ao Espirito Santo; mas he necessario ver todas as tres Pessoas divinas; porque só deste modo he ver a Deos como elle he: *Tunc videbitur eum sicuti est.* Pois assim como no Ceo os Bemaventurados da vista, nam só vê hũa pessoa da Trindade, fenaõ todas tres; assim na terra os Bemaventurados da graça não só tem dentro em sy o Padre, ou o Filho, ou Espirito Santo, fenaõ todo Deos trino, & hũ em todas as pessoas. É isto com tanta differença, & ventagem, quanta vai de objecto a morador. He texto expresso do mesmo Christo: *Si quis diligit me, sermonem meum servabit, &*

1. Joan.  
3.2.

Joan. m.  
14.23.

ad.

ad eum veniemus, & mansio-  
nem apud ipsum faciemus.  
*Qui diligit me, eis ahi a gra-  
ça: Et ad eum veniemus,*  
eis ahi as tres pessoas divi-  
nas: *Et mansionem apud ip-  
sum faciemus, eis ahi a mo-  
rada perpetua, & assisten-  
cia permanente.*

352 Mais outra vez;  
posto que depois do que  
acabámos de dizer, pareça  
que não pôde haver mais.  
E a razão desta nova diffe-  
rença, ou ventagem he:  
que a gloria que havemos  
de gozar no Ceo pela vi-  
sta, já a possuímos na terra  
pela graça. Escrevendo o  
Apostolo S. Pedro aos no-  
vos Christãos do Ponto,  
Galacia, Capadocia, Asia,  
& Bithinia, aonde sendo  
Summo Pontifice, & Viga-  
rio de Christo, tinha ido  
prêgar a Fè [ para que ve-  
jais outra vez, quam alto  
ministerio he o da conver-  
saõ dos Gentios, taõ pouco  
conhecido da gente rude ]  
diz estas no taveis pala-  
vras: *Benedictus Deus Pa-  
ter domini nostri Iesu Chri-  
sti, qui secundum misericor-*

*diam suam magnam regene-  
ravit nos in hereditatem in-  
corruptibilem, & inconta-  
minatã, & immarcescibile,*  
*conservatam in Cælis in vo-  
bis.* Quer dizer: Bemdito  
seja Deos, Pay de nosso Se-  
nhor Jesu Christo, o qual  
pela graça do bautifmo  
nos gerou segunda vez pa-  
ra a gloria incorruptivel,  
& perpetua, que está guar-  
dada no Ceo, & em nós.  
Nestas duas ultimas pala-  
vras, no Ceo, & em nós, *in  
Cælis, & in vobis,* está o ma-  
ravilhofo desta sentença.  
Que a gloria esteja guar-  
dada no Ceo, bem se entê-  
de; porque o Ceo he o lu-  
gar da gloria, & no Ceo he  
que a havemos de gozar;  
mas se aquelles com quem  
fallava S. Pedro estavaõ na  
terra, como nós estamos;  
porque lhe diz que essa  
mesma gloria não só está  
guardada no Ceo, senam  
nelles mesmos, & em nós:  
*Servatam in Cælis, & in vo-  
bis?* Porque acabava de  
lhes lembrar, que estavaõ  
gerados segunda vez pela  
graça do bautifmo, como  
nós

nòs estamos: & essa mesma gloria, que depois havemos de gozar no Ceo, pela vista, já agora a possuímos na terra pela graça. De forte, que o Christão que está em graça, quando vai ao Ceo, não só leva o direito para a gloria consigo, senão a posse da mesma gloria em sy. Por isso não diz, q̃ está guardada para nós, senão em nós, *in Calis, & in vobis*. Veja agora cada hum se escolheria antes a posse do bem, ou presente, ou futura, ou dentro em sy, ou fóra.

§. VIII.

353 **M**Ais ainda. Diz Joáo Chrysofostomo, que assim como não havemos de temer o Inferno por horror das penas, senão por ter offendido a Deos, & perdido sua graça: assim não havemos de desejar o Ceo, principalmente por amor da gloria, senão por gozar da mesma graça, & amar ao mesmo Deos eternaméte;

*Ut gehennam timere non debemus propter ignem, sed quia offendimus tam bonum Dominum, & ab illius gratia sumus alieni: ita ad regnum nobis festinandum propter amorem in illum, ut ejus gratia fruamur.* De maneira que o amor, & desejo bẽ ordenado da gloria, não ha de ser por amor da gloria, senão por amor da graça. He erro em q̃ cahio Moyses, mas de que logo se emendou no mesmo acto com admiravel retractação de palavras. Tinha Deos dito a Moyses, que estava em sua graça: *Inveni gratiam coram me.* E sobre esta supposição de estar em sua graça, instou Moyses dizendo: *Si ergo inveni gratiam in conspectu tuo, ostende mihi faciem tuam, ut sciam te, & inveniam gratiam ante oculos tuos.* Pois Senhor, se já estou em vossa graça, concedeme a vista de vossa graça. Quem haverá, que não veja, & note nestas palavras como Moyses no mes-

Chry-  
fost. ho-  
mil. 23.  
in Ge-  
nel.

Exod.  
33. 12.  
13.

mesmo acto de as pronunciar trocou a ordem com que as começou a dizer, & com que acabou. Quando começou, ordenou a graça de Deos para a vista de Deos: *Si inveni gratiam in conspectu tuo, ostende mihi faciem tuam*; & quando acabou, ordenou a mesma vista de Deos, para a mesma graça de Deos: *Ostende mihi faciem tuam, ut inveniam gratiam ante oculos tuos*. Pois a mesma graça nas primeiras palavras he meyo para alcançar a vista de Deos, & logo a mesma vista de Deos nas segundas palavras he meyo para alcançar a mesma graça? Sim: porque assim emendou Moyses, & melhorou o seu desejo. Ordenar a graça para a gloria, & fazer a gloria fim da graça, bom desejo he; mas ordenar a gloria para a graça, & fazer a graça fim da gloria, he muito melhor desejo. Porque? Porque a graça antes da gloria está perigosa, & depois da gloria está segura. E posto que he bom dese-

jo querer a graça para gozar a gloria; muito melhor desejo, & muito mais alto pensamento he desejar a gloria, por segurar a graça. O primeiro fez Moyses com menos consideração, quando disse: *Si inveni gratiam in conspectu tuo, ostende mihi faciem tuam*: & o segundo com muito mais fino, & prudente juizo, dizendo: *Ostende mihi faciem tuam, ut inveniam gratiam ante oculos tuos*.

354 Finalmente, seja a ultima razão de escolher antes a graça, que a gloria, a esterilidade da mesma gloria, & a fecundidade da mesma graça. A gloria no Ceo he hũa felicidade grãde, mas felicidade, que não crece; porque hũa gloria não causa outra gloria; porêm a graça na terra he hũa felicidade, ou hũa bé-aventurança, que sempre crece, porque sempre hũa graça está produzindo outra graça. Depois que o Evangelista S. João declarou a gloria de Christo pela superabundância de graça de  
 quo



can.  
47

d. 16.

oca-  
47

que estava cheo : *Vidimus gloriam ejus quasi unigeniti à Patre, plenum gratiæ, & veritatis*, diz que desta enchente, como de fonte perenne recebemos todos a graça, & não húa só graça, senão húa sobre outra sempre mais, & mais : que isso quer dizer : *De plenitudine ejus omnes accipimus gratiam pro gratia*. Onde se deve muito notar, que tẽdo fallado na gloria, & graça de Christo, só da graça diz, que recebemos graça por graça, & graça sobre graça, & da gloria não; porque no Ceo não dá Deos gloria por gloria, ou huma gloria sobre outra. Este privilegio, & esta prerogativa he só da graça. E quam superior seja por isso mesmo à gloria do Ceo, em nenhum outro dos que muito crecêrao na graça, o podemos ver melhor, que no mesmo S. Joáo. Vio S. Joáo no seu Apocalypse a Deos assentado em trono de Magestade, & que o assistiaõ em roda do trono quatro animaes mysterio-

fos todos cheos de olhos, o primeiro semelhante a Leão, o segúdo a Bezerra, o terceiro a Homem, o quarto a Aguia. Ninguem ignora que nestes quatro animaes eraõ representados os quatro Evangelistas, S. Marcos no Leão, S. Lucas no Bezerra, S. Matheus no Homem, S. Joáo na Aguia; & todos cheos de olhos, *ante, & retro*, porque todos na parte posterior tinhaõ as noticias da divindade, & na anterior as da humanidade de Christo, de quem escrevêraõ. Vindo pois a S. Joáo, dalhe o Texto o quarto lugar, & diz que só elle voava : *Et quartum animal simile aquile volanti*. Pois se S. Joáo entre todos os Evangelistas foi o que mais altamente escreveu, porque se lhe dà o ultimo lugar: & se todos os outros animaes tinhaõ azas; porque se diz, que só elle voava? Primeiramente dáse a S. Joáo o ultimo lugar, porque elle escreveu depois dos outros Evangelistas, & não

menos que trinta annos depois , havendo outros tantos que S. Matheus, S. Marcos, & S. Lucas eraõ já mortos. Mas daqui mesmo se acrescenta mais a segunda duvida ; porque se os outros tres Evangelistas estavão já no Ceo vendo a Deos, como voava elle só estando na terra ? Por isso mesmo. Porque os outros estavão gozando na gloria, dõde senão sobe, & S. Joaõ estava merecendo na graça, onde sempre se crece. Eu vos prometo , diz S. Bernardo, q̃ se Deos dêsse licença aos Bemaventurados, que o estão vendo no Ceo, para virem à terra a merecer, & crescer a maior graça, que todos aceitariaõ este partido deixando a gloria, para depois voarem à mesma gloria mais cheos de graça : logo se a escolha se faria no Ceo, onde senão pòde fazer, porque senão fará na terra ? Em S. Joaõ não foi eleição sua : mas he certo, que elle foi o mais amado, & quando os menos amados viaõ, elle voava.

## §. IX.

355 **A** Tèqui temos visto as razões porque comparada a gloria com a graça, se deve escolher antes a graça, que a gloria. E se alguém cuidar, que não fallamos atègora no que principalmente deviamos fallar, que he a Virgem Senhora nossa da Graça, cuja festa celebramos ; digo, q̃ o que atègora disse, assim como foraõ prerogativas da graça, assim foraõ excellencias da Senhora debaixo do mesmo titulo. S. Thomás com seu Mestre Alberto Magno distinguem na graça da Virgem Maria tres estados de perfeição: o primeiro desde o principio de sua Conceição, a que chamão de sufficiencia : o segundo desde o ponto em que concebeo o Verbo eterno, a que chamão de abundancia: o terceiro por todo o tempo da vida até a morte, a que chamão de excellencia singular. Por to-

todas as razões pois que referimos, muito melhor, & mais altamente entendidas, comparandose a Senhora comfigo mesma, como aquella singularissima alma, que sobre todas as criaturas amou, & foi amada de Deos, tambem nam pôde deixar de estimar mais a graça, que a gloria, pois no mesmo amor reciproco consiste a graça. Estimou mais a graça, que a gloria, não por assegurar no Ceo a mesma graça, em que fora confirmada desde o instante de sua Conceição, mas por aumentar mais, & mais o amor, que là se iguala com a vista por toda a eternidade. Batalhava no coração da Mãe de Deos o mesmo amor, por húa parte com o desejo de mais depressa o ver, & por outra com a razão de mais o amar eternamente, & porque este motivo foi o vencedor, por isso escolheu como melhor parte a da graça: *Maria optimam partem elegit.*

356 Naquellas palavras,

*Indica mihi, quem diligit* <sup>Cam.</sup>  
*anima mea, ubi pascas, ubi*  
*cubes in meridie:* manifestou o amor da Senhora quâto desejava ver a Deos no meyo dia da gloria: & a resposta foi, q̄ mais convinha por entãõ, que na ausencia de seu Filho ficasse apascentando o seu rebanho: *Abi post vestigia gregum tuorum, & pasce hãdos tuos juxta tabernacula pastorum.* Assim o fez a Senhora, sendo dalli por diante o oraculo de toda a Igreja, & Mestre dos mesmos Apostolos, não só em Jerusaleem, & na Judéa, mas peregrinando a outras partes do mundo. Durou, não digo este desterro da gloria, mas esta ausencia de seu Filho, não menos que vinte & quatro annos depois que elle tinha subido ao Ceo, como prova o Cardinal Baronio, fundado no testemunho irrefragavel de S. Dionysio Areopagita: até que finalmente em tal dia, como hoje, foi chamada a bemditissima Mãe a receber da mão

Ibid. 7.

de seu Filho, & gozar por toda a eternidade a coroa imensa da gloria, que tinha merecido a sua graça. E digo que foi chamada; porque assim o declarão as vozes de toda a Santissima Trindade, não em cômun, mas distintamente repetidas por cada hũa das divinas PESSOAS: *Veni sponsa mea, veni de Libano, veni coronaberis.* O Padre disse, *Veni,* chamado-a como Filha, o Filho disse, *Veni,* chamando-a como Mãy, o Espirito Santo disse, *Veni,* chamando-a como Esposa. Mas se toda a Santissima Trindade, & cada hũa das divinas PESSOAS por sy, & por tão particulares motivos desejava ver a Virgem Maria no trono da gloria, onde tambem como Filha viſſe o Padre, como Mãy o Filho, & como Esposa o Espirito Santo: & a mesma Senhora suspirava por este dia com tão ardentes desejos, & violentissimas faudades, que ellas, & o amor lhe romperaõ os laços da vida, & lhe defatáraõ a al-

ma; como as mesmas PESSOAS divinas; que podem quãto querem, não só permittiraõ, mas quizeraõ, que a mesma Alma fantissima continuasse neste mundo privada do Ceo, & da gloria, & padecesse seu amor este largo martyrio por tantos annos? Aqui vereis, quam verdadeira he a doutrina de todo o nosso discurso, & as razões delle. Assentou no Consistorio da Santissima Trindade o Padre, que a sua Filha, o Filho, que a sua Mãy, & o Espirito Santo, que a sua Esposa se lhe dilataſſe a vista de Deos, & a gloria por espaço de vinte & quatro annos, para que em todo este tempo merecasse mais, & mais, & crecasse na graça; porque computados tantos annos de gloria com outros tantos de graça, não só por eleição da mesma Senhora, senão por decreto de todas as PESSOAS divinas lhe convinha, & importava mais o crescer na graça, que o gozar a gloria. *Vt cumulares merita,*

*ejus*

Canf.  
48.

Pet. Damian.  
Sermão de  
Assumpt.  
Vug.

*ejus assumptionem ad gloriam tamdiu distulisti*, diz S. Pedro Damiaõ.

§. X.

357 **M**As quem poderá declarar quaes foraõ os aumentos de graça com que a Virgẽ Maria ( em todo este tempo mais propriamente Senhora da Graça ) accumulou, hũa sobre outra, as immensidades da sua ? S. Epiphany disse : *Gratia Sanctæ Virginis est immensa* : S. Boaventura : *Immensa certè fuit gratia qua ipsa fuit plena* : & S. Anselmo : *Quid amplius dicere possũ, Domina, immensitatẽ quippe gratiæ, & gloriæ, & felicitatis tuæ consiãerare incipienti & sensus deficit, & lingua fatiscit*. Eltes Santos com palavras claras, & expressas apregoaõ por immensa a graça da Virgẽ Maria : & S. Joaõ Damasceno, S. Jeronymo, S. Eufrem, S. Bernardo, S. Ignacio Martyr, S. Pedro Veronense, & quasi todos os

Tom. 7.

Santos dizem o mesmo cô termos naõ de menor expressaõ, mas de mais profunda intelligencia, que por isso naõ repito. Só quizera, que todos os que me ouvís fossẽis Theologos, para a demostraçaõ dos aumentos de graça, a que a Senhora crecco nestes ultimos annos de sua santissima vida. Procurarei porẽm de os reduzir às regras de outra ciencia mais vulgar, & mais practica, pela qual já que nenhum entendimento humano pôde comprehender esta immensidade, ao menos de algum modo a possãmos todos conjecturar.

358 Todos sabeis aquelle modo de conta, que vulgarmente se chama ao galarim, em que tudo o que se possui, & precede em hum numero, se dobra no seguinte. Suppondo pois cô a mais assentada Theologia ( em que ella naõ está pouco obrigada ao doutissimo Soares de nossa Companhia ) que os actos do amor, & caridade da Virgẽ,

Suar. tom. 2.  
n 3. p.  
diss. 18.  
sect. 4.

Bb iij fan-

Epiph.  
Orat. de  
laudib.  
Virg.  
Bonav.  
in Spe-  
culo  
cap. 5.  
Anselm.  
de Ex-  
cellent.  
Virg.  
cap. 3.

fantíssima, os quaes todos eraõ perfectísimos, con- dignamente mereciãõ ou- tro tanto aumento de gra- ça, qual era o que tinhaõ em Iy, & por isto huns fo- bre outros sempre mais, & mais hiaõ dobrãdo a mes- ma graça, façamos agora a conta aos grãos de graça, q̃ a Senhora podia acqui- rir em hum só dia, & para que a conta proceda com toda a clareza, não presu- ponhamos na alma da mes- ma Virgem mais que hum grão de graça, nem consi- deremos que fazia em cada quarto de hora mais que hum acto de caridade. Isto posto, no primeiro quarto de hora, & pelo pri- meiro acto de caridade, dobrou a Senhora o mere- cimento, & mereceo dous grãos de graça: no segun- do quarto mereceo qua- tro: no terceiro, oito: no quarto, dezaseis: no quin- to, trinta & dous: no sex- to, sessenta & quatro: no setimo, cento & vinte oi- to: no oitavo, duzentos & cincoenta & seis: no nono,

quinhetos & doze: no de- cimo, mil & vinte & qua- tro. De forte, que em dez quartos de hora, & com dez actos de caridade me- receo a Senhora, & creceo a mil & vinte quatro grãos de graça. Agora faça cada hum de vagar em sua casa a conta que resta em todos os quartos de hora de hum dia, que são noventa & seis, porque ainda que se- gundo a forçosa ley da hu- manidade alguns quartos da noite occupasse o bre- vissimo sono os sentidos exteriores da Virgem, esse sono não interrompia as acçoens da alma, que sem- pre vigiava, amava, & me- recia: *Ego dormio, & cor- meum vigilat.* Mas porque

Can. 5.  
2.

entre tanto não fique cor- tado o fio, & suspensã da de- mostraçãõ da nossa conta, eu a resumirei brevíssima- mente, repetindo sã as so- mas de dez em dez quar- tos.

Nos vinte quartos de hora daquelle dia tinhaõ crecido os grãos da graça da Senhora a numero de qui-

quinhétos & vinte & quatro mil & duzétos & oitenta & oito. Em trinta, a quinhentos & trinta & sete contos, quinhentos setenta & quatro mil nove centos & doze. Em quarenta, a mil & trezentos & setenta & seis milhoens, setenta & seis contos, setecentos & trinta & cinco mil quatrocentos & oitenta & oito. Em cincoenta, a hum conto quatrocentos & nove mil duzentos & vinte milhoens, cento & setenta & sete contos, setecentos & setenta & nove mil setecentos & doze. Em sessenta, a tres milhoens de milhoens, duzentos & onze contos, quarenta & hum mil setecentos & trinta & cinco milhoens, & quarenta & seis contos quatrocentos & trinta & sete mil & oitocentos & oitenta & oito. Em setenta, a sete mil & duzétos & vinte & quatro milhoens de milhoens, duzentos & treze contos, quatrocentos setenta & tres mil quinhentos & dezasseite milhoens, & trezentos &

quatro contos, setecentos & noventa & quatro mil seiscentos & vinte & quatro. Em oitenta, a seis contos trezentos & oitenta & cinco mil quatrocentos & vinte & dous milhoens de milhoens, & cento & noventa & seis contos oitocentos & oitenta & dous mil & cento & oitenta & oito milhoens, cento & setenta contos, & cento trinta & quatro mil & novecentos & setenta & seis. Em noventa & seis finalmente, faz a soma de quatrocentos & treze mil, quatrocentos & setenta & cinco contos, quarenta & oito mil quatrocentos & quarenta & nove milhoens de milhoens, seiscentos & setenta & hum contos, noventa mil milhoens, & trezentos & noventa & sete contos, setecentos & oitenta & sete mil céto & trinta & seis, que he o ultimo quarto de hora de hum dia natural.

359 Demonstrada esta immensidade de graça adquirida pela Virgem Senhora nossa em hũ só dia,

Bb iij cui-

cuidareis sem duvida todos, & estareis esperando, que eu tire por consequencia as immensidades da mesma graça, a que a mesma Senhora creceria no compridissimo espaço de tantos dias, mezes, & annos, quantos se contáraõ desde a Ascensão de seu Filho até a sua gloriosa Assumpção. Mas não digo, nem direi tal cousa; porque seria diminuir, & apoucar muito, & fazer grande agravo à mesma graça. As duas supposições que fiz na conta deste dia, foraõ só ordenadas à clareza, & evidencia da mesma côta, & fingidas como por exemplo com dous defeitos contrarios à manifesta evidencia da verdadeira supposição. Suppuz q̃ a Senhora no primeiro quarto daquelle dia tivesse hum só grão de graça, & esta supposição foi fingida, porque no dia da Ascensão de Christo tinha a Senhora tão innumeraveis grãos de graça, quanta desde o instante de sua purissima Cõ-

ceição tinha adquirido em trinta & quatro annos da vida de seu Filho, & quarenta & oito da sua. Suppuz em segundo lugar, que em cada quarto de hora fazia a Senhora sômente hum acto de caridade, & amor de Deos, sendo estes actos tantos, quantas eram as respirationes da mesma Senhora, cuja memoria, entendimento, & vontade, nem por hum momento se divertia da attentissima contemplação do divino objecto, com que sua alma inseparavelmente estava sempre unida, amando-o de dia, & de noite sem cessar com mais intensos, & efficazes affectos, que os Serafins da gloria. Isto he o que entaõ não suppuz para a clareza da conta, & o que agora supponho para a consequencia, & conjectura da graça, na qual como em hum pégo, ou abismo sem fundo afogados, & perdidos todos os numeros da Arithmetica, só resta ao discurso, & entendimêto humano o passmo,



mo, & à lingua o silencio, & confissão de que a graça de Maria he incomprehenfivel.

360 *Quê sómente soube achar paralélo à graça da Mãy de Deos, foi o antiquissimo Andrés Cretense, o qual a comparou com o ineffavel myfterio da humanidade do Filho, a que chama infinitas vezes infinitamente infinito. As suas palavras são estas: Siquid, quod nos superat, in ea divina operata est gratia, nemo miretur intuens ad novum, & ineffabile quod in ea peractum est mysterium, ab omni infinitate infinities infinitè exemptum. Notemse muito estes novos, & ultimos termos, ab omni infinitate infinities infinitè* Foi o myfterio de Deos feito homê infinito sobre toda a infinidade, *exemptum ab omni infinitate*, porque foi infinito infinitas vezes, *infinities, & infinito infinitamênte, infinitè*. E nesta infinidade, ou infinidades só se pareceo com elle a graça da Mãy infinitamente in-

*finita, quod in ea divina operata est gratia. infinities infinitè*. É como a immensa grandeza do infinito só a pôde comprehender entêdimento infinito, qual he unicamente o de Deos, por isso conclue S. Bernardino, fallando da perfeiçam da graça da Senhora neste mesmo dia, que o conhecimento della só está reservado para Deos: *Vt soli Deo cognoscenda reservetur.*

D. Bernard.  
Serm. 4.  
de Assumpt.  
Virg.

361 No dia da Assumpção desceo o mesmo Filho de Deos a honrar o triumpho de sua Mãy, acompanhado de toda a Corte do Ceo, Anjos, & Santos: os quaes admirados diziam: *Quæ est ista, quæ ascendit de deserto, delicijs affluens, in nixa super dilectum suum?* Quem he esta, que sobe do deserto, não só chea, mas inundando delicias, sustentada do seu amado? O seu amado he o bemdito Filho, primeiro motivo daquella admiração, o qual para maior magestade do triumpho, quiz elle ser em

Cant.  
5.

peſſoa

Andreas  
Crete  
Serm. 4.  
de Dormitione  
Virg.

peessoa o que levaffe de braço a sua Mãy. As delicias, ou inundaçãõ de delicias, que juntamente admiravaõ, & das quaes naõ só hia chea, mas como de fonte redundante manavaõ, & enchiaõ tudo, naõ podendo ser as da gloria para onde começava a subir, eraõ fem duvida as da graça, que na terra, & na vida taõ immensamête tinha adquirido. Assim comenta este lugar o doutissimo Cardeal Hailgrino: *Affluere autem dicitur gratiarum delicijs, & virtutum: & innixa super dilectum, cujus innitebatur gratia.* Mas o que eu sobre tudo admiro nos mesmos admiradores, he, que em tal dia, & em tal concurso chamem à terra deserto: *Quæ est ista, quæ ascendit de deserto?* Se toda a Corte do Ceo tinha decido com o seu Principe à terra: Se despovoado o mesmo Ceo, todo naquelle dia estava junto na terra donde começava a marchar o triunfo, como se chama deserto? Porque

tanto que appareceo a gloriosa triunfante revestida das immensidades de sua graça, maiores na grandeza, que todas as delicias, que atêntaõ se tinhaõ gozado na gloria, tudo quanto tinha decido do Ceo à terra desapareceo à sua vista. Excellentemête S. Pedro Damião: *In illa inaccessiblei luce perlucens, sic utrorumque spirituum habebat dignitatem, ut sint quasi non sint, & comparatione illius, nec possint, nec debeant apparere.* Que Região mais povoada ( he cóparaçãõ do mesmo Santo ) Que Região mais povoada que o Ceo de noite? Tantos Planetas, tantas constellaçoens, tanta multidão de Estrellas maiores, & menores fem numero. Mas em aparecendo o Sol, o mesmo Ceo subitamente ficou hum deserto, porque tudo à vista delle se fumio, & desapareceo, & só elle apparece. O mesmo succedeo a todas as Gerarchias do Ceo neste dia. Por grandes, & innumeraveis naõ

Cant. 8.  
5.

P. Dani.  
Serm de  
Aisupt.  
Virg.

nao cabião na terra, mas tanto que abalou o triumpho, & apparecêrao os soberanos refulsores da graça, ou da Senhora da Graça, tudo o mais desapareceo, & ficou hum deserto: *Quæ est ista, quæ ascendit de deserto*; porque todas essas Gerarchias em sua presença erao como senão foraõ, *ut sint tanquam non sint*, & porque todas em sua comparação, nem podiaõ, nem deviaõ apparecer, *et comparatione illius, nec possint, nec debeant apparere*; só appareceo, & só se fez menção do seu amado, *innixa super dilectum suum*, que he nova confirmação desta mesma verdade; porque junta com a graça de Maria só a de seu Filho avulta, & apparece, por ser graça de homem Deos, abaixo do qual, como diz S. Anselmo, nenhúa se pôde côfiderar, nem entender maior que a de sua Mãy: *Qua maior sub Deo nequeat intelligi*. E isto baste finalmente, para que todos celebremos, & confessemos

com os applausos das vozes, com os affectos dos coraçoes, & com os jubilos, & parabens de toda a alma, que Maria em quanto Senhora da Graça, ainda em comparação da sua mesma gloria, escolheo a melhor parte: *Maria optimam partem elegit*.

§. XI.

362 **I**sto posto ( para que nos não falte o fim de tão largo discurso, quando o temos acabado) perguntára eu a todos os que me ouviraõ, se fariam esta mesma eleição: se a tem feito atè agora, ou se a determinaõ fazer? De ninguém creio, se he Christão, & tem fé, que não faria a mesma eleição, estimando mais a graça de Deos, que a mesma gloria, como fez, com a maior luz de todas as luzes do Espirito Santo, sua soberana Esposa Maria Senhora nossa: bastando para isso, quando não ouvera tantas razoes, como vimos, ser eleição, & resolu-

lução sua. E digo, se he **Christão**, & tem fé, porque o contrario feria não dar credito às Escrituras sagradas, que allegamos: não imitar, nem venerar os exemplos dos maiores Santos de hum, & outro Testamento **Moyfes** & **S. Paulo**: & cerrar as portas da propria casa a toda a Santissima Trindade, que em todas as tres Pessoas, como ouvistes da boca do mesmo **Christo**, vé fazer morada na alma, que está em graça. Se quando tres **Anjos** em figura das tres Pessoas divinas foraó ser hospedes de **Abraham**, elle os não recebéra, & agasthára com tantas demonstrações de cortezia, & amor, antes os lançára de sua casa, quem se não afombraria de tal descomedimento? Pois o mesmo, & muito maior he o que fazem a Deos os que nam accitaó a sua graça, ou se despedem della, não dando com as portas na cara a tres **Anjos**, senáo verdadeiramente às tres Pessoas

da Santissima Trindade, ao **Padre**, ao **Filho**, & ao **Espirito Santo**. Sò quem não tem fé, como dizia, não tremirá de ouvir, & imaginar hum tão horrendo sacrilegio. Entáo prezem-se os q' isto fazem de ser devotos da Senhora da Graça, & de ter dedicado a sua Igreja, & posto a sua patria debaixo do titulo, & protecção da mesma Graça. Como a graça consiste em amar, & ser amado de Deos, sò quem de todo coração estima mais a sua amisade, que a sua mesma vista, pôde affirmar com verdade, que faria a mesma eleição, que fez a Senhora da Graça.

363 Mas passando à segunda pergunta, respondeime, se fizestes esta eleição atègora? Oh valhame Deos, que confusão, & que angustias feráo as vossas, quando no dia do Juizo se vos fizer esta mesma pergunta! O lume da razão natural, sem chegar aos preceitos da Ley de Deos, está ditando a todo o homem,

mem, que entre o bem, & o mal deve eleger o bem, & entre o bom, & o melhor, eleger o melhor. Vejamos agora nos vossos pensamentos, nas vossas palavras, & nas vossas obras, que todas alli haõ de aparecer publicamente, que he o que escolhestes: a graça, ou o peccado? Nos pensamentos o peccado, nas palavras o peccado, nas obras o peccado, & sempre, & em tudo, ou quasi tudo o peccado, com perpetuo esquecimento, & não só esquecimento, mas desprezo da graça. E porque? Nas obras por hum appetite irracional, ou por hum vilissimo interesse: nas palavras por hũa murmuração da vida alhea; ou por hum impeto da ira: nos pensamentos por hũa representação do desejo vaõ, & tal vez por hũa chimera não só fingida, mas impossivel. E he possivel, que por isto se troque, se venda, & se perca a graça de Deos: & sobre tudo, que sentindose tanto outras, que não me-

recem nome de perdas, só as da graça senão sintão! Verdadeiraméte!, que não sei onde está a nossa fé, nem o nosso entendimento! O que só sei he, que semelhante insensibilidade só se acha em almas, que estão destinadas para o Inferno, & já nesta vida merecem o odio de Deos, como Esau: *Esau autem odio habui.* Vendeo Esau o seu morgado a Jacob por hum appetite taõ vil, & hum gosto taõ grosseiro, & taõ breve como sabemos, & pondéra a Escritura sagrada, que depois de fazer esta venda se apartou dalli: *Parvi pendens, quòd primogenita vendidisset,* sem fazer caso do que tinha feito, nem pesar o que tinha vendido. Assim acontece aos que perdem a graça de Deos, & muito mais se vendem por algũa cousa de seu gosto. Por qualquer outra perda se entristecê, & por esta, & com esta taõ fóra estão de se entristecer, que antes se alegrão: *Latentur cū malè fecerint.*

Malac.  
ch. 3.

Genes.  
25. 34.

Aos

364 Aos que atêgora fizeram tam mã, & taõ errada eleição como esta, só peço que tomem a balança na mão, & pesem o que Esau não pesou. Dizeime: Quaes são as cousas neste mundo pelas quaes os homens costumão perder, ou vender a graça de Deos? Geralmente, diz S. João Evangelista, são, ou desejo de riquezas, ou desejo de honras, ou desejo de gostos, & deleites dos sentidos. Pondeme agora tudo isto em hũa parte da balança, & da outra hum só grão de graça, & vede qual pesa mais. Ponde todo o ouro, toda a prata, todas as perolas, & pedras preciosas, que gera o mar, & a terra, & hum grão de graça, nam só pesa mais sem nenhũa comparação, mas o mesmo feria se toda a terra fosse ouro, & todas as pedras diamantes. Acrescentai mais à balança todas as honras, todas as dignidades, todos os Cetros & Coroas, todas as Mitras & Tiaras, & tudo quanto es-

tima a ambição humana; & nenhum pendor faz em respeito de hum só grão de graça, como tambem o não faria, ainda que Deos levantasse hum novo Imperio, no qual hum homê dominasse a todos os homens, & a todos os Anjos. Finalmente, sobre as riquezas, & honras accumulense todos os gostos, todas as delicias, todos os prazeres, nao só quantos se gozaráõ, & pòdem gozar neste mundo, senão tambem os que se perdêrão no Paraíso Terreal; & para que vos não admireis de que pese muito mais hum grão de graça, sabei que ainda he mais digno de se appetecer, que tudo quanto gozão, & quanto hão de gozar por toda a eternidade com a vista clara de Deos todos os Bemaventurados do Ceo: & sendo isto assim, pôde haver maior locura, que por hũa onça de interesse, por hum pontinho de honra, & por hum instante de gosto perder, não hum só grão de gra-

graça de Deos, senão toda a sua graça?

365 Mas para q̄ acabemos de pesar o que ainda não está pesado, tornemos ao morgado de Esau. O morgado, que Esau vendeo, era o temporal, que elle herdou de seu Pay Isaac, o qual indo a ser sacrificado, não chegou a derramar o sangue: o morgado, que nós vendemos, he o sobrenatural, & da graça, do qual o Filho de Deos nos fez herdeiros, tendo-o comprado com todo o sangue, que derramou na Cruz. É este preço infinito he o que nós tão vil, tão impia, & tão sacrilegamēte desprezamos. Dizeime, se quando na Missa se levanta o sangue de Christo no Caliz, ouvesse algum, que em vez de o adorar, & bater nos peitos, lhe voltasse o rosto, lhe fechasse os olhos, & com o gesto de ambas as mãos o regeitasse, & lançasse de sy, quem haveria que não abominasse tal homem, & se podesse, o queimasse logo?

Pois isto he o que fazeis, sem o entender, todas as vezes q̄ desprezais a graça de Deos. Ouvi ao mesmo Christo como já se queixava deste desprezo por boca do Profeta: *Pretium meum cogitaverunt repellere*: Chegárao os homens a tal extremo de cegueira, & maldade, diz Christo, que entrárao em pensamento de regeitar, & desprezar o meu preço. Ah Senhor, que os mesmos, que crem em vós, & se chamao Christãos, não só chegárao a entrar em tão abominavel pensamento; mas com os pensamentos, com as palavras, com as obras, & com tudo o que cuidão, & fazem, desprezão, & daõ por nada este vosso preço! Nota aqui Hugo Cardeal, que em tudo o que se vende, ou compra não ha hũ só preço, senão dous. Hũ o preço da cousa comprada, outro o preço daquillo com que se compra: *Quod emitur, & quo emitur*. Estes são os dous preços, q̄ despreza todo aquelle que pecca, & ven-

*Psalm.*  
61. 5.

& vende, ou troca pelo peccado a graça de Deos. Hum o preço da graça, que Christo nos comprou com seu sangue, & outro o preço do mesmo sangue, com que nos comprou a graça. E se me perguntais até onde chega este desprezo? Tremo de o dizer, mas he bem que o ouçais, & faibais. Chega este desprezo não só a desprezar de qualquer modo a graça de Deos, & o sangue de Christo, mas a meter debaixo dos pés, & pizar a mesma graça, & o mesmo sangue, & o mesmo Filho de Deos. São palavras expressas, & tremendas do Apostolo S. Paulo: *Qui filium Dei concalcaverit, & sanguinem testamenti pollutum duxerit, in quo sanctificatus est, & spiritui gratiæ contumeliam fecerit*; vede se falla nomeadamente da graça, nomeadamente do sangue, & nomeadamente de Christo. Da graça, a que faz tão grande injuria: *Spiritui gratiæ contumeliam fecerit*: do sangue, que reputa por

Hebr.  
10, 29

digno de ser abominado: *Et sanguinem testamenti pollutum duxerit*: & do mesmo Christo com expressão, & reflexão de ser Filho de Deos, o qual piza, & mete debaixo dos pés: *Qui Filium Dei concalcaverit*.

366 Chegada a verdade, & evidencia do nosso discurso a este extremo de impiedade, & horror, que senão podéra crer, né imaginar, senão fora de fé; bem creio que não haverá alma tão perdida, nem consciência tão desesperada, que conhecendo o erro, & cegueira em que atêgora a sofreo a paciencia, & misericordia divina, sem a deitar mil vezes no Inferno, como pondéra o mesmo S. Paulo, & como hũ tal desprezo do sangue de Christo, & do preço do mesmo sangue merecia; bem creio, digo, que ninguem haverá, que não tenha mudado de resolução, & com verdadeiro arrependimento, & dor do passado, a não tenha feito muito firme de



antepôr a graça de Deos a tudo quanto pôde ter, ou desejar neste mundo, em quanto no mesmo mundo, excepta só a sua graça, lhe pôde dar o mesmo Deos. E para que isto não fique só em bons propósitos, que podem esquecer, & tornar a ser vencidos do mau costume; acabo com declarar a todos, & lhe protestar da parte do mesmo Deos, sobpena de salvar, ou não salvar, o que devem fazer.

367 Tudo se reduz a tres pontos, & muito breves, para que vos fiquem na memoria. O primeiro, que logo, & sem dilação o que estiver em peccado se ponha em graça de Deos por meyo do Sacramento da Penitencia, fazendo tão exacto, & tão fiel exame, & confissão de toda a vida passada, como se aquella fosse a ultima para ir dar conta à divina Justiça. O segundo, hum total, & firmissimo proposito de conservar a mesma graça, & perseverar nella, sem fazer caso de fazenda, hon-

Tom. 7.

ra, ou qualquer outro interesse, & conveniencia humana, & com resolução de antes padecer mil mortes, que cometer hum peccado mortal. Terceiro, não só conservar a mesma graça, mas procurar com todo o cuidado de a aumentar com o exercicio contrario de virtudes, & obras Christãas: com observancia dos preceitos divinos, com a frequencia dos Sacramentos, com a oração, com a esmola, com o jejú, & mortificação de todas as paixões da carne, com amor dos inimigos, com o perdão das injurias, com a paciencia dos trabalhos, & conformidade com a vontade de Deos em todas as cousas, que nesta miseravel vida ordinariamente são adversas: & como dantes com os pensamentos, palavras, & obras offendia ao mesmo Deos, assim daqui por diante as ordene todas com recta intenção a seu divino serviço, & aumento de sua graça, na qual tão brevemente co-

Cc mo

mo vimos, pôde adquirir, & multiplicar muito grandes thesouros, & recuperar em poucos dias de verdadeira contração, & amor de Deos tudo o que esperdiçou, & perdeu em toda a vida passada.

368 E porque deliberada, & reduzida a alma a este segundo, & felicissimo estado, he certo, que nam se descuidará o Demonio em procurar de a derrubar delle com tentações; aqui entra o patrocínio, & amparo da Senhora da Graça, & seu fantissimo nome terrível sobre todos: ao mesmo Demonio, nomeandoa, & invocádo-a muitas vezes no mesmo conflicto, & dizendo: *Maria Mater gratiæ, Mater misericordiæ, tu nos ab hoste protege*: Maria Mãy da graça, Maria Mãy da misericordia, vós que só podeis fortalecer a nossa fraqueza, nos defendei deste cruel inimigo.

369 Assim postrados diante de vossò soberano acatamento, como Trono

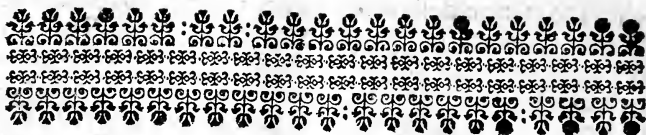
da Graça vos pedimos unicamente esta, que vós estimastes sobre todas. E confiadamente, Senhora, vos fazemos esta petição debaixo da promessa do vosso Apostolo: *Adeamus ergo cum fiducia ad thronum*

*gratiæ, ut misericordiam* (Hebr. 4. 16.)

*consequamur, & gratiã inveniamus in auxilio opportuno.* Graça, & misericordia nos promete debaixo do vosso amparo. E como nos pôde faltar a graça, ou a misericordia, sendo vós Maria Mãy da graça, & Mãy da misericordia: *Maria Mater gratiæ, Mater misericordiæ?* Como Mãy da graça não só tédes abundantissima graça para vós, senão para vossòs filhos, que somos os peccadores. O mesmo Anjo, que vos faudou dizendo: *Gratia plena, acrecentou logo, Spiritus Sanctus superveniet in te*: porque não só fostes cheia de graça, senão sobrechea: *Plena sibi, superplena nobis*, como diz vossò devoto S. Bernardo: Chea para vós, & para nós sobrechea;

chea; com que destas superabundancias de graça não podeis deixar de partir liberalmente com nosco como Mãy da graça, *Mater gratiæ*. É muito menos o devemos desconfiar de vossa misericordia, como Mãy de misericordia, pois temos ração de vos pedir, ou demandar a mesma graça, não só de misericordia, senão de justiça. O mesmo Anjo vos disse: *Invenisti gratiã apud Deũ*: Que vós achastes a graça. Quem acha o perdido, tem obrigação de o restituir a quem o perdeu, & se Eva nos perdeu a graça, vós como Reparadora de todas as suas perdas, a deveis nam só por misericordia, senão por justiça, & por restituição a seus filhos. O mesmo inimigo, que a ella tentou, & venceo, nos tenta tam-

bem a nós, & nos pertende vencer: pelo que, Senhora da Graça, a vós vos pertence defendernos de suas tentações, & astucias: *Tu nos ab hoste protege*. E nam só vos dizemos, *Tu nos ab hoste protege*, mas para que esta protecção seja perpetua, & segura até a morte, acrecétamos, *Et hora mortis suscipe*. Este ditoso dia, Senhora, foi aquelle, em que pagando como filha de Adão o tributo à morte, na mesma hora em que começou a vossa gloria, se consumou a vossa graça: pelo que, Senhora da Gloria, & da Graça, por vossa santissima morte, nos concedei para a nossa húa tal hora, em que acabando esta miseravel vida em Graça, na eterna, & felicissima possamos acópanhar vossa Gloria.



# SERMAM

## DE

### S. JOAM EVANGELISTA

Festa do Principe D. Theodosio na Capella  
Real, anno 1644.

*Conversus Petrus vidit illum discipulum, quem diligebat  
Jesus, sequentem. Joann. 21.*

§. I.



370

Uidava eu, que  
só dos que segué  
ao mundo havia  
venturosos, &  
desgraçados. Tambem na  
fantidade ha fortuna. S.  
João Bautista foi desgra-  
çado com Reys, S. João  
Evangelista foi venturoso  
com Principes. S. João  
Bautista foi desgraçado cõ

Reys, porque hum Rey o  
fez nascer em húa monta-  
nha, & outro Rey o fez  
morrer em hum carcere.  
S. João Evangelista foi vé-  
turoso com Principes, por-  
que o Principe do Ceo, &  
o Principe da Igreja, am-  
bos andaõ em competen-  
cia neste Evangelho sobre  
qual se lhe ha de mostrar  
mais afeiçoado. Fez Chri-  
sto a S. Pedro Principe  
uni-

universal da sua Igreja, & apontando S. Pedro para S. Joáo, disse: *Domine, hic autem quid?* Senhor, se a mim me dais o Pontificado, se a mim me entregais as chaves do Ceo, aos merecimentos de Joáo, que lhe haveis de dar? Que responderia Christo a S. Pedro? *Sic enim volo manere donec veniam, quid ad te?* Se eu quero que Joáo se fique assim, quem vos mete, Pedro, a vós nisso? Quem vos fez procurador de Joáo? *Quia ad te?* Notavel resposta de Christo, & notavel proposta de Pedro! Christo & Pedro ambos parece que estão queixosos pelo que haviaõ de estar agradecidos. Na repartiçam dos lugares sentemse as dignidades, que se dão aos outros: nos negocios dos amigos, sentemse que haja descuidados, mas nam que haja cuidadosos. Pois se Christo era amigo de Joáo, & Pedro estava feito Pontífice: porque se mostra sentido Pedro da dignidade, que lhe dava Christo?

porque se mostra sentido Christo do cuidado, que mostrava Pedro? Os sentimentos eraõ diversos, mas a causa era a mesma. Sentiaõse ambos, porque ambos amavaõ muito a S. João. Pedro sentia-se da dignidade, que lhe dava Christo; porque como Pedro amava muito a Joáo, queria a dignidade para elle, & não para sy: Christo sentia-se do cuidado, que mostrava Pedro, porque como Christo amava mais que todos a Joáo, não queria que ouvesse quem se mostrasse mais cuidadoso que elle. Onde está Joáo, dizia Pedro, porque me haõ de dar o Pontificado a mim? *Hic autem quid?* Onde estou eu, dizia Christo, porque ha de ter outrem cuidado de Joáo? *Quid ad te?* De maneira, q o Principe da Igreja, & o Principe da Gloria andavão ambos em competencia sobre qual havia de amar mais a S. Joáo, porq fer amante do Evangelista amado, ou he destino,

ou he obrigação dos maiores Principes.

371 Taõ qualificada, Senhor, & taõ authorizada como isto tem V. A. a devação do seu amado Evãgelista S. Joaõ: authorizada com os cuidados do Principe da Igreja, & mais authorizada com as emulaçoens do Principe da Gloria. Com tudo, Senhor, eu quando confidoro a V. A. Principe de Portugal, naõ deixo de ter meus escrupulos nesta devação. S. Joaõ foi o valído de Christo; & hum Principe de Portugal logo em seus primeiros annos affeiçãoõdo a valídos! Devação a valído, ainda que Santo, em hum Principe! Escripulosa devação. Lã diziaõ os Israelitas a Deos, que lhe naõ haviaõ de chamar Baalim, que quer dizer, Senhor meu; porque ainda que Baalim era nome de Deos, equivocavase cõ Baal, q̃ era nome do Idolo. Pois se o nome do Idolo, ainda posto em Deos, era perigoso; o nome de

valído, ainda que posto em S. Joaõ, porque o naõ ferã? Valído ainda que seja S. Joaõ, he valído: & affeiçãoõ a valído no nosso Principe! Pois por certo, Senhor, que naõ saõ esses os exemplos, que V. A. vê: naõ he essa a doutrina com que V. A. he criado. Quanto mais que havendo de haver valído, parece que naõ havia de fer S. Joaõ. Os valídos inventaraõse para os Principes descançarem nelles; & S. Joaõ era hum valído, de quem diz o Evangelista: *Recur-  
buit supra pectus Domini*: Joãnn.  
21.20. Que esteve encostado sobre o peito de seu Senhor. Lindo talento de valído! Em vez de o Principe descançar nelle, elle descança no Principe!

## §. II.

372 **C**Om isto feresim, eu acho duas razoens muito forçosas para o Principe N. S. se affeioar a este grande valído de Chri-

Christo. A primeira, pelas partes do valido: a segunda, pela authoridade de quem o inculcou. Quiz El Rey Athalarico tomar por seu valido a Tholonico patricio Romano, & escreveu-lhe assim em hũa Epistola, que he a nona do livro 8. de Cassiodoro: *Ad relevandã florentissimã etatis nostrã sollicitudinem visum est te virum prudentissimum adhibere, quem constat etiam Domino avo nostro laudabiliter adhæsisse.* Querovos por cõpanheiro no governo destes meus primeiros annos, diz Athalarico a Tholonico, por duas razoes: porq̃ tendes prudencia para o ser, & porque o fostes primeiro do Senhor Theodorico meu avo: *Quem constat etiam Domino avo nostro laudabiliter adhæsisse.* Estas mesmas são as razoes, que o Principe, que Deos guarde, tem para ser tão affeçoado a este grande valido de Christo. A primeira, porque tem grandes partes para o ser: a segunda,

porque o foi primeiro do Serenissimo D. Theodosio seu Avo: *Etiam Domino avo nostro lausabiliter adhæsisse.* Sendo S. A. de muito menos annos sonhou, que lhe apparecia o Senhor Dom Theodosio, & que lhe encomendava muito, que fosse grande devoto de S. Joaõ Evangelista, de quem elle toda a vida fora devotissimo. Não foi esta a vez primeira, que felicidades de S. Joaõ tiverão principio em sonhos. Este sonho mysterioso foi o principio desta devação: & esta herança divina foi a que deixou a hũ tal Neto hum tal Avo.

373 Já outra vez ao pé da Cruz foi S. Joaõ Evangelista deixado em herança; & a meu ver, este he hum dos grandes louvores do Discipulo amado: ser hum amigo, de quem se pôde testar. Hum dos grandes escandalos, que tenho do mundo, he, porque se não ha de testar dos amigos? Na morte testão os homẽs de todos seus bens,

& por essa mesma razão parece, que haviaõ de testar dos amigos em primeiro lugar; porque entre todos os bens, nenhú bem ha maior que os amigos, & entre todas as cousas nossas, nenhúa he mais nossa que os amigos. Pois se os amigos são os nossos maiores bens, & os bens mais nossos, porque não testamos delles? A razão he esta; porque os bens de que testão, & podem testar os homens, são aquelles, que permanecem depois da morte; & os amigos, ainda que sejaõ os nossos maiores bens, são bens que se acabaõ com a vida. O maior amigo permanece até a morte, depois da morte ninguem he amigo. Morreo Lazaro estando Christo ausente; & he muito de reparar o modo có que Christo Senhor nosso deo esta nova aos Apostolos. A primeira vez disse: *Lazarus amicus noster dormit*: Lazaro nosso amigo dorme. Dahi a pouco explicou-se mais, & disse: *Lazarus mortuus est*: Lazaro he morto. Notavel differença! Quando Christo diz que Lazaro dorme, chama-lhe amigo nosso: *Lazarus amicus noster dormit*; quando diz que Lazaro he morto, não lhe chama amigo: *Lazarus mortuus est*. Pois se lhe chama amigo quando disse que dormia, porque não lhe chama amigo, quando disse que morrera? Porq̃ quando disse que dormia, supunha-o vivo; que o dormir em rigor he de quem vive; quando disse que morrera, declarava-o morto: & o nome de amigo acabase com a vida: depois da morte ninguem he amigo. Lazaro vivo he amigo: *Lazarus amicus noster*, Lazaro morto he Lazaro: *Lazarus mortuus est*. E como as amizades humanas são bens que não permanecem depois da morte, por isso os homens não testão destes bens, por isso se não deixaõ os amigos em testamento. Sõ S. João Evágelista foi exceiçãõ

Joann.  
11.11.



ção desta regra, como de todas. Fez Christo seu testamento na hora da morte, & a principal herança de que testou, foi S. Ioaõ: *Mulier, ecce filius tuus.* Sabia q̃o amor do seu amado não se havia de acabar com a vida; por isso foi a herança principal de seu testamento.

374 No Sacramento da Eucharistia confagrou Christo igualmente seu corpo, & sangue: mas no modo da consagração reparo eu em hũa differença grande. A consagração do Caliz, chamoulhe Christo testamento: *Hic Calix novum testamentum est in meo sanguine*: à consagração do corpo não lhe chamou testamento: *Hoc est corpus meum*, & nam disse mais. Pois se Christo chama testamento ao sangue, porque não chama testamento ao corpo? & se testou do sangue, porque não testou do corpo? A razão muito a nosso intento he esta; porque as finezas do corpo de Christo acabárao

com a morte: as finezas do sangue de Christo ainda depois da morte perfeve-rárao. O corpo de Christo concorreo à redempção, padecendo; o sangue de Christo concorreo à redempção, derramandose: pois por isso testou Christo de seu sangue, & não testou de seu corpo, porque o corpo depois da morte não padeceo, o sangue depois da morte ainda se derramou: *Exivit sanguis.* Esta foi a causa porque ad-  
Joann: 19:34.  
 vertidamente o Evangelista fallando da lança, não disse que ferira, senão que abriu: *Latus ejus aperuit*:  
ibid.  
 porque a lançada nam foi ferida para o corpo, foi porta para o sangue: nam foi ferida para o corpo, porque o corpo não a sentio; foi porta para o sangue, porque o sangue sahio por ella: *Exivit sanguis.* E como no corpo depois de morto não havia sentimẽto para padecer, & no sangue depois da morte ainda havia impulsos para fair, por isso testou Christo de seu

Joann.  
19:26.

Luc. 22.  
20.

Ibid. 19.

seu fangue, & não de seu corpo: *Hic Calix novum testamentum est in meo sanguine*: Oh divino João, que bem mostrais ser fangue de Christo na fineza de vossa amizade! Não se acabaráo vossas finezas com a morte, antes depois que Christo morreo por vós, morrestes vós mais por elle: por isso testou de vós vosso Mestre: por isso testaráo de vós nossos Principes.

375 Ora eu me puz a considerar em razão de herdeiro, a qual devia mais o Principe, que Deos guarde, se a ElRey nosso Senhor, se ao Senhor Dom Theodosio? Em quanto herdeiro delRey nosso Senhor, a herança he o Reyno de Portugal: em quanto herdeiro do Senhor D. Theodosio, a herança he S. Joáo Evangelista. Pois a qual deve mais S. A. em razão de herdeiro? Não ha duvida, Senhor, que em razão de herdeiro deve V. A. mais ao Senhor Dom Theodosio, que a ElRey

nosso Senhor. Provo em proprios termos. Quando Christo fez o seu testamento na Cruz, teve duas coufas de que testar: testou do Reyno, & testou de S. Joáo. Saibamos: E a quem deixou estes dous legados? O Reyno deixou-o a Dimas, S. Joáo deixou-o a sua Mãy. Pois como assim, Senhor, parece que se haviaão de trocar os legados: o Discipulo bastava deixalo a hum amigo, o Reyno convinha deixalo à Mãy: pois porque deixa o Discipulo à Mãy, & o Reyno a Dimas? Porque a quem Christo amava mais, era bem que deixasse o melhor legado. E có o Reyno de Christo ser o melhor do mundo, à Mãy, a que amava mais, deixou a Ioaó, a Dimas, a quem amava menos, deixou o Reyno. Porque muito menor herança era o Reyno, do que Ioaó. S. Ambrosio expressa, & estremadamente: *Matri dixit: Ecce filius tuus: Latroni dixit: Hodie mecum eris. in Paradiso: pluris putans, quòd*

*quòd pietatis officia dividebat, quàm quòd Regnũ Cæleste donabat.* A Mãy, a quem amava mais, deo a Ioaõ, a Dimas, a quẽ amava menos, deo o Reyno: porque pondo em fiel balança de hũa parte o Reyno do Ceo, de outra parte a S. Ioaõ, entendeo Christo, que dava mais a sua Mãy em lhe dar a Ioaõ, do que a Dimas em lhe dar o Reyno: *Pluris putans, quòd pietatis officia dividebat, quàm quòd Regnum Cæleste donabat.* E se S. Ioaõ sem lisonja he melhor herança; que o Reyno do Ceo, sem ingrataçãõ podemos dizer, que he melhor herança tambem, que o nosso de Portugal.

Esta he a primeira razãõ, & mui justificada, que S. A. tem para ser mui affecto ao grande válido de Christo, por ser herança do Senhor Dom Theodosio seu Avo. A segunda he, pelas boas partes, que em S. Ioaõ se achãõ para válido, como agora veremos.

## S. III.

376

**A** Primeira boa parte, que eu reconheço em S. Ioaõ para válido, he ser Evangelista. Os validos haõ de ser Evangelistas. O officio dos Evangelistas he dizer verdade; & os validos haõ de ter o dizer verdade por officio. Alguns homens tem havido Evangelistas, muitos homens tem havido validos: mas válido, & Evangelista juntamente só S. Ioaõ o foi. A razãõ, ou sem-razãõ disto he; porq̃ os q̃ saõ validos não querem ser Evangelistas: & os que saõ Evangelistas nam chegaõ a ser validos. Sõ em S. Ioaõ se ajuntãõ estas duas propriedades, das quaes se compoem a maior prerogativa sua. Sabeis qual he a mais singular prerogativa do Evangelista amado? He ser amado sendo Evangelista. Reparo eu muito no nosso Evangelho em hũa couza em que não vejo reparar. *Et sci-*

*scimus quia verum est testimonium ejus*: diz S. João por fim de seu Evangelho, que tudo o que diz nelle he verdade. Ociosa advertencia, ao que parece, por certo. Leão se todos os Evangelistas, & nenhum se achará, que fizesse semelhante advertencia. Pois se os outros Evágelistas não dizem que he verdade o que escreverão; porque ciz S. João, que he verdade o que escreveo? Não tu ha igual authoridade? Não era Evangelista como os demais? Sim era, mas era Evangelista amado; & porque o amor podia fazer sospeitosa a verdade, advertio, que ainda que era amado, era verdadeiro: *Discipulum quem diligebat: & scimus quia verum est testimonium ejus*. Ordinariamente nas Cortes dos Principes, os que contrafazem a verdade, são os q̄ grangeão o amor. Na Corte de Christo não he assim: os que tem por prolição ser verdadeiros, são os que tem por premio

fer amados. Oh que grande gloria de Christo! ó q̄ grande gloria de Ioão! Grande gloria de Christo, que o seu amado seja hum Evangelista: grande gloria de Ioão, que sendo Evangelista seja o amado. Mas isto não se acha em toda a parte: só na Corte do Ceo, & na de Portugal; só no Principe da Gloria, & no nosso Principe. O q̄ importa, Senhor, he, que seja sempre assim. Os amados sejaõ só os Evangelistas: & quem não for Evágelista, não seja amado.

377 E qual he a razão porque os Evágelistas devẽ ser os amados? A razão he evidente: porque o maior merecimento para ser amado, he amar, & a maior prova de amar, he fallar verdade. Perguntou Dalila a Sansão por tres vezes, em que parte tinha vinculada sua fortaleza, & que remedio podia haver para ser vencido? Respondeo Sansão a primeira vez, que se o atassẽ fortemente com nervos: a següda vez, que

que se o atassem com cordas: a terceira vez, que se o atassem com os cabellos; mas de todas as tres vezes rompeo elle com facilidade as ataduras. E que faria Dalila vendose assim enganada? Queixouse muito de Sanção: disse, que sabia de certo, que a não amava, & fez-lhe este argumento: *Quomodo dicis quod amas me? per tres vices mentitus es mihi*: Como dizes tu, Sanção, que me amas, se me mentiste tres vezes? Bem tirada consequencia: mentisteme, logo não me amas. A consequencia he clara: porque amar he entregar o coração, mentir he encobri-lo: bem se segue logo, que quem não falla verdade, não ama; porque como ha de entregar o coração, quem o encobre? De maneira, que da verdade de cada hum pôde julgar o Principe o seu amor: com advertencia porém, que não deve esperar, como Dalila, pela terceira mentira: *Per tres*

*vices mentitus es mihi*. Pela primeira falsidade em que o vassallo for achado, ha de cair logo da graça do Principe, & cair para sempre. Parece demasiado rigor; porq a graça de Deos não se perde por qualquer mentira: bem pôde hum homem não fallar verdade, & mais ficar em graça de Deos. Com tudo no Principe não he bem que seja assim. Porque? Porq para Deos, que conhece os coraçãoes, bem pôde haver mentiras veniaes, mas para quem os não conhece, todas he bem que sejaõ mortaes, & que por todas se perca a graça. A graça consiste no amor: quem não falla verdade, não ama, logo onde se prova o defamor, bem he que se perca a graça. Perca-se a graça, onde se provar o defamor, que he a mentira: ganhesse a graça, onde só se provar o amor, que he a verdade: & andem juntos como em S. Ioaõ o titulo de Evangelista com o de amado.

378 Não fou amigo de deixar duvidas na minha doutrina. Todos me estaõ pondo contra esta húa grande instancia. S. Matheus, S. Marcos, S. Lucas tambem foraõ Evangelistas ; com tudo não alcançáão privilegio de amados: logo S. João não foi amado por ser Evangelista: & se foi amado por Evangelista, qual he a maior razão ? A maior razão he esta: porque S. João Evangelista, como notou S. Ieronymo, disse no seu Evangelho muitas cousas, que os outros Evangelistas deixáráõ de dizer: & dizer as verdades, que os outros dizem, não he acção que mereça singular amor; mas dizer as verdades, que os outros deixaõ de dizer, quem isto faz, merece ser singularmente amado. As verdades que disse S. Matheus, disse-as S. Marcos, disse-as S. Lucas: as verdades que disse S. Marcos, disse-as S. Lucas, disse-as S. Matheus: as verdades que disse S. Lu-

cas, disse-as S. Matheus, disse-as S. Marcos: mas muitas verdades que disse S. João, não as disse S. Matheus, nem S. Marcos, nem S. Lucas; elle só as disse: E quem sabe dizer as verdades, que todos os outros callão, elle só merece ser mais amado que todos. Não ha de ser o amado quem calla as verdades, que os outros dizem, senão quem diz as verdades, que os outros callão. Assim o fez S. João, & por isso foi o singularmente amado: *Discipulum quem diligebat.*

## §. IV.

379 **A** Segúda qualidade de válido que teve S. João, & a que eu admiro muito neste grande Santo, he ser hú válido, que ficou assim: *Sic eum volo manere.* Perguntou S. Pedro a Christo: *Domine, hic autem quid?* Senhor, se a mim me fazeis Principe da vossa Igreja, S. João, o vosso válido, que ha de ser? Respondeo o  
Se-

Senhor: *Sic eum volo manere* : Quero q̄ fique assim. Esta he, a meu ver, huma das grandes excellencias do Evangelista , ser hum valido, que ficou assim. Ser valido, & ficar logo de outra maneira , isso acontece a todos, mas ser valido, & ficar assim como dantes, he singularidade de S. Ioaõ. S. Pedro, que media a S. Ioaõ pelos outros validos, imaginava que havia de crescer muito com o valimento : *Hic autem quid?* Mas S. Ioaõ, que se media consigo, ficou se assim como dantes era : *Sic eum volo manere*.

380 Hũa das circumstancias em que reparo muito na criação do mundo, he formar Deos a Eva do lado de Adão : não a pudera formar da cabeça, para que fora entendida? Não a pudera formar das mãos, para que fora executiva? Não a pudera formar dos pês, para que fora diligente? Pois porque a fórma do lado? Porque o lado de Adão era a parte

mais acomodada para o que Deos pertendia. Deos de hũa pequena parte de Adão. queria fazer subitamente hũa Eva, que fosse taõ grande como elle; pois por isso a formou do lado, & não doutra parte; porque he propriedade dos lados crescer muito em pouco tempo. Ainda agora costa, & já Eva? Ainda agora hũa parte taõ pequena do lado de Adão, & já taõ grande como o mesmo todo de que era parte? Sim: porque a costa era parte do lado de Adão. Adão era Principe universal de todo o criado: & não ha cousa que mais creça, nem mais depressa, que os lados dos Principes. Veja-se em Ioseph com EI Rey Faraõ: veja-se em Amão com EI Rey Assuero: veja-se em Daniel cõ EI Rey Dario. E que sendo taõ natural o crescer nos lados dos Principes, que S. Ioaõ, que era o lado do maior Principe do mundo, nam tratasse de acreeentamento, & se deixasse ficar assim:

*Sic*

*Sic eum volo manere?* Grã-de excellencia do Evangelista!

381 Tres cousas ha neste mudo, que sempre crecem, & nunca ficão assim: hũa faz a natureza, outra faz a graça, outra faz a fortuna. A natureza as palmas: a graça os Santos: a fortuna os valídos. A estatura da Alma Santa diziaõ as outras Almas suas companheiras, que era semelhante à palma: *Statura tua assimilata est palma*. E porque mais à palma, que a outro corpo bizarro, & vistoso de quantos criou nos campos a natureza? Porque todas as outras arvores, ainda que sejaõ os cedros mais gigantes do Libano, tem limite no crescer, & termo na estatura: só a palma não, sempre crece. Taes são as almas dos Santos. Como a virtude não tem termo, como a perfeição não tem limite, sempre estão crescendo na virtude, sempre estão subindo na perfeição, sempre se estão renovando, &

melhorando, à claritate in claritatem, como diz S. Paulo. Esta he a estatura das palmas alentadas pela natureza; esta he a estatura dos Santos inspirados pela graça; & esta he a estatura dos valídos assoprados pela fortuna. Estatura que por mais crecida, & por mais remontada até as nuvens que a vejamos, sempre crece mais, & mais. E senão lembraivos dos tres que agora dizia. Deo Jacob por bênção a Joseph, que crecesse sempre: *Filius accrescens Ioseph, filius accrescens*: & onde se cumprio esta benção? Na privança, & valimento de Farão. Amam graõ privado de Assuero, até o dia em que acabou creceo; & porque não teve mais para onde crescer, acabou. Pareceo desgraça, & foi natureza; que assim acontece à palma, ou crescer, ou acabar. Daniel na privança de Dario, tendo subido a ser hũ dos tres supremos Principes de toda a Monarchia, ainda o Rey queria que

cre-

Cant.  
77.

Co-  
rinth. 3.  
12.  
Genes.  
49. 22.



crecesse mais, & que fosse elle só sobre todos: *Porro Rex cogitabat constituere eum super omne Regnum.* Offenderaõse os grandes de tanto crescer: & o remedio que inventáraõ para que não crecesse mais Daniel, foi buscarem lhe occasiãõ com que o tirassem do lado do Rey. Não he frase só da nossa lingua, senão do mesmo Texto sagrado: *Vnde Principes, & Satrapæ querebant occasionem, ut invenirent Danieli è latere Regis.* Do lado o querião tirar, porque do lado lhe vinha o crescer. Não sei que influencias té o lado do Principe, que em todo este elemento em que vivemos, não ha parte tão fertil, & tão fecunda como aquelles dous pès de terra: tudo alli se dà, tudo alli medra, tudo alli crece. Crecem os parentés, os amigos, os criados: crecem as honras, os postos, os titulos: crece a casa, a fazenda, o regalo: crece o poder, o dominio, o respeito, a adoração, & sobre tudo

Tom. 7.

crece a estatura dos mesmos adorados. Hontem Pygmeos, hoje homens, à menhãa Gigantes, o outro dia Colossos. Pefame desta ultima comparação, porque quando lhe acrecentei a grandeza, lhe tirei a alma. Não assim o maior válido do maior Principe S. Joaõ: *Sic eum volo manere.* Sempre ficou na mesma estatura, sempre se conservou do mesmo tamanho, & nem apparencias de maioría lhe grangeou o lado.

Levantou se questãõ entre os Apostolos, qual delles fosse maior? *Quis eorum* Luc 22. *videretur esse maior?* Esta 24. questãõ, a meu juizo, foi o maior louvor de S. Ioaõ. Que seja S. Ioaõ sem questãõ o válido, & que ainda esteja em questãõ quem he o maior! Grande louvor de válido! Naquelle mesma hora, & naquelle mesmo lugar em que se levantou a questãõ, que foi à mesa da cea, tinha Christo feito publica entrega do seu lado a S. Ioaõ; & naquella mesma hora, & na-

Dd quella

quella mesma mesa se tinha S. Pedro valido de sua valia, para saber por elle o segredo do traidor, & elle o tinha perguntado a Christo. Pois se o valimento de S. João estava taõ declarado, se o lado do seu Principe lhe estava taõ publicamente entregue todo, & só a elle; como duvidaõ ainda os Apostolos, & cõtendem sobre qual dos doze he o maior? Não està claro, que o maior entre todos he João? Assim havia de ser, se João não fora hum valido, que ficou assim. Era S. Ioão tanto do seu tamanho sempre, taõ medido com a sua estatura, & taõ igual só consigo, que por mais que creciam os valimentos, elle sempre se ficava assim como dantes era: na valia era sem contenda o maior, mas na maioria como os demais: *Quis eorum videretur esse maior.* E notai, que a contenda em rigor não foi sobre quem era o maior, senão sobre quem o parecia: *Quis eorum videretur.*

E tinha crecido, & medrado taõ pouco S. Ioão com o seu valimento, que todos os outros Apostolos não só podiaõ pleitear com elle a maioria, senão ainda as apparencias. De forte que no cume da sua privança, & no mais subido, & remõtado do seu valimento, não só não era maior, mas nem o parecia: *Quis eorum videretur.* Sõ isto he ficar assim.

382 Mas neste ficar assim de S. Ioão, quem ficou mais acreditado, o lado, ou o valido? Eu cuido que ambos. Assim como nos validos, que não ficão assim, tanto he o descredito dos validos, como o dos lados; assim neste grande valido, que ficou assim, taõ acreditado ficou o lado, como o valido. Não fiava taõ delgado como isto a mãy de S. Ioão, & fiada no sangue que corre pelas veas, pedio a Christo para cada hum de seus filhos hum dos lados, & húa das maiores cadeiras do Reyno: *Dic ut sedeant hi duo filij*

*flij mei, unus ad dexteram, & alius ad sinistram in Regno tuo.* Não diffirio Christo por estaõ, mas a seu tempo de ametade desta petição fez dous despachos: deo hum lado a S. Ioaõ, & deo hũa cadeira a S. Pedro. Pois se a mãy pedia para S. Ioaõ a cadeira, & mais o lado, porque lhe não deo Christo o lado, & mais a cadeira? E já que lhe não quiz dar ambas as cousas que pedia, senão hũa só, porque lhe não deo a cadeira; senão o lado? Deolhe o lado, & não a cadeira, para acreditar o lado; & deolhe o lado sem a cadeira, para acreditar a S. Ioaõ. Se Christo amando a S. Ioaõ mais que a todos lhe não dera o lado, senão a cadeira, mostrava que estimava mais a cadeira, que o lado; & era defacreditar o lado: & se lhe désse o lado, & a cadeira juntamente, mostrava que S. Ioaõ não só estimava, & queria o lado, senão tambem a cadeira; & era defacreditar a S. Ioaõ. Por isso lhe

não deo a cadeira, senão o lado, & por isso lhe deo o lado sem a cadeira. Quereres antes a cadeira, que o lado, he afrontar o lado: querer o lado, & mais a cadeira, he afrontar-se o valído: querer o lado, & não querer a cadeira, he honrado valído, & mais do lado. Isto he o que ninguẽ faz, isto he o que fez S. Ioaõ, & isto o que Christo queria: q̄ fosse seu valído S. Ioaõ, & que sendo valído seu, se ficasse assim: *Sic eum volo manere.*

## §. V.

383 **A** Terceira qualidade admiravel, que resplandece no Evangelista, foi ser hum valído, que fez do segredo ignorancia. Hum dos argumentos de seu valimento, que S. Ioaõ allega neste Evangelho, foi perguntar a Christo: *Quis est, qui tradet te?* Quem era o traidor, que o havia de entregar? Respondeolhe o Senhor, que era Judas: & acre-

Joann.  
21.20.

Joann.  
13. 28.

centa o Evangelista: *Hoc autem nemo scivit discumbentium*: que isto ninguém o soube dos que estavão à mesa: logo não o soube o mesmo S. Ioaõ, que era hũ dos que estavão a ella. He consequencia de S. Agostinho. Pois se Christo disse a S. Ioaõ, como he possível, que S. Ioaõ o não soubesse? Claro està que o soube: pois se o soube S. Ioaõ, como diz que o nam soube? *Hoc autem nemo scivit*? A razão he esta: porque o que Christo disse a S. Ioaõ, disselhe em segredo, & S. Ioaõ o que sabe em segredo não o sabe. Nos outros homens o saber em segredo he saber, em S. Ioaõ o saber em segredo he ignorar: *Nemo scivit*. Nenhum segredo he segredo perfeito, senão o que passa a ser ignorancia; porque o segredo que se sabe, pode se dizer, o que se ignora, não se pode manifestar. Esta he a causa de os homens cõmumente não saberem guardar segredos; porque encomen-

dão o segredo à memoria, sendo que o haviaõ de encomendar ao esquecimento. O segredo encomendado à memoria corre perigo; o segredo encomendado ao esquecimento està seguro. A razão he: porque o segredo encomendado à memoria he cautelosa, & o que se guarda com cautela, pòde se perder: o segredo encomendado ao esquecimento he ignorancia, & o que se ignora totalmente, não se pòde manifestar. Logo o perfeito segredo he só o que chega a ser ignorancia, & tal era o de S. Ioaõ: *Hoc autem nemo scivit discumbentium*. Busquei prova a este pensamento, & só em hum homem Deos achei.

384 Falla Christo da incerteza do dia do Juizo, & diz assim: *De die autem illa nemo scit, neque Angeli, neque Filius*. O dia do Juizo ninguém o sabe, nem os Anjos, nem o mesmo Filho do homem. Este texto he hum dos mais difficultosos, que tem o Testamen-

mento Novó; tão difficul-  
toso, que se cansarão nelle  
todos os quatro Doutores  
da Igreja contra a heresia  
dos Arrianos. Dizer Christo  
que nê o mesmo Christo  
fabe quando ha de ser o  
dia do Iuizo: notavel pro-  
posição! Christo em quan-  
to Deos fabe quando ha  
de ser o dia do Iuizo, por-  
que a Ciencia divina he  
cômuã, & igual em todas  
as tres divinas Pessoas:  
Christo em quanto homê  
tambem fabe quando ha  
de ser o dia do Iuizo, por-  
que ainda que a Ciencia  
de Christo em quanto ho-  
mem não he infinita, he  
universal, & perfectissima,  
& conhece todos os futu-  
ros, & decretos divinos.  
Pois se Christo em quan-  
to Deos, & em quanto ho-  
mem fabe quando ha de  
ser o dia do Iuizo, porque  
diz que o não sabe? *De die  
autem illa nemo scit, neque  
Filius?* A exposição deste  
passo mais recebida de to-  
dos os Doutores, he esta:  
porque ainda que o Filho  
de Deos sabia muito bem

Tom. 7.

quando havia de ser o dia  
do Iuizo, sabia-o de ma-  
neira, que não queria re-  
velar este segredo aos A-  
postolos: & nas Pessoas di-  
vinas, como Christo, o fa-  
ber em segredo he igno-  
rar. S. Hylario: *Quod Fi-  
lius hominis nescit, sacra-  
mentum est, quod taceat.* O  
que Christo chama igno-  
rancia do dia do Iuizo,  
não he ignorancia, he fe-  
gredo; mas chamase o fe-  
gredo ignorancia, porque  
nas Pessoas divinas o en-  
cobrir he como o ignorar.  
O mesmo passou em S.  
Ioaõ (que delle, & de Deos  
fallaõ com o mesmo estilo  
os Evangelistas) quiz di-  
zer que encubriã, & disse  
que ignorãra: *Hoc autem  
nemo scivit discumbentium.*

385 Ainda não està en-  
carecido o fino do segredo  
de S. Ioaõ. Tornemos ao  
nosso Texto. *Qui recubuit  
supra pectus Domini, & di-  
xit: Quis est, qui tradet te?*  
Diz S. Ioaõ, que vio S. Pe-  
dro aquelle discipulo  
amado do Senhor, o qual  
na Cea effeve reclinado fo-

Dd iij

bre

bre seu peito, & lhe perguntou quem era o traidor? Reparo. Parece que S. Joáo não havia de dizer, que era aquelle que perguntou a Christo, que era o traidor, senão que era aquelle a quem Christo disse, quem era o traidor. Fundo a duvida: porque o intento de S. Joáo era provar, que elle era o amado de Christo, & o amor de Christo para com S. Joáo não se prova com S. Joáo perguntar o segredo a Christo, senão com Christo revelar o segredo a S. Joáo. Pois se Christo revelou o segredo a S. Joáo, porque nam diz S. Joáo, que Christo lhe revelou o segredo? Porque diz sómente, que elle lho perguntou: *Et dixit: Quis est, qui tradet te?* Não se podia subir a mais em materia de segredo. Foi tão escrupuloso valido em materias de segredo S. Joáo, que nem quiz dizer os segredos, que lhe disserão, nem quiz dizer que lhe disserão segredos. Que

os perguntára, sim, que lhos disserão, não. Não dizer hum homem o segredo que sabe, he muito. Mas não dizer que sabe o segredo, he muito mais. Porque? Porque não dizer o segredo que sabe, he guardar segredo às coufas: mas não dizer que sabe o segredo, he guardar segredo ao segredo. A vista de S. Paulo se verá melhor esta fineza de S. Joáo. A S. Paulo arrebatou-o Deos ao terceiro Ceo, & revelouhe grandes segredos: <sup>2. Co. 12.4.</sup> *Audivi arcana verba, quae non licet homini loqui.* Ouvi segredos, q̄ senão podem contar. Ora vede quanto vai de S. Paulo a S. Joáo. S. Paulo não disse os segredos que ouvira, mas disse que ouvira segredos: *Audivi arcana verba, quae non licet homini loqui.* S. Joáo não disse os segredos que lhe disserão, nem disse que lhe disserão segredos, que os perguntára só disse: *Et dixit: Quis est, qui tradet te?* S. Paulo guardou segredo às coufas, porque nam disse

diffe as revelaçoens ; mas não guardou segredo ao segredo, porque disse que lhas reveláraõ. S. Ioaõ guardou segredo às coufas, porque não disse quem era o traidor ; & guardou segredo ao segredo, porque não disse que lhe descubrião quem era. Que muito logo, que sendo taõ secretario S. Ioaõ, fosse taõ válido ! *Discipulum, quem diligebat Iesus, & dixit: Quis est, qui tradet te?*

## S. VI.

386

**A** Quarta, & ultima boa parte que admiro em S. Ioaõ, he ser válido, que quiz a graça por amor da graça. Logo me explicarei mais. No Sacramento da Eucharistia deixou Christo as fontes de sua graça ; mas he muito de reparar, que não quiz Christo que ficasse alli a sustancia do pão. Fundo o reparo. Meios milagres erão necessários para estar o corpo de Christo, & a sustancia de pão juntamente, que para estar o corpo de Christo

sem a sustancia de pão. Pois se com menos milagres se podia fazer cabalmente o mysterio, Deos que sempre acurta de milagres, porque não quiz que ficasse a sustancia do pão no Sacramento ? Eu não vos direi a verdadeira razão, mas dirvoshei hũa moralidade muito verdadeira. Todos os Sacramentos são instrumentos da graça, & este de mais graça que todos : & não quiz Christo, que a graça se desse junta com o pão, nem que o pão andasse junto cõ a graça. O maior abuso, & o maior risco que tem a graça dos Principes, he andarem o pão, & a graça juntos. Seno Altar se dera o pão a moyos, ainda que não fora consagrado, muitas cõmunhoens se havião de fazer por amor do pão, q̃ senão fazem por amor da graça. Querer a graça por amor da graça, he devação, querer a graça por amor do pão, he fome. Por isso ha tantos famintos, ou tantos esfaimados da graça. To-

1 Co.  
riinth.  
14.10.

dos querem ser cheos de graça, mas não de graça vazia. *Gratia Dei in me vacua non fuit*, dizia S. Paulo em bem mais honrado sentido. A graça ha de ser para vòs encheres as obrigaçoens da graça, & nam para a graça vos encher a vòs, ou vòs vos encheres com ella. Então seria a graça menos custosa a que a dà, & mais bem avaliada em quem a logra. Por isso Christo não quiz que o pão andasse junto com a graça. Mas porque os omnipotentes do mundo não fazem esta separação como poderão sem grande milagre; chegou a graça a transustanciar-se tanto no pão, que ninguém busca já a graça por amor da graça, senão a graça por amor do pão, & pela medida do pão, ou pelo pão sem medida, se avalia a graça. Porque tem hoje mais pão que todos, quem ontem não tinha hum pão? Porque está mais na graça, que todos. Oh q grossieira taó grande! Mas que bé acu-

dio Christo a este inconveniente. No mesmo Sacramento ainda que nam está pão quanto à sustancia, está pão quanto aos accidentes: porèm a graça não se mede com o pão. Muitas vezes quem cômunga húa hostia muito grande, leva pouca graça, & quem cômunga húa particula muito pequena, leva muita graça: para que entendão os homens, que a graça não se deve medir com o pão.

387 Oh que bem governado andaria o múdo, se vißemos pobres de pão, os que vemos ricos da graça! Mas sô na de Deos he isto: na graça dos homens, querem elles que seja de outra maneira. Ninguém teve mais graça com o seu Principe, que David com Ionatas: & qual foi a prova desta graça? O Texto sagrado o diz: *Spoliavit se Ionathas tunica qua erat indutus, & dedit eam David*: Despojouse Ionatas de seus vestidos, & deo-os a David. De sorte que a pro-

1 Reg.  
18.4.



va da graça do Principe são despojos : *Spoliavit se*. Notavel cousa ! que cuidem os homens , q̄ não tem a graça do Principe, senão quem lhe leva até os vestidos ! E que tenha a graça despojos, como se fora guerra ! Os despojos são sinaes de haver vencido ao inimigo : & que a graça dos amigos dos Principes tenha os mesmos sinaes ! Por isso eu temo, que este modo de conquistar a graça he fazer guerra : só quem faz guerra quer despojos. Quem conquista a graça pela graça , contentase có o coração. Veja-se no nosso Evangelista. Conquistou a graça de Christo, & veio-se a rematar a conquista em que ? Em lhe render Christo o coração : *Recubuit supra pectus ejus*. Muito estimou S. Ioaõ o coração do seu Principe ; mas estimou-o, porque se lhe rendeo, & não porque lhe rendia. O coração do Principe ha-se de estimar pelo rendimento , & não pelas rendas : ha-se de estimar

nelle o rendido , & não o rendoso. Sõ S. Ioaõ soube estimar a graça do Principe, como se ha de estimar : a graça por amor da graça, & nada mais.

388 Tres , ou quatro vezes falla S. Ioaõ em sy neste Evangelho , & sempre se chama aquelle Discipulo , nunca se chama Ioaõ : *Discipulus ille*. Pois porque se não chama S. Ioaõ pelo seu nome ? Aparentemos a duvida. S. Ioaõ neste Evangelho falla em Christo, falla em Pedro, & falla em sy : a Christo chamalhe Christo , a Pedro chamalhe Pedro, mas a sy não se chama Ioaõ : pois se a Christo chama Christo, & a Pedro Pedro, a Ioaõ porq̄ lhe não chama Ioaõ ? A razão he , porque Ioaõ quer dizer graça & amou S. Ioaõ a graça tanto por amor de ty mesma , que né o nome de graça quiz ter com ella. Os que amão a graça dos Principes mais desentereffadamente , ao menos querem com a graça o nome, querem com a  
graça.

graça as vozes: mas S. João amou a graça do seu Principe taõ finamente defenteressado, que quiz a graça ainda sem o nome, quiz a graça ainda sem as vozes. Por isso callou o nome de Joáo, porque era nome de graça. A graça por amor da graça: este he o timbre do Evangelista.

389 O mais fino amor da graça consente consigo outro amor, que he amar a graça por amor da gloria. Sõ S. Joáo passou adiante, & atê do amor da gloria quiz sepearar o amor da graça. Moyses dizia a Deos: *Si inveni gratiam in oculis tuis, ostende mihi faciem tuam.* Senhor, se achei graça em vossos olhos, mostraime o vosso rosto, em que consiste a gloria. E S. Joáo que dizia? *Vidimus gloriam ejus, gloriam quasi unigeniti à Patre plenum gratia:* Vimos a sua gloria, como gloria do Vnigenito do Padre cheo de graça. De forte que Moyses amava a graça de Deos, como graça de hum Deos cheo

de gloria: & S. Joáo amava a gloria de Deos, como gloria de hum Deos cheo de graça. Vai muito de hũa consideração a outra: porque amar a graça por amor da gloria, he querer gozar o premio: amar a gloria por amor da graça, he querer segurar o amor. Qual he a melhor coufa, que tem a Bemaventurança? A melhor coufa, que tem a Bemaventurança, não he o gozar a gloria, he o segurar a graça; porque os Bemaventurados não podem perder a graça de Deos: & isto he o que considerava S. Joáo. Moyses considerava a graça como penhor da gloria, S. Joáo considerava a gloria como seguro da graça. O amor de Moyses era interessado, porque ordenava a graça à gloria, encaminhava o amor à vista. O amor de S. Joáo era fino, & puro, porque queria a graça por amor da graça; queria amar sem attenção a ver.

390 Daqui se entenderà hum mysterio grande,

Exod.  
33.13.

Joann  
1.14.

de, & nunca affaz entendido, do nosso Evangelho: *Discipulum, quem diligebat, qui & recubuit in cæna supra pectus Domini.* Encarece S. Joáo o amor que havia entre elle, & Christo, & para prova deste amor, diz que adormeceo sobre o peito do Senhor. Boa prova de amor, por certo! Amar he desvelo, adormecer he descuido: pois como pôde ser, que o descuido seja prova de desvelo: & que o adormecer seja prova do amar? Adormeceo, logo amou: he boa consequencia esta? Sim: porque S. Joáo adormeceo com o peito reclinado sobre o peito de Christo: & não pôde haver mais fino, nem mais provado amor, que aquelle que entrega o coração, & fecha os olhos. Entregar o coração có os olhos abertos, he querer a vista por premio do amor: entregar o coração com os olhos fechados, he não querer no amor nem o premio da vista. Donde se infere clara-

mente, que teve mais perfeitas circumstâncias o amor de S. Joáo, que o amor dos Bemaventurados; porque os Bemaventurados amão com os olhos abertos, S. Joáo amou com os olhos fechados. Os Bemaventurados amão com as satisfacoens da vista, S. Joáo ama sem os interesses de ver. Se he boa a minha consequencia, digaõ-no os mesmos Serafins da gloria. Vio Isaias os dous Serafins, q̄ assistem ao trono de Deos, & diz que com duas azas voavaõ, & có outras duas cobriaõ o rosto: *Duabus volabant, & duabus velabant faciem.* Pois se todos os Anjos estãõ sempre vêdo a Deos, como cubriam estes Serafins os olhos? He que como os Serafins no Ceo saõ por antonomasia os amantes, queraõ ao menos na representaçãõ offerecer a Deos hũ amor mais fino que o dos outros Espiritos bemaventurados. E amor mais fino q̄ o amor dos Bemaventurados, he abrir o coração, & fechar

Isai. 6. 2.

os olhos: *Duabus volabant:* eis ahi o coração aberto: *Duabus velabant:* eis ahi os olhos fechados. Os outros Béaventurados amão com o coração aberto, & com os olhos abertos: mas os Serafins, que os vencem no amor, amão com o coração aberto, & com os olhos fechados. Bem assim como S. João, de quem aprendéraõ esta fineza: *Discipulũ, quem diligebat, qui recubuit supra pectus Domini.*

### §. VII.

391 **E** Como em S. Ioaõ havia tântas qualidades de amante, & taõ grandes partes de válido, que muito que o amasse tanto o Principe da gloria Christo: q̃ muito que o amasse tanto o Principe da Igreja Pedro! Para que acabemos por onde começamos: o maior encarecimento, que se pôde dizer de hum válido, he o que disse Curcio de Epaminondas privado de Ale-

xandre Magno: *Multa ille sine Rege prosperè, Rex sine illo nihil magnæ rei gessit.* Foi taõ grande homem Epaminondas, que sendo válido de Alexandre Magno, elle fez muito grandes cousas sem Alexandre, Alexandre nenhũa cousa grande fez sem elle. Outro tanto podemos dizer de S. Ioaõ có toda a propriedade: sendo válido, nam de Alexãdre, mas do mesmo Christo. Ioaõ fez muitas cousas grandes sem Christo visivelmente presente, Christo não fez as maiores cousas sem Ioaõ. S. Ioaõ sem Christo véceo os tormentos de Roma, sem Christo bebeo os venenos de Efeso, sem Christo padeceo os destertos de Padmos, sem Christo converteo, & reduzio a Christo a Asia, sem Christo ensinou a todo o mundo, & propagou a Ley do amor de Christo. Grandes cousas fez S. Ioaõ sem Christo: *Multa ille sine Rege prosperè.* Pelo contrario Christo sem S. Ioaõ apenas fez

fez coufa grande. Fez Christo o primeiro milagre nas vodas, & ahi estava S. Ioaõ: Refuscitou Christo a filha do Principe da Sinagoga, & levou consigo a S. Ioaõ: Instituiu Christo o Santissimo Sacramento da Eucharistia, que foi a maior de suas maravilhas, & tinha a S. Ioaõ sobre o peito: Transfigurouse Christo no Tabor, & S. Ioaõ assistio naquella gloria: Derramou sangue Christo no Horto, & S. Ioaõ acompanhou-o naquella pena: em fim, remio Christo o mudo morrendo na Cruz, & naõ teve outrem a seu lado, senão S. Ioaõ: *Rex sine illo nihil magnæ rei gessit.*

392 E se isto succedeo ao Principe da gloria, que muito que ao Principe da Igreja acontecesse o mesmo? Arrojou-se S. Pedro ao mar para buscar a seu Mestre, mas S. Ioaõ foi o que lhe mostrou a Christo: Quiz saber S. Pedro na Cea, quem era o traidor, mas S. Ioaõ foi o que o per-

guntou: Atreveose S. Pedro a entrar no atrio do Pontifice, mas S. Ioaõ foi o que o introduzio: Resolveose S. Pedro a reconhecer a sepultura de Christo, mas S. Ioaõ foi o que o guiou. De maneira que o Principe da gloria, & o Principe da Igreja ambos se valiaõ de S. Ioaõ; mas com esta differença: o Principe da gloria valia-se de S. Ioaõ como de valido, o Principe da Igreja valia-se de S. Ioaõ como de valedor. E o nosso Principe como? Por ambos os titulos. Tem V. A. Senhor, em S. Ioaõ valido, & valedor: valido para a devaçãõ, valedor para a necessidade. Restituiu Deos a V. A. a seus Reynos em tempo que he necessario defendellos com a espada na maõ. Deo a fortuna a V. A. por competidor hum Principe Balthasar, taõ poderoso como o de Babilonia. Mas sabida coufa he, que bastãraõ tres dedos com huma penna para fazer tremer a Balthasar. Oh que acomodada

dada empresa para o nosso Príncipe! Tres dedos de S. Joáo com hũa penna, & hũa letra, que diga : *Contra Balthasarem satis*: Com amor , & entendimento tudo se acaba. Esta penna he da Feniz do amor : esta penna he da Aguia dos entendimentos. Com esta penna se escreverá a sentença de hũa demanda tão justa: com esta penna se confirmarão as Escritu-

ras de nossa conservação: com esta penna se farão autenticos os vaticinios, que tão gloriosamente fallão da Coroa de V. A. neste felice reynado. Finalmente ( que finalmente aqui vem a parar tudo ) com esta penna, que he de hum Evangelista, que tem por nome graça, se firmará a V. A. depois de cumpridissimos annos, os decretos da Gloria.



S E R M A M  
 DA SEGUNDA  
 D O M I N G A  
 DA QVARESMA.

*Assumpsit Iesus Petrum, & Iacobum, & Ioannem, & duxit illos in montem excelsum seorsum, & transfiguratus est ante eos. Matth. 17.*

S. I.



S portas quasi da terra de Promissão mandou Moyfes apregoar em dous montes altos, & oppostos ( com vozes, que todo o exercito immenso dos filhos de Israel estendido pelos campos milagrosamente ouvia ) em hum chamado Garizim, as felicidades dos que guardassem a Ley

de Deos, & em outro que se chamava Hebel, as maldiçoens, & desgraças dos q̃ a não guardassem. Taes se me afiguraõ nesta entrada da Quaresma os dous montes tambem muito altos, & não só oppostos, mas totalmente contrarios, cuja historia Evangelica neste Domingo, & no passado nos representou, & representa a Igreja. No primeiro monte o Demonio, q̃ ainda se chamava Principe

cipe deste mundo , mostrou a Christo todos os Reynos do mesmo mundo , & todas suas glorias: *Ostendit ei omnia Regna mundi , & gloriam eorum.*

Matth.  
4.3.

No segundo Christo verdadeiro Rey, & Senhor do Ceo mostrou a alguns Discipulos seus mais familiares, não todo o Reyno, né toda a gloria do mesmo Ceo, porquê não eraó capazes de a ver os olhos humanos; mas algũa parte della : *Et transfiguratus est ante eos.* Oh quanto vai de monte a monte! ô quanto vai de Reynos a Reyno! ô quanto vai de glorias a gloria! Tambem hum destes montes , & com mais razaó, se podia chamar o das felicidades, & outro o das maldiçoens. E tambem está brádando o pregação em cada hum delles: Que as felicidades estão guardadas para os que guardarem a Ley de Deos, a que Christo transfigurado nos anima com a vista da gloria do Ceo : & as maldiçoês do mesmo mo-

Matth.  
17.2.

do estão aparelhadas para os quê desprezaó, & quebrantão a mesma Ley , a que o Demonio tentador nos incita com a falsa apparencia das glorias do mundo.

394. Como ambos estes montes são de gloria, posto que tão diverlas , a cada hum delles responde a sua assumpção. Ao primeiro, *Assumpsit eum Diabolus*: ao segundo, *Assumpsit Iesus Petrum , & Iacobum , & Ioannem.* E certo q̄ bastava ser hũa assumpção do Diabo, & outra assumpção de Jesu, para todos amarem, & desejarem a assumpção de Jesu , & abominarem , & renegarem da assumpção do Diabo. Mas que he o que vemos? O caminho do monte Tabor, por onde se vai à gloria do Ceo , deserto, & quasi sem haver quem o pize: & a estrada do outro monte sem nome, por onde se vai às glorias do mundo, chea, & rebentando de gente de todos os estados, ainda daquelles que professão

Matth.

4.5.

Matth.

17.1.



fessão o desprezo do mesmo mundo ! Lá disse David, que todo o homem, que tem fé, & entendimento, o que faz muito de propósito neste valle de lagrimas, he dispor a sua ascensão: *Ascensiones in corde suo disposuit, in valle lacrymarum, in loco, quem posuit.* Pois se todos deseamos, & esperamos que a nossa ascensão, & affumpção seja para gozar eternamente as verdadeiras felicidades da Bemaventurança; como deixamos o caminho do monte por onde Christo nos guia à gloria do Ceo, & seguimos com tanta ancia, & contenda, não digo já a estrada, senão os precipicios, por onde o Demonio, debaixo do falso nome de glorias do mundo, nos leva às maldiçoens do Inferno?

395 Ora eu có a graça divina quizera hoje desfazer esta cegueira, que tantas Almas tem enganado, & perdido, as quaes nesta vida a não conhecerao, & agora sem nenhum reme-

Tom. 7.

dio a choraõ. A este fim porei hum monte à vista do outro monte, & hũas glorias á vista da outra gloria: o monte da tentação à vista do monte da Transfiguração, & as glorias do mundo à vista da gloria do Ceo: comparando naõ bens có males, senão bens com bens. Por este meyo mais clara, & manifestamente, que por nenhum outro, se verá a differença dos falsos aos verdadeiros: & já que os nossos entendimentos, & vontades andão taõ enganados, ao menos nos desfenganao os olhos. A luz da divina graça se sirva de nos abrir, & allumiar por intercessão da chea de graça. *Ave Maria.*

§. II.

396 **P**osto o monte da tentação có as glorias do mundo à vista do monte da Transfiguração com a gloria do Ceo, quem nos mostrará a differença dos bens, que  
 Ec se

se prometirão no primeiro monte, & se prometem no segundo, senão quem se achou em ambos, tentado em hum, & transfigurado no outro? Esta mesma duvida tiverão muitos, que refere David, os quaes perguntarão: Quem nos mostrará os bens? *Multi dicunt: Quis ostendit nobis bona?* E responde o mesmo Profeta, que o lume do rosto do Senhor nos mostrará: *Signatum est super nos lumen vultus tui Domine.* Nunca o rosto de Christo Senhor nosso esteve mais allumiado, & mais luminoso, que neste dia de sua Transfiguração, em que resplandeceo o seu rosto como o Sol: *Resplenduit facies ejus sicut Sol.* E em final de que logo aqui se virão os bens, disse S. Pedro em nome de todos: *Bonum est nos hinc esse.* Sendo pois o lume do rosto de Christo o que nos ha de mostrar os bens, & sendo o lume do mesmo rosto como o do Sol, tres cousas acho no lume do Sol, que

tão claramente como a luz do mesmo Sol nos podem mostrar a grande differença, que ha entre os bens da gloria do Ceo, & os que tambem se chamão bens das chamadas glorias do mundo. O lume do Sol he puro, & sem mancha: he tanto para cada hum, como para todos: & todo se goza junto, & não por partes. Nestas tres propriedades pois do lume do Sol, nos mostrará o rosto de Christo tres differenças dos bens do Ceo aos do mundo, que tambem ferão os tres pontos do nosso discurso. No primeiro veremos, que os bens do mundo são bens com mistura de males, & só os bens do Ceo puros, & sem mistura: no segundo, que dos bens do mundo, quando muito logra cada hum os seus, & nos bens do Ceo logra cada hum os seus, & mais os de todos: no terceiro, que os bens do mundo, se chegam a se gozar todos, he successivamente, & por partes; porém os bens do Ceo sem-

Psal. 46.

Ibid. 7.

Math. 17. 2.

Ibid. 4.

fempre, todos, & juntamente. Prometi que tudo isto veriamos có os olhos, & posto que a materia de alguns destes pontos seja superior a todos os sentidos, a luz da Transfiguração a fará tão clara como o mesmo Sol.

## S. III.

397 **D**Iza primeira differença da nossa proposta, que todos os bens do mundo são bens com mistura de males, & só os bens do Ceo bens puros, & sem mistura. E assim he. Quando Deos nosso Senhor fabricou este grande edificio do Universo, dividio-o em tres partes: húa na terra, que he este mundo em que vivemos, outra debaixo da terra, que he o Inferno, outra acima da terra, que he o Ceo: & em todas estas tres regioens repartio os bens, & os males, mas com grande justiça, & differença. No Inferno ha só males sem bens; no Ceo ha só

bens sem males; na terra ha bens, & males juntamente. E porque razão? No Inferno ha só males, porque ha só maos: no Ceo ha só bens, porque ha só bons: & na terra onde andão de mistura os bons com os maos, era justo que andassem tambem misturados os bens, & os males.

398 A primeira mestra desta verdade he a mesma natureza em tudo o que criou para o homẽ. No maior mimo dos sentidos, que he a Rosa, cercando-a de espinhos, nos deixou, diz S. Ambrosio, hum claro, & desengano do espelho desta deliciosa, & dolorosa mistura: *Spina sepsit gratiam floris tanquã humanae speculum praeferens vitæ, quæ suavitatem perfectionis suæ finitimis curarum spinis sæpe compungat.* A mesma consideração seguio, & adiantou Boecio, o qual ajuntando ao exemplo da belleza o da doçura, cantou, ou chorou elegantemente: *Armat spina Rosam, mella tegunt*

Ambr.  
lib. 3.  
Ex. m.  
cap. 17.

*gunt apes.* E assim como não ha nesta vida Rosa sem espinho, nem mel sem abelha; assim não ha perola sem lodo, nem ouro sem fezes, nem prata sem liga, nem Ceo sem nuvem, nem Sol sem sombra, nem lume sem fumo, nem triaga sem veneno, nem monte sem valle, nem quantidade sem peso, nem enchente sem minguante, nem trigo sem palha, nem carne sem ossõ, nem peixe sem espinha, nem fruta, por saborosa que seja, sem caroço, ou casca que deitar fóra. No mesmo tempo de que se compoem a nossa vida, não ha veraõ sem inverno, nem dia sem noite. E nesta mesma semelhança he tanta a differença, que para haver veraõ, & inverno, he necessario hum anno, & para haver noite, & dia, são necessarias vinte & quatro horas; mas para haver mal, & bem, basta hum só momento.

399 Os Gentios sem fé ensinados só da experi-

encia, differaõ que Deos tinha dous tanques, hum de mel, outro de fel, & que nenhũa coufa mandava aos homens, que não viesse passada por ambos: & que esta era a causa, porque em todas as que chegavão à terra, vinha a doçura do bem misturada cõ a amargura do mal. Não poderaõ fallar mais ao certo, se tiverão lido a David. Diz o Real Profeta, que Deos tem na mão hum Caliz, pelo qual dà de beber aos homens, cheo de vinho puro, & misturado: *Calix in manu Domini vini meri plenus misto.* Pfalms 74.9. Repara, & pergunta S. Agostinho: *Quomodo meri, si mixto?* August. ibi. Se o vinho era puro, como era misturado; & se era misturado, como era puro? Porque não ha bem natural, & deste mundo, ainda que dado pela mão de Deos, por mais puro, & defecado que seja, que não traga em sy, & consigo algũa mistura de mal. O vinho he aquelle cordeal simplez, medicado pela natureza para alegrar o co-

o coração humano : mas não ha alegria, ou causa de alegria tão contraria , & alhea de toda a tristeza, que não dê que penar ao coração. Se ri, o riso será misturado com dor : se gosta, o gosto será metido entre pezares. Assim o deixou em proverbio Salamão: de presente como experimentado, & de futuro como Profeta: *Risus dolorem miscebitur, & extrema gaudij luctus occupat.*

400 E pois nomeámos o mais sabio de todos os homens, & o mais opulento, & delicioso de todos os Reys, elle nos dirá o verdadeiro conceito que fez, & nós devemos fazer dos bens do mundo. Eu me resolvi, diz Salamão, a me dar a todas as delicias, & gozar todos os bens desta vida: *Dixi ego in corde meo, vadam, & affluam delicijs, & fruam bonis.* Com este presuposto querendo, podendo, & sabendo fazer quanto quizesse, porque ninguem pode tanto, nem quiz mais, nem soube me-

Tom.7.

lhor que Salamão, vede o que faria ? Fabricou hum Palacio real em Jerusalé, que depois do Templo que elle edificára, foio segundo milagre: no monte Libano traçou varios retiros, & casas de prazer, em que de mais de se ver junto todo o raro, & curioso do mundo, a amenidade dos jardins, a frescura das fontes, a espessura dos bosques, a caça, & montaria de aves, & feras, & até as sombras no veraõ, & os Soes no inverno excedião com a arte a natureza: o trono de marfim em que dava audiencia, & a carroça chamada Ferculo, em que passeava, eraõ de tal architectura, & preço, que faz particular descripçam delles a Escriitura: às galas de Salamão o mesmo Christo lhe chamou gloria: os thesouros de ouro, & prata, que ajuntou, eraõ immentos: os gados maiores, & menores, que naquelle tempo tambem erão riqueza dos Reys, não tinham numero: os cavallos

Ee iij esta:

estavaõ repartidos em quarenta mil presepios: a sumptuosidade da mesa, para a qual concorriaõ diversas Provincias, & a magestade, grandeza, & ordem dos Officiaes, & Ministros, com que era servido, foi a que encheo de passmo a Rainha Sabá: as baxellas, & vasos eraõ de ouro, as musicas de vozes exquisitas de ambos os sexos, & os cheiros, & aromas com que tudo recendia, quanto cria, & exhalava o Oriente. Não fallo na calidade, & gentileza das Damas, filhas de Principes, & escolhidas em diferentes naçoens, entre as quaes só as que tinhaõ nome, & estado de Rainhas, eraõ sessenta, servidas todas com aparato, & magnificencia Real. Tudo isto gozava Salamaõ em summa paz, & com igual fama, sem inimigo, ou receo que lhe déssê cuidado, & em tudo se empregava com tal applicação, & excessõ, que elle mesmo confessã de sy, que nenhuma

coufa viraõ seus olhos, nem inventáraõ seus pensamentos, nem appetecéraõ seus desejos, que lhe negasse: *Omnia quæ desideraverunt oculi mei non negavi eis, nec prohibui cor meum quin omni voluptate frueretur.* Estando pois nestas felicidades de Salamão naõ só recopilados, mas estendidos todos os bens do mundo, saibamos por fim, que conceito fez delles? Elle o diz, & em bem poucas palavras: *Cum me convertissem ad universa opera, quæ fecerunt manus meæ, & ad labores in quibus frustra sudaveram, vidi in omnibus vanitatem, & afflictionem animi:* Voltando os olhos a tudo quanto tinha feito, em que de balde tinha trabalhado, & suado (feito diz, & trabalhado, & suado, & não gozado, porque tudo o que gozou, foi de balde, frustra) & o que vi, & achei em tudo, he, que tudo he vaidade, & afflicção de animo: *Vanitatem, & afflictionem animi.* Logo se todos os bens do mundo  
saõ

Ecccl. 2.

10.

Ibid. 12.

fião vaidade, como põdem fer verdadeiros bens ? E já que lhe concedamos o nome de bens ; se todos causaõ afflicção do animo, como põdem fer bens sem mistura de males ?

401 Mas porque nam cuide alguém, que do tempo de Salamaõ para cá terá mudado os bens do mundo, ou melhorado de natureza ; ouçamos outro grande oraculo quasi de nossos dias. Quando o Emperador Carlos Quinto fez aquella grande acção, em que teve poucos a quẽ imitar, & terá menos imitadores , de renunciar o Imperio ; dando as causas desta retirada depois de tantas vitorias, confessou com lagrimas diante de todo o Senado de Bruxelas, que a principal, ou huma das principaes fora ; porque em todo o tempo (diz) de minha vida, depois que puz na cabeça a Coroa, nem hum só quarto de hora tive de pura, & verdadeira alegria, senaõ sempre misturada có cui-

dados, affliccoens , & dores: *Setoto Regni tempore, nec ad unum quidem horæ quadrantem puram habuifse, meramque letitiam, sed multis illam curis, angoribus, doloribusque permixtam.* E se esta triste mistura exprimentáraõ nas maiores felicidades do mundo entre os Reys Salamaõ, & entre os Emperadores Carlos; que poderáo dizer das suas particulares, ainda os mais bem vistos da fortuna ?

#### §. IV.

402 **G**randes foraõ as q̃ sonhou Joseph , & fáraõlhe taõ verdadeiros os sonhos, que de vendido, & escravo se vio Viso-Rey do Egypto, & com tal authoridade, & poderes, que s̃o no nome, & na Coroa o precedia o Rey. Tudo governava, tudo mandava Joseph, tudo lhe obedecia, com nunca vista, nem esperada felicidade ; mas onde ? No Egypto. Ninguem he, nem

Ee iiii      põde

pôde ser felice com a Alma noutra parte. O corpo, o poder, & a dignidade estavão no Egypto, a Alma, o amor, & a saudade andavão peregrinando em Canaan; com que toda aquella apparencia dos maiores bens da fortuna vinhaõ a ser suplicio, & desterro. No Egypto vivo, na patria morto: no Egypto applaudido, na patria chorado: no Egypto dando de comer ao mundo, na patria comido das feras: no Egypto tudo, na patria nada. Ainda que Joseph não fora levado ao Egypto para escravo, fennão para Viso-Rey, igualmente hia vendido: porque muito melhor fortuna era para elle estar em casa de Jacob, sendo o filho mais mimoso do Pay, que na Corte, & no Palacio de Faraõ, sendo o primeiro Ministro, & o mais valido do Rey. Abra os olhos o mundo, & não se contente com ver os homens por fóra, penetre-os tambem, & considere os por dentro, &

achará que andaõ nelle taõ contrapefados os males com os bens, que ainda em comparação dos maiores se pôde pôr em balança se pesão mais os males.

403 De Joseph foi Pay Jacob tambem assáz ditoso. A que Jacob teve pela maior ventura de sua vida, foi quando ao cabo de tantos annos de servir alcançou por premio a companhia de Rachel. Se o que muito se deseja, muito se preza; se o porque muito se trabalha, muito se estima, nenhum gofsto, nenhũa alegria teria já mais quem tanto amava, que se igualasse com esta. Mas vede quam pensionados dà o mundo os gostos, & bens desta vida. A felicidade foi hũa, as pensoens foraõ tres, & todas assáz pesadas. A esterilidade da mesma Rachel, os enganos de Labam, & os ciumes de Lia. Por mais amadas, & por mais pertendidas que sejaõ as que chamamos venturas, todas no cabo saõ Racheis. Não ha Rachel,



chel, que não tenha o seu Labão, & a sua Lia. Se Rachel agrada, Labam molesta: se Rachel dà gosto, Lia dà pena. Quanto mais que para molestar, & dar pena, bastalhe a Rachel ser Rachel. Lede a historia sagrada, & achareis que foi tão mal acondicionada aquella fermosura, que era necessário todo o amor de Jacob para aturar, & sofrer seus antojos. Muito mais trabalho lhe deo depois, do que tinha trabalhado por ella antes. Tão trabalhos andão nesta vida os gostos com os desgostos, tão misturados os males com os bens. Se Rachel tem bom rosto, tem má condição: se Lia tem boa condição, tem máo rosto: & não ha bem nenhum tão inteiro, que possã encher os olhos, & mais o coração.

Estendei a vista, ou o pensamento por todas as cousas do mundo, & vereis que não achais hũa só infancia, nem hum só exemplo contrario a esta verda-

de. Muito estimão os homens a gentileza, muito estimão o valor, muito estimão o entendimento: mas perguntem os fermosos a Absalam, os valentes a David, os entendidos a Achitofel, que pensão pagou o primeiro à sua gentileza, o segundo ao seu valor, & o terceiro ao seu entendimento. Era Absalam tão galhardo mancebo, que do pè até o cabello da cabeça, como falla a Escritura, nenhum pintou a natureza mais bello. As Damas lhe compravaõ os cabellos a peso de ouro, & dos mesmos cabellos lhe teceo a morte o laço, com que pendurado dos ramos de hum carvalho, acabou infamemente a vida, passando pelos peitos com tres lanças. E esta foi a pensão, que pagou Absalam à sua gentileza. Era tão valente David, que tremendo todo o exercito de Israel á vista do Gigante Golias, elle só, & desfarmado aceitou o desafio, & derrubado a seus pés, com a sua propria espada

padalhe cortou a cabeça Mas foi tal a inveja , & odio, que desde aquella hora lhe cobrou ElRey Saul, que mais de hũa vez com a lança, que trazia na mão por cetro, o quiz pregar a hũa parede. De maneira que lhe foi necessário a David homiziar-se pela morte do Gigante , como se matára hum Hebreo, & fugir da sua vitoria , como se fora delito. E esta foi a pensão, que pagou David ao seu valor. Era tão entendido Achitofel, & tão prudentes , & sábios seus conselhos , que por testemunho do Texto sagrado se ouviao como oraculos do mesmo Deos. Seguiu as partes de Absalam, quando se rebellou contra seu Pay, aconselhou-o como lhe convinha; & porque o moço fatal não quiz seguir sennaõ o que já o levava ao precipicio, foi tal a sua desesperação, que atando a banda ao pescoço, & a hũa trave, se afogou a sy mesmo. E esta foi a pensão, que pagou Achitofel ao

seu entendimento. Fiaivos-là de entendimentos, fazeilã cafo de valentias, & prezaivos de gentilezas! Tem os males tão viciados, & corrompidos os bens, que a gentileza he laço, o valor delito , & o entendimento locura.

404 Mas para que he irnos buscar exemplos ao Testamento Velho, se no Novo, & no nosso Evangelho temos o maior de todos. Transfigurouse Christo no Tabor, appareceão alli Moyses, & Elias, & quando parece que haviaõ de dar o parabem ao Senhor, da gloria com que o vião naquelle monte, o em que lhe falláraõ , foi da morte que havia de padecer no do Calvario : *Lo-*

*quebantur de excessu, quem* <sup>Luc 9:</sup>

*completurus erat in Ierusa-* <sup>31.</sup>

*lem.* Põde haver pratica mais alhea da occasião que esta? Quando o rosto de Christo estã resplandecente como o Sol , então lhe fallão no ecclipsẽ? Quando as suas roupas estã brancas como a neve, en-

tão

taõ lhe fallaõ nos lutos? E no dia que tem mais alegre na sua vida, entaõ lhe fallaõ na morte? Sim. Porque naõ ha alegria neste mundo taõ privilegiada, que naõ pague penõa à tristeza. Atè no monte Tabor, atè na Pessoa de Christo, atè no milagre da Transfiguraçaõ, por mais soberanos que sejaõ os bens, hũa vez que tocaraõ na terra, naõ pòde haver gosto sem pezar, nem gloria sem pena. Tanto assim, que se faltar o motivo na presença do que he, have-lo-ha na memoria do que ha de ser: transfigurado agora, mas crucificado depois. E sendo a Transfiguraçaõ, como logo disse o mesmo Christo, parecida com a Resurreiçaõ, & naõ com a morte; viráõ dous homens do outro mundo, que misturem a morte cõ a Transfiguraçaõ, & confundaõ o Calvario com o Tabor.

405 Seja pois a conclusaõ destas experiências, & desenganos do mundo,

fazermos taõ pouco caso dos seus chamados bens, pela mistura que sempre trazem de males, como se verdadeiramente foraõ puros males sem nenhũa cõposiçaõ, ou temperamento de bens. He doutrina, que despedindose do mundo o Redemptor delle nos deixou estampada com seu exemplo no mesmo monte Calvario. Duas vezes no Calvario deraõ fel a Christo, hũa antes, outra depois de crucificado. Antes de crucificado, quando lhe deraõ vinho misturado cõ fel: *Dederunt ei vinum cum felle mixtum*: depois de crucificado, quando dizêdo na Cruz, que tinha sede, lhe deraõ fel, & vinagre: *Dederunt in escam meam fel, & in siti mea potaverunt me aceto*. E como se ouve o Senhor em hum, & outro caso? Em ambos provou hũa, & outra bebida, & em ambas a naõ quiz beber. Assim o referem da primeira, & da segunda os Evãgelistas pelas mesmas palavras: *Cum gustasset*,  
Matth.  
27.34.  
*voluit*.

Matth.  
27.34.

Psal.  
68.22.

Matth.  
27.34.

*noluit bibere.* Na primeira bebida, he certo que hia o amargo do fel moderado com o doce do vinho, & na segunda hia o mesmo fel não moderado, senão exasperado com o azedo do vinagre. Pois se o fel hia tão differentemente temperado em hũa, & outra bebida, porque igualmente as regeitou o Senhor ambas, sem nenhũa differença? Porque na primeira o vinho misturado com o fel, & o doce com o amargo, era o bem misturado com o mal: na segunda, o fel junto com o vinagre, era hum mal sobre outro mal, sem nenhũa mistura de bem: & provando Christo, & reprovando igualmente hũa, & outra bebida, quiz-nos deixar por doutrina, & por exemplo na confusão dos bens, & males de que se compoem este mundo, que tanto devemos desprezar, & aborrecer o bem misturado com o mal, como se o bem, & o mal tudo fora mal, sem nenhũa mistura de bem. Em

ambas as bebidas hia fel, em hũa juntamente com vinho, em outra juntamente com vinagre, que he vinho corrupto: & he tal a corrupção, que causa nos bens a companhia, & mistura dos males, que o bem misturado com o mal se converte totalmente em mal, & perde todo o ser que tinha de bem. Façamos pois de todos os chamados bens deste mundo a estimação, & conceito que elles merecem: indigno, qualquer que seja, de ser amado como bem, senão abominado, & aborrecido como verdadeiro, & puro mal: & pela mistura que tem de doce, ainda mais abominado, & mais aborrecido, como mais falso, & enganoso.

## §. V.

406 **S**O os bens da quella patria celestial, só os bens da quella terra de Promissão da gloria, só os bens da quelle Tabor da Bemaventurança,

turança ; só aquelles unicamente se pôdem chamar bens , porque só são bens sem mistura de nenhum mal. He o Ceo como o Templo de Salomão, em que nunca se ouviu golpe de martello, porque là, como diz o Evangelista Profeta, não ha cousa que cause dor , ou pena, nem tire da boca hum ay: & são os moradores do mesmo Ceo, como as Estrellas fixas do Firmamento , onde não chegam fumos dos vapores da terra , que as offusquem: gozando todos em summa paz a patria do summo bem , que não seria summo, nem bem , senão excluísse todo o mal por minimo que seja. E por isso só os bens naturaes da mesma patria são puros, sinceros, & perfeitamente bens, sem corrupção, contrariedade, nem mistura de mal.

407 Entre todas as plantas do Paraíso terreal ou veduas arvores mais insignes , & de que só sabemos o nome, que foram a

arvore da Ciencia , & a arvore da Vida. Mas a da Ciencia continha dous contrarios, a da Vida não: porque a ciencia era do bem, & juntamête do mal, que he o contrario do bé: & a da Vida era da vida sómente, & não da vida, & da morte, que he o contrario da vida. Pois se ambas eram arvores do Paraíso , porque havia nellas esta grande differença ? Porque tambem o Paraíso não era absolutamente Paraíso, senão Paraíso terreal: & por isso húa das suas plantas era parecida às delicias da terra, & outra semelhante às do Ceo. A parecida às da terra , era da ciencia do bem, & do mal ; porque na terra sempre o mal anda misturado com o bem: & a semelhante às do Ceo, era de vida sem morte; porque no Ceo todo o bé he puro, & sincero sem mistura, nem companhia de mal. Assim o diz S. Joáo descrevendo a Jerusalema da gloria: & não dá outra razão desta differença de

cou-

coisas, senão serém hûas  
as segundas, que são as do  
Ceo; & outras as primei-  
ras, que são, ou foraõ as  
deste mundo: *Et mors ul-  
tra non erit, neque luctus,  
neque dolor erit ultra, quia  
prima abierunt.*

Apoc.  
21.4.

408 Para prova dos  
bens deste mundo sempre  
misturados com males,  
tomei por testemunha a  
natureza: & para prova  
dos bens do Ceo puros, &  
sem mistura, tomemos por  
testemunha a arte. A arte  
para purificar o ouro, co-  
mo elle he o mais precioso  
metal, aplicalhe tambem  
o mais efficaz, & poderoso  
elemento, que he o do fo-  
go: *Aurum quod per ignem  
probatur.* Alli o purga, &  
alimpa das fezes, alli o  
prova, & lhe apura a fineza  
dos quilates; & entãõ se  
reputa entre nõs por ouro  
purissimo. Mas para que se  
veja o nõsso engano, po-  
nhamos esse mesmo ouro  
no Ceo. Diz S. Joãõ, que  
as ruas da Cidade do Ceo  
são de ouro limpo: *Platea  
Civitatis aurum mundum,*

Apoc.  
21.21.

õ se perguntarmos, esta  
limpeza, & pureza do ou-  
ro do Ceo em que confi-  
ste? Depois de dizer *au-  
rum mundum*, acrecenta, *Ibid.*  
*tanquam vitrum perluci-  
dum*, que he puro, & lim-  
po, porque he diafano, &  
transparente como vidro.  
Logo se o ouro entãõ he  
puro, & limpo, quando  
chega a sua fineza a ser  
diafana, & transparente  
como o vidro; bem se fe-  
gue, que o nõsso ouro cras-  
so, espesso, opãco, & que  
nenhũa cousa tem de dia-  
fano, nem transparente,  
por mais que nos lisongee  
com a sua cor, & nõs nos  
enganemos com elle, de  
nenhum modo he ouro  
limpo, & puro. De ma-  
neira, que comparado o  
ouro da terra, que os Reys  
poem sobre a cabeça, com  
o ouro do Ceo, que os Bê-  
aventurados trazem de-  
baixo dos pès, *platea ejus*;  
todo o da terra estã pene-  
trado de fezes, & cheo de  
escoria, posto que nõs a  
naõ vejamos, & só o do  
Ceo he puro, & limpo,

*aurum mundum.* Sobre tudo, se pedirmos ao mesmo Evangelista, que nos diga com que ingredientes se purifica tanto este ouro do Ceo? Responde, que só com entrar no mesmo Ceo: *Non intrabit in eam aliquod coinquinatum.* E como aquella he a natureza do Ceo, & esta da terra; a mesma differença de ouro a ouro nos ensina, que assim como na terra não pôde haver bem, que careça da mistura de mal, assim todos os do Ceo são puros, & sem mistura.

409 Se quereis saber de mim ( dizia prègando S. Agostinho ) o que ha no Ceo? Naó vos posso dizer o que ha, sem dizer tambem o que não ha. *Ibi erit quidquid voles, & non erit quidquid nolles.* No Ceo ha tudo o que quizerdes, & só não ha o que não quizerdes. Logo parece que o Ceo he feito pela medida da nossa vontade? Naó. A nossa vontade he a feita pela medida do Ceo: & porque? Porque o objecto

da nossa vontade, e' m quanto quer, he o bem; & o objecto da mesma vontade, em quanto não quer, he o mal: & como tudo o que ha no Ceo he o bem, & o que não ha no Ceo he só o mal; por isso ha no Ceo tudo o que quizermos, & só não ha o que não quizermos. Se nos bens do mundo ouvera esta separação, tambem na terra podera o homem querer, & gozar o bem sem o mal: mas por mais que queira, não pôde; porque sempre o mal anda não só junto, senão penetrado, & inseparavel do bem. E para que acabemos de conhecer a futilidade com que os mesmos chamados bens nos lisongeaó, & alegraó, & com falsas apparencias de gosto disfarçaó o mal, que sempre levaó consigo, levemolos nós ao exame do Ceo, & là se descobrirá o seu engano.

410 Diz o mesmo Evangelista S. Joáo [ o qual he força, que tornemos a ouvir, supposto que S. Paulo,

lo, que tambem vio o Ceo, nos não quiz dizer nada.) Diz pois o Evangelista tão notavel no que diz, como nas palavras com que o diz, que a todos os que deste mundo passão ao Ceo, lhe enxuga Deos os olhos de toda a lagrima: *Et absterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum.* E que quer dizer toda a lagrima? Quer dizer todo o genero de lagrimas [ como aguda, & literalmente comenta S. Ambrosio) porq̃ neste mundo não só ha lagrimas de dor, & tristeza, senão tambem lagrimas de goſto, & alegria: & assim de hũas como de outras enxuga Deos os olhos dos que vão ao Ceo. As palavras do grande Doutor da Igreja são estas: *Absterget Deus omnem lacrymam, nam iristitia sapè lacrymas educit, sapè & letitia, sapè & gaudium.* Mas que as lagrimas da tristeza, & da dor não tenhaõ lugar no Ceo, bem está: porém as lagrimas da alegria, & do goſto, & mais as do grande go-

ſto, & as da grande alegria, que só a grande alegria, & o grande goſto fazem re-bentar os olhos em lagrimas; pôrque se não haõ de admitir no Ceo? Porque todas essas lagrimas foraõ deste mundo. E lagrimas de alegria, ainda que fossem de alegria, & grande alegria, nunca podiaõ ser de pura alegria, & ainda que fossem de goſto, & grande goſto, nunca podiaõ ser de puro goſto; porque no mundo não ha goſto sem mistura de pezar, nem alegria sem mistura de tristeza: & semelhantes misturas de nenhum modo tem lugar no Ceo, onde as alegrias, & os goſtos, como todos os outros bens, são puros, & sem mistura de mal. A alegria no Ceo he sem tristeza, o goſto he sem pezar, o descanso he sem trabalho, a segurança he sem receo, o socego sem sobrefalto, a paz sem perturbação, a honra sem agravo, a riqueza sem cuidado, a fartura sem fastio, a grandeza sem enveja, a

abun-



abundancia sem mingua, a companhia sem emulação, a amizade sem cautela, a faude sem enfermidade, a vida sem temor da morte; emfim todos os bens puros, & sem mistura de mal, & por isso verdadeiros bens. O Bemaventurados do Ceo, olhai là de cima cà para este mundo, & tendo nova gloria accidental dos bens que gozais, não digo em comparação dos males, senão dos bens, que nós padecemos.

411 Mas confirmenos esta corrente de bens sem males hum compêdio dos mesmos, & semelhantes attributos, com exclusão cada hum do seu contrario, os quaes reduz S. Boaventura a numero de doze, como outros tâtos frutos da Bemaventurança. *Primus est sanitas absque infirmitate: secundus juvenitus sine senectute: tertius satietas sine fastidio: quartus libertas sine servitute: quintus pulchritudo absque deformitate: sextus impassibilitas absque dolore: septimus*

*abundantia sine indigentia: octavus pax sine perturbatione: nonus securitas absque timore: decimus cognitio absque ignorantia: undecimus gloria sine ignominia: duodecimus gaudium sine tristitia.* Atè aqui o Doutor Serafico, o qual nestas doze prerogativas de bens sem males nos descreveo hum inefavel zodiaco de glorias, o qual todos os Bemaventurados não nos doze mezes do anno, nem nas doze horas do dia, mas sempre, & sem cessar estão correndo, & gozando immovelmente no circulo sem fim da eternidade. Ditofos elles, que gozão tanto bem; & nós tambem ditofos, se nos dispuzermos ao não perder.

### §. VI.

412 **A** Segunda differença da nossa proposta, he, que dos bens do mundo quando muito logra cada hum os seus: dos bens do Ceo, & no Ceo logra cada hum os

Ff seus,

feus, & mais os de todos. Disse quando muito; porque muitas vezes não basta, que os bens deste mundo sejaõ nossos, para que o mesmo mundo nos os deixe lograr. Sua era de Naboth a vinha, & não só sua por todos os direitos humanos, mas por distribuição, & doação divina, & por mais que elle a quiz lograr, & defender, bastou que El Rey Achab tivesse appetite de plátar no mesmo sitio não hum bosque, ou hum jardim, senão húa horta de verduras populares, *Hortum olerum*; para que em adulação do mesmo Rey lhe fosse tirada por justiça a vinha, & mais a vida. Sua era de Miphiboseth a herança de seu Pay Saul, em que vivia privadamente, quando tinha direito para aspirar à Coroa, & bastou o falso testemunho de hum criado infiel, para que acusado falsamente de crime de lesa Magestade, lhe fosse confiscada a mesma herança, & ainda depois de conhe-

cida a verdade, se lhe nam restituiffê. Sua era a fazenda do Pay de familias do Evangelho, encomendada a hum feitor, para que arrecadasse as rendas dos que a cultivavaõ, & nam bastou que constasse por escritos o que cada hum devia, para que o mesmo feitor não roubasse grande parte das mesmas rendas com tal astucia, que nem demandar o pode o Senhor, & em vez deo acusar, o louvou. Mas q̄ muito que a cobiça, & infidelidade alhea nos não deixe lograr os bens deste mundo. por mais que sejaõ nossos; se nós mesmos tem outro inimigo, ou ladraõ bastamos, & por nossa vótade, para nos despojar delles! Poz Deosa Adam no Paraiso com obrigação de que o cultivasse, & guardasse: *Vt operaretur, & custodiret illum*. & esta segunda parte quando menos parece que não tinha lugar naquelle estado. Outro homem, de quem Adam ouvesse de guardar o Paraiso,

3 Reg  
21.2.

Genes.  
2.15.

raiso, não o havia no mundo. Para os animaes tambem não era necessaria a guarda, porque todos por instinto natural, & fogueição inviolavel o obedição: logo de quem havia de guardar Adam o Paraiso? De quem o não guardou? Havia-o de guardar de sy mesmo: & porque Adam o não guardou de Adam, sendo os bens que possuia todos os do mundo, elle mesmo, & só elle se despojou de todos, sem haver outro, que lhe impedisse o logralos.

413 Dando a razão desta differença entre os bens do mundo, & os do Ceo S. Joáo Chrystomo, diz em húa palavra, que he, porque no mundo ha meu, & teu, & no Ceo não: *Vbi non est meum, ac tuum frigidum illud verbum.* Antes parece, que porque no mundo ha meu, & teu, por isso havia de lograr cada hum o seu pacificamente, & sem cótenda: eu o meu, porque he meu; & vós o vosso, porque he vosso.

Mas não he assim. Fu para lograr o meu, heime de guardar de vós: & vós para lograr o vosso, haveisvos de guardar de mim. Por isso chama-o Santo ao meu, & teu com elegancia verdadeiramente aurea, palavra fria: *Meum, ac tuum frigidum illud verbum.* E que frieza, ou frialdade he esta do meu, & teu? He tal frieza, & tal frialdade, que não ha amor no mundo tão ardente por natureza, & tão intenso por obrigação, que logo não esfrie. Em havendo meu, & teu, não ha amor de amigo para amigo, nem amor de irmão para irmão, né amor de filho para pay, né amor de pay para filho, nem amor de proximo, por mais religioso que seja, para outro proximo, nem amor do mesmo Deos para Deos. Antes de haver meu, & teu, havia amor, porq̄ eu amavavos a vós, & vós a mim: mas tanto que o meu, & teu se meteo de por-meyo, & se atraveffou entre nós, logo se acabou o

Ffij amor;

amor; porque vòs já me não amais a mim, senão o meu, nem eu vos amo a vòs, senão o voffo. No principio do mundo, como gravemente pondéra Seneca, porque não havia guerras? Porque ufavaõ os homens da terra como do Ceo. O Sol, a Lua, as Estrellas, & o ufo da fua luz he comum a todos, & affim era a terra no principio: porèm depois que a terra fe dividio em diferentes senhores, logo ouve guerras, & batalhas, & fe acabou a paz, porque ouve meu, & teu.

414 Que direi dos me-yos, & dos remedios, das industrias, das artes, & instrumentos, que os homés tem inventado, para que cada hum podeffe possuir, & lograr o feu segura, & quietamente; mas sem proveito? Para guardar a casa inventáraõ as portas, & as fechaduras; mas pela mefma abertura, por onde entra a chave, deixa tambem aberta a entrada para a gazua. Para finaliar os li-

mites de cada hum, inventáraõ os marcos; & para guardar a vinha, & o pomar, inventáraõ os valados, as fylvas, as feves, & as paredes de pedra ligada, ou solta; mas tudo isto fe rompe, & fe escalla. Para guardar as Cidades inventáraõ os muros, os fossos, as torres, os baluartes, as fortalezas, os presidios, a artelharia, a polvora; mas não ha Cidade tão forte, que por bataria, ou por affalto, ou minada por debaixo da terra, ou pelo ar, se não expugne, & renda. Para guardar os Reynos, & os Imperios inventáraõ as Armadas por mar, & os exercitos por terra, tantos mil soldados a pè, tantos mil a cavallo, com tanta ordem, & disciplina, com tanta variedade de armas, com tantos artificios, & machinas bellicas; mas nenhum destes apparatus tão estrondosos, & formidaveis tem bastado, nem para que os Assyrios guardassem o feu Imperio dos Persas, nem os Persas o feu

o seu dos Gregos, nem os Gregos o seu dos Romanos, nem os Romanos finalmente o seu daquelles a quem o tinhaõ tomado, tornando a ser vencidos dos mesmos que tinhaõ vencido, & dominado. Mais inventaráõ, & fizeram os homens a este mesmo fim de conservar cada hum o seu. Inventaráõ, & firmaráõ Leys, levantaráõ Tribunaes, constituiráõ Magistrados, derão varas às chamadas Justiças com tanta multidão de Ministros maiores, & menores, & foi com effeito tão contrario, que em vez de deterrarem os ladroens, os metéráõ das portas adentro; & em vez de os extinguirem, os multiplicaráõ: & os que furtavão com medo, & com rebuço, furto debaixo de Provisões, & com immunidadade. O Solicitador com a diligencia, o Escrivão com a pena, a Testemunha com o juramento, o Avogado cõ a allegação, o Julgador cõ a sentença, & até o Beli-

Tom. 7.

guim com a chuça, todos foraõ ordenados para conservarem a cada hum no seu, & todos por differentes modos vivem do voffo.

## §. VII.

415. **E** Sta he hũa das razoes, a qual o divino Mestre Christo Senhor nõsõ nos allega, para que façamos os nõsõs thesouros dos bens do Ceo, & no Ceo, & não dos bens do mundo, & na terra; porque na terra ha ladroens, & no Ceo não: Math. 6. 19. 20.  
*Nolite thesaurizare vobis in terra, ubi arugo, & tinea demolitur, & ubi fures effodiunt, & furantur. Thesaurizate autem vobis in Cælo, ubi neque arugo, neque tinea demolitur, & ubi fures non effodiunt, nec furantur.*  
 Nas quaes palavras se deve notar muito, que não só nos aconselha, & manda o Senhor, que guardemos os nõsõs bens dos ladroens da cobiça, senão tambem dos ladroens da natureza: *Vbi arugo, & tinea demoli-*  
 Ff iij tur.

*tur.* Os bens deste mundo, como são corruptiveis, ainda que não haja ladrão, que os fure, elles mesmos se nos roubão; porque as roupas, por preciosas que sejam, come-as a polilha, que nasce das mesmas roupas; & os metaes, ainda que sejam ouro, & prata, roe os a ferrugem, que nasce dos mesmos metaes. Porém os bens do Ceo, que são incorruptiveis, nem delles se pôde gerar vicio de corrupção, que os gaste, nem a lima surda do tempo, que tudo consome, lhe pôde meter o dente; porque a sua dureza he como a sua duração, & são bens eternos. Oh quanto mais nos ensinou o divino Mestre nestas palavras, do que ellas dizem! Quando não ouvera Cossarios no mar, nem salteadores nos caminhos, nem ladroens publicos, & secretos no povoado; quem ha tão poderoso, que possa conservar, & lograr o que possui neste mundo contra os roubos inevitaveis da natureza?

Que são todos os elementos, senão huns roubadores universaes de tudo o que grangea, & trabalha o genero humano? O fogo nos rouba com os incendios, a agua com as inundaçoens, o ar com as tempestades, & a mesma terra com os exercitos innumeraveis de pragas, que como semeada com os dentes de Cadmo, nascem, & se levantão della, para outra vez nos roubar o que nos tem dado. Ouçamos ao Profeta Joel. *Residuum eruce comedit locusta: residuum locustæ comedit bruchus: residuum bruchæ comedit rubigo.* Vierão, diz Joel, quatro pragas successivas à terra, hũa sobre a outra. E que fizerão? Totalmête devastarão a mesma terra, sem perdoar a quanto ella dà cultivada, ou espontaneamente cria, & sem cultura. O que deixou a lagarta, como o gafanhoto: o que deixou o gafanhoto, como o pulgão: & o que deixou o pulgão, como a ferrugem.

De forte, que para serem despojados os homens dos maiores bens, & mais necessários à vida, quaes são aquelles de que ella se sustenta, não depende a sua perda, & desgraça das hostilidades, & roubos dos Sabêos, & dos Chaldêos, que destruirão as terras, os gados, & as herdades de Job; mas bastão só as pragas naturaes da mesma terra corrupta, para que em hum momento fique tão pobre como Job, qualquer que fosse tão rico, & abundante como elle. Tudo o que nasce na terra, o Sol, & a chuva o cria; mas o mesmo Sol, se he demasiado, o queima; & a mesma chuva, se he muito continuada, o afoga: para que acabemos de nos defenganar da pouca firmeza, ou segurança, que pôde haver nos bens, que não são do Ceo, pois as mesmas causas, que os dão, os tirão, & as mesmas que os produzem, os matão.

416 E como ficão baldados, ainda sem chegar a

este caso, os cuidados, os trabalhos, & os suores dos que toda a vida, & todo o amor empregão em adquirir, & aumentar os chamados bens deste mundo, se no mesmo tempo em que cuidão que são seus, não sabem para quem trabalhão? He ponderação do grande Rey, & Profeta David, triste verdadeiramente, & digna de quebrar as mãos, & os animos a todos os que debaixo desta ignorancia se canção. *The-<sup>Pálms</sup>aurizat, & ignorat cui cõ-<sup>38.7.</sup>gregabit ea*: Acquirem, ajuntão, enthesourão, & não sabem para quem. Cuidão que he para sy o que chamaõ seu, & não he seu, nem para sy; porque he para outrem, & tal vez para o maior inimigo. Assim lhe aconteceo àquelle Rico, a quem o Evangelho canoniza com nome não só de nescio, mas de estolido, *stulte*. Dava o parabenem à sua Alma pelos muitos bens, que tinha jutos para muitos annos: *A-<sup>LUC. 12.</sup>nima mea, habes multa bona<sup>19.</sup>*

Ff iiii in

*in annos plurimos.* E sendo mandado sair deste mundo naquella mesma noite, a pergunta, que lhe fizeram, foi: *Et quæ parasti, cujus erunt?* E todos esses bens, que ajuntaste, & chamas bens, cujos serão? O trabalho foi teu, & os bens serão de quem não sabes. Não assim os bens do Ceo, diz o mesmo Profeta. *Labores manuum tuarum, quia manducabis, beatus es, & benè tibi erit.* Vós trabalhareis nesta vida; mas na outra sereis Bemaventurado, porque comereis o fruto dos vossos trabalhos, ou os mesmos trabalhos de vossas mãos: *Labores manuum tuarum.* Aquelle foi canonizado por nescio, & este por Bemaventurado; porque só os que trabalhão pelos bens do Ceo sabem de certo, que trabalhão para sy, & para o que he, & ha de ser seu eternamente.

Ibid. 20.

Psalm. 127. 2.

## S. VIII.

417

**M**As concedamos, ou fin-

amos, que ouve hum homem tão mimoso da fortuna, que todos os bens que possui de este mundo, ou herdados, ou adquiridos, os logrou pacificamente, sem que a inveja dos iguaes, nem a potencia dos maiores lhe inquietasse a posse, ou duvidasse o dominio; que felicidade he a deste homem? Primeiramente com ser fingida, & não usada, se os bens são poucos, não deve de estar contente; & se são muitos, quem duvida, que ainda deseja mais? Sendo certo, que em hum, & outro caso mais vem a padecer, que a lograr o que tem. Mas se por graça especial de Deos he esse homem tão moderado, & tão senhor de seus appetites, que com o seu pouco, ou o seu muito, se dá por satisfeito; possui, & logra mais algũa cousa que o seu? Não. Pois esta he a differença, que ha entre os bens do Ceo, & os do mundo. Os do mudo quando muito, & por milagre, tanto da



natureza, como da fortuna, logra cada hum os seus: os do Ceo não só logra cada hum os seus, senão também os de todos. Oh se entendessemos bem este pôto, que pouco caso fariamos dos bens da terra! Arrependido o Filho Prodigio do mal aconselhado que havia sido em sua vida passada, veyo buscar outra vez a casa do Pay, & lançado a seus pés, lhe disse: *Pater, peccavi in Caelū, & coram te*. Pay meu, eu em vossa presença pequei contra o Ceo. Os peccados, que se condenaõ no Prodigio, todos foraõ cometidos em ausencia do Pay, & muito longe d'elle: *In regionem longinquam*: que peccado foi logo este de que principalmente se acusa, cometido em presença do Pay, & contra o Ceo? O unico peccado, que cometeo o Prodigio em presença do Pay, foi pedir que lhe dêsse em vida a parte da herança, que lhe tocava, porque queria lograr o seu: *Pater, da mihi*

*portionem substantiae, quae me contingit*. E este peccado cometido em presença do Pay, *coram te*, confessã o Filho arrependido, que foi peccado contra o Ceo: *Peccavi in Caelum*? Sim: porque pedir só a sua parte, & querer lograr sòmente o seu, foi igualar o Ceo com a terra. Na terra, quando muito, logra cada hum a porção dos bens, que tocão a cada hum: *Da mihi portionem substantiae, quae me contingit*: & quem he filho do Pay do Ceo, & criado para o Ceo, contentar-se só com o seu, he injuria, he agravo, he peccado grande, que comete cõtra o mesmo Ceo, porque no Ceo não só logra cada hum o seu, senão o de todos. No mesmo caso o temos.

418 Estranhando o filho mais velho as festas com que o Pay celebrava a restituicão, & vinda do mais moço, as palavras, com que o consolou, foraõ estas: *Fili, tu semper mecum es, & omnia mea tua sunt*: Luc. 15: 17.

Filho', vòs sempre estais comigo , & tudo quanto tenho, he vòsso. Neste tudo repara muito S. Agostinho : porque tendo o Pay outro filho, & o Prodigio outro irmão , como podia o Pay dizer a hum delles, que tudo o que tinha era feu? *Quid sibi vult, omnia mea tua sunt, quasi non sint & fratris?* Nem obsta, que hum dos filhos nunca sahisse da casa do Pay, & o outro fóra della vivesse taõ perdidamente, porque já estava arrependido dessa mesma vida: & onde o Pay he Deos, tanto direito tem à herança dos seus bens os arrependidos, como os innocentes. Assim que a duvida toda està, onde a poem Agostinho, que he no *omnia: Omnia mea tua sunt*. Pois se os herdeiros, & os irmãos eraõ dous, como diz o Pay que tudo era de hum irmão, sendo tambem do outro? Porque fallou como Pay do Ceo, & dos bens do Ceo, onde tudo he de todos, & tudo de cada

hum. *Sed sic à perfectis, & immortalibus filijs habentur omnia, ut sint & omniũ singula, & omnia singulorum*: responde elegante, & doutamente o mesmo S. Agostinho. Neste mundo, onde os homens são mortaes, & os bens tambem mortaes, cada hum logra sómente o seu; porèm no Ceo, onde os homens, & os bens são immortaes, cada hum logra o de todos, & todos o de cada hum. O peccador arrependido logra a gloria do innocente, que nunca peccou, & o innocente, que nunca peccou, logra a do peccador arrependido: & nem o innocente por innocente exclue o peccador, nem o peccador por peccador desmerece o que logra o innocente; mas todos gozaõ o de cada hum, & cada hum o de todos: *Omnium singula, & omnia singulorum*.

419 Haverà por ventura na terra algum exemplo, que nos declare esta reciproca, & total comunicação,

nicação, tão total, & toda em todos, como total, & toda em cada hum? Nunca ouve, nem podia haver tal exemplo, ou semelhança na terra; mas só a ouve depois que deceo do Ceo. E qual he? O divinissimo Sacramento: *Panis, qui de Cælo descendit*: o divinissimo Sacramêto he penhor da gloria, & figura da gloria. Hũa, & outra cousa nos ensina a Igreja: penhor da gloria, *future glorie nobis pignus datur*: figura da gloria, *quam pretiosi corporis, & sanguinis tui temporalis perceptio præfigurat*. O penhor, para ser penhor, não he necessário que tenha a semelhança, senão o preço, & valor do que assegura. Assim vemos, que a baxella, ou tapecería he penhor de tanta quantia, quanta se nos fia debaixo della: & isto mesmo tem o valor, & preço infinito do Sacramento, em quanto penhor da gloria. Mas para ser figura da gloria, não basta só o valor, & o preço, senam

tambem a semelhança; porque sem semelhança não pôde haver figura. Logo se o Sacramento, em q̄ não vemos a Deos, he figura da gloria, que consiste em ver a Deos; onde está esta figura, & esta semelhança? Admiravelmente o dizem as mesmas palavras da Igreja: *Quam pretiosi corporis, & sanguinis tui temporalis perceptio præfigurat*. Note-se muito a palavra *perceptio*: não consiste a figura, & semelhança do Sacramento com a gloria no que recebemos, posto que seja o mesmo Deos; mas consiste no modo com que o recebemos: *Temporalis perceptio præfigurat*. E porque? Porque assim como no Sacramento tanto recebe hum, como todos, & tanto recebem todos, como cada hum; assim na gloria tanto lograõ todos, como cada hum, & tanto cada hum, como todos. Cã na terra, como ha a divisaõ de meu a teu, cada hum logra os seus bens, mas nam participa os dos outros;

porèm no Ceo os proprios, & os dos outros tanto saõ cõmundos de todos, como particulares de cada hum, porque là não tem lugar esta divisaõ.

420 Daqui se entenderà o fundamento, porque S. Pedro no Tabor foi notado pelos dous Evangelistas S. Marcos, & S. Lucas com hũa censura tão pesada como de não saber o que disse: *Nesciens quid diceret*. O que disse S. Pedro, foi, que fizessem alli tres tabernaculos, hum para Christo, outro para Moyses, outro para Elias: *Faciamus hic tria tabernacula, tibi unum, Moyse unum, & Elie unum*. E em que esteve o erro, ou desacerto digno de tão notavel, & declarada censura? Esteve em que sendo o Tabor não só hum retrato da gloria do Ceo, senão hũa participação propria, & verdadeira do que nella se goza; quiz S. Pedro introduzir, & estabelecer no Tabor hũa couza tão impropria, & alhea da mesma

gloria, como teu, & teu: *Tibi unum, Moyse unum, & Elie unum*. Excellentemente S. Paschasio. *Error in causa est, quia tria se promittit facere tabernacula, unū scilicet, ac privatum Jesu, alterum Moyse, & aliud Elie, quasi non eos caperet unū tabernaculum, seu in uno simul consistere non possent*. S. Pedro como desinteressado não quiz introduzir na gloria o meu, & o nosso, porque não disse que faria tabernaculo para sy, nem para os companheiros, & atè aqui não errou callando: porèm tanto que fallou, & disse *unum tibi*, não parando alli, mas querendo dividir os tabernaculos, & fazer outro para Moyses, & outro para Elias; como se todos não coubessem no mesmo tabernaculo, ou o mesmo tabernaculo não fosse capaz de todos; aqui, & nesta divisaõ, he que esteve o seu erro, porque na gloria do Ceo, que o Tabor representava, o tabernaculo de Moyses he de Elias, & o de Elias,

Luc. 9.  
33.

Matth.  
7.4.

Paschas.  
lib. 8. in  
Matth.

Elias he de Moyses, & o de Moyses, & Elias he de Christo, & o de Christo he de Moyses, & he de Elias, & he de Pedro, & he de Joáo, & he de Diogo, sem excluir a ninguem, mas comunicandose não só universalmente a todos, senão particularmente a cada hum.

## §. IX.

421 **C**ontra esta doutrina porém, posto que tão provada, me parece que estão replicando não só os doutos, & indoutos da terra, senão também os Bemaventurados do mesmo Ceo. Os doutos, porque muitas vezes leraõ no Evangelho: *Tunc reddet unicuique secundum opera ejus: Et in qua mensura mensi fueritis, remetietur vobis:* & em S. Paulo: *Qui parce seminat, parce & metet; & qui seminat in benedictionibus, de benedictionibus & metet: Et unusquisque propriam mercedem accipiet secundum suum la-*

borem. Os indoutos, porque também muitas vezes tem ouvido na interpretação destes textos, que os premios do Ceo se haõ de distribuir a cada hum por justiça: & que a medida lá do gozar ha de ser a mesma que cá foi do servir: & que quem semea pouco, colherá pouco, & quem muito, muito: & que a paga, que ha de receber o trabalhador, ha de ser conforme o seu trabalho. Os Bé-aventurados finalmente, porque he certo, que no Ceo ha muito diferentes graos de gloria, como foraõ diferentes na terra os da graça: & que assim como cá por fóra vemos que no mesmo Ceo húa he a claridade do Sol, outra a da Lua, outra a das Estrellas: *Alia claritas Solis, alia claritas Luna, & alia claritas Stellarum: Stella enim à Stella differt in claritate;* assim lá por dentro ha maiores, & menores dignidades, maiores, & menores coroas, maiores, & menores lumes da vista de Deos, & na

Matth.  
#6.27.

Marc.4.  
24.

2. Co-  
rint.9.6.

1. Co-  
rint.3.8.

1. Cor.  
15.41.

& na mesma bemaventurança maiores, & menores participações, ou como diz S. Paulo, pesos della. Pois se os Bemaventurados na gloria, & as glorias dos Bemaventurados não são iguaes; como pôde ser primeiramente, que em tanta desigualdade do que possuem, estejam todos igualmente contentes: & que sendo o que cada hum possui proprio de cada hū, gozem todos igualmente o de cada hum, & cada hū igualmente o de todos?

422 Para declaração deste, que parece enigma, havemos de suppor, que no Ceo ha ver, & gozar a Deos, em que consiste a gloria essencial: & ha gozar-se da mesma gloria dos que vem a Deos, & o gozão, que são duas cousas muito diversas. Na gloria, que consiste em ver, & gozar a Deos, ainda que alguns possuão ser iguaes, ha muitos graos de differença, & excessõ, segundo o maior, ou menor merecimento de cada hum. Mas

nesta mesma differença, posto que desigual, todos respectivamente, & cada hum está igualmente contentes; porque nenhum quer, ou deseja mais do que tem: fundandose a igualdade do mesmo contentamento na medida da propria capacidade, & na proporção da justiça, com que se vem premiados. Cã, onde todos apeteçemos ser maiores, não se entende isto; mas facilmente se pôde comprehender por varias semelhanças. Leviao mar tres vasos, hum grande, outro muito maior, outro muito mais pequeno, & enchei-os todos: neste caso o vaso menor tem menos agua, o grande tem mais, & o maior muito mais: & com tudo nesta mesma desigualdade nenhum admite, nem pôde admitir mais do que tem; porque cada hum segúdo a sua capacidade está igualmente cheio. Tem hum pay tres filhos, hum menino, outro moço, outro já homem feito: vestio a todos.

dos da mesma téla: & qual está mais contente? Porventura o que levou mais covados? De nenhum modo. E se não trocái os vestidos, & vereis se quer algú o do outro. Mas cada hum se contenta igualmente do seu, porque he o que lhe vem mais justo, & mais proporcionado à sua estatura. O mesmo passa nos Bemaventurados do Ceo. Porque assim como a gloria da vista clara de Deos os enche por dentro assim os veste por fóra. Nem obsta a capacidade maior, ou menor do merecimento, nem a estatúra mais, ou menos alta da dignidade, para alterar, ou diminuir a igualdade desta satisfação, & contentamento de cada hum no seu estado; porque como bem declara có outra semelhança S. Agostinho, tambem a cabeça he mais nobre que a mão, & a mão mais nobre que o pé, & nem por isso o pé deseja ser mão, nem a mão deseja ser cabeça, nem a cabeça deseja ser coração;

porque assim o pede a natureza das partes, & a harmonia do todo. E se esta uniaó, conformidade, & ordem se acha em hum corpo natural, & corruptivel, qual será a do corpo celestial daquella soberana, & sobrenatural Republica, onde a vontade do mesmo Deos, que o beatifica, he a Alma, que o informa.

423 E quanto à segunda parte da objecção, em que parece difficultoso gozar-se cada hum das glorias de todos, & gozarem-se todos da gloria de cada hum; assim como satisfizemos à primeira difficultade com a proporção da justiça, assim respondo à segunda có a extenção da caridade. O Ceo he húa Republica immensa; mas onde todos se amão: & está là a caridade tanto no auge de sua perfeição, que todos, & cada hum amão tanto a qualquer outro, como a sy mesmo. Donde se segue, que ainda que os grãos da gloria sejaõ desiguaes segun-

August.  
lib. 22.  
de Civit.  
cap. 30.

gundo o merecimento de cada hum, a alegria, & o gosto dessa mesma gloria, ou glorias, he igual em todos, porque todos as estimaõ como proprias, & cada hum como sua. Exprefamente S. Lourenço Justiniano. *Tanta vis in illa caelesti patria nos sociat, ut quod in se quisque non accipit, hoc se accepisse in altero exultet. Vna cunctis erit beatitudo letitiae, quamvis non una sit omnibus sublimitas vitae.* Notefe muito a palavra *beatitudo letitiae*, em que o Santo distingue na mesma bemaventurança duas bemaventuranças, hũa da gloria, outra da alegria: a da gloria he particular, & determinada, porque consiste na vista de Deos, que se mede com o merecimento, & graça desta vida; porèm a da alegria não tem termo, nem limite, porque he immensa, & sem medida, segundo a extençãõ da caridade: a qual comprehendendo, & abraçando a todos, se alegra, & goza da gloria de

Laurét.  
Justin.  
de Lög.  
vitæ  
cap. 7.

todos, & cada hum, como se fora propria. E este, como se fora propria, não quer dizer, que não tem, nem possue cada hum a gloria dos outros, porque verdadeiramente a tem, & possue, diz o Santo, não em sy, mas nos que ama como a sy mesmo: *Vt quod in se quisque non accipit, hoc se accepisse in altero exultet.* Esta mesma razaõ he de S. Agostinho, de S. Boaventura, de S. Anselmo, & de todos.

424 É para que o uso, ou abuso da pouca caridade deste mundo nos não escureça a intelligência desta verdade, com dous exemplos deste mesmo mundo a quero declarar, hum singular em S. Paulo, outro universal em todos os homens. Era taõ immensã a caridade de S. Paulo, que elle padecia os males de todos os homens, & nenhũ mal temporal, ou espiritual succedia neste mundo, que não acrecentasse nova, & particular materia ao fogo em que ardia o seu

August.  
22. de  
Civit.  
Bonav.  
2 de An-  
gel.  
Ansel.  
lib de  
Similit.  
cap. 59.



coração. *Quis infirmatur, & ego non infirmor? Quis scandalizatur, & ego non uror?* Assim como todo o peso da redondeza da terra pesa; & carrega para o centro; assim todas as enfermidades, todas as dores, todas as penas, todos os trabalhos, todas as aflicções, & tribulações, misérias, pobreza, tristezas, angustias, infortúnios, desgraças; enfim, todos os males do genero humano carregavaõ de toda a parte sobre o coração de Paulo, adoecendo elle de todos, & com todos: *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* E assim como no mesmo centro está o fogo do Inferno, em que ardem os condenados, pagando as penas das culpas, que cometerão nesta vida; assim ardia no coração de Paulo o fogo da caridade tão forte, & intensamente, que todos os escandalos, & culpas, que de novo se cometião, não só o atormentavaõ de qualquer modo, mas verdadeiramente o

Tom. 7.

abrazavaõ, & queimavaõ: *Quis scandalizatur, & ego non uror?* E se a caridade de Paulo o fazia padecer os males de todos; sendo mais natural à natureza humana gozar-se dos bens, que padecer os males; quem duvida, que a caridade de qualquer bemaventurado, a qual no Ceo he mais perfeita, que a dos maiores Santos na terra, excite, affeicões, & obrigue naturalmente, & sem milagre, a cada hum, a que se alegre, & goze dos bens de todos?

425 E se não ( para que cada hum se persuada pelo que experimenta em sy mesmo ) pergunto a todos os que sois pays, ou mãys. Não he certo, que os pays, & as mãys tanto amão, & estimaõ os bens de seus filhos, como os proprios? Atè as feras mais feras, se se lhes fizer esta pergunta, responderão que sim. E eu acrescento, que não será verdadeira ro pay, nem verdadeira mãy, o que não estimar me-

Gg nos

nos os seus bens, que os de seus filhos. Por isso os Cortesãos de Jerusaleem, quando David renunciou a Coroa em seu filho Salmaão, a lisonja com que bejárao a mão ao mesmo David, foi, dizendo todos a hũa voz, & com o mesmo conceito, que Deos fizesse o trono, & Reyno do Filho maior, & mais felice ainda que o do Pay. E por isso a Mãe de Nero, tendo ouvido de hum oraculo, que se chegasse a ser Emperador seu Filho, a havia de matar, respondeo: *Occidat, dummodo imperet*: Mate me embora, com tanto que seja Emperador. Assim estimou mais a Mãe a honra, & Imperio do Filho, que a vida propria. E se a estes extremos se estende o amor natural da terra, que será o sobrenatural do Ceo? He tão grãde, ou por fallar mais propriamente, he tão perfeito, tão puro, & tão sobrehumano o amor, com que todos os Bemaventurados reciprocamente se amaão;

que se o amor de todos os pays, & mãys, quantos ouve desde o principio do mundo, & haverá até o fim, se unisse em hum só amor, comparado este có o amor do menor Bemaventurado do Ceo, não só o não igualaria, mas nem pareceria amor. Vede agora, conclue S. Boaventura, quam immensa será a gloria dos que assim se amaão, sendo elles infinitos, & a gloria de cada hum, as glorias de todos!

426 Oh bemaventurados vòs, & bemaventuradas, não digo a vossa, senão as vossas bemaventuranças! Lá está gozando esta verdade, quem a disse na primeira palavra, que escreveo. A primeira palavra do primeiro Psalmo de David he, *Beatus vir*; psalm. Bemaventurado o homẽ. 1.º E qual he a bemaventurança, que o faz, & lhe dà o nome de Bemaventurado? Não he hũa, nem só muitas, senão todas as bemaventuranças de todos os Bemaventurados; porque todas

todas as bemaventuranças de todos concorrem a fazer. Bemaventurado a cada hum. Assim o declara expressamente o mesmo texto original Hebraico; em que David escreveu, o qual tem em lugar de *Beatus vir, Beatitudines viri*. E se cada hum pela sua gloria particular he perfectissimamente Bemaventurado, & glorioso, que será pelas glorias, & bemaventuranças de todos? Pela sua gloria Bemaventurado cada hum pelo que elle mereceo, & pelas glorias de todos sobre bemaventurado tambem pelo que elles merecérao. Excesso verdadeiramente de comunicação de bens, que podéra parecer injusto, se a gloria não fora premio da graça. De vós pois, & de todos vós, ô felicissimos habitadores desta Patria celestial; de vós, & a vós se pôde dizer com razão: *Alij laboraverunt, & vos in labore eorum introistis*: Que os outros merecérao, & trabalhárao, &

vós gozais os frutos de seus trabalhos, pois gozais o que elles merecérao, & vós não merecestes.

427 Vós (ponderem os da terra bem o que digo) vós não fostes Patriarcas, & gozais a gloria dos Patriarcas: vós não fostes Profetas, & gozais a gloria dos Profetas: vós não fostes Apostolos, & gozais a gloria dos Apostolos: vós não padecestes martyrio, & gozais a gloria dos Martyres: vós não fostes Doutores, nem ensinastes; & gozais a gloria dos Doutores: vós não vivestes nos desertos, & gozais a gloria dos Anacoretas: vós não professastes continencia, & gozais a gloria dos Virgens: vós fostes peccadores, & tal vez grandes peccadores, & gozais a gloria dos innocentes: vós finalmente fois homens com corpo, & não espiritos, & gozais as glorias de todas as Gerarchias dos Anjos. Assim o discorre, & contrapoem admiravelmente o Sera-  
Ggij fim

fim dos Doutores da Igreja S. Boaventura, posto que com a ordem mudada, mas com o mesmo sentido. *Ibi virgo gaudebit de sanctæ viduitatis merito: ibi vidua exultabit de casto virginitatis privilegio: ibi Confessor de Martyris jucundabitur triumpho: ibi Martyr tripudiabit de Confessorum bravo: ibi Propheta laudabit de Patriarcharum pia conversatione: ibi Patriarcha exultabit de Prophetarum fide: ibi Apostoli, & Angeli gaudebunt de merito omnium inferiorum: ibi omnes inferiores letabuntur de gloria, & corona superiorum.*

S. Bona-  
vent. in  
Solilo-  
quijs.

## §. X.

428 **F**Altavanos agora o terceiro pôto da nossa proposta, & mostrar como tudo isto se goza no Ceo, não successivamente, senão por junto, reduzindo toda a eternidade a hum instante, & estendendo esse mesmo instante por toda a eternidade. Sendo porêm forçoso

acomodar à brevidade do tempo, & suppondo que bastaõ as demonstraçoens destes dous discursos para fundar sobre ellas húa grãde resoluçãõ; acabo com fazer a todos os que me ouviraõ húa só pergunta. Credes isto que ouvistes, ou não? Quem cré o primeiro, & segundo ponto, he Christão, quem não cré o segundo, he Gentio; mas, ou sejas Gentios, ou Christãos, se totalmente não tendes perdido o entendimento, & o juizo, não podeis deixar de estar persuadidos do que ouvistes, ou a desprezar a falsidade de huns bens, ou a desejar juntamente a verdade dos outros.

429 O Gentio não sabe que a Alma he immortal, nem cré que ha outra vida. E com tudo, se leres os livros de todos os Gentios, nenhú achareis, nem Filósofo, nem Orador, nem Poeta, que só có o lume da razaõ, & experiencia do que vem os olhos, não cõdene o amor, ou

ou cobiça dos chamados bens deste mundo, & não louve o desprezo delles. Gentio ouve, que reduzindo a dinheiro hũ grande patrimonio, que possuía, o lançou no mar, dizendo: Melhor he, que eu te afogue, do que tu me percas. Deixo os risos de Diogenes, que metido na sua cuba zombava dos Alexandres, & suas riquezas. Deixó a sobriedade dos Socrates, dos Senecas, dos Epictetos, & só me admira, & deve envergonhar a todo Christão, o exemplo do mesmo Epicúro neste conhecimento, sendo elle, & a sua Seita a que mais professava as delicias. *Gaudetis minus? minus dolebitis:* dizia o Comico Gentio, & fallando com Gentios: Se tiveres menos gostos, também terás menos dores. E porque na mistura dos falsos, & enganosos bens, dividiaõ o bem do mal, & contrapessavaõ o que tinham de gosto, com o que causavaõ de dor; antes queriaõ não padecer a par-

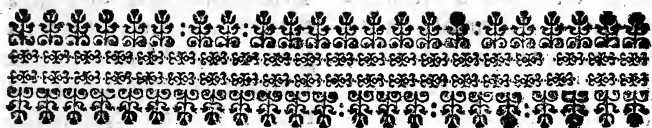
Tom. 7.

te do verdadeiro mal, que gozara do falso bem. Não seria louco o que pela doçura da bebida tragasse juntamente o veneno? Esta pois era a razaõ, & a evidencia, com que sem fé, nem conhecimento da outra vida se defenganavaõ os Gentios, & huns pelo peso se descarregavaõ dos falsos bens; outros pelo desprezo os metiaõ debaixo dos pés.

430 E se assim os tratava o Gentio, que não temia delles, que o levassẽ ao Inferno, nem lhe impedissem o Ceo; que deve resolver, & fazer o Christão; que não só reconhecẽ nos bens do mundo a vaidade do presente, senão também, & muito mais o perigo do futuro? Será bem, que por hum instante de gosto me arrisque eu a hũa eternidade de pena, & por hũa apprehensãõ de bem misturado com tantos males, perca a gloria da vista de Deos, & o gozar não só a minha bemaventurança, senão a de todos os Bem-  
Ggijj aven-

aventurados? O fé, ô entendimento, onde estás? Mas o certo he, que nem entendimento temos, pois não fazemos o que fizeraõ, & entenderáõ tantos Gentios: nem fé, senão morta, & sem acção vital, pois ella nos não move a viver como Christãos. Se o queremos fer, & emendar o desluzbramêto desta tão enorme cegueira, eu não vejo outro remedio, que nos abra os olhos, senão tornar pelos mesmos passos destes nossos dous discursos aos dous montes donde elles saíraõ. Oh que duas estaçoens tão proprias de hum tempo tão santo como o da Quaresma! Húa ao monte da tentação, outra ao monte da transfiguração: húa ao monte, onde o Demonio mostrou a Christo as glorias do mundo, outra, onde Christo mostrou aos Apo-

stolos a gloria do Ceo. Olhai, & notai bem, quanto vai de monte a monte: vede, & considerai bem, quanto vai de glorias a gloria. Naquelle monte estão os males sobre-dourados cõ nome de bens: neste estão os bens sem sombra, nem apparencia de mal. Alli estã o falso, aqui o verdadeiro: alli o duvidoso, aqui o certo: alli o momentaneo, aqui o eterno: alli o que vai parar no fogo do Inferno, aqui o que nos leva a fer Bemaventurados no Ceo. Vede, vede, & considerai bem o que deveis escolher; porque qual for a vossa eleição nesta vida, tal será a vossa remuneração na outra: ou padecendo sem fim todas as maldiçoens com o Demonio, ou gozando na eternidade todas as felicidades com Christo.



# SERMAM DE S. BARBARA.

*Simile est Regnum Caelorum thesauro abscondito in agro:  
quem qui invenit homo, abscondit, & pro gaudio il-  
lius vadit, & vendit universa, quae habet,  
& emit agrum illum. Matth. 13.*

§. I.



Assim como ha  
huns homens,  
que nascerao só  
para sy, & ou-  
tros, que nascerao para sy,  
& para a Republica; & por  
isso saõ os mais benemeri-  
tos do genero humano, &  
celebrados da fama: assim  
ha huns Santos, que foraõ  
escolhidos só para louvar a  
Deos, & outros para lou-

var a Deos, & favorecer, &  
ajudar aos homens. E sen-  
do esta segunda prerogati-  
va taõ parecida ao mesmo  
Deos, que não nasceo para  
sy, senão para nós; & tão  
semelhante aos Anjos, que  
juntamente vem a Deos  
no Ceo, & nos guardão na  
terra: se fizermos compa-  
ração no mesmo genero  
entre todos os Santos, &  
Santas, facilmente achare-  
mos, que não só igualou,  
Gg iiii mas

mas excedeo a todos : Quem ? A gloriosa Santa Barbara, a cuja protecção, & memoria com tanto estrondo, & abalo dos elementos, se dedica este alegria.

432 Nas palavras, que propuz, diz Christo Mestre divino, & Senhor nosso, que he semelhante o Reyno do Ceo a hum thesouro escondido no campo, o qual como achasse hum homem venturoso, se foi logo a vender quanto tinha, para comprar o campo, & se fazer senhor do thesourô. Para intelligencia de que thesouro escondido fosse este, he necessario saber primeiro, qual seja o Reyno do Ceo, que Christo chama semelhante a elle: *Simile est Regnum Celorum thesauro abscondito.* S. Gregorio Papa adverte aqui doutamente, que o Reyno do Ceo nas divinas letras se divide, ou distingue em dous Reynos, hum eterno, outro temporal, hum futuro, outro presente, hum na Igreja

Triunfante, que descança em paz no Ceo, outro na guerreira, & Militante, que ainda trabalha, & peleja na terra. Daqui se segue, que assim como ha dous Reynos semelhantes ao thesouro escondido, assim ha dous thesouros escondidos, semelhantes a hum, & outro Reyno: & estes são os dous thesouros, que S. Barbara comprou com o preço de quanto tinha: *Vendit universa, quae habet, & emit agrum illum.*

433 Tinha S. Barbara como filha unica, & herdeira de Dioscoro seu Pay, senhor nobilissimo da Cidade de Nicomedia, hum riquissimo patrimonio dos bens, que chamão da fortuna. Tinha mais outro mais precioso, & mais rico, que era o de todos os dotes da natureza, & graça, fermosura, discrição, honestidade, & as demais virtudes, por onde o desejo, & emulação de todos os Grandes a procuravão por esposa. E tendo já consagrado tudo isto a Deos na flor



floridaidade; atè a liberdade, & a vida lhe sacrificou a sua fé, & o seu amor: a liberdade, em hum dilatado martyrio presa por muito tempo, & afferrollhada em hum Castello: & a vida, em outro martyrio mais breve, mas muito mais cruel, sendo variamente atormentada com todos os generos de tiranias, & finalmente degolada com a maior de todas, por mão de seu proprio Pay.

434. Este foi o preço verdadeiramente de tudo quanto possuía, com que Barbara comprou os dous thesouros, hum para sy, outro para nós. Para sy, o da eterna coroa, que goza em paz na Igreja Triunfante do Ceo: para nós, o do perpetuo socorro, com que nos ajuda a batalhar, & vencer na Militante da terra. Deste, que he o que hoje vimos reconhecer diante de seus altares em perpetua acção de graças, he o de que trararei sómente. Confessando porèm

primeiro, que para publicar os poderes, & louvores de S. Barbara, assim como ostrovoens da artelharia são mudos, assim as vozes mais polidas dos Prégadores, & toda a nossa eloquência he barbara. *Ave Maria.*

## §. II.

*Simile est Regnum Calorum thesauro abscondito.*

435. **H**Uma das cousas admiraveis, que fez, & tem Deos neste mundo, & de que sua sabedoria, & grãdeza muito se preza, são os seus thesouros escondidos. Por ventura (diz Deos a Job) entraste tu nos meus thesouros da neve, ou viste os meus thesouros da sarai-va, os quaes eu tenho guardado para o tempo dos inimigos, & para o dia da guerra, & da batalha? *Nunquid ingressus es thesauros nivis, aut thesauros grandinis vidi, ii; que pro paravi in tempus hostis, & in diem pugnae,*

Job 38.  
21. 23.

*pugna, & belli?* Por ventura pode atêgora a especulação dos Filozofos descobrir a origem, & verdadeiras causas dos ventos, tão inconstantes, & leves elles, & tão encontrados nas suas opinioês, como o Norte, & o Sul? Mas por isso os defenganou David, que só Deos, que criou os ventos, lhe conhece o nascimento, & os tira quando, & como he servido, do secreto de seus thesouros:

Pfalm.  
134.8.

*Qui producit ventos de thesauris suis.* Não he menor maravilha, que não crecêdo a superficie do mar hũ dedo com todas as correntes dos Rios, que nelle desfaguaõ, sejaõ taes as inundaçoens do mesmo mar, que tenhaõ afogado Cidades, & sepultado Provincias inteiras. Mas todos estes diluvios particulares, sem serem ajudados do Ceo, nem das nuvens, os tem depositado Deos nos occultos, & profundos abissos dos seus thesouros: *Ponens in thesauris abyssos.* Finalméte destes mesmos

Pfalm.  
32.7.

thesouros escondidos tinha ja profetizado Jacob: *Inundationem maris quasi lac fugent, & thesauros absconditos arenarum.* D. mt. 33. 19.

436 De maneira, que na terra, na agua, no ar, como em diferentes, & vastissimos campos, té Deos escondidos seus thesouros. Mas nenhum destes, com ferem tão grandes, & tão varios, he o que o mesmo Deos descobrio a S. Barbara, & de que ella com os cabadaes de seu merecimento se fez senhora. O maior, o mais nobre, o mais maravilhoso, & o mais escondido thesouro do Universo, he o quarto elemento, o fogo. He tão escondido, que Pitagoras, & outros que refere S. Agostinho, porque não vemos a esfera do fogo, a negáraõ totalmente. Os lugares, em que a natureza collocou os elementos, occupaõ todo o espaço, que se estende desde o centro do mundo atê o Ceo. A terra ao redor do centro, a agua sobre a terra, o ar sobre a agua,

agua, o fogo sobre o ar até o concavo da Lua, ou do Empireo. Mas se a esfera do fogo he tão immensa, & o fogo naturalmente luminoso, como a, não vemos ao menos de noite? Logo final he (inferiaõ estes Authores) que o fogo não tem esfera. Mas sendo evidente por outras demonstrações, que a perfeição do Universo não podia carecer deste thesouro; o que deviaõ inferir, como nós dizemos, he, que se não vê, por ser thesouro escondido. E porque o não possaõ contradizer Philosophos, nem Mathematicos, leaõse as primeiras palavras, com que a Escritura sagrada descreve a criação do mundo, & acharemos nellas expressamente a terra, a agua, o ar, mas o fogo não: *Terra autem erat manis, & vacua, & Spiritus Domini ferebatur super aquas. Terra autem,* eis ahi a terra: *Super aquas,* eis ahi a agua: *Spiritus Domini,* eis ahi o ar. E porque razão Moyses assim como

fez menção dos outros tres elementos, a não fez tambem do quarto? Se fez menção da terra, da agua, & do ar, porque a não fez tambem do fogo? Porque Moyses, como notaõ S. Basilio, S. João Damasceno, & Bêda, só fallou das cousas manifestas, & que se vem. E assim como callou a criação dos Anjos, porque são invisiveis, assim não fallou do fogo elementar, porque está escondido a nossos olhos.

437 Este thesouro pois tão propriamente escondido, he o que Deos descobrio, & de que deo o dominio a S. Barbara, fazendo-a governadora, protectora, & defensora do fogo. Oh gloriosa filha de Eva, maior senhora que a primeira mulher, ainda no estado da innocencia, & na felicidade do Paraiso! O maior poder, ou poderes, que nunca Deos deo a algum homem, foi a Adam. E que poderes lhe deo? Sobre a terra, sobre a agua, sobre o ar: *Vt præsit piscibus maris,*

Genes.  
1. 26.

& vo-

*& volatilibus Cæli, & bestiis, ac universe terræ.*

Tudo o que se move neste mundo, ou andando na terra, ou nadando na agua, ou voando no ar, será fogueito a teu imperio. Mas assim como Deos deo a Adam o dominio dos tres elementos inferiores, o do quarto, & supremo, porque lho não deo? Se ao imperio da terra ajuntou o da agua, & ao da agua o do ar; ao do ar porque não ajuntou tambem o do fogo? Porque effe reservou-o Deos para sy. Lede os Profetas, que são os que vivendo na terra só podião entrar, & ver a Corte do Ceo, & achareis, que todo o apparato da Magestade de Deos he fogo, & tudo quanto decreta, & executa, por instrumentos de fogo. Se está assentado, o seu trono he de fogo: *Thronus ejus flammæ ignis*: Se fae a paffear como em carroça, as rodas são de fogo: *Rotæ ejus ignis accensis*: Se leva diante a sua guarda real, os archeiros são de fogo: *Ig-*

Daniel.  
7.9.10.

*nis ante ipsum præcedet*: Pa-  
ra qualquer parte que vol-  
te o rosto, faem delle cha-  
mas de fogo: *Ignis à facie  
ejus exarsit*: Se olha, he com  
olhos de fogo: *Oculi ejus  
tanquam flamma ignis*: Se  
ouve, com ouvidos de fo-  
go: *Deus, qui exaudiet per  
ignem*: Se falla, com vozes  
de fogo: *Audisti verba il-  
lius de medio ignis*: E atè o  
mesmo Deos se cria vul-  
garmente, que era fogo:  
*Deus noster ignis consumens*  
*est*. Isto he o que virão os  
Profetas no Ceo, & tam-  
bem o vio todo o Povo na  
terra, quãdo Deos deceo a  
lhe dar a Ley no Monte  
Sinai: *Totus autem mons  
Sinai fumabat: eo quod des-  
cendisset Dominus super eum  
in igne*: De todo o monte  
faião, & subiaõ nuvens es-  
pessãs de fumo, porque  
Deos tinha decido sobre  
elle em fogo. Tudo o que  
se ouvia, eraõ trovoens, tu-  
do o que se via, relampa-  
gos: *Et ecce cæperunt audi-  
ri tonitrua, & micare ful-  
gura*. Atè os Gentios, por  
estes effeitos, ao seu Jupiter  
cha-

Pfal. 96.3.

Pfal. 179.

Apoçal. 1.14.

3. Reg. 18.24.

1. eut. 4. 36.

Ibid. 24.

Exod. 19.18.

Ibid. 16.

chamáraõ tonante, & lhe deraõ por armas os rayos, cantando os seus Poetas do falso Deos o mesmo, nem mais, nem menos, que David affirmou do verdadeiro: *Intonuit de Cælo Dominus, & Altissimus dedit vocem suam: grando, & carbones ignis.* E este he, como dizia, o Imperio, & governo do quarto, & supremo elemento, que Deos reservou para sy, & tendo o negado a Adam, & não concedido a algum de tantos famosos Heroes, que passáraõ em tantos seculos, o delegou finalmente em S. Barbara, fogeitando a esfera do fogo, & seus prodigiosos, & temerosos effeitos ao arbitrio de seus poderes, & o soccorro, & remedio delles à invocaçãõ de seu nome.

## §. III.

438 **E** Se me pergũtardes quando lhe deo Deos a envestidura deste Imperio, ou a posse deste governo, & de que

modo? Respondo, que por meyo de dous rayos fataes, pouco depois da morte da mesma Santa. Concorrerãõ para a morte, ou para o triunfo de Barbara dous barbaros, hum menor, outro maior tyrano, ambos cruelissimos. O primeiro tyrano, & menor foi Marciano, que martirizou o corpo innocente, & virginal da Santa com os mais exquisitos tormentos: o segundo tyrano, & maior foi Dióscoro seu Pay, que com entranhas mais feras, que as das mesmas feras, desembainhou a espada, & lhe cortou a cabeça. Que faria à vista deste espectáculo o fogo, que com instinto oculto, & mais que natural, já sentia naquelles fagrados, & coroados despojos, & já começava a reconhecer a nova fogaçãõ, & obediencia, que depois de Deos lhe devia? Ragaõse no mesmo tempo as nuvens, ouvemse dous temerosos trovoens, desparrãõse furiosamente dous rayos, os quaes derrubamdo,

do, abrazando, & confundindo os dous tyranos, em hum momento os desfizerão em cinzas. Ah miseráveis idolatras, & tyranos impijssimos, que se no mesmo tempo, em que os dous relampagos vos ferirão os olhos, invocasséis o nome da mesma victima, a quem tirastes a vida, ella sem duvida vos livraria da morte! Mas nem os tyranos cegos soubéramo conhecer onde tinhão o seu remedio: nem os mesmos rayos, que nesta execução começavao já a professar o culto, & veneração de Barbara, esperáramo seu imperio, ou côsentimento para vingar suas injurias; porque não obrao como causas naturaes por proprio impulso, mas guiados por destino occulto, & entendimento superior, que os governava.

439 E para que vejamos, quam entendidamente servirão a S. Barbara, & sem esperar sua obediencia lhe obedecéramo; comparemos estes dous rayos

sem uso de razaó, com outros dous rayos racionaes, & de grande entendimento. Aos dous irmãos S. Tiago, & S. João mudoulhe Christo o nome, ou acrescentoulhe, chamandolhe rayos: *Jacobum Zebedæi, & Ioannem fratrem Iacobi*, Marc. 3. *& imposuit eis nomina Boanerges, quod est filij tonitruu.* 17. *Boanerges* propriamente quer dizer filhos do trovão, & porque do trovão nasce o rayo, *Boanerges* em frasi Hebreá, ou Syriaca, qual era a vulgar daquelle tempo, significa rayos. E que fizéramo estes dous Rayos tão entendidos? Negando os Samaritanos a Christo a entrada da sua Cidade, quizerão ambos castigar este desprezo, & vingar esta injuria de seu Mestre, fazendo como rayos, que decessé fogo do Ceo; & abrazasse os Samaritanos: mas este fogo, este zelo, & este pensamento tão bravo, & tão bizarro tudo ficou no ar; porque? Porque consultáramo, & pedirão licença a  
Chri-

Luc. 9.  
54.

Christo: *Domine, vis dicimus, ut descendat ignis de Cælo, & consumat illos?*

Respondeo o Senhor, que elle não viera ao mundo a matar homens, senão a salvarlos, & que elles como seus Discipulos havião de perdoar injurias, & não vingallas. O mesmo havia de responder S. Barbara, se os nossos dous rayos a consultáráo, ou lhe pediráo seu consentimento para vingar as suas injurias, & matar, & abraçar os tyranos. Mas elles sendo rayos sem entendimento entendéráo melhor o caso. Ha casos, em que por pedir licença se perdem as mais gloriosas acçoens. Notou discretamente S. João Chrysostomo, que se a Magdalena pedira licença a Christo para lhe derramar hũa yez aos pès, outra sobre a cabeça os seus preciosos unguentos (que erão as aguas de Cordova, ou de Ambar daquelle tempo) como este regalo fosse tão contrario à mortificação, que o Senhor professava, claro

està, que lhe não havia de conceder a licença. Mas o mesmo Senhor, que nam havia de conceder a licença pedida, depois que a Magdalena sem a pedir lhe fez aquelle obsequio, não só defendeo a obra, mas a approvou, & louvou: *Bonum enim opus operata est in me.* O mesmo havia de succeder aos dous rayos do Apostolado, se elles abraçáráo os Samaritanos, como justamente merecião. Mas o que elles, sendo taõ entendidos, não entendéráo, nem fizerão, fizeram sem entendimento os nossos rayos, porque eraõ governados por outra intelligencia mais alta.

440 No caso da prisão de Christo, S. Pedro sem pedir licença tirou pela espada, investio os inimigos, & começou a cortar orelhas: os outros Discipulos pelo contrario, chegarão se ao Senhor, & pedirão licença: *Domine, si percutimus in gladio?* E quem se mostrou mais fiel servo, mais valente, & mais zeloso

Matth.  
26.10.Luc. 22.  
49.

fo da vida, & da honra de seu Senhor? Não ha duvida, que Pedro, & como tal o louváo todos os Santos. Entre os outros Discipulos tambem se achaváo os dous *Boanerges*, os dous Rayos, mas quem se portou como rayo foi Pedro, porque effa he a bizarra natureza dos rayos, ferir, & executar primeiro, & depois protestar a sua fogação, & obediencia. He texto excellente no livro de Job: *Nunquid mittes fulgura, & ibunt, & revertentia dicent tibi: Adsumus?* Por ventura, diz Deos a Job, são taes os teus poderes, como os meus, que despidas do Ceo os rayos, & elles depois de executarem tornem a ti, & te digão: Aqui estamos promptos para obedecer o que nos mandares? Caietano demasiadamente sutil neste passo, disse, que estão aqui as palavras trocadas, & que primeiro se havião de presentar os rayos obedienciaes, & dizer, *Adsumus*, & depois executar o que

Job. 38.  
35.

lhe mandassem. Mas com razão he regeitada de todos esta futeleza, como alhea do texto, & da condição do rayo; porque os rayos depois de calificarem a sua obediencia com a execução, então he que a protestão com dizerem, *Aqui estamos: Ibunt, & revertentia dicent: Adsumus.* Isto he o que fizerão os dous rayos vingadores das injurias de S. Barbara, começando a protestação, & reconhecimento da sua obediencia, & fogação à Santa, pela anticipada execução do que devião à sua honra, sem esperar o mandado, ou licença do seu imperio. *Est nimirum hæc circumlocutio obsequentissimorum famulorum:* diz cõ S. Gregorio Papa o doutissimo Pineda.

#### §. IV.

441 **T**emos visto como S. Barbara dominou o mais escondido theouro da natureza, q̄ he o fogo, & como Deos  
lhe



lhae fogueitou as mais violentas, & temerosas partes, ou effeitos d'elle ; que faõ os rayos. Dizendo porèm o Evangelho, que os thesouros ; de que falla, ninguem os alcança de graça, senão comprados, & comprados có tudo quanto possui: *Vendit uniuersa, quæ habet, & emit agrum illum*; segue-se, que vejamos qual foi o preço proporcionado, & justo, com que a nossa Santa, & ella só, comprou, & mereceo este extraordinario dominio. He questãõ curiosa, & não facil. Para intelligencia della, havemos de suppor que estes thesouros, quæ quer que sejião, ou os compraõ os Santos por mão propria, ou por mão alhea. Os Confessores compraõ por mão propria, com as virtudes, & boas obras, que elles per sy mesmos exercitãõ : os Martyres compraõ por mão alhea, com os tormentos, & crueldades, que lhe fazem padecer os tyranos. Mas daqui parece que se segue, que

esta singular prerogativa de S. Barbara, qualquer outra Virgem, & Martyr a mereceo igualmente, porque deo o mesmo preço. A mesma natureza parece tambem que confirma este direito em duas exceiçõs, ou limitaçoens, com que produz os rayos. Não só os Poetas, que merecẽ pouco credito, mas os Authores da historia natural, como Plinio, & os mais, exceptuãõ da jurdiçãõ dos rayos entre as aves a Aguia, & entre as arvores o Louro. E assim como a Aguia, & o Louro não sãõ dominadas, senão predominantes ao rayo, assim à Virgem, & à Martyr parece que he devido este predominio: à Virgem, em quanto Martyr, como à Aguia, pela Coroa, & à Martyr, em quanto Virgẽ, como ao Louro, pela Laureola. Que causã ha logo, ou que razãõ de differença entre tantas Virgens, & Martyres, para que a singular prerogativa deste dominio a dẽsse a divina

Justiça, como premio de seu merecimento, unicamente a S. Barbara?

442 A razão manifesta he; porque o martyrio de S. Barbara entre todas, & todos os Martyres, foi o mais violento, & furioso de quantos se padecérao a mãos dos tyranos. Os outros Martyres padecérão a mãos dos Neros, & dos Dioclecianos; S. Barbara a mãos de seu proprio Pay: genero de martyrio pela atrocidade desta circumstancia, naõ só singular, & inaudito, mas não imaginavel. Soube Dioscoro, que sua filha era Christãa, & porque nenhum meyo lhe bastou de promessas, ou ameaças, de benevolencia, ou rigor, com que a podesse apartar da Fè; primeiramente a entregou ao Presidente Marciano de baixo de juramento, que todos os tormentos, & generos de martyrios, quantos até então se tinhão inventado, os havia de exprimentar, & executar nella: & assim o jurou, & se

fez. Os equleos, as catasfas, os escorpioens, & pentes de ferro, as laminas ardentés, os chumbos derretidos, os peitos cortados, os dentes, & voracidade das feras, tudo se exprimentou em Barbara: não havendo parte saã, & de que não corresse fangue em todo o delicado corpo, & ferindose já não o corpo, senão as feridas hũas sobre outras. Vencido pois Marciano, & vendo esgotados em vão todos seus tormentos, pronunciou finalmente a ultima sentença, & mandou aos verdugos, que cortassem a cabeça a Barbara. Os verdugos? replicou o Pay, isso não. Eu sou, & com estas mãos, o que lhe hei de tirar a vida. Isto disse desembainhando a espada, & descarregando-a com toda a força na garganta innocente, com hum golpe lhe apartou a cabeça dos hombros. Oh espectaculo, ô portéto de deshumanidade, nũca visto, como dizia, né ouvido, né imaginado!

Hum

443 Hum só Pay lemos nas Escrituras, que tirasse a vida a sua filha, que foi Jépte, em comprimento de hum voto, que tinha feito a Deos. Mas que comparação tem aquelle caso com este? Aquelle foi hum excessõ de Religiaõ, este hum prodigio de crueldade. Allio Pay era Sacerdote, aqui sacrilego, impio, & blasfemo. Hum sacrificava a filha amada a Deos, outro a filha aborrecida aos idolos. Hum derretendofelhe as entranhas de compaixaõ como cera, outro com o coração mais duro que os marmores. Hú correndolhe dos olhos lagrimas de piedade, & amor, outro vomitando pela boca labaredas de odio, & ira. Hum derramando o sangue da filha como proprio, outro não só como alheo, mas como do maior inimigo. Hum tremendolhe a mão da espada, outro triunfando de a ver tingir na purpura, que lhe saíra das veas. Hum matando a quem de-

sejava a vida, outro tirando-a a quem a tinha dado. Hum com o maior exemplo da fé, outro com o maior escandalo, & horror da natureza. Emfim ambos pays, & ambas filhas, mas com tal differença em hũ, & outro espectáculo, que vendo o sacrificio de Jépte choravão de lastima mulheres, & homens, & à vista do parricidio de Dioscoro pasmavão, & estavão atonitos os leoens, & os tigres. E como o martyrio de Barbara foi o mais violento, & furioso de todos os martyrios, por isso mereceo com elle o dominio do mais violento, & furioso de todos os Elementos.

444 Cóparaime o Pay de Barbara, na violencia, & furia desta sua acção, com o fogo, & vereis quam parecidos, & semelhantes são hum, & outro. Notou advertidamente Seneca, Seneca. q. nat. lib. 2. cap. 41. que he natural da violencia, & efficacia do fogo, não consentir que as cousas sejaõ o que são: *Ignis nihil*

Hh ij *nihil*

*nihil esse, quod sit, patitur.*  
 Era Diofcoro Pay de Bar-  
 bara, mas a violencia, &  
 furia, ou por melhor dizer  
 o fogo da sua tyrania não  
 contentio que fosse o que  
 era: Era Pay, & deixou de  
 ser Pay. Mas assim havia  
 de ser, ou deixar de ser o  
 que era, para mais propria-  
 mente ser como o fogo.  
 Entre todos os Elementos  
 só o fogo não he Pay; todos  
 os outros geraõ, & são fe-  
 cundos, só o fogo he este-  
 ril, & não gera. Esta he a  
 propriedade da etimologia,  
 com que os Latinos sabiamente  
 lhe chamárão *ignis*. Compoemse o nome  
*ignis* de *in*, & de *gigno*, co-  
 mo se differaõ, *non gignens*,  
 o que não gera: porque as  
 Salamandras, que alguns  
 lhe perfilhaõ, são fabula.  
 Mais fizerão. Para guar-  
 dar perpetuamente o fo-  
 go, que chamavão sagra-  
 do, instituirão a Religião  
 das Virgens Vestaes. E  
 porque razão Virgens?  
 Para que ellas, & o fogo, a  
 quem guardavão, fossem  
 semelhantes: elle por na-

tureza, & ellas por institu-  
 to, sem geraçõ. Ouça-  
 mos ao Author do seu Ri-  
 tual no livro dos Fastos.

*Nec tu aliud Vestam, quam* Ovid. in  
Fastis.  
*vivã intellige flammam,*

*Nata que de flamma cor-  
 pora nulla videt.*

*lure igitur Virgo est, quæ se-  
 mina nulla remittit*

*Nec capit.*

E como o Pay de Bar-  
 bara, sendo Pay por natu-  
 reza, deixou de ser Pay por  
 tyrania, & tendo-a verda-  
 deiramente gerado, lhe ti-  
 rou tão cruelmente a vida,  
 como se a não gerára, em  
 perpetua memoria deste  
 portento da deshumanida-  
 de lhe deo justamente  
 Deos o dominio do Ele-  
 mento, que só não he Pay,  
 nem gera: & assim como  
 ella padeceo a violencia,  
 & furia do mais violento,  
 & furioso de todos os mar-  
 tyrios, assim dominasse a  
 violencia, & furia do mais  
 violento, & furioso de to-  
 dos os Elementos.

445 E se a singulari-  
 dade do martyrio de S.  
 Barbara mereceo este do-  
 minio

minio cômum sobre o fogo, não foi menos devido à causa do mesmo martyrio o dominio, & imperio particular sobre as partes mais violentas, & furiosas do mesmo fogo, que são os rayos. Quando o Pay já cruel encerrou a Santa naquella torre, mandou que se abriſſem nella duas janellas: & como depois viſſe abertas tres, & ſoubesse da mesma filha, que ella tinha acrescentado a terceira em hõra da Trindade do verdadeiro Deos, trino, & uno, que adorava; esta fé, & proteſtação constante foi a causa do feu martyrio. Vamos agora ao mitterio, & proporção do premio, com que Deos o remunerou. Em todas as couſas, que Deos criou, como marca, ou caracter proprio (a modo dos grandes artifices) imprimio alguns vestigios do feu soberano ſer, trino, & hum, poſto que muitos os não conheção, como diſſe David: *Et vestigia tua non cognoscentur.* Mas entre to-

das as criaturas irracionaes, nenhũa traz mais impresso, & expresso em ſy este caracter, que o rayo, o qual he hum tridente de fogo dividido em tres pòtas, & por iſſo chamado trino, ou trifulco. *Ille pater, Rector que Deum, cui dextra trifulcis ignibus armata est,* diz Ovidio; & Seneca: *Opifex trifulci fulminis sensit Deus.* Por outra parte a mais natural hostilidade dos rayos, (que ſempre buscão o mais alto) he combater, & escalar as torres. Tanto aſſim, que em alguns lugares de Italia, que referẽ Plinio, foi vedado no tempo da guerra levantaremſe torres, porque todas batião, & destruíão os rayos:

*Turres bellicis temporibus desiere fieri, nulla non earum fulmine diruta.* E como a

causa do martyrio de S. Barbara foi a Fé, & proteſtação da Santissima Trindade esculpida, ou declarada nas tres janellas da sua torre; para que o premio fosse proporcionado

Plinius  
lib. 2.  
cap. 4.

naõ fô ao martyrio, fenaõ  
tambem à causa; em me-  
moria da Trindade deõlhe  
o dominio dos rayos, que  
representaõ a mesma Trin-  
dade nas suas tres pontas:  
& em memoria da torre  
fella Tutelar das torres, &  
dos castellõs, para que as  
guarde, & defenda dos  
mesmos rayos.

## §. V.

446 **P**ara bem vos  
sejaõ todo po-  
deroso, & todo piadoso  
Deos ( que me naõ quero  
congratular neste caso cõ  
a nossa, & vossa Santa, se-  
naõ com a vossa infinita  
bondade. ) Para bem vos  
sejaõ estes mesmos pode-  
res, que cõmunicastes à  
vossa grande serua, & de-  
fensora nossa, para que te-  
nha a vossa misericordia,  
quem modere os rigores  
de vossa justiça, & quando  
a vossa maõ armada de  
rayos queira fulminar o  
mundo, ou vos tenha maõ  
no braço, ou os apague, &  
divirta, antes de chegarem  
à terra.

447 He tala bondade  
de Deos, ( o qual ainda  
quando mais irado se naõ  
esquece de sua misericor-  
dia ) que quando quer ca-  
stigar os homens, o que  
mais sente he, naõ haver  
algun, que se lhe oponha,  
& lhe resista. Esta he a  
queixa, que faz por boca  
de Isaias no Capitulo cin-  
coenta & nove, onde o  
Profeta descereve ao mes-  
mo Deos irado contra os  
cativos de Babilonia, &  
armado de justiça, de zelo,  
de indignação, & vingança  
para os castigar, & de-  
truir como inimigos. *In-*  
*ditus est iustitia, ut torica,*  
*& galea salutis in capite*  
*ejus: indutus est vestimen-*  
*tis ultionis, & opertus est*  
*quasi pallio zeli: sicut ad*  
*vindictam quasi ad retribu-*  
*tionem hostibus suis, & vi-*  
*cissitudinem inimicis suis.*  
Estas eraõ as armas, de que  
Deos já estava vestido de  
ponto em branco, para  
executar o castigo naquelles  
homens. E a sua quei-  
xa, no meyo desta mesma  
deliberação, qual era?

Bem-

Bédita seja tal bondade, & tal amor! *Et vidit quia non est vir: & aporiatuſ est, quia non est qui occurrat.* Assim provocado de sua justiça, assim irado, assim armado, assim deliberado a castigar, & já com os instrumentos da vingança nas mãos: o que Deos mais sentia, o que mais o magoava, o que mais o affligia, & quasi desesperava, (que tudo isso significa *aporiatuſ est*) emfim o de que só se queixava o bom Senhor, he de não haver hum homem, que se oppuzesse, & contrariasse a sua mesma deliberação, & acodisse pelos que queria castigar, & rogasse, & intercedesse por elles: & com efficacia de razoens, como Moyses, o persuadisse a perdoar: ou lutando com elle, como Jacob, à força de braços, & a braços o reduzisse, & rendesse.

448 A mesma queixa fez outra vez Deos pelo Profeta Ezechiel, dizendo: *Non ascendistis ex adverso* [ou como lê o origi-

nal Hebreo, *non ascendistis in fracturas, & interruptiones*] *neque opposuistis murum pro domo Israel, ut staretis in praelio in die Domini.* Foi o caso, que tinha Deos sitiado a Cidade de Jerufalem com o exercito dos Chaldeos para a castigar, & destruir: & tendo já aberto brechas para o assalto real (que isso quer dizer *fracturas, & interruptiones*) queixase Deos de que os cercados nam fizessem contramuros ás mesmas brechas, *Neque opposuistis murum,* & não sahifsem a defender fortemente a entrada dos inimigos. Pois se o sitiador era Deos, & o exercito de Deos, & de Deos havia de ser a victoria, & o castigo; *In die Domini*; porque se queixá o mesmo Deos de não haver quem se lhe oppuzesse, & resistisse, *Non ascendistis ex adverso, neque opposuistis murum?* Porque sendo a condição de Deos não cõdenar, senão perdoar, nam affolar, senão consolar, não matar, senão dar vida;

Hh iiii    quan-

quando, a mais não poder, toma as armas para nos castigar, o que mais defeja, & estima, he achar quem lhe resista, & o obrigue a embainhar a espada. Por isso quando dà semelhantes poderes contra sy, ou sobre sy mesmo a Barbara; não a ella, nem a nós, senão ao mesmo Deos dou eu o parabem; porque se dantes dizia, *Non est vir, qui occurrat*, & se queixava de não ter hum homem, que se lhe oppuzesse, já agora terá hũa mulher, que o véça, & o desfarme.

As mais temerosas, & formidaveis armas de Deos são os trovoés, & os rayos: *Dominum formidabunt aduersarij ejus: & super ipsos in Calis tonabit.* Armado destas armas nos pinta David ao mesmo Deos com tal horror de palavras, que até pintado faz tremer. *Commota est, & contremuit terra: fundamenta montium concussa sunt, & conquassata, quoniam iratus est eis. Ascendit fumus de naribus ejus, & ignis de ore ejus vo-*

*rabit: carbones succensi sunt ab eo. Inclinauit Caelos, & descendit: & caligo sub pedibus ejus. Præfulgore in conspectu ejus, succensi sunt carbones ignis. Tonabit de Cælo Dominus, & excelsus dabit vocem suam. Misit sagittas, & dissipavit eos; fulgur, & consumpsit eos. Et apparuerunt effusiones maris, & revelata sunt fundamenta orbis, ab increpatione Domini, ab inspiratione spiritus furoris ejus.* Nam ha lingua, que possa declarar a profopopea tremenda desta descripção, senão emudecendo. Inclinará Deos os Ceos, & avisinhar-se-ha mais à terra para castigar seus habitadores: debaixo dos pés trará hum remoinho de nuvens negras, escuras, & caliginosas: das ventas lhe sairáo fumos espessos de ira, de indignação, de furor: da boca, como de fornalha ardente, exhalará hum volcão de fogo tragador, que tudo acenda em brazas, & converta em carvoens: atroará os ouvidos attoni-

1 Reg.  
2.º.

2 Reg.  
8.



tos com os brados medonhos de sua voz, que são os trovoens : cegarà a vista com o fusilar dos relampagos alternadaméte accos, abrindose , & tornandose a cerrar o Ceo temerosamente fendido : despararà finalmente as suas setas, que são os rayos, & coriscos : abalarfehaõ os môtes, retumbaráo os vâlles, affundárfehaõ atè os abissos os mares ; descubrirfeha o centro da terra , & apparecerão revoltos os fûdamentos do mundo. E no meyo desta confusão , affombro, terror, & desfmayo, quaes estaráo os coraçoes dos homens , & que serà delles ? Consumilos ha Deos, diz David , *Et consumpsit eos*. Mas isto se entende do tempo , em que David escreveo , muitos seculos antes de haver na terra a gloriosa defensora destas baterias, & destes tiros do Ceo , atè entáo invenciveis. Porém depois que no mundo foi conhecido aquelle nome sagrado, ou o sagrado daquelle

nome, pôr mais que as nuvens se rasguem em trovoens, se acendaõ em relampagos , & se desfaçaõ em rayos, (S. Barbara!) em se invocando, & soando este poderoso, & portentoso nome, os trovoens , os relampagos, os rayos tudo se dissipou, & aquelles estrondos, medos, & ameaços do Ceo, não só paráraõ sem effeito, & se desfizeráo sem dano; mas dõnde a terra temia ser abrazada, se vio regada, porque os rayos se resolvêraõ em rios, & o fogo se cõverteo em agua: *Palm. Fulgura in pluviam fecit.* <sup>134.7.</sup>

449 Eu não quero, né posso dizer , que depois que no mundo ouve S. Barbara, os rayos. não fossem nocivos aos homens, ou assombrando-os só com o ar, ou tirandolhe a vida, & fazendo-os em cinza com o fogo ; pois estão cheas as historias de mortes notaveis de grandes personagens feridas, & espedaçadas com rayos. Mas o que só quero dizer he, que de pessoa, que invocaf-  
se

fe a S. Barbara, & algum rayo a offendesse, nenhũa historia ha, nem, como logo direi, a pôde haver. Seneca nas questoens naturaes depois de disputar sobre a origem, & formação dos rayos, conclue com hũa sentença verdadeira-mente Estoica: *Malo fulmen non timere, quàm posse*: Antes quero não temer o rayo, que conhecelo. Tu, Lucilio, ensina aos outros como os rayos se fazem, eu para mim só quizera saber como se não temão: *Itaque alios doce quemadmodū fiaut: ego mihi metum illorum excuti malo, quàm naturam indicari*. E se perguntarmos ao mesmo Seneca como se podem não temer os rayos? Responde, que não temendo a morte. Sô quem não teme a morte, não teme o rayo. E não bastará, fallando gentilmente, encomendar-se hum homem aos Deoses? Absolutamente não. Porque os rayos, diz elle, huns são fataes, & necessarios, & estes de nenhum modo se

podem evitar: outros são contingentes, & arbitrarios, & só para estes podem aproveitar as oraçoens, & os votos: *Quaedam enim à dijs immortalibus ita suspensa relicta sunt, ut in bonum vertant, si ad vota dijs preces fuerint, & vota suscepta*. Atê aqui Seneca como grande Filósofo; mas sem fé. Para nós porem, q fabemos que não ha fado mais que a Providencia divina, sempre livre, & todo poderosa: digo que nenhum rayo poderá fazer mal a quem se encomendar a S. Barbara. E porque? Porque assim o prometeo Deos à mesma Santa. Antes de offerecer a garganta à espada do tyrão, fez Barbara oraçaõ a Deos, que a todos os que a tomassem por intercessora concedesse sua divina Magestade o que pedissem: & no mesmo ponto se ouviu huma voz do Ceo, que dizia: *Affini ferà como desejas*. Logo nenhum rayo pode ferir a quem tomar por intercessora a S. Barbara. **A**

con-

consequencia he evidente. Porque aquella voz, que se ouvio do Ceo, fôí voz de Deos: & o rayo, que sae do trovaó, tambem he voz de Deos, como diz Job: *Tonabit Deus in voce sua*. Logo esta segunda voz de Deos he força, que se conforme com aquella primeira tambem de Deos, porque não ferião vozes da summa verdade, se húa contrariasse a outra.

## §. VI.

450 **A**Tè aqui temos avisto quaes são os poderes, & dominio de S. Barbara sobre o fogo natural, & contra os mais violentos, & furiosos partos delle, quaes são os rayos. Mas de trezentos annos a esta parte tem crecido muito mais a jurdição, & imperio da mesma Santa sobre o Elemento do fogo. Atè o anno de Christo mil & trezentos & quarenta & quatro, o campo em que dominava S. Barbara, *Emit agrum illū,*

era a Região do ar, com os seus relampagos, & rayos, & com todos os outros meteoros ardentés, que nelle acende o fogo, em que tambem entraó os vastissimos corpos, & formidaveis incendios dos Cometas. Este universal dominio como governadora, & protectora exercitou a nossa Santa por espaço mais de mil annos, que tantos se contáraó desde o seu martyrio atè o anno já referido de mil trezentos & quarenta & quatro. É façõ aqui esta distincão de tempos, & de poderes; porque neste annó se acrescentou à mesma Santa sobre a jurdição do fogo elemental, & natural, a dos fogos artificiaes, cujos prodigiosos excessos, que cada dia vemos crescer mais, & mais com novos horrores da natureza, entãõ tiveram seu principio. Com razão clamão as Escrituras, que das partes Setentrionaes, & do Norte fãria todo o mal. Assim se vio na Germania, porque del-

la

Spondanus anno Christi 1344.

la sahio naquelle anno pa-  
 ra peste universal do ge-  
 nero humano a fatal invé-  
 ção da polvora , sendo seu  
 descobridor Bertoldo Ne-  
 gro, o qual já trazia no ap-  
 pellido a cor, que havia de  
 ter o seu infernal invento.  
 O primeiro Profeta, que  
 profetizou os males, que  
 no Setentrião haviaõ de  
 ter sua origem, foi Jere-  
 mias, quando em figura de  
 hũa caldeira ardente, *Ol-*  
*lam succensam ego video,*  
 vio o incendio, com que  
 Nabuzardaõ havia de  
 abraçar a Jerufalem. E  
 verdadeiramente que as  
 suas palavras muito mais  
 naturalmente se pòdem  
 entender do incêdio, com  
 que Bertoldo abraçou o  
 mundo. *Ab Aquilone pan-*  
*detur malum super omnes*  
*habitatores terræ.* Aquelle  
 fogo abraçou sómente os  
 habitadores de Jerufalem,  
 este tem abraçado, & con-  
 sumido a todas as naçoens  
 do mundo. E delle se diz  
 com maior propriedade,  
*Pandetur malum,* que o  
 mal se abria, & descobri-

Jerem.  
 1. 13.

Ibid. 14.

ria, porque até então esta-  
 va encerrado, & oculto  
 nos segredos da natureza,  
 & quando se inventou, en-  
 tão se descobrio, *Pandetur.*

Os primeiros q se achão  
 haver usado da artelharía  
 pelo artificio da polvora  
 (ao menos na Europa) fo-  
 rão os Mouros contra os  
 Christãos na Batalha de  
 Algezira em Hespanha.  
 De maneira, que bem ad-  
 vertida a Chronologia dos  
 tempos, no mesmo século,  
 & quasi pelos mesmos an-  
 nos tiverão seu infausto  
 nascimento as maiores  
 duas pestes do mundo, a  
 polvora, & o Imperio Oto-  
 mano. E parece que assim  
 estava profetizada hũa, &  
 outra muitos seculos antes  
 por Daniel no Capitulo se-  
 timo. Falla alli o Profeta  
 dos quatro mais famosos  
 Imperios do mundo, &  
 com grande especialidade  
 das tres partes do Roma-  
 no, que lhe havia de rou-  
 bar, & dominar o Turco  
 na Asia, na Europa, & na  
 Africa, chamando ao mes-  
 mo Turco, *Corpu parvulū,*  
 pela

Daniel,  
 7. 8.

pela baixeza de seus principios. E na mesma ordem da narraçãõ diz, que vio a Deos assentado no trono de sua Magestade, & que da boca lhe saia hum rio de fogo arrebatado:

*Fluvius igneus, rapidus que egrediebatur à facie, hoc est, ab ore ejus.* E que rio de fogo nomeadamente arrebatado, & furioso he este, senão o da polvora, inventado no mesmo tempo do Imperio Turquesco, como logo nota o mesmo

Profeta: *Aspiciebam propter vocem sermonum grandium, quos cornu illud loquebatur?* Era o author deste invento de profissão Religioso, ao qual, como bem diz Espondano, fora melhor, que no tempo, em que fazia aquellas experiencias, se estivesse encomendando a Deos: mas permite o mesmo Deos semelhantes invençoens, assim para castigo dos mãos, como para gloria, & exaltação de seus Santos. Primeiramente saia este rio de fogo da boca de

Deos; porque não só as cousas naturaes são effeitos da sua boca, & da sua voz: *Ipsè dixit, & facta sunt,*

Pálma  
32.9.

senão tambem as artificiaes, quando querendo, ou permitindo dispoem sua Providencia, que se façãõ. Este rio pois do fogo arrebatado, & furioso da polvora se dividio logo em tantos canaes, huns maiores, outros menores, quantos são os canos de ferro, ou bronze, por onde o mesmo fogo furiosamente rebenta, & por isso se chamão bocas de fogo. Na Cavallaria as pistolas, & as caravinas, nos Infantes os mosquetes, & os arcabuzes, nos exercitos, & nos muros das Cidades os canhoens, & as culebrinas. E todos estes instrumentos, & os que os manejaõ, ficãõ desde entãõ sogeitos ao imperio, & debaixo da protecção de S. Barbara.

451 Vede quanto se augmentou o seu dominio com o invento da polvora na multidaõ, na variedade, na força, nos effeitos, & ain-

ainda na facilidade dos tiros, & machinas de fogo, a que preside. Para se gerar hum rayo he necessario, que as terras não sejaõ extremamente frias, que por isso na Scithia são rarissimos: he necessario, que o tempo seja Estio, ou Outono: que as nuvens sejaõ espessas, & humidas: que as exhalaçoes sejaõ secas & calidas: que o movimento, ou anteparistesis as acenda: que a rotura por onde sae seja pela parte inferior, & não pela de cima: & que a materia seja crassa, & pingue, porque senam dissipe, ou apague o fogo, antes que chegue à terra. Tudo isto he necessario para formar hum rayo na Região do ar. Na terra podem, quam pouco basta? Basta que aos que tem o supremo poder lhe suba à cabeça hum vaporzinho, ou de cobiça, ou de ambição, ou de inveja, ou de odio, ou somente de vaidade, & gloria, para que contra hua fortaleza, ou sobre hua Cidade chova tanta multidaõ de rayos, quantas são as pedras das suas muralhas. Os rayos que caem do Ceo em muitos annos, são contados, os que se fulminão da terra na bateria, ou defensão de hua praça, não tem conto. Ainda quando os do Ceo se não contentão com ferir os montes, ou com se empregar nas feras, & nas ensinhas, ou só com meter medo aos homens; raro he orayo, que seja reo mais que de hum homicidio. Mas os que saem de hua peça de artilharia, se o não vistes, ouvi o estrago, que fazem. Na batalha naval entre os Cesarianos, & Francezes na ribeira de Salerno matou hua bala de artilharia quarenta Cesarianos: Na batalha campal dos Alemaes contra os Espanhoes junto a Ravena matou outra peça com hum só tiro mais de cinquenta Alemaes: Na guerra de Alberto Cesar contra os Polacos em Bohemia, não dizem as historias de qual das partes, mas affirmão,

maõ, que hũa só bala matou oitenta soldados.

452 Que semelhança tem com a sombra disto as Ballistas, as Terebras, os Arietes, as Catapultas, & todos os outros instrumentos bellicos, que com tanta força de engenho inventáraõ primeiro os Gregos, depois os Romanos, & com tanta força de braços não conseguiaõ em muito tempo, & trabalho, o que faz em hum momento hũa maõ com hum botafogo? Muitos ouve, que quize-raõ imitar os rayos, que a gentildade chamava de Jupiter, em que foi taõ famosa a arrogancia de Sulmon Rey de Elide vivendo, como he fabuloso no Inferno o castigo do seu atrevimento. Virgilio lhe chama louco, porque quiz imitar o rayo, que nam he imitavel.

*Demens, qui nimbo, & non imitabile fulmen*

*Ere, & cornipedum cursu simularat equorum.*

Mas se a sua Musa adevinhára, que do mesmo In-

ferno havia de fair a polvora, de nenhum modo dera ao rayo o nome de inimitavel, pois a nossa artelharia não só o imita, mas vence. Todo o apparato, & fabrica estrondosa de hum rayo a que se reduz no ar? A hũa nuvem, a hũ relampago, a hum trovaõ, & ao mesmo rayo. E tudo isto se vê, & exprimenta cõ ventagem no tiro de hũa peça. O fumo he a nuvem, o fogo o relampago, o estrondo o trovaõ, a bala o rayo. E digo com ventagem; porque a nuvem acabou no primeiro parto, & em se rompendo se desfez, & desvaneeo: & a peça inteira, & solida dura annos, & seculos, desparando, & lançando de sy no mesmo dia, & na mesma hora não sã hum, senãõ muitos rayos. Pouco ha diffemos, que o fogo natural era esteril, & não gerava, mas depois que o Artificial se ajuntou com a polvora em todo o genero de viventes tem filhos de fogo. Animaes de fogo nos camelos, ser-

serpentes de fogo nos basiliscos, aves de fogo nos falcoens, & em todos os outros instrumentos sulfureos, homens de fogo. Homens de fogo na artelharria, homens de fogo nas bombas, homens de fogo nas granadas, homens de fogo nos petardos, homens de fogo nos trabucos, homens de fogo nas minas, & assim sobre a terra, como debaixo della homens de fogo, que nelle, & delle vivem.

## §. VII.

453 **T**Aõ necessário he ao intrepido, & temeroso officio da artelharria ( que tudo isto comprehende ) o patrocínio de S. Barbara na terra. E passando da terra ao mar, bem se deixa ver quanto mais importante ferá, & quanto mais admiravel, & milagroso, defendendo aos que pelejaõ cô os mesmos instrumentos de fogo, metidos em hum lenho, & sobre as ondas.

Averiguada conclusãõ he entre os Mestres de hũa, & outra milicia, que comparada a da terra có a do mar, esta he muito mais trabalhosa, & perigosa. Na terra peleja contra vòs hum elemento, no mar todos quatro: na terra tendes para onde vos retirar, no navio estais preso, & naõ tendes outra retirada, que lançandovos ao mesmo mar. Na terra ajudão huns esquadroens, & huns terços a outros terços, no mar estais com os companheiros à vista, & nem elles muitas vezes vos pòdem foccorrer a vòs, nem vòs a elles. E quanto ao exercicio da artelharria, na terra borneais a vossã peça cuberto de hum parapeito de pedra de cinco pès, ou de hũa trincheira de faxina de dezoito, no mar detraz de hũa taboa de tres dedos. Na terra corre a artelharria sobre huma esplanada firme, & segura, no mar sobre hum convéz sempre inquieto, & tambem inquieto da parte côtraria



traria o ponto a que se ni-  
vella o tiro. Os Grégos  
chamarão à peça de arte-  
lharia bombardá pelo bo-  
ato, os Latinos *tormentum*,  
pelo que atormenta o cor-  
po opposto que fere: eu na  
terra chamaralhe tormen-  
to, & no mar tormenta: *Ig-  
nis, & sulphur, & spiritus  
procellarum*. Grande ci-  
encia Geometrica hé ne-  
cessária para entre dous  
pontos inconstantes tirar  
húa linha certamente re-  
cta, qual ha de seguir a ba-  
la para se empregar com  
effeito. Mas tudo isto pô  
de fazer o fabio artilheiro  
nautico cõ maiores esfra-  
gos do inimigo, dos que  
acima referimos, confe-  
guindo com hum sò tiro,  
por ser no mar, o que nam  
pode soceder na terra. Ex-  
plicarmehei com hum ex-  
emplo famoso da sagrada  
Escritura.

454 Por occasiã do  
testamento de David faz a  
Escritura hum Catalogo  
dos seus mais insignes Ca-  
pitaens, que he a melhor,  
& mais preciosa herança,

Tom. 7.

que hum Rey pôde deixar  
a seu filho; como bem o ex-  
primentou Felipe Segú-  
do nos que herdou de Car-  
los. Começa pois o Cata-  
logo: *Hæc nomina fortium*

2. Regi  
23. 8.

*David*: Estes são os nomes  
dos valentes de David. Er-  
rão estes valentes trinta, ef-  
colhidos entre todo o exer-  
cito, os quaes se chamavaõ  
õs trinta fortes de Israel:  
destes trinta eraõ escolhi-  
dos tres, os quaes se cha-  
mavaõ os tres fortes: & des-  
tes tres era escolhido hũ, o  
qual não se chamava o for-  
tissimo, senaõ o sapientis-  
simo. As palavras notaveis  
do Texto são estas: *Sedens  
in cathedra sapientissimus  
Princeps inter tres: ipse est  
quasi tenerrimus ligni ver-  
miculus, qui octingentos in-  
terfecit impetu uno*. Está af-  
sentado na cadeira o Prin-  
cipe sapientissimo entre  
tres, o qual de hum impe-  
to matou oitocentos, & he  
como o bichinho sem for-  
ça, que roe as raizes da ar-  
vore. Tres duvidas nam  
vulgares tem este Texto.  
Se este primeiro, & mais

Ii affa-

affamado Capitaõ de David matou oitocentos; como os podia matar de hum só impeto, *Interfecit octingentos impetu uno*? E senaõ só entre os trinta; senaõ entre os tres fortes de Israel, era elle o mais forte; porque naõ se chama o fortissimo, senaõ sapientissimo, *Sapientissimus inter tres*? Finalmente, se aquella sua grande façanha a declara a Escritura por hũa comparação; porque se compara a hum bichinho sem força, que roe as raizes da arvore: *Ipsè est tanquam tenerimus ligni vermiculus*? Deixada a interpretação literal desta história, que naõ he facil; eu que só a referi, & tomei por exemplo, digo, que nella està admiravelmente retratado quanto pôde obrar o sabio artilheiro com hum só tiro naõ na terra, senaõ no mar. Atirando a hũa Capitania, ou a outra grande nao de guerra, se lhe penetrar có a bala o payol da polvora, ou lhe romper outra parte vital, como algúas vezes

tem acontecido, sem duvida a deitarà a pique com hum só tiro, & no tal caso de hum só impeto matará oitocentos, & ainda mais homens: *Occidit octingentos impetu uno*. E por hũa vitoria taõ notavel, que nome, ou fama alcançará o Artilheiro? Naõ nome, ou fama de fortissimo, senam de sapientissimo; porque aquella açãõ naõ foi obra das forças do seu braço, senaõ da ciencia pratica da Geometria militar, com que governou taõ acertadamente o tiro, & por isso sapientissimo na arte: *Sapientissimus inter tres*. Finalmente, para tirar a admiração de hum taõ grande estrago, executado por hum instrumento sem forças, traz a l'escritura a comparação do bichinho, que sem ellas roeo as raizes da arvore; porque alojados muitos homens debaixo de hũa grande arvore, se ella por lhe faltarem as raizes cahio subitamente sobre elles, a todos opprimio, & acabou de hum só gol-

golpe, não sendo a causa principal de tamanha ruína a grandeza, & peso da arvore, senão o bichinho, que lhe roea a raiz: *Ipsè est tanquam tenerrimus ligni vermiculus.*

455 Por este singular exemplo se vé quão mais poderosa he a artilharia no mar, que na terra, ajudandose, & dandose a mão o Elemento da agua com o do fogo. Já antigamente tinhaõ feito a mesma companhia entre sy estes dous Elementos contra Faraõ no Egypto: *Grando, & ignis mista pariter ferebantur:* & a mesma fazem naturalmente em todas as batalhas, ou conflitos navaes. O fogo queima, a agua afoga, o fogo mata, a agua sepulta. Mas se tanto he o estrago, que faz, & pôde fazer hũa peça de artilharia nas naos inimigas, daqui se deve fazer reflexão, (como a fazia Agamenon no incendio de Troya) que o mesmo fará nas nossas, senão tivermos algũa mais poderosa pro-

tecção, que nos defenda, & livre: Verdadeiramente, que he tão pia, & christã, como bem entendida architectura aquella, cõ que em todas as naos de guerra, que são Cidades nadantes, a casa que os Hereges, & outros menos devotos chamaõ praça de armas, nõs, como templos pequenos a dedicamos a S: Barbara, & a fundamos sobre os almazens mais secretos, em q a polvora vai guardada. Como se differa a nossa Fè, ou a nossa confiança com os olhos na vigilancia de tão soberana Protecto-  
*suam.* Para mim não são necessarios outros milagres de S. Barbara, mais q este tão universal, & tão continuo em todos os vasos de guerra prehes de mais aparelhados incendios, que o cavallo Troyano.

456 Vendo Moyses nos desertos de Madian, que a Çarça ardia, & não se queimava, disse: *Vadam, & vi-*  
*debo visionem hanc magnã:*

Iij Que

Quero ir ver este grande milagre. O milagre confitia, em que estando o fogo tão visinho à Garça, ella com tudo sem o admitir em sy, estivesse tão verde, que como bem disse Philo Hebreo, mais parecia que a Garça queimava o fogo, que o fogo a Garça: & que em vez de o mesmo fogo a abraçar, a regava, para que mais reverdecesse. Por isso Moyfes não só lhe chamou milagre, mas grande: *Visionem hanc magnam*. E não feria grande, nem milagre, se a fome, & voracidade do fogo não fosse qual he. O mysterio com que os Antigos fingirão a Vulcano Deos do fogo manco, & arrimado a hum bordão, he porque só o fogo entre todos os Elementos necessita de materia, em que se sustente. A terra, a agua, o ar sustentaõse, & conservaõse em sy mesmos, o fogo se não tiver em que se sustente, apaga-se, & morre. Assim se apagou nas alampadas das Virgens nefcias pola falta de oleo.

E desta mesma necessidade de comer para se sustentarem, nasce ao fogo aquella voracidade, com que tão facilmente se atea, & tanto mais, quanto a materia he mais disposta. Supposto isto, quem não terá por milagre, & continuos milagres de S. Barbara, principalmete nas naos de guerra, em que perpetuamente se conserva o fogo, & muitos fogos, absterse elle de se atear, em materias tão dispostas, como as dos mesmos corpos navaes? Põde haver materia mais disposta, & mais golosa para o fogo, que taboas secas, breu, alcatram, sevo, estopa, & polvora, & tudo isto assoprado dos ventos, & em perpetuo moto, que por sy mesmo he causa do calor, & o calor do fogo? Se as nuvens humidas, & frias naturalmente produzem fogo por anteparistesis, como não obra os mesmos effeitos em materias tão dispostas todo o Elemento da agua, que as rodea, por natureza mais humido,

mido, & mais frio? Mas para que são argumentos, onde as mesmas maravilhas se demonstraõ melhor nas experiencias da vista, do que as póde considerar, ou arguir o discurso? Pondevos no Galeão S. Domingos, Capitania Real de nossa Armada nas quatro batalhas navaes de Pernambuco, sustentando a bataria de trinta & cinco naos Olandezas: & que he o que se via dentro, & fóra em toda aquella fermosa, & temerosa fortaleza nos quatro dias destes conflitos? Jugava o Galeão sessenta meyo canhoens de bronze em duas cubertas: tinha guarnecidas por hũ, & outro bordo o convèz, os castellos de popa, & proa, as duas varandas; & as gaves com seiscentos mosqueteiros. E sendo hũ Ethna, que lentamente se movia, vomitando labaredas, & rayos de ferro, & chumbo por tantas bocas maiores, & menores: dando todos, & recebendo polvora, carregando, &

descarregando polvora, & tendo nas mesmas mãos os murroens com duas mechas acesas, ou os botafogos sincados junto aos cartuchos: & que bastando qualquer faiscã para excitar hum total incendio, & voar em hum momento toda aquella maquina: que entre tanta confusão, & visinhança de polvora, & fogo, estivesse o Galeão tremolando as suas bandeiras tão seguro, & senhor do campo, como hũa roca batida só das ondas, & não das balas; quem negará que supria allí a vigilancia, & patrocínio de S. Barbara, o que nenhũa providencia humana podéra evitar?

## §. VIII.

457 **S**obre este reconhecimento, & reconhecimento, que vivas, & louvores deve toda a milicia Catholica, assim no mar, como na terra, à sua grande Protectora? & que documentos darei eu aos Officiaes maiores, &

Li iij me-

menores da nobilissima arte da artilharia, seus subditos, & devotos? Para o triunfo de S. Barbara se me offerencia a Carrõça de Elias por ser de fogo: mas posto que tão singular entre todas as que vio com admiração o mundo, porque de nenhũ modo iguala a pompa, & magestade, que he devida às vitorias da nossa Santa, só nos servirá para notar no mesmo fogo a differença, como servem as sombras, & os oppostos para mais illustrar os contrarios. Descrevendo a Escritura o modo, com que Elias arrebatado da terra se apartou de Elifeo, diz que foi em huma carroça, porque tiravaõ cavallos, & que a carroça, & os cavallos tudo era de fogo: *Et ecce currus igneus, & equi ignei diviserunt utrumque.* E sendo que o Texto sagrado não dà neste lugar a razaõ, porque triunfou Elias pelo ar em carroça de fogo, podendo ser antes de nuvens mais vistosamente douradas cõ

4 Reg.  
1. 11.

os rayos do Sol; de outros lugares da mesma Escritura tiraõ os Santos Padres a verdadeira causa. Estando Elias retirado em hum monte, mandou-o chamar ElRey Ochofias por hum Capitaõ de Infantaria, acompanhado de cinquenta soldados, o qual lhe deo o recado do Rey com estas palavras: *Homo Dei, hæc dicit Rex: Festina, descende:* Homem de Deos, diz ElRey, que deçais logo, & lhe vades fallar. E que responderia Elias? *Si homo Dei sum, descendat ignis de Cælo, & devoret te, & quinquaginta tuos:* Se sou homem de Deos, deça fogo do Ceo, que te abraze a ti, & aos teus cincoenta. Assim o disse, & assim se compriu logo: deceo subitamente fogo do Ceo, que abrazou, & consumio o Capitaõ, & os soldados. Sabido o caso por ElRey, mandou outro Capitaõ cõ outra companhia do mesmo numero: & como este désse o recado com igual comedimento; a reposta de

4 Reg.  
1. 11.

de Elias foi como a primeira, & o Capitão, & os soldados todos foraõ abrazados com fogo do Ceo em hum momento. Tal era o imperio, que Deos tinha dado a Elias sobre o fogo, de que elle ufava taõ despoticamente: & esta foi a razaõ, porque o mesmo fogo, como fogeito, & subdito seu, se converteo em carroça, & cavallos para o levar em triunfo: *Ignis Eliam quasi suum imperatorem reveretur; ei que quasi famulus suum ultro offert obsequium*, diz cõ S. Chryfostomo, & os outros Interpretes literaes; Cornelio.

458 Combinemos agora fogo com fogo, imperio com imperio, & Barbara com Elias. A Elias, & a Barbara deo Deos o imperio do fogo; mas com que differente magestade exercita hum, & outro o mesmo imperio? Elias manda ao fogo que queime, & Barbara, que não queime: Elias mandalhe, que abraze homens, & Barbara, que

os não toque: obedecendo porẽm o fogo a Elias, queima, & abraza como fogo que he, mas obedecendo a Barbara, como se perdẽra a propria natureza, quasi deixa de ser o que he, por não faltar ao que deve. Da parte de Elias parece que he igual o poder no imperio, mas da parte de Barbara mostra q̃ he muito maior na obediencia. Se quando Daniel foi lançado no lago dos Leocens, elles o comẽraõ, não era maravilha: mas que famintos, & com o pasto à vista refreassẽ a propria voracidade, a sua abstinencia era a que provava o milagre: & aquillo he o que fazia Elias nos homens, que dava a comer ao fogo, isto o que faz Barbara nos que livra dos incendios. Verdadeiramente era galante a consequencia, com que Elias fazia decer o fogo do Ceo! *Si homo Dei sum, descendat ignis de Cælo, & devoret te*: Se fou homem de Deos, deça fogo do Ceo, q̃ te abraze. Basta que o final

de ser de Deos era abraçar, & consumir homens ! Para bem parece que havia de dizer, Se sou de Deos, eu rogarei a Deos por ti, eu te guardarei, eu te defenderei; & isto he com que prova a nossa Santa ser mais propriamente de Deos. Elias imperando ao fogo, mostrava que era de Deos; mas de Deos vingador, de Deos rigoroso, de Deos severo: & Barbara no mesmo imperio mostra tambem que he de Deos; mas de Deos perdoador, de Deos piedoso, de Deos benigno, emfim de Deos, no de que mais se preza Deos.

459 Não ha duvida, que na comparação de imperio a imperio, o uso, & exercicio delle foi muito mais humano, & benefico, & por isso mais divino em S. Barbara, que em Elias. E passando a comparação de fogo a fogo, assim como no que domina S. Barbara descobriremos hua grande novidade, assim na combinação do mesmo dominio subiremos com a verdade,

onde só pôde chegar o encarecimento, & de nenhũ modo passar a imaginação.

Já diffemos, com a opinião cômum dos Historiadores, quem, & quãdo foi o primeiro inventor da polvora. Mas se bê se lerem, & entenderem as Escrituras, acharemos, que quatro mil annos antes a tinha já inventado Deos no fogo artificial, que choveo sobre Sodôma. Que fosse artificial, & não natural aquelle fogo, consta das palavras, com que Moyses refere a mesma historia, dizendo, que o Senhor choveo dô Ceo enxofre, & fogo feito pelo mesmo Senhor : *Dominus pluit super Sodomam sulphur, & ignem à Domino de Celo.* Onde he muito novo, & digno de se notar aquelle termo, *Dominus à Domino*, para declarar, como advertem todos os Interpretes, que tal genero de fogo não foi effeito das causas naturaes, mas da arte, & fabledoria divina, a qual não cria nada de novo, mas das cousas já criadas,

Genes. 19. 24.



das, compondo-as, & unin-  
do-as entre sy, produz ef-  
feitos novos, & maravilho-  
sos, qual foi aquelle fogo  
verdadeiraméte artificial.  
Mas que o artificio fossê o  
mesmo da polvora, não ba-  
sta este só texto para o pro-  
var, porque só faz menção  
do enxofre, *Ignem, & sul-  
phur*. Temos porém outro,  
em que o mesmo Moyfes  
no Deuteronomio torna a  
descrever o mesmo fogo,  
& diz expressamente, que  
era composto de enxofre,  
& salitre, que são os dous  
ingredientes da polvora:  
*Sulphure, & salis ardore  
comburens, in exemplū sub-  
versionis Sodomaë*. Deste fo-  
go pois, & do primeiro in-  
cendio, que causou no  
mundo a polvora, livrou  
Deos a Loth. Mas por  
meyo de quem? Nam só  
de dous Anjos, mas esses  
representadores de duas  
pessoas divinas, porque  
erao dous dos tres, que  
aparecérao a Abraham no  
valle de Mambre (bem  
assim como o Anjo, que li-  
vrou aos tres miñinos da

fornalha de Babilonia, re-  
presentava a segunda pes-  
soa da Trindade, o Filho:  
*Et species quarti similis Fi-  
lio Dei.*) E quando Deos  
para livrar a hum homem,  
qual era Loth, do primei-  
ro incendio da polvora, co-  
mete esta diligencia a dous  
Anjos, & elles representa-  
dores de duas pessoas di-  
vinas; vede qual he o im-  
perio, o dominio, & a jur-  
dição de S. Barbara, pois a  
ella só encarregou Deos o  
cuidado, & superintenden-  
cia universal de livrar, &  
deféder a todos os homêes,  
assim na terra, como no  
mar, do fogo, & incendios  
da mesma polvora!

460 Fabriquem pois  
os Serafins, que são espiri-  
tos tambem de fogo, novo  
carro triumphal a S. Barba-  
ra, melhor, & mais glorio-  
so que o de Elias: diante  
do qual não sejao levadas  
em urnas tristes, & funestas  
as cinzas de homens abra-  
zados, & mortos, mas vi-  
vos, & dando vivas à so-  
berana Protectora todos  
aquelles [ numero sem nu-  
mero ]

Daniel.  
393

mero ] que livrou do fogo, & dos incendios. E o nosso insigne Capitaó do mar, & da guerra, que hoje có tanto apparato, & grandeza celebra a mesma triunfadora, leve como nobilissima parte dos seus triunfos, rodando em carretas douradas os canhoens ganhados em tantas, & taó famosas vitorias, com os quaes melhor, que com colunas de bronze, se honraó as portadas de sua illustrissima Casa: digno successor daquelle immortal Heroe, que como Marte da patria, a defendeo na guerra, & como Pay, cerradas as portas de Jano, a deixou victoriosa em paz.

## §. IX.

461 **E**A vós (animosos Ministros de Vulcano, que continuamente exercitais o perigoso manejo do fogo nos maiores, & mais arriscados instrumentos da vossa arte) o que só vos digo por fim he, que nam deixeis de

vos aproveitar de húa só cousa boa, que trouxe ao mundo ou só, & invento da polvora. Das Biboras naó só se tira veneno, senam també triaga. E que cousa boa trouxe ao múdo a polvora? Hum desengano universal, de que nenhum homem se deve já fiar das suas proprias forças. Antigamente havia Achilles, havia Hercules, havia Sãofoens: depois que a polvora veyo ao mundo, acabouse a valentia dos braços. Hum Pigmeo có duas onças de polvora pôde derrubar o maior Gigante. Que fundamento cuidais teve a Filosofia Symbolica das fabulas, para fingir, que os Gigantes fizeram guerra ao Ceo, & quizeraó: apear do seu trono a Jupiter; senaó porque entenderaó, & quizeraó declarar aquelles Sabios, que os homens, que se fiaó em suas grandes forças, naó temem a Dcos, nem o veneraó, como senaó dependeraó delle. Ouvi a arrogancia sacrilega, & blasfema,

com

cô q fallava hũ destes chamado Mesencio. *Dextra mihi Deus, & telum, quod missile libro:* O meu Deos he o meu braço, & a minha lança. Por certo soberbissimo Capitaõ, que não haviéis fallar tão confiadamente, se fora em tempo, que o menor soldadinho do exercito contrario, vos podéra responder com hũa boca de fogo. Este he pois o defengano, que trouxe ao mundo a polvora, para que todo o homem, & muito mais os que vivê na guerra, & da guerra, se persuadaõ, que só Deos lhe podê conservar a vida, & não o feu braço, nem a sua espada. Assim o dizia David, aquelle soldado tão esforçado, & tão forçofo, que com as mãos defarmadas escalava Uffos, & affogava Leoens: *Gladius meus non sababit me.*

462 Sirva pois a polvora, que sempre trazeis nas mãos, de vos lembrar o perigo, em que igualmente trazeis a vida, vivendo de maneira, que seja agradavel a Deos, de quem por taõ ordinarios accidentes estã mais dependente, que a dos outros homens. E valendovos da poderosa intercessãõ da vossa vigilantissima Protectora a gloriosa S. Barbara: de cuja devaçãõ, & invocaçãõ vos prometo por fim, o que a mesma Santa tem provado ao mundo com varios exemplos. Ainda os que estã ardendo no meyo das labaredas, invocando seu nome, se elle lhes não salva totalmente a vida temporal, ao menos lha sustenta quanto baste, para que, recebidos os Sacramentos, alcancem a eterna.



# S E R M A M D O S A B B A D O

ANTES DA DOMINGA DE RAMOS,  
na Igreja de N. Senhora do Desterro.  
Bahia, anno de 1634.

*Cogitaverunt Principes Sacerdotum ut & Lazarum interficerent, quia multi propter illum abibant ex Judæis, & credebant in Iesum. In crastinum autem turba multa, quæ venerat ad diem festum, cum audissent quia venit Iesus Ierosolymam, acceperunt ramos palmarum, & processerunt obviam ei. Joann. 12.*

§. I.

463



Thema he grande, mas o Sermão ferà pequeno. Saó as palavras do Evangelista S. Joaó aos doze Capítulos de sua

historia sagrada; quem dizer: Fizeraõ consulta os Principes dos Sacerdotes. Quando logo encontrei có este principio, fiz esta consideração. Consulta, os Principes dos Sacerdotes! Sem duvida, que fairão della

della grandes bens à Republica: he gente Ecclesiastica, & pelo conseguinte douta, & santa; que se pôde esperar de hũa consulta sua, senão cousas de grande gloria de Deos, & grandes bens dos homens? Assim o imaginava eu, mas enganeime: Contra Deos, & contra os homens sim. O que sahio da consulta, foi, que em todo o caso morresse Christo, como no dia dantes se tinha decretado; isso quer dizer aquelle *Et, ut & Lazarum*, como interpretaõ os Doutores: & não sô q̄ dèsses a morte a Christo, senão que tambem tirassem a vida a Lazaro, a quem o Senhor pouco antes tinha resuscitado: *Ut & Lazarum interficerent*. Ha juizos mais apaixonados? Ha sentença mais enorme? Ora ouçamos as causas, que allegaõ, & admirarnoshemos muito mais. Morra, dizem, Christo, porque faz milagres, porque dá faude a enfermos, & vida a mortos, porque he amado, por-

que he estimado, porque he seguido: & morra Lazaro, porque sendo recusado por virtude de Christo, he causa de o amarem, de o estimarem, de o seguirem: *Quia multi propter illum abibant ex Iudeis, & credebāt in Iesum.* (Honrado crime!) Tudo isto passou como hoje: *In crastinum autem*: porèm ao outro dia, diz o Evangelista, que entrou o Principe da gloria a cavallo por Jerusalem triunfando (dentro porèm dos limites de sua modestia, & humildade) servindolhe de pomposo acompanhamento a multidaõ infinita do povo, que com palmas, & aclamaçoens devoto o seguia: *Turba multa, quæ venerat ad diem festum, acceperunt ramos palmarum, & processerunt obviam ei.* Atè aqui a letra do nossõ Thema. O que temos que ver, he hũa causa crime, sentenciada, apellada, revogada. Do primeiro tribunal sairão culpados os innocentes: do segundo sairão condenados

Joanni:  
12.

Ibid. 11.  
Ibid. 12.  
Ibid. 13.

denados os Juizes. Pouco disto parece que está no Thema, mas tudo tiraremos d'elle. Não o mostro logo, por não gastar dous tempos. Peçamos a Graça.

§. II.

464 **D**izia Platam, que os que julgam, ou governam, era bem que dormissem sobre as resoluções, que tomassem. Parecialhe ao grande Filosofo, que o juizo consultado com os traveffeiros, era força que fuisse mais repoufado. Assim aconteceu aos nossos Juizes do Evangelho os Principes dos Sacerdotes; dormiram sobre a resolução, que hontem tomaram, de tirar a vida a Christo, porém hoje acordaram em Conselho com hum conselho tão defacordado, como foi confirmarem hũa sentença a mais injusta, a mais barbara, a mais sacrilega; que nunca se deo, nem ha de dar no mundo. Perguntara eu a suas Senhorias

dos Principes dos Sacerdotes: E bem, Senhores, fazer milagres, resuscitar mortos, ser estimado, ser querido, que culpa he, ou contra que Ley? No Exodo, no Levitico, no Deuteronomio, que são os Canones por onde vos governais, não ha Texto, que tal prohiba: pois ignorancia? Seria afronta de hum Tribunal tão authorizado, querer presumila nelle. Deo a razão de tudo Eutimio em duas palavras: *Itaque tota res est invidia*. O caso he, que tudo neste caso he inveja. Pois já me não espanto, que achassem os Principes dos Sacerdotes na mesma bondade crimes, na mesma innocência culpas, no mesmo Christo peccados, porque nos Tribunaes, ou publicos, ou particulares, onde a inveja preside, as virtudes são peccados, os merecimentos são culpas, as obras, ou boas qualidades são crimes.

465 Estava Saul hum dia muito malencolizado, & triste, desejou que lhe

buf-

buscassẽm algum bom musico, não sei se para se alegrar, se para se entristecer mais. Acudio logo hum dos Cortesãos, que o assistiaõ, dizendo, que não podia Sua Magestade achar outro como David ; porque alẽm de grande musico, era mancebo muito valente, de grande intelligencia nas materias de guerra, cortesão, avisado, gentil-homem, & sobre tudo muito virtuoso, & temente a Deos: *Vidi filium Isai scientem psallere, & fortissimum robore, & virum bellicosum, & prudentem in verbis, & virum pulchrum, & Dominus est cum eo*: Ha mais panegyrico que este? Pareceme que estaõ dizẽdo todos os que o ouviraõ, que he grande cousa ter hum amigo em Palacio, & que este o devia ser mui verdadeiro de David, pois sabia fazer taõ bons officios para com elle diante del-Rey. Tal he o mudo, q̃ muitas vezes parecẽ finezas de amisade, o que sãõ odios refinadissimos. Di-

zẽ os Doutores Hebreos, como refere Nicolao de Lyra, que este Cortesão, que aqui fallou, era Doeg, capital inimigo de David. Capital inimigo de David, & gasta tanta rethorica em seus louvores? Capital inimigo de David, & de hum fundamento taõ leve, como ser musico, toma occasião para fazer hum aranzel taõ largõ de suas grandezas? Sim. Descobriolhe a tenção delicadamente hum Expositor grave Portuguez, & de nossa Companhia: *Sciebat Saulem esse invidum, & alienis laudibus incredibiliter cruciari: laudat igitur Davidem apud Saulem, ut Saul invidia stimulis agitatus interficiat Davidem*. Sabia Doeg, que era Saul grande emulo de David, que o invejava muito, & como no juizo dos invejosos os merecimentos sãõ culpas, & as excellentes calidades delitos, louvou, & engrandeceo a David diãte de Saul, para que Saul, como fez, dẽsse sentença de morte con-

contra David. Disse, que era prudente, guerreiro, esforçado, gentil-homem, virtuoso, & dotado de tantas outras boas partes: & quem bem entendesse toda esta ladainha de encomios, & louvores, bem podia dizer por David, *Orate pro eo*. Eraõ capitulos, que contra elle se presentavaõ ao Rey, não menos que de Iesá Magestade. Pareciam louvores, & eraõ acusaçoens: pareciaõ abonos, & eraõ calumnias. Calumniado o innocente na sua virtude, & acusado o benemerito nas suas boas obras, sem que à innocencia se lhe desse defesa, nem ao merecimento lhe valessem embargos, porque era o Juiz a inveja.

466 Que bem o entēdeo assim o mesmo David! Denos a confirmação, qué nos deo a prova. Passou-se o perseguido mancebo para a Corte de Achís Rey, & Reyno contrario ao de Saul, & que por isso parecia seguro. Hia só, desconhecido, & disfarçado, mas

como levava por companhia a sua fama, & esta nunca sabe guardar silencio; começou a correr logo pela Corte, que era chegado o valente de Israel, o matador do Golias, a quem as damas de Jerusaleem compuzeraõ a letra, que então andava muito valida: *Percussit Saul mille, David decem millia*. Causa maravilhosa a que se segue! Tanto que chegou aos ouvidos de David o que passava, diz a Escriitura, que começou a recear muito apparecer diante de Achís: *Posuit David Sermones istos in corde suo, & extimuit valde à facie Achís Regis*: & a ultima resolução que tomou, foi fugir dalli, & ir-se meter em húa cova: *Fugit autem inde in speluncam Odollam*. Pois David, que resolução he esta vossa? Que quer dizer irdesvos fazer Ermitaõ de hum deserto, quando vos vedes taõ acreditado em húa Corte? Quando vos vedes com tanta fama diante do Rey, para que fu-

1. Re  
21.1

Ibi.

1. Reg  
22.1.

fu-



fugís de sua presença? Entendia-o como prudente, obrava como experimentado. Saó os louvores no tribunal da inveja accusaçoens: & porque David se vio tão louvado, homiziouse. O ver se louvado era ver se accusado, o ver suas grandezas referidas, era ver as suas culpas provadas, teve logo muita razão de se homiziar, & fugir tão de sy, como de seus emulos. Os Satrapas, & primeiros Ministros de Achís eraó mui picados de inveja contra os Hebréos: & como havia de escapar delles, & viver na mesma Corte David criminoso das suas vitorias, & Reo da sua fama? Se se dissera de David, que era hum falsario, hum perjuro, hũ adultero, hum homicida, hum roubador do alheo, & outras baixezas, se as ha ainda maiores; passára David na Corte, & entrára muito confiado no Palacio do Rey, porque alli tem estes serviços premio, ou quando menos, passáo sem

Tom. 7.

castigo: porém dizendose delle tantas virtudes, tantas grandezas, tantas façanhas, tantas excellencias, andou como prudente em se homiziar, em fugir; porque todas essas excellencias, & grandezas eraó crimes contra a pessoa, & privados de Achís, & delitos sem perdaõ contra as leys da inveja. Considero eu, que ha mandamentos da ley da inveja, assim como ha Mandamentos da Ley de Deos. Os Mandamentos da Ley de Deos dizem, Não matarás, Não furta-rás, Não levantarás falso testemunho: os mandamentos da ley da inveja dizem, não serás honrado, não serás rico, não serás valente, não serás sabio, não serás bem disposto, & tambem dizem, não serás bom Prègador; & se acaso Deos vos fez merce, que soubesseis pôr os pés por hũa rua, que soubesseis apertar na mão hũa espada, que soubesseis discreto, generoso, ou rico, ou honrado; no mesmo póto tivestes culpas no

Kk tri,

tribunal da inveja, porque peccastes contra os seus mandamentos. Por estas culpas esteve tão arriscado David, por estas foi hoje condenado seu filho Christo, que assim lhe chamárao as Turbas no Evangelho: *Hosanna filio David*. Era grande Prêgador, fazia muitos milagres, dava faude a enfermos, resuscitava mortos, & como estas excellencias, ou estas culpas estavao provadas com os applausos, com as acclamaçoens, com o amor, & seguimêto dos povos, *multi abibant ex luacis, & credebant in Iesum*. Confirmou-se o primeiro decreto, & fahio a segunda sentença, que morra Christo, *ut & Lazarum, idest, ut Christũ, & Lazarum interficiant*.

## §. III.

467 **B** Em està, ou mal està: porêm a Lazaro porque o cõdenaõ? Não lhe neguemos sua defensa natural. Seo condenaõ, como dizem, porque

o resuscitou Christo: que culpa he ser hum homem resuscitado? Taõ longe esteve de culpa neste caso, que nem a teve em acto, nem em potencia, nem a teve, nem a pode ter. Curou Christo hum moço cego de seu nascimento, & perguntárao os Discipulos, cuidando que excitavaõ hũa questaõ de grande habilidade: *Domine, quis peccavit, hic, aut parentes ejus, ut cæcus nasceretur?* Joãna 9.2. Senhor, por cujos peccados nasceo este moço cego, pelos seus, ou pelos de seus pays? Rimse muito desta pergunta os Expositores, & em particular Theophilacto, porque se o moço nascéra cego por seus peccados, seguirsehia que peccára antes de nascer: & que maior disparate pôde dizerse, ou imaginar, que ter hum homem peccados, antes de ter fer: ser peccador antes de ser homem? Naõ menos innocente que isto estava Lazaro. Estava morto, quando Christo o resuscitou,

tou, & por beneficio do não ser estava impeccavel. Assim que podemos dizer delle neste caso, o que de Eurialo disse seu grande amigo Niso: *Nihil iste, nec ausus, nec potuit*, Nem teve culpa, nem a pode ter: innocente em acto, & em potencia. Mas com ser assim, são tão linceos os olhos da inveja, que nestes impossiveis de peccado descobrirão, & acharão culpas dignas de morte, *ut & Lazarum interficerent*. E porque? *Quia* [ eis aqui a culpa ] *quia multi propter illum credebant in Iesum*: Porque muitos por causa, ou por occasião delle crião em Jesu.

468 Fizerao conselho sobre Joseph seus irmãos: sahio delle que morresse, & quasi com as mesmas palavras, que temos no Evangelho, o refere a Escriitura: *Cogitaverunt eum occidere*. Sabida a causa, era porque o amára Jacob particularmente, & além da samarra, ou pellote do campo com que hia guardar as ovelhas

como os demais, fizeralhe o pay húa tunica, ou pello-te, não sei de que estofinha melhor, *tunicam polymitam*, com que apparecia os dias de festa na Aldeamenos pastor que os outros. Ah quantos Josés destes ha hoje no mundo! invejados, murmurados, perseguidos, porque? Porque lhes deo a fortuna có que trazer húa capa melhor que a vossa. Assim estava condenado o innocente moço, quando trouxe sua ventura por alli hum mercador Ismaelita, que prometeo por elle vinte reales, & os cobiçosos irmãos, que erao dez, por quatro vinteins, que cabiaó a cada hum, vendérao a seu irmão, & as suas consciencias.

469 Tinhaõlhe já despido a tunica causa das invejas, & não tinha bem virado as costas Joseph, quando os vendedores arremetem a ella, & a começaõ a fazer, ou desfazer em pedaços. Parai ahi ingratos irmãos, parai, & respondei-

Kk ij me,

me, que quero arguirvos. Não está já vendido Joseph? Vossa colera não está já vingada? Vossa fereza não está já satisfeita? Essa túnica que culpa tem, ou que culpa pode ter? Porque a fazeis em pedaços? Bem fei, que não haveis de ter boca para me responder, mas responderá por vós Ruperto Abbade: *Fraternæ gloriæ monumentum impeccabile* (notai muito aquelle *impeccabile*) *Fraternæ gloriæ monumentum impeccabile laceratur: adeo nec morte, nec venditione satiatitur invidia*. Nenhuma culpa tinha a túnica de Joseph, que mal a podia ter a feda, ou lã insensível, sem vida, sem alma, sem vontade. Com tudo nesta incapacidade natural, & neste impossível de culpa, acháraõ hũa os invejosos irmãos, & foi, ser instrumento da gloria de Joseph: *Fraternæ gloriæ monumentum*. Era prenda da particular afeição de Jacob, era gala com que Joseph se authorizava, com que luzia

mais que os irmãos, com que grangeava respeito nos estranhos, & isto lhe bastou por culpa, para sem culpa a despedaçarem: *Monumentum impeccabile laceratur*. Não fei se se poderia achar em toda a Escriitura passo que mais ao vivo declarasse o que temos entre mãos. Nenhũa culpa tinha cometido Lazaro, antes nem a podia ter quando o refuscitou Christo, como vimos, & nesta grande innocencia, antes nesta impeccabilidade soube a inveja descobrir culpas, & culpas dignas de morte, que foraõ, ser instrumento das glorias de Christo: *quia multi propter illum credebant in Iesum*. Fora famosa, & mais que todas, a resurreição de Lazaro, admirandose, & pasmando a gente de ver passar pelas ruas de Jerusaleem o que tinhaõ visto de quatro dias morto na sepultura, & como toda esta admiraçam redundava em fama, & gloria do refuscitador, por ser instrumento da gloria desta

desta fama, condemnáo a Lazaro a perder a vida: *Ut & Lazarum interficerent.* Bem assim como a inveja dos irmãos de Joseph, nam contente com se vingar nelle, passou a executar a vingança na tunica innocente: *Adeo nec morte, nec venditione fatiatur invidia.*

## §. IV.

470 **P**Ronunciada cõtra Christo, & contra Lazaro esta tão injusta sentença, como a innocencia quanto mais cala, então allega melhor por sy diante de Deos, servio este silencio de appellação ante seu divino tribunal. Não tardou muito o despacho ( que no juizo do Ceo não ha dilacões) & o que sahio nelle foraõ dous decretos contra os dous dos Pontífices nesta maneira. O primeiro, que a sentença dada contra Lazaro fenaõ executasse: que ficasse só em intentos, *Cogitaverunt.* O segundo, que Christo entrasse ao outro Tom. 7.

dia por Jerusaleem triunfando, recebido com palmas, & aclamado do povo: *Acceperunt ramos palmarum, & processerunt obviam ei.* Assim o diz o Thema. Mas vejo que me arguem. Não tinha eu prometido ao principio, que na revogação das sentenças, ficariaõ os Juizes condemnados? Onde estão estas condenaçõens? Onde estão estas penas? Essa he a graça, serem-no; & nam o parecerem. Não se executar a morte de Lazaro foi a primeira pena: entrar Christo por Jerusaleem triunfando foi a segunda. Vejamos a primeira, logo passaremos à outra.

471 Estava Job cuberto de lepra com as dores, & trabalhos, que tantas vezes se tem repetido nos Pulpitos, & nunca affaz exagerado, começa a queixar-se, & dizer assim: *Dies mei transierunt, cogitationes meae dissipatae sunt, torquentes cor meum.* Passaraõse meus dias, & os contentamentos que nelles tinha Job. 17.  
11.

tambem se passaraõ , que para não durarem muito ; bastava serem meus, *Dies mei*: alguns intentos que tive, *cogitationes meae*, abortoumos a fortuna, não chegaraõ a ter execução, *dissipatae sunt*, & isto, diz Job, he a maior pena que padeço , porque quantos foraõ entaõ esses intentos, tantos verdugos tenho agora, que me atormentaõ a alma, *torquentes cor meum*. Não acabo de me admirar, que hum homem, que tanta razão tinha de saber avaliar tormentos, sahisse com semelhante queixa. E bem, exemplo da paciencia, taõ mimoso andais vós da fortuna, que de cousas taõ poucas vos queixais tanto? Não tendes perdas de fazenda, mortes dos filhos, ruina da casa, & do estado, dores, tristezas, desemparos, miserias, o corpo feito hũa chaga viva ; que tem que ver com tudo isto os intentos não executados, para só vos queixardes delles , *Cogitationes meae dissipatae sunt*? Fallou co-

mo grande Mestre de paciencia. Tinha tomado os pulsos Job a tudo, o que he dor, a tudo o que he pena, a tudo o que he tormento, & porque achou, que nam ha dor taõ excessiva , pena taõ cruel, tormento taõ infofrivel como hum pensamento frustrado, hum intento sem execução; por isso tendo tanto de que se queixar, só se queixa de se frustrarem seus pensamentos, & de seus intentos se não executarem , *Cogitationes meae dissipatae sunt*. Como era taõ difficultoso o credito deste encarecimento, não o quiz fiar Job dos Expositores, elle se fez cômentador de sy mesmo no verso seguinte : *Si sustinuerò, infernus domus mea est. Putredini dixi: Pater meus es; mater mea, & soror mea, vermibus*. Não cuide alguem, diz , que são hyperboles, ou exageraçoes fantasticas o que digo, porque de verdade he o tormento que padeço taõ infofrivel, & taõ desesperado, que se durar mais hum pou-

pouco, *Si sustinero*, bem me põdem abrir a cova. O que os mortos sem padecer experimentaõ na sepultura, isso he o que executaõ em mim os meus pensamentos: porque nam ha corrupção, que tanto penetre, & desfaça, não ha bichos, que tanto comão, & carcomão hum cadaver, como os mesmos pensamentos me estão mordendo o coração, & roendo a alma: & o peor he, que não acabão de matar, mas matandome me estão gerando outra vez, como se foraõ meu pay, & minha mãy, para mais penar: *Putredini dixi: Pater meus es tu, mater mea, & soror mea, vermibus.* Comparemos agora o *cogitationes mea* de Job, com o *cogitaverunt* dos nossos Juizes: & veremos se ficaraõ códenados. Tiverão intentos de matar a Lazaro, *Cogitaverunt ut Lazarum interficerent*, ficarão effes intentos no ar, nam chegarão a ter execuçaõ, *Cogitationes mea dissipatae sunt*, & assim não executados foram os

verdugos, que lhe apertaõ o garrote à alma, *torquentes cor meum*, executando nelles a sentença de Deos, sentença não menos que de morte, & sepultura: *Si sustinero, sepulchrum domus mea est.*

472 Satisfaçamos agora aos curiosos. Supposto que foi sentença de morte esta, & as de morte são tão varias, perguntarme haõ, que genero de morte foi? O nome não lhe saberei eu dar, mas digo, que he hũa morte da casta daquellas, que por mais penar não matão, hũa morte interior, que se sabe sentir, mas não se sabe explicar, tão rigorosa, tão cruel, que se Deos mandára pendurar de hum pão todos estes Principes dos Sacerdotes contra os foros de sua dignidade, muito mais benigna, & piadosa fora a sentença. Deo Achitofel hum conselho a Absalam, com que sem duvida ficaria desbaratado seu pay David, contra quem o ingrato filho se levantára, não o aceitou: Absalam por permissaõ do

Ceo, & tomou outro bem differente, q̃ lhe deo Cusai. Tanto que Achitofel vio isto ( ouvi hum caso raro, & espantoso ) poemse a cavallo, partese para sua casa, faz seu testamento, deita hum laço a hũa trave, enforcase: *Abijt in domum suam, & disposita domo sua, suspendio interijt.* Muitas questoes se pôde levantar sobre este caso. A dos Canonistas bem a mão está, & he, se se havia de enterrar este homem em sagrado, ou não? A Escritura diz, que o enterrárao na sepultura de seu pay: *Sepelierunt eum cum patribus suis*; mas isto nam faz argumento, porque naquelles tempos nem as sepulturas estavão nas Igrejas, nem havia ainda o Capitulo *Placuit*; & dado que hũa, & outra cousa fora, entre todos os Santos & Doutores, que escrevêrão sobre o passo, só hum Rabino diz, que não estava Achitofel em seu juizo. Se assim he ( agora entra a minha questãõ ) se estava em seu juizo Achitofel, co-

mo fez hũa acção tão desafiçada, como he enforcar-se hum homem com suas proprias mãos? Disse-o a sagrada Escritura, & he prova maravilhosa do nosso intento. *Videns quòd non fuisset factum consiliū suum, abijt in domum suam, & suspendio interijt.* A unica, & total razão, porque se enforcou Achitofel, diz o Texto, foi, *Videns quòd non fuisset factum consiliū suū.* Porque vio, que não fora executado seu conselho. Quem dera credito a tal causa, por mais Doutores que o disserão, se o mesmo Espírito Santo o não affirmára! Tão cruel executor he hum conselho não executado, taes dores, taes penas, taes tormentos causa na alma de quem o considera, q̃ estãdo hum homem em seu inteiro juizo, escolhendo segundo as regras da prudencia do mal o menos, teve por melhor morrer a suas proprias mãos agonizando em hũa forca, que viver padecendo os rigores de hum tormento tão desesperado. Assim o

2. Reg.  
17. 23.



experimentou Achitofel, & para que assim o exprimê-tassem os invejosos Pontífices, ordenou Deos, que não chegasse a ter execução o conselho, que entre sy tomáráo, de tirar a vida a Lazaro, ficando nelles esse mesmo conselho nam executado, por executor da mesma morte, ou por ventura, de outra mais cruel, que a que lhe determinavão dar: *Cogitaverunt Principes Sacerdotum ut & Lazarum interficerent.*

## §. V.

473 **C**ondenados temos os Juizes pela primeira sentença injustamente dada contra Lazaro. A injustiça da segunda dada contra Christo era muito mais atroz, & para que o fosse tambem em a pena, & o castigo, mandou Deos, como diziamos, que entrasse o Senhor por Jerusaleem triunfando: *Acceperunt ramos palmarum, & processerunt obviam ei.* Fundase o rigor

desta pena em húa vilania da condiçáo natural dos invejosos, com que mais sentem os bens alheos, & suas glorias, que os males, & tormentos proprios. Entrou Christo Senhor nosso hum dia no Templo de Jerusaleem, & vendo que se estaváo alli vendendo pombas, cabritos, cordeiros & ainda novillos, indignado de tamanho desfacato, toma as cordas, com que vieraáo atados aquelles animaes, faz dellas huns como azorragues, começa a açoutar, os que compraváo, & vendião. Compras, & vendas feitas na Igreja castiga-as Deos por sua propria mão: & não comete a outrem a execução de semelhantes delitos: sem reparar em sua authoridade. Mas cuidava eu, que se aggravariáo muito estes homens de se verem tão aspera, & tão baixamente tratados por Christo, & que quando não chegasssem a lhe por as mãos, ao menos o blasfemasssem. Fui porêem ver o Texto, & achei,

achei, que nenhũa mã palavra differão contra o Senhor, não o reconhecendo por tal. Comparando pois este passo com outros de sua vida mui diferentes, faz esta pôderação S. João Chrysofomo. Se quando Christo farou o mudo, o accusarão por endemoninhado: Se quando Christo deo vista a hum cego, o querião apedrejar: Se quando refuscita a Lazaro, dão contra elle sentença de morte: como agora que os açouta, & os trata como escravos, nem se quer hũa mã palavra dizem contra Christo? Como o não accusão, como o não apedrejaõ, como o não mataõ? Divinameute o Santo Padre: *Animadvertis invidiã incredibilem, & quonam pacto in alios collata beneficia magis eos irritabant?* Não vedes, diz Chrysofomo, a vilania destes invejosos, que mais se doião dos bens alheos, que dos males proprios? Sarar Christo enfermos, dar vida a mortos, erão bens alheos, por isso

o sentião tanto, que querião apedrejar a Christo, & tirarlhe a vida: açoutallos Christo a elles, & tratallos como escravos, erão males proprios, por isso o sentião tão pouco, que nem hũa só mã palavra differão contra o mesmo Christo. Mais. Os milagres, que Christo obrava, erão fama, & gloria para Christo, os açoutes com que os castigava, eraõ pena, & afronta para elles, mas como era gente invejosa, mais sentião a fama, & gloria de Christo, que as penas, & afrontas suas: excessõ verdadeiramente da inveja, não só admiravel, mas incrivel, *invidiam incredibilem*. Parecerã encarcerimento a confirmação que hei de dar a este passo, mas tem bom fiador.

474 Ardia no Inferno o Rico Avarento, & vendo dalli o pobre Lazaro no Seyo de Abraham, disse assim: *Pater Abraham, miserere mei, & mitte Lazarũ, ut intingat extremum digiti in aquam, ut refrigeret linguam meam.* Pay Abraham,

LUC. 16.  
24. 28.

tca.

tende compaixão de mim, mandai a Lazaro, que molhe a ponta do dedo na agua, & me venha refrigerar a lingua. Não lhe deferio Abraham a gosto; mas como da avareza he tão proprio o pedir, como o não dar, tornou o Avarento a fazer segunda petição: *Rogo te pater, ut mittas eum in domum patris mei, habeo enim quinque fratres, ut testetur illis, ne & ipsi veniant in hunc locum.* Rogovos muito, Pay Abraham, que ao menos mandedes a Lazaro a casa de meus irmãos, que lhe diga o que por cá passa, para que não se condenem. Ou eu me engano, ou estas petiçãoens dizem hũa cousa; & pertendem outra. Sê as labaredas do Inferno sam tão grandes como sabemos, & o Avarento o sabia por experiencia, como he possivel, que tivesse para sy, que as podia refrigerar tão pouca agua, quanta pôde levar a ponta de hum dedo? Mais. Se no Inferno não pôde haver carida-

de, nem amor, que se lá o ouvera, não fora Inferno, fora Paraíso: como he possivel, que tivesse este condenado tanto amor para com seus irmãos, que lhe queira mandar Prêgadores da outra vida, para que se convertão? Quanto mais, que para o refrigerar do incendio, qualquer outro o podia fazer tão bem como Lazaro: & para prêgar a seus irmãos, muitos outros o podião fazer melhor que elle. Qual he logo a razão, porque em hũa, & outrã proposta sempre assiste unicamente em que vá Lazaro; em hũa, *Mitte Lazarum*, em outra, *Rogo ut mittas eum*? O caso he, que nenhũa destas cousas pertendia o Avarento; & todo o seu intento, & teima, era tirallo do Seyo de Abraham, & fazer, que ao menos por algum tempo não gozasse o descanso em que o via. He sutileza de S. Pedro Chryfologo, & a razão não só tão delicada, mas tão natural como sua: *Quod agit dives, non est novelli*

*velli doloris, sed livoris anti-  
tiqui: zelo magis incendi-  
tur, quàm gehenna.* Sabeis,  
diz Chryfologo, porque  
busca o Avarento tantas  
traças, & invençoens, para  
que faya Lazaro, se quer  
por hum breve espaço, do  
Seyo de Abrahaõ? He por-  
que se està comendo de in-  
veja, porque vê agora em  
tanta felicidade o que  
noutro tempo vio em tan-  
ta miseria: *Zelo magis in-  
cenditur, quàm gehenna.* A-  
qui vai o futil do pensa-  
mento. O Avarento està  
no Inferno, mas o Inferno  
do Avarento mais està no  
Seyo de Abraham, que no  
mesmo Inferno. Porque  
mais o atormenta no Seyo  
de Abraham o descanso, &  
felicidade, que alli està go-  
zando Lazaro, que no fo-  
go do Inferno as mesmas  
chamas, em que elle està  
ardendo. Pedia que sahisse  
Lazaro do seu descanso, &  
que trouxesse agua para o  
refrigerar, & o refrigerio  
estava naõ na agua, que  
havia de trazer, senam no  
descanso, de que havia de

sahir. Como era invejoso,  
mais o abrazavaõ as glo-  
rias alheas, que via, que os  
Infernos proprios, em que  
penava: *Zelo magis incen-  
ditur, quàm gehenna.* Este  
foi o genero de castigo a  
que a divina Justica con-  
denou os injustos Princi-  
pes dos Sacerdotes mui-  
conforme a quem elles  
eraõ. Eraõ invejosos, co-  
mo vimos, & porque ne-  
nhũa pena os havia de  
atormentar tanto como as  
glorias de Christo, entra o  
Senhor diante de seus  
olhos em Jerusaleem triun-  
fando com hũa universal  
aclamação de filho de  
David, & Rey de Israel,  
com hum perpetuo victor  
nas bocas, & nas mãos de  
todos: *Acceperunt ramos  
palmarum, & processerunt  
obviamei.*

475 Bem pudéra eu  
dizer, que foi este maior  
castigo, que se Deos lhe  
mandára dar cem açoutes,  
como pelas ruas publicas  
os negociantes do Tem-  
plo: bem pudéra dizer, que  
foi maior castigo, que se os  
lan-

lançasse logo nas chamas do Inferno, como o Rico Avarento; mas em parte quero ir menos rigoroso, por ir mais proprio. Sabida coufa he, que a pena a que os Juristas chamaõ *Talionis*, he entre todas a mais proporcionada. Digo pois, que foi esta pena dos Pontifices, pena, & tormento de Cruz: Elles quizerão crucificar a Christo, & Christo crucificou-os a elles. Não he meu o pensamento, ou a sentença, senão do grande Padre da Igreja S. Agostinho: *Quam crucem mentis invidentia Judaeorum perpeti poterat, quando Regem suum Christum tanta multitudo clamabat.* Que vos parece que foi para os invejosos Pontifices entrar Christo por Jerusalem triunfante? Que vos parece q foi, diz Agostinho, senão crucificalos? Aquellas acclamaçoens do povo eraõ os pregoens, que hiaõ diante publicando o delito de sua injustiça: aquellas palmas, que levavaõ nas mãos, eraõ

as cruces, em q invisivelmente hiaõ crucificados na alma, *cruce mentis*. Bem lembrados estareis da historia de Aman privado del Rey Assuero. Mandou Aman levantar hũa Cruz para crucificar nella a Mardocheo, só porque hũa vez senão levantou passando elle. A taes soberbas, & infolencias chegaõ os privados de quem nam sabe ser Rey. Porém trocou a fortuna as mãos, revogou-se a sentença em outro tribunal superior, & o crucificado foi o Aman. Assim aconteceu aos Principes dos Sacerdotes. Elles no seu tribunal quizerão crucificar a Christo, porém o tribunal divino em pena de sua injustiça, ordenou que nelles se executasse a sua sentença, & que fossem elles os crucificados, nam em hũa só cruz, porque eraõ muitos, senão em tantas cruces, quantas foram as palmas do triunfo de Christo: *Acceperunt ramos palmarum, & exierunt obviam ei.*

## §. VI.

476 **T**enho cócluido com o Evangelho, & satisfeito ao que prometi. Restame dar satisfação ao lugar em que estou, q̄ he o do Desterro, cuja devação neste sabbado ferial convocou a elle tão grande Auditorio. Cõfidei devagar, que parte deste discurso lhe acomodaria. E porque nenhuma achava, que lhe servisse, determinei fazerme hum affinte a mim mesmo, & acomodarlho todo. Tudo quanto atèqui tenho dito, foi hũa representação do que passou no desterro de Christo. Para intelligencia desta consideração havemos de suppor, que os Juizes, que condenarão a Christo à morte, quando o Eterno Padre lha comutou em desterro, nam foi só Herodes, como parece, senão Herodes, & juntamente o Demonio. Provo.

*Psalm. 2. Assiterunt Reges terra, & Principes convenerunt in*

*unum adversus Dominum, & adversus Christum ejus.*  
Ajuntáraõse os Reys da terra, & uniraõse era votos os Principes contra Christo, diz David: & nam he pequena a difficuldade desta Profecia. Se a entendemos da morte, que Christo com effeito padeceo, nam ouve entãõ mais que hum Rey, que foi Herodes: se a entendemos da morte, que lhe quizerão dar quando nascido, da mesma maneira não ouve mais que hum Rey, que foi tambem Herodes ( não jã o mesmo, senão outro do mesmo nome: que hum tyrano, que perseguio innocentes, nam havia de viver trinta & tres annos. ) Diz agora S. Joãõ Chrysofomo: *Nunquid Herodes Reges?* Porventura Herodes he muitos Reys: Herodes he muitos Principes? Claro està, que não: pois se he hum só Rey, & hum só Principe, como diz David, que se ajuntáraõ, & se uniram Reys, & Principes contra Christo: *Assiterunt Reges terra,*

terra, & Principes conven-  
nerunt in unum? A reposta  
do mesmo Santo Padre he  
o que eu dizia: *In Rege He-  
rode peccati quoque Regem  
ostendit.* Olhava David  
com olhos profeticos, que  
vem o visível, & invisível,  
& por isso diz, que se ajun-  
tárao Reys, & Principes  
contra Christo, porque os  
que o condenarão à mor-  
te, não foi só Herodes, se-  
nao Herodes, & mais o  
Demonio. Herodes Rey  
de Judea, o Demonio Rey  
do peccado: Herodes Prin-  
cipe da terra, o Demonio  
Principe do Inferno: *In  
Herode peccati quoque Re-  
gem ostendit.* E se bem con-  
siderarmos o motivo que  
Herodes, & o Demonio  
tiveraõ para querer tirar a  
vida a Christo, & aos inno-  
centes na occasiã de seu  
desterro; acharemos, que  
he a mesma, com que a in-  
veja moveo os Principes  
dos Sacerdotes a querer  
matar não só ao resuscita-  
dor, senão tambem ao re-  
suscitado. Estes, porq̃ viaõ  
a Christo reconhecido, &

acclamado por Rey de Is-  
rael, & que muitos criaõ  
nelle: *Multi abibant ex Ju-  
daeis, & credebant in Iesum,*  
& Herodes, & com elle o  
Demonio, porque já o co-  
meçavaõ a ver em seu na-  
scimento buscado, & vene-  
rado dos Reys do Orien-  
te, & dentro da Corte do  
mesmo Herodes acclama-  
do por Messias, & Rey dos  
Judeos: *Ubi est qui natus  
est Rex Judæorum.*

Joann.  
12.11.

Matth.  
2.2  
Ibid 8.  
Ibid 16.

477 Vista a semelhan-  
ça da condenação de Chri-  
sto no tribunal dos homẽs,  
seguese ver a condemnaõ  
dos Juizes no tribunal de  
Deos com a mesma pro-  
priedade. A primeira pena  
a que Deos condenou os  
Principes dos Sacerdotes  
foi, como vimos, que fi-  
cassẽm frustrados os seus  
intentos: & tal foi tambem  
a de Herodes. Disse Hero-  
des aos Magos: *Ite, interro-  
gate diligẽter de puero:* Ide,  
informaivos donde estã  
esse minino que dizeis: *Et  
cũ inveneritis, renuntiate  
mihi,* E como o achares  
avisaime, *ut & ego veniens  
ado-*

*adore eum*, para que eu  
tambem o vá adorar. Isto  
prônuñciava Herodes có a  
boca, & com o coração di-  
zia: Ide, informame, que  
eu lhe tirarei a vida, & mil  
vidas (como tirou a tantos  
mil innocentes.) Mas que  
fez Deos? Ou por hũ An-  
jo, ou por sy mesmo avifou  
aos Magos, que voltassem  
por outro caminho: &  
quando o Tyrano vio seus  
intentos frustrados, *Videns  
quoniam illusus esset à Ma-  
gis*, diganos o mesmo S.  
João Chrysofotomo, qual  
ficou. São palavras, que se  
as mandamos fazer de  
encomenda, não vieraõ  
mais medidas com o in-  
tento: *Considera quanam  
Herodem pati probabile fue-  
rit, qui certè suffocari etiam  
præ indignationis magnitu-  
dine potuit, cum se ita illu-  
sum atque irrisum videret.*  
A pena que Herodes sen-  
tio vendo suas traças des-  
vanecidas, & seus intentos  
frustrados, considere-o qué  
sabe que coufa he a inveja,  
que explicar-se com pala-  
vras não he possível. Mil

vezes quizerá tomar hum  
laço, & enforcar-se (digno  
castigo daquella cabeça  
tão indignamente coroa-  
da,) & he maravilha como  
a mesma dor colerica, que  
o fazia raivar, lhe não des-  
se hum nõ na garganta, &  
o afogasse. Là disse a Escri-  
tura de Achitofel: *Videns  
quòd non fuisset factum con-  
silium suum, abiit, & suspen-  
dio interijt.* È da mesma  
maneira diz Chrysofotomo  
de Herodes: *Videns quoniã  
illusus esset à Magis, suffoca-  
ri etiam præ indignationis  
magnitudine potuit.* E nõs  
vejamos agora se he igual  
a condemnação de Herodes  
com a dos Principes dos  
Sacerdotes. Elles condena-  
dos a ficarem os seus in-  
tentos só em intentos: *Cog-  
itaverunt Principes Sacer-  
dotum ut & Lazarum in-  
terficerent: & elle condena-  
do a ficarem frustrados os  
seus, & zombarem delle  
os Magos: Videns quoniam  
illusus esset à Magis.*

478 A segunda pena  
coube ao segundo Juiz o  
Demonio: & foi, ver entrar  
a Chri-



a Christo triunfante no Egypto, como os Principes dos Sacerdotes verem o seu triunfo por meyo de Jerusalem. Pintanos isto maravilhosamente o Profeta Isaias: *Et ascendet Dominus super nubem levem, & ingredietur Egyptum.* Sobirá o Senhor, & entrará pelo Egypto, levado como em carro triunfal em húa nuvem leve. Esta nuvem leve (diz S. Ambrosio) he a Virgem Santissima, Máy do mesmo Senhor minino, que o levou em seus braços ao Egypto: nuvem, porque ella he a que nos defende dos rayos do Sol de Justiça, & leve, porque nella fô entre todas as criaturas nunca ouve peso de peccado. É que succedeo ao Demonio á vista deste triunfo? O mesmo Profeta o diz: *Et commovebuntur a facie ejus simulacra Egypti.* É á vista desta entrada triunfante cahiráo derubados por terra todos os Idolos do Egypto. Assim foi, porque assim como o desterrado minino, tendo

escapado das mãos de Herodes, hia entrando vivo, & triunfante nos braços da Máy pelas ruas do Egypto, ao mesmo passo dentro dos Templos, & derrubados dos Altares hiaó caindo as imagens dos falsos Deoses, em que o Demonio era adorado, desfeitas em pô, & em cinza.

479 He Theologia certa, que quando Deos lançou do Ceo os Anjos máos, huns foraó parar no Inferno, & outros ficáraó nesta Região do ar, aos quaes por isso chama S. Paulo *Aereas potestates.* De forte, que neste mesmo lugar nos estão ouvindo muitos Demonios, & queira Deos, que sejaó só os que senaó vem. Dá a razaó deste conselho divino, divinamente S. Bernardo: *Diabolus in paenam suam locum in aere medium inter Cælum, & terram sortitus est, ut videat, & invideat, ipsaque invidia torqueatur.* Quer dizer: Para maior tormento do Demonio lhe deo Deos este carcere livre do ar, elemen-

to meyo entre o Ceo , & a terra, porque vendo subir os homés da terra ao Ceo, & desta Igreja Militante, onde os persegue, ir gozar da gloria na Triunfante; a vista, & inveja deste triunfo lhe sirva de maior Inferno aos que ficárao, que aos que là estão penando. Já ouvimos a S. Pedro Chrysologo , que menos pena davão ao Rico Averno as labaredas do Inferno em q̄ padecia, que as glorias, que Lazaro gozava no Seyo de Abraham: & este foi o castigo, mais que do proprio Inferno, a q̄ Deos condenou o Demonio, no mesmo desterro com que livrou de suas mãos a seu filho ; para que vendo o entrar triunfante pelo Egipto, penasse mais, & se desfizesse de inveja, assim como se desfizerao os marmores, & bronzes das imagens, & simulacros em que era adorado: *Et commovebuntur à facie ejus simulacra Egypti.*

## S. VII.

480 **A** Cabeí. E suposto que tenho satisfeito ao Eyangelho, & ao lugar ; algúa justiça parece que me fica para pedir ao Auditorio a mesma satisfação. No Eyangelho temos a Christo triunfante em Jerusalem: naquelle Altar temos a Christo triunfante no Egipto: justo he, Senhores, que entre tambem Christo triunfando, ou pelo Egipto, ou pela Jerusalem de nossas almas. Que outra cousa he húa alma, onde está levantado altar a Venus, idolo da torpeza: onde se fazem sacrificios a Marte, idolo da vingança: onde he adorado Jupiter, idolo da vaidade: que cousa he, digo, húa alma destas, senão hum Egipto idolatra? Entre pois Christo triunfando pelo Egipto desta alma: *Et cõmoveantur à facie ejus simulacra Egypti,* & cayão, & rendão a seus pés todos esses idolos.

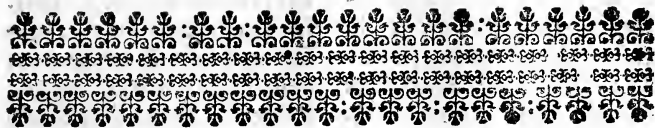
idolos. Caya a torpeza, caya a vingança, caya a vaidade, & acabemse idolatrias tão pouco Christãs. Que cousa he por outro modo hũa alma, onde reyna a ambição: onde dá leys a inveja: onde manda tudo o odio: que cousa he, torno a dizer, hũa alma destas, senão hũa Jerusalem depravada, & perdida, & onde por odio, por ambição, & por inveja se dà sentença de morte contra o mesmo Christo? Ora, pois, Jerusalem, Jerusalem, *convertere ad Dominum Deum tuum*, acabemse odios, acabemse invejas, acabẽse ambiçoens: cayão todos esses vicios aos pès de Christo, & levantemse palmas nas mãos em final da vitoria: *Acceperunt ramos palmarum, & exierunt obviam ei.*

481 Não duvido que o fação assim todos os que tem nome de Christãos, não movidos da efficacia de minhas razoens, mas obrigados da santidade do tempo. Entramos na So-

mana Santa, em que nenhum Christão ha de tão fraca Fè, & de tão fria piedade, que senão lance rendido aos pès de Christo. O que porẽm quizera eu encomendar, & saber persuadir a todos he, que nos não aconteça, o que aconteceu aos que acompanhãraõ a Christo no seu triumpho. He advertencia de S. Bernardo. Quando o Senhor hia passando pelas ruas de Jerusalem, tiravaõ muitos as capas dos hombros, para que o Senhor passasse por cima dellas; porẽm tanto que o mesmo Senhor tinha passado, tornava cada hum a levantar a sua capa, & polla outra vez aos hombros como dantes. O mesmo nos acõtece a nós nesta Somanã. Despimos, ou parece que despimos os máos habitos de nossos vicios, lançamos aos pès de Christo, para que passe por cima delles com a Cruz às costas; porẽm tanto que passou, tanto que se acabou a Somanã Santa, & chegou a

Paschoa , torna cada hum aos mesmos vicios , & a revestirse delles, como se já não foraõ peccados. Oh sepultemos para sempre com Christo morto , & deixemos effes máos habitos, como Christo deixou as mortalhas na sua sepultura. Façamos diante daquella Senhora huns propósitos , & resoluçoens muito firmes de ser perpetuos escravos seus , & de seu béditissimo Filho: seguindo-o, & servindo-o sempre, & em qualque parte: ou no Egypto, como desterrados deste mundo, ou em Jerusalem, como mortos ao mesmo mundo: não havendo trabalho , ou felicidade, nem fortuna tão prospera, ou adversa , que nos aparte de seu serviço, de sua obediencia , de seu amor, & de sua graça, para que vivendo , & morrendo com elle, & por elle, o acompanhemos na vida, onde não ha morte, por toda a eternidade. Amen.





# S E R M A M

DE

## S. JOAM BAUTISTA,

NA PROFISSAM DA SENHORA MADRE  
Soror Maria da Cruz, filha do Excellentissimo Du-  
que de Medina Sydonia, Religiosa de S. Francisco,  
no Mosteiro de N. Senhora da Quietação, das  
Framengas, em Alcantara.

ESTEVE O SANTISSIMO SACRAMENTO  
exposto. Anno de 1644.

*Elisabeth impletum est tempus pariendi, & peperit filium. Et audierunt vicini, & cognati ejus, quia magnificavit Dominus misericordiam suam cum illa, & congratulabantur ei. Et venerunt circumcidere puerum, & vocabant eum nomine patris sui Zachariam. Et respondens mater ejus, dixit: Nequaquam, sed vocabitur Ioannes. Luc. c. i.*

S. I.

SENHOR.



O dia em que nasce a Voz de Deos, justamente emudecé as

vozes dos homens. Admiração emudecidas são a retorica deste dia: *Mirati sunt universi*; pasmos, & affombros são as eloquencias desta acção: *Factus est timor super omnes vicinos*

Tom. 7.

Llij eo-

*eorum*. He dia hoje de fallarem os coraçõens, & de callarem as linguas: por isso a lingua de Zacharias emudeceo, por isso os coraçõens dos Montanhezes fallavaõ: *Posuerunt in corde suo dicentes*. E se em qualquer dia do grande Bautista he perigoso o fallar, & os discursos mais discretos saõ os que se remetê ao silencio; que será hoje no cócurso de tantas obrigaçõens, em que as causas do temor, & os motivos da admiração se vem tão crecidos? Se toda a razaõ dos assombros no nascimento do Bautista era verem que dava Deos a hũa alma a mão de amigo: *Etenim manus Domini erat cum illo*; quanto mais deve assombrar hoje nossa admiração, ver que dà Deos a outra alma a mão de Esposo: *Etenim manus Domini erat cum illa*? Bem sei que

Origen.

dissê Origenes, que dar Deos a mão ao Bautista foi desposarse com sua alma: mas muito vai de desposorio a desposorio, por que

vai muito de lugar a lugar. Desposarse Deos nos desertos, he cousa ordinaria; mas desposarse Deos nos Palacios: Deos desposado no Paço! Maravilha grande. He caso este, em que acho contra mim todas as Escrituras.

483 - Se lermos o Profeta Oseas, acharemos, que querendo Deos desposarse com hũa alma, disse, que a levaria primeiro a hũ deserto: *Ducam eam in solitudinem, & loquar ad cor ejus*. Se lermos o Profeta Jeremias, acharemos, que lembrando Deos a Jerufalem o tempo, que com ella se desposára, advertio, que fora noutro deserto: *Charitatem desponsationis tuæ, quando secuta es me in deserto*. Se lermos os Cantares de Salamaõ, acharemos, que os desposorios daquella alma, sobre todas querida de Deos, num deserto se tratáraõ, noutro deserto se cófeguiraõ: *Quæ est ista, quæ ascendit per desertum*, diz no cap. 3. *Quæ est ista, quæ ascendit de deserto in: xâ super*.

Osee 2.

Jerem: 2.

Cant. 3.

Cant. 8.

*super dilectum suum*, diz no cap. 8. Mas para que he multiplicar Escrituras, se o mesmo Esposo, que está presente, nos pôde escufar a prova? O mysterio em que Deos mais propriamente se desposa com as almas he o Sacramento soberano da Eucharistia. Porq̃ nelle (como gravemente notou S. Agostinho) por meio da uniaõ do corpo de Christo se verifica entre Deos, & o homem, *Erunt duo in carne una*. E se buscarmos os lugares em que Deos figurativamente celebrou estes desposorios, acharemos, que os principaes, assim no Velho, como no Novo Testamento, foraõ desertos. A principal figura do Sacramento no Testamento Velho foi o Mannã, durou quarenta annos, & todos foraõ de deserto: *Patres nostri manducaverunt Mannã in deserto*. A principal figura do Sacramento no Testamẽto Novo, foi o milagre dos cinco paens, & o milagre dos sete, & ambos succedẽraõ no

deserto: *Desertus locus est, & non habent quod manducant. Vnde eos quis potest hic saturare panibus in solitudine?* Pois qual he a razão [para que mais fundamentalmente nos admiremos] qual he a razão, porque se desposa Deos nos desertos sempre? Não he o Monarca universal do mundo, não he o Principe eterno da gloria? Pois já que ha de desposarse desigualmente na terra, porque não busca esposa com menos desigualdade nas Cortes, & nos Paços dos Reys, senão nos desertos, & nas soledades?

484 A razão he; porq̃ esposa com as qualidades de que Deos se agrada, não se acha nos Palacios, achase nos desertos. O Sacramento nos fundou a duvida; S. João nos fundarã a reposta. Fez Christo hum Panegyrico do Bautista (que de taõ grande fogeito só Deos pôde ser bastante Orador) as palavras foram poucas, a sustãcia muita, & começou o Senhor assim: *Quid existis in deserto?*

August.

Genes.

3.

Joann.

6.

*videre? Hominem mollibus vestitum? Ecce qui mollibus vestiuntur, in domibus Regum sunt.* Sabeis quem he Joáo, esse a quem todos fahisa ver? [ diz Christo ] He hum homem, que vive no deserto: não he dos homens, que vivem no Paço. Notavel dizer! Pois Senhor, este he o thema, que vòs tomais para prègar do Bautista? Quando quereis concluir, que he o maior dos nascidos, fundais o Sermão em que vive no deserto, & não vive no Paço? Sim. Toda a perfeição resumida consiste, como dizem os Theologos, *in prosecutione, & fuga*, em seguir, & em fugir: em seguir a virtude, & em fugir ao vicio. Por isso os preceitos Ecclesiasticos, & divinos, huns são positivos, outros negativos; os positivos, que nos mandão seguir o bem, os negativos, que nos mandão fugir ao mal. Pois para Christo resumir a poucos fundamentos toda a perfeição do Bautista, que fez? Disse, que era hum

homem, que seguia todo o bem, & que fugia de todo o mal. E para dizer que seguia todo o bem, disse, que vivia no deserto, para dizer que fugia de todo o mal, disse, que não vivia no Paço. Explicoulhe Christo a vida pelo lugar, & para dizer quem era, disse onde morava. Ainda nam digo bem. Para dizer quem era, disse onde morava, & onde não morava. Para dizer que era homem do Ceo, disse, que morava no deserto: para dizer que não era homé da terra, disse, q não morava no Paço. É que estando os Paços dos Reys da terra tão mal reputados com Deos, que aquelle Senhor, que só se desposava nos desertos, hoje o vemos desposado em Palacio! Maravilha grande.

485 Mas qual será a razão desta maravilha? Qual será a razão, porque Deos, que só se despolava nos desertos, hoje se desposa no Paço? A razão he; porque o Paço das Rainhas de Portugal, he Paço com pro-



propriedades de deserto. Deos cõmumente desposafe no deserto, porque naõ acha no deserto as cõdiçoens do Paço: hoje desposafe no Paço, porque achou no Paço as condiçoens do deserto. Quando a Job no meio de seus trabalhos lhe parecia melhor a morte, que a vida, entre as queixas que fazia della, disse desta maneira: *Et nunc requiescerem cum Regibus, & Consulibus, qui edificant sibi solitudines.* Se eu fora morto, estivera agora descãçado entre os outros Reys, & Principes, que edificaõ desertos. Notavel modo de fallar! *Cum Regibus, qui edificant solitudines:* Reys que edificaõ desertos! Se differa Reys que edificaõ Palacios; bem estava: mas Reys que edificaõ desertos! Os desertos edificaõse? Antes desfazendo edificios, he que se fazem desertos. Pois que Reys são estes, que trocã os termos a Architectura? Que Reys são estes, q̃ edificaõ desertos? São aquelles

Reys (diz S. Gregorio Papa) em cujos Paços Reaes de tal maneira se contemporiza com a vaidadẽ da terra, que se trata principalmente da verdade do Ceo; & Paços onde se serve a Deos como nos ermos, naõ são Paços, são desertos: *Qui edificant sibi solitudines.* Bem dito, que edificaõ; porque ha duas maneiras de edificar: edificar por edificio, & edificar por edificaõ. O edificio faz dos desertos. Palacios, a edificaõ faz dos Palacios desertos. Hũ Paço onde se serve a Deos, he hum deserto edificado. Paço onde só Deos se serve, & o mundo só se contemporiza: onde a clausura cõpete com a das Religioes: onde as galas são dissimulacão do cilicio: onde a licença do galanteo, a liberdade dos farãos, & outras mal entendidas grandezas são exercicios de espirito: onde fair do Paço para o noviciado mais he mudar de casa, que de vida; este ermo cortesaõ nam lhe eha-

Greg.  
Pap.

Socrat.

chamem Paço, chamem lhe deserto: *Qui edificant sibi solitudines*. Lá disse Sócrates do Emperador Theodosio Segundo, que fora tão religioso Principe, & tão reformador da Casa Real, que convertéra o Paço em Mosteiro: *Palatium sic disposuit, ut haud alienum esset à Monasterio*. Esta coto eu entre as grandes felicidades do nosso Principe, que Deos guarde, & a tenho ainda por maior, q̄ a do outro Theodosio. O outro Theodosio fella, o nosso achou-a: o outro criou esta reformação; o nosso criafe nella. Oh que grandes fundamentos para tão grandes esperanças! E como no Paço de Portugal tem o Ceo tantas prerogativas de deserto, que muito, que Deos costumado a se desposar nos desertos, o vejamos hoje desposado no Paço! Cefsem pois as admiraçoens com as dos Montanhezes, rompase o silencio com o de Zacharias, & começemos a fallar nesta acção,

pois nos dá licença o mesmo: *Et apertum est illico os ejus*.

## §. II.

486 **V**erdadeiramente, que me vi embarçado no concurso das obrigaçoens de hoje, porque são todas tão grandes, que cada hũa pedia o Sermão todo. Para não errar, aconselheime com o mesmo S. Joáo Bautista, & seguirei sua doutrina: *Qui habet sponsam, sponsus est, amicus autem sponsi gaudio gaudet*. <sup>FOURNA</sup> Eu sou amigo de Christo (diz S. Joáo) a esposa he do esposo, a festa he do amigo. Assim seja. A festa será de S. Joáo, o dia será da Esposa, & o Evangelho se acomodará tanto a hum, & a outro, que pareça, que he de ambos. Vamos cô elle, sem nos apartar hum ponto.

487 *Elisabeth impletum est tempus pariendi, & peperit filium*. Isabel depois de comprido o tempo dos nove meses, foi mãy de hum filho.

filho. Aquella palavra, *impletum est tempus*, depois de comprido o tempo, pareceo superflua a algũs Doutores antigos. Não estava claro, que S. João havia de nascer como os outros homens, passado o tempo, que a natureza limitou para o nascimento? Pois porque diz hũa cousa superflua o Evangelista, que nasceo S. João depois de comprido o tempo: *Elisabeth impletum est tempus*? O Cardeal Toledo, & todos os Literaes dizem, que não foi superflua esta advertencia, senão muito necessaria; supposto que em S. João se anticipárao tanto as leys da natureza, que aos seis meses de concebido já tinha uso de razão. E quem anticipou o uso da razão tantos annos, podia se cuidar, que tambem anticiparia o nascimento alguns meses. Pois para que se foubesse, que não foi assim, diga o Evangelista, q̄ nasceo S. João depois de cheo, & comprido o tempo: *Elisabeth impletum est tempus*.

Esta he a verdadeira intelligencia deste Texto; mas quanto mais verdadeira; tanto mais funda a minha duvida. Que se diga, que S. João nasceo comprido o tempo, porque não anticipou o nascimento; bem dito está: mas porque o não anticipou? Porque não anticipou o tempo do nascimento, assim como anticipou o tempo do uso da razão? O uso da razão, segũdo as leys da natureza, havia de fer aos sete annos do nascimento, o nascimẽto aos nove meses da conceição. Pois se anticipou o uso da razão tantos annos, porque não anticipou o nascimento alguns meses? Porque o nascimento pertence à vida da natureza, o uso da razão pertence à vida da graça; & nas materias temporaes, o que costuma fazer o tempo, bem he que o faça o tempo: nas materias espirituaes, o que costuma fazer o tempo, melhor he que o faça a razão. Para nascer ao mũdo, faça o tempo, o que ha de

fa-

Mar.  
23.

fazer o tempo : para nascer a Deos, o que ha de fazer o tempo, faça-o a razaõ. Caminhava Christo de Bethania para Ierusalem, vio no câpo húa figueira muito copada, chegou, & como não achasse mais que folhas, amaldiçoou-a. E nota o Evangelista S. Marcos (coufa muito digna de se notar) que não era tempo daquela arvore ter fruto: *Non erat tempus ficorũ.* Pois valhame Deos (pasmaõ aqui todos os Doutores) senaõ era tempo de fruto, para q̃ o foi Christo buscar? E se o não achou, quando o não havia, porque castigou a arvore? Se a castigou, tinha ella obrigação de ter fruto. E senaõ era tempo, como tinha esta obrigação? Tinha esta obrigação [ diz S. Chrysostomo ] porque ainda que por ser Primavera, não devia frutos ao tempo, por Deos se querer servir della, devia-os á razaõ. E as diuidas da razaõ nam haõ de esperar pelos vagares do tempo. Para dar frutos ao

Chry-  
sost.

mũdo, faça o tempo, o que ha de fazer o tempo: *Elisabeth impletum est tempus;* mas para dar frutos a Deos, o que ha de fazer o tempo, faça-o a razaõ: *Exultavit infans in utero.* Esta he húa das excellencias, que eu venero muito entre as grãdes do Bautista: ser hum homem, em quem fez a razaõ, o que faz nos outros o tempo. Esperarem os annos pela razãõ, isso acontece a todos, mas adiantarse a razãõ aos annos, fazer a razaõ o que havia de fazer o tempo; isto só se acha no Bautista: se bem gloriosamente imitado hoje.

488 Oh que gloriosa mente equivocado temos hoje o anno: o Abril mudado em Setembro, & os frutos, que havia de amadurecer o tempo, sazoados na razãõ! Quem podia fazer outono dos frutos, a primavera das flores, senaõ a esposa querida de Christo? *Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis advenit?* Assim obedecem os tempos, onde assim domina

Cant. 2.

a ra-

a razão. Que já o mundo, & a vida não saibão enganar! Que vejamos tantos defenganos da vida em tão poucos annos de vida! Que he isto? He que fez a razão, o que havia de fazer o tépo. Seguirem-se aos annos os defenganos, he fazer o tempo, o que faz o tempo: mas anticiparem-se os defenganos aos annos, he fazer a razão, o que o tempo havia de fazer. Queixava-se Marco Tullio, q sendo os homens racionaes, pudesse mais com elles o discurso do tempo, que o discurso da razão. Mas hoje vemos o discurso da razão mais poderoso, que o discurso do tempo. Que não basta sem noventa annos para dar sizo a Helí, & que bafstem dezoito annos para fazer sezudo a Samuel? Oh que grande victoria da razão, contra a sem-ração do tempo! Húa velhice enganada, hê a maior sem-ração do tempo: húa mocidade defenganada, he a maior victoria da razão. Que nam çorte os cabellos. Sara de-

pois de pentear defenganos; & que os cabellos de Absalaõ na idade de ouro fintaõ os rigores do ferro! Que enxugue a Magdalenas as lagrimas dos pès de Christo com os cabellos, mas que os naõ corte; & que haja outra Maria, que ponha aos pès de Christo os cabellos cortados, com os olhos enxutos! Que Iacob na primavera dos annos enterre a sua Rachel; he inconstancia da vida: mas que Rachel na primavera da vida se sepulte a sy mesma! Grande valor da razão. Dar a vida a Deos quando elle a tira, he dissimular a violencia; entregar-lha quando elle a dà, he sacrificar a vontade. Quem dedica a Deos os ultimos annos, faz Christão o temor da morte: quem lhe confagra os primeiros, faz religioso o amor da vida.

489 As batalhas da razão com os annos he húa guerra, em que resistê mais os poucos, que os muitos. Deixarem-se vencer da razão os muitos annos, nam he

Luc. 7.

Gen. 48.

Ciccr.

1. Reg. 3.

2. Reg. 14.

Luc. I. he muito: mas deixarem-se vencer, & convencer os poucos, grande poder da razão! E mais se considerarmos a refistencia favorecida do sitio. Poucos annos, & nas montanhas (como eraõ os do Bautista) não he tanto, que fenaõ defendeaõ à força da razão: mas poucos annos, & em Palacio, convencidos, & defenganados! Graõ victoria. Offerceo El Rey David a Bercellai hum grande lugar no Paço, & elle, que era já de oitenta annos, que responderia? *Octogenarius sum hodie: non indigeo hac vicissitudine*: Respondeo, que affáz tinha aprendido em tantos annos a defenganarse das Cortes, que o deixasse o Rey viver retirado consigo, & tratar da sepultura; porèm que aceitava o lugar para hum feu filho, que tinha de pouca idade: *Est servus tuus Chamaam, ipse vadat tecum*. Parece que se implica nesta aççam o amor de Pay, mas explica-se bem o engano do mudo.

2. Reg. 19.

Defenganáraõ a Bercellai os muitos annos proprios, para não querer o Paço para sy, & enganáraõ-no os poucos annos alheos, para querer o Paço para o filho. Não sei que tem o Paço, & os poucos annos, que ainda quando o conhecem os muitos, não se atrevem ao deixar os poucos. Teve conhecimento para o deixar hum velho, não teve animo para o aconselhar a hum moço. Sendo mais facil de dar o conselho, que o exemplo, deo o exemplo Bercellai, mas não se atreveo a dar o conselho. Antes parece que se fustituiu a pay nos annos do filho, para lograr na mocidade alhea, o que na propria velhice não podia. E que não havendo valor na velhice para deixarem totalmente o mundo, ainda aquelles, a quem o mundo deixa; que haja resolução na mocidade, para meter o mudo debaixo dos pès, quem o mudo trazia na cabeça! Oh que bem se defafronta hoje a natureza humana. Lá di-

Ad Gal. dizia S. Paulo: *Mibi mundus crucifixus est, & ego mundo*: O mundo está crucificado em mim, & eu estou crucificado no mundo. Se o mundo estava crucificado em Paulo, tinha o mundo viradas as costas para Paulo: se Paulo estava crucificado no mundo, tinha Paulo viradas as costas para o mundo. E que dè eu as costas ao mundo, quando o mundo me vira as costas; não he muito: mas que quando o mundo me mostra bom rosto, dè eu de rosto ao mundo; esta he a valentia maior. Que quando o mundo se ri de vòs, vòs choreis por elle; ò fraqueza! Mas que quando o mundo se ri para vòs, vòs vos riáis delle; ò valentia!

490 He tão grande valentia esta, que sendo propria das forças da razaõ, não fiou S. Paulo o credito della, senão dos poderes do tempo. Falla S. Paulo de Moyses, & diz assim: *Moyfes grandis factus negavit se esse filium filie Pha-*

*raonis, magis eligens affligi cum populo Dei, &c.* Moyses depois que foi de maior idade, deixou o Paço del Rey Faraõ, deixou a Princesa, deixou quanto allí possuía, & esperava; escolhendo o viver pobre; & sem liberdade, com o povo de Deos no cativoiro do Egypto. O em que reparo aqui he no *grandis factus*: que fez isto Moyses depois de ser de maior idade. E a que vem agora aqui a idade? S. Paulo tratava da resolução, & não dos annos de Moyses. Pois se a resolução estava no animo, & não nos annos, porque diz que era de maior idade Moyses, quando deixou o Paço, & se cativou por Deos? Direi Moyses criárase no Paço del Rey Faraõ desde minino, era todo o mimo, & favor da Princesa do Egypto, que o adoptára por filho, & como tal era servido, & venerado cõ authoridade, & magnificência real. E deixar Moyses a grandeza, & regalo do Paço, deixar o amor de hũa

Prin-

Princesa, deixar a cercania de hũa Coroa, pareceolhe a S. Paulo, que não era fãçanha crível em poucos annos; por isso ajuntou a resolução com a idade, para que a idade dêsse credito à resolução: *Moyfes grãdis factus*. Como se dissera: Ninguem duvide esta gaharda acção de Moyfes, porque quando a fez, era já de maior idade, bem cabia nos seus annos. Ora seja embora a resolução de Moyfes vitoria do tempo, que a grande acção, q̄ nòs celebramos hoje, com ser taõ parecida em tudo o mais, não se pòde gloriar della o tempo, senão a razaõ. Obrou aqui a força da razaõ, o que là fez o poder do tempo: *Elisabeth impletum est tempus*.

### S. III.

491 **E***T audierunt vicini, & cognati ejus, quia magnificavit Deus misericordiam suam cum illa*. Tanto que nasceo S. Joã (diz o Evangelista)

foou logo pelo lugar, que engrãdecéra Deos sua misericordia com Santa Isabel: *Quia magnificavit Deus misericordiam suam*. Notavel dizer! Parece q̄ não està boa a consequencia do texto. O que foou pelo lugar, havia de ser o q̄ succedeo em casa de Zacharias. Succeder hũa coufa, & soar outra, isso acontece nas Cortes lisongeiras, & maliciosas, & não nas montanhas simples. O nosso Evangelho o diz: *Divulgabantur omnia verba hæc*: que o que se divulgava, era o mesmo que succedia. Pois se o que succedeo, foi nascer o Bautista: *Elisabeth peperit filium*; como diz o Evangelista, que o que foou, foi, que engrãdecéra Deos sua misericordia: *Et audierunt, quia magnificavit Deus misericordiam suam?* Grande louvor do Bautista! Quando as vozes diziaõ em casa de Zacharias, que nascéra Joã, repetiaõ os eccos nas montanhas, q̄ Deos engrãdecéra sua misericordia; porque quando Joã



João fae ao mundo, aumētaõse os attributos a Deos: quando Ioaõ nasce, Deos crece. Não he arrojamento, senão verdade muito chãa. Disse-o o mesmo S. Ioaõ, & mais fallava em seus louvores com grande modestia: *Illū oportet crescere, me autem minui*: Importa que elle creça, & que eu diminua. Aquelle (elle) não se refere menos, que ao Verbo humanado. Pois como assim? Deos ainda em quanto humanado não pôde crescer. Como logo diz S. Ioaõ: *Illum oportet crescere*: Importa que elle creça? E dado que podesse crescer, que dependencia tinhaõ os crescimentos de Deos; das diminuiçoens do Bautista? Deos he grande sem depender de ninguem. Como diz logo: *Illum oportet crescere, me autem minui*: Importa crescer elle, & diminuir eu? He possível crescer Deos? E he possível que o seu crescer dependa do Bautista? Sim. Porque ainda que Deos, por ser infinito, nam pôde

crecer em sy mesmo, por ser limitado o conhecimēto humano, pôde crescer na nossa estimaçãõ. E na estimaçãõ dos homens, nem Deos podia crescer sem diminuir o Bautista, nem o Bautista podia diminuir sem Deos crescer. Ora vede como. O conceito que os homens fazião de Deos antigamente, era tal, que quando o Bautista appareceo no mundo, assentáraõ que elle era Deos. Conforme esta resoluçãõ, lhe foraõ offerecer adoraçoens ao dêserto, onde o mesmo S. Ioaõ os defenganou. E como o Bautista, & Deos, na opiniãõ dos homens, erãõ iguaes; tanto que por seu testemunho se desfez esta opiniãõ, necessariamente creceo Deos, & o Bautista diminuiõ. Diminuiõ o Bautista, porque ficou menor que Deos: creceo Deos, porque ficou maior que o Bautista. De sorte, que depois que o Bautista veio ao mundo, ficou Deos, para cõ os homens, maior do que dantes era: porque dantes

Marth.  
II.

era como o Bautista, depois começou a ser maior que elle. Donde se infere, em grande louvor deste grande Santo, que a medida do Bautista he ser menor que Deos, & a medida de Deos he ser maior que o Bautista. Não tenho menos abonado fiador, que S. Agostinho: *Quisquis Ioanne plus est, non tantum homo, sed Deus est.* Sabeis quem he Joáo? He menor que Deos. Sabeis qué he Deos? He maior que Joáo. Com esta differença porèm; que em quanto S. Joáo o nam disse, eraõ iguaes; depois que o testemunhou, começou Deos a ser maior. Que muito logo, q̄ creça Deos nos seus attributos, quando S. Joáo nasce no mudo! *Et audierunt, quia magnificavit Deus misericordiam suam.*

492 Desta maneira crece Deos naquelle tempo, & tambem eu hoje, se a consideração me não engana, o vejo muito crecido. Então creceo nas minguentes de Joáo, hoje crece nas

minguentes do mundo. A pareceolhe a Nabucodonosor aquella taõ repetida, & taõ prodigiosa estatua; & vio o Rey, que tocandolhe hũa pedra nos pès de barro, a estatua se diminuiu a poucas cinzas, & a pedra creceo a grandeza de hum monte: *Factus est mons magnus, & replevit terram.* Para entender esta figura, que he enigmatica, saibamos, quem era a pedra, & quem a estatua. Em sentido de S. Ambrosio, & S. Agostinho, a estatua era o mudo, a pedra era Deos. Pois se a pedra he Deos, como crece a pedra? Deos pôde crescer? E se a estatua he o mundo, como diminue a estatua? O mundo diminuesce? Tudo são effeitos da estimação dos homens. Segundo a estimação q̄ fazemos de Deos, & do mundo, ou crece a estatua, & diminue a pedra, ou crece a pedra, & diminue a estatua. Se pomos a Deos aos pès do mundo, crece o mundo, & diminue Deos, se pomos o mundo aos

S. Aug.

Dan. 2.

Ambr. August.

aos pès de Deos , crece Deos, & diminue o múdo. Deixar a Deos por amor dos nadas do mundo , he fazer a Deos menõr que nada: mas deixar o tudo do mundo por amor de Deos, he fazer a Deos maior que tudo : *Accedet homo ad cor altũ, & exaltabitur Deus.* Bemdito seja elle, que de quantas vezes vemos a Deos tão pequeno , & tão apoucado nas Cortes dos Reys, o vemos hoje tam grande, & tão crecido! Taõ crecido, & tão acrecentado està hoje Deos em sua grandeza , quantas são as grandezas do mundo, que vemos a seus pès arrojadas. A estatua de Nabuco, na estatúra representava grandezas, na materia riquezas, na significação estados, & tudo isto abrazado em fogo do coração se rēde hoje em cinzas aos pès de Christo Ninguem melhor sacrifica a Deos o múdo, que quem lho offerece em estatua. Porque o mundo em estatua he muito maior que sy mēsmo. Para

derrubar com hũa pedra ao Golias, bastou a fundã <sup>Dan. 3.</sup> de David, para derrubar com outra pedra a estatua de Nabuco, foraõ necessarios impulsos ( posto que invisiveis ) do braço de Deos. O Golias tinha de altura seis covados, a estatua tinha sessenta; que nas grandezas mais pomposas do mundo, sempre são maiores os Gigantes, que as estatuas. Nunca as machinas vivas igualaõ a medida das fohadas. Sonha a fantasia, promete a esperança, profetiza o desejo, representa a imaginaçam: & ainda que a foltura destes sonhos, o comprimento destas promessas, o prazo destas profecias, a verdade destas representações nunca chegaõ; mais triunfa o amor divino, quando piza o fantastico, que o verdadeiro: o esperado, que o possuido. Deixar antes de possuir, he usura de merecer; porque quem mais dá, mais merece; & quem dá os bens na esperança, dá-os onde são maiores.

Mm ij res.

res. A melhor parte dos bens desta vida he o esperar por elles: logo mais faz quem se inhabilita para os esperar, que quem se priva de os possuir. Por isso Christo chamou os Principes dos Apostolos, quando lançavaõ as redes, & não quando as recolhião: *Mittentes rete in mare*. Porque mais faz quem deixa as redes lançadas, que quem deixa os lanços recolhidos. As redes quando se lançaõ, levão em cada malha hũa esperança; os lanços quando se recolhem, trazem muita rede vazia.

493 Oh quantas, & quam bem fundadas esperanças, ô quantas, & quam bê entendidas grandezas honraõ hoje em piadoso sacrificio os Altares de Christo! Dizia S. Paulo aos Romanos, que ninguẽ pôde dar a Deos senão o que Deos lhe der primeiro. Mas eu vejo hoje hum espirito tão engenhosamente liberal, que havendo recebido de Deos tanto, ainda lhe offerece mais do que Deos lhe

deo. Não ha duvida, que dos bens temporaes mais liberal he o mundo em suas promessãs, que Deos em suas liberalidades. Não costuma Deos dar tâto, quanto o mundo costuma prometer. Bem se segue logo, que mais dà a Deos quem lhe dà as promessãs do mudo, que quem lhe torna as dadivas suas. Se dais a Deos o que Deos vos dà, dareis muito; mas se dais a Deos o que o mundo vos promete, dais muito mais. Oh quão liberal està com Deos, quem dandolhe as maiores grandezas, ainda busca artificios de lhas dar acrecentadas! E que artificio pôde haver para acrecentar os bens, & grandezas do mundo? Eu o direi: que nos exemplos desta acção não se pôde deixar de aprender muito. Os bens, & grandezas do mudo falsamente se chamaõ bens, porque saõ males, & sem ração se chamaõ grandezas, porque saõ pouquidades. Pois que remedio para fazer das pouquida-

des

Mat. h.  
4.

Ad Roman.  
1.

des grandezas, & dos males bens? O remedio he deixalos, & deixalos em esperanças; porque effes, que o mundo chama grandes bens, só são bens, quando se deixaõ, só são grandes, quando se esperaõ. A esperança lhe dà a grandeza; o desprezo lhe dà a bondade: desprezados são bens, esperados são grandes. E affim: mais dà quem despreza o que espera, que quem dà o que possui. De hũas, & outras: de possuidas, & de esperadas grandezas, são despojos as cinzas, que hoje se rendem aos soberanos impulsos daquella pedra divina. Oh como defaparece a estatua! Oh como crece o monte! De nossas diminuiçoẽs aumeta Deos suas grandezas, de nossos desprezos sua Magestade.

494 Apoc. 4. Lá vio S. Ioaõ no Apocalypse aquelles vinte & quatro Anciãos, que tirando as coroas das cabeças, as lançavão aos pès do trono de Deos: *Mittentes coronas suas ante thronum.* Tornou a olhar o Evange-

lista, & vio, que Deos tinha muitas coroas na cabeça: *Et in capite ejus diademata multa.* Apoc. 4. Pois se as coroas se lançavão aos pès de Deos, como tinha Deos as coroas sobre a cabeça? Porque tanto crece Deos em sua grandeza, quanto desprezão os homens por seu amor. As coroas na cabeça de Deos eraõ aumentos de sua grandeza: as coroas aos pès de Deos eraõ desprezos do amor dos homens; & com as mesmas coroas, que arrojava o desprezo humano, se authorizava a Magestade divina: porque tanto crece Deos nos aumentos de sua grandeza, quantas são as grandezas, que poem aos pès de Deos nosso amor. Diga-se logo, que creceo, & se engrandeceo Deos hoje duplicadamente: hũa vez medido com S. Ioaõ, outra vez medido com o mudo. Ser anteposto ao mundo, & ser preferido a Ioaõ, he crescer muito Deos em sua estimação, & engrandecer-se muito em seus attribui-

tos : *Quia magnificavit Deus misericordiam suam.*

495 *Et venerunt circumcidere puerum.* Vieraõ circumcidar o minino. Suposto que o minino era S. Joaõ, parece que o não haviaõ de circumcidar. A circumcisaõ naquelle tempo era o remedio do peccado original, como hoje o Bautifmo. Pois se S. Joaõ estava já livre do peccado original, se estava em graça de Deos, & santificado nas entranhas de sua mãy, porque se fogeita ao rigor da circumcisaõ? Porque ainda que a circumcisaõ nam lhe tirava o peccado original, de que estava livre, acrescentavalhe a graça da justificaçãõ com que nasceira santificado. E esta he nos servos de Deos a maior fineza da virtude, fogeitarem-se a tomar para aumento da graça, os rigores que Deos deixou para remedio da culpa. A circumcisaõ nos outros homens era remedio da culpa; em S. Joaõ era só aumento da graça; & fogeitar-se S. Joaõ para

maior graça, nas izençoens de innocete aos remedios de culpado! Grande acção: grande sacrificio. Falla Zacharias à letra do maior sacrificio da Ley da Graça, o Santissimo Sacramento da Eucharistia, & diz assim: *Quod bonũ ejus, & quod pulchrum ejus, nisi frumentum electorum, & vinum germinans Virgines?* Que cousa fez Deos boa, que cousa fez Deos fermosa neste mundo, senaõ o paõ dos escolhidos, & o vinho dos castos? Que seja bom, & bonissimo o sacrificio do corpo, & sangue de Christo sacramentado, não haverà quem o negue. Mas que diga o Profeta, que não ha outro taõ bom como elle: *Quod bonũ ejus, & quod pulchrum ejus?* Não fei como o havemos nõs de conceder. E para que nam vamos mais longe: o sacrificio do corpo, & sangue de Christo na Cruz, não he taõ bom como o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento? He o mesmo sustancialmente.

te. Pois porque diz Zacharias, que o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento he melhor que todos? A razão da ventagem eu a darei. O sacrificio do corpo, & sangue de Christo na Cruz, foi sacrificio para remedio de peccado: o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento, he sacrificio para aumento de graça. Ainda que em Christo não havia peccados proprios, né merecia graça para sy, tinha com tudo tomado por sua conta a satisfação de nossos peccados, & os meyoys de nossa justificação. E que sacrificio tanto Christo na Eucharistia para aumento da graça, quanto sacrificou na Cruz para remedio da culpa! Que empenhe corpo, & sangue para aumentar merecimentos à innocencia, como empenhou corpo, & sangue para alcançar perdão ao peccado! He circumstancia de sacrificio tão relevante esta, que da mesma identidade tira dif-

ferenças; & da mesma igualdade vêtagens: *Quod bonum ejus, & quod pulchrum ejus?* Tal foi o acto da circuncisão do Bautista comparada com a dos outros filhos de Adam. O corpo, & sangue que os outros deraõ ao golpe da circuncisão para remedio da culpa, deo-o S. Ioaõ [que a não tinha] só para aumentos da graça; & que se sacrifique hum innocente, para crescer na graça, ao que está foyeito o peccador para remediar a culpa! Grande acção do Bautista. Mas não foi sua só esta vez, nem sua sómente.

496 Duas innocencias temos hoje foyeitas aos remedios da culpa: ambas condenadas ao rigor, & ambas ao habito da penitencia; que taes injustiças como estas sabe fazer o amor divino. Condena innocencias como culpas, castiga merecimentos como delitos. Que fação grande penitencia os grandes peccadores, he muito justo: que a penitencia he re-

medio do peccado. Mas que o Bautista se desterre ao deserto, se condene ao cilicio, se castigue com o jejum; minino, em que peccou vossa innocencia? Hú corpo delicado condemnado a tanta aspereza! Húa alma innocente castigada com tanto rigor! Se o Bautista fora o maior peccador, que havia de fazer senam isto? Mas isto fez, porque havia de ser o maior Santo. Não pôde chegar a mais o mais fervoroso desejo da fantidade, que fogueitar-se aos remedios do peccado, quem goza os privilegios da innocencia. Encarece S. Paulo o amor de Christo para có os homens, & diz desta maneira aos Corinthios: *Qui peccatum non noverat, pro nobis peccatum fecit.* Amou o Filho de Deos tanto aos homens, que naõ tendo conhecimento de peccado, se fez peccador por amor delles. Estranha sentença! Christo naõ era innocentissimo, antes a mesma innocencia? Por razão da

2. Ad  
Corint.

uniaõ ao Verbo sua alma não era impeccavel? As mesmas palavras o dizem: *Qui peccatum non noverat.* Pois como pôde caber delito na innocencia: como pôde ser, que o impeccavel se fizesse peccador: *Pro nobis peccatum fecit?* Respondo. O impeccavel não se pôde fazer peccador de culpas, mas pôde se fazer peccador de penas. Nam pôde cometer peccado quanto à culpa, mas pôde se fogueitar à pena do peccado, como se o cometéra. Isto he o que fez Christo por amor de nõs, & isto he o que muito encarece S. Paulo em seu amor: *Qui peccatum non noverat, pro nobis peccatum fecit.* Nam pôde o amor chegar a maior extremo, não se pôde adelgaçar a maior fineza, que a fazer-se peccador nas penas, quem he innocente nas culpas. Que o peccador de culpas se faça peccador de penas, busca na penitencia o remedio de seu peccado: mas fazer-se peccador de penas o innocente



cente de culpas, he buscar na penitencia o defafogo de seu amor. A penitencia no peccador paga, no innocente obriga: naquelle, pelo que offendeo, neste, pelo que ama: vede quaes agradarão mais a Deos, se as satisfaçoens de offendido, se as obrigaçoens de amado?

497. O igualméte amado, que amante Senhor! cõfenti os termos da igualdade, quanto entre o divino, & humano se permite, pois vemos hoje as finezas de voffo amor competidas, como as dividas de nossa obrigação desempenhadas. Húa alma innocente de culpas, mas peccadora de penas, húa innocencia em habito penitente vos offerece hoje a terra, Esposo do Ceo, que estas são as cores de voffo pensamento, estas as galas de voffo amor, estas as purpuras do voffo Reyno. *Filia Babylonis induitur purpura, & bysso,* (dizia S. Bernardo em semelhante acção à Virgem Sophia)

*& subinde conscientia pannosa jacet: fulgent monilibus, moribus sordent. E contractu, foris pannosa, intus speciosa resplendes, sed divinis aspectibus non humanis: intus est quod delectat, quia intus est quem delectat.* NÉ a romancear me atrevo estas palavras, por que em tanta differença de eleiçoens, ou se ha de topar cõ o aggravado, ou com a lisonja. *E contractu* (só isto quero repetir) *foris pannosa, intus speciosa resplendes:* Pelo contrario vós, ô esposa de Christo (diz S. Bernardo) como dentro tendes a quem quereis agradar, por dentro trazeis as galas: por fóra vestida de sayal, por dentro de resplandores: *Foris pannosa, intus speciosa resplendes.* Verdadeiramente, q quando reparo nestas palavras, me parece que vejo já sinaes do dia do Iuizo. Hum dos sinaes do dia do Iuizo será (como diz S. Ioaõ no Apocalypse) *Solfactus est niger taquam saccus cilicinus.*

**E se**

Apos. 6.

Bern.

E se já veniõs vestido de cilicio o Sol, se mortificadas suas luzes, se penitentes seus resplandores, debaixo da aspereza de tão grosseiros ecclipses; que havemos de dizer? Que se acaba o mundo? Que he chegado o dia do Juizo? Com muita propriedade se pôde dizer assim; porque melhor merece o nome de dia do Juizo aquelle em que o mundo se deixa, que aquelle em que o mundo se acaba. Quanto mais, que tambem se acaba o mundo para quem acaba com elle. Como cada hum de nós tem o seu mundo, o universal acaba com todos, o particular acaba có cada hum. E que muito, que se vejaõ sinaes do dia do Juizo em húa alma para quem hoje se acaba o mundo! Mas perguntára eu ao Sol, porque se veste de penitencia? Por culpas? Não; que o fez innocente a natureza. Pois porque? Para os olhos do mundo por luto, para os olhos de Deos por gala. Vestefe de

penitencia o Sól, sendo innocente, porque não ha sacrificio mais fermoso aos olhos de Deos, que huma innocencia illustre em habito de penitencia.

498 Aquellas péllas de que Deos vestio aos primeiros senhores do mundo, estavaólhe muito mal a Adão, mas estavaólhe muito bem a Abel. A Adam estavaólhe muito mal, porq' erão habito de peccado com penitencia, a Abel estavaólhe muito bem, <sup>Genes. 3.</sup> porque erão habito de penitencia sem peccado: em Adão erão habito de penitenciado, em Abel erão habito de penitente. Esta grande differença ha entre a penitencia dos peccadores, & a penitencia dos innocentes; que a penitencia dos peccadores he remedio, a penitencia dos innocentes he virtude. Nam quero dizer, que os actos de penitencia no peccador; & no innocente não sejão virtuosos sempre. Sõ digo, que os peccadores tomão a virtude da penitencia pe-

lo que tem de remedio, os innocentes tomaõ o remedio da penitencia pelo que tem de virtude. Donde se segue: que a penitencia honra os peccadores, os innocentes honraõ a penitencia. A penitencia honra os peccadores, porque lhe tira a afronta do peccado, os innocentes honraõ a penitencia, porque lhe tiraõ a mistura de remedio. Oh ditoso Bautista, õ ditosa alma imitadora vossã: ambos em habito de penitentes; & ambos honradores da penitencia. Ditofos vòs, que fazeis trofeos de victoria os instrumentos do desagravo, & gozais a prerogativa de penitentes, sem o desar de arrependidos. Em vòs he virtude, o que nos outros he remedio, em vòs eleição, o que nos outros necessidade. Sõ em vòs naõ he remedio do peccado a penitencia, sendo que só a vossã penitência poderà ser remedio do peccado. Porque offensas naõ merecidas, quaes saõ as de Deos, só se pagão com castigos

naõ merecidos, quaes saõ os dos innocentes. O merecimento offendido só o pôde satisfazer a innocencia castigada. Oh que grande sacrificio para Deos! Oh que grande lisonja para o Ceo! Là disse Christo, que Luc. 15. faz maior festa o Ceo ao peccador penitente, que ao justo sem penitencia. Pois se a innocencia do justo agrada muito, & a penitencia do peccador agrada mais; quanto agrada à aquelle excellente estado, que abraça a perfeição de ambos, & ajunta a penitencia de peccador com a innocencia de justo? Isto he o que fez o Bautista hoje na circuncisaõ, sojeitandoizençoens de innocencia a remedios de peccado: *Et venerunt circuncidere puerum.*

## S. V.

499 **E**T vocabat eum nomine patris sui Zachariam. Feito o acto da circuncisaõ, tratou-se de dar nome ao minino, & querião os circunstantes,

tes , que se lhe puzesse o nome de seu pay, & que se chamasse Zacharias. Ouvio isto S. Isabel, & disse: *Nequaquam*, Por nenhum caso : não se ha de chamar assim. E porque razão ? Porque não se ha de chamar Zacharias o filho de Zacharias ? Não era nome santo ? Não era nome illustre ? Não era nome authorizado ? Não era nome glorioso ? Sim era, mas era nome de pay : *Vocabant eum nomine patris sui*. E o nome dos pays, quanto mais illustre, quanto mais glorioso, tanto menos o ha de tomar quem professã servir a Deos , como professãva o Bautista. No nome perpetuase a memoria dos pays : na Religião professãse o esquecimento delles: *Obli-*

Psal. 44.

*viscere populum tuum , & domum patris tui*. E como o Bautista havia de ser ( como foi ) primeiro fundador, & exemplar de Religiosos ; não quiz prudente S. Isabel, que tomasse o nome de Zacharias ; porque não era justo, que conser-

vasse a memoria dos pays no nome, quem professãva o esquecimento dos pays na vida. Quereis que se chame Zacharias, porque he nome de seu pay ? Allegais contra vòs. Antes porque he nome de seu pay, senão ha de chamar assim : *Vocabant eum nomine patris sui Zachariam, & ait mater ejus: Nequaquã*. Que grandemente imitado, se bem em parte excedido vemos hoje este exemplo do grande Bautista. S. Lucas, porque escrevia para a memoria dos futuros, detevese neste lugar em contar a genealogia dos pays de S. Joãõ ; eu que fallo aos olhos dos presentes , nam me he necessario determe em tão sabido, como tambem me não fora possivel em tão grandioso assumpto. Muito fez quem deixou o nome de Zacharias, authorizado assim com hũa teara ; mas muito mais faz quem deixa o gloriosissimo nome de Guilmão ( glorioso no Ceo, & na terra ) cujo Real , & esclarecido :  
fan-

fangue se teceõ sempre nas purpuras de toda Europa; & hoje com mais gloria, que em nenhũ outro Reyno ( posto que com igual magestade em tantos ) o vemos felizmente coroadado, & veremos em immortal descendencia, no nosso de Portugal. Este he o famosissimo em todas as idades: o eminentissimo em todas as pessoas: o affinaladissimo em todas as empresas: o celebradissimo em todas as historias, nome de Gusmão; & este he o que hoje vemos deixado pelo humilde da Cruz. Não sei se admire nesta eleição o virtuoso, se o discreto. Emfim a virtude, & o entendimento tudo me parece Angelico.

500 Quando os Anjos no sepulchro de Christo perguntáraõ às Marias o que buscavaõ, usárão de diferentes termos ( següdo diversos Evangelistas. ) O Anjo de S. Matheos perguntou, se buscavão a Jesu crucificado: *Iesum, qui crucifixus est, quaritis.* O Anjo

de S. Marcos perguntou, se buscavão a Jesu Nazareno crucificado: *Iesum quaritis Nazarenũ crucifixũ.* Pois se o Anjo de S. Marcos chamou a Christo Jesu Nazareno crucificado; porque razão o Anjo de S. Matheos lhe chamou Jesu crucificado sómente, & nam fallou no Nazareno? O melhor comentador dos Evangelistas, o doutissimo Maldonado, notou advertidamente, que o Anjo de S. Matheos appareco como Anjo, & o Anjo de S. Marcos appareco como homem: *Matthæus Angelum, Marcus hominem appellat.* He do Texto. Porque S. Matheos diz assim: *Angelus Domini descendit de Cælo, qui dixit mulieribus:* Hum Anjo do Senhor deceo do Ceo, que fallou às mulheres. E S. Marcos diz assim: *Intrantes monumentum, viderunt juvenem sedentem.* Entrando no sepulchro, virão hũ mancebo assentado. E como o que fallou às Marias em S. Marcos, era homem, & em S.

Marc.  
16.

S. Matheos era Anjo; por isso o de S. Marcos chamou a Christo Jesu Nazareno crucificado, & o de S. Matheos chamou he Jesu crucificado sômente, & nam fallou no Nazareno. Ora notai. Entre o Nazareno, & o crucificado havia esta differença em Christo; que o Nazareno era nome dos pays, o crucificado era nome da Cruz: & antepór o nome de Nazareno ao de crucificado, antepór o nome dos pays ao nome da Cruz, isso fazem os Anjos, que são como homês; mas tomar o nome de crucificado, & callar o de Nazareno, tomar o nome da Cruz, & deixar o nome dos pays, isso fazem os Anjos, que são como Anjos. O Anjo de S. Marcos, que fallou como homem da terra: *Viderunt juvenem sedentem*: antepoz o nome dos pays ao nome da Cruz: *Iesum quæritis Nazarenum crucifixum*. O Anjo de S. Matheos, que fallou como Anjo do Ceo: *Angelus Domini descendit de Cælo*: to-

mou o nome da Cruz, & deixou o nome dos pays: *Iesum, qui crucifixus est, quæritis*. Oh discrição mais que humana! Oh eleição verdadeiramente Angelica! Sei eu, que as Marias ouviraõ os Anjos, mas nenhũa dellas aprendeo a mudar o nome. Maria Magdalena não se chamou da Cruz, senão Magdalena: Maria Cleofé nam se chamou da Cruz, senão Cleofé. Não soubéraõ deixar o nome dos pays, & tomar o da Cruz aquellas Marias, porque estava este religioso primor guardado para outra, que na devação havia de vencer as Marias, & na discriçam igualar os Anjos.

501 Mas assim como em casa de Zacharias se levantou questaõ sobre o nome do Bautista; assim he bem que a tenhamos hoje aqui sobre este nome da Cruz. Quem lá contradisse o nome de Joaõ, foraõ as pessoas mais authorizadas, que assistiaõ à celebri-  
dade da festa: *Qui venerant*

Tolet;

cele-

*celebritatis gratia*: comen-  
ta o Cardeal Toledo. Qué  
aqui impugnará o nome da  
Cruz, será també a pessoa  
mais authorizada, q' assiste  
à celebridade da festa, que  
he, quem? Christo sacra-  
mentado. E assim como lá  
diziaó, que não se havia de  
chamar Joáo, senáo Za-  
charias: assim cá diz Chri-  
sto, que não se havia de  
chamar da Cruz, senáo do  
Sacramento. Não he ima-  
ginação sem fundamento  
minha; he acomodação  
verdadeira, tirada, com to-  
da a própria de, do Tex-  
to: O nome que lá queriaó  
dar ao Baptista, era Zacha-  
rias. E Zacharias que quer  
dizer? Quer dizer: *Me-  
moria Domini*: A memoria  
do Senhor. Isso mesmo he  
o Santissimo Sacramento  
da Eucharistia. He a me-  
moria do Senhor, que elle  
nos deixou por prendas  
em sua ausência: *Hæc quo-  
tiescunque feceritis, in mei  
memoriam facietis*. Está  
fundado. Agora pergunto  
eu. E que razão tem Chri-  
sto sacramentado para di-

zer, que não quer que o  
nome seja da Cruz, senam  
do Sacramento? A razão  
he muito forçosa. Porque  
professar Religião, mais he  
sacramentar-se, que crucifi-  
car-se. Todos os Santos có-  
mummente chamaó cruz  
ao estado Religioso; mas  
com licença sua, eu digo,  
que o estado Religioso  
tem mais do Sacramento,  
que da Cruz. A razão em  
que me fundo, he esta. Por-  
que na Cruz morreo Chri-  
sto húa só vez; no Sacra-  
mento morre todos os dias.  
O sacrificio da Cruz foi  
cruento, mas foi unico; o  
sacrificio do Altar he in-  
cruento, mas he quodia-  
no.

502 A maior fineza do  
amor he morrer: *Maiorem* <sup>Joann.</sup>  
*charitatem nemo habet*, mas <sup>5.</sup>  
tem hum grande defar esta  
fineza, que quem a faz, não  
póde fazer outra. He a ma-  
ior fineza, mas he a ultima.  
E como Christo amava  
taó extremamente aos ho-  
mens, & via que morren-  
do na Cruz se acabava a  
materia a suas finezas; que  
fez?

fez? Inventou milagrosamente no Sacramento hū modo de morrer sem acabar, para morrendo poder dar a vida, & não acabando poder repetir a morte. Esta he a vantagem, que leva em Christo o amor, q̄ nos mostrou no Sacramento, ao amor que nos mostrou na Cruz. Na Cruz morreo hūa vez; no Sacramento morre cada dia: na Cruz deo a vida; no Sacramento perpetuou a morte: A Espoſa, como quem melhor as sabe avaliar, nos dirá a verdade desta fineza: *Fortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus a mulatio.* O amor se he grande [que isso quer dizer *dilectio*] he como a morte; & se he maior (que isso quer dizer *emulatio*) he como o Inferno. Notavel dizer! Porque razaõ compara Salamaõ o amor grande à morte, & o amor maior ao Inferno? Eu o direi. Entre a morte, & o Inferno ha esta differença, que a morte tira a vida, o Inferno perpetúa a morte. Por isso o

Cant. 8.

amor grande se compara à morte, & o maior ao Inferno; porque mais he perpetuar a morte, que tirar a vida: tirar a vida, he morrer hūa vez; perpetuar a morte, he estar morrendo sempre. Eis aqui a defiguldade do amor de Christo na Cruz, & no Sacramento. Competio o amor de Christo no Sacramento, & o amor de Christo na Cruz; o da Cruz foi como o da morte, porq̄ chegou a tirar a vida: *Fortis est ut mors dilectio*; o do Sacramento foi como o Inferno, porque passou a perpetuar a morte: *Dura sicut Infernus emulatio.* E muito mais foi perpetuar a morte, que tirar a vida; porque tirar a vida, he morrer num instante, perpetuar a morte, he morrer toda a vida.

503 Eis aqui a razaõ porque o estado Religioso se parece mais com o Sacramento, que cõ a Cruz. Na Cruz morrese hūa só vez, no Sacramento morrese cada dia. Sei que disse S. Agostinho, que só os

Mar.



Martyres pagão a Christo a fineza que fez em se deitar no Sacramento, porque morrem por quem morre por elles: *Qui accedis ad mensam Principis debes similia preparare, hoc beati Martyres fecerunt.* Mas esta razão de S. Agostinho (dênos licença o lume da Igreja) impugnase facilmente. Porq̃ muitas mortes não se pagão com hũa só morte: Christo no Sacramento morre todos os dias, os Martyres morrem hũa só vez; logo não pagão os Martyres a Christo no Sacramento. Pois que diremos a isto? Digo que os Martyres pagão a Christo na Cruz, os Religiosos pagão a Christo no Sacramêto. Os Martyres pagão a Christo na Cruz, porque morrem hũa vez, por quê hũa vez morreo por elles: os Religiosos pagão a Christo no Sacramento, porque morrem cada dia, por quem morré por elles todos os dias. Ha quem o diga? Não he menos Religioso, que o exemplar de

Tom. 7.

todos, S. Paulo: *Quotidie morior.* Cada dia morro. De maneira, que assim como Christo no Sacramêto inventou hum modo de morrer sem acabar, para morrendo poder dar a vida, & nam acabádo poder repetir a morte; assim os Patriarcas das Religioens (& melhor que todos o Serafico em seu divino Instituto) parecendolhe pouco amor não morrer, & pouca morte, morrer hũa só vez; achárao este modo milagrosamente natural de viver morrédo, para na morte multiplicarem as entregas da vida, & na vida perpetuarem os sacrificios da morte.

504 Grande lugar do Protopatriarca das Religioens S. Basilio. Falla o grande Basilio das cellas das Religioens mais estreitas, & diz, que a cella de huma Alma Religiosa he emula, he competidora da sepultura de Christo: *O cella Dominice sepulturæ æmula!* Pois saibamos; que calidades tem hũa cella para

Nn tão

taõ nobre competencia? Em que presumpçoens se funda esta emulação? Que se compare a cella a qualquer sepultura; justa semelhança: porque onde o habito hum ataude, as paredes taõ estreitas, & có taõ pouca luz, como estas que vemos, muito ha de sepultura. Sepultura sim: mas sepultura naõ outra, senão a de Christo; porque razãõ? Porque nas outras sepulturas mora só a morte; na sepultura de Christo morou a morte, & mais a vida juntas. Na sepultura de Christo esteve a vida morta, & a morte resuscitada: & taes são as vossas cellas, õ Religiosos espiritos: *O cella dominice sepultura amula, quæ mortuos suscipis, & reviviscere facis.* O cella verdadeiramente imitadora da sepultura de Christo, pois estã em ti a vida morta, & a morte resuscitada: a vida morta, porque naõ tem usos a vida; a morte resuscitada, porque tem alentos a mor-

te. Es hũa suspensãõ gloriosa de morte, & vida (se bem gloriosa com pena) onde posta a alma nas rayas do viver, & morrer, participa indecifamente o mais rigoroso de ambas; infensivel, como morta, para o gozoso da vida: sensitiva, como viva, para o penoso da morte. Em ti se vê multiplicado o milagre natural da Feniz, sendo patria, & sepulchro quotidiano, onde se morre à vida, & se nasce à morte, faltando cinzas, mas nam faltando incendios. Em ti, (& com maior propriedade hoje] se vê verdadeira a metafora dos orizontes, sendo oriente, & occaso juntamente, onde o Sol no mesmo instante morto, & nascido resuscita a hum emiserio, quando se sepulta a outro. Em ti finalmente (com feres a melhor parte do Paraifo) se vê sem fingimento a fabula do Inferno, sendo cada Religioso espirito hum Ticio em bemavéturança de penas, que não podendo morrer, para

para morrer mais vezes, tem morta a vida, & immortal a morte: *Semper que renascens non perit, ut possit saepe perire.* Não he muito, que ache ez comparações no Inferno ao maior sacrificio, quando no Inferno as buscou a Alma Santa ao maior Sacramento. De hũ, & outro se pôde dizer com grande semelhança: *Dura sicut Infernus emulatio.* E como o sacrificio da Religião, por ser morte perpetuada, se parece mais com o Sacramento, que com a Cruz; sendo o officio dos nomes declarar a essencia das cousas; parece q̄ quem professa Religião, nam se deve chamar da Cruz, senão do Sacramento: *Et vocabant eum nomine patris sui Zachariam, hoc est, memoriam Domini.*

## S. VI.

505 **C**OM tudo responde S. Isabel: *Nequaquam.* Por nenhum caso. E com muita razão. Porquê? Pela mes-

ma, que o persuade. Porq̄ se o nome do Sacramento diz tudo o que ha no estado Religioso, & o nome da Cruz diz menos, pelo mesmo caso se deve tomar o nome da Cruz, & não o do Sacramento. Na eleição dos nomes ha hũa grande differença tomada dos fins porque se elegem: os nomes que se tomão por verdade dizem tudo, os que se tomão por vaidade dizem mais, os que se tomão por humildade dizem menos. E como a mesma humildade, que desprezou a grãdeza dos nomes paternos; foi a que fez a eleição do nome Religioso; por isso com discreta impropriedade escolheo o nome diminutivo da Cruz, em que he mais o que se calla, que o que se diz. Como respondendo a Christo sacramentado, com o mesmo nome do Sacramento quero confirmar a reposta. O Sacramento do Altar chama se corpo, & sangue de Christo. Esse nome lhe deo o mesmo Senhor: *Hoc est corpus meum:*

Nn ij

*meum : Hic est Calix sanguinis mei.* Pergunto: E ha no Sacramento mais algũa cousa? Ha alma, & ha divindade. Pois se no Sacramento não só está corpo, & sangue, senão também alma, & divindade, porque senão chama corpo, & alma, sangue, & divindade de Christo, senão corpo, & sangue sómente? Porque este nome deo-o Christo ao Sacramento na hora em que se quiz mostrar mais humilde. A hora em que Christo se mostrou mais humilde, foi a mesma em que instituiu o Sacramento de seu corpo, & sangue, dispondo aos Apostolos cõ a pureza do lavatorio: & a sy com a humildade de lhe lavar os pès. E como Christo poz o nome a este mysterio com advertencias de humilde, por isso declarou sómente o menos que nelle havia; que os nomes, que compoem a humildade, se pre callão mais do que dizem. O que diz, he corpo, & sangue; o que calla, he alma, & divindade. O mes-

mo passã no nosso caso; que ainda q̃ senão tomou o nome ao Sacramento, feguioselhe o exemplo. Deixate o nome do Sacramento, porque diz mais, tomase o nome da Cruz, porque diz menos; que se preza o verdadeiro amor, do que he, & não do que significa. Bastelhe a Religião ser Cruz *ex vi verborum*, ainda que seja muito mais *per concomitantiam*. Tão justo foi logo deixarse o nome de Zacharias quanto à significação, como quanto à realidade: *Et ait mater ejus: Nequaquam.*

## §. VII.

506 **A** Cabou senos o Thema; & se me não engano tenho ponderado todas as clausulas delle, com algũa semelhança às obrigações deste dia. Mas também vejo, que reparariaõ os mais curiosos, em que passei em silencio aquellas palavras: *Audierunt vicini, & cognati, & congratulabantur ei.* Confesso,

fefso, que não fallei nestas palavras; & tambem confesso, que as deixei, porque não achei nellas semelhança, senão muita differença do nosso intento. *Cognati, & vicini congratulabantur ei.* Lã no nascimento do Bautista diz o Evangelho, que os parentes, & os visinhos estavaõ muito contentes, & agradecidos; porẽm cã não he assim. Tãõ fóra estãõ de poderem estar cõtentes os visinhos, & os parentes; que antes o parentesco, & a visinhança té razãõ de estar queixosos. Tem razãõ o parentesco de estar queixoso, porque se vê a sy deixado: tem razãõ a visinhança de estar queixosa, porque vê os estranhos preferidos. Quando o sangue se vê deixado, porque não ha de estar queixoso o parentesco? E quando as Estrangeiras se vem preferidas ás naturaes, porque não ha de estar queixosa a visinhança? Não se diga logo aqui: *Cognati, & vicini congratulabantur ei.* Acudo a estas

Tom. 7.

duas queixas, &amp; acabo.

507 Primeiraméte digo, que não tem razãõ o parentesco de estar queixoso; porque quando as obrigaçoens do sangue se deixaõ por amor de Deos, não he fazer offensa, he fazer lisonja ao parentesco. Da parte de quem he deixado he sacrificio, mas da parte de quem deixa he lisonja. Tudo provo. Hospedou Martha a Christo em sua casa, & tinha esta senhora hũa irmã, a quem o Texto chama Soror Maria: *Et huic erat Soror nomine Maria:* a qual se retirou com Christo; & assentada humilde a seus pès, o estava ouvindo, & contemplando. Chegou Martha ao Senhor, & disselhe: *Domine, non est tibi cura, quòd Soror mea reliquit me solam ministrare?* E bem Senhor, tanto vos descuidais de mim, que não vedes, que minha irmã me deixou só? Esta foi a historia; duas são as minhas ponderaçoens. Digo que Martha na queixa que fez de Ma-

Luc. 12.

Nn iij ria

ria offereceo hum grande sacrificio a Christo, & Maria na occasião, que deo à queixa, deo hũa grande satisfacção a Martha.

508 Difficulto assim. Christo não foi o que chamou a Maria; Maria foi a que se assentou a seus pés sagrados. Pois se a occasião justa, ou injusta da queixa a deo Maria, & não Christo; porque propoê Martha a sua queixa a Christo, & não a Maria? Porque Martha nesta acção nam pertendeo tanto dar queixas de Maria, quanto offerecer sacrificios a Christo. Como se dissera Martha: Não cuideis, Senhor, que só Maria he a que faz as finezas, que eu tambem vos offereço as minhas. Maria sacrifica sua devaçãõ, eu sacrificio minha soledade: *Reliquit me solam ministrare.* Ella offerecevos o estar com vosco, eu offereçovos o estar sem ella. De forte que em hũa acção havia alli dous sacrificios: hum de Maria, porque se fora para Christo, outro de Martha,

porque a deixára Maria. Mas destes dous sacrificios qual he maior; o de Maria, ou o de Martha? Eu nam me atrevo a dar sentença nesta causa. Sò digo, que se neste lugar prégára S. Pedro Chrysologo, havia de dizer, que o sacrificio de Martha era maior que o de Maria. Pergunta S. Pedro Chrysologo, quem fez mais, se Abraham em sacrificar a Isaac; se Isaac em se offerecer ao sacrificio? Resolve q̄ Abraham, & verdadeiramente tem a Escritura por sua parte. Pois se Isaac era a victima, que havia de ficar morto: se Abraham era o Sacerdote, que havia de ficar vivo; como era, ou como podia ser, que o sacrificio fosse maior em Abraham, que em Isaac? A razão he esta. Porque Isaac sacrificava a sua pessoa, Abraham sacrificava a sua soledade: Isaac offerecia-se a ficar sem vida, Abraham offerecia-se a ficar sem Isaac. E segundo o muito q̄ Abraham amava aquelle filho, maior sacrificio

crifício fazia em o dar a elle, que elle em se dar a sy. Bem digo eu logo, que foi grande sacrificio, o q̄ Martha offereceo a Christo entre suas queixas, pois lhe sacrificou não menos que a soledade de Maria: *Reliquit me solam ministrare.*

509 E que Maria na mesma occasião, que deo à queixa, deo hũa grande satisfação a Martha, não ha duvida. Porque? Porque deixar Maria a Martha não por amor de outré, senão por estar com Christo, foi dizerlhe claramente: que fazia tão grande estimação de sua companhia, que só por Deos a podéra deixar, & só com Deos a podia suprir. Vendo os filhos de Israel, que havia quarenta dias, que faltava Moyses, por estar fechado com Deos, determináraõ abalar do pè do monte, & irse. Foraõ se ter có Araõ, & disseraõ assim: *Fac nobis Deos, qui nos precedant: Moysi enim huic viro nescimus quid acciderit: Araõ, facite nos hum Deos, q̄ nos*

acompanhe, porque nam sabemos que feito he deste homem Moyses. Linda cõsequencia por certo! Dai cã hum Deos, porque falta Moyses. Moyses nam era homem? Elles mesmos o dizião: *Moysi enim huic viro.* Pois se Moyses era homem, porque pediam hum Deos em falta de Moyses? Porque ha presenças, que só por Deos se pòdem deixar; & ha ausencias, que só cõ Deos se pòdem suprir. Como os Hebreos amavão tanto ao seu Moyses, & se vião forçados ao deixar, faziaõ este discurso. Já que se ha de deixar Moyses, só por hum Deos se ha de deixar; & já que se ha de suprir com outrem o seu lugar, só com hum Deos se ha de suprir. Por isso pediã a Araõ hum Deos, & não outro substituto daquella ausencia: *Fac nobis Deos, qui nos precedant.* Esta satisfação deraõ os Israelitas a Moyses, quando o queriaõ deixar; & esta foi a satisfação, que deo Maria a sua irmã, quando a deixou.

Nnũij Dei-

Deixou de estar com ella, mas por estar com Deos: *Qua etiam sedens secus pedes Domini.* Não tem logo razão o parentesco hoje de se mostrar sentido, ou queixoso, senão contente, & agradecido: *Cognati congratulabantur ei.*

510 *Et audierunt vicini.* Também senão deve queixar a vizinhança de ver as Estrangeiras preferidas às naturaes. E porq? Porque húa alma, que por mais servir a Deos quiz ajuntar a clausura com a peregrinação, necessariamente ouve de deixar os naturaes, & buscar os Estrangeiros. Húa das cousas que muito agradou sempre a Deos em seus servos, foi a peregrinação. Por isso mandou a Abraham, que sahisse peregrino de sua patria: por isso quiz que peregrinasse Jacob em Mefopotamia, Joseph no Egypto: & ao mesmo povo querido de Israel, porque o escolheu para sy, o fez peregrinar inteiro tantas vezes, & por tantos annos. E como

Gen. 12.  
Gen. 29.  
Gen. 39.

Deos se agrada tanto dos peregrinos ( que tambem <sup>Matth. 2.</sup> o quiz ser neste mundo ) que faria húa alma desejoza de agradar muito a Deos, vendose obrigada à clausura pelo seu estado, & inclinada à peregrinação pelo gosto divino? Peregrinação, & clausura nam podem estar juntas: pois que remedio? O remedio foi, entrando em Religião, escolher hum Mosteiro de Estrangeiras; para q viesse desta maneira a achar juntas a clausura, & a peregrinação: a clausura no lugar, a peregrinação na companhia. Quem cuidaria, que era possível estar juntamente em Portugal, & peregrinar em Flandes? Pois isto he o que vemos hoje com nossos olhos.

511 Falla David da peregrinação dos filhos de Israel para Palestina, & diz assim: *Cum exiret de terra Aegypti, linguam quã non noverat audivit.* Quando o Povo sahio do Egypto, ouvio a lingua, que não entedia. Particular modo de reparar!

Pal. 85.



parar! Se David ponderava a peregrinação dos Israelitas, parece que havia de dizer, que passáráo climas incognitos, que caminharáo terras desconhecidas. Pois porque não repára nas terras, senão nas linguas? Porque não diz, que andaráo por terras estranhas, senão que ouviram linguas estrangeiras? Porque julgou discretamente o Profeta, que a formalidade da peregrinação não consistia tanto na mudança dos lugares, quanto na diferença das linguas. Nam está o ser peregrino na estranheza das terras que se caminhaó, senão na estranheza da gente com que se trata: *Cum exiret de terra Aegypti, linguam quã non noverat audivit.* Sahir do Egypto para onde se ouve outra lingua, isso he peregrinar. E se he verdadeiro peregrinar o viver entre gente de lingua estranha, bem digo eu, que se viraó aqui juntas milagrosamente a clausura, & a peregrinação: a clausura no lugar,

a peregrinação na companhia. Não deve logo de estar queixosa a visinhança, posto que a queixa parecia justificada; antes té obrigação as Religiosas Portuguezas de se edificarem, & alegrarem muito de verem ( sobre hum tão grande exemplo ) hum tão novo, & particular espirito na profissão de seu estado; trocando as apparencias do sentimento em motivos de parabens: *Vicini congratulabantur ei.*

512 Temos acabado o Sermão, & com elle as Victorias do Impossivel, que assim se chama. Doulhe este nome, não só por ser Sermão do Nascimento do Bautista, com o qual prouou o Anjo, que nada era impossivel a Deos: *Quia* Luc. 12 *non erit impossibile apud Deum omne verbum;* senão por ser Sermão desta profissão solemnißima, que celebramos, na qual sem haver reparado, deixo provados seis impossiveis. No nascimento do Bautista vence se hum impossivel, que

que foi ajuntarse esterilidade com parto: *Elisabeth peperit filium.* No acto desta profissão vencêraõse feis impossiveis, que foraõ os que ordenadamente vimos em seis discursos. No primeiro, ajuntarse a Corte com o deserto. No segundo a mocidade com o defengano. No terceiro a grandeza com o desprezo. No quarto a innocencia com o castigo. No quinto a vida com a morte. No sexto a clausura com a peregrinação. E seis impossiveis vencidos na terra, que devem esperar, senão seis coroas ganhadas no Ceo? Darvos-ha no Ceo, Esposa ferrenissima de Christo, a Corte com o deserto húa coroa de solitaria entre o Coro dos Eremitas. A mo-

cidade com o defengano húa coroa de prudente entre o Coro dos Doutores. A grandeza com o desprezo húa coroa de humilde entre o Coro dos Apostolos. A innocencia com o castigo húa coroa de penitente entre o Coro dos Confessores. A vida com a morte húa coroa de mortificada entre o Coro dos Martyres. A clausura com a peregrinação húa coroa de peregrina entre o Coro das Virgens. Assim triunfa, quem assim vence: assim alcança, quem assim merece: assim goza, quem assim trabalha: assim reyna, quem assim serve: nesta vida a Deos por graça; na outra vida com Deos por gloria: *Quam mihi, & vobis, &c.*

FINIS.

I N.

# I N D E X

## Dos Lugares da Sagrada Escritura.

Os Numeros, significação as Paginas, & as Colunas.

Ex Lib. Genes.

Cap. 1. v. 1. **I**n principio creavit Deus  
Caelum, & terram, pag. 327.  
col. 1.

v. 2. Terra autem erat inanis, & vacua,  
pag. 276. col. 1. & p. 475. col. 1.

Ibid. Et spiritus Domini ferebatur su-  
per aquas, pag. 475. col. 1.

v. 3. Fiat lux. Et facta est lux, pag. 62.  
col. 1.

v. 4. Et vidit Deus lucem quod esset bo-  
na, pag. 62. col. 1.

vers. 22. Benedixitque eis, p. 99. col. 1.

Ibid. Crescite, & multiplicamini, p. 99.  
col. 1.

v. 24. Secundam species suas, pag. 99.  
col. 1.

v. 26. Faciamus hominem ad imagi-  
nem, & similitudinem nostram: &  
præsit piscibus maris, &c. pag. 224. c. 2.  
in fin. & seqq. p. 331. c. 2. in fin. & seqq.  
& p. 475. col. 2. in fin. & seqq.

Cap. 2. v. 2. Requiesit die septimo ab uni-  
verso opere, quod paraverat, p. 319. c. 1.

v. 3. Ab omni opere suo quod creavit

Deus, ut faceret, pag. 319. col. 1.

v. 15. Ut operaretur, & custodiret illum,  
pag. 450. col. 2. in fin.

v. 24. Erunt duo in carne una, pag. 535.  
col. 1.

Cap. 3. v. 4. Nequaquam morte moriemi-  
ni, pag. 264. col. 2. & seqq.

v. 5. Et eritis sicut Dij, p. 194. col. 2. in  
fin. p. 264. c. 2. & p. 340. c. 2. in princ.

v. 9. Adam, ubi es? pag. 22. col. 2.

v. 21. Fecit quoque Dominus Deus A-  
dæ, & uxori ejus tunicas pelliceas, &  
induit eos, pag. 554. col. 2.

v. 22. Ne forte sumat etiam de ligno vi-  
tæ, & vivat in æternum, pag. 259. col.  
2. & seqq.

v. 24. Collocavit ante Paradisum Che-  
rubim, & flammæum gladium ad en-  
stodiendam viam ligni vitæ, pag. 259.  
col. 2.

Cap. 6. v. 4. Gigantes autem erant super  
terram, p. 5. col. 2.

v. 14. Fac tibi Arcam de lignis leviga-  
tis, pag. 312. col. 2.

Ibid. Mansuetulas in Area facies, &  
hii-

- bitumine linis intrinsecus, & extrinsecus, pag. 312. col. 2.
- v. 15. Et sic facies eam, pag. 312. col. 2.
- v. 20. Ut possint vivere, p. 313. col. 1.
- Cap. 11. v. 4. Celebremus nomen nostrum, antequam dividamur, p. 313. col. 1.
- Cap. 12. v. 1. Dixit autem Dominus ad Abram: Egredere de terra tua, &c. p. 568. col. 1.
- Cap. 14. v. 18. Melchisedech proferens panem (erat enim Sacerdos Dei altissimi,) pag. 251. col. 2.
- Cap. 15. v. 2. & 3. Ego vadam absque liberis: & Eliezer vernaculus meus, haeres meus erit, p. 375. col. 2.
- Cap. 18. v. 2. Apparuerunt ei tres viri, pag. 92. col. 1.
- v. 10. Revertens veniam ad te tempore isto, vita comite, & habebis filium Sara uxor tua, pag. 91. col. 2. & seq.
- v. 14. Juxta conductum revertar ad te hoc eodem tempore, vita comite, p. 91. col. 2. in fin. & seq.
- Cap. 19. v. 24. Dominus pluit super Sodomam sulphur, & ignem à Domino de Caelo, pag. 504. col. 2.
- Cap. 21. v. 10. Ejice ancillam, & filium ejus: non enim erit haeres filius ancillae cum filio meo Isaac, p. 375. c. 2. in fin.
- Cap. 22. v. 2. & seqq. Tolle filium tuum unigenitum, quem diligis, Isaac, &c. pag. 566. col. 2.
- v. 18. Benedicentur in semine tuo omnes, pag. 96. col. 2. p. 97. col. 2. & p. 101. col. 2.
- Cap. 25. v. 34. Parvipendens quod primogenita vendidisset, p. 397. col. 2.
- Cap. 29. v. 1. Profectus ergo Jacob venit in terram orientalem, p. 568. col. 1.
- Cap. 37. v. 3. Tunicam polymitam, p. 515. col. 2.
- v. 18. Cogitaverunt illum occidere, pag. 515. col. 1.
- v. 19. Ecce somniator venit: venite, occidamus eum, pag. 82. col. 1. in fin.
- Cap. 38. v. 27. Unus prouitit manum, in qua obstetrix ligavit coccinum, pag. 177. col. 2.
- Ibid. Iste egredietur prior, pag. 219. c. 1.
- Cap. 39. v. 1. Igitur Ioseph ductus est in Aegyptum, &c. pag. 568. col. 1.
- Cap. 42. v. 9. Exploratores estis, p. 73. c. 2.
- Cap. 48. v. 7. Mihi enim quando ueniam de Mesopotamia, &c. p. 541. c. 2.
- Cap. 49. v. 3. & 4. Ruben primogenitus meus, &c. non crescas, p. 101. c. 1. & 2.
- v. 9. Catulus Leonis Juda, pag. 45. col. 1. in fin.
- Ibid. Requiescens accubisti ut Leo, p. 98. col. 1.
- v. 14. Issachar Asinus fortis, pag. 45. c. 2. in princ. & p. 98. col. 1.
- v. 17. Fiat Dan Coluber in via, pag. 45. col. 1. in fin. & p. 98. col. 1.
- v. 21. Nephthali Cervus emissus, p. 45. c. 1. in fin. & pag. 98. col. 1.
- v. 22. Filius accrescens Ioseph, filius accrescens, pag. 101. col. 1. in princ. & c. 2. & pag. 416. col. 2.
- v. 27. Benjamin Lupus rapax, p. 45. c. 1. in fin. & p. 98. col. 1.
- Ex Libr. Exodi.
- Cap. 3. v. 3. Vadam, & uidebo uisionem hanc magnam, p. 301. col. 1. in fin. & p. 499. col. 2. in fin. & seq.
- v. 4. Cernens quod pergeret ad uidentem, uocauit eum, p. 301. col. 2. in princ.
- v. 5. Locus enim in quo stas, terra sancta est, p. 301. col. 2.
- v. 8. Descendi ut liberem eum, pag. 301. col. 2.

Cap. 4. v. 24. *Cumque esset in itinere, in diversorio, occurrit ei Dominus, & volebat occidere eum, p. 161. c. 2. in fin.*  
 v. 25. *Sponsus sanguinum tu mihi es, p. 163. col. 1. in princ.*  
 v. 26. *Et dimisit eum, pag. 163. col. 1.*

Cap. 9. v. 24. *Grando, & ignis mista pariter ferébantur, p. 499. col. 1.*

Cap. 12. v. 29. *Factum est autem in noctis medio, percussit Dominus omne primogenium in terra Egypti, p. 190. c. 2.*

Cap. 19. v. 16. *Et ecce ceperunt audiri tonitrua, & micare fulgura, pag. 476. c. 2. in fin.*

v. 18. *Totus autem mons Sinai fumabat: eo quod descendisset Dominus super eum in igne, p. 476. col. 1.*

Cap. 23. v. 15. *Non apparebis in conspectu meo vacuus, pag. 276. col. 2.*

Cap. 32. v. 1. *Fac nobis Deos, qui nos precedant: Moyse enim huic viro ignoramus quid acciderit, p. 567. col. 1. in fin. & seqq.*

v. 11. *Ne queso dicant Egyptij p. 141. col. 1.*

v. 31. & 32. *Aut dimitte eis hanc noxam; aut si non facis, dele me de libro tuo, quem scripsisti, p. 377. c. 2.*

Cap. 33. v. 12. *Invenisti gratiam coram me, pag. 383. col. 1.*

v. 13. *Si ergo inveni gratiam in conspectu tuo, ostende mihi faciem tuam, ut sciam te, & inveniam gratiam ante oculos tuos, pag. 383. col. 2. & seqq. & pag. 426. col. 1.*

## Ex Libr. Levitici.

Cap. 6. v. 12. *Ignis in altari semper ardebit, pag. 271. col. 1. in fin. & col. 2.*

Cap. 16. v. 2. *Ne ingrediaris Sanctuarium, quod est intra velum, nisi hac*

*ante fecerit, pag. 253. col. 1. in fin. & p. 274. col. 1.*

v. 3. *Vitulum pro peccato offeret, & arietem in holocaustum, p. 253. c. 1. in fin.*

v. 11. & 12. *His ritibus celebratis, &c. ultra velum intrabit in Sancta, p. 253. c. 1. in fin.*

## Ex Libr. Deuteronomij.

Cap. 4. v. 24. *Deus tuus ignis consumens est, pag. 476. col. 2.*

v. 36. *Audisti verba illius de medio ignis, pag. 476. col. 2.*

Cap. 17. v. 15. *Non poteris alterius gentis hominem Regem facere, qui non sit frater tuus, pag. 358. col. 1.*

Cap. 18. v. 22. *Hoc habebis signum: Quod Propheta prädixerit, & non evenerit: hoc Dominus non est locutus, pag. 114. col. 1.*

Cap. 29. v. 23. *Sulphure, & Solis ardore comburens, in exemplum subversionis Sodoma, pag. 505. col. 1.*

Cap. 32. v. 34. *Nonne haec cõdita sunt apud me, & signata in thesauris meis? pag. 27. col. 1. in med.*

v. 35. *Mea est ultio, & ego retribuam eis in tempore, pag. 27. col. 1. in med.*

Cap. 33. v. 19. *Inundationem maris quasi lac fugent, & thesauros absconditos arenarum, pag. 474. col. 2. in princ.*

## Ex Libr. Iosue.

Cap. 7. v. 9. *Quid facies magno nomini tuo? pag. 141. col. 1.*

## Ex Libr. Iudicum.

Cap. 9. v. 9. *Nunquid possim deserere pinguedinem meam, & venire, ut inter ligna promovear? pag. 347. c. 2.*

v. 12. *Veni, & impera nobis, p. 347. c. 2.*

v. 14. *Veni, & impera super nos, p. 348. col. 1.*

- v. 15. *Si verè me Regem vobis constituitis, venite, & sub umbra mea requiescite: si autem non vultis, egredietur ignis de rhamno, & devoret Cedros Libani, pag. 348. col. 1.*
- Cap. 14. v. 12. *Proponam vobis problema, pag. 175. col. 2.*
- Cap. 16. v. 15. *Quomodo dicis quòd amas me? Per tres vices mentius es mihi, p. 413. col. 1. & 2.*
- Ex Libr. 1. Regum.
- Cap. 1. v. 13. *Astimavit eam temulentiam, dixitque ei: Usquequòd ebria eris? pag. 71. col. 1.*
- Cap. 2. v. 10. *Dominum formidabunt adverterij eius, super ipsos in Cælis tonabit, pag. 488. col. 1.*
- Cap. 3. v. 12. *& seqq. In die illa suscitabo adversum Heli, & c. p. 54. c. 1.*
- Cap. 8. *Constitue nobis Regem, sicut & universæ habent nationes, p. 320. col. 1.*
- Cap. 15. v. 30. *Peccavi: sed honora me coram senioribus populi mei, & coram Israel, pag. 135. col. 2. & seq.*
- Cap. 16. v. 7. *Homo videt ea, quæ parent, Dominus autem intineur cor, pag. 65. col. 1.*
- v. 18. *Vidi filium Isai scientem psallere, & fortissimum robore, & virum bellicosum, & prudentem in verbis, & virum pulchrum: & Dominus est cum eo, p. 511. col. 1.*
- Cap. 17. v. 4. 5. *& seqq. Et egressus est vir spurius de castris Philistinorum, nomine Golia. b. de Geth, altitudinis sex cubitorum, & palmi, & c. pag. 547. col. 2. in princ.*
- Cap. 18. v. 4. *Expoliavit se Ionathas tunica qua erat indutus, & dedit eam David, p. 424. col. 2. in fin.*
- v. 7. *Percussit Saul mille, & David decem millia, pag. 67. col. 2.*
- Cap. 21. v. 11. *Percussit Saul mille, & David decem millia, p. 512. col. 2.*
- v. 12. *Posuit David sermones istos in corde suo, & extimuit valde a facie Achis Regis, p. 512. col. 2.*
- Cap. 22. v. 1. *Abijt ergo David inde, & fugit in speluncam Odollam, p. 512. c. 2.*
- Cap. 28. v. 15. *Juxta Text. Hebr. Quare inquietasti me, ut ascenderem? pag. 218. col. 1.*
- Ex Libr. 2. Regum.
- Cap. 12. v. 13. *Peccavi, pag. 135. col. 1. in princ. & seqq.*
- Ibid. Dominus quoque transtulit peccatum tuum, p. 135. col. 1.*
- Cap. 14. v. 14. *Omnes morimur, & quasi aquæ dilabimur, p. 25. col. 1.*
- v. 26. *Et quando tondebat capillum, & c. pag. 541. col. 2. in princ.*
- Cap. 17. v. 22. *Videns quòd non fuisset factum consilium suum, pag. 520. col. 2. & seqq.*
- Ibid. Abijt in domum suam: & disposita domo sua, suspensio interijt, pag. 520. c. 1. & seqq.*
- Ibid. Et sepulchrum est in sepulchro patris sui, p. 520. col. 1.*
- Cap. 19. v. 35. & 36. *Octogenarius sum hodie: & c. non indigeo hac vicissitudine, pag. 542. col. 1.*
- v. 37. *Est servus tuus Chamaam, ipse vadat tecum, pag. 542. col. 1.*
- Cap. 22. v. 8. 9. 10. 12. *& seqq. Commota est, & contremuit terra: fundamenta montium concessa sunt, & conquassata, quoniam iratus est eis. Ascendit fumus de naribus ejus, & c. pag. 488. c. 1. in fin. & seqq.*

v. 12. *Cribrans aquas de nubibus Cælorum, pag. 2. col. 2. in princ.*

Cap. 23. v. 8. *Hæc nomina fortium David, pag. 497. col. 2.*

Ibid. *David sedens in cathedra sapientissimus Princeps inter tres, ipse est quasi tenerrimus ligni vermiculus, qui obtingentos interfecit impetu uno, pag. 497. col. 2. & seqq.*

Ex Lib. 3. Regum.

Cap. 11. v. 30. *Pallium suum novum, pag. 103. col. 1.*

v. 31. *Ecce ego scindam Regnum de manu Salomonis, & dabo tibi decem Tribus, pag. 103. col. 2. in princ.*

Cap. 17. v. 1. *Vrui Dominus, in cuius conspectu stō, si erit ros, & pluvia. p. 105. col. 1.*

Cap. 18. v. 24. *Deus, qui exaudierit per ignem, pag. 476. col. 2.*

Cap. 19. v. 14. *Zelo zelatus sum pro Domino Deo exercituum, &c. & derelictus sum ego solus, pag. 102. c. 2.*

v. 18. *Derelinquam mihi in Israel septem millia virorum, quorum genua non sunt incurvata ante Baal, p. 102. col. 2.*

Cap. 21. v. 2. *Hortum olerum, p. 450. c. 1. v. 25. Venundatus est, ut faceret malum, pag. 132. col. 1.*

Cap. 22. v. 3. *An ignoratis quod nostra sit Ramoth Galaad, & negligimus tollere eam de manu Regis Syriae? p. 109. c. 2.*

v. 6. *Congregavit Rex Israel Prophetas, quadringentos circiter viros, pag. 109. col. 2.*

Ibid. *Ire debeo in Ramoth Galaad ad bellandum, an quiescere? p. 109. c. 2.*

Ibid. *Ascende, & dabit eam Dominus in manu tua, pag. 110. c. 1.*

v. 8. *Remansit vir unus: sed ego odi eum, quia non prophetat mihi bonum, sed malum, pag. 110. col. 1.*

v. 13. *Sit sermo tuus similis eorum, & loquere bona, pag. 110. col. 2. in princ.*

v. 14. *Vrui Dominus, quia quodcumque dixerit mihi Dominus, hoc loquar, p. 110. col. 2.*

Ex Libr. 4. Regum.

Cap. 1. v. 11. *Homo Dei, hæc dicit Rex: Festina, descende, pag. 502. c. 2.*

v. 12. *Si homo Dei ego sum, descendat ignis de Cælo, & devoret te, & quinquaginta tuos, pag. 502. c. 2. & seqq.*

Cap. 2. v. 11. *Et ecce currus igneus, & equi ignei diviserunt utrumque, p. 502. c. 1.*

Cap. 4. v. 3. *Vasa vacua non pauca, p. 276. col. 2.*

Cap. 5. v. 7. *Animadvertite, & videte, quod occasiones quaerat adversum me, pag. 71. col. 1. in fin.*

Cap. 20. v. 9. *Vis ut ascendat umbra decem lineis, an ut revertatur totidem gradibus? pag. 204. col. 1.*

v. 10. *Facile est umbram crescere decem lineis: nec hoc volo ut fiat, sed ut revertatur retrorsum decem gradibus, pag. 204. col. 2.*

Ex Libr. 1. Paralipomenon.

Cap. 20. v. 1. *Eo tempore, quo solent Reges ad bella procedere, p. 129. col. 1.*

Ex Libr. Tobie.

Cap. 5. v. 16. *Rogo te, indica mihi, de qua domo, aut de qua tribu es tu? p. 90. c. 1.*

v. 18. *Ego sum Azarias Ananiae magni filius, pag. 90. c. 1. & pag. 92. c. 2.*

Ex Libr. Esther.

Cap. 7. v. 8. *Etiã Reginam vult opprimere, me præsentie, in domo mea, pag. 71. col. 2.*

- Ex Libr. Iob.
- Cap. 3. v. 13. & 14. *Et nunc requiescerem cum Regibus, & Consulibus, qui aedificant sibi solitudines, p. 537. col. 1. & seqq.*
- v. 10. *Si bona suscepimus de manu Dei, mala quare non suscipiamus? pag. 44. col. 2.*
- Cap. 7. v. 3. *Sic & ego habui menses vacuos, pag. 278. col. 1.*
- v. 8. *Nec aspiciet me visus hominis, pag. 275. col. 1.*
- Cap. 10. v. 6. *Ut queras iniquitatem meam, & peccatum meum serueris? p. 29. c. 2. in princ.*
- v. 7. *Et scias quia nihil impium fecerim, pag. 29. c. 1. & 2.*
- Cap. 13. v. 25. *Contra folium, quod vento rapitur, ostendis potentiam tuam, pag. 315. col. 2. in fin. & seqq.*
- v. 27. *Observasti omnes semitas meas, & vestigia pedum meorum considerasti, pag. 25. col. 2. in fin.*
- Ibid. *Secundum Septuaginta. Et radices pedum meorum considerasti, pag. 26. col. 1.*
- Cap. 14. v. 2. *Et nunquam in eodem statu permanet, pag. 22. col. 2. in med.*
- Cap. 28. v. 22. & 23. *Nunquid ingressus es thesauros nivis, aut thesauros grandinis vidisti; quae preparavi in tempus hostis, in diem pugnae, & belli? p. 473. col. 2. in fin. & seqq.*
- v. 35. *Nunquid mittes fulgura, & ibunt; & revertentia dicent tibi: Adsumus? pag. 480. col. 1. & 2.*
- Cap. 17. v. 11. *Dies mei transierunt, cogitationes meae dissipatae sunt, torquentes cor meum, p. 517. col. 2. in fin. & seqq.*
- v. 13. *Si sustinucro, infernus domus mea est, pag. 518. col. 2. & seqq.*
- v. 14. *Puiredini dixi: Pater meus es: Mater mea, & soror mea vermibus, pag. 518. col. 2. & seqq.*
- Cap. 37. v. 5. *Tonabit Deus in voce sua, p. 491. col. 1.*
- Ex Libr. Psalmorum.
- Pfalm. 1. v. 1. *Beatus vir, pag. 466. col. 2. & seqq.*
- v. 3. *Et erit tanquam lignum, quod plantatum est secus decursus aquarum: quod fructum suum dabit in tempore suo. p. 31. col. 2. in princ. & p. 287. c. 2. & seqq.*
- Ibid. *Folium ejus non defluet, pag. 292. col. 1.*
- Pfalm. 2. v. 2. *Astiterunt Reges terra, & Principes convenerunt in unum adversus Dominum, & adversus Christum ejus, p. 526. c. 1. in fin. & seqq.*
- Pfalm. 4. v. 3. *Ut quid diligitis vanitatem, & queritis mendacium? pag. 197. c. 2. in fin. & seqq.*
- v. 6. *Muli dicunt: Quis ostendit nobis bona? pag. 434. col. 1.*
- v. 7. *Signatum est super nos lumen vultus tui Domine, pag. 434. c. 1.*
- Pfalm. 17. v. 9. *Ignis a facie ejus exarsit, pag. 476. col. 2.*
- v. 14. *Intonuit de Calo Dominus, & Altissimus dedit vocem suam: grandis, & carbones ignis, pag. 477. c. 1.*
- v. 27. *Cum electo electus eris; & cum perverso perverteris, p. 297. c. 2.*
- Pfalm. 18. v. 2. *Calli enarrant gloriam Dei, & opera manuum ejus annuntiat firmamentum, pag. 249. col. 1.*
- v. 3. *Dies diei cruciat verbum: & non nocet indicat scientiam, p. 249. c. 1.*
- v. 5. *In omnem terram exiit sonus eorum, & in fines orbis terra verba eorum, p. 249. c. 1.*



- v. 13. *Ab oculis meis munda me, & ab alienis parce seruo tuo.* p. 39. col. 1.
- Pfalm. 22. v. 5. *Parasti in conspectu meo mensam, aduersus eos, qui tribulant me,* pag. 265. col. 1. in fin.
- Pfalm. 32. v. 7. *Ponens in thesauris abyssos,* p. 474. col. 1. in fin.
- v. 9. *Ipse dixit, & facta sunt,* pag. 493. col. 2.
- Pfalm. 35. v. 4. *Noluit intelligere, ut bene ageret.* pag. 34. col. 1.
- Pfalm. 36. v. 10. *Querens locum ejus, & non inuenies.* pag. 197. c. 1.
- v. 35. *Vidi impium superexaltatum, & elevatum sicut cedros Libani.* p. 196. c. 1.
- v. 36. *Et transiit, & ecce non erat: & quasi fuit eum, & non est inventus locus ejus,* pag. 196. c. 1. & 2. p. 197. c. 1.
- Pfalm. 37. v. 14. *Ego autem tanquam surdus non audiveram,* p. 134. c. 2.
- Pfalm. 38. v. 7. *Thesaurizat: & ignorat cui congregabit ea.* p. 455. c. 2.
- Pfalm. 42. v. 1. *Iudica me Deus, & discerne causam meam de gente non sancta, ab homine iniquo eripe me.* p. 58. c. 1. in fin. & seq.
- Pfalm. 43. v. 7. *Gladius meus non salvabit me.* p. 507. c. 1. in fin.
- Pfalm. 44. v. 11. *Obliviscere populū tuum, & domum patris tui.* p. 556. c. 1.
- v. 15. *Adducentur Regi virgines post eam.* p. 274. c. 2. in fin.
- Pfalm. 49. v. 21. *Sicut enim te contra faciem tuam.* p. 125. c. 1.
- Pfalm. 50. v. 5. *Peccatum meum contra me est semper.* p. 128. c. 1.
- Pfalm. 57. v. 8. *Ad nihilum devenient tanquam aqua decurrens.* p. 17. c. 1. in princ.
- Pfalm. 61. v. 5. *Pretium meum cogitaverunt repellere.* p. 399. c. 2.
- Pfalm. 63. v. 8. *Accedet homo ad cor altum: & exaltabitur Deus.* pag. 547. col. 1.
- Pfalm. 68. v. 10. *Zelus domus tuae comedit me,* p. 104. c. 1. in fin.
- v. 22. *Dederunt in escam meam sel: & in siti mea potaverunt me aceto,* p. 443. col. 2.
- Pfalm. 71. v. 7. *Erit in diebus ejus justitia, & abundantia pacis,* pag. 94. col. 2.
- Pfalm. 72. v. 20. *Velut somnium surgentium Domine, imaginem ipsorum ad nihilum rediges.* pag. 17. col. 1.
- Pfalm. 74. v. 9. *Calix in manu Domini vini meri plenus misto,* pag. 436. col. 2.
- Pfalm. 76. v. 20. *Et vestigia tua non cognoscuntur.* p. 485. c. 1. in fin.
- Pfalm. 77. v. 25. *Panem Angelorum manducavit homo.* pag. 267. c. 1.
- Pfalm. 78. v. 10. *Ne forte dicant in Gentibus.* pag. 141. c. 1.
- Pfalm. 80. v. 6. *Cum exiret de terra Aegypti: linguam quam non noverat, audivit.* p. 568. col. 2. & seqq.
- v. 11. *Dilata os tuum, & implebo illud,* pag. 243. c. 2. & seqq.
- v. 17. *Cibavit eos ex adipe frumenti,* pag. 243. col. 2.
- Pfalm. 83. v. 4. *Etenim passer invenit sibi domum: & turtur nidum sibi ubi ponat pullos suos.* p. 221. c. 1. in fin.
- v. 6. & 7. *Beatus vir, cujus est auxilium abs te: ascensiones in corde suo disposuit, in valle lacrymarum, in loco quem posuit.* pag. 221. c. 2. & seqq. p. 433. c. 1.
- v. 12. *Quia misericordiam, & veritatem diligit Deus: gratiam, & gloriam dabit Dominus.* p. 369. c. 2.
- Pfalm. 96. v. 3. *Ignis ante ipsam procedet,* pag. 476. c. 1. in fin.

- Pfalm. 102. v. 22. *In omni loco dominationis ejus benedic anima mea Domino, p. 251. col. 1.*
- Pfalm. 103. v. 5. *Fundasti terram super stabilitatem suam, p. 217. col. 2.*  
v. 32. *Qui respicit terram, & facit eam tremere, pag. 123. col. 1. in fin.*
- Pfalm. 109. v. 4. *Iuravit Dominus, & non penitebit eum: tu es Sacerdos in aeternum secundum ordinem Melchisedech, p. 251. c. 1. in fin. & seqq. p. 254. c. 2.*
- Pfalm. 110. v. 4. & 5. *Memoriam fecit mirabilium suorum, & c. etiam dedit timentibus se, pag. 257. c. 2.*
- Pfalm. 113. v. 16. *Caelum Caeli Domino; pag. 258. c. 2. & p. 338. c. 1.*  
Ibid. *Terram autem dedit filiis hominum, pag. 338. col. 1.*
- Pfalm. 118. v. 18. *Revela oculos meos, pag. 125. col. 1.*  
v. 89. *In aeternum, Domine, verbum tuum permanet in Caelo, p. 257. c. 1.*  
v. 131. *Os meum aperui, & atraxi spiritum, p. 244.*  
v. 137. *Iustus es Domine: & rectum iudicium tuum, pag. 34. col. 2. & pag. 79. col. 2.*
- Pfalm. 127. v. 2. *Labores manuum tuarum quia manducabis: beatus es, & bene tibi erit, p. 456. c. 1.*
- Pfalm. 134. v. 7. *Fulgura in pluviam fecit; pag. 489. c. 2.*  
v. 8. *Qui producit ventos de thesauris suis, pag. 474. c. 1.*
- Pfalm. 136. v. 9. *Beatus qui occidit parvulos suos ad patrem, p. 154. col. 1.*
- Pfalm. 142. v. 2. *Non intres in iudicium cum servo tuo, pag. 58. c. 1.*
- Pfalm. 148. v. 4. *Et aquae omnes, quae super calos sunt, laudent nomen Domini,*
- pag. 228. col. 1.
- Ex Libr. Proverbiorum.
- Cap. 1. v. 24. *Vocavi, & remisisti, p. 155. col. 1. in princ.*
- Ibid. *Extendi manum meam, & non fuit qui aspiceret, pag. 155. c. 1. in princ.*  
v. 25. *Despexistis omne consilium, p. 155. col. 1.*  
v. 26. *Ego quoque in interitu vestro ridebo, & subsannabo, p. 155. col. 1.*  
v. 28. *Tunc invocabunt me, & non exaudiam, pag. 155. col. 1.*
- Cap. 2. v. 14. *Latiatur cum malefecerint, pag. 397. c. 2. in fin.*
- Cap. 8. v. 17. *Ego diligentes me, diligo, p. 371. col. 2.*  
v. 30. & 31. *Delectabar per singulos dies, ludens in orbe terrarum: & deliciae mea esse cum filiis hominum, pag. 306. c. 2.*
- Cap. 14. v. 13. *Risus dolore miscebitur, & extrema gaudij luctus occupat, p. 437. col. 1.*
- Cap. 23. v. 26. *Præbe fili mi cor tuum mihi, pag. 155. col. 2. in fin.*
- Cap. 30. v. 16. *Ignis nunquam dicit, Sufficit, pag. 272. c. 1. in fin. & seqq.*
- Ex Libr. Ecclesiastes.
- Cap. 1. v. 4. *Generatio præterit, & generatio advenit: terra autem in aeternum stat, pag. 17. c. 1. in fin. & c. 2.*
- Ibid. *Terra autem in aeternum stat, pag. 216. col. 2. & seqq.*  
v. 5. *Oritur Sol, & occidit, p. 216. c. 2.*  
v. 6. *Gyrat per Meridiem, & fleitur ad Aquilonem, iustrans universa in circuitu, pag. 216. c. 2.*  
v. 10. *Nihil sibi Sole novum, p. 159. c. 2.*
- Cap. 2. v. 1. *Dixi ego in corde meo: Vadam, & affluam delicijs, & fruuar bonis, pag. 437. col. 1.*

- v. 10. *Omnia que desideraverunt oculi mei, non negavi eis: nec prohibui cor meum quin omni voluptate frucretur.* p. 438. col. 2.
- v. 11. *Cum me converterissem ad universa opera, que fecerant manus mea, & ad labores, in quibus frustra sudaveram, vidi in omnibus vanitatem, & afflictionem animi.* pag. 438. c. 2.
- Ex Lib. Cantic. Cantico.
- Cap. 1. v. 7. *Indica mihi, quem diligit anima mea, ubi pascas, ubi cubes in meridie, ne vagari incipiam post greges sodalium tuorum.* pag. 302. col. 2. & seqq. & p. 387. c. 2. in princ.
- v. 8. *Signoras te.* p. 302. c. 2.
- Ibid. *Egredere, & abi post vestigia gregum, & pascue hados tuos iuxta tabernaculum pastorum.* p. 302. c. 2. & seqq. & p. 387. c. 2.
- Cap. 2. v. 9. *En ipse stat post parietem nostrum.* p. 273. col. 2. & seqq.
- v. 12. *Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis advenit.* pag. 540. c. 2. in fin.
- v. 16. *Dilectus meus mihi, & ego illi.* p. 373. c. 1.
- Cap. 3. v. 6. *Quae est ista, quae ascendit per desertum?* pag. 534. c. 2. in fin.
- Cap. 4. v. 6. *Vadam ad montem myrrhae, & ad collem thuris.* pag. 169. col. 2. & seqq. & pag. 179. col. 1.
- v. 7. *Tota pulchra es amica mea, & macula non est in te.* p. 169. c. 2. & seqq.
- v. 8. *Veni, sponsa mea, veni de Libano, veni coronaberis.* pag. 388. c. 1.
- v. 9. *Vulnerasti cor meum, soror mea sponsa, vulnerasti cor meum.* p. 165. c. 2.
- Cap. 5. v. 1. *Veniat dilectus meus in hortum suum, & comedat fructum pomorum suorum.* p. 167. c. 1. in fin. & c. 2.
- Ibid. *Veni in hortum meum, soror mea sponsa, messui myrrham meam.* p. 167. c. 2. & pag. 178. col. 2.
- v. 11. *Coma ejus sicut elae palmarum, nigra quasi corvus.* p. 292. c. 2.
- v. 13. *Lubia ejus distillantia myrrham primam.* p. 178. c. 2. in fin. & seqq.
- Cap. 7. v. 7. *Statuata tua assimilata est palma.* pag. 416. c. 1.
- Cap. 8. v. 5. *Quae est ista, quae ascendit de deserto, delicijs affluens, immixa super dilectum suum?* p. 393. c. 2. & seqq. & p. 534. col. 2. in fin. & seqq.
- v. 6. *Fortis est ut mors dilectio.* pag. 560. c. 1. & 2.
- Ibid. *Dura sicut infernus emulatio.* pag. 106. c. 1. in fin. & p. 560. c. 1. & 2.
- Ex Libr. Sapientiae.
- Cap. 4. v. 8. & 9. *Cani autem sunt sensus hominis, & etas senectutis vita immaculata.* p. 292. c. 1. in fin.
- Cap. 5. v. 2. *Ego dormio, & cor meum vigilat.* pag. 390. col. 2.
- v. 3. *Penitentiam agentes, & pre angustia spiritus gementes.* pag. 55. col. 1. in princ.
- Ibid. *Dicentes intra se.* p. 55. c. 1.
- Ibid. *Hi sunt quos habuimus aliquando in derisum, & in similitudinem improperij.* p. 55. col. 1.
- v. 4. *Nos insensati vitam illorum estimabamus insaniam, & finem illorum sine honore: ecce quomodo computati sunt inter Filios Dei, & inter Sanctos illorum est.* pag. 55. col. 2. in princ.
- v. 5. *Ergo erravimus a via veritatis, & Sol intelligentiae non est ortus nobis.* pag. 53. col. 2. in fin.
- v. 8. *Quid vobis profuit superbia?* pag. 53. col. 2.

53. col. 2. in fin. & seq.  
 Ibid. Divitiarum jactantia quid contulit nobis? pag. 54. col. 1. in princ.  
 v. 9. Transferunt omnia illa tanquam umbra, pag. 54. c. 1.  
 Ibid. Tanquam nuntius percurrrens, pag. 54. col. 1.  
 v. 10. Et tanquam navis, quæ pertransit fluctuantem aquam: cujus, cum præterierit, non est vestigiū invenire, p. 54. c. 1.  
 v. 11. Aut tanquam avis, quæ transvolat in aere, verberans levem ventum: & nullum signum invenitur itineris illius, pag. 54. c. 1. in fin.  
 v. 12. Aut tanquam sagitta emissa in locū destinatū, divisus aer continuo in se reclusus est, et ignoratur transitus illius, p. 54. c. 2.  
 v. 13. Sic & nos nati continuo desivimus esse, & virtutis quidem nullum signum valuimus ostendere: in malignitate autem nostra consumpti sumus, p. 54. c. 2.  
 v. 14. Talia dixerunt in Inferno hi qui peccaverunt, p. 55. c. 2.  
 Cap. 7. v. 26. Speculū sine macula Dei manifestatis, & imago bonitatis illius, p. 335. c. 2.  
 Ex Libr. Ecclesiastici.  
 Cap. 7. v. 7. Noli fieri iudex, nisi valeas irumpere iniquitates: ne forte extimescas faciem potentis, p. 293. c. 2. in fin.  
 Cap. 10. v. 8. Regnum a gente in gentem transfertur propter injustitias, p. 18. c. 1.  
 Cap. 29. v. 29. Sapiens in verbis producet seipsum, p. 351. c. 1.  
 Cap. 24. v. 17. Quasi Cedrus exaltata sum in Libano, p. 360. c. 1.  
 v. 18. Et quasi Cypressus in monte Sion: quasi Palma exaltata sum in Cades, pag. 360. c. 1.  
 v. 29. Qui edunt me, adhuc esurient: & qui bident me, adhuc sitient, p. 271. c. 1. & seq.  
 Cap. 48. v. 9. Qui receptus es in turbine ignis in curru equorum igneorū, p. 503. c. 1.  
 Ex Prophet. Isaie.  
 Cap. 2. v. 4. Constabunt gladios suos in vomeres, & lanceas suas in falces, p. 95. c. 1.  
 v. 4. Quid est quod debui ultra facere vineæ meæ, & non feci ei? p. 48. c. 2.  
 Cap. 6. v. 2. Duabus velabant faciem ejus, & duabus volabant, p. 371. c. 2. & pag. 427. col. 2. & seq.  
 Cap. 7. v. 14. juxta Text. Hebr. Ecce, abscondita concipiet, p. 274. c. 2.  
 Cap. 8. v. 3. Vocata nomen ejus Accelera, spolia de trahere, Festina prædari, p. 94. c. 2.  
 Cap. 9. v. 6. Cujus imperium super humerum ejus, p. 94. c. 1.  
 Ibid. Vocatur nomen ejus Deus fortis, p. 94. c. 2.  
 Cap. 11. v. 6. Habitabit lupus cum agno, p. 96. col. 1.  
 v. 7. Et leo quasi bos comedet paleas, pag. 96. col. 1.  
 Cap. 14. v. 12. Quomodo cecidisti de Cælo, Lucifer? p. 220. col. 1.  
 v. 13. Qui dicebas in corde tuo: In Cælum conscendam, p. 220. c. 1.  
 Ibid. Super astra Dei exaltabo solium meum, p. 194. c. 2. & p. 229. c. 1.  
 v. 14. Similis ero Altissimo, p. 8. 194. c. 2. & pag. 229. col. 1.  
 v. 15. Veruntamen ad infernum detraheris in profundum lacu, p. 229. c. 1.  
 Cap. 19. v. 1. Onus Egypti, p. 112. c. 1.  
 Ibid. Ecce Dominus ascendit super nubem levem, & ingreditur Egyptū, p. 529. c. 1.  
 Ibid. Et comorvuntur sicut lacra Egypti a facie ejus, p. 529. c. 1. & seq.  
 Cap. 35. v. 4. Ipse veniet, & salvabit nos, pag. 94. col. 1.  
 v. 6. Tunc saliet sicut cervus glandus, & aperta

- aperta erit lingua minoru, &c. p. 95. c. 1.
- Cap. 38. v. 12. De mane usque ad vesperam finies me, p. 24. c. 1.
- Cap. 40. v. 4. Omnis valus implebitur, & omnis mons, & collis humiliabitur, pag. 95. col. 2.
- Cap. 45. v. 15. Verè tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator. p. 274. c. 2.
- Cap. 53. v. 3. Novissimum virorum, pag. 225. col. 2.
- Cap. 58. v. 9. Invocabis, & Dominus exaudiet: clamabis, & dicet: Ecce adsum, pag. 322. c. 1. in fin. & c. 2.
- Cap. 59. v. 16. Et vidit quia non est vir: & aporiatus est, quia non est qui occurrat, pag. 487. c. 1. in princ.
- v. 17. Indutus est iustitia, ut lorica, & galea s. latus in capite ejus: indutus est vestimentis ulionis, & operus est quasi pallio zeli, p. 486. c. 2.
- v. 18. Sicut ad vindictam quasi ad retributionem hostibus suis, & vicissitudinem inimicis suis. pag. 486. c. 2.
- Cap. 60. v. 13. Et locum pedum meorum glorificabo. p. 307. c. 1. in fin.
- Cap. 63. v. 1. Quis est iste, qui venit de Edom, timetis vestibus de Bosra? p. 185. c. 2. & seqq. & p. 187. c. 2. & seqq.
- Ibid. Ille formosus in stola sua, gradiens in multitudine fortitudinis sua, p. 185. c. 2. in fin. & seqq.
- Ibid. Ego qui loquor iustitiam, & propegnator sum ad salvandum. p. 187. c. 1.
- v. 2. Quare ergo rubrum est indumentum tuum, & vestimenta tua sicut calcantium in torculari? p. 187. c. 2.
- v. 3. Torcular calcavi solus, & de Genibus non est vir mecum. p. 187. c. 2.
- Ibid. Aspersus est sanguis eorum super vestimenta mea. p. 188. c. 1.
- Cap. 65. v. 20. Pueri centum annorum, p. 290. col. 2.
- Ex Prophet. Ieremiae.
- Cap. 1. v. 13. Ollam succensam ego video, pag. 492. c. 1.
- v. 14. Ab Aquilone pandetur malum super omnes habitatores terræ. p. 492. c. 1.
- Cap. 2. v. 2. Charitatem desponsationis tuae, quando secuta es me in deserto, p. 534. col. 2.
- Cap. 11. v. 19. Cogitaverunt super me consilia, dicentes: Mutamus lignum in panem ejus, & eradamus eum de terra viventium. p. 263. c. 1. in fin. & seqq.
- Cap. 23. v. 23. Putasne Deus è vicino ego sum, & non Deus de longe? p. 338. c. 1.
- v. 24. Cælum, & terram ego impleo, pag. 338. c. 1.
- Threnor. Cap. 1. v. 19. Torcular calcavit Dominus virgini filiae Juda, p. 188. c. 1.
- Threnor. Cap. 3. v. 1. Ego vir videns pauperitatem meam. p. 160. c. 1.
- v. 30. Saturabitur opprobrijs, pag. 141. col. 2.
- Threnor. Cap. 4. v. 22. Filia Sion, non addet ultra, ut transmigret te, p. 214. col. 1.
- Ex Prophet. Baruch.
- Cap. 3. v. 38. Post hac in terris visus est, & cum hominibus conversatus est, p. 273. c. 1. in princ.
- Ex Prophet. Ezechielis.
- Cap. 8. v. 5. Et ecce idolum zeli in ipso introitu. p. 107. c. 1. in princ.
- v. 11. Et septuaginta viri de senioribus domus Israel, &c. stantium ante picturas: & unusquisque habebat thuribulum in manu sua. p. 107. c. 1.
- v. 14. Et ecce mulieres sedebant plangentes Atonidem, p. 107. c. 1.

- v. 16. *Et ecce quasi viginti quinque viri dorsa habentes contra templum Domini, pag. 107. c. 2. in princ.*  
 Ibid. *Et facies ad Orientem: & adorabant ad ortum Silis, pag. 107. c. 2.*  
 Cap. 10. v. 18. *Egressa est gloria Domini à limine templi, p. 118. c. 2. in fin. & seq.*  
 Cap. 13. v. 5. *Non ascendistis ex aduerso ( aut juxta Text. Hebr. non ascendistis in fracturas, & interruptiones ) neque opposuistis murum pro domo Israel: ut stareis in praelio in die Domini, pag. 487. col. 1. in fin. & seqq.*  
 Ex Prophet. Daniclis.  
 Cap. 2. v. 21. *Ipse mutat tempora, & aetates: transfert Regna, atque cōstituit, p. 18. col. 1.*  
 v. 31. 32. & seqq. *Tu Rex videbas, & ecce quasi statura una grandis, & c. p. 547. col. 1. in fin. & seqq.*  
 v. 34. *Abscissus lapis sine manibus, p. 206. col. 2. & p. 547. c. 2. in princ.*  
 v. 35. *Nullusque locus inuenitus est eis, p. 206. col. 1.*  
 Ibid. *Factus est mons magnus, & implevit terram, p. 446. col. 2.*  
 Cap. 3. v. 1. *Nabuchodonosor Rex fecit staturam auream altitudine cubitorum sexaginta, & c. pag. 342. col. 1. & pag. 547. col. 2.*  
 v. 92. *Et species quarti similis Filio Dei, pag. 505. col. 2. in princ.*  
 Cap. 6. v. 4. *Porro Rex cogitabat constituere eum super omne Regnum, p. 417. c. 1.*  
 Ibid. *Vnde Principes, & Saurapic querebant occasionem, ut inuenirent Danicli ex latere Regis, pag. 417. c. 1.*  
 Cap. 7. v. 2. *Et ecce quatuor venti Celi pugnabant in mari magno, p. 7. c. 1.*  
 v. 8. *Cornu parvulum, p. 492. c. 2. in fin.*  
 v. 9. *Thronus ejus, flammæ ignis, pag. 476. col. 1.*  
 Ibid. *Rotæ ejus, ignis accensus, p. 476. c. 1.*  
 v. 10. *Fluvius igneus, rapidusque egre diebatur à facie ejus, & c. p. 493. c. 1.*  
 v. 11. *Aspiciebam propter vocem sermonum grandium, quos cornu illud loquebatur, p. 493. c. 1.*  
 Cap. 14. v. 34. *Babylonem non vidi, & licum nescio, p. 356. c. 1. in fin.*  
 Ex Prophet. Osee.  
 Cap. 2. v. 14. *Ducam eam in solitudinem: & loquar ad cor ejus, p. 534. c. 2.*  
 Ex Prophet. Ioelis.  
 Cap. 1. v. 4. *Residuum cruce comedit locusta: residuum locustæ comedit bruchus: residuum bruchi comedit rubigo, pag. 454. col. 2.*  
 Cap. 2. v. 10. *A facie ejus contremuit terra, moti sunt Celi: Sol & Luna obtenebrati sunt, & Stella retraxerunt splendorem suum, pag. 144. col. 1.*  
 v. 11. *Dominus dedit vocem suam ante faciem exercitus sui: quia multi sunt nimis castra ejus, quia fortia, & facientia verbum ejus, pag. 144. col. 1.*  
 v. 12. *Magnus enim dies Domini, & terribilis valde, pag. 144. c. 1. in fin.*  
 Ibid. *Et quis sustinebit cum? pag. 144. col. 1. in fin.*  
 Ibid. *Nunc ergo, dicit Dominus, convertimini ad me in toto corde vestro, pag. 144. col. 2. & seqq.*  
 Ex Prophet. Ionæ.  
 Cap. 3. v. 4. *Adhuc quadraginta dies, & Ninive subvertetur, pag. 145. c. 1.*  
 Ex Prophet. Nahum.  
 Cap. 1. v. 1. *Onus Ninive, p. 112. c. 1.*  
 Ex Prophet. Habacuc.  
 Cap. 3. v. 6. *Aspexit, & dissoluit gentes, p. 123. c. 1. in princ.*  
 Ex

Ex Prophet. Zachariæ.

Cap. 6. v. 12. *Ecce vir oriens nomen ejus,*  
pag. 285. c. 2.Cap. 9. v. 17. *Quid bonum ejus, & quid  
pulchrum ejus: nisi frumentum electo-  
rum, & vinum germinans virgines,* pag.  
550. col. 2. & seqq.Cap. 11. v. 17. *O Pastor, & Idolum!* pag.  
39. col. 2. in med.

Ex Prophet. Malachiæ.

Cap. 1. v. 3. *Esau autem odio habui,* p. 397.  
col. 2.v. 10. *Non est mihi voluntas in vobis: &  
minus non suscipiam de manu vestra,* p.  
246. col. 2.v. 11. *Ab ortu enim Solis usque ad occa-  
sum, magnum est nomen meum in Gen-  
tibus, & in omni loco sacrificatur, & of-  
fertur nomini meo oblatio munda,* pag.  
246. col. 2. & seqq.Cap. 4. v. 2. *Et sanitas in pennis ejus,* p. 94.  
col. 1. in fin.

Ex D. Matthæo.

Cap. 1. v. 16. *Maria, de qua natus est Je-  
sus,* p. 158. c. 1. & seqq.Cap. 2. v. 2. *Vbi est, qui natus est Rex Ju-  
deorum?* p. 527. c. 2.v. 8. *Ite, & interrogate diligenter de pue-  
ro,* p. 527. col. 2. in fin.Ibid. *Ei: cum inveneritis, renuntiate mi-  
hi,* pag. 527. c. 2. in fin.Ibid. *Et ego veniens adorem eum,* pag.  
527. col. 2. in fin.v. 13. & seqq. *Surge, & accipe puerum,  
& matrem ejus, & fuge in Ægyptum,*  
& c. pag. 568. col. 2. in princ.v. 16. *Videns quoniam illusus esset à Ma-  
gis,* p. 528. c. 1. & seqq.Ibid. *A bimatu, & infra,* p. 82. col. 1.Cap. 3. v. 2. *Penitentiam agite: appropin-**quavit enim Regnum Calorum,* p. 149.  
col. 1.Cap. 4. v. 1. *Ductus est in desertum, ut ten-  
taretur à Diabolo,* p. 211. c. 1.v. 5. *Assumpsit eum Diabolus in sanctam  
Civitatem, & statuit eum super pinna-  
culum Templi,* pag. 211. c. 2. in princ. &  
pag. 432. c. 2.v. 6. *Mitte te deorsum,* p. 211. c. 2.v. 8. *Iterum assumpsit eum in montem ex-  
celsum valde,* p. 211. c. 2.Ibid. *Ostendit ei omnia Regna mundi, &  
gloriam eorum,* p. 432. c. 1.v. 9. *Si cadens adoraveris me,* p. 211. c. 2.]  
v. 18. *Mittentes rete in mare,* p. 548. c. 1.Cap. 5. v. 45. *Qui Solem suum oriri facit  
super bonos, & malos,* p. 106. c. 1.Ibid. *Et pluit super justos, & injustos,* pag.  
106. col. 1.Cap. 6. v. 10. *Adveniat Regnum tuum,* p.  
149. c. 1.v. 19. *Nolite thesaurizare vobis in terra:  
ubi ærugo, & tinea demolitur, & ubi fu-  
res effodiunt, & furantur,* p. 453. c. 2.v. 20. *Thesaurizate autem vobis in Cælo:  
ubi neque ærugo, neque tinea demolitur,  
& ubi fures non effodiunt, nec furantur,*  
pag. 453. c. 2.Cap. 7. v. 1. *Nolite judicare, ut non judice-  
mini,* pag. 85. c. 1. in princ.v. 2. *In quo enim judicio judicaveritis, ju-  
dicabimini,* p. 85. c. 1. in princ.Cap. 9. v. 8. *Qui dedit potestatem talem  
hominibus,* p. 147. c. 1. in fin.Cap. 10. v. 5. *In vitam gentium ne abieritis,  
p. 300. col. 2. in fin.*v. 25. *Si Pavem familias Beelzebub vo-  
caverunt: quanto magis domesticos ejus?*  
pag. 80. c. 2. in princ.v. 26. *Ne ergo immeritis eos. Nihil enim  
est*

- est operum, quod non revelabitur; & occultum, quod non sciatur, p. 80. col. 2. in princ. & seq.
- v. 28. Nolite timere eos, qui occidunt corpus, animam autem non possunt occidere: sed potius timete eum, qui potest & animam, & corpus perdere in gehennam, pag. 78. c. 1. in fin.
- Cap. 11. v. 2. Ioannes in vinculis, pag. 56. col. 1. & seqq.
- v. 3. Tu es, qui venturus es, an alium expectamus? p. 68. c. 1. & p. 319. c. 2. in fin.
- v. 4. Eantes renuntiate Ioanni quæ audistis, & vidistis, pag. 68. col. 1. in fin. & p. 320. c. 1.
- v. 5. Cæci vident, claudi ambulant, mortui resurgunt, p. 68. c. 1. in fin.
- v. 6. Et beatus est, qui non fuerit scandalizatus in me, p. 68. c. 2. in princ.
- v. 7. Quid existis in desertum videre? p. 69. col. 2. pag. 535. col. 2. in fin. & seqq. & pag. 545. c. 2.
- Ibid. Arundinem vento agitatam? pag. 69. c. 2.
- v. 8. Hominem mollibus vestitum? p. 69. c. 2. & p. 536. col. 1. in princ.
- Ibid. Ecce qui mollibus vestimur, in domibus Regum sunt, p. 536. c. 1. in princ.
- v. 9. Prophetam, p. 108. c. 1. in fin.
- Ibid. Plusquam Prophetam, p. 69. col. 2. & p. 108. c. 1. in fin.
- v. 10. Ecce ego mitto Angelum meum, p. 69. c. 2. in fin.
- v. 14. Ioannes Baptista ipse est Elias, pag. 116. c. 1.
- Cap. 13. v. 28. Visimus, & colligimus ea? p. 75. c. 1. in fin.
- v. 30. Sinite utraque crescere usque ad messem, p. 75. c. 2. in princ.
- v. 44. Simile est Regnum Calorum the-

- sauro abscondito in agro: quem qui invenit homo, abscondit, & præ gaudio illius vadit, & vendit universa, quæ habet, & emit agrum illum, pag. 471. c. 1. & seqq.
- v. 47. Sigena missæ in mare, pag. 24. c. 2. in med.
- v. 52. Ideo omnis Scriba doctus similis est Patri-familias, qui profert de thesauro suo nova, & vetera, p. 160. c. 1.
- Cap. 15. v. 24. Non sum missus nisi ad oves, quæ perierunt domus Israel, pag. 300. col. 2.
- Cap. 16. v. 27. Tunc reddet unicuique secundum opera ejus, p. 461. c. 1.
- Cap. 17. v. 1. Assumpsit Iesus Petrum, & Iacobum, & Ioannem, & duxit illos in montem excelsum seorsum, pag. 431. c. 1. & seqq.
- v. 2. Et transfiguratus est ante eos, p. 431. c. 1. & seqq.
- Ibid. Resplenduit facies ejus sicut Sol, p. 434. c. 1.
- v. 4. Bonum est nos hic esse, p. 434. c. 1.
- Ibid. Faciamus hic tria tabernacula, tibi unum, Moysi unum, & Eliæ unum, p. 460. c. 1. & 2.
- Cap. 18. v. 10. Semper vident faciem Patris, qui in Cælis est, p. 311. c. 2.
- v. 23. Qui voluit rationem ponere cum servis suis, p. 48. c. 1.
- v. 24. Decem millia talenta, p. 48. c. 1.
- Cap. 19. v. 27. Quid ergo erit vobis? pag. 200. c. 2.
- v. 28. Sedebitis super sedes duodecim, iudicantes duodecim tribus Israel, p. 200. c. 1. 2.
- Cap. 20. v. 21. Dic ut sedeat hi duo filij mei, unus ad dexteram, & unus ad sinistram in Regno tuo, p. 418. c. 2. in fin. & seqq.



- Cap. 11. v. 19. *Nunquam ex te fructus nascitur in sempiternum, pag. 31. col. 1.*  
 & p. 32. c. 1.
- Cap. 22. v. 19. *Offendite mihi numisma census, p. 331. c. 1. in fin.*
- v. 20. *Cujus est imago hæc, & superscriptio? p. 329. c. 1. & seqq.*
- v. 21. *Dicunt ei: Caesaris, pag. 329. c. 1. & seqq.*
- Ibid. *Reddite ergo quæ sunt Caesaris, Caesaris; & quæ sunt Dei, Deo, p. 362. c. 2.*
- Cap. 23. v. 2. *Super cathedram Moysi sederunt Scribae, & Pharisei, p. 198. c. 1.*
- v. 6. *Amant autem primos recubitus in canis, & primas cathedras in synagoga, p. 230. c. 1.*
- v. 27. *S: pulchra dealbata, p. 292. c. 1.*
- Cap. 24. v. 29. *Sol obscurabitur, & Luna non dabit lumen suum, & Stelle cadent de Cælo, p. 210. c. 1.*
- v. 30. *Tunc parebit signum Filij hominis in Cælo, p. 255. c. 1.*
- Ibid. *Tunc videbunt Filium hominis venientem in nubibus Cæli, p. 59. e. 1. & 2.*
- v. 43. *Non sineret perfodi domum suam, p. 499. c. 2.*
- Cap. 25. v. 15. *Vnicuique secundum propriam virtutem, p. 43. c. 2.*
- v. 19. *Post multum vero temporis venit Dominus ser vorum illorū, & posuit rationem cum eis, p. 41. c. 2. in fin. & seq.*
- v. 34. *Venite benedicti, p. 83. c. 1.*
- v. 40. *Quandū fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis, pag. 325. c. 1.*
- v. 41. *Discedit a me maledicti in ignem æternum, pag. 52. col. 1. in princ. & p. 83. col. 1.*
- Cap. 26. v. 8. *Vt quid perditio hæc? p. 139. col. 1.*
- v. 10. *Opus enim bonum operata est in me, pag. 479. col. 2.*
- v. 21. *Amen dico vobis, quia unus vestrum me traditurus est p. 30. c. 1.*
- v. 22. *Nunquid ego sum Dominus? p. 30. col. 1.*
- v. 26. *Hoc est corpus meum, p. 563. c. 2. in fin. & seqq.*
- v. 31. *Percutiam pastorem, & dispergentur oves gregis, p. 299. c. 1.*
- v. 58. *Vt videret finem, p. 76. c. 2.*
- v. 65. *Blasphemavit, p. 141. col. 2.*
- v. 68. *Prophetiza nobis Christe: Quis est qui te percussit? p. 115. c. 1.*
- Cap. 27. v. 13. *Non audis quanta aduersum te dicunt testimonia? pag. 134. col. 1.*
- v. 24. *Accepta aqua, lavit manus coram populo, dicens: Innocens ego sum a sanguine iusti huius, p. 65. c. 2. & seq.*
- v. 25. *Sanguis ejus super nos, pag. 66. col. 1.*
- v. 34. *Dederunt ei vinum cum felle mistum, p. 443. col. 2.*
- Ibid. *Cum gustasset, noluit bibere, p. 443. col. 2. in fin.*
- v. 37. *Et imposuerunt super caput ejus causam ipsius scriptam, p. 63. e. 1. in fin. & c. 2.*
- v. 42. *Seipsum non potest saluum facere, pag. 141. c. 2.*
- v. 63. *Seductor ille, p. 141. c. 2.*
- Cap. 28. v. 2. *Angelus Domini descendit de Cælo, p. 557. c. 2. & seqq.*
- v. 5. *Dixit mulieribus, pag. 557. c. 2. & seqq.*
- Ibid. *Iesum, qui crucifixus est, quaritis, p. 557. c. 1. in fin. & seqq.*
- Ex D. Marco.
- Cap. 3. v. 17. *Jacobū Zebedæi, & Ioannem*

- fratrem Iacobi: & imposuit eis nomina  
Boanerges, quod est, Filij tonitruu, pag.  
478. col. 2.
- Cap. 4. v. 24. In qua mensura mensi fuerit-  
tis, remetietur vobis, p. 461. c. 1.
- Cap. 6. v. 35. Desertus est locus, &c. pag.  
535. c. 2. in princ.
- Cap. 8. v. 2. Nec habent quod manducent,  
p. 535. c. 2. in princ.
- v. 4. Unde illos quis poterit hic saturare  
panibus in solitudine? p. 535. col. 2. in  
princ.
- v. 8. Saturati sunt, p. 272. c. 1.
- v. 24. Video homines, velut arbores, am-  
bulantes, p. 124. c. 1. in fin.
- Cap. 11. v. 12. Esurijt, p. 31. col. 1. in princ.
- v. 13. Siquid forte inueniret in ea, p. 31.  
col. 1.
- Ibid. Non enim erat tempus sicorum, p.  
31. col. 1. pag. 22. c. 1. & p. 540. c. 1.
- v. 14. Et respondens dixit ei: Iam non  
amplius in aeternum ex te fructum quis-  
quam manducet, p. 31. c. 2.
- Cap. 13. v. 32. De die autem illo nemo scit,  
neque Angeli, neque Filius, pag. 420. c.  
2. in fin. & seqq.
- Cap. 14. v. 3. Simonis Leprosi, p. 77. c. 2.
- v. 23. Cæpit pavere, & tædere, pag. 183.  
col. 2. in fin.
- v. 44. Dederat autem traditor ejus sig-  
num eis, dicens: Quemcumque oscula-  
tus fuero, ipse est: tene e eum, pag. 82. c.  
2. in fin. & seqq.
- Cap. 16. v. 5. Et introeuntes in monumen-  
tum viderunt juvenem sedentem, pag.  
557. c. 2. & seqq.
- v. 6. Iesum quæritus Nazarenum, cruci-  
fixum, p. 557. c. 2. in princ. & seqq.
- v. 20. Prædicaverunt ubique, pag. 248.  
col. 1.
- Cap. 1. v. 28. Ave gratia plena, p. 402. c. 2.  
v. 29. Turbata est in sermone ejus p. 184.  
col. 2.
- v. 30. Ne timeas Maria, p. 184. c. 2.
- Ibid. Invenisti gratiam apud Deum, p.  
403. c. 1.
- v. 32. Dabit illi Dominus Deus sedem  
David patris ejus: & regnabit in domo  
Iacob in æternum, pag. 96. col. 2. in fin.  
& seqq.
- v. 35. Spiritus Sanctus supervenit: in te,  
pag. 402. c. 2.
- v. 37. Quia non erit impossibile apud  
Deum omne verbum, p. 569. c. 2.
- v. 38. Fia: mihi secundum verbum tuum,  
pag. 184. c. 2.
- v. 41. Exultavit infans in utero, p. 540.  
col. 2.
- v. 57. 58. & seqq. Elisabeth impletum est  
tempus pariendi: & peperit filium. Et  
audierunt vicini, & cognati ejus, quia  
magnificavit Dominus misericordiam  
suam cum illa, & congratulabatur ei.  
Et venerunt circumcidere puerum, &c.  
pag. 533. c. 1. & seqq.
- v. 63. Adirati sunt uni versi, pag. 533. c.  
2. & seqq.
- v. 65. Factus est timor super omnes vici-  
nos eorum, p. 533. c. 2. in fin.
- Ibid. Divulgabantur omnia verba hæc,  
pag. 544. c. 2.
- v. 66. Possiderunt in corde suo, dicentes, p.  
534. c. 1.
- Ibid. Etenim manus Domini erat cum  
illo, p. 534. c. 1.
- v. 80. Puer autem crescebat, &c. p. 542.  
col. 1.
- Cap. 2. v. 7. Peperit Filium suum Primo-  
genitum, p. 166. c. 1.

- Cap. 3. v. 2. *Factum est verbum Domini super Ioannem, &c. p. 121. c. 1. & seqq.*
- v. 3. *Et venit in omnem regionem Iordaniae, praedicans baptismum poenitentiae in remissionem peccatorum, pag. 121. c. 1. & seqq.*
- v. 4. *Vox clamantis in deserto, pag. 122. col. 2. in fin.*
- Cap. 6. v. 19. *Omnis turba quaerebat eum tangere, quia virtus de illo exibat, & sanabat omnes, p. 221. c. 2. in fin.*
- v. 37. *Nolite iudicare, & non judicabimini: nolite condemnare, & non condemnabimini, p. 86. c. 1.*
- Cap. 7. v. 38. *Lacrymis cepit rigare pedes ejus, & capillis capitis sui tergebant, p. 541. col. 2.*
- v. 39. *Quia peccatrix est, pag. 83. col. 2. & p. 139. col. 1.*
- v. 47. *Remittantur ei peccata multa, pag. 69. c. 1.*
- Cap. 8. v. 5. *Exijt qui seminat, seminare, pag. 122. c. 2.*
- v. 11. *Semen est verbum Dei, pag. 122. col. 2.*
- Cap. 9. v. 31. *Dicebant excessum ejus, quem completurus erat in Ierusalena, p. 442. col. 2.*
- v. 33. *Nesciens quid diceret, p. 460. c. 1.*
- v. 54. *Domine, vis dicimus, ut ignis descendat de Caelo, & consumat illos? pag. 479. c. 1. in princ.*
- Cap. 10. v. 27. *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, & ex tota anima tua, & ex omnibus viribus tuis, & ex omni mente tua, p. 283. c. 2. & seqq.*
- v. 39. *Et huic erat soror nomine Maria, p. 565. c. 2.*
- Ibid. *Qua etiam sedens secus pedes Domini, p. 568. c. 1. in princ.*
- Ibid. *Audiebat verbum illius, p. 367. c. 1.*
- v. 40. *Domine, non est tibi cura, quod soror mea reliquit me solum ministrare? p. 139. c. 1. & p. 565. c. 2. & seqq.*
- v. 41. *Martha, Martha, sollicita es, & turbaris erga plurima, pag. 310. col. 1. & c. 2. in fin.*
- v. 42. *Maria optimam partem elegit, pag. 310. c. 1. & p. 263. c. 1. & seqq.*
- Cap. 11. v. 2. *Adveniat Regnum tuum, p. 149. col. 1.*
- v. 15. *In Beelzebub Principe Daemoniorum ejicit Daemonia, p. 141. c. 2.*
- Cap. 12. v. 19. *Anima mea habes multa bona in annos plurimos, pag. 455. c. 2. in fin.*
- v. 20. *Qua autem parasti, cujus erunt? p. 456. c. 1.*
- v. 38. *Si venerit in secunda vigilia, & si in tertia vigilia venerit, & si in invenerit: beati sunt servi illi, pag. 281. col. 1. & seqq.*
- v. 39. *Quoniam si sciret Pater familias, qua hora sur veniret, vigilaret utique, pag. 316. c. 2.*
- Cap. 14. v. 1. *Sabbatho manducare panem, & ipsi observabant eum, p. 192. col. 1. in fin.*
- v. 7. *Dicebat autem & ad invitatos parabolam, p. 194. c. 1.*
- Ibid. *Intendens quomodo primos accubitus eligerent, pag. 193. col. 1. & p. 202. c. 1. in fin. & seqq.*
- v. 8. *Cum vocatus fueris ad nuptias, &c. pag. 193. c. 2.*
- v. 9. *Da huic locum, p. 226. c. 2.*
- Ibid. *Et tunc incipias cum rubore novissimum locum tenere, pag. 193. c. 2. in fin.*
- v. 125. c. 2. & p. 229. c. 1.
- v. 10. *Recumbe in novissimo loco, p. 191. c. 1. & seqq.*

- Ibid. *Amice, ascende superius*, pag. 226. col. 2. & p. 229. c. 1.
- v. 28. & 29. *Quis ex vobis volens turrim edificare, non prius sedens computat sumptus, qui necessarij sunt: ne, postquam posuerit fundamentum, & non poterit perficere, omnes qui vident, incipiant illudere ei?* p. 313. c. 2.
- Cap. 15. v. 7. *Dico vobis, quod ita gaudium erit in Cælo super uno peccatore penitentiam agente, quam super nonaginta novem justis, qui non indigent penitentia,* p. 555. c. 2.
- v. 12. *Pater, da mihi portionem substantiæ, quæ me contingit,* p. 457. c. 1. in fin. & seqq.
- v. 13. *In regione longinquam,* p. 457. c. 1.
- v. 18. *Pater, peccavi in Cælum, & coram te,* p. 457. c. 1. & seqq.
- v. 31. *Fili, tu semper mecum es, & omnia mea tua sunt,* p. 457. c. 2. in fin. & seqq.
- Cap. 16. v. 2. *Redde rationem villicationis tuæ: jam enim non poteris villicare,* p. 35. c. 1. in fin.
- v. 24. *Pater Abraham, miserere mei, & mitte Lazarum, ut intingat extremum digiti in aquam, ut refrigeret linguam meam,* p. 522. c. 2. in fin. & seqq.
- v. 27. & 28. *Rogo te pater, ut mittas enim in domum patris mei: habeo enim quinque fratres, ut testetur illis, ne & ipsi veniant in hunc locum,* p. 523. c. 1. & seqq.
- Cap. 17. v. 37. *Vbicunque fuerit corpus, illuc congregabuntur & aquilæ,* p. 250. c. 2.
- Cap. 19. v. 5. *Descende,* p. 209. c. 2.
- v. 12. *Abijt in Regionem longinquam accipere sibi Regnum, & reverti,* p. 339. c. 1.
- v. 13. *Negotiamini dum venio,* pag. 41. col. 2.
- v. 22. *Serve nequam,* p. 42. c. 2.
- Cap. 21. v. 25. *Erunt signa in Sole, & Luna,* pag. 82. c. 2.
- v. 33. *Cælum, & terra transibunt: verba autem mea non transibunt,* p. 1. c. 1. & seqq.
- Cap. 22. v. 17. *Dividite inter vos,* p. 248. col. 1.
- v. 19. *Hoc est corpus meum,* p. 409. c. 1. & pag. 563. c. 2. in fin. & seqq.
- v. 20. *Hic est Calix novum testamentum in sanguine meo,* pag. 409. c. 1. p. 410. col. 1. & p. 564. c. 1. in princ. & seqq.
- v. 24. *Quis eorum videretur esse maior,* p. 195. c. 1. & p. 417. c. 2. & seqq.
- v. 31. *Satanas expetivit vos, ut ribraret fecit triticum,* p. 25. c. 1.
- v. 43. *Prolixius orabat,* p. 179. c. 1.
- v. 44. *Et factus est sudor ejus sicut guttæ sanguinis,* p. 171. c. 1. & 2. p. 172. c. 2. p. 179. c. 1. & 2. & p. 184. c. 2. in fin.
- v. 49. *Domine, si percussimus tu gladio?* p. 479. c. 2. in fin.
- v. 61. *Respexit,* pag. 123. c. 1.
- Cap. 23. v. 2. *Subvertentem gentem nostram,* p. 141. c. 2.
- v. 14. *Ego nullam causam invenio in homine isto,* p. 63. c. 2.
- v. 25. *Iesum vero tradidit voluntati eorum,* p. 63. c. 2.
- v. 34. *Pater, dimitte illis: non enim sciunt quid faciunt,* p. 33. c. 1.
- v. 43. *Hodie mecum eris in Paradiso,* pag. 410. c. 2. in fin.
- Cap. 24. v. 13. *Ipsa die,* pag. 299. c. 2.
- Ibid. *Stadorum sexaginta,* pag. 299. col. 2.
- v. 15. *Ipse Iesus appropinquans ibat curus illis,* p. 299. c. 2.

Ex D. Joanne.

Cap. 1. v. 13. *Qui non ex sanguinibus, sed*

- ex Deo nati sunt, pag. 374. c. 2.*
- v. 14. *Verbum caro factum est, pag. 237. col. 1. in fin. pag. 242. col. 1. & seqq. & p. 273. c. 1.*
- Ibid. *Et habitavit in nobis, pag. 242. c. 1. & seqq.*
- Ibid. *Et vidimus gloriam ejus, gloriam quasi Unigeniti a Patre, plenum gratia, & veritatis, p. 273. c. 1. pag. 385. col. 1. in princ. & pag. 426. c. 1.*
- v. 16. *De plenitudine ejus omnes accipimus, & gratiam pro gratia, p. 385. c. 1.*
- v. 19. *Sacerdotes, & Levitas, p. 89. c. 1.*
- Ibid. *Tu quis es? p. 88. c. 1. & seqq. pag. 127. c. 2. in princ. & p. 545. c. 2.*
- v. 20. *Et confessus est, & non negavit: & confessus est: Quia non sum ego Christus, p. 93. c. 1. & 2. & p. 101. c. 1. & seqq.*
- v. 21. *Elias es tu? pag. 101. col. 2. in fin. & seq. & p. 108. c. 1.*
- Ibid. *Non sum, pag. 102. col. 1. & pag. 115. c. 2. in fin.*
- Ibid. *Propheta es tu? pag. 108. c. 1. pag. 109. c. 1. & p. 115. c. 1.*
- Ibid. *Non, pag. 108. c. 1.*
- v. 22. *Quid dicis de te ipso? p. 88. col. 1. & seqq.*
- v. 23. *Ego vox clamantis in deserto, pag. 115. c. 1. in fin. p. 116. c. 2. & p. 117. c. 2. in fin.*
- v. 26. *Medius vestrum stetit, quem vos nescitis, p. 101. c. 2.*
- v. 28. *Hec facta sunt trans Iordanem, p. 102. c. 1.*
- Cap. 3. v. 19. *Lux venit in mundum, & dilexerunt homines magis tenebras, quã lucem, p. 61. c. 1. & 2.*
- v. 29. *Qui habet sponsam, sponsus est: amicus autẽ sponsi gaudio gaudet, p. 538. c. 2.*
- v. 30. *Illum oportet crescere, me autem minui, pag. 545. c. 1.*
- Cap. 4. v. 38. *Alij laboraverunt, & vos in labores eorũ introistis, p. 467. c. 1. in fin.*
- Cap. 5. v. 17. *Pater meus usque modo operatur: & ego operor, p. 319. c. 1.*
- v. 22. *Pater omne judicium dedit Filio, p. 62. c. 2. & p. 61. c. 1. in princ.*
- Cap. 6. v. 2. *Sequebatur eum multitudo magna, quia videbani signa, que faciebat super his, qui infirmabantur, p. 320. col. 2. in fin.*
- v. 5. *Cum sublevarisset oculos Iesus, & vidisset quia multitudo maxima venit ad eum, p. 321. c. 1.*
- v. 10. *Discubuerunt ergo viri, numero quasi quinque millia, p. 321. c. 1.*
- v. 12. *Superaverunt fragmenta, p. 272. c. 1.*
- v. 27. *Operamini non cibum, qui perit, sed qui permanet in vitam æternam, quem Filius hominis dabit vobis, p. 227. c. 2. & seqq.*
- Ibid. *Hunc enim Pater signavit Deus, p. 237. c. 2. & seqq.*
- v. 31. *Patres nostri manducaverunt Manã in deserto, p. 535. c. 1.*
- v. 50. *Hic est panis de Celo descendens: ut si quis ex ipso manducaverit, non moriatur, p. 265. c. 1.*
- v. 54. *Nisi manducaveritis carnem Filij hominis, & biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis, p. 239. c. 2.*
- v. 55. *Caro mea, verè est cibus, p. 243. c. 1. in fin.*
- v. 58. *Qui manducat me, & ipse vivet propter me, p. 239. c. 2. in fin.*
- v. 59. *Hic est panis, qui de Celo descendit, p. 231. c. 1. & seqq. & p. 459. c. 1.*
- Ibid. *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum, p. 259. c. 1. & seqq.*
- v. 62. *Hoc vos scandalizat? p. 240. c. 2.*

- v.63. Si ergo videritis Filium hominis ascendentem ubi erat prius? p.240.c.2.
- v.64. Spiritus est, qui vivificat: caro non prodest quidquam, p.240.c.2. & seqq.
- Cap.7.v.34. Quæretis me, & non invenietis, p.156.c.1.
- Cap.8.v.21. Et in peccato vestro moriemini, p.156.c.1.
- v.48. Samaritanus es tu, & Dæmonium habes, p.141.c.2.
- Cap.9.v.2. Rabbi, quis peccavit, hic, aut parentes ejus, ut cæcus nasceretur? p.82.c.2. & p.514.c.2.
- Cap.10.v.14. Ego sum Pastor bonus: & cognosco oves meas, & cognoscunt me meæ, p.358.c.1.
- Cap.11.v.11. Lazarus amicus noster dormit, p.408.c.1. in fin. & col.2.
- v.14. Lazarus mortuus est, pag.408.c.1. in fin. & col.2.
- v.47. Quia hic domo multa signa facit, pag.69.c.1. in fin.
- v.48. Venient Romani, & tollent nostrum locum, p.230.c.2.
- Cap.12.v.10. 11. & seqq. Cogitaverunt Principes Sacerdotum ut & Lazarum interficerent, &c. p.508.c.1. & seqq.
- v.13. Hofanna filio David, p.514.c.1.
- v.19. Ecce mundus totus post eum abiit, p.69.c.2. in princ.
- Cap.13.v.28. Hoc autem nemo scivit discumbentium, p.420.c.1. in princ. & col.2. & seqq.
- Cap.14.v.2. Vado parare vobis locum, p.199.c.2.
- v.12. Opera quæ ego facio, faciet, & maior a faciet: quia ad Patrem vado, pag.320.c.2.
- v.23. Si quis diligit me, sermonem meum servabit, & ad eum veniemus, & mansorem apud eum faciemus, p.381.col.1. in fin. & seqq.
- Cap.15.v.13. Maiorem hac dilectionem nemo habet, p.559.c.2.
- Cap.16.v.24. Petite, & accipietis, p.322.col.2.
- Cap.19.v.12. Si hunc dimittis, non es amicus Cesaris, p.339.c.2. in fin.
- v.26. Mulier, ecce filius tuus, p.409.c.1.
- v.34. Latus ejus aperuit, p.409.col.2.
- Ibid. Exivit sanguis, & aqua, pag.66.c.2. p.171.col.1. in princ. & col.2. & p.409.col.2.
- Cap.21.v.24. Et scimus quia verum est testimonium ejus, p.411.c.2. in fin. & seqq.
- v.15. Simon Ioannis, diligit me plus his? p.303.c.2.
- Ibid. Tu scis quia amo te p.303.c.2.
- Ibid. Pasce agnos meos, p.304.c.1.
- v.17. Dicit ei tertio, p.304.c.1.
- Ibid. Pasce oves meas, pag.303.col.2. in fin. & seqq.
- v.20. Conversus Petrus, vidit illum discipulum, quem diligebat Iesus, sequentem, p.404.c.1. & seqq.
- Ibid. Qui & recubuit in cana super petus ejus, p.406.col.2. & pag.421.c.2. in fin.
- Ibid. Et dixit: Domine, quis est, qui tradet te? p.419.col.2. & pag.421.c.1. in fin. & seqq.
- v.21. Domine, hic autem quid? p.405.c.1. & p.414.c.2. & seqq.
- v.22. Sic cum volo manere donec venis, quid ad te? p.405.c.1. & 2. & p.414.c.2. & seqq.
- Ex Libr. Actuum Apostolorum.
- Cap.1.v.9. Et nubes suscepit eum ab oculis eorum, pag.274.col.1.
- v.25. Ut abiret in locum suum, pag.201.col.1.

- Cap. 3. v. 17. Scio quia per ignorantiam fecistis, sicut & Principes vestri, p. 33. c. 1.
- Cap. 14. v. 11. Vocabant Barnabam, lo-  
vum: Paulum vero, Mercurium, pag.  
335. c. 1.
- Ibid. Quoniam ipse erat dux verbi, pag.  
335. col. 1.
- Cap. 17. v. 28. In ipso enim vivimus, &  
movemur, & sumus, p. 241. c. 1.
- Ex Epist. D. Paul. ad Romanos.
- Cap. 2. v. 1. In quo iudicas alterum, teip-  
sum condemnas, p. 86. col. 2. in fin.
- v. 4. An divitias bonitatis eius, & pati-  
entia, & longanimitatis contemnis? pag.  
26. c. 2. in fin.
- v. 5. Secundum autem duritiam tuam, &  
impunitens cor, thesaurizas tibi iram,  
in die ire, & revelationis iusti iudicij  
Dei, p. 26. c. 2. in fin. & seqq.
- Cap. 8. v. 16. Ipse enim Spiritus testimoniū  
re addit spiritui nostro, quod sumus Filij  
Dei, p. 376. c. 1.
- v. 17. Si autem filij, & hæredes: hæredes  
quidem Dei, coheredes autem Christi:  
si tamen compatimur, ut & conglorifi-  
cemur, pag. 376. c. 1.
- v. 35. Quis ergo nos separabit a charitate  
Christi? p. 376. c. 2.
- Cap. 9. v. 3. Optabam ego ipse aná. hema  
esse à Christo pro fratribus meis, qui sunt  
cognati mei secundum carnem, p. 378.  
col. 1.
- Cap. 11. v. 33. Quam incomprehensibilia  
sunt iudicia eius! p. 32. c. 1. in fin.
- v. 35. Aut quis prior dedit illi, & retri-  
buetur ei? pag. 548. c. 1.
- Cap. 15. v. 19. Evangelium Christi, pag.  
257. c. 1.
- Ex Epist. I ad Corinth.
- Cap. 3. v. 8. Vnusquisque propriam merce-
- dem accipiet secundum suum laborem,  
pag. 461. c. 1. in fin.
- Cap. 4. v. 4. Nihil mihi conscius sum, pag.  
29. c. 1. & 2.
- Ibid. Sed non in hoc iustificatus sum: qui  
autem iudicat me, Dominus est, pag. 29.  
col. 2.
- v. 5. Nolite ante tempus iudicare, p. 77. c.  
1. in princ.
- Ibid. Quoadusque veniat Dominus, qui  
& illuminabit abscondita tenebrarum,  
pag. 34. c. 1. in fin.
- Cap. 7. v. 29. Vt & qui habent uxores, tá-  
quam non habentes sint, p. 3. c. 2. & seqq.
- v. 30. Et qui flet, tanquam non fletus:  
& qui gaudent, tanquam non gauden-  
tes: & qui emunt, tanquam non possi-  
dentes, pag. 3. c. 2. & seqq.
- v. 31. Et qui utuntur hoc mundo, tan-  
quam non utantur, p. 3. c. 2. & seqq.
- Ibid. Præterit enim figura huius mundi,  
p. 4. c. 1.
- Cap. 9. v. 24. Omnes in stadio currunt: sed  
unus accipit præmium, p. 203. c. 1.
- Cap. 10. v. 11. Omnia in figura con:inge-  
bant illis, p. 163. c. 1.
- v. 12. Qui se existimat stare, videat ne  
cadat, p. 215. c. 2.
- Cap. 11. v. 23. In qua nocte tradebatur, p.  
245. c. 2.
- v. 24. Hoc est corpus meum, quod pro vo-  
bis tradetur, p. 261. c. 2. in princ.
- Cap. 13. v. 7. Omnia suffert, p. 265. c. 2.
- Ibid. Omnia credit, omnia sperat, omnia  
sustinet, p. 312. c. 2.
- v. 11. Cum essem parvulus, loquebar ut  
parvulus, sapiebam ut parvulus, cogita-  
bam ut parvulus. Quando autem factus  
sum vir, evacuavi quæ erant parvulus,  
pag. 291. c. 1. & 2.

- Cap. 15. v. 10. ex addit. Ecclef. Gratia  
ejus in me vacua non fuit, sed gratia  
ejus semper in me manet. p. 278. c. 2. in  
fin. & seqq. & p. 424. c. 1. in princ.  
v. 31. Quotidie morior. pag. 23. c. 2. & p.  
561. c. 2. in princ.  
v. 41. Alia claritas Solis, alia claritas Lu-  
næ, & alia claritas Stellarū. Stella enim  
a stella differt in claritate. p. 461. c. 2.  
v. 46. Non prius quod spirituale est, sed  
quod animale, deinde quod spirituale. p.  
289. c. 2.

## Ex Epist. 2. ad Corinth.

- Cap. 2. v. 12. Evangelium Christi, p. 257.  
col. 1.  
Cap. 3. v. 18. A claritate in claritatem, p.  
416. c. 2. in princ.  
Cap. 5. v. 15. Pro omnibus mortuus est  
Christus. p. 164. c. 1.  
v. 21. Qui non noverat peccatum, pro no-  
bis peccatum fecit. p. 552. c. 1. & seqq.  
Cap. 6. v. 1. Ne in vacuum gratiam Dei  
recipiatis. p. 278. c. 2. & seqq.  
Cap. 9. v. 6. Qui parce seminat, parce &  
metet: & qui seminat in benedictioni-  
bus, de benedictionibus & metet. p. 461.  
col. 1. in fin.  
v. 13. Evangelium Christi, p. 257. c. 1.  
Cap. 11. v. 29. Quis infirmatur, & ego non  
infirmor? Quis scandalizatur, & ego  
non uror? p. 465. c. 1. in princ. & c. 2.  
Cap. 12. v. 4. Audivit arcana verba, quæ  
non licet homini loqui. p. 422. c. 2.  
Ex Epist. ad Galatas  
Cap. 5. v. 25. Spiritu vivimus, spiritu &  
ambulemus, p. 245. c. 1.  
Cap. 6. v. 14. Mihi mundus crucifixus est,  
& ego mundo. p. 543. c. 1. in princ.  
Ex Epist. ad Philippenf.  
Cap. 2. v. 6. & 7. Cum in forma Dei esset,

non rapinam arbitratus est esse se æqua-  
lem Deo, &c. pag. 232. col. 2. & seqq. &  
pag. 238. col. 2.

Cap. 4. v. 12. Scio abundare, & scio esuri-  
re. p. 44. c. 2.

v. 13. Omnia possum in eo, qui me con-  
fortat. pag. 214. c. 1.

## Ex Epist. ad Colossenses.

Cap. 1. v. 20. Pacificans per sanguinē Cru-  
cis ejus, sive qua in terris, sive qua in  
Cælis, p. 168. c. 2.

Cap. 3. v. 3. Mortui estis: & vita vestra  
est abscondita cum Christo, in Deo, pag.  
275. c. 1. & 2.

v. 4. Cum Christus apparuerit, vita ve-  
stra: tunc & vos apparebitis cum ipso  
in gloria. p. 275. c. 2. & seqq.

## Ex Epist. ad Titum.

Cap. 2. v. 13. Expectantes beatam spem, &  
adventum gloriæ magni Dei, pag. 370.  
col. 2. & seqq.

## Ex Epist. ad Hebræos.

Cap. 1. v. 2. Novissime locutus est nobis in  
Filio, p. 256. c. 2.

v. 3. Qui cum sui splendor gloria, & figu-  
ra substantiæ ejus. p. 350. c. 2.

v. 14. Omnes sunt administratorij spiri-  
tus in ministerium missi. p. 311. c. 1.

Cap. 4. v. 16. Adeamus ergo cum fiducia  
ad thronum gratiæ: ut misericordiam  
consequamur, & gratiam inveniamus  
in auxilio opportuno. p. 42. c. 2.

Cap. 6. v. 6. Rursum crucifigentes Filium  
Dei. p. 50. c. 2.

Cap. 7. v. 12. Translatio enim sacerdotio,  
necesse est, ut & legis translatio fiat. pag.  
251. col. 2. in fin. & seqq.

v. 23. Et alij quidem plures facti sunt Sa-  
cerdotes, idcirco quod morte prohiberentur  
permanere. pag. 252. col. 1.



v. 24. Hic autem, eò quod maneat in æternum, sempiternum habet sacerdotium, p. 252. c. 1.

Cap. 9. v. 11. Pontifex futurorum bonorũ, p. 252. c. 2. in fin. & seqq.

Ca. 10. v. 14. Una oblatione, consummavit in sempiternum sanctificatus, p. 253. c. 1. v. 29. Qui Filium Dei concubaverit, & sanguinem testamenti pollutum duxerit, in quo sanctificatus est, & spiritui gratiæ contumeliam fecerit? p. 400. c. 1.

Cap. 11. v. 24. & 25. Moyses grandis factus negavit se esse filium filia Pharaonis: magis eligens affigi cum populo Dei, &c. p. 543. c. 1. in fin. & seqq.

Cap. 12. v. 17. Obedite Præpositis vestris, & subjacete eis. Ipsi enim pervigilant, quasi rationem pro animabus vestris reddisuri, p. 36. c. 2.

Ex Epist. 1. D. Petri.

Cap. 1. v. 3. & 4. Benedictus Deus, & Pater Domini nostri Iesu Christi, qui secundum misericordiam suam magnam regeneravit nos in hereditatem incorruptibilem, & incontaminatam, & immarcescibilem, conservatam in Cælis in vobis, p. 382. c. 1. in fin. & seqq.

v. 7. Aurum quod per ignem probatur, p. 446. c. 1.

v. 8. Quem cum non videritis, diligitis, pag. 372. c. 2. in fin.

Ex Epist. 2. D. Petri.

Cap. 1. v. 4. Per quem maxima, & pretiosa nobis promissa donavit: ut per hac efficiamini divina consortes nature, pag. 369. c. 1. & 2.

v. 10. Fratres satagite, ut per bona opera certam vestram vocationem, & electionem faciatis, p. 119. c. 1. & seqq.

Ex Epist. 1. D. Joannis,

Tqm. 7.

Cap. 1. v. 1. Siquis peccaverit, advocatus habemus apud Patrem, Iesum Christum iustum, p. 148. c. 2.

Cap. 3. v. 1. Videte qualem charitatem dedit nobis Pater, ut Filij Dei nominemur, & fratres. Propter hoc mundus non novit nos: quia non novit eum, p. 374. col. 2. in fin. & seqq.

v. 2. Quoniam videbimus eum sicuti est, p. 381. c. 2.

Ex Libr. Apocalypsis.

Cap. 1. v. 14. Oculi ejus tanquam flamma ignis, p. 476. c. 2.

v. 16. Gladius utraque parte acutus, pag. 143. c. 2.

Cap. 4. v. 6. Ante, & retrò, p. 285. c. 2.

v. 7. Et quantum animal simile aquila volanti, p. 385. c. 2.

v. 10. Mitebant coronas suas ante thronum, p. 549. c. 1. in fin.

Cap. 5. v. 6. Agnum stantem tanquam occisum, p. 235. c. 1. & 2.

v. 9. Cantabant canticum novum, p. 236. c. 1. in fin.

v. 12. Dignus est Agnus, qui occisus est, accipere virtutem, & divinitatem, pag. 235. c. 1. & seqq.

Cap. 6. v. 9. Vidi subtus altare animas interfectorum propter verbum Dei, p. 258. c. 2. in fin. & seqq.

v. 12. Sol factus est niger, tanquam sacculus cilicinus, p. 553. c. 2. in fin.

Cap. 7. v. 17. Et abstergit Deus omnem lacrymam ab oculis eorum, p. 448. c. 1.

Cap. 14. v. 4. Virgines enim sunt. Hi sequuntur Agnum quocumque ierit, pag. 305. c. 1.

v. 6. Habebim Evangelium æternum, p. 256. c. 2. in fin. & seqq.

v. 7. Quia venit hora iudicij ejus, p. 257. c. 2.

& 1.

Qq

Cap.

- Cap. 19. v. 12. *Et in capite ejus diadema  
ta multa, p. 549. c. 2. in princ.*
- Cap. 20. v. 11. *Et vidi thronum magnum  
sandidum, & sedentem super eum, a cu-  
jus conspectu fugit terra, & cælum, p.  
28. c. 1.*
- v. 12. *Et vidi mortuos magnos, & pusillos  
stantes in conspectu throni, p. 28. c. 1.*
- Ibid. *Et libri aperti sunt: & alius liber  
apertus est, qui est vitæ: & judicati  
sunt mortui ex his quæ scripta erant in  
libris secundum opera ipsorum, p. 28. c. 1.*

- Cap. 21. v. 4. *Et mors ultra non erit, ne-  
que luctus, neque dolor erit ultra, quia  
prima abierunt, p. 446. c. 1.*
- v. 21. *Platea ciuitatis aurum mundum,  
p. 446. c. 1. in fin & seqq.*
- Ibid. *Tanquam vitrum perlucidum, p.  
446. c. 2.*
- v. 23. *Nam claritas Dei illuminavit  
eam, & lucerna ejus est Agnus, p. 254.  
col. 1. & seqq.*
- v. 27. *Non intrabit in eam aliquod coin-  
quatum, p. 447. c. 1.*



# I N D E X

Das cousas mais notaveis.

*Os Numeros, significação as Paginas.*

**A**

*Acçoens.* **A**S Acçoens de cada hum são a sua essencia, pag. 115. 116. A verdadeira fidalguia he Acção, p. 117. Nas Acçoens se devem fundar as eleiçoens, & segurar as predestinaçoens, p. 118.

*Adão.* Escusa que teve Adão para não responder a Deos, quando lhe perguntou aonde estava, p. 22. Por valor, & virtude do sangue de seu Filho foi a Virgem Maria preservada do peccado de Adão, p. 161. usque ad 165. Adão nascendo unicamente homem, nem por isso deixou de ser minino, p. 285. A Adão deo Deos particularmente o titulo de imagem sua: & porque, p. 332. Porque perdeu Adão com o Paraíso a Monarchia do Vniverfo, p. 340. Perguntase, se Adão pela desobediencia perdeu o ser que tinha, de imagem de Deos, p. 352.

*Alma.* E bem, porque mais se deve temer a morte da Alma, que a do corpo, he o juizo de Deos mais temeroso, que o dos homens: & porque, p. 78. & ulterius. Por mais que húa Alma fosse senhora de todo o mundo, sempre ficaria vazia, porque só Deos a pôde encher, p. 277. O que devem procurar os verdadeiros Christãos, he encher a Alma com a graça, & a graça com as obras, p. 278. A Alma que chegou ao cume da perfeição da vida contemplativa, nem as acçoens lhe divertem a contemplação, nem a contemplação lhe diverte as acçoens, p. 311. O que ouver de ser verdadeira imagem de Deos, nam basta que seja homem cõ Alma, senão tambem Alma com homẽ, p. 333. He tanta a alteza de huma Alma, que está em graça, que chega Deos a se tratar com o homem com tanta familiaridade, como se forão iguaes, p. 373.

*Altura.* A mesma Altura dos grandes lugares he o final certo de sua ruina, p. 209. Não ha Altura neste mundo, que não seja precipicio, p. 211. Os lugares altos, ainda que não haja enveja, nem competencia, que os inquiete, elles mesmos se inquietão, & a quem está nelles, p. 219 220.

*Ambição.* A Ambição dos homens mais os leva a subir pelo difficiltofo, que a decer pelo facil, p. 206. Onde ha enveja, & Ambição de lugares, não ha virtude, p. 218.

*Amigo.* Hum dos grandes escandalos do mundo, he não se testar dos Amigos, p. 407. O maior Amigo permanece até a morte: depois da morte, ninguem he Amigo, p. 408.

*Amor.* Não pronostica melhor, quem melhor entende, senão quem ama, p. 113. A cegueira do Amor proprio, he muito maior, que a cegueira dos olhos, p. 124. & ulterius. O Amor he hum sentimento, que faz insensiveis, p. 139. Não ha motivos, porque hajamos de amar a Deos sobre todas as cousas para o fim da vida, pelos quaes já agora o não devamos amar assim, pag. 150. Mais he de estranhar o Amor dos primeiros lugares, do que os mesmos lugares, p. 230. De quantas partes ha de constar o Amor de Deos, p. 283. Porque a graça consiste em amar, & ser amado de Deos, mais se deve escolher antes a graça, que a gloria, ainda que a gloria consiste em ver ao mesmo Deos, p. 371. usq. ad 374. Peior he

não amar a Deos, que não ver a Deos, p. 377. usq. ad 380. O Amor, & desejo bem ordenado da gloria, não ha de ser por amor da gloria, senão por amor da graça, pag. 383. Na Corte de Christo, os que tem por officio ser verdadeiros, são os que tem por premio o ser amados: & porque, p. 412. Amar he entregar o coração: mentir he encubrir, p. 413. A graça ha de quererse só por Amor da graça, p. 423. usq. ad 427. Não pôde haver mais fino Amor, que aquelle, que entrega o coração, & fecha os olhos, p. 427. Até os Gentios condenão o Amor, ou cobiça dos bens do mundo, p. 468. Deixar a Deos por amor dos nada do mundo, he fazer a Deos menor que nada: mas deixar o tudo do mundo por amor de Deos, he fazer a Deos maior que tudo, p. 547. Tanto crece Deos em sua grandeza, quanto desprezão os homens por seu Amor, p. 549. Que injustiças sabe fazer o Amor divino, p. 551.

*Anjos.* Porque quiz Deos, quando castigou os Anjos máos, ficassem parte delles na Região do ar, p. 529.

*Annos.* Seguirem-se aos annos os defenganos, he fazer o tempo o que faz o tempo: mas anticiparem-se os defenganos aos annos, he fazer a razão, o que o tempo havia de fazer, p. 541. Poucos annos em Palacio, convencidos, & defenganados, grande vitoria da razão, p. 542.

*Apostolos.* A perturbação que causou nos Apostolos a doutrina de Christo,

**B**

sto, quando lhe prometeo, & profetizou no Sacramento a comida de seu corpo, p. 240. Satisfaz Christo ás difficuldades dos Apostolos sobre a doutrina deste mysterio, p. 241. Como os Apostolos, sendo tão poucos, se pode estender a sua pregação às mais remotas distancias do mundo, p. 249. Quando os doze Apostolos repartirão entre sy o mundo, se levára cada hum a sua alcosa dos fragmentos do pão, com que Christo deo de comer a cinco mil homens; bastarião aquellas sobras a sustentar o mundo todo, p. 269. 270.

*Arte.* Antes de haver no mundo a Arte da pintura, retratavãose os homens cada hum pela sua sombra, p. 340. He testemunha a Arte, para prova dos bens do Ceo, puros, & sem mistura de mal, p. 446. Quem foram os primeiros, q se achão haver usado da artelharia pelo artificio da polvora, p. 492. Mais he necessario para se gerar no ar hum rayo natural, que na terra hum artificial, p. 494. Quanto maior estrago fazem estes, Ibid.

*Attributos.* De tal maneira sumio em sy o Verbo encarnado os Attributos de sua divindade, que depois de encarnar, não appareião nelle mais, que os vasos da mesma divindade, p. 233. A primeira propriedade da divindade, que he ser Deos Espirito, he o primeiro Attributo, que Christo restaurou no Sacramento, p. 239. usq. ad 244.

*Batalha.* **A**S Batalhas da razão có os annos he húa guerra, em que resistem mais os poucos, que os muitos, p. 541.

*Bautista.* De estar o Bautista em prizoens se prova, que ha-de haver outro juizo, & outro mundo, pag. 56. Como se verifica dizer Christo, q o Bautista era Elias; & dizer o Bautista, que não era Elias, p. 116.

*Bautismo.* Se queremos remissão dos peccados, tomemos a penitencia, como Bautismo, p. 149. Ainda que os Bautismos sejaõ semelhantes nos adultos, & nos innocentes; são com tudo muito differentes nos bautizados, p. 286.

*Baixa.* Sõ o ultimo lugar está livre de inquietações; & não por outro privilegio, senão por ser o mais baixo, p. 220. 221.

*Bemaventurança.* A melhor cousa, que tem a Bemaventurança, nam he o gozar a gloria, he o segurar a graça, p. 426. Como no Ceo a comunicação da gloria dos Bemaventurados he universalmente de todos, & particularmente de cada hum, p. 461. & ulterius. Quam grande será a gloria dos Bemaventurados, sendo elles infinitos, & a gloria de cada hum as glorias de todos, pag. 466. 467.

*Benção.* O que tiver Benção para todos, pôde entrar em presumpções de Messias, p. 96. 97. A desigualdade das Bençoens não argue desigualdade.

gualdade de amor em quem as dá, senão differença de merecimêtos, em quem as recebe, p. 98. Porque razão ninguém está contente com a sua Benção, Ibid. & p. 99.

*Bens.* Não só são talentos os dotes da natureza, & bens da fortuna, & os doens particulares da graça, senão também os contrarios, ou privaçoês de tudo isto, p. 42. & ulterius. Ainda que os amigos sejaõ os nossos maiores Bens, não se costuma no mundo testar dos amigos, porque são Bens, que se acabão com a vida, p. 408. A grande differença que ha entre os bens da gloria do Ceo, & os das glorias do mundo, p. 434. Todos os Bens do mundo, são Bens com mistura de males: & esta he a primeira differença, que ha entre elles, & os Bens da gloria, p. 435. usq. ad 444. Sõ os Bens da gloria, são Bens sem mistura de nenhum mal, p. 445. usq. ad 448. Dos Bens do mundo, quando muito logra cada hum os seus: dos Bens do Ceo, & no Ceo logra cada hum os seus, & mais õs de todos: & esta he a segunda differença, que ha entre huns, & outros Bens, p. 449. usq. ad 467. Os Bens do Ceo gozãõse por junto, & nam successivamente: & he a terceira differença, que elles tem dos Bens do mundo, p. 468. & ulterius.

*Bom.* Para feres bem julgado no juizo de Deos, basta que vòs sejais bom: mas para feres bem julgado no juizo dos homens, he necessario que ninguém seja mau, p. 83. No

juizo de Deos basta ser Bom no ultimo instante da vida: & no juizo dos homens basta ser mau em qualquer tempo, p. 84. Se eu sou Bom, por mais que me julguem mal os homens, não me podem fazer mau. E se eu sou mau, por mais que me julguem bem, não me podem fazer Bom, pag. 137. Se fores Bom, ferà o voffo lugar bom: & se fois melhor, ferà melhor, p. 198. 199.

*Bondade.* He tal a Bondade de Deos, que quando quer castigar os homens, o que mais sente he não haver algum, que se lhe opponha, & lhe resista, p. 486. 487.

## C

*Capa.* **C**otejada a Capa de Elias com a de Ahias, se vê quanto vai de capa a capa, de espirito a espirito, & de zelo a zelo, p. 103.

*Caridade.* A Caridade de qualquer Bemaventurado excita, affeição, & obriga naturalmente, & sem milagre a cada hum, a que se alegre, & goze dos bens de todos, p. 465.

*Castigo.* Qual he a justiça, com que Deos nos haja de castigar pelo que não conhecemos, p. 32. & ulterius. No juizo de Deos não basta a certeza do futuro para o castigo, & basta a emêda do passado, para o perdão, p. 77. De Deos são mais para se temer os castigos; & dos homês, os juizos, p. 79. & ulterius.

**Causa.** Quaes ſão as cauſas naturaes da inquietação dos lugares altos, pag. 218.

**Cafas.** Como paſſaõ as Cafas de hum dominio a outro, pag. 19. 20. Com que razão, pia, & chriſtãa nas naos a Caſa, a que os Hereges chamão Praça de armas, nõs a dedicamos a S. Barbarap. 499. uſq. ad 501.

**Claufura.** Como ſe pôde ajuntar a Claufura com a peregrinação, pag. 568.

**Ceo.** O Reyno dos Ceos em todos os tempos tem tres eſtados: & quaes ſão, p. 149. Sõ no Ceo ha melhores lugares, p. 199. uſq. ad 201. No mundo o ultimo lugar he o melhor: mas no Ceo he melhor o primeiro, p. 226. 227. O Sacramento nõ ſõ ſerã eterno no Ceo pela eternidade de ſeus eſfeitos: ſenão tambem de ſua propria ſuſtancia, p. 255. uſq. ad 260.

**Cegueira.** Quão grande he a cegueira dos que ſe vem excedidos nos talentos, p. 47. Porque acha mais a vontade, ſendo cega, que o entendimento ſendo lince, para julgar, p. 63. A cegueira do amor proprio he maior que a cegueira dos olhos, p. 124. & ulterius.

**Cidades.** Quaes foraõ as mais afamadas Cidades do mundo, p. 13. 14. E como todas tem jã paſſado, Ibid. E quantas paſſaraõ de hum dominio a outro, p. 18. 19.

**Conceição.** Quando, onde, & como o Filho da Virgem Maria obrou o Myſterio de ſua Conceição, p. 165. & deinceps. Que prerogativa teve

o ſangue do Horto, para ſer preferido ao da Cruz no Myſterio da Conceição de Maria, p. 172. uſq. ad 174. Hũa admiravel propriedade do Myſterio da Conceição descuberta da historia de Samſam, pag. 175. Anticipouſe o ſangue do Horto ao da Cruz, porque foi conveniente, para gloria da Conceição da Virgem, que o preço de ſua redempção foſſe tambem anticipado, p. 178. 179.

**Condição.** Quando parece, que mudou Deos de condição, p. 141.

**Conciencias.** No dia do Iuizo ſe haõ de allumiar as conciencias de todos os homens, para ſe manifellar tudo o que nellas eſteve eſcondido, p. 24.

**Conſelho.** Quam cruel executor he hũ Conſelho nõ executado, p. 520.

**Conta.** Tudõ paſſa para a vida, & nada paſſa para a conta, p. 3. & deinceps. Ao crivo do trigo, & ao crivo das nuvens ſe compara eſte paſſar, & não paſſar da vida, & da conta, p. 25. Tudo o que paſſou para a vida, he o nada, que não paſſou para a conta, p. 27. O livro da vida he hũ ſõ: & os livros da conta ſão muitos, p. 28. Atẽ o nada não eſcapará da conta nõ dia do Iuizo, p. 28. uſq. ad 32. De que haõ de dar conta no dia do Iuizo os que tiveraõ officios, & cargos neſte mundo, p. 36. E como ha de ſer rigorofa eſta cõta, Ibid. Como ha de ſer exacta a conta dos Talentos, que Deos deo a cada hum, p. 42. & ulterius. Como ha de ſer difficultoſa a conta das

das dividas, em q̄ estamos a Deos, no dia do Juizo, p. 47. & deinceps.

**Coração.** O coração he o verdadeiro final da profecia, p. 113. A setta que ferio o coração, defende de todas as settas, p. 139. A penitencia para revogar o juizo de Deos, voltanos o coração, p. 144. Se Deos agora está dando golpes ao coração do peccador, & elle lhe não abre; mal pôde esperar depois, que Deos o ouça, quando o queira chamar, p. 154. Quem agora não ouve a Deos de todo coração, quando elle chama; não ha de chamar a Deos depois de todo o coração, p. 155. Amar, he entregar o coração: mentir, he encubri-lo, p. 413. Quem cõquista a graça pela graça, contenta-se com o coração, p. 425.

**Corpo.** O corpo de Christo no Sacramento não está com as condiçoões naturaes de corpo, senão as milagrosas de espirito, p. 241. Assim como na Encarnação se contrahio o vacuo da divindade pelo incorporado: assim no Sacramento restaurou, & encheo o corpo de Christo o mesmo vacuo pelo incorporeo, p. 242. Assim como Christo no Sacramento encheo o primeiro vasio da divindade, espiritualizando o seu corpo, & fazendo-se corpo, sendo espirito: assim esta admiravel transformação não só a obrou Christo em seu corpo sacramentado, senão que tambem por meyo do mesmo corpo sacramentado no la cõmunica a nós, p. 243. usq. ad 245. O mesmo se diz dos mais At-

tributos, Ibid. & deinceps. **Costas.** Mais he dar de rosto ao mundo, quando o mundo nos mostra bom rosto, do que darmos nós as costas ao mundo, quando o mundo nos vira as costas, p. 543.

**Conversão.** Não ha razão nenhũa, que nos livre de nos convertermos logo, se nos havemos de converter depois, p. 150. Quem senão converte agora, ordinariamente fallando, não só ha de converter depois, p. 151.

**Crecimento.** Crecer fóra da propria especie, não he aumento, he monstruosidade, p. 100. Como se pôdem considerar crecimentos em Deos, p. 545. usq. ad 547.

**Christo.** Deixounos Christo cõmunicado em sua doutrina, não só hum rayo de sua divina luz, mas tres, para que vejamos agora o que no dia do Juizo havemos de ver, p. 34. E quaes são estes tres rayos, p. 35. & ulterius. Como nos ha de pedir conta Christo no dia do Juizo, de quanto lhe devemos, p. 48. usque ad 52. Qual foi a maior defeza que Christo teve de sua innocencia, p. 65. Muito melhor me conheço eu diante da imagem de hum peccado, que diante da imagem de hum Christo crucificado, p. 133. Que grande remedio são os pés de hum Christo, para se lhe não dar do juizo dos homens, p. 140. O sangue de Christo não foi derramado por sua santissima Mãe em remissão de peccados, p. 163. 164. He virtude do sangue de Christo poderse dar



antes de se receber, p. 177. A parte do sangue, que Christo especialmente applicou para preservaçao do peccado na Conceição de sua fantissima Mãy, foi a mesma, que de suas purissimas entranhas tinha recebido, & guardado, p. 185. usq. ad 188. O Cordeiro vivo, & como morto, que vio S. Ioaõ, he Christo sacramentado, p. 235. usq. ad 238. Christo sacramentado comunica aos homens a immensidade, que tem no Sacramento, p. 248. usq. ad 251. Ainda que o sacerdocio de Christo seja eterno, & eterno o mesmo Christo, parece que senão pôde suprir no Sacramento o vazio da eternidade do Verbo na Encarnação, p. 251. Provasse o contrario, Ibid. & usq. ad p. 254. Christo não foi só húa vez sacrificado, senão duas, p. 261. Nem só húa vez entregue nas mãos de seus inimigos, senão duas, p. 262. 263. Para que S. Gonçalo não chorasse, & se alimentasse, quando era minino, punhaõ-no diante da imagem de Christo crucificado, p. 289.

*Criatura.* As menores Criaturas das sensitivas nos ensinão a desprezar os lugares altos, p. 221.

*Cruz.* Não foi o primeiro sangue da Cruz, senão o do Horto, o que Christo derramou por sua Mãy, p. 166. & ulterius. No suor do sangue do Horto ouve húa nova Cruz sem cravos, p. 168. Porque razaõ o sangue da Cruz sahio juntamente com agua: & o do Horto não, p. 171. Que ventagem leva

Tom. 7.

em Christo o amor, que nos mostrou no Sacramento, ao amor, que nos mostrou na Cruz, p. 560. Os Martyres pagão a Christo na Cruz, os Religiosos no Sacramento, p. 567. Porque razaõ nos Religiosos se deve antes tomar o nome da Cruz, que o do Sacramento, p. 563. 564.

*Guidado.* Como ficão baldados os cuidados dos que toda a vida empregão, para adquirir, & aumentar os bens deste mundo, p. 455.

## D

*David.* **D**Avid foi o homem, que mais se podia prezar de sy mesmo, & o que menos se prezava de sy mesmo: & porque, p. 128. Porque razão perdoou Deos a David, & não perdoou a Saul, confessando ambos o seu peccado, p. 135.

*Demonio.* Menos arriscado he ser acusado dos Demonios, do que ser julgado pelos homens, p. 70. Assim como Deos feito homem quiz morrer na Cruz, para se vingar do Demonio; assim traçou, que nós o comessemos no Sacramento, para continuar, & consumir a mesma vingança, p. 264. Herodes, & o Demonio, juntamente condenarão a Christo a morte, quando o Padre Eterno lha comutou em desterro, pag. 526.

*Deos.* Porque considera Deos não os nossos passos, senão as nossas pégadas,

Rr

das,

das, p. 25. Entesfouraõ os homens a ira de Deos para o dia do Juizo, p. 26. 27. Conhece Deos muito mais de nõs, do que nõs de nõs, pag. 29. Assim como Deos sabe tanto de nõs, assim nõs sabemos muito pouco de Deos, p. 30. 31. Qual he a justiça, com que Deos nos haja de castigar pelo que não conhecemos, p. 32. & ulterius. Como tomará Deos conta no dia do Juizo aos Reys, & aos Prelados, p. 37. usq. ad 41. Como nos haremos de contêtar com os talentos, que Deos foi servido darnos, pag. 44. usq. ad 47. O juizo dos homens he mais rigoroso, que o de Deos; porque os homens julgaõ com a vontade, & Deos julga com o entendimento, p. 60. usq. ad 64. He mais terrivel o juizo dos homens, que o de Deos; porque no de Deos basta só o testemunho da propria consciencia: no dos homens a propria consciencia não val testemunha, p. 64. usq. ad 67. Outro motivo desta verdade he; porque no juizo de Deos as nossas boas obras defendem-nos: & no dos homens, o nosso maior inimigo, são as nossas boas obras, p. 67. usq. ad 70. Tambem he mais temeroso o juizo dos homens, que o de Deos; porque Deos julga o que conhece, & os homens julgaõ o que não conhecem, p. 70. usq. ad 74. Suposto que o juizo de Deos seja juizo fi: a, ainda o juizo dos homens he mais temeroso, p. 75. usq. ad 77. O juizo dos homens he mais temeroso, que o de Deos, por doze

razoens mais sobre as outras, que convencem esta verdade, p. 81. usq. ad 86. Quando parece, que mudou Deos de condiçãõ, p. 141. No tribunal da Penitencia o juizo de Deos revogase, p. 143. & deinceps. Grandes excellencias do juizo da penitencia sobre o juizo de Deos, p. 147. 148. Deos, em quanto homem, sendo sua a eleiçãõ do lugar, tomou o ultimo entre elles, p. 225. No Sacramento ficou o corpo de Deos, pag. 232. & deinceps. Quanto pode vencer S. Gonçalo pelas forças que Deos lhe deo, para a fabrica da sua Ponte, pag. 314. 315. Nunca deixamos de receber, quando pedimos a Deos, ainda que nos não dê o que lhe pedimos, pag. 322. Deos não he só Deos de perto, senão de longe, p. 338. Todo o apparatus da Magestade de Deos, he fogo, p. 476.

*Desprezo.* No tribunal da Penitencia o juizo dos homens desprezase, p. 133. usq. ad 142. Quam grande mal fazem os homens todas as vezes, que desprezãõ a graça de Deos, p. 399. & 400.

*Desposório.* Desposarse Deos no Paço he maravilha grande, pag. 534. O mysterio em que Deos mais propriamente se desposa com as Almas, he o Sacramento da Eucharistia, p. 535.

*Desijos.* Quem se resolveo a não delectar, pôde competir de felicidade com Jupiter, p. 223.

*Deserto.* Quam bem reputada he a vida.

da do deſerto, pag. 536.

**Dias.** Todos os dias para os que vivẽ entre os homens, ſão dias do juizo, pag. 81. Todos os aſſõmbros de ira, de juſtiça, de vingança do dia do Juizo, com ſe voltar o coração a Deos, ſe acabão, p. 144. Se depois do dia do Juizo podẽra haver penitencia, poderaſe revogar a ſentença do juizo de Deos, p. 145. uſq. ad 147. O que Chriſto chama ignorancia do dia do Juizo, nam he ignorancia, he ſegredo, p. 411.

**Diferença.** Tres diferenças entre os bens do mundo, & os da gloria, p. 434. & deinceps. Hũa das razoens da diferença deſtes bens, he, porque no mundo ha meu, & teu, pag. 451.

**Dignidade.** As cans no Sacerdocio ſão os eſmaltes da Coroa; & na Prelaſia, o ornamento da dignidade, pag. 291.

**Discurſo.** Ha muitos, que profetizão depois pelo arrependimento, o que fora melhor ter profetizado antes pelo diſcurſo, p. 114.

**Ditos.** Que pouco caſo ſe ha de fazer do que dirão os homens, quando ſe trata da penitencia, que he o remedio dos peccados, p. 138. uſq. ad 142.

**Dividas.** Como no dia do Juizo nos hade Deos pedir conta das dividas a que nos obrigou em vida com os ſeus beneficios, p. 47. uſq. ad 52. Equaes ſejão eſtas dividas, Ibid.

**Dores.** Quando as dores ſão iguaes, ſentente todas, quando hũa he maior, ſuſpende as outras, p. 139.

**Dotes.** Não ſõ ſão talentos os dotes da natureza, os bens da fortuna, & os doens particulares da graça, ſenão tambem os contrarios, ou privaçoens de tudo iſto, p. 42. & ulterius.

# E

**Edificio.** HA duas maneiras de edificar: edificar por edificio, & edificar por edificação, p. 537.

**Eleição.** O ultimo lugar merecido por diſtribuição alhea, podẽ ſer aſrontoſo: tomado por eleição propria, he o mais honrado, p. 224. & ulterius. Onde ha muito em que eleger, não podẽ haver pouco ſobre que duvidar, p. 281.

**Emenda.** No juizo dos homens, nem para o futuro val a incerteza, nem para o paſſado a emenda, pag. 77. No tribunal da Penitencia ſe emẽda o juizo de ſy meſmo, p. 123. uſq. ad 133.

**Empreſa.** Como S. Gonçalo ſendo ſõ, & deſaſſiſtido de toda a outra companhia, & poder, ſe atreveo, & conſeguiu a empreſa da ſua Ponte, que muitos, & mui poderofos juntos já mais emprenderião, p. 312. uſq. ad 316.

**Encarnação.** Aſſim como pela Encarnação a Divindade de Chriſto ſe deſpio dos attributos de Deos, & ſe veſtio das propriedades de corpo: aſſim o meſmo corpo de Chriſto pelo Sacramento ſe deſpio das propriedades de corpo, & ſe veſtio

- dos attributos de Deos, p. 233. & deinceps.
- Entendimento.** Quem julga com entendimento, pôde julgar bem, & pôde julgar mal: quem julga com a vontade, nunca pôde julgar bem, p. 60. Quanto vai de ser julgado com o entendimento, ou com a vontade, p. 63. Todo o homem, que tem entendimento, o que faz muito de proposito neste valle de lagrimas, he dispor a sua ascensão, p. 433.
- Esfera.** Cada hum se deve medir dentro da sua esfera p. 100.
- Esmola.** Caso singular contra a ley geral da esmola, & privilegio dos pobres, p. 324.
- Espelho.** Como he o Verbo Divino espelho da magestade de Deos, & imagem de sua bondade, pag. 335. A mais perfeita figura, que inventou a natureza, & não pode imitar a arte, he a que se vê no espelho, p. 351.
- Especie.** Como todos se cegão no juizo de sy mesmos, todós querem benção fóra da sua especie, p. 99.
- Esperança.** He bemaventurada a esperança, com que nesta vida esperamos a gloria, pag. 370. Quem dá os bens na esperança, da-os aonde são maiores, p. 547. Mais dá quem despreza o que espera, que quem dá o que possui, p. 549.
- Espirito.** A primeira propriedade da Divindade, que he ser Deos Espirito, he o primeiro attributo, que Christo restaurou no Sacramento, p. 239. usq. ad 244.
- Estados.** Quantos Estados teve o Po-  
vo Hebreo, p. 12. E como passarão todos, Ibid. O Reyno dos Ceos em todos os tempos tem tres Estados: & quaes são, p. 149. Os lugares altos, ou sejaõ do Estado Ecclesiastico, ou do Estado secular, são os mais aparelhados para a caída, p. 212. O Estado Religioso tem mais de Sacramento, que de Cruz, p. 556.. 559
- Estatua.** Ninguem melhor sacrifica a Deos o mundo, que quem lho oferece em Estatua, p. 547.
- Estimação.** Cada hum em seu juizo não se deve estimar mais, q̄ aquillo, em que elle mesmo se avalia, p. 132. Ainda que Deos, por ser infinito, não pôde crescer em sy mesmo; por ser limitado o conhecimento humano, pôde crescer na nossa estimação, p. 545. Segundo a estimação, que fazemos de Deos, & do mundo, ou crece Deos, & diminue o mundo, ou crece o mundo, & diminue Deos, p. 546.
- Esposa.** Sendo a Virgem Maria Esposa de Deos, não podia ficar cativa do peccado de Adão, p. 161. Esposa com as qualidades, de q̄ Deos se agrada, não se acha nos Palacios, achase no deserto, p. 535.
- Estrellas.** Porque razão no dia do Juizo haõ de cahir as Estrellas, & não o Sol, nem a Lua, p. 210.
- Eternidade.** O terceiro vasio da Divindade na Encarnação, que he a Eternidade, he o terceiro attributo, que Christo encheo pelo Sacramento, pag. 251. usq. ad 258. Esta mesina prerogativa de Eterno nos cómu-

cõmunica Christo no Sacramen-  
to, p. 259. 260.

*Evangelho.* O livro dos Evangelhos  
depois do fim do mundo ha de du-  
rar eternaméte, p. 256. usq. ad 258.  
Os validos haõ de ter Evangeli-  
stas, p. 411. Porque razaõ os Evan-  
gelistas devem ser amados, p. 412.  
Como compraõ os Santos os the-  
souros escondidos do Evangelho,  
pag. 481.

*Exemplo.* Exemplos da Magdalena, cõ  
que se convence a sy, para despre-  
zar o juizo dos homens, p. 140. O  
maior exemplo dos poderes da pe-  
nitencia, que nõ mundo ouve, pag.  
145. usq. ad 147. Põde mais facil-  
mente dar-se o bom exemplo, que  
o conselho, p. 542.

*Excõmunião.* Quam poderosa he a for-  
ça da Excõmunião se deixa ver  
em hum milagre de S. Gonçalo, p.  
294.

**F**

*Fabulas.* **C**omo tem passado as  
Fabulas, que os Anti-  
gos fingiraõ, p. 10. E como nas Fa-  
bulas passaraõ tambem os nossos  
vicios, p. 11.

*Fama.* Os invejosos mais sentem a Fa-  
ma, & gloria alhea, que as suas  
afrontas proprias, p. 522.

*Favor.* Para se vencerem as difficul-  
dades dos primeiros lugares, nam  
bastaõ justiça, & favor, pag. 207. A  
Natureza, a Graça, & a Fortuna  
fazem tres cousas no mundo, que  
sempre crecem, p. 416.

*Fè.* A Providencia divina faz, que os  
nossos proprios vicios sejaõ as tes-  
temunhas de nossa Fè, pag. 57. A  
quem tem Fè, & Esperança resta  
só fazer penitencia: & como se ha  
de resolver a ella, p. 149. usq. ad 156.

*Fecundidade.* A esterilidade da gloria,  
& Fecundidade da graça he huma  
grande razaõ, porque se ha de esco-  
lher antes a graça, que a gloria, p.  
384. usq. ad 386.

*Felicidade.* Ninguem he, nem pòde ser  
felice cõm a alma noutra parte, p.  
439. 440. Ainda fingindo, que ou-  
veisse homem no mundo taõ afor-  
tunado, que lograsse todos os seus  
bens pacificamente, nõ teria com-  
tudo isso perfeita felicidade, p. 455.

*Fermisura.* Quaes foraõ as mais fer-  
mosas Heroínas da naçaõ Hebrèa,  
p. 12. E como todas passaraõ, & fo-  
raõ fatais a quem as amou, Ibid.

*Fidalguia.* A Fidalguia he de todos os  
dez predicamentos, & de todos os  
quatro humores, p. 117.

*Figura.* Com quantas figuras tem apa-  
recido o mundo, p. 4. & ulterius. A  
figura, que os Governadores haõ  
de trazer sempre diante dos olhos,  
he o mesmo Rey, de quem elles  
taõ imagens, p. 350. Em que con-  
siste a Figura, & semelhança do Sa-  
cramento com a gloria, p. 459.

*Filho.* Porque razaõ ha de vir Christo  
a julgar o mundo na representa-  
ção de Filho de homem, & nõ de  
Filho de Deos, pag. 59. Como he  
Christo Filho Primogenito de sua  
santíssima Mãe, & a Mãe Filha  
Primogenita do Filho, pag. 166.

E nõ

E não só he a Máy Primogenita do Filho, mas também Unigenita, p.169. Como a Virgem Maria he Máy, & Pay juntamente de seu bendito Filho, p.174. Desde a Eternidade prometeo Deos a seu Filho a prerogativa de poder encher no Sacramento o vazio da mesma Eternidade; de que se despio na Encarnação, p.251. Deve se antes escoller a graça, que a gloria; porque a graça faz ao homem filho de Deos, & a gloria herdicio, p.374. usque ad 376.

**Fim.** Deos não julga senão no fim: os homens não esperão pelo fim, para julgar, p.75. usq. ad 77. Quem quer começar bem, & acabar bem, ha de começar pelo fim, & acabar pelo principio, p.327.

**Fineza.** Não pode haver mais fino amor, que aquelle, que entrega o coração, & fecha os olhos, p.427. A maior fineza da virtude nos seruos de Deos, he fogear em se a tomar por aumento da graça os rigores, que são remedio da culpa, pag.550.

**Fogo.** O elemento do fogo he o mais escondido, & o mais nobre do Vniuerso, p.474. Porque não deo Deos a Adão o dominio do elemento do fogo, p.476. O fogo não consente serem as cousas o que são, p.483. Entre os clementes só o fogo não he Pay, p.484. Mas depois que o fogo artificial se ajuntou com a polvora, em todo o género de viventes tem filhos de fogo, p.495. Como se ajudão, & dão a mão o

fogo, & a agua nas batalhas navais, p.499. Com que mysterio fingirão os Antigos a Vulcão, Deos do fogo, manco, & encostado a hú bordão, p.500.

**Fome.** Communicanos Christo no Sacramento a infinidade de seu corpo, fazendo que seja infinita a fome, ou nós infinitos na fome com que o comeremos, pag.270. & uke-rius.

**Fortuna.** Sò quem soube fazer eleição do ultimo lugar, desfarmou a Fortuna, p.214.215. Também na fãntidade ha Fortuna, p.404.

**Furtos.** Os bens deste mundo, ainda que não haja ladroens, que os furttem, elles mesmos se nos roubão, p.454.

**G**

**Gado.** O peor gado de guardar he o homem, p.193.

**Geometria.** Quam grande he a ciencia Geometrica, para o emprego certo das balas da Artilharia, p.497.498.

**Gentios.** Até os Gentios condenavam o amor, ou cubica dos bens do mundo, p.468.469.

**Gigantes.** A descendencia dos Gigantes, p.5. E como té passado já, libid. De quantas cousas aqueenta o Sol, nenhuma he mais agradecida, que a erva Gigante, p.99. Os peccados pela continuacão fazemte gigantes, p.154. Que fundamento teve a Filosofia das fabulas, para fingir, que os Gigantes fizeram guerra ao Ceo, p.503.

*Gloria.* Comparada a Gloria cõ a graça, antes havemos de escolher a Graça, que a Gloria, p. 369. & ulterius. Amar a Graça por amor da Gloria, he querer gozar o premio: amar a Gloria por amor da Graça, he querer segurar o amor; p. 426. A grande differença que ha entre os bens da Gloria do Ceo, & os chamados bens das glorias do mundo, p. 434. Quam grande será a gloria dos bemaventurados, sendo elles infinitos, & a gloria de cada hum, as glorias de todos, p. 466. 467. Ha casos, em que por pedir licença, se perdem as mais gloriosas acções, p. 479.

*Governo.* Todos os que governaõ são imagens de seus Principes, p. 331. Quam grandes são as dificuldades dos que governam em sua própria terra, sendo imagens dos seus Reys, p. 344. usque ad 348. Porque os governos antes costumão mudar as condiçoens dos homens, que conservarlas; o mais seguro meyo de todos seria cortar as raizes, p. 349. Os Governadores, que não são da terra, que governaõ, & vê de fóra a governal, carecem das propriedades mais importantes para bem governarem, p. 355.

*Gosto.* Quaes são os gostos, & o fabor, que se acham livres de amarguras no ultimo lugar, p. 223. Maõs, & olhos, & gosto experimêtarão como o corpo de Christo no Sacramento està infinito, p. 268. usque ad 270. Quam pensonados dá o mundo os gostos, & bens desta vida, p. 440. &

ulterius.

*Graça.* O verdadeiro penitente só estima o que pôde dar a graça de Deos; & só teme o que a pôde tirar, p. 137. Para hum homem se converter, não basta só vida, saúde, & juizo; mas he principalmente necessaria a graça de Deos, p. 153. O chamar a Deos de todo o coração, não depende só de nosso alvedrio, senão tambem da graça de Deos, p. 155. São tam esquecidos os homens de fazer escolha do lugar que mais lhe convem, que se alguõ ouve, que a fizeste, foi por especial auxilio da graça Divina, p. 221. Ainda que enchemos a alma com a graça, devemos encher a graça com as obras, sem as quaes a graça não permanece, p. 278. Nem por ser a Ley de Christo Ley da graça, ha de ser nella tudo graça, p. 297. Comparada a Graça com a Gloria, antes devemos escolher a Graça, que a Gloria, p. 369. usque ad 386. Quem soube só achar paralelo à graça da Mãe de Deos, p. 393. A inundação de delicias, com que a Senhora subia para o Ceo, eraõ as de sua graça, p. 394. Quem nam aceita a graça de Deos, fecha as portas à Santissima Trindade, p. 396. Quam pouço caso fazem os homens da eleição da graça, p. 396. & deinceps.

*Grandezza.* Os bens, que o mundo chama grandes, só são bens, quando se deixão; & só são grandes, quando se esperão, p. 549.

*Guerras.* Que guerras da antiguidade:

tem

tem passado, p. 8. No tempo da paz pode se sofrer, que se dem os lugares as geraçoens; mas no tempo da guerra, não se haõ de dar se não às acçoens, p. 118. Notavel coufa he, que tenha a graça despojos, como se fora guerra, p. 425. Quanto mais trabalhosa he a guerra do mar, que a da terra, p. 497.

## H

*Herança.* Devese antes escolher a Graça, que a Gloria; porque a Graça faz aos homens filhos de Deos; & a Gloria herdeiros, p. 374. usque ad 376. S. Ioaõ Evangelista foi a herança principal de seu testamento, p. 409. Mais deixava Christo em deixar por herança S. Ioaõ Evangelista a Sua Mãe, do que em dar o Reyno do Ceõ a Diinas, p. 411. Onde o Pay he Deos, tanto direito tem à herança dos bens os arrependidos, como os innocentes, p. 458.

*Homens.* Quanto variãrão os homens, desde a sua primeira infancia, p. 45. Qual foi o primeiro homem, que se atrevêo a por a Coroa na cabeça, p. 6. Passão os homens como senão passãrão, p. 20. Nenhum homem pode entrar duas vezes, no mesmo rio: & porque, p. 22. Os homens, que chegaõ a ser velhos, morrem seis vezes: & como, p. 23. Entesourãõ os homens para o dia do Juizo a ira, & vingança de Deos, p. 26. 27 O juizo dos homens he muito mais temeroso, que o juizo de Deos; & porque, p. 57. & ulterius.

Se os homens conhecêrão os coraçoes, não havia que temer de Juizos, p. 165. Porque queria David, que o julgasse Deos, & não os homens, p. 67. 68. Quanto mais seguro he ir ao Juizo de Deos com peccados, que ao dos homens com milagres, p. 69. Quantas vezes julgaõ os homens pelo que nunca vos passou pelo pensamento, p. 72. E como julgaõ tambem, pelo que nem a elles lhes passou pelo pensamento, p. 73. Como julgaõ os homens antes do fim, p. 75. usque ad 77. Os homens, quando testemunhaõ de sy mesmos, são huma coufa, & dizem outra, p. 89. & ulterius. Os homens olhados pelas primeiras paredes, não são mais que hum Idolo do zello, p. 106. usque ad 108. Para profficarem bê os Portuguezes antigos, consultavão as entranhas dos homens, p. 113. Nenhuma coufa trazemos os homens mais de traz de nõs, que a nõs mesmos, p. 125. Mais se devem temer os peccados, que o juizo dos homens, p. 137. No juizo dos homens appellate depois, no Juizo de Deos appellate antes, p. 144. Todo o homem neste mundo deseja melhorar de lugar, p. 194. 195. Todas as maravilhas do Corpo de Christo no Sacramento, comunica aos homenis o mesmo Sacramento, p. 239. & ulterius. Christo Sacramentado comunica aos homês a immensidade, que tem no Sacramento, p. 248. usque ad 257. S. Gonçalo nasceo Minino Homem, p. 286. & ulterius. Os homens, que



que governaõ homens, haõ de ter aveço, & direito, p.297. Assim como no seu nascimento foi S. Gonzalo minino, como homem; assim depois de morto foi homem, como Deos, p. 317. & ulterius. Nós, sendo na idade homens, na vida, & costumes somos mininos, p. 326. Como deve o mundo abrir os olhos, & não se contentar de ver os homens só por fóra, mas consideralos tambem por dentro, p.440.

*H.ira.* O ultimo lugar merecido por distribuição alhea, pôde ser afronroso: tomado por eleyção propria, he o mais honrado, p. 224. & ulterius. As aççoens, & feitos honrosos com mayor razão se podem esperar daquelles, que querem adquirir hõra, que dos que cuidaõ, & dizem, que já a tem, p. 358. & ulterius. A differença da honra, com que Deos communica no Ceo aos Bemaventurados a sua vista, & aos q̄ o amaõ na terra a sua graça, mostra quanto a graça deve ser preferida à gloria, p.381.

*Horto.* No Horto colhéraõ Christo, & sua Santissima Mãy os primeiros frutos da Redempção, p. 167. & deinceps. No Horto ouve hum novo Calvario, sem monte; & no suor do sangue, huma nova Cruz, sem cravos, p.168. O effeito geral do sangue da Cruz, foi remir; & o particular do sangue do Horto, remir preservando, p.170. usque ad 172. O Sangue, que Christo suou no Horto, foi o mesmo, que na Encarnação tinha recebido de sua Sã-

tissima Mãy, p.181. usque ad 184. *Hostia.* Depois do fim do mundo, se conservará eternamente no Ceo huma Hostia consagrada, p.255. usque ad 258.

## I

*Idolo.* Como são os homens Idolos do zelo, p.106. usque ad 108. O que faz a penitencia para desprezar o Idolo do juizo dos homens, p.134. usque ad 142. Como se fazem as almas Idolatras, p. 530.

*Ignorancia.* O perfeito segredo, he o q̄ chega a ser ignotancia, p. 420.

*Imagem.* Todos os que governaõ são imagens dos seus Principes, p.331. A Adaõ deo Deus particularmente o titulo de Imagem sua: & porque, p.332. O que ouver de ser Imagem verdadeira do Deos, naõ basta que seja homem com alma; senam tambem alma com homem, p. 333. Porque razão diziaõ os Antigos, que a imagem de Mercurio senam fazia de qualquer madeiro, p. 334. Como he o Verbo Divino Imagê da bondade de Deos, p. 335. Antiguamente conheciaõse as imagens dos homens pelas suas sombras, p. 341. Quanto excedem às vezes as sombras destas imagens aos Reys de que são imagens, p. 341. 342. Os que são imagens dos seus Reys em terra, onde são naturaes, ainda têm outras difficuldades no seu governo, p.344. usque ad 348. Mais estimaõ os supremos Monar-

- cas os obsequios que se fazem a suas  
**Imagens**, que a suas proprias pes-  
 soas, p. 360.
- Immensidade**. A Immensidade he o segū-  
 do vasio da divindade, que pelo  
 Mylterio da Encarnação se limi-  
 tou a hum só lugar, p. 245. E desta  
 immensidade de que Deos se des-  
 piu pela Encarnação, se revestio  
 outra vez pelo Sacramento, Ibid.  
 usque ad p. 251.
- Immortalidade**. A nossa injustiça he a  
 mais evidente prova da nossa im-  
 mortalidade, p. 57. O corpo de  
 Christo no Sacramento, sendo natu-  
 ralmente corpo mortal, ficou  
 immortal: & sendo naturalmente  
 passivel, ficou impassivel p. 261. uf-  
 que ad 264. E como estes dous ef-  
 feitos de immortalidade, & impas-  
 sibilidade se nos communicão no  
 Sacramento, p. 264. usque ad 267.
- Impassibilidade**. O corpo de Christo no  
 Sacramento, sendo naturalmente  
 passivel, ficou impassivel, pag. 261.  
 usque ad 264. E como nos comu-  
 nica no Sacramento este mesmo  
 effeito de impassivel, p. 264. E ain-  
 da que a mesma experiencia pare-  
 ce, que faz difficuloso este effeito  
 de impassibilidade, não deixa o  
 corpo de Christo de nolo comuni-  
 car no Sacramento, p. 265. 266.
- Imperio**. Quaes foraõ os primeiros Im-  
 perios do mundo, p. 6. A sua instabi-  
 lidade, Ibid. Profecia das duas  
 partes do mundo, a polvora, & o  
 Imperio Otomano, p. 492. 493.
- Infinidade**. O vasio da infinidade do  
 Verbo na Encarnação suprio o  
 corpo de Christo no Sacramento,  
 p. 267. usq. ad 270. E como se nos  
 comunica pelo Sacramento este  
 mesmo effeito de infinito, pag. 270.  
 usq. ad 271. A infinidade da graça  
 da Mãe de Deos, p. 393.
- Inferno**. O que dizem, & fallão no In-  
 ferno os condenados, p. 53. usq. ad  
 55. Nem porque mais se deve tem-  
 er o Inferno, & morte da alma,  
 que a do corpo, he mais temeroso  
 o juizo de Deos, que o dos homens:  
 & porque, p. 78. & ulterius. Porque  
 se compára o zelo ao Inferno, pag.  
 106. Por conservar a graça, até he  
 licito querer antes padecer as penas  
 do Inferno, p. 280. No invejoso atè  
 as penas do Inferno taõ mais tol-  
 raveis, que a gloria alhea, pag. 522.  
 usq. ad 524.
- Injurias**. As injurias são a musica dos  
 penitentes, p. 138. 139.
- Innocencia**. Quanto mais calla, entaõ  
 allega por sy melhor diante de  
 Deos, p. 517. Não pôde chegar a  
 mais o mais fervoroso desejo da  
 fantidade, que fogueitar se aos remedios  
 do peccado, quem goza os pri-  
 vilegios da innocencia, p. 552. Não  
 ha sacrificio mais fermoso aos  
 olhos de Deos, que húa innocen-  
 cia illustre em habito de peniten-  
 cia, p. 554.
- Intentos**. Os que não chegão a ter ex-  
 ecutão, causão a maior pena do  
 mundo, p. 517. usq. ad 520. Provas  
 o mesmo, p. 527. 528.
- Inveja**. Nos tribunais onde a inveja  
 preside, as virtudes são peccados, p.  
 510. São taõ linceos os olhos da in-  
 veja,

veja, que nos impossiveis do peccado descobrem culpa, p. 515. 516. Os invejosos mais sentem os bens alheos, que os males proprios, pag. 521. usq. ad 525.

*Invisibilidade.* Se o Verbo vestindose de corpo humano, de invisivel se fez visivel; o mesmo corpo para recuperar a invisibilidade perdida na Encarnação, se tornou a fazer invisivel na Encarnação, p. 273. E essa mesma invisibilidade, nós communica Christo sacramentado, Ibid. usq. ad 275.

*Jogos.* Que jogos ouve no mundo mais celebrados, p. 9. 10. E como passarão todos, Ibid.

*Juiz.* Deos julga como Juiz: & os homens julgão como judicarios, p. 83. No juizo dos homens não basta, que hum julgue com justiça, para escapar de ser julgado injustamente, p. 85. Ninguem ha tão recto juiz de sy mesmo, que, ou diga o que he, ou seja o que diz, pag. 89. & ulterius.

*Juizo.* Os dous maiores portentos, que se hão de ver no theatro universal do dia do Juizo, pag. 2. Como he o dia do Juizo hũa rede lançada no mar, p. 24. Até o nada não escapará da conta no dia do Juizo, p. 28. usq. ad 32. Em tres Parabolas nos resumio Christo em summa toda a conta, que nos ha de pedir no dia do Juizo: & quaes são, p. 35. & deinceps: O juizo dos homens he muito mais temeroso, que o juizo de Deos: & porque, p. 57. & ulter. Qual he o juizo de cada hum de

nós para consigo, p. 88. & deinceps. Como todos se cegão no juizo de sy mesmos, todos querem benção fóra da sua especie, p. 99. Como são diversos os successos; & os juizos humanos, p. 112. No tribunal da Penitencia se julgão o juizo de sy mesmo, o juizo dos homens, & o juizo de Deos: & como, pag. 121. & ulterius.

*Justiça.* Para se vencerem as difficuldades dos primeiros lugares, nam bastão justiça, & favor, p. 207.

**L**

*Ladroens.* Porque na terra ha Ladroes, & no Ceo não; por isso havemos de fazer os nostros thesouros dos bens do Ceo, & no Ceo, & não dos bens da terra, & na terra, p. 453.

*Lagrimas.* Porque razão nem as lagrimas, que são de gofio, tem lugar no Ceo, p. 448. 449.

*Ley.* O juizo, com que nos julgamos huns aos outros, he Ley, que puzemos a Deos, para que elle por ella nos julgue tambem a nós, p. 85. Nem por ser a Ley de Christo Ley da Graça, ha de ser nella tudo graça, p. 297.

*Letras.* Que letras, & ciencias tem florecido no mundo, pag. 8. 9. E como tem já passado todas, Ibid.

*Licença.* Ha casos, em que por pedir licença se perdem as mais gloriosas accções, p. 479.

*Livros.* O Livro da vida he hum só: &

- os Livros da conta são muitos, p. 28. Todos os peccados dos subditos se carregão no Livro das contas dos Superiores, p. 37.
- Logros.* Não basta muitas vezes, que os bens deste mundo sejam nossos, para que o mesmo mundo no los deixe lograr, p. 450.
- Lua.* Nenhua benção se podia dar à Lua mais venturosa, que o não crecer, p. 101.
- Lugar.* O juizo de Deos ha de ser em hum só lugar: & o juizo dos homens he em todos os lugares, p. 81. No tempo da paz dese o primeiro lugar a quem melhor for: mas no tempo da guerra ha de darse a qué melhor obrar, p. 119. Todo o lugar he nada, p. 196. 197. No mundo não ha lugar melhor, p. 198. Sò no Ceo ha melhores lugares, pag. 199. usq. ad 201. O melhor lugar he o ultimo, p. 203. & deinceps. No Ceo não tem lugar a divisaõ, que ha nos bens da terra, de meu, & teu, pag. 460.
- Luz.* Deixounos Christo cõmunica-do em sua doutrina tres rayos de sua divina luz, para que vejamos agora o que no dia do Juizo haves-mos de ver, p. 34. E quaes são estes tres rayos de luz, p. 35. & ulterius.

## M

- Mal.* He propriedade dos males ultimos, izentarem de sy mesmo a quem oprimem, p. 214. Para haver mal, & bem basta hum só momen-

to, p. 436. O pouco caso, que se deve fazer dos bens deste mundo, por serem sempre tão misturados com os males, como se verdadeiramente forão puros males, p. 443. 444. Com que razão clamaõ as Escrituras, que das partes Sententrionaes, & do Norte sahiria todo o mal, p. 491. 492.

*Mandamentos.* No juizo de Deos, qué guardar os Mandamentos, pôde estar seguro: & no juizo dos homens não aproveita guardar os Mandamentos, p. 83. Ha mandamentos da ley da Inveja, assim como ha Mandamentos da Ley de Deos, p. 513.

*Mão.* Como havesmos de aceitar da mão de Deos os talentos, que elle for servido darnos, pag. 44. usque ad 47.

*Maravilhas.* Quantas, & quaes foram as Maravilhas no mundo celebradas, p. 13. E como todas passaraõ, Ibid. Por mais que cada hu se pinte maravilhoso no seu conceito, faltalhe para Messias a condiçam principal: & qual he, p. 96.

*Maria.* Tres supposiçoens necessarias, para se tratar da Conceiçaõ da Virgem Maria, p. 160. Por valor do sangue de seu Filho foi a Virgem Maria preservada do cativoiro do peccado de Adão, p. 161. usque ad 164. S. Bernardino de Sena diz, que remio Christo a Virgem Maria sua Mãy com o primeiro sangue, que derramou na Cruz, p. 165. Assim no Horto, como no Calvario obrou o Filho de Maria como Jesu, & como Redemptor a sua

redempção, p.169. E com que differença, Ibid. Que prerogativa teve o sangue do Horto para ser preferido ao da Cruz no myfterio da Conceição de Maria, p.172. ufque ad 174. O sangue animoso, que no Horto faltou, & fahio fóra das veas de Christo, foi o que o Verbo encarnado confervava, & tinha recebido do sangue de fua Mãy, p. 184.

A graça da Virgem Maria tem tres eftados de perfeição, p.386. Quanto eftimou mais a Virgem Maria a graça, que a gloria, p.387. Quanto Deos quiz que creceffe a graça de Maria, pag. 388. Quaes foraõ os aumentos da graça da Virgem Maria, p.389. ufq. ad 395.

*Medida.* Cada hum fe deve medir dentro da fua esfera, p.100. Para fe conhecerem os que o zelo come, ou os q' comê do zelo, devê fer medidos pela cintura, p.104. No Apoftolado de Christo S. Joãõ Evãgelifta fempore era do feu tamanho, p.418. Como pela medida do paõ, ou pelo paõ fem medida fe avalia a graça, p.424. Nunca as maquinas vivas igualaõ as medidas das fonhadas, p.547.

*Meyos.* Affim os meyoſ univerſaes, como os particulares, com q' Deos affiſte a todos os homens, faõ os talentos, de que devemos dar cõta a Deos, p.42. Como os meyoſ entre ſy contrarios nõs podem igualmente levar à falyção, p.43.44. Quãto meyoſ, & remedios inventãõ os homens, para cada hũ poſſuir quietamente o feu: mas fem

proveito, pagin. 452.

*Memoria.* Os homens cõmummente nõ ſabem guardar ſegredo, porque o encomendãõ à memoria, & nõ ão eſquecimento, p.420.

*Mentira.* Na materia de vòs quẽ ſojs, todo o homem mente duas vezes: hũia vez menteſe a ſy; outra vez mentenos a nõs, p.89.

*Merecimento.* Hum grãde delito muitas vezes achou piedade: hum grande merecimento nunca lhe faltou inveja, p.67. A diverſidade das bençoens nõ argue deſigualdade de amor em quem as dà, ſenãõ differença de merecimentos, em quem as recebe, p.98. Quanto mais cuſta o alcançar, que o merecer, p.208.

*Milagres.* Nãõ ha coufa, de que mais ſe eſcandalizem os homens, que de haver quem faça milagres, pag.68. Se foſtes leproſo algum dia, ainda que Deos faça milagres em vòs, leproſo haveis de fer toda a vida, p.77. Quantos milagres vemos neſte mundo, & quantos homens, & alvitres milagroſos à cuſta do paõ alheo, p.295. Nãõ eſtã a perfeiçãõ do milagroſo em poder fazer os milagres, ſenãõ em os ſaber fazer, p.296. Tãõ milagroſo ſe moſtra S. Gonçalo quando faz por nõs os milagres, como quando ceſſa de os fazer, p.323. Quaes faõ as inſignias dos milagres daquellas imagens dos Reys, quando tornaõ das Conquiſtas para donde vieraõ, p.343.

*Minino.* S. Gonçalo nafceo minino homem, p.286. & ulterius.

*Milg.*

*Misericordia.* Porque Deos ama a Misericordia, & a verdade, por isso dará a graça, & mais a gloria, p. 369. He tal a bondade de Deos, que quando quer castigar os homens, (porque nunca se esquece de sua misericordia) o que mais sente he, não haver algum, que se lhe opponha, & lhe resista, p. 486.

*Morte.* Quantas vezes morrem os homens, que chegam a ser velhos, pag. 23. De todos os generos de morte pôde haver esperança de escapar; & só a morte, que traz consigo a velhice, he morte sem esperança, p. 308. Intentos não executados causão húa morte, que por mais penar, não mata: sabe se sentir, mas não se sabe explicar, pag. 519. Porque lhe parecia a Job melhor a morte, que a vida, p. 537. Porque razão se compára o amor grande à morte, & o amor maior ao Inferno, p. 560.

*Mudança.* O juizo de Deos pôde mudar-se: & o dos homens não se muda, p. 83.

*Mundo.* Com quantas figuras tem aparecido o mundo, pag. 4. & ulterius. Qual foi a maior ostentação de grandeza, que se vio neste Mundo, p. 20. 21. De estar o Baptista em prisões se prova, que ha de haver outro juizo, & outro Mundo, pag. 56. Quantas tragedias se representam no Mundo, em que as mesmas injustiças são verdadeiras, pag. 74. Como pôde ter, que haja outro tribunal no Mundo, em que o juizo de Deos se revogue, pag. 143.

Neste Mundo não ha lugares, pag. 196. 197. Nem ha lugar melhor, ainda suppondo, que haja lugares, p. 198. E admitindose haver melhores lugares, só no Ceo os ha, pag. 199. usque ad 201. No Mundo o ultimo lugar he o melhor: mas no Ceo o melhor he o primeiro, p. 226. 227. Tres cousas ha no Mundo, que sempre crecem, pag. 416.

## N

*Nada.* **A**Tê o Nada não escapará de dar conta no dia do Juizo, p. 28. usq. ad 32. Quantos peccados se verão sair no dia do Juizo debaixo do Nada, que agora os homens não vêem, nem querem ver em suas consciencias, p. 34. Como nos conhecemos, que somos Nada, vendo as imagens de nossos peccados, p. 133. Todo o lugar he Nada, p. 196. 197. Deixar a Deos por amor dos Nadas do mundo, he fazer a Deos menor que Nada, p. 547.

*Nascimento.* Deos ha de julgar os vivos, & os mortos: & os homens até os que estão por nascer, julgaõ, p. 82. Como preservou Christo do peccado a sua santissima Mãe, antes de ser nascido, & sendo primeiro o Nascimento de sua Mãe, que o seu, p. 176. 177.

*Nao.* Todos imos embarcados na mesma Nao, que he a vida: & todos navegamos com o mesmo vento, que he o tempo, p. 21. 22.

*Natureza.* Os bens sobrenaturaes excedem na nobreza, preço, & dignidade a todos os bens da Natureza, p. 368.

*Nome.* Quando começou o nome do governo no mundo, p. 331. Não he justo, que conserve a memoria dos Pays no Nome, quem professa o esquecimento dos Pays na vida, p. 556. usq. ad 558. Porque razam se deve antes tomar na Religião o nome da Cruz, que o do Sacramento, p. 563 564.

*Número.* Os Profetas não se haõ de conhecer, né avaliar pelo Numero, senão pelo peso, p. 109. & ulterius.

*Nuvem.* Como he a Virgem Maria Nuvem leve, p. 529.

## O

*Obedi. ncia.* **E**M quáto Adão obedeceu, & guardou o Regimento, que Deos lhe tinha dado no Paraíso, conservou em sy a imagem politica, que tinha de Deos, p. 353. Como devem os subditos ter togeição prompta, & alegre obediencia a seus Governadores, por serem imagens de seus Reys, p. 357.

*Obras.* A perfeição não consiste, em que as nossas obras sejam boas, senão em que sejam bem feitas, p. 3. Quem leva a calumnia nas obras, não importa, que tenha as defesas no coração, p. 65. Para com os homens, o maior inimigo, que temos;

saõ as nossas boas obras: & porque, p. 67. & deinceps. Quanto ao contrario das obras julgão os homens os pensamentos, p. 71. & ulterius. Cada hum he o que faz; & não he outra cousa, p. 115. 116. As boas obras são a maior segurança de nossa predestinação, p. 120. Como se entende o modo de fallar da Escritura, que Deos ao dia fetimo descansou de todas as obras, que tinha feito, p. 319. & 320.

*Odio.* Muitas vezes parecem finezas de amizade, o que são odios refinadissimos, p. 511. & ulterius.

*Offerta.* Como se pòde offerecer a Deos mais, do que delle se tem recebido, p. 548.

*Officios.* Como no dia do Juizo ha de pedir Deos conta dos Officios, & cargos, q se exercitãõ nesta vida, p. 35. usq. ad 41. Em Deos a vontade, & o entendimento tem repartidos os Officios, p. 61.

*Olhos.* Quem quizer julgar os outros, vire os olhos para dêtro de sy mesmo, p. 86. Os verdadeiros Profetas conhecem se pelos olhos, pag. 112. Maior cegueira he ver hua cousa por outra, que não ver nada, pag. 124. A penitencia, ou nos volta os olhos de fóra para dentro, para que nos vejão: ou nos vira a nós mesmos de dentro para fóra, para que nos vejamos, p. 125. & ulterius. Os nossos peccados postos diante dos olhos, convencem-nos a nós com nosco; & emendão o nosso juizo com o nosso proprio juizo, p. 132. A penitencia para o juizo de sy mei-

mesmo abrenos os olhos ; & para o juizo dos homens fechamos os olhos, p. 134. Mãos, olhos, & gosto experimentarão como o corpo de Christo está no Sacramento infinitamente, p. 168. usq. ad 270. Assim como he grande dignidade das imagens dos Principes o haver de representalos nos olhos do mundo; assim he muito difficuloso o acerto dessa representação, p. 334. Quam errada he a estimação daquelles, que só estimaõ o q̄ vem com os olhos, p. 378.

*Opposição.* Ha de preferirse a graça à gloria: porque o opposto da graça he não amar a Deos; & o opposto da gloria he não ver a Deos, p. 377. usq. ad 380. Como servem as sombras, & os oppostos, para mais illustrar os contrarios, p. 502. usque ad 504.

*Oração.* A efficacia da Oração de Christo no Horto, foi a que sutilizou o sangue nas veas, & o fez manar em suor, p. 179. E isto para ser anticipado o preço da redempção da Senhora, Ibid.

*Ovelhas.* Como o bom Pastor nam ha de desemparrar as suas Ovelhas, p. 298. usq. ad 300. E em que caso só poderá ter escusa para o fazer, pag. 301. Argumentase contra esta escusa, p. 302 & deinceps.

## P

*Paciencia.* O Divinissimo Sacramento a huns Mar-

tyres fazia impassiveis pela impassibilidade, & a outros pela Paciencia, p. 265.

*Paço.* Despararse Deos no Paço, he maravilha grande, p. 534. No Paço ainda quando o conhecem os muitos annos, nam se atrevê ao deixar os poucos, p. 542.

*Pay.* Como S. Gonçalo ainda hoje he Pay de familias, p. 317. Qué he filho do Pay do Ceo, contentarse só com o seu, he peccado grande, que comete contra o Ceo, p. 457. Nam será verdadeiro Pay, nem verdadeira Mãy o que nam estimar menos os seus bens, que os de seus filhos, p. 465. Entre todos os elementos só o fogo nam he Pay, p. 484.

*Parabolas.* Em tres Parabolas nos resumio Christo em summa toda a conta, que nos ha de pedir no dia do Juizo; & quaes sam, p. 35. & deinceps.

*Paraíso.* O Paraíso Terreal foi a primeira scena, em que appareceu o mundo, p. 4. Atè no Paraíso Terreal havia bens com mistura de males.

*Pão.* Quando os doze Apostolos repartiram entre sy o mundo, se levára cada hũ consigo a sua alcosa, dos fragmentos do Pão, com q̄ Christo deo de comer a cinco mil homens, bastarião aquellas sobras a sustentar o mundo todo, p. 269. 270. Em hum milagre que S. Gonçalo fez no Pão, se vem os effeitos da Excommunição, & absolvição, p. 294. Muito melhor se governaria o mundo, se vissemos pobres de Pão



os que vemos ricos da graça, p. 424.  
**Pastor.** O melhor Pastor de todos, he o que sendo mancebo sabe ser Pastor, p. 292. A maior falta dos Pastores he a do valor, p. 293. O bom Pastor não ha de ser tudo bondade, p. 297. O bom Pastor não deve desemparrar as suas ovelhas, p. 298. usq. ad 300. E quando poderá ter escusa, para o fazer, pag. 301. Argumentase contra esta escusa, p. 302. & ulterius.  
**Paz.** No tempo da Paz pôde-se soffrer, que se dem os lugares às geraçoens: mas no tempo da guerra não se hão de dar, senão às acçoens, p. 118.  
**Peccados.** A vida passa, & os peccados não passam, p. 24. & ulterius. Exceptos os que peccão com ignorancia invêcivel, os demais peccão no peccado, & na ignorancia, com q̄ o não conhecem, p. 33. Todos os peccados dos subditos se escrevem no livro das culpas dos superiores, p. 37. Cã fica tudo aquillo, porque peccamos, & o que só levamos com nosco, he o peccado, p. 53. Quanto mais seguro he ir ao juizo de Deos cõ peccados, que a dos homens cõ milagres, p. 69. A quem conhece a graveza dos peccados, todo o castigo, que não he o eterno, lhe parece muito pouco, p. 105. Como havemos com David considerer peccados, & mudar epitotos, p. 128. & ulter. Os nossos peccados postos diante dos olhos convencem-nos a nês cõ nosco, p. 132. Mais se devem temer os peccados, q̄ o juizo dos homens, p. 137. Se queremos remissão dos peccados, havemos tomar a penitencia, como bau-

Tom. 7.

tismo, p. 149. O sangue de Christo, ainda q̄ foi derramado por sua Mãe santissima, não se derramou em remissão de peccados, p. 163. 164. Assim como Christo se adiantou à redempção de sua Mãe; assim a mesma redempção se anticipou ao peccado, p. 176. O impeccavel não se pôde fazer peccador de culpa, mas pôde-se fazer peccador de penas, pag. 552. A penitencia honra aos peccadores: os innocentes honraõ a penitencia, p. 555.

**Pégada.** Porque considere Deos nam os nossos passés, senão as nossas pégadas, p. 25. 26.

**Pensamentos.** Quanto ao contrario das obras julgaõ os homens os Pensamentos, p. 71. & ulterius. Não ha pena tão excessiva, como hum Pensamento frustrado, p. 518. usq. ad 520. Provasse o mesmo, p. 527. 528.

**Penitencia.** No tribunal da Penitencia se julgaõ o juizo de sy mesmo, o juizo dos homens, & o juizo de Deos: & como, p. 121. & deinceps. Por douts modos faz a Penitencia, que os homens cheguem a se ver interiormẽte, como convem, p. 125. Com abrir, ou fechar hum sentido faz a Penitencia desprezar o juizo dos homens, p. 134. Que faz, & deve fazer o verdadeiro penitente, p. 136. & ulterius. As injurias são a musica dos penitentes, p. 138. 139. Grãdes excellencias do juizo da Penitencia sobre o juizo de Deos, p. 147. 148. Não ha sacrificio mais fermoso aos olhos de Deos, que húa innocencia illustre em habito de Penitencia, p. 554.

Tt

Per-

**Perfeição.** A perfeição não confite nos verbos, senão nos adverbios, p. 3.

**Perda.** Quam pouco se fintaão as perdas da graça, p. 397. Como se devem pesar em balança as perdas da eleição da graça, p. 398.

**Pezo.** As profecias não se haõ de julgar pelo numero, senão pelo pezo, pag. 112. Quam pouco pezaõ os homens o morgado da graça, p. 399.

**Polvora.** Quem foi o primeiro inventor da Polvora, p. 492. Mas se bem se lerem, & entenderem as Escrituras, acharemos, q̄ quatro mil annos antes a tinha já inventado Deos, pag 504. 505.

**Predestinação.** Nas acçoens se haõ de segurar as Predestinaçoens, p. 119.

**Prelados.** De que tomarã Deos conta no dia do Juizo a hum Prelado, pag. 39. usq. ad 41.

**Premio.** Amar a graça por amor da gloria, he querer gozar o premio: amar a gloria por amor da graça, he querer segurar o amor, p. 426.

**Presumpção.** Todo o talento he arriscado ao perder, ou a não dar boa conta d'elle a presumpção humana, p. 45. usq. ad 47.

**Principe.** Pela primeira falsidade, em q̄ o Vassallo for achado, hade logo cair para sempre da graça do Principe, p. 412. Não ha cousã que mais creça, que os lados dos Principes, pag. 415. usq. ad 417. O maior abuso, & risco, que tem a graça dos Principes, he andarem o pão, & a graça jutos, p. 423.

**Principio.** No dia do Juizo se verá o principio do mundo junto cõ o fim,

& o fim junto com o principio, p. 2. Qual foi a primeira scena no principio do mundo, p. 4. Quãdo começou, & teve principio a idolatria, p. 7. Quando principiarão as guerras, Ibid. Julgar os fins pelos principios, he juizo incerto, p. 75. Quem começar bem, & acabar bem, ha de começar pelo fim, & acabar pelo principio, p. 327.

**Privilegio.** He Privilegio concedido no Ceo aos Virgens, que elles só sigão ao Cordeiro, que he Christo, a todas as partes por onde, & para onde for, p. 305. Este mesmo Privilegio teve S. Gonçalo na terra, & por modo mais superior, Ibid.

**Profetas.** Quantos Profetas ouve no Povo Hebreõ, p. 12. E como todos passãrão, Ibid. Como se prezão algus de Profetas, p. 108. Por onde se haõ de conhecer os verdadeiros Profetas, p. 109. usq. ad 115.

**Quedã.** **Q** Lugar mais alto he o que mais dispoem para se cair d'elle, p. 210. Não ha altura neste mundo, que não seja precipicio, p. 211. Todos os lugares altos, ou sejaõ do Ceo, ou da terra, ou na Igreja, ou fóra della, são os mais perigosos, & os mais aparelhados para a caída, p. 212. Dos lugares altos, ainda que né todos cairião, podião cair; & isso basta, para não serem seguros, p. 213. 214. Ainda que no ultimo lugar tambem pôde haver cahidas, isso se entende dos q̄ nelle estiverem em pé, mas não deitados, p. 215.

*Questão.* Puzerão alguns Theologos em Questão, qual dos criados da Parábola dos talentos se mostrara mais industrioso, p. 46. 47. Disputa-se a Questão, de quem he, & o que diz de sy cada hum de nós, p. 88. & deinceps. He Questão dos Expositores, se está ainda o Cherubim no Paraíso guardando o que elle guardava, p. 259. & 260. Questão grave entre os Theologos: em que consiste no homem o ser imagem de Deos, p. 332. Outra Questão dos Theologos, se Adão pela desobediencia perdeu o ser, que tinha, de imagem de Deos, p. 352.

*Quietação.* O ultimo lugar he o melhor, por ser o mais quieto, p. 216. & ulterius. O homem, que soube não querer outro lugar, senão o ultimo, he o que logra a verdadeira Quietação, p. 217. 218. Ainda que não haja inveja, nem competencia dos lugares altos, elles mesmos se inquietão, & a quem está nelles, p. 219. & 220.

**R**

*Rayos.* Mais he necessário para segurar no ar hū Rayo natural, que na terra hum artificial, p. 494. Quanto maior estrago fazem estes, Ibid. Muitos ouve, que quizerão imitar os Rayos, que a Gentilidade chamava de Iupiter, p. 495. A que se reduz todo o aparato, & fabrica estrotofosa de hū Rayo no ar, Ibid.

*Redempção.* Affim no Horto, como no Calvario obrou Christo a Redempção de sua Mãy: mas no Calvario,

como universalmente remida: & no Horto, como singularmente preferida, p. 169. Anticipouse o sangue do Horto ao da Cruz, porque foi conveniente ao Mysterio da Conceição da Virgem, que o prego da Redempção da Senhora fosse também anticipado, p. 178. 179.

*Regimento.* Se os Governadores não tirarem os olhos dos Regimentos de seus Reys, teráõ sempre presentes as suas imagens, & figuras, p. 350. usque ad 354.

*Reys.* Os Reys, que tinhão sido os idolatras, ou em vida, ou depois da morte, vinhão também a ser Idolos, p. 7. E como passaraõ todos, Ibid. De que tomarã Deos conta a hum Rey no dia do Juizo, pag. 37. 38. A distancia entre os Reys, & seus vassallos impossibilita a boa representação de suas imagens, p. 337. Quando os Reys vão do seu Reyno às Conquistas, & das Conquistas tornão ao Reyno, aquelles longes tem depois os seus pertos, p. 339. Quando, & como as sombras deitas imagens dos Reys excedem a medida de que são imagens, p. 341. 342. Os Reys no que escrevem, & ordenão, se retratão a sy mesmos, pag. 351. Que conceito fez El Rey Salamaõ dos bens deste mundo, p. 437. usq. ad 439.

*Reynos.* Passão os Reynos de húa parte para a outra, p. 18. E quantas vezes tem passado o de Portugal, Ibid. Não se podem julgar com acerto os fins dos Reynos pelos principios, p. 76. Qual he o Reyno do Ceo, que Christo chama semelhante ao the-

ouro escondido, pag. 472.

*Religião.* Os Martyres pagão a Christo na Cruz, os Religiosos pagão a Christo na Religião, p. 561. Que calidades tem a cella de hum Religioso, para se comparar com a sepultura de Christo, p. 562.

*Remedio.* Que remedio nos. poderá livrar da tirannia do juizo dos homens, p. 84. usq. ad 86. E como se entende este remedio, Ibid. Pelo remedio dos homens, parece, que muda Deos de condição, p. 140.

*Rendas.* O coração do Principe ha-se de estimar pelo rendimento, & não pelas rendas: ha-se de estimar nelle o rendido, & não o rendoso, p. 425.

*Republica.* Onde nasceo, & como tem passallo a Republica Hebréa, pagin. 11. 12.

*Revogação.* No tribunal da Penitencia o juizo de Deos revogase, p. 142. & deinceps.

*Rezão.* Duas são as rezoens, porque tudo neste mundo passa, p. 14. & deinceps. O juizo de Deos começa desde o uso da rezão por diante: & o dos homens muito antes do uso da rezão julga, & condena, p. 82. Nas materias espirituas o que costuma fazer o tempo, melhor he, que o faça a razão, p. 539.

*Risco.* São mais arriscados os talentos, que na eminencia se estremão sobre todos, p. 47. O maior abuso, & o maior risco, que tem a graça dos Principes, he andarem o pão, & a graça juntos, p. 423.

*Ruina.* O ultimo lugar he o mais seguro: nos outros a sua mesma altu-

ra he o pronostico certo de sua ruina, p. 209. usq. ad 215.

**S**  
*Sabedoria.* A Magestade do poder qualquer a pôde representar facilmente: porêm as açoens da Sabedoria, são mui poucos os que se são capazes de as exercitar, p. 335. Quanto se preza a Sabedoria de Deos dos thesouros escondidos, que fez, & tem neste mundo, p. 472.

*Sacramento.* Pela Encarnação, Deos, q̄ era immenso, ficou limitado a hum só lugar: & pelo Sacramento, Christo, que era limitado, ficou immenso, & está em todos os lugares, p. 234. A mesma differença dos Atributos divinos se vê em Christo pela Encarnação, & pelo Sacramento, Ibid. Christo, em quanto sacramentado, he o Cordeiro de Deos, que tira os peccados do mundo, p. 235. usq. ad 238. A perturbação, que causou nos Apostolos a doutrina de Christo, quando lhe profetizou a comida de seu corpo no Sacramento, p. 240. E como Christo satisfez às suas difficuldades, p. 241. O corpo de Christo, assim como está no Sacramento transformado em sy, assim está tambem transformado para nós, p. 244. A immensidade divina, de que Deos se despio pela Encarnação, se revestio outra vez pelo Sacramento, pag. 245. usq. ad 251. O terceiro vasio da divindade na Encarnação, que he a Eternidade, he o terceiro Atributo, q̄ Christo encheo pelo Sacramento,

p.251.usq.ad 268.E esta mesma prerogativa de eterno nos comunica Christo no Sacramento, p.259.260. Como se nos comunicação no Sacramento os efeitos de immortal, & impassivel, p.264.usq.ad 264. O vazio da infinidade do Verbo na Encarnação suprio tambem o corpo de Christo no Sacramento, p. 267.usq. ad 270.E como se nos comunica pelo Sacramento este efeito de infinito, p.270.usq ad 272.Se o Verbo vestindose de corpo humano, de invisivel se fez visivel; o mesmo corpo depois se fez invisivel no Sacramento, p.273.E esta mesma invisibilidade nos comunica Christo sacramentado, Ibid.usq.ad 275. Porque nam quiz Christo, que no Sacramento ficasse a substancia de pão, p. 423.Sò no Sacramento ha exemplo de comunicação total, & toda em todos, & total, & toda em cada hum, p 459. O Sacramento da Eucharistia he o mysterio, em que Deos se desposa cõ nossas almas, p.535. Porque diz Zacharias, que o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento he melhor que todos, p.551.

*Salvação.* Como os meyo entre sy contrarios nos podem levar igualmête à salvação, p.43. 44. Os que deixão a penitencia para a hora da morte, raramente se salvão, p. 152. A todos salvou Christo: mas a sua santissima Mãy propriamente, como defensor, pag. 187.

*Sangue.* Pelo sangue de Christo ficou a Virgem Maria sua Mãy livre do cativoiro do peccado, p. 162.usq.

ad 165. Não foi o primeiro sangue da Cruz, senão o do Horto, o q Christo derramou por sua Mãy, p. 166.& ulterius. O efeito geral do sangue da Cruz foi remir; & o particular do sangue do Horto, remir preservando, p.170.usq. ad 172. He virtude do sangue de Christo poderse dar, antes de se receber, p.177. O sangue, q Christo suou no Horto, foi o mesmo, que na Encarnação tinha recebido de sua santissima Mãy, p. 181.usq. ad 184. O sangue de Christo té virtude para nos preservar dos peccados futuros, p.189. Porq chamou Christo testamento ao seu sangue, & não ao seu corpo, p.409. Quando as obrigaçoens do sangue se deixão por amor de Deos, não he fazer offensa, he fazer lisonja ao Sacramento, p.565.usq. ad 567.

*Santidade.* O que deve fer o homem, que logo começa, & ha de ser grande Santo, p.287. Tambem na santidade ha fortuna, p.404.

*Segurança.* O ultimo lugar he o mais seguro: os outros, quanto mais altos, tanto menos segurança tem, p.209. & deinceps. Dos lugares altos, ainda que nem todos cahirão, podiaõ cahir; & isto basta, para não serem a verdadeira segurança, p.213.214.

*Segredo.* Nenhum segredo he segredo perfeito, senão o que passa a ser ignorancia, p.420. Não dizer hum homem o segredo, que sabe, he guardar segredo, às coufas; mas não dizer, que sabe o segredo, he guardar segredo ao segredo: & isto he muito maior segredo, p.422.

*Sen:enças.* Quaes são as sentenças, onde a vontade he juiz, p. 62. 63.

*Sepultura.* Que calidades tem humacella de Religioso, para se cõparar com a sepultura de Christo, p. 561.

*Sinal.* No juizo de Deos os finais dizẽ com o juizo: & no juizo dos homens o juizo não diz com os finais, p. 82. Muitas cousas se vem hoje daquellas, que os Profetas antiguamente deraõ por finais dos tempos do Messias, p. 94. 95. O coração he o verdadeiro final da profecia, p. 111.

*Sombra.* Antes de haver no mundo a Arte da Pintura, retratavãose os homens pela sua sombra, p. 340.

*Subida.* Porque he mais facil o subir, que o decer, por isso os ultimos lugares são mais faceis de conseguint, p. 203. & ulterius.

*Successos.* Os successos são final de conhecer os Profetas, p. 114.

*Superiores.* Maior sozeição he a dos Superiores, que a dos subditos, p. 37.

## T

*Talentos.* Como no dia do juizo ha de pedir Deos cõta dos Talentos, que deo nesta vida a cada hum: & quaes são estes Talentos, p. 41. usq. ad 47. Quanto valiam os Talentos Hebraicos, p. 48.

*Tempo.* O tempo, & o nada são as duas causas, porque tudo neste mundo passa, p. 14. & deinceps. Como se decreve o tempo, Ibid. Muitas cousas se vem hoje das que antiguamente deraõ os Profetas por finais dos tempos do Messias, p. 95. Nas materias

temporaes, o que costuma fazer o tempo, bem he que o faça o tempo: mas nas materias espirituaes, o que costuma fazer o tempo, melhor he qõ faça a razaõ, p. 539.

*Terra.* Ainda que a terra toda não passa, passãõ, & sempre estão passando todas as partes della, p. 17. usq. ad 20. Todos os lugares da terra mais são alheos, que nossos, p. 199. usq. ad 201. Se a terra tivera olhos, vendo tudo o que se move entre ella, & o Ceo, se havia de contentar muito de ser ella o ultimo, & mais baixo lugar do mundo, p. 217. Outro grande documento desta verdade nos dá a terra nas arvores, p. 220. 221. Não ha terra mais difficultosa de governar, qõ a Patria, p. 329. Que pouco caso se deve fazer dos bens da terra, p. 457.

*Testamento.* Porque se não deixam os amigos em testamento, p. 408.

*Testemunha.* Os homens quando testemunhaõ de sy mesmos, hũa cousa he o que são, & outra cousa he o qõ dizem, p. 89. A arte he testemunha para prova dos bens do Ceo, puros, & sem mistura de mal, p. 446.

*Thesouro.* Hũa das cousas admiraveis, que fez Deos neste mundo, & de que muito se preza sua sabedoria, são os thesouros escondidos, p. 473. Qual he o mais nobre, & o mais escondido thesouro do Vniverso, p. 474.

*Tribunal.* O juizo de sy mesmo entra no tribunal da Penitência cõ os olhos tapados, p. 114. O juizo dos homens entra no mesmo tribunal cõ os ouvidos fechados, p. 134. O juizo de Deos tambem se julga neste tribunal

nal revogandose, com voltarem os homens o coração, p. 144.

*Trindade.* Porque razão o dar se attribue à terceira Pessoa da Santissima Trindade, & o julgar á segunda, p. 61. Entre todas as creaturas irracionais, nenhũa traz em sy mais impresso o caracter da fantissima Trindade, que o rayo, p. 485.

*Tristeza.* Não ha alegria neste mundo tão privilegiada, que não pague pensão á tristeza, p. 443.

*Triunfo.* A maior ostentação da grandeza deste mundo, foi a pompa dos Triunfos Romanos, p. 20. 21.

*Trovoens.* Rayos, & trovoens são as mais temerosas, & formidaveis armas de Deos, p. 488.

## V

*Vaidade.* **A** Ndamos tão desvanecidos de nós mesmos, porque trazemos os olhos por fóra, & a nós por dentro, p. 127. Quando para conseguir os intentos da vaidade não baltão todos os homens; para os da caridade basta hum só homem, p. 313. Porque Deos he misericordioso, & verdadeiro, por isso nos ha de dar a graça, & mais a gloria, p. 369. 370.

*Valle.* Que valle de lagrimas he aquelle, onde só o homê affluido da graça de Deos poem o seu lugar, p. 222.

*Valido.* Devação a Valido, ainda que Santo, he ecrupulosa devação, pag. 406. Os Validos haõ de ser Evangelistas, p. 411. Os Validos, haõ de fi-

car como dantes eraõ, p. 415.

*Vasio.* Tudo Deos criou vasio: mas logo encheo tudo, p. 276. Depois que Deos pelo beneficio da Encarnação se fez irmão nosso, nos despachará cheos de tudo o que a nossa necessidade lhê representar vasio, p. 277. Como estará a graça sempre cheia, & nunca vasia, p. 279.

*Velhice.* Não consiste a velhice na cor dos cabellos, senão na pureza da vida, p. 292. A velhice he idade, para ter trabalhado, & não para trabalhar: para ter feito, & não para fazer, p. 309. O muito que S. Gonçalo trabalhou, ainda depois de velho, Ibid. Húa velhice enganada, he a maior sem-razão do tempo: humia mocidade defenganada, he a maior vitoria da razão, p. 541.

*Venda.* Todas as vezes que hum homem pecca, vendese pelo seu peccado, p. 132.

*Verdade.* Deos julga com verdade clara: & os homens fingidamente, pag. 83. Se a nossa penitencia for verdadeira, haviamos fazer pouco caso das opinioens do mundo, p. 134. Que faz, & deve fazer o verdadeiro penitente, p. 136. & ulterius. Quem nam falla verdade, não ama, p. 413.

*Vicios.* A Providencia divina faz, que os nossos proprios vicios sejaõ testemunhas de nossa Fé, p. 57. Quanto tem os males viciado, & corrompido os bens deste mundo, p. 442.

*Vida.* Tudo passa para a vida, & nada passa para a conta, p. 2. & deinceps. Todos imos embarcados na nao desta vida: & como navegamos nella,

68-3461  
R. B. Rosenthal  
3.25-68

pag. 21. A vida passa, & os peccados não passão, p. 24. & ulterius. Tudo o que passou para a vida, he o nada, q̄ não passou para a conta, p. 27. Se fostes leproso algum dia, ainda q̄ Deos faça milagres em vòs, leproso haveis de ser toda a vida, pag. 77. Deos não nos julga mais, que as duas partes da vida: & os homens até a terceira, q̄ he a do sono, julgaõ, p. 82. Os lugares desta vida mais são alheos, que proprios, p. 201. Hũa vida encerrada entre quatro paredes, nenhum nome lhe vem mais proprio, que o de morta, & sepultada, p. 275. Dividise a vida dos homens em quatro partes, com nome de quatro vigias, p. 283. Como andão travados nesta vida os gostos cõ os desgostos, p. 441. & ulterius. Quam mal reputada he a vida dos Palacios, p. 536. A melhor parte dos bens desta vida, he o esperar por elles, pag. 548.

*Vigia.* Dividise a vida do homem em quatro partes, com o nome de quatro vigias, p. 183. S. Gonçalo não fõ foi Santo destas quatro vigias, senão da quinta, p. 285. & deinceps.

*Vingança.* Assim como Deos feito homem quiz morrer na Cruz, para se vingar do Demonio; assim traçou, q̄ nõs o comessemos no Sacramento, para continuar, & consumir a mesma vingança, p. 264.

*Vista.* A differença da honra, com que Deos communica no Ceo aos Bem-aventurados a sua vista, & na terra

aos que o amão a sua graça, mostra quanto a graça deve ser preferida à gloria, p. 381. E a razão desta vantagem he; porque a gloria, que havemos de gozar no Ceo pela vista, cá a possuímos na terra pela graça, pag. 382.

*Vocaçao.* A maior divida, de que havemos dar conta a Deos no dia do Juizo, he a da vocação, p. 51. Em muitos casos não basta a inclinação, & deliberação propria; mas he necessaria especial vocação divina, p. 301.

*Vontade.* O juizo dos homens he mais rigoroto, que o de Deos: porq̄ Deos julga com o entendimento, & os homens julgão com a vontade, pag. 60. uf. ad 64. A nossa vontade he feita pela medida do Ceo: & porq̄, p. 447. Nõs mesmos por nossa vontade bastamos para nos despojar-mos dos nossos bens, p. 450.

# Z

*Zelo.* Como se enganão os que se prezaõ de muito zelos, p. 102. Quanto vai de zelo a zelo, pag. 103. Ha huns, a quem o zelo come: & ha outros, que comem do zelo; p. 104. Qual ha de ser a igualdade do zelo, p. 105. E qual he a condicam do verdadeiro zelo, p. 106. Quantas maldades se cometerem debaixo da capa do zelo, p. 106. uf. ad 108.

# FINIS.







CA 679

V657s

5

